CARLOS BERNARDO GONZÁLEZ PECOTCHE • RAUMSOL

O SENHOR DE SÁNDARA

ándara

Esta obra tem por finalidade iniciar o leitor nos conhecimentos mais destacados do mundo temperamental e psicológico em que a criatura humana se debate, bem como guiá-la pelos caminhos luminosos da criação consciente, onde ela encontra a felicidade. Está também no propósito desta obra romper o tom repetitivo da linguagem que caracteriza o pensamento contemporâneo, no que tange às cruezas realistas que tanto fizeram baixar o nível moral da sociedade.

O SENHOR DE SÁNDARA é um romance de gênero novo, psicodinâmico, que, enquanto exalta o belo e o fecundo do pensar e sentir do homem e da mulher, afasta tudo o que os perverte e desnaturaliza.

É um chamado de atenção em face dos excessos de obscenidade de que os romancistas modernos tanto se jactam, ao porem em relevo os mais denegridores casos das paixões humanas.

Pelo conteúdo que anima suas páginas, **O SENHOR DE SÁNDARA** é um romance edificante, que abre ao leitor um novo campo de possibilidades. Reconforta e instrui espiritualmente, porque de cada episódio, de cada movimento de sua trama emerge um ensinamento instrutivo, um conhecimento de transcendência para a vida, ou um acerto digno de ser tido em conta na conduta própria.

Tudo neste romance se move em obediência a um pensamento central, cujo objetivo é descobrir, para o entendimento que o lê atentamente, arcanos ignorados da natureza humana em seu fundo duplo, o físico e o espiritual. O leitor poderá apreciar nele a diferença exata entre dois mundos, que são também duas formas de viver e duas culturas. Seus personagens, concebidos com naturalidade, permitem ao leitor captar nitidamente o processo de reversão que um casal humano segue, até culminar no reencontro consciente com seus próprios espíritos.

Romance psicodinâmico que, ao mesmo tempo que deleita, instrui sobre os segredos mais profundos dos comportamentos humanos em relação direta com os mais variados estados de consciência.

Descreve em suas exatas dimensões diversos momentos especiais da vida e projeta, sobre o futuro do homem, a visão de um destino digno de uma avançada civilização.

9 788570 971432

O SENHOR DE SÁNDARA

CARLOS BERNARDO GONZÁLEZ PECOTCHE • RAUMSOL

O SENHOR DE SÁNDARA

ROMANCE PSICODINÂMICO

9ª Edição
Editora Logosófica
São Paulo
2019

TÍTULO DO ORIGINAL
El Señor de Sándara
Carlos Bernardo González Pecotche (Raumsol)

TRADUÇÃO
Colaboradores voluntários da
Fundação Logosófica em Prol da Superação Humana

PROJETO E PRODUÇÃO GRÁFICA
Marcia Signorini

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CATALOGAÇÃO NA FONTE)

González Pecotche, Carlos Bernardo, 1901 – 1963.
O Senhor de Sándara: romance psicodinâmico / Carlos Bernardo González Pecotche (Raumsol); [tradução: Colaboradores voluntários da Fundação Logosófica em Prol da Superação Humana] – 9. ed. - São Paulo: Logosófica, 2019.

Título original: El Señor de Sándara: novela psicodinámica
"Edição comemorativa do 60º aniversário da 1ª edição"

ISBN 978-85-7097-143-2

1. Logosofia 2. Romance argentino I. Título

CDD-ar863.080384

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Romances: Pensamento logosófico:
Literatura argentina ar863.080384

Copyright da Editora Logosófica
www.editoralogosofica.com.br
www.logosofia.org.br
Fone/fax: (11) 5584-6648
Rua General Chagas Santos, 590-A – Saúde
CEP 04146-051 – São Paulo – SP – Brasil,
da Fundação Logosófica em Prol da Superação Humana

Sede central:
Rua Piauí, 762 – Santa Efigênia
CEP 30150-320 – Belo Horizonte – MG – Brasil
Vide representantes regionais na última página

EDITORA AFILIADA

Prefácio

PREFÁCIO

Algumas palavras à guisa de prefácio facilitarão a leitura reflexiva deste romance e permitirão que se perceba, além do extraordinário e preponderante papel que os pensamentos desempenham nos diversos acontecimentos da vida, as excelências do sentir humano, que, ao plasmar-se em vivências reais, neutraliza as reações injustas ou inoportunas da personalidade.

É este um romance psicodinâmico. Assim o denominamos porque obedece a uma concepção que move, com vigor inabitual, os pensamentos e fatos que configuram a conduta humana em múltiplos aspectos. Sua ação é tenaz e consequente na ideia de forjar a imagem daquilo que o homem pode ser e fazer, iluminado pelo conhecimento.

Desde o princípio até o fim, corre firme em suas páginas o propósito de levar o leitor, por meio das inumeráveis e variadas transições que os personagens experimentam em suas mudanças mentais e psicológicas, à segurança de que O SENHOR DE SÁNDARA poderá constituir-se em seu mais fiel conselheiro. Consulte-o a todo o momento, e ele lhe responderá após cada leitura com ensinamentos novos, pois a força de sua expressão vai além de suas palavras.

Seja este romance propício aos que anseiam alcançar um despertar lúcido e consciente neste mundo tão obscurecido pela falácia humana.

O Senhor a

O SENHOR DE SÁNDARA

Uma vez mais despontava o verão na paleozoica serrania de Tandil.

Dom Túlio Larrecochea possuía ali um moderníssimo estabelecimento rural, que oferecia na boa estação um aspecto encantador. Convertido em habitual ponto de descanso, reuniam-se nele numerosos grupos de pessoas vinculadas a seus proprietários por laços de parentesco ou de amizade. Só excepcionalmente, um ou outro se privava de tão alegres e reparadoras férias.

O imponente casarão de estilo basco, erguido sobre formoso parque, abrigava com folga os visitantes, ansiosos por sadio divertimento.

Dona Fermina, esposa de Túlio, entregara-se quase que por completo à vida social. Afeita à ostentação de sua fortuna, seus cinquenta e cinco anos ainda não tinham conseguido moderar os brios da passada juventude. De figura atarracada e busto cheio, seu porte arrogante e a modalidade resoluta deixavam entrever um caráter enérgico e autoritário. Dominava com aprumo a ciência doméstica, bastando um olhar para que a criadagem a entendesse. Nesse sentido, sua técnica era de uma eficácia tal que os criados, extremando-se em suas obrigações, cumpriam maravilhosamente suas tarefas e cumulavam os hóspedes de atenções.

Dos três filhos daquele casamento, Nora, a caçula, preenchia o coração ambicioso da mãe, pode-se assim dizer, pois

Florêncio e Cecília, já casados, pertenciam de fato a outra época. Esbelta, de olhos glaucos e nariz graciosamente arrebitado, índice de orgulho, a menina tinha a adornar-lhe a figura, já quase adolescente, uma vasta cabeleira de acentuado tom açafrão. Caprichosa e consentida, qualquer psicólogo de mediana experiência poderia predizer, sem hesitar, a tenaz influência que esse binômio, tão fortemente ligado a seu temperamento, haveria de exercer na sua vida.

As predileções dos hóspedes dividiam-se entre a equitação e o tênis. Havia, porém, os que preferiam o *footing* ou formavam grupos para comentar à parte, em amável conversação, as alternativas de algum processo político ou as perspectivas de negócios importantes, sem faltar, certamente, os mexericos sociais ou as alusões pícaras e atrevidas a algum caso amoroso recente.

Satisfeito o afã do passeio ou abandonada a raquete, todos, pequenos e grandes, compareciam invariavelmente à piscina, onde cumpriam suas horas de natação com magnífica exibição de habilidades por parte de alguns que saltavam do trampolim em divertidas piruetas. No restante do dia, partidas de *bridge* e pôquer entretinham particularmente os mais avançados nos anos, enquanto os jovens optavam pela música e pela dança, transportando para tão privilegiado ambiente campestre as elegâncias e o refinamento da vida urbana.

Um enxame de gente miúda passava boa parte do dia correndo como esquilos, bisbilhotando tudo, brincando ou planejando excursões que no mesmo instante realizavam, ora em conjunto, ora em pequenos grupos que se deslocavam em diferentes direções para depois se encontrarem em determinado lugar. Os garotos costumavam caçar pássaros ou furtar ovos dos ninhos, que colecionavam "para uso escolar", segundo diziam ao justificarem a diabrura.

Era familiar no ambiente a figura de Dom Roque Arribillaga, primo irmão de Fermina. Homem de trato amável e escrupulosamente honesto, era tido ali em alta estima. Dono de uma fazenda em Balcarce, possuía também uma empresa importadora de máquinas agrícolas na Capital Federal. A intensa atividade que cumpria nos negócios tinha abalado visivelmente sua saúde, já quebrantada pelos achaques de uma velha lesão cardíaca.

Estava viúvo havia pouco mais de cinco anos, e de seu casamento lhe ficara um filho, Cláudio, nessa época com doze anos.

Cláudio era particularmente simpático. Emagrecido pelo acelerado crescimento, sua comprida silhueta sobressaía entre os demais meninos. Animavam-lhe o rosto, ainda infantil, dois grandes olhos escuros e expressivos, de extraordinário brilho. Uma mecha de cabelos finos, brilhantes e negros, obstinadamente caída para a frente, dava boa conta de suas expansões ao ar livre. Tinha o rosto ligeiramente alongado, a tez morena e suave, e um sorriso afável propenso a assomar-lhe aos lábios. Sem a inquietação e a audácia de outros rapazotes de sua idade, Cláudio apesar disso era andador e ativo, desfrutando com avidez a vida ao ar livre, o que o levava a tirar um proveito verdadeiro de suas férias.

Acostumado de certo modo a uma vida retraída, já que normalmente não contava com outra companhia que a de seu pai e de Patrício, o mordomo de sua casa, Cláudio não trocava por nada deste mundo os veraneios na fazenda de sua tia Fermina, a quem ele chamava assim não propriamente por causa de um vínculo de sangue, mas por disposição espontânea de seu pai e da própria Fermina, os quais, criados desde a infância sem maior discriminação de parentesco, haviam

crescido mantendo sempre um tratamento de irmãos. O fato de sentir-se ali como em sua casa aumentava a predileção pelo lugar, que à distância ganhava, em sua imaginação de criança, as formas de um paraíso maravilhosamente alegre e animado. Por isso, ele jamais titubeava quando tinha de eleger o lugar para suas férias de verão.

Era habitual que ele partilhasse com Nora, a quem por iguais razões costumava chamar de "prima", brincadeiras e passeios, nos quais geralmente entravam outras crianças da fazenda. Mais por temperamento do que pelo mero fato de levar alguma vantagem em idade, ela exercia sobre Cláudio um acentuado domínio. Tirando proveito, sem dúvida, da predisposição de seu primo para a amabilidade e a condescendência, punha em prática a sua, autoritária e despótica.

Corriam cálidos e aprazíveis os dias daquele veraneio na estância de Dom Túlio, oferecendo sadios prazeres e distrações a todos.

Certa manhã, o sol despontou lançando chispas. Irritado talvez por sua interminável vigília, tirou da cama a todos como por arte de magia, não lhes restando outra saída senão suportar seu mau humor desde cedo.

Cláudio e Nora, sentindo talvez como ninguém o anúncio daquela jornada de calor, encontraram-se no amplo refeitório, ainda silencioso, e festejaram o inesperado madrugar com um farto desjejum. Depois, descontraídos e alegres, decidiram sair a caminhar, tomando com esse propósito a direção do riacho. Como sempre, acompanhava-os Sultão, belo cão pastor de ovelhas, incansável seguidor das crianças em suas buliçosas aventuras.

Com andar inquieto, chegaram a um bosque de paraísos e acácias, que se estendia por trás dos grandes galpões des-

tinados às máquinas agrícolas. Dali, o denso arvoredo descia rápido, continuando em brusco declive até um riacho, cujas águas rolavam frescas e alegres à sua sombra.

As crianças desceram a encosta aos saltos, detendo-se à beira da água, onde começaram a juntar pedrinhas coloridas. Mas não durou muito aquela concórdia, pois Nora, logo se aborrecendo, fez voarem as que amontoara em sua saia e se dispôs a incomodar Cláudio com sua ostentosa falação. A cavalo sobre uma pedra, e ao mesmo tempo dando repetidos golpezinhos na água com um ramo, falou-lhe pela centésima vez da viagem à Europa que logo, logo, faria com seus pais. Já era uma senhorita, segundo dizia, e tinha chegado a sua vez de realizar a turnê que sua irmã Cecília havia feito um dia.

Criada entre maiores e com excessiva tolerância, Nora mostrava certo ar de suficiência que apoucava a postura de seu primo, ainda singela e ingênua. O consentimento desmedido havia propiciado nela, sem dúvida, a tendência a se impor.

Absorto na coleção de seixos, Cláudio a escutava sem maior atenção. Subitamente, ele se deteve e, com inusitado acento varonil, disse à sua prima:

— Escute, Nora... Sabe de uma coisa? Quando eu for grande, percorrerei os mundos.

Surpresa e sufocada pelo riso, Nora replicou:

— Você disse os mundos? Que mundos?

— Está rindo de quê? Boba! Não sabe que existe um Velho Mundo... e um Novo Mundo... e um mundo microscópico... e o mundo...

— E o outro mundo! — arrematou a menina, cortando-lhe a palavra; e, comemorando sua própria tirada com uma sonora gargalhada, advertiu: — Vá com cuidado, porque também pode acontecer de você viajar para lá e não voltar mais.

Ofendido pelo tom debochado da prima, Cláudio atirou na água seu punhado de seixos e levantou-se, dando-lhe as costas. Não queria continuar a discussão com ela.

Em seguida, buscando novo passatempo, começou a saltar sobre as pedras que jaziam semiafundadas no leito do riacho, passando de uma para outra até alcançar a margem oposta, com risco de um escorregão, por causa das algas que a elas sempre se aderem. Dali, voltou a repetir a façanha em sentido inverso. A brincadeira fez que ele esquecesse rapidamente o aborrecimento, e propôs à prima competir com ele. Quando se cansaram, decidiram tirar os sapatos e deleitar-se, afundando as panturrilhas nas águas claras e saltitantes do riacho.

Enquanto desfrutavam tudo aquilo, entregues a tão alegres improvisações, Cláudio perguntou a Nora com interesse:

— O que aconteceu com a vaca mocha? Não a vi na fazenda este ano.

— Está na chácara de Dom Pedro — respondeu ela, e em seguida acrescentou, veloz como a ideia que lhe acabava de ocorrer: — Não quer ir vê-la?

— Iurruuu!... — Cláudio exclamou, imitando o grito indígena. — Vamos!

E, sem pensar duas vezes, saíram às pressas.

Dom Pedro, o velho e muito estimado Dom Pedro Laguna, havia sido até um ano atrás capataz da fazenda de Túlio Larrecochea. Pesando-lhe já a responsabilidade desse trabalho, decidiu deixá-lo, ocupando desde então uma casa de sua propriedade, que fazia limite com aquela. Morava ali em companhia de seu filho Bartolomé, médico estudioso, que recentemente se radicara na região com sua família, devido à saúde transitoriamente delicada de sua filhinha.

Dom Pedro era homem de larga experiência no campo, instruído e perspicaz. Forte como um carvalho, bondoso e es-

crupulosamente honrado, soubera granjear a consideração e o respeito dos que tinham convivido com ele. A afeição pela vida do campo o havia levado a escolher aquele trabalho, e disso nunca pareceu arrepender-se.

Nessa mesma manhã, quando as duas crianças chegaram à chácara do velho capataz, ele se achava ocupado em podar a ramagem excessiva de algumas plantas. Ao vê-los, abandonou com gosto sua tarefa e os convidou a entrar, aplicando um sermão carinhoso em Nora, por ter ela passado tanto tempo sem visitá-lo.

— Tem razão, Dom Pedro — a menina disse, tentando desculpar-se, — mas temos estado tão entretidos na fazenda, que me passou despercebido.

— Não, não!... — protestou ele com fingida energia. — O que acontece é que agora ninguém me considera.

— Por favor, Dom Pedro, não diga isso!... Sempre o estamos recordando. Papai até tem o propósito de convidá-lo, num dia desses, para uma churrascada.

— Não deixe de ir, Dom Pedro! — Cláudio rogou-lhe, com espontaneidade.

— E quando for — Nora adicionou, muito aduladora, — não esqueça o violão. O senhor sabe como papai gosta das suas melodias e de seus ritmos regionais.

— Oh!... Eu estou velho para isso, menina Norinha! Mas, se Dom Túlio me convidar, não vou ter mesmo outro remédio que não seja agradar a ele.

Sultão não parava, enquanto isso, de fazer festa para Dom Pedro, que com agrado devolvia ao fiel cão suas efusões. Durante os últimos anos passados na fazenda, Sultão havia sido seu cachorro favorito.

— Este aqui é que não me esquece! — disse satisfeito. — É visto frequentemente por aqui.

Com ruidoso alvoroço pela presença dos desconhecidos,

nesse momento se aproximava em direção a eles um batalhão de gansos, alinhados em fila indiana, que voltavam de seu passeio matinal. Ao compasso de seus característicos grasnidos, passaram muito cheios de si perto dos visitantes, gingando seus pesados corpos. Com as asas coladas à plumagem, pareciam arremedar esses rapazes que passam assobiando com as mãos nos bolsos.

Dando um salto brusco em direção a eles, Nora os espantou, divertindo-se com a correria estabanada dos bichos, que, agora com as asas abertas em atitude de levantar voo, começaram a descrever curiosos semicírculos sobre a extremidade de suas membranas, como se executassem um passo de valsa.

Atraída pelo riso das crianças e pela inusitada barulheira dos palmípedes, Griselda, a encantadora neta de Dom Pedro, surgiu da casa e, ao vê-los, aproximou-se quase que correndo.

Uma grande surpresa experimentou Nora, que não esperava achar-se ante aquela bonita criatura.

Griselda era formosa, indiscutivelmente. Embelezava-a ainda mais sua delicadeza, que, realçada por uma expressão limpa, cândida, fazia dela uma menina extremamente agradável.

Ainda não havia completado os dez anos. Os cabelos sedosos, quase louros e levemente ondulados, formavam-lhe uma dourada moldura em torno do rosto, roçando-lhe os ombros. Seus olhos castanho-claros, de longuíssimos cílios, e o expressivo desenho de seus lábios, revelavam uma modalidade afável e bondosa.

Se grande foi a surpresa de Nora, Cláudio sentiu-se, ao contrário, sob os efeitos de uma suave emoção, mescla de turbação e simpatia; daí que a princípio mal se atrevesse a olhá-la.

Um pequeno e comum incidente veio tirá-los daquele embaraço, quando Sultão entrou em luta com um gato, que, com o

rabo eriçado e rígido e o lombo arqueado, bufava e se defendia a unhadas, encarapitado num pessegueiro.

As risadas com que as crianças festejaram os saltos cada vez mais impetuosos do ovelheiro, que sem dúvida já sentia entre os dentes o atávico adversário, favoreceram a cordialidade, estimulada ainda mais por Dom Pedro, que os convidou a visitar o viveiro, onde os coelhos, aos quais dedicava especial estimação, eram criados dentro das mais estritas normas de alimentação e higiene.

Dom Pedro levou consigo uma cesta repleta de hortaliças, para que as crianças se deliciassem ao vê-los comer.

— Vocês vão ver que lindos são os filhotes das últimas ninhadas! — dizia, entusiasmando-os. — Este ano deram muitas crias.

— Eu gosto muito desses animaizinhos, Dom Pedro! — Cláudio exclamou. — Que boa ideia a de ir vê-los! Não tem coelhos na fazenda de meu tio nem na do meu pai.

Jogando o topete para trás, num gesto presumido, e com muito comedimento, ofereceu-se para levar a cesta.

A carga se mostrava um tanto pesada para ele. Não obstante, aguentou-a com brio até que Dom Pedro, calculando que o mocinho já havia feito o bastante em defesa de sua hombridade, voltou a carregá-la.

Na coelheira, as crianças admiravam os formosos exemplares guardados em gaiolas, a maior parte com crias, e os cômodos cercadinhos onde os filhotes de várias raças, tanto mais graciosos quanto mais novos, formigavam sem cessar ao redor dos frescos manjares que lhes eram atirados por turnos.

Griselda, vendo quanto agradavam a Cláudio, aproximou-se deles e, escolhendo dentre todos o melhor, ofereceu-o com inocente satisfação.

— Gosta deste? Tome!

Com alegria nos olhos, Cláudio fitou primeiro o filhote e depois a menina, estendendo em seguida as mãos para pegar aquele estremecido e rebelde montinho de pelos brancos e suaves.

— Que lindo!... Como é lindo!... — ele repetia, acariciando-o.

— Quer levar? Meu avô vai ficar muito alegre. Você pode criar ele manso e também pôr um lindo nome nele...

— Bem que eu gostaria. Mas, que pena!... não tenho onde abrigá-lo.

A generosa atitude de Griselda contrariou Nora, testemunha daquela cena. Sem poder conter-se, arrancou com gesto decidido o animalzinho das mãos de Cláudio e o devolveu com energia a seu cercado.

— Por que fez isso? — o garoto protestou, entre aborrecido e surpreso.

Nora, sem dar mais tempo, e como se experimentasse uma queimação interna, voltou-se para Griselda e censurou-a com aspereza:

— Que ideia, pegar nesses bichos sujos!

— Sujos, os coelhinhos? — Griselda replicou, sem zangar-se. — Mamãe sempre anda com eles e me dá alguns para eu acariciar.

O sorriso irônico de Nora cortou-lhe a réplica. Silenciosa e no fundo envergonhada, a pequena examinou suas mãos e lançou uma olhadela para seu aventalzinho branco de cambraia. Como vira que tudo estava em ordem, sentiu-se satisfeita, talvez porque a comprovação tivesse sido feita sob a fiscalização daquele olhar exigente e intempestivo.

Não passou inadvertido a Dom Pedro esse incidente, próprio de crianças, e para apagar seus efeitos propôs visitarem o curral das vacas e tomarem leite recém-tirado.

— Viva!... — exclamou Nora, batendo palmas. — A gente queria mesmo ver a vaca mocha!

— Vai ser um pouco difícil, menina Nora. A sapequinha costuma ir longe, buscando os melhores pastos para o bezerro.

— Ela continua sempre tão mansa como era, Dom Pedro? — Cláudio perguntou, não refeito ainda do mau momento por que havia passado.

A resposta não pôde chegar a seus ouvidos, porque Nora, pegando-o por uma das mãos, obrigou-o a correr atrás dela, com o tolo pretexto de chegarem ao curral antes dos demais.

Não foi fácil para Cláudio desprender-se de sua incorrigível prima. Tomando, porém, a contraofensiva, desfez-se em protestos ao chegarem, repreendendo-a duramente, o que lhe valeu uma chuva de censuras e não poucos olhares de desprezo, enquanto permaneciam à espera de Dom Pedro, que se aproximava sem pressa com sua neta.

No estábulo, um peão dispunha-se a cumprir a tarefa de ordenhar. Dom Pedro havia mandado um recado a sua nora para que as crianças fossem convenientemente atendidas. Por isso, eles ali mal tinham chegado e já a criada lhes levava, juntamente com todo o indispensável, uns deliciosos pasteizinhos.

— Que delicioso está o leite! — disse Nora, esvaziando o copo com ânimo de repetir.

Cláudio bebeu o seu com menor entusiasmo e, ao ver que Griselda não participava, perguntou:

— Você não toma leite?

— Não... — respondeu ela sorrindo; — tomei tarde o café da manhã.

Pelo caminho arborizado, que desde a casa se estendia na distância, Dom Pedro viu sua nora aproximar-se.

— Lá vem vindo sua mãe, minha pequena — ele disse à neta, com carinho.

A menina, que nesse instante talvez desejasse mais que em outros a companhia materna, não esperou mais e correu a seu encontro.

Nos dias cálidos de verão, um umbu anoso fazia as delícias daquela paragem. Sobre suas raízes corpulentas se assentou Dom Pedro, a observar a aproximação de mãe e filha. Cláudio fez o mesmo, com mostras de agrado e de adesão a ele.

Desejosa de partir, Nora começava a dar sinais de impaciência.

— Por que você se senta? — perguntou secamente a Cláudio. — Já é hora de voltar.

— Mas a fazenda não está longe daqui, menina Nora! — Dom Pedro exclamou. — Além do mais, se vocês estão cansados ou quiserem chegar cedo, nossos cavalos estão aí, à disposição...

— Não é preciso, Dom Pedro. Estou preocupada é com mamãe, que poderá estar intranquila. Contra nosso costume, hoje saímos sozinhos e pensamos em voltar logo.

Nesse momento, chegavam Griselda e sua mãe. A conversa se interrompeu.

A nora de Dom Pedro, com seu particular afeto, ofereceu às crianças uma cálida acolhida, reiterando-lhes seu agrado por aquela visita.

— Tenho certeza de que vocês fizeram Griselda muito feliz, ela que está sempre tão sozinha — disse-lhes, entre outras coisas.

Dona Laura Estévez Ursain, mãe de Griselda, pertencia a uma honorável família portenha. Havia-se casado muito jovem e aparentava não ter ainda trinta anos. Era bondosa, atraente e,

além de contar com uma respeitável cultura, tinha grande confiança em si mesma. Griselda se parecia muito com ela, já que fisicamente pouco havia herdado dos Lagunas, morenos e com traços típicos dos homens ligados faz tempo ao solo argentino.

Também em vão, como o de Dom Pedro, foi o convite que ela fez às crianças para que prolongassem sua visita. Decidida a partir, Nora estendeu-lhes a mão e, despedindo-se com um sorriso forçado, encaminhou-se para a saída da chácara. Estava contrariada. Entretanto, depois de uns passos se deteve à espera de Cláudio, que, mais solícito e atencioso, ainda prolongava sua despedida afetuosa.

Obedecendo a um impulso involuntário, Griselda o acompanhou alguns passos, mas foi detida por sua habitual timidez.

Chegando Cláudio junto a Nora, partiram apressadamente, mas nada impediu que ele, varão afinal, voltasse a cabeça várias vezes para seus amigos, acenando com a mão direita numa saudação, gesto que repetiu a partir de certa distância.

Calculando que já se tinham aproximado da fazenda o bastante, ambos decidiram descansar, demorando-se com esse objetivo junto a um moinho que alimentava os tanques aonde os animais iam para beber. Sentaram-se ali sobre uns troncos grossos estendidos no chão. Nesse lugar, a sombra dos grandes cedros, cujas copas unidas mal deixavam a luz filtrar, colaborava com a terra úmida em silenciosa e aprazível refrigeração. Para um dia tão quente, aquilo se oferecia a eles com as delícias de um oásis.

Não obstante, o mau humor de Nora persistia. Subitamente, querendo talvez imitar o tom áspero com que algumas vezes ouvira os mais velhos falarem, desabafou com Cláudio:

— Eu não sei o que você vê nessa garotinha para que ela chame tanto sua atenção!

— O quê?... Ficou louca?

— Louca, eu?

— Você mesma! Mas que pergunta! O que eu vejo nela?... Vejo que é bondosa... e que me dá muita pena que não tenha amigos.

Levado pelo influxo de um sentimento generoso, frequente nele, Cláudio acrescentou:

— Por que não convidamos Griselda para brincar com a gente na fazenda?

— Convidar para ir à fazenda?! Ela?! Como você tem coragem, se ela não é de nossa condição? Mamãe não ia gostar nada se soubesse disso!

— Não creio que ela se aborreça, Norinha... Griselda é neta de Dom Pedro...

— Ah!... E quem é Dom Pedro? Você é cabeçudo, Cláudio, muito cabeçudo! Diversões é o que não falta para Griselda na chácara dela. Além do mais, ela mesma não disse que vai com o pai dela até a vila para tomar lições de música? — E, lançando mão de seus dramáticos recursos, exclamou: — Oh! Você é insuportável!

Emburrados, sem se reconciliarem, prosseguiram a marcha pela trilha deixada pelos carros que diariamente faziam o percurso entre o povoado e o moinho. Sultão os seguia, sem que sua nobre cabeça de cão conseguisse entender as mudanças que se operavam nas de seus donos.

Cláudio se ressentia da falta de companheirismo de sua prima. Mesmo assim, tratou de apaziguá-la, propondo-lhe uma nova excursão para a tarde.

— Não vou! — foi a resposta taxativa. — Não quero sair com você, nem me interessa!

Para felicidade dele, já estavam chegando ao pomar, onde

outras crianças se reuniram a eles, acossando-os com perguntas e contando as novidades. Nora evitou comentários e, pretextando urgência para cumprimentar uns tios que estavam sendo esperados na fazenda naquela mesma manhã, deu-se pressa em entrar no casarão.

~

Erguida sobre seus diminutos pés, Griselda tinha permanecido imóvel, com o olhar fixo nas crianças da fazenda, até eles desaparecerem entre as árvores do caminho. Em seguida, voltando-se com o modo displicente que as crianças adotam quando são contrariadas, foi ao encontro de sua mãe. Pensativa, as mãos entrelaçadas atrás do corpo, percorreu um trecho, a princípio com desânimo; mas logo, como se outros pensamentos a incitassem, acelerou o passo até chegar correndo junto a Dona Laura.

Pendurada em seu braço, do qual amiúde se soltava para andar sozinha a pequenos saltos, a fim de satisfazer a inquieta mobilidade infantil, Griselda foi narrando em partes, durante o trajeto até a casa, algumas impressões colhidas naquela manhã.

Quando chegaram, sentaram-se ambas ao frescor da ampla varanda, que fazia as vezes de pórtico.

A casa de Dom Pedro luzia o branco caiado de suas paredes por entre a moldura alegre da vegetação. Sua arquitetura antiga havia-se renovado notavelmente mediante uma esmerada reforma, ganhando em comodidade e aparência. Tinha somente um andar e era rodeada de janelas em verde-claro, defendidas por negras barras de ferro. A simplicidade e a monotonia de seu traçado simétrico animavam-se com o detalhe

das plantas e das flores, nas quais Dona Laura vertia seu bom gosto, com a escolha de variedades apropriadas e de lugares onde melhor cumprissem sua função decorativa.

Durante o verão, a varanda era o lugar preferido, e ainda o era nos serenos dias invernais, quando as árvores, despojadas de sua folhagem, permitiam o deslocamento do manto solar sobre a carreira de seus velhos mosaicos de mármore.

Griselda, em cuja mente pareciam revolutear com insistência os mesmos pensamentos, perguntou a sua mãe:

— Por que será que ficou daquele jeito comigo?

— Quem?... Norinha?

— Sim, Nora.

— Oh, filha! Você não deve levar tão a sério essas coisas — respondeu Dona Laura, procurando afastar dela aquela impressão. — Nem todas as pessoas são iguais, e as atitudes dessa menina obedecem simplesmente a sua maneira de ser.

Sem compreender muito bem o que escutara, Griselda acrescentou:

— Que pena, mamãe!... Mas Cláudio não é assim. Ele, sim, que é bom e carinhoso.

— Deve ser, sem dúvida — aprovou a senhora; mas, compreendendo que custava à menina explicar para si aquela atitude de rechaço com que havia sido tratada, adicionou: — Não esqueça, querida, que cada família tem seus parentes e amigos com quem convive. Nossos vizinhos são gente muito rica e vivem, naturalmente, com muito luxo. Nós, não sendo de sua mesma condição, não podemos conviver habitualmente com eles.

— Por quê?

— Porque muitas coisas impedem isso, filha, e uma delas, talvez a principal, é a falta de dinheiro para competir com eles em luxos, gostos e caprichos.

Do interesse com que escutava sua mãe, Griselda passou à perplexidade, o que a impediu de objetar.

Dona Laura explicou-lhe, então:

— Para conviver com eles, filhinha, a gente tem de ter vestidos caros, que a moda exige e a sociedade adota para exibir de acordo com a ocasião.

Num gesto maquinal, Griselda olhou para suas roupas e, com encantadora inocência, perguntou à mãe se os vestidos que usava quando ia à cidade não eram bonitos o suficiente.

Aproveitando essa insinuação, e tratando de tirar partido de seu argumento, a boa mãe lhe explicou que, com efeito, seus vestidos eram muito bonitos, mas não de todo adequados às festas e às exigências que configuravam a vida de Nora.

Após um suspiro, que foi a forma involuntária de linguagem com que a menina expressou seu pesar, exclamou:

— Eu ia gostar tanto de brincar com eles, mãezinha!

— Não se preocupe muito com isso — Dona Laura então a consolou. — Nora é uma criança, e as crianças como você pensam uma coisa hoje e outra amanhã. Quem garante que eles não vão voltar logo procurando você, com outra disposição de ânimo?

Griselda passou o resto do dia menos alegre que de costume. Anoitecia quando seu pai voltou da cidade, aonde ia diariamente para atender em seu consultório. Ao inteirar-se da contrariedade vivida pela menina, aconselhou sua esposa a levá-la mais cedo para a cama, para que o sono dissipasse aquela primeira luta que seus ternos sentimentos enfrentavam.

Bem depressa a criança adormeceu. Seu espírito, porém, extremamente comovido, naquela noite ofereceu à sua dona um sonho original.

Levada em lúcido voo, Griselda viu-se de imediato na luxuosa mansão de seus vizinhos, transformada em Nora. Em sobressalto, ia percorrendo corredores e aposentos, até que se deteve no dormitório dessa menina, muito diferente do seu. Contemplou extasiada aquele recinto encantador, por cujas amplas janelas a luz entrava com ímpeto. Aqui e ali, colocados com inimitável acerto, suntuosos móveis pareciam oferecer à sua dona a beleza e a comodidade neles reunidas. De um lado, um grande armário sedutoramente entreaberto deixava ver primorosos vestidos e sapatos, numa variedade invejável de modelos e cores. Também as paredes atraíam o olhar, por seus quadros artísticos ajustados aos gostos e à vida de uma adolescente. E não faltavam as atraentes estantes, repletas de livros profusa e lindamente ilustrados. Enfim, os mais refinados detalhes adornavam aquele quarto com toques principescos. Não obstante, o pensamento que guiava o sonho de Griselda fê-la afastar-se do que via e buscar Cláudio por toda parte, até que finalmente o encontrou sentado num banco do alpendre. O rosto do jovem revelava inquietação e, a julgar pela frequência com que olhava para um e outro lado do extenso parque, seria de dizer que esperava por alguém. Esquecendo a metamorfose operada em sua pessoa, a menina se aproximou, mas ele, ao vê-la, levantou-se com desdém, descendo sem pressa os poucos degraus que uniam o alpendre ao jardim. Comovida com aquele descaso, Griselda voltou-se e, com o olhar aflito, saiu em busca do oculto refúgio que lhe permitisse desafogar sua dor. Tudo lhe era estranho naquela casa, e, ainda que não pudesse ser mais formosa e cobiçada, teve a impressão de que alguém a espiava por trás dos móveis e poltronas, e que suas expressões e trejeitos zombeteiros pareciam figuras de densa fumaça que

se desvaneciam ao serem vistas. Turbada pelo desespero, ela começou a chorar e, angustiada, despertou. Com mostras de agitação, ergueu-se no leito, afastou com lentidão da testa os cabelos graciosamente revoltos e exalou um profundo suspiro.

Que alívio, Griselda!... Felizmente havia sido um sonho!

Livre de sua perplexidade, a menina sorriu. Sentia-se novamente em si mesma, com a alegria de seguir sendo a Griselda de sempre.

~

Uma tarde, quando as sufocantes horas da sesta haviam ficado para trás e a vida na fazenda voltava a seu ritmo normal, Nora procurava Cláudio sem achá-lo. Impelida por um súbito pensamento de receio, encaminhou-se para a chácara de Dom Pedro, certa de que ali o encontraria.

Não se havia enganado. Avistou-o muito antes de chegar aos limites da quinta, em companhia de Dom Pedro e Griselda. Os três caminhavam ao longo de um milharal, que já verdejava ansioso por ganhar altura.

Cortando caminho, ela chegou até a cerca de arame, de onde chamou o garoto com mostras de urgência, como se realmente algo a apressasse. Cláudio suspeitou o temporal iminente e, cedendo ao impulso de obedecer, correu em direção a ela. A pressa fez que esquecesse tudo; dessa vez não houve escusas nem despedidas amáveis.

Isso não impediu que Dom Pedro, passado o primeiro efeito da brusquidão, com simpático gesto de acolhimento e camaradagem, acenasse bem alto com sua mão direita, con-

vidando Nora para entrar. Ela recusou e, sem dispensar-lhe a menor benevolência, afastou-se com Cláudio.

Nora não podia tolerar que aquele a quem sempre havia submetido a seu capricho agora lhe escapasse, ou que agisse por conta própria quando a ocasião lhe era propícia. Por isso, com todos os ares de um justo aborrecimento, acusou Cláudio de falta de companheirismo.

— Ih!... — replicou ele. — Você sempre pensa umas bobagens... Me deu vontade de sair e caminhar, só isso!

— Você não está falando a verdade!

— Nora!... — Cláudio gritou, perdendo a paciência. — Por acaso eu não sou livre para ir aonde eu quiser?

— Sim... claro!... Por isso você só pensa em ir à chácara de Dom Pedro.

Foram inúteis as explicações do garoto, naturais e singelas: sua prima não se conformava. Por último, ocorreu-lhe prometer que não voltaria mais à chácara, e com isso conseguiu apaziguá-la.

O cumprimento daquela promessa se fez cada vez mais duro para Cláudio. A falta de liberdade para mover-se estava intolerável, principalmente quando lhe vinha à mente a recordação de Griselda. Imaginava-a triste e privada das alegrias que as brincadeiras em conjunto oferecem.

Chegou, contudo, a oportunidade de emancipar-se, ainda que fosse só por algumas horas, e ele a aproveitou. Certa manhã, alegando pretextos fúteis, não quis ir numa excursão às colinas, da qual participariam adultos e crianças. Resolvido a livrar-se de suas limitações, montou a cavalo e logo se viu nas imediações da casa de Dom Pedro.

Sultão havia-se adiantado e, a julgar pela alegria com que o animal avançava rumo a um ponto fixo, saltando e aceleran-

do os movimentos de sua cauda, Cláudio compreendeu que o nobre cão havia descoberto seus moradores. Seguindo na mesma direção, não tardou em avistar Griselda, que acompanhava sua mãe no cuidado das flores.

A timidez do menino ao saudá-las se desvaneceu como por encanto, com a acolhida carinhosa que lhe dispensaram. Desmontou num salto e amarrou seu cavalo a uma estaca. Depois, a pedido de Griselda, que acariciava Sultão com entusiasmo, estimulou o animal a mostrar algumas de suas habilidades.

Com as calças e botas de montar, Cláudio aparentava maior estatura e corpulência. A menina notou isso e não demorou em dizer:

— A última vez que você veio, parecia que era menor.

— Acho que você está enganada, Griselda — ele contestou. Refletindo, porém, em seguida adicionou: — Mas talvez você tenha razão; meu pai diz que tudo o que eu como entra logo no meu comprimento.

— Que engraçado! Papai também diz que estou espichando que nem uma espiga.

Enquanto riam, cada um fazendo inocente chacota de sua figura, Dom Pedro foi se aproximando, puxando seu tordilho pelo cabresto.

— Vai sair, Dom Pedro? — Cláudio perguntou, avançando em sua direção.

— Sim, meu amigo; tenho que dar uma vistoriada no campo.

— Não quer que eu acompanhe o senhor?

— Como não, rapaz? Pois venha!

E, com satisfação, Dom Pedro apressou-se em arrear seu cavalo.

Com suas bombachas largas, suas botas de cavalgar gastas pelo uso e a camisa folgada, Dom Pedro Laguna revivia o

gaúcho que animara, com perfis de epopeia e mito, o cenário interiorano, salpicado de tradições e lendas.

— E sua prima? — perguntou a senhora Laguna a Cláudio, voltando ao grupo do qual momentaneamente se havia afastado.

— Saiu cedo numa cavalgada.

— Que novidade você não ter ido!

— Preferi sair sozinho, senhora — respondeu o menino, enrubescendo um pouco.

Dom Pedro parecia já disposto a montar. Voltando de súbito para sua neta a cabeça prateada, semioculta sob o chapéu, disse-lhe risonho, saboreando a surpresa:

— Não quer vir com a gente, meu pimpolhinho?

— Claro que quero, vovô! — a menina respondeu, alegremente. — Posso ir, mamãe?

— Deixe ela vir, senhora... — Cláudio rogou, entusiasmado com a perspectiva.

— Não a prive desse passeiozinho, minha filha! — intercedeu Dom Pedro. — Daremos uma volta curta.

— Como posso dizer não?! — Dona Laura acedeu, sorrindo, tão alegre como eles.

— Pelo visto, vou ter de passar a manhã inteira encilhando... — resmungou o bom Dom Pedro, fingindo descontentamento.

Sua reclamação era desmentida pela diligência com que se pôs a colocar a rédea no cavalo que um peão acabava de trazer-lhe; belo exemplar de potro zaino que ele dera de presente a sua neta quando ela chegou à chácara. Cláudio secundava-o na tarefa.

Para sair da quinta, Dom Pedro escolheu a porteira lateral que dava para um caminho lindeiro. As duas crianças avançaram por ele, mal contendo o sentimento que pugnava por lhes saltar do peito, numa explosão de júbilo. Iam juntos, ao

lado de Dom Pedro, que se divertia a escutá-los com simulada indiferença.

— Você gosta do campo, Griselda?

— Muitíssimo; se bem que Buenos Aires também me agrada — a menina respondeu.

— Faz quanto tempo que você vive em Tandil?

— Pouco. Desde o outono. Viemos porque o avozinho estava muito só e, também, eu precisava me recuperar. Papai e mamãe diziam isso.

— E você, não?

— Eu não entendo bem essas coisas.

— Comigo é igualzinho; papai está sempre temeroso por minha causa. Você nem imagina quantas vezes ele me levou ao médico sem necessidade...

Quase em seguida, Cláudio disse com pesar:

— É uma pena que o verão não dure o ano todo! — E, voltando-se para Dom Pedro, completou: — Por mim, eu viveria no campo para sempre!

Este se pôs a rir, mostrando de lado a lado sua vigorosa dentição, e rapidamente emendou ao diálogo o seu habitual estribilho:

— A vida no campo, meu amigo, tem lá suas dificuldades... e isso a gente tem de saber!... É claro que, quando tomamos carinho pelo pedaço de terra que nos toca lavrar, não há coisa mais linda. Aqui tudo é paz, alegria e sossego. Enquanto nós desfrutamos do sol em cem por cento, nas cidades ele quase não é visto... Aqui a gente respira a plenos pulmões, mas lá há que disputar o ar em parques e jardins, misturado com a fumaça desses carros velhos que assustam os pangarés e deixam os bichos brabos que nem potros xucros. As pessoas vivem ali tão apertadas que não sobra nem mesmo um lugarzinho para fazer um churrasco.

— O senhor tem muitíssima razão, D. Pedro — Cláudio apoiou, com seriedade. — E deve ser por isso que, quando venho ao campo, não quero voltar mais para a cidade.

Chegavam, então, a uma lombada, onde o caminho lindeiro cruzava uma larga estrada. O ex-capataz de D. Túlio, apontando com o chicote uma nuvem de poeira que avançava em direção a eles pela direita, mostrou:

— Lá vem o pessoal da fazenda!

Cláudio empalideceu. Seu primeiro impulso foi esporear seu cavalo e desaparecer. Mas freou a tempo o pensamento e propôs a Dom Pedro com angústia:

— O que o senhor acha se a gente atravessar a estrada antes deles chegarem?

— Não, amiguinho! Era só o que faltava!... Vamos ficar aqui até eles passarem; depois seguiremos. Por que você quer atravessar?

— Por nada, Dom Pedro...

— Tem vergonha de que o vejam conosco? — o velho gaúcho insistiu, com ar de gracejo, provocando de propósito o jovem.

— Não, Dom Pedro; é que eu disse que estava doente para não ir com eles.

— Ah, já entendi!... O que você não quer é que descubram sua enganação, não é isso? Mau, mau!... O homem não deve criar situações que o levem a se esconder de seus semelhantes. Pois não faça isso nunca, nem submeta jamais sua vontade ao capricho de ninguém.

A frase pareceu cumprir seu objetivo, pois Cláudio, erguendo o corpo sobre seu cavalo, adiantou-se valentemente uns metros, assumindo uma postura de desafio que decerto só foi percebida por Dom Pedro, que sorria para si mesmo.

Entre os cavaleiros estavam os irmãos de Nora e outras pessoas da fazenda, que no passar saudaram Dom Pedro afetuosamente, uns com a cabeça, outros com a mão direita. Levantando seu negro chapéu chambergo, ele respondia a todas essas mostras de simpatia.

Do lado oposto do compacto grupo, Nora fingiu não vê-los.

Quando os excursionistas se perderam atrás da lombada, Dom Pedro e seus acompanhantes retomaram a marcha.

Com essa facilidade que têm as crianças para esquecer seus contratempos, logo desapareceu a nuvenzinha que pesava sobre o ânimo de Cláudio, e ele voltou a mostrar-se tão conversador e alegre como antes.

— Você está cansada, Griselda? — perguntou, com cortesia.

— Eu?... Que esperança!... — ela respondeu, esporeando com energia seu potro e lançando-o a galope.

Dom Pedro e Cláudio a alcançaram, após ter-lhe deixado uma boa dianteira para que ela desfrutasse sua demonstração travessa.

A marcha no pasto foi divertida. Uma infinidade de perdizes e quero-queros alçava voo à passagem dos cavalos. Sultão, atiçado pelos gritos de Cláudio, perseguia em vão as aves alvoroçadas.

— Se eu tivesse trazido minha espingarda, derrubaria um punhado — lamentou-se o garoto, alardeando pontaria.

— Isso é que não, meu amigo! Seria um crime matar as aves agora, quando cada uma está cuidando de sua ninhada. Além do mais, a caça está proibida nesta época.

— É verdade, Dom Pedro, eu tinha esquecido!

— Então — Griselda insinuou, sorrindo com picardia, — terá de ficar contente por não ter trazido a espingarda.

— Também acho! — respondeu ele, sorrindo por sua vez, mas encabulado.

O sol já caía a prumo sobre a terra, assinalando o meio-dia. Cláudio considerou prudente despedir-se por fim de seus amigos. Uma vez longe, afrouxou as rédeas e lançou seu cavalo a galope, procurando chegar o quanto antes à fazenda. Sultão o escoltava, exausto.

Os dias que se seguiram transcorreram tensos entre Nora e Cláudio. Ela, em vez de externar suas habituais reclamações, adotou uma atitude de indiferença que manteve o garoto retraído e amolado. Por último, a tiranazinha decidiu trocar sua frieza por uma postura mais conciliadora, o que não melhorou as coisas, porque a situação afetava o ânimo do menino, tirando de suas férias grande parte da alegria que ele trouxera consigo.

Chegou finalmente o dia do regresso. Cláudio, com ardente anelo, desejava despedir-se de seus amigos. Entretanto, não pôde fazê-lo, porque não soube escapar da vigilância de Nora. Com o coração oprimido, e internamente se repreendendo por sua falta de valentia, foi-se de Tandil, aonde nunca mais voltaria.

Como sempre, custou-lhe a princípio a readaptação ao ritmo do viver portenho. Sentia saudades das gratas horas do campo e, desta vez, a imagem de Griselda, envolta em cândida inocência, chegava com frequência até sua alma com acentos de nostalgia.

O reinício das aulas veio tirá-lo daquela situação. Seu ingresso no Colégio Nacional e as novas obrigações, entremeadas com as necessárias práticas esportivas, chegaram a absorvê-lo quase que por completo. Apesar disso e do tempo que lhe demandavam os passeios semanais com seu pai, não perdia oportunidade de conviver com Patrício, o fiel mordomo, o qual, tendo chegado à casa quando ainda estava viva a mãe de Cláudio, havia mais de um lustro que nela servia.

O menino sempre encontrou nele um bom amigo. E ele

soube adaptar-se bem aos poucos anos de Cláudio, preenchendo com compreensão muitas necessidades afetivas surgidas com o desaparecimento da mãe.

Dom Roque desvelava-se pelo bem-estar do filho; daí que soubesse valorizar as condições de seu mordomo e o recompensasse com mostras de crescente confiança. Espanhol de origem, Patrício tinha um caráter excelente e modos muito ajustados a suas funções de mordomo. Por outra parte, era homem muito lido e contava, ao cabo de seus quarenta e cinco anos vividos aos trambolhões, com um valioso acervo de experiências, que seu juízo claro e sensato havia sabido extrair de erros e penúrias, o que contribuía para fazer dele um homem ideal nas tarefas que desempenhava. Justificava-se, então, que o menino o buscasse com frequência em seus momentos livres e, não poucas vezes, como auxiliar nos estudos.

Passaram-se alguns anos.

À medida que Cláudio crescia e, com suas asas eternas, o senhor das longas e prateadas barbas distanciava os prístinos episódios da infância, iam se apagando no jovem as recordações daquelas férias. A prolongada ausência de seus tios, em viagem pela Europa, e diversas circunstâncias relacionadas com sua saúde contribuíram, pouco a pouco, para fomentar o esquecimento.

~

Quando os tios de Cláudio regressaram do Velho Mundo, a figura de sua prima havia experimentado as mudanças naturais que a adolescência impõe.

Nora já era uma jovem de dezesseis anos. A ruiva de olhos glaucos e narizinho arrebitado se havia transformado numa se-

nhorita muito viva e tagarela. De estatura mais para baixa, de linhas arredondadas, graciosa e por temperamento inquieta, parecia envolta num vistoso halo de frivolidade. Havia-se adiantado em demasia no despertar dos feitiços femininos, com atrevidos ensaios de coqueteria, encobrindo desse modo os encantos naturais da tenra idade. O desejo de ser admirada havia feito dela uma mocinha extremamente presunçosa, acentuando-se em sua psicologia os traços que a caracterizaram na infância.

Esta foi a impressão que teve Cláudio, ao renovar-se entre ambos a intimidade própria de seu parentesco.

Ele também havia experimentado transformações, mas conservando sempre, por meio de suas mutações, aquela expressão inteligente à qual devia, sem dúvida, muito de sua simpatia pessoal. Havia crescido excessivamente durante esses três anos, advertindo-se em sua pronunciada magreza o sinal de transtornos recentemente sofridos em sua saúde. Seus olhos, aureolados ainda por uma leve sombra azulada, pareciam ter-se tornado maiores, e em seu olhar flutuava ainda a inocência entre as irisações da mudança de idade. A marca dessa transição, que pouco a pouco burila sobre o rosto adolescente a estampa do homem, nele se delineava somente com os traços de um esboço.

Comumente afetuoso e despreocupado, sua alma não parecia haver recebido ainda o batismo de fogo que a vida sofre ao ingressar na idade da poesia. A caixa de Pandora permanecia fechada, e talvez não se lhe abrisse nunca se, em vez de tentar-se como Epimeteu, ele ativasse os olhos de seu entendimento para descobrir por fora seus segredos e precaver-se contra eles.

Na frequente convivência que procurava manter com ele, Nora advertia seu estado incerto e, encontrando nisso um estí-

mulo, procurava recobrar sua anterior ascendência. Mas as angústias do verdor varonil davam lugar em Cláudio a sentimentos de outra natureza, e, ainda que ela, com argúcia feminina, tivesse feito seu sangue jovem excitar-se mais de uma vez, os impulsos afetuosos do rapaz ficavam freados quando a aspirante a Circe pretendia convertê-lo em idólatra de sua pessoa.

O coração do jovem sentia-se penosamente oprimido diante das investidas da prima, a quem só podia olhar com indiferença, como se a achasse órfã dos dons para ele mais apreciados. Não havia dúvida de que tais atitudes, longe de atraí-lo, promoviam nele resistências e rechaço, já que entre ambos ocorriam, em função disso, periódicos distanciamentos. Isto foi acontecendo com maior frequência nos anos seguintes, como se uma secreta obstinação do fado pretendesse impor seus cânones fatalistas.

~

Aproximava-se Cláudio dos trechos finais da encosta que marca um quarto de século quando recebeu seu diploma de advogado. Naquele então, a precária saúde de seu pai o havia obrigado a substituí-lo momentaneamente no atendimento parcial de seus negócios, retardando-lhe o propósito de exercer sua carreira. Não obstante, restava-lhe dessa atenção um tempo livre, que ele dedicava, por inclinação, ao cultivo de sua sensibilidade espiritual. Atraído irresistivelmente pelo desconhecido, Cláudio buscava nas estantes das bibliotecas a palavra sábia ou a inspiração feliz que, a modo de tapete mágico, o transportasse a outros hemisférios, que ele intuía de beleza e magnificência incomparáveis. Tal inquietude de seu espírito o

havia levado a formar com seus amigos um círculo de debates, no qual, à falta de melhor orientação, discutiam com senso crítico ideias filosóficas e produções literárias de autores antigos e modernos.

Além disso, ao cumprimento mais amplo de suas atividades interpunham-se as atenções que a saúde lhe demandava, embora fosse evidente que ele se preocupava com ela além da conta. Observava, com efeito, precauções que o acompanhavam desde a adolescência, devido a um grave debilitamento que pusera sua vida em risco, de cujas consequências ele viria a cuidar durante anos, sempre preocupado com a predisposição a uma nova ocorrência. Isto contribuiu para que traçasse uma linha de vida moderada em seus compromissos e predileções mundanas e se habituasse, quando seus estudos o permitiam, a passar breves temporadas em lugares montanhosos. Seu aspecto exterior não deixava entrever, entretanto, quebrantamento algum. De boa estatura e garboso na aparência, ágil e desenvolto, sua constituição física estava mais para robusta. Não fora assim, não teria podido partilhar com seus amigos as diversões de toda índole, próprias das grandes cidades como a urbe portenha. Contudo, forçoso é reconhecer, não passava da medida que considerava prudente. A seu juízo, não devia evitar os afagos do mundo, nem o trato com os diferentes tipos de pessoas que formam a sociedade humana, a fim de conhecê-las em suas respectivas funções; isso, sem exclusão daquelas que, por suas inclinações ou vícios, atentam contra as normas da convivência e da moral dessa mesma sociedade. Alguém lhe havia dito certa vez que o homem do mundo deve conhecer tudo, e a essa regra tratou de ajustar sua conduta, para não ser surpreendido por nenhuma argúcia revestida de boa-fé que voltasse a

mira diretamente para sua candidez, com o fim de enganá-lo. Deste modo, pôde conhecer homens e mulheres de índole variada; Cláudio passava por ingênuo ante aqueles e, ante estas, por párvulo, propenso a cair nas redes de suas seduções. Tudo isso, somado à honesta influência do ambiente familiar, foi cimentando no inexperiente advogado o propósito de viver de uma forma diferente de como as pessoas comumente viviam, deixando adivinhar que sua luta interior havia começado, mais que nada como simples encontro de reações que se enfrentavam por causa dessa determinação deliberadamente adotada.

A essa altura da vida, porém, todos os estímulos da juventude parecem sofrer um eclipse psicológico, porque o aparecimento do juízo freia os ímpetos juvenis e conecta os pensamentos, palavras e atos aos centros internos da responsabilidade. E, ainda que à primeira vista pareça paradoxal, esse é, justamente, o momento em que o homem se acha mais propenso aos sentimentalismos mais variados.

Recostado certa noite no divã de seu quarto, Cláudio comprazia-se em retardar o instante de se vestir para comparecer à festa que sua prima Cecília, irmã mais velha de Nora, dava em sua residência particular. Era a última noitada que seus parentes ofereciam ao círculo de amizades durante a temporada de inverno. Cláudio havia tratado de evitar, no possível, toda circunstância que o aproximasse de Nora, embora sempre evitasse prejudicar as boas relações com o restante de sua família, particularmente com seus tios. Tendo isto em conta, e antes que sua tia Fermina viesse visitá-los para lançar sobre ele suas vigorosas reclamações, mostrou-se condescendente desta vez, aceitando o convite.

Cumprida a intencional demora, começou a vestir as roupas que com todo o esmero Patrício lhe havia preparado. Meia hora mais tarde, saía de casa em direção à de seus parentes,

luzindo com sua particular distinção os refinamentos impostos pela etiqueta.

Quando entrou na residência de sua prima, a festa começava a animar-se, e não tardou a ver-se rodeado de parentes e amigos que festejavam sua chegada. Em meio daquele vaivém e da gritaria ininteligível, viu-se de repente entre um conjunto de rostos bonitos e viçosos, que o cumprimentaram entre risos e brincadeiras, mas que, aos primeiros compassos de um fox-trote, convidados para dançar, desapareceram um após outro, ficando ele inesperadamente a sós junto a Nora. Ambos surpresos — ele mais que ela — , riram, convidando-a Cláudio, amavelmente, a acompanhar os outros pares.

Em razão do tratamento que ambos haviam mantido desde criança, perdurava nele um afeto que o fazia desfrutar, de certo modo, o contato com ela, sempre que — como acontecia nesse momento — um adequado distanciamento tivesse conseguido apagar as contrariedades surgidas anteriormente.

Sem outra intenção que a de ser atencioso com ela, Cláudio teve para Nora palavras de fina cortesia; além do mais, não era difícil dedicá-las, uma vez que, graciosa e pródiga em insinuações, ela parecia esperá-las como resultado de suas artificiosas manobras.

Dançaram uma após outra várias músicas e, não tendo ele premência em variar de companheira, deixou-se levar por sua entretida e saborosa conversa. Sagaz e ardilosa, não era em vão que ela usava nesse momento sua engenhosidade.

— Parece-me, Nora — disse ele enquanto conversavam, sentados num canto do salão, — que estou tirando de você a oportunidade de dançar com alguém que poderia ser mais interessante do que eu. A propósito, posso lhe perguntar por que ainda não se casou?

— Ah!... Simplesmente porque ainda não encontrei nin-

guém que me convença a abandonar os prazeres que a vida de solteira oferece... Você já sabe que o flerte é um de meus hobbies preferidos.

— Como sempre, tomando a vida em brincadeira. Você é incorrigível!

— E não será você, por outro lado, um tanto puritano?

— Os extremos excedem sempre as medidas justas, anulando toda reflexão. Por isso, eu me sinto feliz em ser como sou.

— Eis você de novo formal!... Quer dizer que, pelo que pensa, a medida justa eu encontraria se me casasse...

— Não exatamente isso, mas sim mostrando uma fisionomia menos mutável.

Enquanto mantinham este diálogo, Cláudio pensava consigo em quão longe estava Nora de se ajustar às exigências de seu ideal de mulher, doendo-lhe ao mesmo tempo, em virtude do vínculo de sangue que os unia, que ela confundisse tão lamentavelmente, por influência do gume duplo de seus pensamentos, o conceito da vida, uma vez que, enquanto eles a seduziam com sua falácia, cortavam-lhe a prerrogativa de desfrutar um lar em que pudesse viver, um dia, feliz com seu marido e seus filhos. "A frivolidade e o caráter dominador", dizia-se ele mentalmente, "quando não se contrabalançam com algumas virtudes sequer embrionárias, que prosperem ao calor de nobres sentimentos, acabam por criar em volta do ser toda espécie de temores e desventuras, além da desdita de quem as promove." Este era o caso de sua prima, cujas características Cláudio analisava, sem que ela tivesse a menor ideia do que nesse momento passava por sua mente.

Conversavam ambos com a familiaridade de costume, embora ele se sentisse mais cômodo que de outras vezes, sem dúvida pela incomum brandura e moderação com que Nora se

lhe apresentava. Já quase chegando o final da festa, deu ela rédea solta ao plano que febrilmente havia concebido, com vistas a criar uma situação comprometedora para seu primo.

Situados num lugar um tanto afastado do burburinho, ela fez o impossível, com hábeis e sedutores enredos, para que se confundisse a postura de seu primo com a de um cortejador. A trama enganosa teria assim o efeito que buscava.

Era evidente que Nora se havia proposto, naquela noite, a conseguir o que queria. Assim, levado seu plano até esse ponto, só faltava fazer correr sutilmente — como fez — o rumor de seu recente compromisso com Cláudio. Irmãos, primos e amigos, sem conhecimento prévio da trama, espalhariam a notícia, elaborada tão só à força de argúcia e impostura.

Posta a bola a rolar, dias depois eclodiram os comentários. Ao darem a volta e chegarem aos ouvidos de Cláudio, sentiu-se ele numa situação embaraçosa. Às primeiras brincadeiras e felicitações, respondeu como se tudo não passasse de simples insinuações de mau gosto. Mas depois, ao perceber que algo de maiores proporções acontecia à sua volta, dispôs-se a desmentir com mais empenho o boato, o qual — segundo pensou — devia ser fruto da fantasia de algum brincalhão. Quando, porém, observou que sua prima aprovava e até estimulava tais sugestões, não hesitou em mudar decididamente o rumo das coisas. Disposto, pois, a encarar o assunto seriamente, visitou um dia a casa de seus tios.

— É por demais desagradável para mim — disse a Nora — que as pessoas nos façam de alvo de suas brincadeiras, e que você não procure fazer nada para desmentir isso.

— Mas, Cláudio! — exclamou ela, fingindo surpresa. — Que tem isso de mais? Por que haveríamos de esconder?

— Esconder o quê?! — Cláudio perguntou, dominando-se a custo diante de tanto cinismo. — Por acaso houve alguma vez, entre você e mim, algo mais do que o mero afeto de primos?

— Cláudio! Você é capaz de negar que gosta de mim? — Nora queixou-se, mostrando-se sofrida.

— Jamais pensei que uma situação como esta pudesse acontecer entre nós dois! E muito menos deste modo!

Calou-se por um instante. Entretanto, cada vez mais excitado por tudo aquilo, acrescentou em seguida, com firmeza:

— Não é possível que você pretenda me comprometer ante os demais, porque não faria mais do que revoltar meus sentimentos em prejuízo de você mesma. Eu jamais poderei tolerar que seja forçado a aceitar o que em nenhum momento esteve em meus pensamentos nem em meu sentir, você me entende?

Nora ainda pretendeu dominar a situação. Valendo-se de um choramingo histérico, insinuou esta sutil conjectura:

— Você não compreende, Cláudio, que, depois de nos ver juntos a noite toda, as pessoas haviam de pensar que não foi só porque somos primos? Será uma tarefa muito difícil convencê-las do contrário...

— Mas não resta outro caminho — Cláudio arrematou, resolutamente.

Nenhuma outra palavra saiu de seus lábios para suavizar a situação, deixando nos olhos de sua prima uma expressão sombria de ressentimento. Naquele mesmo instante, Nora se retirou para seu quarto. O momento havia sido forte demais para ela, e necessitava de um parêntese para recompor-se. Ali, deixou-se cair de bruços sobre o leito. A sós consigo mesma, enquanto sentia que a indiferença de Cláudio roía seu amor-próprio com insistência insuportável, reprovou-se por ter-se

dado conta demasiadamente tarde de que sentia por ele algo mais do que um simples afeto. Só fugazmente, porém, chegou a intuir que tudo havia ocorrido por sua exclusiva culpa. Desde menina, havia-se esmerado em tê-lo submisso às suas veleidades e caprichos e, à medida que avançava em idade, mais de uma vez experimentou reações muito contraditórias em relação a ele. Enquanto por um lado o buscava, levada por uma atração sentimental — amor, talvez —, por outro, pondo de lado esse sentimento, era impulsionada por sua natureza distorcida para a busca do amor de alguém que a fizesse sentir, com maior força, as súplicas de uma paixão que Cláudio não lhe havia despertado nunca.

Estabelecia-se nela, com relativa frequência, uma luta interior que lhe produzia desassossego, em virtude de não ter resolvido os conflitos que criava para si mesma, por causa de seu temperamento absorvente e dominador. Acreditando atrair a Cláudio, afastava-o irremediavelmente e, obstinada nisso, empenhava-se em mantê-lo sujeito a sua vontade caprichosa. Daí partia seu grande erro; erro que havia atraído sobre ela muitas amarguras, como as que sofria nesse momento, em que se resistia a aceitar um tratamento que tanto feria seu orgulho e sua vaidade.

Nora fazia parte desse tipo de mulheres que se definem pela volubilidade de seus pensamentos e pela vacuidade espiritual, o que não lhes permite apurar dentro de si nenhuma das virtudes que fazem o encanto mais cativante da alma feminina. Com tal desvantagem cegamente provocada, havia imaginado que seria fácil pôr em xeque, com hábeis jogadas, os pontos fracos de Cláudio, e a isso havia confiado o êxito de sua tática. Ante o rotundo fracasso, teve de render-se, sem extrair, uma vez mais e para infelicidade sua, nenhum ensinamento proveitoso.

Apesar de tudo, aquele pensamento travesso permaneceu flutuando no ambiente e se manteve como comentário obrigatório na pauta social.

~

A chácara de Dom Pedro achava-se abandonada.

Quantas mudanças e transformações acontecem no transcurso do tempo!... A casa de paredes brancas, que Dona Laura enfeitara com os tons e semitons cromáticos de suas flores, jazia ziguezagueada por musgosas gretas. Trepadeiras silvestres, misturadas entre a erva daninha, substituíam a alegre floração de outrora. Árvores vetustas, de aspecto severo e sofrido, em cujos ramos musculosos e vencidos parecia perceber-se a nostalgia de tempos extintos, davam ideia do cúmulo de anos que se passaram desde o instante em que o dono desaparecido as plantara, pensando talvez passar junto a elas, em silenciosa companhia, as horas de sua velhice. Dom Pedro, o simpático Dom Pedro Laguna, que fora a alma daquele lugar, ao abandonar este mundo havia rompido, sem dúvida, o feitiço que mantinha sua família apegada a tudo aquilo a que ele queria e de que cuidava com singular carinho. Morto ele, seu filho, o doutor Laguna, não tardou em deixar a herdade, radicando-se outra vez em Buenos Aires na companhia dos seus.

Lá ele reabriu seu consultório. Dedicado por inteiro à profissão, não tardou em alcançar um sólido prestígio, conquistando uma situação que lhe permitiu ocupar, mais tarde, um confortável apartamento no centro de um dos mais elegantes bairros residenciais da cidade. Afeito à intimidade do lar, o

doutor Laguna ressarcia-se das privações que as afanosas horas de trabalho e estudo lhe impunham, desfrutando o carinho da esposa e de sua filha Griselda.

Esta havia completado já vinte e um anos, que refletiam em seu belo rosto, formoso e expressivo, as finuras de um perfil psicológico refinadamente configurado em suas preferências, gostos e modalidades. Propensa a concentrar o pensamento nas intimidades de sua alma, abriam-se ante sua inteligência não poucas interrogações sobre a vida. Aprofundava-se com frequência nelas, como se à sua perícia — e só a ela — devesse confiar a solução de tais questões. Retraída e silenciosa, com o pensamento posto em indefinida distância, seus olhos, de mirada tranquila, se mostravam mais de uma vez velados por inexplicável tristeza. Que nostalgias palpitavam ali, nas insondáveis regiões de sua alma, que nem ela mesma talvez pudesse decifrar? Enamorada da boa leitura, muitas vezes sonhava ser um daqueles seres que a arte idealiza e eleva acima das realizações humanas.

Predominavam em Griselda interesses que, vigorizados provavelmente pela educação recebida de sua mãe, a mantinham resguardada de todo excesso capaz de afetar suas próprias determinações com respeito à conduta que se havia proposto, a qual seguia sem que sua juventude sofresse privação alguma. Por isso, sabia conciliar os compromissos sociais, bem como o ritmo agitado da vida moderna, com as predileções de seu espírito. Com a melhor disposição para frequentar festas e reuniões sociais, Griselda no entanto recusava os convites de suas amigas quando se tratava de compartilhar dessas diversões ou entretenimentos que a desprevenida juventude aceita, crendo emancipar-se com isso de preconceitos e convencionalismos, enquanto ata sua vida a

uma sequela de extravagâncias que a envolvem e prejudicam irremediavelmente.

Sua mãe contava com um considerável número de amizades, de onde provinham em grande parte as amigas de Griselda. A estas se somavam as três filhas de sua tia Eulógia, irmã mais nova de Dona Laura, a cujo caráter alegre e dinâmico se devia, sem lugar a dúvidas, a entusiasmada disposição com que costumava animar sua casa, oferecendo a seus amigos festas ou tertúlias. A jovem dificilmente faltava a elas, pois isso sua tia não lhe permitia, a menos que houvesse razões muito claras. Não obstante, gostava de simular algumas vezes indecisão ou apatia, pois achava divertido quando a tia, alarmada e sobretudo confiante em sua reconhecida eficácia para levantar o ânimo, lhe dizia como estímulo: "Vamos, filha!... Deixe de bobagem! Quer ficar solteira? As jovens como você precisam dançar e se divertir!"

Foi justamente numa daquelas festas que Griselda ouviu falar, depois de muitos anos sem nada saber deles, sobre Nora Larrecochea e, misturado no cochicho, o nome do agora doutor Arribillaga. Tratava-se do recente noivado de ambos; e a notícia, pelo que parecia, era de boa fonte, já que provinha de uma senhora estreitamente vinculada a ambas as famílias.

Griselda, que havia escutado tudo aquilo com o interesse próprio do caso, reparou como se acendiam nela, por esse fato, velhas recordações. Veladas em parte pelo tempo, viu deslizarem por sua mente, em fugaz reminiscência, passagens diversas de sua infância em Tandil, quando, na quinta ancestral dos Lagunas, a família recebia as furtivas visitas do filho de Dom Roque. A evocação pura e simples de tais ocorrências parecia devolver ao semidesvanecido eco das sensações de outrora sua plena nitidez.

Nessa mesma noite, estando já quase entre sonhos, voltaram a representar-se para ela os emotivos episódios de sua infância; mas as imagens, com reiterada obstinação, pareciam empenhadas em projetar-lhe a pequena Nora, frívola e orgulhosa, situando-a como algo incompreensível dentro do acontecimento que lhe tinham acabado de contar. Por último, a figura do avô, a quem venerava, encheu-lhe o coração de ternura, e, reconfortada por sua recordação, adormeceu placidamente.

No dia seguinte, Griselda deteve-se mais que o habitual nas anotações de seu diário íntimo; pegou em seguida um de seus livros prediletos e mergulhou, com avidez, na leitura de suas páginas.

~

Setembro havia chegado. Um sinfônico prelúdio de cores orquestrava o cântico primaveril dos pássaros, anunciando a boa estação em todos os parques e jardins portenhos.

A família Laguna viajava rumo às serras cordobesas. Após um período de intensa atividade profissional, o competente médico resolveu desfrutar com os seus umas breves férias. A proposição encontrou eco favorável no seio familiar, e com tal disposição de ânimo os preparativos foram feitos sem demora.

Enquanto o carro avançava pela estrada, cortando os campos aquecidos pelo sopro que estimula e apressa a manifestação dos primeiros brotos, cada um, respondendo a essa renovação da vida, sentia palpitar seu alento com o estímulo dos projetos que forjava.

Sobre o fundo triste e incolor dos pastos castigados por densas geadas invernais, insinuavam-se já as cores alegres com

que a natureza se reveste anualmente, mostrando, por meio de suas mudanças uniformes, a eternidade que a substancia. Logo a relva voltaria a cobrir os prados, e a ondear sobre os campos o cereal nascente. Nas vilas, por entre a policromia das primeiras flores, as rosas abririam seus botões, as mesmas rosas que em todos os tempos encheram de sã alegria o coração dos homens, e que sempre — como antes e depois — falarão à alma sobre Sua Criação maravilhosa, com o acento inefável do mistério oculto entre suas pétalas. Quem, então, a convite do que seus olhos veem, impedirá que se renovem em sua intimidade os propósitos e promessas de realizar aquilo que consagrara digno de ser desfrutado?

Avançando na rota, passaram por Rosário. O doutor Laguna recordou ali que alguém havia chamado, certa vez, a urbe da província de Santa Fé de cidade triste, cidade sem atrativos... Que razão existiria? Por acaso algum pecado não absolvido, cometido em seu seio, houve de condená-la a permanecer de joelhos ante a majestosa Capital portenha?... Expiaria algum dia sua inocente culpa?

Anoitecia quando chegaram à douta cidade mediterrânea, com sua velha e prestigiosa universidade e seus casarões senhoriais, vestígios da vida patriarcal de outrora, que ainda evoca o incenso e a mirra pelas igrejas que proliferaram em seu seio. Ali se detiveram para passar a noite.

Pela manhã, foram surpreendidos pelo mau tempo, que cedeu no transcurso da viagem, dando lugar a um sol radiante. Ao chegarem ao destino, avistaram do alto a localidade de La Falda, salpicada de telhados avermelhados, ainda brilhantes por causa da recente chuva.

O hotel onde se hospedaram lhes era conhecido de anteriores permanências; pelas comodidades que oferecia e por sua localização, mereceu a preferência unânime. Situado a certa

altura no sopé da serra, de suas janelas e terraços podia-se contemplar a pitoresca topografia do lugar, bem como os luxuosos chalés que a urbanização estendia por aqueles lugares, dia após dia. Do caminho principal, sombreado por espessa ramagem, abriam-se ruas e trilhas para os mais variados lugares.

Como sempre ocorre na serrania cordobesa, a primavera havia chegado com pressa e pujança. Já se podia contemplar a maravilhosa dança das borboletas, que pareciam papeizinhos de cores arrojados pelas mãos invisíveis da natureza. Nos lugares agrestes, o ervaçal, em avanço expansivo, ao agitar-se com a brisa, esparzia em torno o conhecido e fresco aroma da piperina, mesclado ao do poejo. O eterno mistério da clorofila dilatava-se na vistosa tonalidade da folhagem, renovando-se ao conjuro da primavera.

Já refeita do cansaço, a família Laguna saiu cedo para recrear a vista e respirar, com o oxigênio, a paz e as forças sutis que emanam da natureza livre de contaminações. A novidade que o traslado a um ponto qualquer de turismo oferece, impulsionava-os a acalmar as ânsias de renovação que cada ser experimenta ante os chamados naturais. Não há minuto que não se aproveite, como se inconscientemente o homem percebesse que os ciclos da vida se tornam tanto mais longos quanto mais intensamente são vividos.

Ao final da jornada, com a satisfação de haver aproveitado seu tempo, o doutor Laguna retirou-se cedo para descansar. Sua esposa e Griselda o seguiram bem mais tarde, sendo Dona Laura a última a adormecer, absorta na leitura de um livro de Hugo, deixou que seu espírito se deleitasse ante o soberbo espetáculo que a imaginação de um autor oferece em seus transportes quiméricos.

Às duas e meia da manhã, a campainha do telefone soou no quarto do casal, despertando-os bruscamente. O doutor

Laguna atendeu ao chamado inoportuno, sendo informado pelo porteiro de que, da vizinhança, lhe solicitavam atendimento médico de urgência.

Bastante habituado a tais premências, o doutor se vestiu com rapidez. Momentos mais tarde, acompanhado pelo guarda-noturno do hotel, chegava em seu carro ao domicílio do paciente. Foi ali recebido por um amigo deste, que em breves palavras informou sobre o que havia acontecido.

Bastou ao médico uma rápida olhadela para avaliar o inequívoco sintoma de um espasmo laríngeo. Sem perda de tempo, aplicou-lhe a medicação de praxe e, momentos depois, deixava seu paciente livre do desagradável acidente respiratório.

O jovem — oh! caprichos aparentes do acaso! — não era outro que Cláudio Arribillaga. Tão logo se sentiu recuperado, expressou ele a Laguna seu profundo agradecimento e, com voz franca e desimpedida, pediu desculpas pelo incômodo que acabava de ocasionar-lhe.

— Não se preocupe com isso, amigo — o médico manifestou, em tom cordial. — O essencial é que você continue bem; o resto não tem importância.

E, após receitar o necessário e assegurar que dificilmente a moléstia voltaria a se repetir, despediu-se dele, augurando-lhe um pronto restabelecimento.

Durante o trajeto, algo intrigado, o doutor Laguna perguntou ao guarda-noturno:

— Como foi que esses jovens souberam que sou médico e onde me hospedo?

— Muito simples, doutor: quando não se dá com os médicos da vila, recorre-se aos hotéis, para ver se neles está hospedado algum. Geralmente dá bom resultado.

Sem esperar por novas perguntas, o guarda foi relatando, com pesada verborragia, vários casos de chamados urgentes ao

hotel, tentando em vão, vez por outra, arrancar alguma informação sobre o enfermo.

Enquanto o doutor Laguna subia a seu apartamento, ainda o seguia o eco da fala do homem, simples e enfadonha, e o tom fanhoso de sua voz, obstruída por carnosidades.

Ao entrar, encontrou sua esposa acordada. Em seguida, fez-se ouvir a voz sonolenta de Griselda, que, do aposento contíguo, perguntou a seu pai se se tratava de algo grave.

— Não, nada disso — ele replicou, relatando em poucas palavras o motivo do chamado. E adicionou: — O que acontece é que de noite os males parecem ficar maiores.

~

As noites, ainda frias, costumavam reunir um bom número de turistas no salão do hotel. Jovens e mais velhos encontravam ali os mais variados motivos de expansão. Falava-se de passeios e excursões, com seus prazeres e contratempos; de política, de cinema e de tudo mais que faz parte dessa vida isenta de preocupações, sem faltar, é claro, o comentário que quase sempre deixava mais de um ausente exposto na conversa.

Um grande piano deixava escutar os compassos de músicas preferidas para dançar, que muito poucos desaproveitavam.

Foi ali onde Griselda travou íntima amizade com as irmãs Liana e Albina Etchegaray, hospedadas com a mãe no mesmo hotel. As duas eram mais ou menos de sua idade. Joviais, atraentes, simpáticas, pareciam estar sempre dispostas a encarar tudo com bom humor e alegria. Contrastavam em comedimento com Griselda, ainda quando coincidissem em gostos e em muitas inclinações.

Uma tarde, enquanto cavalgavam pelos arredores da vila, Griselda notou a curiosidade com que ambas as irmãs observavam um chalé situado estrategicamente sobre uma encosta, por cujo bem cuidado parque descia graciosamente, como que incrustada na relva, uma escada de pedra que chegava até a borda do caminho.

Intrigada pela insistente bisbilhotice de suas amigas, quis saber:

— Vocês conhecem os donos?

— Só de vista — uma delas respondeu.

— Mora nele um jovem muito charmoso — disse a outra, certa de que a informação era sumamente interessante.

— Ah! então deve haver algum segredinho perdido por aí...

— Oh, não! — Liana exclamou, pondo-se a rir.

Mas não houvse tempo para outros comentários, porque o aludido personagem do chalé, surgindo nesse momento por um dos lados da casa, dirigiu-lhes do alto uma saudação, com gesto muito cortês.

Responderam turbadas ao cumprimento, pondo-se novamente em marcha. Quando já se haviam afastado um trecho, um desejo súbito de fugir dali fê-las fincar com força as esporas em seus cavalos, levando consigo o desconcerto de terem sido surpreendidas naquela indiscrição. Quando estavam longe, riram do motivo que as havia sobressaltado, ficando, não obstante, um pouco preocupadas.

— Ocorreu-me — dizia Griselda a seu pai, horas mais tarde, enquanto jantavam, referindo-se ao pequeno incidente da tarde, — que aquele jovem poderia ser o mesmo que solicitou seus serviços naquela noite. Não lembra como ele se chama?

— Não prestei atenção a esse detalhe. A verdade é que sou bastante desmemoriado em questão de nomes. — E acrescentou, no mesmo instante: — Por que você me pergunta isso?

— Por simples curiosidade, nada mais — respondeu ela, encarando com naturalidade seu pai, em quem observou uma leve expressão inquisitiva.

Percorrendo com o olhar o espaçoso restaurante, que reunia nos fins de semana grande número de turistas, a atenção de Griselda foi atraída pela presença de dois recém-chegados, que ocuparam uma mesa próxima. Prontamente reconheceu um deles, José Gutiérrez, a quem dias atrás ela fora apresentada. Não sabia quem era o outro, mas lhe chamou particularmente a atenção. À amável saudação do primeiro, o segundo acrescentou uma reverente inclinação de cabeça.

Ia ele sentar-se de costas para ela, mas, mudando repentinamente de ideia, pegou outra cadeira e se pôs de frente. O detalhe não escapou a Griselda, que experimentou uma fugaz turbação. A sensibilidade, cuja sutil linguagem se articula na alma por sinais inequívocos que a inteligência acaba por aceitar, parecia haver expressado a seu sentir, nesse momento, alguma mensagem particular de grata repercussão.

Desejosa de satisfazer uma curiosidade que a intrigava por demais, perguntou então a seu pai se não era aquele o mesmo a quem ele havia assistido noites atrás. Laguna, acedendo a seu pedido, aproveitou um breve diálogo com o garçom e olhou de soslaio para o indicado, confirmando que de fato se tratava da mesma pessoa.

Dona Laura, enquanto isso, havia seguido todos os movimentos, sem perder um detalhe, inclusive observando que a comprovação havia agradado a sua filha.

No decorrer do jantar, os olhares de ambos os jovens encontraram-se repetidas vezes. Finalmente, confusa, Griselda não se atreveu a dirigir mais a vista para aquele ponto.

Nessa noite, mãe e filha deixaram o restaurante antes do horário costumeiro, para assistirem à estreia de um filme. Um pouco pressionadas pela hora, pois deviam subir a seus aposentos para retocar o penteado e pegar agasalhos, prescindiram do café. Radiante de juventude uma, mais avançada na trajetória de sua vida a outra, mas estampando ambas a beleza de duas épocas em sucessão harmônica, passaram junto à mesa onde se achavam os jovens. Uma saudação amável e graciosa de Griselda rematou o efeito grato deixado em quem, durante todo aquele jantar, a havia contemplado com interesse e enlevo.

Nesse meio tempo, o doutor Laguna terminava de saborear seu café e acendeu um cigarro. Após duas ou três deleitosas tragadas, decidiu também deixar a mesa.

Como se um fio invisivelmente estendido se encarregasse de enlaçar todos os episódios afins, ao deter-se Laguna a trocar algumas palavras com certos conhecidos, o eco de sua voz chegou até o jovem do chalé, o qual, ao fitá-lo, reconheceu imediatamente seu ocasional benfeitor. Pondo-se de pé discretamente, alcançou-o quando ele chegava à porta do salão e, interceptando-lhe respeitosamente os passos, estendeu-lhe a mão. Conversaram um instante com satisfação de ambas as partes e, ao final, com mais especulação que reconhecimento, Cláudio convidou-o a uma excursão pelas altas serras, que o doutor não se havia animado a percorrer por falta de perícia ao volante. Este recusou em termos corteses, pretextando seu próximo regresso à Capital e outros motivos habilmente encontrados. Em realidade, considerava o convite um tanto prematuro.

Sem demonstrar a contrariedade que o invadia, o jovem aceitou seus argumentos. Talvez ali tivesse terminado o episódio, se não ocorresse a Laguna perguntar-lhe o nome.

— Oh, perdão! Eu me chamo Cláudio Arribillaga, a seu inteiro dispor.

— Arribillaga?... Eu conheço esse sobrenome... Diga-me, você não é o filho de Dom Roque?

— O próprio. O senhor o conhece?

— Ora, se conheço! Você não se recorda de Dom Pedro Laguna, que há muitos anos foi capataz da fazenda de seu tio Larrecochea, lá em Tandil?

— Claro que me recordo!... — e, golpeando a testa com a palma da mão, Cláudio exclamou: — Quer dizer que o senhor é o filho de Dom Pedro!... Como não percebi antes?!

Mas, nem bem terminou de dar vazão a tais mostras de surpresa, outro pensamento se apresentou a sua mente e o fez exclamar, com alvoroço:

— Então... quem acompanhava o senhor era Dona Laura e Griselda?

— Com certeza — o doutor confirmou, sorrindo.

— Quem diria!... — Cláudio exclamou novamente, como se lhe custasse acreditar.

Os dois estreitaram efusivamente as mãos, e houve ali um instante de íntima emotividade.

O passado, feito presente na recordação, unia-se ao momento que começava. Para muitos, é a casualidade a que rege os encontros dessa índole; para as almas sensíveis e intuitivas, porém, tais circunstâncias encerram um significado muito maior, que se desprende dos profundos enigmas da vida.

Talvez no fundo de seu ser Cláudio conservasse inalterável, e com aquela força virginal que animara seu despertar, um afeto que nesse instante irradiava suas ondas sutis. Os corações têm às vezes tão engenhosas formas de se buscarem, que a própria reflexão fica perplexa quando o encontro se produz.

Em ato contínuo, tomado pela ideia de realizar o passeio oferecido e vislumbrando uma possibilidade de êxito, Cláudio insinuou, sorridente:

— O senhor não acha, doutor, que este feliz encontro mereceria ser festejado?

— Você tem razão!... — ele respondeu, compreendendo a que o jovem se referia. — Bem, amigo; venha então amanhã, lá pelas dez horas, e conversaremos, porque nestes casos, como é natural, meu consentimento fica sujeito ao que minha família resolver.

Momentos depois, enquanto subia a escada, o doutor Laguna advertiu-se de algo que, mesmo sem compreender, não podia deixar de relacionar com a curiosidade de sua filha, e murmurou, coçando a cabeça: "Agora matei a charada!".

Abriu a porta do apartamento. Esposa e filha estavam prontas para sair. Laguna fez que não percebeu e, fingindo preocupação, deixou-se cair sobre a poltrona mais próxima.

— Tenho um assunto que me está dando o que fazer! — manifestou, com seriedade muito suspeita; — um assunto tão difícil, que demanda uma imediata reunião de família.

— Mas que cara!... Até parece que ninguém aqui conhece você!... — brincou graciosamente Dona Laura, malogrando-lhe o plano.

O doutor ainda fez um esforço para manter ambas as mulheres na expectativa do assunto que ele havia deixado entrever.

— Mas, papai... quanta chacota! — Griselda exclamou. — Diga de uma vez o que está acontecendo. Não vê que estamos ficando atrasadas?

Por fim, depois de tanto rodeio, a curiosidade ficou satisfeita, promovendo-se em torno da notícia vivas manifestações de espanto.

O escutado pasmou particularmente a Griselda, que não podia vincular a atitude da pessoa que havia visto momentos antes, no restaurante, com a que correspondia a um homem que, como Cláudio Arribillaga, estava comprometido. Não obstante, sobrepondo-se à impressão que a coibia, participou dos comentários de seus pais e manifestou-se favorável a que o convite fosse aceito. O "difícil assunto" havia ficado, portanto, resolvido com o beneplácito de todos, se bem que persistisse alguma reserva por parte de Griselda.

Horas mais tarde, já de regresso, a jovem despediu-se com pressa de seus pais e se deitou. Queria estar a sós com seus pensamentos. Aconteceu, porém, que estes a torturaram por longo tempo, amargurando-lhe as horas precedentes ao sono. Por momentos conseguiu, não obstante, deleitar com eles seu espírito, mas a realidade, apresentando-se ante ela uma e outra vez, a sacudia de súbito, fazendo-a sentir-se como se saísse de um desses sonhos formosos que se desvanecem tão logo as luzes da alvorada dissipam o fulgor das estrelas.

No dia seguinte, por causa de sua longa vigília, Griselda se levantou algo tarde, embora estivesse serena e estimulada por inexplicável confiança. Com presteza, desceu ao restaurante, a fim de juntar-se aos seus, que sem dúvida alguma a aguardavam para o desjejum. Seu corpo, leve e esbelto, de estatura média, vestia um traje esportivo, composto por uma saia justa

de casimira cinza-escura e um suéter branco, que lhe cingia belamente o busto. Sobre os ombros, levava uma jaquetinha de cor azul-clara, que combinava com os brincos. Os cabelos, suaves e ligeiramente ondulados, da mesma cor castanho-clara dos que outrora haviam acariciado sua face infantil, apenas roçavam sua fronte e, penteados com esmero para trás, estavam presos em sedoso coque sobre a nuca, deixando-lhe livre o pescoço. Tinha Griselda a pele clara e rosada, a boca corada e bem traçada, e nos olhos uma serenidade de espírito que, em certos momentos, fazia contraste com sua expressão juvenil, dando-lhe um ar de precoce seriedade.

— Parece que estou um pouco atrasada, não? — perguntou a seus pais.

— Chegou bem na hora — Dona Laura respondeu, apontando para o garçom, que se aproximava com a bandeja repleta de apetitosos biscoitos e doces.

Eram dez e meia da manhã quando os Lagunas e Cláudio, sentados numa galeria que o sol transformava nessa hora em agradável soalheiro, conversavam alegremente, repostos — sobretudo os jovens — da emoção provocada por aquele encontro.

Dona Laura, conversadeira e cordial, e os demais, não menos cordiais que ela, haviam contribuído, após uma breve troca de notícias sobre a vida de ambas as famílias, para um rápido acercamento.

Num momento oportuno, a senhora Laguna perguntou a Cláudio por Nora, felicitando-o por seu recente compromisso.

— Nada mais inverídico do que isso, senhora — esclareceu o jovem com urgência. — Trata-se de uma notícia surgida de uma brincadeira de mau gosto, e lamento deveras que tenha chegado até vocês.

— Entretanto — ela insinuou, — vocês dois sempre foram muito companheiros, e não seria estranho que, já grandes, tivesse surgido um vínculo mais estreito entre ambos.

— Mas a verdade, senhora, é que nunca deixei de considerar Nora como uma irmã. Francamente, eu não poderia ter outro tipo de relacionamento com ela.

— Será que não é alguma contrariedade que leva você a dizer isso? As contrariedades, apesar de tudo, passam...

— E que razão poderia me levar a ocultar isso?

— Nenhuma, absolutamente. Isso é verdade.

— Vocês nem imaginam quanto eu me alegro por ter podido esclarecer este incômodo assunto.

Griselda, que havia seguido com o coração em suspenso o desenvolvimento do diálogo, sentiu que ele se aquietava, pouco a pouco.

— Sua estada aqui é sem dúvida consequência desse fato, não? — tornou a senhora, tenaz em sua indagação.

— Só em parte. Problemas de saúde também me obrigam, de tempos em tempos, a buscar um revigoramento neste clima. Meus empenhos no estudo de uma carreira que levei a cabo em poucos anos e, além disso, atividades circunstanciais de outra ordem foram a principal causa de meu afastamento momentâneo da Capital.

— Você se sente doente?

— Não propriamente doente, senhora, mas devo prestar alguns cuidados a minha saúde.

— Apesar do que disse, não vejo por que sua saúde tenha que exigir tanto de você... — apressou-se em objetar o doutor Laguna, acentuando suas palavras como nos casos em que devia usar, para dissipar alguma obstinação de seus pacientes, o

recurso psicológico de algum pensamento convincente. — Há pouco ouvi você dizer, com pessimismo, que estava se acostumando à ideia de viver só. Nada pior do que isso, amigo Arribillaga. Você, como todos, necessita formar um lar.

— O conselho não é mau, desde que não inclua Nora — Cláudio condicionou, festejando sua própria saída.

— Não posso recomendar-lhe isso — tornou o doutor, alegremente, — embora o fato de conhecê-la por toda uma vida talvez fosse para você uma vantagem.

— Se eu não soubesse que o longo relacionamento familiar não garante o bom entendimento... — insistiu o jovem. — Às vezes, seu excesso destrói o bom senso e a consideração mútua.

— Você terá lá suas razões para dizer isso — manifestou de modo bondoso Dona Laura.

O doutor Laguna recordou, então, que deviam almoçar na casa de uns amigos, situada a grande distância. Por isso, interrompeu a conversa para tratar do passeio proposto por Arribillaga, combinando-se finalmente sua realização para o dia seguinte, quando então sairiam cedo rumo à Pampa de Achala.

~

O inesperado tem sempre a virtude de alterar temporária ou definitivamente o ritmo monótono da vida. Para Griselda, Cláudio surgia agora como o astro que, após o eclipse, volta a brilhar esplendorosamente. Diante do rumo imprevisto que os acontecimentos tomavam, como não haveriam de pulsar as fibras mais sensíveis de sua alma?

O pequeno deus que ensaiara sua pontaria quando crianças voltava a colocá-los, desta vez em tom sentencioso, frente a seu arco em tensão. Era impossível, pois, que Griselda não tecesse mil conjecturas no tear de sua imaginação.

Sem senti-las, quase voaram as horas compreendidas naquele parêntese. O retraimento aparta discretamente a vida do externo para fixar a atenção naquilo que impressiona vivamente o mundo interno do ser. Mesmo a vida carecendo de saber e de experiência, nesse prudente recolhimento da natureza, a sensibilidade, mais lúcida sempre do que o entendimento, chama o amor por seu nome e não se abandona cegamente a ele, como faz o instinto com a paixão. A sensibilidade humana, que acusa nobreza e sinceridade, exige correspondência na honestidade de um afeto. Por isso, sem deixar de afirmar dentro de si estes claros preceitos que a moral do sentimento antepõe à ilusão e à esperança, Griselda experimentou indizível alegria e, com esse ânimo, iniciou desde muito cedo o ansiado dia.

Despertou tão logo os primeiros reflexos do amanhecer chegaram às janelas de seu quarto, e correu feliz a abri-las, levada pelos pensamentos que buliam em seu interior, em comunicativo desejo de fazê-los desfrutar as delícias da brisa matinal. Como a ave que promete a si mesma um dia de expansão, a jovem pôs a voar seus pensamentos; eles, porém, como os pássaros que permaneceram longo tempo em suas gaiolas, prontamente voltaram, temerosos de perder sua deliciosa intimidade. Assim pareceu haver sua alma compreendido, ao retrair-se de repente e reservar os impulsos de seu sentir para ocasiões que o futuro lhe pudesse oferecer. Sem deixar de reforçar dentro de si a reflexão formulada, cedeu não obstante à alegria que a embargava e, com ágeis movimentos, abriu o

guarda-roupa e selecionou as peças que vestiria. Queria estar primorosa naquele dia, queria agradar.

Por sua parte, fascinado com a recordação de Griselda, Cláudio havia passado longas horas jogando paciência com as novas cartas que a Providência havia posto em suas mãos. Entretendo-se com elas a modo de oráculo, consultava-as acerca da agradável surpresa que o destino lhe havia deparado e, envolto na felicidade que lhe sorria, sentiu as angústias da incerteza. Que mãos movem o curso da vida? Que força desconhecida opera nisso? Que secretos desígnios a deusa Fortuna guarda para si, não concedendo às almas o privilégio de penetrar nos prodígios de seu poder irresistível? Devia esperar inexoravelmente que Éon esclarecesse suas dúvidas.

Também ele saltou muito cedo do leito e, após a habitual prática de saudáveis exercícios corporais, vestiu-se com presteza. Enquanto aguardava o momento de reunir-se a seus amigos, comprazia-se na espera, entregue à influência sedutora de alados pensamentos que a imaginação cobria com os véus celestes e rosados do encantamento.

Aproximou-se finalmente a hora, que Cláudio quis superar em pontualidade, chegando ao hotel antes do combinado. Entretanto, grande foi sua surpresa ao ver que a família Laguna já o estava aguardando para iniciarem a jornada.

O carro do jovem partiu velozmente, deixando para trás, em pouco tempo, a zona que marca o acesso à imensa extensão de pedra que se eleva mais e mais, à medida que o caminho se interna, traçando curvas e contracurvas, entre cimos e precipícios.

Tão logo ultrapassaram as primeiras encostas, que se sucedem sem interrupção enquanto o caminho escala os pontos

íngremes, Arribillaga deteve seu carro, convidando a fazerem uma parada. Estavam no cimo de um penhasco. Dali, o panorama se abria amplo, deixando ver as cordilheiras serranas, que se perdiam a distância sobre a planície nebulosa. Às suas costas, flutuando sobre os vértices rochosos, as nuvens se confundiam com eles. O silêncio, quebrado às vezes pelo sibilo de alguma rajada audaz, contribuía para a imponência daquele espetáculo eternamente imóvel. Cumes e abismos, com sua rusticidade inóspita, formavam um todo inseparável, e era fácil sentir, em se aproximando de suas bordas abruptas, a sucção produzida por suas forças, a qual mais de uma vez fez o homem refletir sobre o poder imenso que a natureza exerce sobre a vida humana.

Os quatro caminharam um trecho juntos. Dona Laura, atraída por uma fenda que aparecia a grande distância sobre um solo plano, aferrou-se ao braço do esposo, adiantando-se com ele para observar de perto aquela estranha boca, cujas fauces — segundo puderam comprovar — eram refrescadas por um sussurrante regato.

Griselda fez menção de segui-la, mas Cláudio a deteve gentilmente. A oportunidade de falar com ela a sós se lhe havia oferecido, e por nada queria perdê-la.

— Não consigo sair de meu assombro, Griselda. Quase não posso acreditar nesta felicidade que é ver você de novo.

— Tampouco eu me recuperei ainda da surpresa. Até me parece impossível que você seja o mesmo que conheci quando menina.

— Estou muito mudado?

Olhando-o no rosto e em seguida sorrindo-lhe sugestivamente, ela disse:

— Eu não sei se é verdade, mas me disseram que o esquecimento costuma mudar muito as pessoas...

— Em alguns casos pode ser assim, não tenho dúvida, mas não no meu. Internamente, não mudei em absoluto.

E, como se de súbito o assaltasse uma inquietude, perguntou:

— Você por acaso não estará comprometida?

Ela sorriu e, num gesto brincalhão, levou para trás a mão esquerda, ocultando-a; mas em seguida a apresentou, com faceirice, mostrando-a tal como ele desejava vê-la.

— Só mesmo acreditando em aparições!... — Cláudio exclamou, extasiado.

— Por quê?

— Não é você a mais preciosa de todas as aparições?...

Um sorriso, em resposta à frase galante, enlevou-os docemente, interrompendo-os a voz de Dona Laura, que se aproximava com o esposo.

Retomando a caminhada e tendo atingido a meta, consideraram prudente iniciar o regresso. Ao descer, demoraram-se ainda alguns momentos junto a um rancho para observar uma cena do ambiente. Sobre algumas pedras, em grelha improvisada, dourava-se ao fogo um apetitoso cabrito, aos cuidados de um velho montanhês fundido no molde da vida áspera e agreste. No dizer dele, a carne começava a "llorisquear", significando que o manjar entrava no ponto mais tentador para ser saboreado. Isto lhes recordou que se aproximavam do meio-dia, confirmando-o o característico reflexo estomacal produzido por aquele estimulante cheirinho, o que os levou a apressar o passo para alcançar as zonas povoadas e almoçar no caminho.

Regressaram do passeio aproximadamente no meio da

tarde. Ao separar-se deles, Cláudio perguntou a Griselda se no dia seguinte voltaria a vê-la.

— Talvez — ela respondeu, num tom de voz que sugeria mais do que as palavras.

~

Liana e Albina, que do terraço haviam visto a cena, picadas pela curiosidade alcançaram Griselda quando ela chegava ao final da escada. Para elas, havia sido um verdadeiro acontecimento vê-la acompanhada de Cláudio Arribillaga; daí que a acossassem com perguntas, mostrando-lhe a veemência do pensamento que as intrigava.

Com graça inigualável, Griselda contornou aquele tiroteio verbal e cobriu sua retirada com a promessa de depois tratar do assunto. Mas, quando de noite voltaram a vê-la, não a perdoaram, e ela teve de contar-lhes sem rodeios a origem de sua amizade com Cláudio.

— Você teve uma sorte tremenda!... — Liana exclamou, perplexa ante a série de detalhes que haviam contribuído para aproximá-los novamente.

— É mesmo! — Albina assentiu. — Com certeza, não apareceria tanta sorte para mim.

— Você tem cada uma!... Por que se queixa da sorte, se ela pode nos favorecer quando menos esperamos? Além do mais, o simples fato de a gente se encontrar na vida com um amigo não significa nada fora do comum.

— Isso eu não sei! — objetou Liana, rindo com picardia. — Eu percebo em tudo isto o aroma de um romance. Ele, um

magnífico rapaz, com nome, carreira e fortuna; ela, nem se fala!... Os dois se conheceram na idade das brincadeiras e voltam a se encontrar na flor da idade. Como haverá de acabar isto, senão com o despertar de um amor que vai uni-los por toda a vida?

— Ah! Ah!... Está bem, querida, está bem... Você voa mais que o vento... No final das contas, será o que Deus quiser — disse Griselda, que lhes pediu, fazendo já menção de retirar-se: — Não fiquem aborrecidas comigo se deixo vocês agora; estou muito cansada.

Em seguida, a jovem foi despedir-se de seu pai, que jogava *bridge* próximo dali. Dona Laura havia-se recolhido cedo naquela noite, e Griselda, que desejava falar com ela, subiu ao seu aposento esperando encontrá-la acordada. De fato, ela se achava folheando uma revista.

Sentada à beira de sua cama e movida pelo profundo afeto que a unia a sua mãe, a jovem não tardou em confiar-se a ela.

— Francamente, filha, não sei o que dizer a você... Não pense que estou alheia ao interesse de Cláudio, mas acho que devemos esperar, para termos uma certeza sobre seus propósitos.

Griselda permaneceu pensativa, sem compreender num primeiro instante o que tais palavras significavam.

Para Dona Laura, o momento que sua filha atravessava exigia de sua parte o esforço de evitar que a chama do amor, recém-acesa, eclipsasse sua razão, entregando sua vontade ao fatalismo dos sentidos. Compreendendo, pois, o que se passava em sua alma, precavida como sempre, observou com tato:

— Não posso deixar de associar, minha filha, certas recordações que este encontro com Cláudio me traz. O orgulho dos Larrecochea me fez sofrer bastante quando fomos viver com

seu avô. Eles jamais tiveram este traço que distingue o bom berço: o de aproximar-se com simplicidade dos que não possuem bens tão numerosos. Seu avô, embora dissimulasse isso, sentia na própria carne a dureza dessa distância.

— Eram orgulhosos, eu lembro muito bem, mas CIáudio é diferente.

— Mesmo assim, você deve pensar que ele pertence à família e à mesma classe social.

— Mas, mamãe!... Por acaso não se pode ser bom, ainda que os parentes não sejam?

— Sim, filha, sim... naturalmente!... Sempre há exceções. Mas eu penso que as circunstâncias aconselham prudência. Não se esqueça do que eu lhe disse faz um momento. Você deve conhecer bem o que Cláudio pensa, antes de dar voo a qualquer esperança.

Griselda beijou sua mãe e dirigiu-se ao seu quarto, deitando-se em seguida. As advertências maternas, repicando em seus ouvidos, impediram-na por longo tempo de adormecer. Pela primeira vez em sua vida, a jovem experimentava rebeldia, pois, embora não deixasse de reconhecer o valor daqueles conselhos, eles pareciam incompatíveis com a confiança que Cláudio lhe inspirava. Custava-lhe muitíssimo superar esse conflito nascente, promovido em seus sentimentos. Os carvõezinhos que o acaso acendera um dia em seu coração de criança, e que ficaram por longo tempo inanimados pelas cinzas de escondidas recordações, tinham agora sua influência reavivada, ao atiçá-los Cláudio com sua presença.

Após a espera, o amor trouxe em célere voo uma carta para Griselda: a carta que Cláudio lhe prometera. O branco e alado tapete — sem ser como os que iam da Pérsia à Índia, cruzando os espaços que a imaginação enchia com maravilhosas lendas — transportava, com prodigiosos encantos para os anelos de sua alma, a confidência que, com palavras de fogo, o príncipe encantado lhe enviava, o mesmo que aparece se ajoelhando ante a ilusão do primeiro amor.

Com nervosismo, Griselda rasgou o envelope e retirou uma carta cuidadosamente dobrada, que leu com avidez. Já mais serena, sentou-se na pequena poltrona de sua alcova e voltou a pousar nela seus olhos, relendo-a com calma. Dizia assim:

"Griselda:

"Ontem, quando expressei meu desejo de escrever-lhe, tinha já resolvido o que agora não faço mais que confirmar, isto é, que nada nem ninguém poderá desviar-me do caminho que haverá de conduzir-me aos umbrais da felicidade com a eleita de meu coração.

"A estranha circunstância que acaba de nos aproximar, suscitou em mim um verdadeiro turbilhão de interrogações e muitas reflexões. Há oportunidades que se apresentam uma só vez na vida, e, se tivéssemos de recorrer a um elemento de juízo que denunciasse às claras a existência de tal realidade, bastaria assinalar que tanto você quanto eu permanecemos até agora alheios aos dardos de Cupido.

"Terei que acrescentar algo? Sim, claro que sim; nem os ouvidos nem o coração se conformam tão só com a doçura de uma frase amável. É necessário que escutem e sintam essa maravilhosa palavra que aflora aos lábios amantes, quando a ternura do amor reclama, ao pronunciá-la, o direito de ser correspondida. Amo você, Griselda. E não é a veemência fugaz de um instante o que me im-

pulsiona a expressar isso; é o acesso, ao trono de meu coração, do mais delicado e terno dos sentimentos humanos.

"Mas devo fazer-lhe uma confissão, uma confissão que me tira boa parte da felicidade que hoje sinto. Trata-se dos inconvenientes de saúde que você conhece. Já lhe relatei o quanto isso tem influído sobre meu temperamento, atormentado pelas rebeliões contra um destino que mais de uma vez ameaçou tirar minha vida. Daí o pesar, a aflição que neste momento me invade. Será o temor de que você se mostre indiferente às minhas demandas de carinho? Ou talvez o temor de que, sendo você tão bela, tão suave e doce, não possa ser eu, pelas razões expostas, o depositário de sua preciosa alma?

"Esta carta há de parecer-lhe estranha; sei disso, ou melhor, eu adivinho. Porém, só à mulher amada se podem confiar os sentimentos mais preciosos, sem vacilação e sem temores. Falo-lhe com toda a franqueza, seguro de que você compreenderá a natureza do sentir que inspira minhas palavras. O papel é um magnífico confidente do sentimento que anseia expandir-se, e o simples fato de pensar que estas folhas conservam viva a oferenda que a elas confiei, tranquiliza meu coração com a esperança de que serei bem interpretado.

"Quando, dias atrás, você me mostrou suas mãos, livres de sugestiva aliança, invadiu-me uma ternura singular, e o ardente aviso de que em breve pudesse ser minha a que luzisse nelas, dissipou as nuvens que turvavam meu ânimo.

"Eis aqui, Griselda, o ditado de meu coração. Agora, espero merecer umas palavras suas. Não tema fazê-lo com sinceridade, pois sua resposta, seja ela qual for, me achará em perfeitas condições para recebê-la.

"Com todo o amor e respeito, cumprimenta-a

Cláudio Arribillaga."

Um pouco mais tarde, Dona Laura entrou no quarto, buscando a companhia da filha. Ao vê-la absorta, e com a carta entre as mãos, perguntou-lhe:

— Quem escreveu para você?

— Cláudio, mamãe — a jovem disse, estendendo-lhe a missiva. — Ele me expressa seu carinho e manifesta, ao mesmo tempo, sérias preocupações...

A mãe leu a carta até o final e, vendo depois que Griselda reprimia um soluço, acercou-se dela, solícita.

— Que bobinha, minha filha!... Estou certa de que você se aflige pelo que ele disse sobre sua saúde. Não lhe dê tanta importância, Griselda. Uma viagem de carro, como a que fizemos dias atrás, requer pulmões sadios e certa resistência física. Ontem mesmo, seu pai me dizia algo sobre os exagerados temores de Cláudio, que obedecem, segundo tem observado a uma espécie de mania, a uma obsessão que faz o rapaz acreditar em supostas deficiências pulmonares. Explicou-me que muito disso provém, sem dúvida, dos cuidados desmedidos que o pai teve com ele, por causa de uma doença que sofreu na adolescência. Em parte é explicável: para Dom Roque, esse filho é o único afeto com que ele conta na vida. Mas tudo isso há de passar, não duvide, quando ele tiver preocupações mais absorventes.

Griselda suspirou feliz.

— Você pensa assim deveras, mamãe?

— Sim, minha querida; nesse sentido, você pode estar tranquila... A meu juízo, porém, há algo mais importante que isso. Suponha que Dom Roque, por influência de Fermina, que tanto interfere em sua vida, se negasse a consentir no relacionamento de Cláudio com você. Você acha que ele seria capaz de opor resistência às determinações do pai, que ele tanto respeita e a quem ele mostra ser tão dedicado?

Sem sentir-se afetada pelas últimas palavras da mãe, a jovem disse com atitude tranquila:

— Eu também o havia pensado, mamãe. Mas, a julgar pela segurança que ele põe em suas afirmações, eu diria que isso está descartado.

— Não tenha tanta confiança, filha. É melhor você esperar e ver que atitude o pai dele vai tomar.

Quando ficou novamente a sós, Griselda aproximou-se da janela de seu quarto, buscando talvez, na serena calma do entardecer, um sedativo para sua alma. Ainda tinha em suas mãos a carta, que apertou contra seu peito. Era indubitável que a cálida mensagem a comovera profundamente. Sentia-se feliz com aquele carinho. Sua vida, até então indiferente aos afagos do amor, experimentava o delicioso encanto de sentir-se correspondida. "Meu Cláudio", murmurou, levando a carta aos lábios, "para você são minhas esperanças e meus pensamentos mais puros. Hoje sei que era por você que meu coração aguardava... Minha emoção me anunciou isso, sem saber ainda que era você aquele a quem eu estava vendo."

Após um suspiro feliz, como faz o coração quando desaparece a dúvida que o oprime, Griselda perguntava pouco depois a sua mãe:

— Papai já sabe alguma coisa sobre tudo isto?

— Ah, filha!... Seu pai, nem o vaivém de uma folha lhe escapa.

— E o que é que ele acha?

— Não fez outros reparos além daqueles que eu já expressei a você.

Nesse mesmo dia, Griselda confiava à ponta de sua pluma as seguintes linhas:

"Cláudio:

"Li sua carta e refleti muito. Certamente, este é um momento tão especial, que não consigo encontrar palavras capazes de traduzir com fidelidade meu pensamento. Algo coíbe meu espírito e

me impede de ser mais explícita. Compreenda minha situação, eu lhe peço.

"Amanhã à tarde, depois do chá, aguardarei sua visita.

"Afetuosamente,

Griselda."

~

As horas que se seguiram ao envio dessas linhas pareciam haver transcorrido em branco para Griselda, absorta como estava em emotivas reflexões. Entretanto, o céu de seu pequeno mundo apresentou-se no dia seguinte ligeiramente manchado de cinza. Expectativa e temor se confundiam com ilusões e esperanças, numa tênue mistura. Sua incerteza a respeito de com que olhos a família de Cláudio veria seu namoro a enervava ao aproximar-se a hora de se encontrarem, temendo não saber encarar a situação.

Sob o efeito de tais pensamentos, ela caminhava nessa tarde pelas veredas do parque, entre o verde brilhante da relva recém-regada e o colorido alegre da vegetação.

A freada de um carro ao deter-se na esplanada do hotel fê-la virar a cabeça. Dele descia Cláudio Arribillaga. Voltando sobre seus passos, ela encaminhou-se a seu encontro e, em poucos segundos, ambos cobriram a distância que os separava.

Com palavras a princípio emocionadas, depois mais serenas à medida que se ia recompondo de sua turbação, Cláudio renovou suas declarações de amor, enquanto caminhavam em direção ao hotel. Notando nela, porém, certa reticência, deteve-se.

— O que está acontecendo, Griselda? — perguntou. — Vejo-a preocupada.

— Um pouco, nada mais... São pensamentos que eu gostaria de afugentar.

— Se eu pudesse ajudá-la!... Se estivesse a meu alcance, claro.

Dona Laura, saindo-lhes ao encontro, interrompeu-os:

— O que nos conta de novo, Cláudio?

— Que me sinto outro de uns dias para cá, tanto que eu mesmo ando admirado do quanto estou bem em todos os sentidos.

— Os ares serranos são maravilhosos — a mãe de Griselda insinuou, esquivando-se da hiperbólica frase.

— Muito bons, não tenho a menor dúvida; mas isso não é tudo — ele respondeu, incitado por seu entusiasmo. — Eu comprovei que a nostalgia, o aborrecimento, a indiferença podem também nos asfixiar, mesmo que a gente respire oxigênio puro.

Várias senhoras, que nesse momento organizavam uma partida de cartas, aproximaram-se do grupo para convidar a senhora Laguna, a qual, deixando livres os dois enamorados, permitiu-lhes ir em busca de um lugar discreto onde pudessem conversar à vontade.

A pedido de Cláudio, interessado em conhecer o motivo de sua preocupação, Griselda expressou-lhe:

— Estou inquieta, talvez além da conta, por causa das dificuldades que seu pai poderia criar para você, ao saber de seus propósitos. Sei muito bem que você é livre, e que ele terá de ceder ao que você resolva, mas eu sentiria tanto se acontecesse um desentendimento que pudesse ferir os afetos...

— Oh, não vejo motivo, Griselda!... Que razões poderiam existir para ele se opor? Além do mais, se isso acontecesse, só duraria o tempo que as circunstâncias exigissem para convencê-lo de sua inadequada postura. Confio muito em meu pai, cuja única preocupação foi sempre a de me ver feliz. Já lhe adiantei algumas coisas sobre o assunto, e sua resposta não deve demorar a chegar.

— Que apressado! — Griselda exclamou, sentida. — Não seria mais eficaz encarar o assunto pessoalmente?

— Talvez, mas agora já não há remédio, nem tenho medo de nenhuma consequência. O que me preocupa muitíssimo mais, pode acreditar, é a predisposição de meu organismo a indispor-se.

— E não seriam infundadas tais preocupações?

— Por quê?

— Porque me parece que você é apreensivo demais. Eu acho que, com a desculpa de sua saúde, você se acostumou a mimar em demasia sua própria pessoa.

Cláudio olhou-a fixamente por uns instantes, sem que se pudesse avaliar se a perplexidade que repontava em seu rosto obedecia a uma reação ante a dúvida expressada por ela, ou a um sobressalto produzido de súbito pelo reconhecimento de um erro em que, até então, não havia reparado. Estariam as palavras de Griselda operando sobre ele, nesse momento, a modo de exorcismo? Estaria caindo aos pedaços o feitiço que lhe causara obsessão, induzindo-o a exagerar os sintomas de uma doença padecida tempos atrás, e praticamente extinta? Suas próprias palavras deram a resposta.

— Só uma circunstância como esta — disse — poderia produzir em mim o efeito que produziu, Griselda. Se antes de conhecer você outra pessoa me tivesse feito a mesma reflexão, eu a teria rechaçado cegamente. Não existia em mim, como

existe agora, o menor desejo de modificar minha crença. Mas assim como antes eu alimentava, impelido por pensamentos de rebeldia contra mim mesmo, que vinham dessa minha crença, de agora em diante eu vou rechaçá-la, porque quero me sentir sadio, gozar a vida, e nesse empenho aplicarei minhas melhores energias. Você sabe que pôs, sem querer, o dedo na minha ferida? Sinto-me curado, eu garanto a você, milagrosamente curado.

— É de assustar a rapidez com que você afasta os obstáculos de seu caminho! Eu me pergunto se não conviria que você pensasse com mais calma nas coisas. Que pensasse, por exemplo, nesse passo tão sério que pretende dar.

— Por favor, Griselda!... O amor se sente, não se pensa... e mesmo no caso de se recorrer a algum raciocínio, este não escaparia à influência do sentimento.

— Mas você tem certeza de ser correspondido? — insinuou ela, com faceirice.

— Certeza absoluta, porque a linguagem das almas é mais expressiva que as palavras. Antes que pronunciemos uma só delas, já estaremos secretamente convencidos de que não somos indiferentes ao ser em quem pusemos o olhar e o sentir... Neste momento, eu poderia acrescentar que seus olhos me dizem isso... e também seus lábios, ao sorrirem, apesar de ainda não se terem pronunciado.

— Até parece que você não precisa — ela disse, graciosamente.

— Agora mais do que nunca, Griselda. Mas eu dispenso você de tal exigência, pois considero que ela já foi cumprida.

Ela baixou os formosos olhos, e um suave rubor coloriu suas faces.

O feitiço do momento os envolveu com suas asas imateriais. Nesse fugaz instante, Cláudio tomou entre as suas a mão da jovem e a beijou com ternura.

— Griselda, quero que seus pais conheçam sem demora o que penso.

— É um pouco prematuro, Cláudio. Será melhor que você o faça em Buenos Aires.

— Não; não pode ser. Quero deixar cumprida quanto antes esta formalidade. É para mim uma necessidade absolutamente imperiosa.

Com a presença dos que chegavam antes do jantar, o hotel voltava já a animar-se.

~

O dia seguinte amanheceu chuvoso.

Durante o café, Griselda se lamentava com visível mortificação. Seus pais sorriam discretamente ante o volume que o imprevisto contratempo ia assumindo no ânimo da filha.

— Quanto bem esta chuva vem fazer às searas! — o doutor manifestou, com certo tom matreiro. — Mas não acho que elas vão desfrutá-la por muito tempo. Esta chuva logo vai passar...

— Eu penso o mesmo. Com certeza, lá pelo meio-dia ela já terá acalmado... — adicionou Dona Laura, fazendo também seu prognóstico.

— Pois meu medo é que ela dure o dia todo! — lamentou Griselda, para quem o aspecto do céu pressagiava o contrário.

O doutor Laguna não perdia de vista a inapetência de sua filha. Enquanto passava manteiga e geleia num pedaço de pão, recomendou-lhe furtivamente, sempre com o mesmo tom matreiro, que não deixasse de comer por esse motivo. Fez isso com tal graça que conseguiu finalmente fazê-la sorrir.

Mas o mau tempo não tinha remédio. A chuva não cessava e, a cada escurecimento do céu, renovava-se o aguaceiro. Densas nuvens, impelidas pelo vento em fortes empurrões, cumpriam com premência a tarefa de descarregar seus odres repletos, a ponto de fazer pensar que se haviam inundado os domínios do suposto guardião das chaves do céu.

Ao entardecer, Griselda observava com incontido desalento o tumulto atmosférico, que por instantes se tomava de violência. O pesado carroção das horas parecia deter-se de vez em quando. Sua lentidão inalterável contrastava com o angustioso olhar da jovem, que contemplava a luta tenaz entre chuva e vento por trás das janelas do *hall*. De tempos em tempos, consultava seu relógio, cujos diminutos ponteiros, alheios a sua impaciência, percorriam sua rota circular com imperturbável monotonia.

A voz de Cláudio fê-la virar de pronto a cabeça, transmudando-se instantaneamente sua angústia em alegria plena.

— Oh!..., que imprudência!... Como conveio com este tempo? — disse a ele, buscando as palavras mais apropriadas para disfarçar sua complacência. — Não lhe fará mal?

— Eu tinha de cumprir uma missão inadiável, Griselda... A razão que está por trás supera todas as demais.

Sentaram-se para prosseguir a conversa, que mais de uma vez interromperam para falar do tempo e de outras amenidades, ao serem abordados pelos amigos que permaneciam no hotel, presos pelo temporal.

— Desde ontem — Cláudio manifestou, — não tenho feito outra coisa que tecer projetos sobre nosso futuro. Veja você como são as coisas: aquele mesmo que um dia atrás duvidava de poder mudar o curso de sua vida, agora entrega a você a chave simbólica de seu destino.

— E por acaso é a primeira vez que faz isso?

— Sim, Griselda. Digo com toda a honestidade. Jamais me aconteceu nada parecido, pela simples razão de que nenhuma das mulheres que conheci despertou em mim a simpatia que você me inspira. Qualquer um diria que vivo com atraso, mas a Eva atual, tão emancipada, às vezes tão sem limites, não atende ao meu gosto.

— Pode-se saber onde você vê tanta diferença? Ainda mal me conhece... Quem pode dizer se depois eu vou merecer o mesmo conceito?

— Não, Griselda, você não. Toda a sua pessoa é uma exceção, não combina com o vulgarismo de uma sociedade que perdeu o encanto da antiga intimidade familiar.

— Você fala que nem meus pais, sem tirar nem pôr! Eles não veem com bons olhos o modo de vida de nossa época. Você não imagina as vezes que já ouvi mamãe combater suas amigas, porque elas defendem a ideia de que resistir aos novos costumes é cair no ridículo.

— E você compartilha as opiniões dela?

— Sim, mas com uma diferença: nela atua uma convicção fortalecida pelas observações e pela experiência da vida, enquanto que em mim tudo vem da educação recebida e de conceitos adotados livremente, por afinidade com minhas necessidades íntimas, minhas aspirações, meus gostos, meu modo de ser.

— Como me sinto feliz ao ver confirmados meus próprios pensamentos!

— Quando eu era menina — ela prosseguiu, — recordo quanto me agradava escutar, do vovô, as lendas que ele contava, nas quais sobressaíam personagens em ações de generosidade e heroísmo. Ao ir crescendo, meus pais, conhecendo meus gostos,

costumavam me dar de presente romances e livros de diversos gêneros, que eu lia com verdadeira paixão. Por isso, depois, ao aproximar-me mais da vida, experimentei sensíveis decepções. E não vá você supor que eu pretendia achar a cópia exata daquilo que tinha guardado em minha imaginação, oh, não!...

— Menos mal! — Cláudio exclamou, rindo.

— Não se alegre tanto; eu ainda não disse até que ponto fui reduzindo minhas pretensões.

— É justamente o que espero; que você não as tenha mantido tão no alto, que seja difícil para mim satisfazê-las.

Após um sorriso, Cláudio acrescentou, cheio de entusiasmo:

— Griselda, eu comemoro o fato de você ser tão reflexiva. Comemoro e aplaudo. Você não sabe como meu amor se exalta ao ouvir você e ao conhecer de perto as intimidades de sua alma.

Intentou ele com veemência tomar de repente as mãos de Griselda entre as suas, mas ela se opôs delicadamente.

— Não é sensato, Cláudio, deixar-se levar por arrebatamentos.

— Tem razão. Vejo que você já começa a me guiar, para que o caminho que deverei percorrer até você seja menos difícil. Isso me deixa satisfeito, e até agradecido. Na verdade, sou um pouco impulsivo.

— Só um pouco?

Em seguida, procurando expressar-se de forma a não se expor a um novo fracasso, Cláudio perguntou:

— Por que não nos tratamos com a mesma sem-cerimônia de quando éramos crianças?

— Porque agora somos crescidinhos, e você, um senhor muito respeitável... — replicou ela, rindo.

E assim, enquanto o pretendente movia com estratégia seus bispos em hábeis jogadas, a rainha branca se deslocava com agilidade pelo tabuleiro. Os xeques se repetiram com frequência, mas sem que chegassem a definir a contenda.

Com pesar, chegou finalmente a inevitável e temida hora da despedida. Ao se separarem naquela tarde, guardaram ambos dentro de si a doce promessa de uma aproximação de suas vidas, que se iria acentuando nos dias vindouros.

~

Nessa mesma noite, enquanto aguardavam no salão a chegada de Dona Laura para organizar uma partida de canastra, o doutor Laguna interpelou a filha:

— Fiquei sabendo pela sua mãe que Cláudio Arribillaga se interessa por você.

— É verdade, papai — respondeu Griselda, que, animada pelo tom afetuoso da voz paterna, lhe revelou a atração que mutuamente sentiam, suscitando-se a partir dali um diálogo cordialíssimo.

Dona Laura uniu-se a eles e, entre apreciações e brincadeiras, transcorreu um instante de comunicativa alegria.

Iniciado o jogo, suas alternativas não tardaram a promover desavenças — quiçá as únicas que se produziam entre eles —, seja pela simulada vanglória de quem ganhava, seja pelo aparente inconformismo de quem errava. No fundo, tudo era parte do entretenimento.

Liana e Albina aproximaram-se deles, para convidar Griselda a integrar um grupo juvenil. O já próximo regresso dos Laguna era motivo mais que suficiente para sua instantânea

aceitação. Assim, pois, o remate feliz de uma jogada de Dona Laura permitiu que Griselda atendesse suas amigas.

Misturando-se ao grupo, Griselda ocupou um lugar junto a Liana, que lhe tomou a mão e lhe disse em seguida, baixo e em tom carinhoso:

— Você não faz ideia de como se fala de seu caso... É o pratinho do dia, querida!

— E o que é que dizem?

— Você se assustaria se eu contasse!... — a maliciosa lhe respondeu, com deliberado exagero.

— Pelo que vejo — Griselda manifestou, resignada a suportar tudo, — aqui ninguém escapa da avidez do mexerico, que não fica satisfeito enquanto não passa pelo moinho da crítica cada grão que consegue tirar da colheita alheia.

— E quando o grão é do tamanho de um menino — acrescentou Liana, soltando uma gargalhada — você pode fazer ideia do trabalho que ele vai dar a esse tal moinho!

Seu riso contagiante fez com que os demais quisessem saber o motivo daquele alvoroço.

— Não, não, não!... São assuntos particulares, que não precisam passar pela peneira da opinião pública — Liana sustentou.

— Queremos saber do que se trata — insistiram, repetindo a meia voz o estribilho.

José Gutiérrez, oportuno e cavalheiro como sempre, saiu em defesa das duas jovens e, com gestos não isentos de comicidade, propôs que lhes perdoassem por essa vez a travessura, cujo desfecho, disse ele, parecia ser de caráter reservado. O episódio terminou numa algazarra de risos, brincadeiras e frases jocosas.

Não faltou quem, em tom de troça, expressasse admiração por não terem convidado Cláudio Arribillaga nessa noite,

insinuação a que Gutiérrez respondeu, dizendo que ele mesmo se havia encarregado de fazê-lo, mas Cláudio se recusara, por estar à espera de uma comunicação telefônica de Buenos Aires.

Griselda não pôde evitar um sobressalto e, fosse possível, de bom grado deixaria seus amigos naquele mesmo instante.

Quando, passada a meia-noite, ela entrou em seu aposento, viu luz no quarto de seus pais e, ouvindo-os conversar, dirigiu-se a eles.

— Qual dos dois ganhou? — perguntou ela, atenciosa.

— Saímos empatados — respondeu o doutor Laguna. — É difícil ganhar de sua mãe.

— Não é isso... — a senhora protestou. — O que acontece é que você se distrai.

— Talvez seja como mamãe diz, porque você geralmente perde.

— E você, como foi?

— Muito bem, mamãe. Tivemos uma reunião divertidíssima — respondeu a jovem.

Seu rosto, entretanto, não confirmava o que dizia. Sem dúvida, ela mesma se dava conta disso e, para evitar novas perguntas, manifestou estar um pouco cansada, despedindo-se dos pais com seu habitual afeto.

~

Através da persiana entreaberta, os raios da lua formavam caprichosos desenhos na superfície da colcha que cobria a estilizada silhueta de Griselda. Após persistente vigília, arrebatada pelo cântico hipnótico de Morfeu, ela havia enlanguescido por fim em seus braços, adormecendo profundamente. Com a

formosa cabeça repousada com confiança sobre o travesseiro, evocava nesse instante o adorável espetáculo daquelas princesas orientais que o nume poético descreve como guardadas em torres inacessíveis. Em suas alcovas, entregues ao sono ou ao êxtase, burlavam, sem terem disso intenção, a vigilância de seus guardiães. Essa evasão em espírito lhes permitia alcançar o conúbio divino propiciado por suas alucinações, que atenuava em parte o martírio de um encarceramento incompreensível condenando-as a eterno celibato. A alma de Griselda, como a daquelas cativas régias, sem dúvida se havia remontado até as estepes celestiais, das quais se costuma conservar vaga memória ao despertar. A incerteza do futuro, as dificuldades que poderiam sobrevir nas etapas de seu namoro, constituíam para ela essa prisão simbólica. Profundos suspiros, que de quando em vez escapavam de seu peito, pareciam fazê-la transpor as muralhas lendárias, para acariciar contidas expansões no mais íntimo de seu coração.

A imensa cúpula celeste, com sua escura tela de fundo, deslocava-se prodigiosamente para outras latitudes, e suas eternas luminárias, como olhos que jamais conheceram o sono, seguiam-na para sondar novos destinos.

O imponente Febo, que não entende a língua dos enamorados, por fim se ergueu altaneiro, devorando com afã de ciclope os minutos que o relógio dos homens se encarrega de anotar com rigorosa precisão.

Tudo parecia favorecer o instante de um agradável despertar. Mas depois de abrir placidamente os olhos, Griselda logo recordou suas preocupações anteriores. Vestiu-se inquieta, dispondo-se, com pouco entusiasmo, a acompanhar seus pais num dos últimos passeios que durante a estada fariam nas serras.

Aquela excursão pelas montanhas haveria de ser a menos tranquila para ela, já que, por um inesperado atraso ao empreenderem a volta, seu coração enamorado teve de sofrer contínuos sobressaltos, ao ver como se ia malogrando o feliz encontro com que contara naquela manhã.

Entretanto, tal não ocorreu.

Ao penetrarem pelos grandes portões do hotel, cruzaram com o carro de Cláudio. Voltar seu veículo em rápida manobra, abrir a porta, saltar do assento e estar junto ao carro dos Laguna no preciso instante em que Griselda descia dele; tudo isso Cláudio fez num átimo.

— Você já ia embora? — Griselda perguntou, com olhar ansioso.

— Oh, não!... Ia ao correio colocar uma carta, pensando que vocês iam chegar mais tarde.

— Papai é por temperamento avesso à velocidade.

Ouvindo-a, seu pai se justificou, muito calmamente:

— Eu não confio nas rodas, filha. Além do mais, nem sempre é bom correr quando queremos ser pontuais.

Em breves palavras, Cláudio pôs Griselda a par das novidades que haviam surgido.

— Ontem à noite — disse — ao voltar para casa, encontrei um telegrama de meu pai, pedindo meu regresso com urgência. No mesmo instante, achei que seu chamado tinha relação com minha carta, e mais tarde confirmei por telefone que tinha mesmo.

— Oh, Cláudio, eu estava pressentindo isso! O começo de nossas dificuldades não podia demorar...

— Nem pense nisso, Griselda. É natural que meu pai queira conhecer meus propósitos.

— Sim, é natural. O estranho é essa pressa por sua volta. O que você pensa fazer agora?

— Ir embora amanhã de madrugada. Não fico tranquilo enquanto não resolver a nosso favor este assunto.

— Você vai um dia na nossa frente. Vamos sair depois de amanhã.

— É realmente uma pena a gente não poder ir junto.

Quando o doutor Laguna se inteirou do inesperado regresso de Cláudio, sugeriu a sua esposa que o convidasse para almoçar. A proposta foi acolhida com agrado unânime.

Laguna e Arribillaga dirigiram-se ao bar, e ali, enquanto esperavam que as damas se reunissem a eles, o jovem enamorado expôs ao doutor os propósitos que tinha a respeito de sua filha, reforçando suas palavras com a afirmação de que faria todo o empenho em torná-la sua esposa o mais breve possível. Às prudentes reflexões do doutor, no sentido de que tal proposição teria que ser ratificada em Buenos Aires após conversar com seu pai, Cláudio respondeu que seguiria essa linha de conduta.

— Seja como for — o doutor Laguna concluiu, — conte com toda a nossa simpatia e nossos melhores anelos de que seus assuntos se resolvam com acerto.

O almoço transcorreu alegremente. À sobremesa, o pai de Griselda brindou à felicidade de todos. Cláudio então levantou sua taça:

— Ainda que pareça prematuro — manifestou, — meu sentir já me faz membro da família, à qual eu desejo um futuro pleno de ventura.

Momentos depois, discretamente, os pais de Griselda se despediram de Cláudio, retirando-se para descansar.

Quando os dois namorados ficaram a sós, ele, satisfeito com o andamento das coisas, expressou a Griselda:

— Oxalá possamos somar a este dia inolvidável muitos outros, ainda mais gratos e felizes.

Convidados em seguida pela placidez atmosférica, saíram a dar um breve passeio pelo parque. Ali, ao estímulo da deliciosa soledade, ambos confiaram seus corações à intimidade daquele momento idílico, consentindo-se o obséquio da mais doce das carícias.

Ao separar-se de Griselda, Cláudio levou naquele dia essa amável recordação, que renovaria nele, instante após instante, a promessa de fazê-la companheira de sua vida.

~

Em Buenos Aires, uma situação delicada aguardava Cláudio. Nora, reagindo sem escrúpulos por força de sua atitude resoluta e terminante, havia chegado de forma solapada até Dom Roque, num atrevido intento de triunfo. Disso o jovem teve noção tão logo trocou as primeiras palavras com o pai, pois este, que havia dado crédito à conversa de sua prima, julgando-o com excessiva severidade, não demorou em encher-lhe os ouvidos de repreensões e censuras.

Um grande pesar se apoderou de seu ânimo, sobretudo ao considerar os efeitos da intervenção de Dona Fermina, que, desconhecendo as tramas e manejos da filha, havia apresentado o assunto a Dom Roque com pleno convencimento de que advogava por uma causa justa.

No outro dia, em horas avançadas da tarde, sem ter conseguido ainda solucionar aquele imprevisto, Cláudio se vestia,

disposto a fazer um passeio pelas ruas para apagar os efeitos das anteriores horas de angústia. Todos os seus movimentos relacionados com aquela tarefa indicavam que a depressão impressa em seu semblante tirava vigor a seus membros. Estava longe de supor que Patrício, ao entrar nesse instante em seus aposentos, lhe anunciaria a presença na casa de Dona Fermina e sua filha Nora.

A novidade consternou o jovem. Mas logo a indignação fê-lo reagir e, com a ajuda diligente do criado, conseguiu vestir-se rapidamente, desejoso de enfrentar quanto antes aquela desagradável e conturbada situação.

Desceu apressado a escada e, com andar ligeiro, nervoso, resoluto, penetrou no escritório do pai, onde os três se achavam reunidos.

Com afetada explosão de surpresa e alegria, Dona Fermina o recebeu:

— Cláudio!... Como está você?

E acrescentou em seguida, repreendendo-o:

— Você não nos telefonou!... Eu não acredito!...

Cláudio desculpou-se com a parcimônia que a própria situação impunha, cumprimentando Nora em seguida.

Depois, tudo foi silêncio. Dom Roque, rijo em sua poltrona, inibia a todos com sua atitude austera, rigorosa, pouco comum nele, mantendo-os na expectativa do que estaria disposto a dizer. Enquanto as mulheres esperavam por um pronunciamento favorável, Cláudio achava-se prevenido contra o que, naquele momento, lhe pudesse vir de seu genitor.

Dom Roque, já tendo arrancado suficiente brilho das hastes de seus óculos, entrou no assunto:

— Vocês chegaram justamente num momento especialíssimo, porque estou planejando uma viagem à Europa, em companhia de Cláudio.

— Não pode ser, tio Roque!... — Nora protestou.

— Mas como você pôde pensar numa coisa dessas!... — a mãe objetou, erguendo-se do assento.

Quanto a Cláudio, não lhe foi possível, em tão fugaz instante, afirmar se adivinhava nas palavras do pai um ardil para livrar-se da pesada parentalha, ou se as interpretava como uma medida de força esgrimida contra ele, para pressioná-lo. Não obstante, manteve-se impassível.

Fermina apressou-se em tomar novamente a palavra, sobressaltada pela intempestiva determinação de Dom Roque, a quem repreendeu com energia:

— Mas justamente agora você tem essa ideia de viajar à Europa?! Agora que planejávamos formalizar o noivado de Norinha e Cláudio?!

— Como?!... — este perguntou, perplexo. — Quem é que vai formalizar meu noivado?!... Vocês?!... E eu não sou ninguém?!... De onde vocês tiraram esses amores que jamais existiram?

— Não é verdade o que você diz! — Nora recriminou, transtornada. — Você teve atenções e palavras comigo que diziam muito bem o que neste momento está negando! Eu também lhe escrevi cartas, e você nunca refutou o que eu dizia nelas.

— E não foi suficiente para você o fato de eu deixá-las sem resposta?

Dona Fermina enrubescia, sufocada por tudo aquilo. Entretanto, confiando que ainda poderia fazer valer sua influência sobre Cláudio, expressou, conciliadora:

— Mas, filho, o que aconteceu com você? Não o estou reconhecendo! Você por acaso ignora que mais ou menos de um mês para cá, desde a festa de Cecília, todos falam de seu namoro com Nora? Vamos, rapaz, é preciso acertar este assunto!... Você tem de ser razoável.

— Sinto muito, tia. Não temos nada para acertar, porque nada disso que se falou aqui nunca existiu.

Nora fitou-o com desdém.

— Ah, é assim?! Isso você diz agora, depois que se envolveu com sua pretensiosa dulcineia!

Cláudio não respondeu. Decidido, porém, a pôr ponto final, informou a seus parentes que seu namoro com Griselda era um fato que não admitia discussões.

Dona Fermina, que via desmoronar sua ascendência familiar, não apenas sobre Dom Roque, que até ali nada havia dito em seu favor, como também sobre Cláudio, acabou por censurar duramente a este por seu procedimento para com elas, que tachou de insensato. E, como se isso fosse pouco, Nora, excitadíssima, lhe disse com despeito:

— Está na cara que andei fazendo papel de boba. Como se vê, a neta do velho Laguna acabou seguindo os seus passos!

Dom Roque, no íntimo insatisfeito com aquela áspera controvérsia, com as palavras subindo de tom, interveio então com ânimo de apaziguá-la, explicando em breves palavras as circunstâncias que motivaram o encontro de Griselda com seu filho. Mas isso não bastou. Uma e outra vez, precisou lançar mão de seus recursos, até que, cansado afinal, disse claramente a Fermina que não insistisse e deixasse o assunto por sua conta.

Quando ela e sua filha saíram, Dom Roque voltou-se para Cláudio, que permanecia cabisbaixo e como que esmagado em seu assento. Depois de mirá-lo por um instante, e talvez com menos benevolência que a exigida por seu coração, perguntou-lhe:

— Você está informado sobre a posição econômica dos pais dessa moça?

— Não me preocupei em verificar isso... — replicou seu filho, contrariado pela índole da pergunta e pela forma de aludir a Griselda.

Apesar disso, serenou-se e acrescentou:

— Só sei que seu pai é um médico de prestígio, que exerce com êxito sua profissão. Por outra parte, apesar de ter convivido pouco com sua família, tenho um ótimo conceito dela. Quanto a Griselda, já lhe disse que é bondosa, culta e inteligente. Se você a conhecesse, tenho certeza que gostaria muito dela.

Depois de escutar aquela resposta, franca e singela, Dom Roque, cujos passos dados a esmo, num e noutro sentido da sala, denunciavam seu grande nervosismo, parou diante de seu filho:

— A única coisa que lhe posso dizer é que será para nós um vexame quando parentes e amigos ficarem sabendo que você pôs os olhos numa mulher que não é da sua condição social. Vejo em tudo isso um deslize de sua parte, e pode estar seguro de que eu me negarei a aceitar tal coisa.

Não era, por certo, o livre juízo de Dom Roque o que Cláudio acabava de escutar. Conhecia seu pai, podendo avaliar até que ponto as ideias superficiais de Fermina lhe haviam penetrado na cabeça, e o muito que ela havia influído para diminuir e até lesar a reputação da família de Griselda. Dando-se plena conta da situação desvantajosa em que estava, e já duvidando se poderia romper com aquele emperramento, disse, não obstante, em tom persuasivo:

— Eu acho, papai, que nosso nome não vai ficar desmerecido em nada. Trata-se de uma família honrada. Além disso, Griselda reúne todas as condições desejáveis para ser minha esposa. E, por último, como sou eu quem vai se casar, suponho que o mínimo direito que me assiste é o de escolher a noiva.

Dom Roque, vendo que nenhum dos recursos postos em prática para submeter seu filho havia tido êxito, dispôs-se en-

tão a esgrimir outro mais contundente, claro que sem o propósito de consumá-lo:

— Bem, muito bem! Mas você precisa saber que estou resolvido a confiar a administração de meus negócios a outra pessoa. Faz mais de dez anos que Dom Gregório se encarrega da contabilidade, e ele poderá substituir você sem problema nenhum.

— Quer dizer que você me desliga de tudo?

— Assim mesmo. Mas isso não deve ser motivo de estranheza alguma, pois estou fazendo o mesmo que você: exercendo o direito de livre vontade.

— Está bem... — tornou Cláudio, com evidente desconcerto.

E, sem nada mais dizer, abandonou o escritório.

~

Em razão de tal acontecimento, a mente de Cláudio fervia como uma caldeira. Após horas de agitado sono, pediu pela manhã o café, dirigindo-se em seguida à casa de Dom Luciano Almeida, rico fazendeiro e velho amigo de seu pai.

Veio recebê-lo Luciano, o filho caçula, mais conhecido por Lucianito, diminutivo que ele conservava desde a infância, junto com um caráter caçoador e folgazão. Tinha a mesma idade de Cláudio e fora seu colega de vida estudantil.

Com vivas mostras de júbilo, festejou a visita do amigo, mas logo se conteve ao ver seu abatimento, que Cláudio lhe explicou em parte, dizendo que tinha muita necessidade de falar com seu pai, por motivos que o preocupavam.

Momentos depois, Cláudio se via a sós com Dom Luciano, que o acolheu com paternal afeto.

Era este um homem lhano e honesto, brando e sumamente otimista, condições que, unidas a uma situação econômica muito folgada, haviam influído no caráter despreocupado e superficial de seu filho.

— Olá, Cláudio!... O que traz você tão cedo por aqui? — disse-lhe de saída. Ao ver, porém, seu rosto transfigurado, acrescentou: — Juraria que há uma mulher nisso...

— Não se trata do que o senhor pensa, Dom Luciano — Cláudio replicou, narrando-lhe seu problema.

— Faço ideia do que você está passando — o senhor Almeida expressou, depois de escutá-lo. — Conheço seu pai e sei que ele é meio cabeça-dura; quando se aferra a uma ideia, não existe quem a arranque de sua moleira.

— É justamente por isso que estou pensando em me instalar por minha própria conta e deixar que as coisas continuem como estão.

— Não, rapaz! Você é jovem e inteligente, e não duvido que sua profissão o ajudará a fazer carreira, mas não acho que convenha ir tão longe.

— É que eu não vejo outra saída, Dom Luciano. A única solução é me instalar na banca de algum colega amigo.

— Mas por quê?! Você por acaso não dispõe da herança de sua mãe?

— Meu pai nunca me falou dela nem esse assunto jamais me preocupou; e por uma questão de respeito eu não gostaria de tocar nisso agora.

— Entretanto — Dom Luciano opinou, — penso que as circunstâncias estão exigindo uma mudança de parecer, já que você deve encarar a vida levando em conta a perspectiva de for-

mar um lar. Eu sei muito bem o que levou seu pai a não falar nunca com você desses bens, pois ele é muito receoso do mau uso que na sua idade se pode fazer de uma fortuna... Bem, Cláudio, se você quiser, eu falo com ele sobre esse assunto.

— Prefiro que o senhor não o faça, Dom Luciano. O senhor já sabe que para mim esse ponto é sagrado.

— Então, o mais prudente será que você trate de se reconciliar com ele. Quem sabe se hoje você não vai encontrá-lo já com outra disposição de ânimo?

— Duvido disso, e como não penso em ceder um palmo no que diz respeito a minha namorada, estou resolvido a abandonar a casa de meu pai, para evitar outros desgostos.

— Não lhe parece extremada essa decisão? Procure evitar a veemência, rapaz.

Por várias vezes, Dom Luciano fez-lhe um chamado à serenidade e à temperança, mas, vendo a firmeza que as palavras de Cláudio traduziam, terminou por oferecer-lhe sua casa, até que resolvesse sua situação.

— Você me diz depois se precisa de alguma coisa. E já sabe: não se preocupe demais com esse assunto. Não se deve desesperar, meu amigo — acrescentou, pondo-se de pé e apoiando a mão sobre o ombro do jovem. — As coisas nem sempre saem como a gente quer, mas, se desanimamos, fica ainda mais difícil alcançar aquilo a que honestamente a gente se propôs. Agora, pense bem sobre a decisão que você vai tomar, e depois falaremos.

Ao deixar a casa de Dom Luciano, disposto a retirar da sua os seus pertences, Cláudio pensava com gratidão na nobreza daquele gesto amplo e generoso do amigo de seu pai. Absorto em suas preocupações, e ao mesmo tempo premido pela pressa de levar a cabo a ideia que o aguilhoava, andou pelas ruas como um autômato, ausente de tudo o que ocorria ao seu

redor. Ao chegar, foi recebido por Patrício, a quem ordenou que preparasse suas malas.

— Vai a sair de viagem outra vez?... — perguntou este, com discrição e sobressalto ao mesmo tempo.

Contra seu costume, Cláudio não respondeu, e, quem sabe por que curiosa causa, em vez de galgar precipitadamente a escada que o levava a seus aposentos, subiu por ela com toda a lentidão, como se contasse os degraus.

Já prontas as malas, em cuja arrumação ajudou, pediu a Patrício que lhe chamasse um táxi.

— Mas para quê, menino?... Não vai sair em seu carro?

— Não, Patrício. Não vou precisar.

Momentos depois, Cláudio despedia-se dele, dedicando-lhe algumas palavras afetuosas e recomendando comunicar a seu pai que oportunamente faria chegar notícias suas.

Patrício, de pé junto ao portal, viu afastar-se o veículo, que desapareceu ao dobrar a esquina. Não ignorava o motivo e, ante tão extrema resolução, tampouco o consolava o fato de que fora a eventual ausência de Dom Roque que o forçara a não fazer nada para impedi-la.

~

Era aproximadamente meio-dia quando Dom Roque se inteirou do lamentável acontecimento. Patrício contou-lhe e, ao fazê-lo, tomou todas as precauções para abrandar seu efeito.

— Que loucura! Que loucura!... — repetia aquele, depois de escutá-lo.

Quando conseguiu reagir à estupefação que lhe provocara a notícia, decidiu comunicar-se com Fermina, mantendo uma

longa e sufocante conversa telefônica, durante a qual teve de aguentar uma sucessão de alfinetadas mordazes, dirigidas por ela contra a namorada de seu filho. Para completar, pareceu que sua parenta entrou a investir contra Cláudio, pois se pôde ouvir Dom Roque dizer:

— E daí?... O que é que você quer que eu faça?... Botar o rapaz de castigo? Ou então fazer dele um pupilo de colégio interno?... Deixe de bobagens, que diabo! Você está vendo o resultado de tudo o que eu quis impor a ele... Não, Fermina! Cláudio não é mais uma criança, e quando um pensamento o pega para valer é pior do que eu, isso eu lhe garanto!

Dom Roque quase não almoçou nesse dia. Mais tarde, podia-se vê-lo refletir, como se tivesse proposto a si mesmo passar em revista a série de circunstâncias que motivaram a situação criada. Analisando friamente as causas que o tinham induzido a contrariar os projetos do filho, talvez agora reconhecesse que não havia razões válidas, porque a expressão de seu rosto, ao final daquele exame, perdeu em parte as duras rugas que o haviam tornado austero.

Pareceu ser fruto daquelas reflexões a determinação, posta em prática imediatamente, de fazer alguns chamados telefônicos, com o objetivo de dar com o paradeiro de Cláudio. A investigação não deu resultado. Em seguida, ocupou o tempo em despachar a correspondência e, já próxima a hora do jantar, batendo na testa ao recordar-se de súbito de seu velho amigo Luciano, lamentou não tê-lo levado em conta logo de início. Comunicando-se com ele sem demora, em poucas palavras expôs as novidades da família e rogou-lhe que viesse visitá-lo naquela mesma noite.

Horas mais tarde, sentados ambos os amigos um frente ao outro, Dom Roque comentava a breve história dos amores de seu filho com a neta de Laguna.

— Lembra que ele foi capataz da fazenda de Túlio? — disse-lhe pouco depois de começar.

— Como não ia me recordar de Dom Pedro!... Era um excelente homem, bom num cavalo e bebedor de mate como ninguém. Não tinha um filho médico?

— Sim, pois é isso. E se não estou mal informado, ele vive com sua família não longe daqui. Ao que parece, estiveram em Córdoba, lá se encontraram com Cláudio, e — sei lá o que aconteceu!... — o rapaz voltou transtornado com a filha dele.

— Olhe, Roque, me desculpe a franqueza, mas acho que você faz mal em se opor a esses amores, que no final das contas não vão desonrar seu bom nome. Eu não conheço o doutor Laguna nem a sua família, mas imagino que seja culta e respeitável. Além do mais, eu recordo — e sem dúvida você deve recordar também — que o falecido irmão de Dom Pedro era um homem de muito boa posição. Foi um médico de renome e atuou em clínicas da Europa e dos Estados Unidos, como bolsista de nosso governo.

— Sabe que você tem razão?... Eu tinha esquecido disso. Mas me diga, Luciano, você não faz ideia de onde pode estar meu rapaz?

— Acho que chegou o momento de dizer que ele está em minha casa.

— Ah, seu fingido! — Dom Roque exclamou, aliviado. — Sabia de tudo e se fazia de desentendido, hein?

— Tudo não, uma vez que eu não sabia sua posição neste assunto. Agora me diga o que você pensa fazer. De minha parte, devo adiantar que Cláudio já foi ver um colega, com o propósito de instalar seu escritório.

— Realmente, Luciano, não sei o que fazer... Se eu me mostro indulgente, ele vai achar que ganhou a parada e vai se envaidecer, o que me afetaria muito.

— Não penso assim de seu filho. Além do mais, eu posso me encarregar de falar com ele sobre isso e preveni-lo da melhor forma. Decida você, então, o que devo dizer a ele.

— Que volte para casa e deixe de tolices!

— Isso me parece bem, mas não o receba com recriminações, porque as coisas ficariam na mesma. Eu penso que você deve consentir.

— Bem... isso nós veremos mais adiante.

— Não, Roque; você tem que se definir de uma vez. Posso garantir que você perderá seu tempo se ainda pensa em fazer Cláudio mudar de ideia.

— Está bem, Luciano... Então me faça outro favor: venha amanhã com ele e fique para almoçar.

— Se é para comemorar a reconciliação, aceito; do contrário, não.

— De acordo!

E, com um forte abraço, os dois velhos amigos combinaram a volta do filho ao lar paterno.

~

Alheio à entrevista que Dom Luciano mantivera à noite com seu pai, Cláudio saiu cedo a caminhar. Andava sem rumo, ansioso por desafogar sua mente, acossado como estava por uma quantidade de pensamentos que pareciam empenhados em promover sua desventura. Como costuma acontecer em circunstâncias semelhantes, estes o enredavam cada vez mais, justamente por causa da imaginação, que é a que provoca em tais casos o devaneio.

Cedendo ao influxo da miragem mental, Cláudio logo se viu envolvido em mil assuntos judiciais, cujos honorários sa-

tisfaziam com folga suas aspirações. As coisas iam resolvendo-se em sua mente com espantosa facilidade, quando, ao cruzar uma rua, a buzina estridente de um automóvel em manobra perigosa fê-lo voltar a si, e ele de novo se viu diante de uma realidade que diferia bastante daquelas ilusões baralhadas em sua abstração quimérica. Recobrando-se internamente, então pensou em como seria lento o processo de organizar sua profissão com fins lucrativos. Seu ânimo, minutos antes otimista, caiu verticalmente, e em tal estado de abatimento chegou à casa dos Almeida, sem a menor suspeita de que notícias alentadoras o aguardavam ali.

Ao entrar, viu surgir a figura atarracada de Dom Luciano, que o convidou a passar a uma saleta contígua a seu escritório.

Ao vê-lo esfregar as mãos, numa atitude muito similar à de seu pai quando conseguia solucionar algum conflito, passou pela mente de Cláudio uma ligeira suspeita de que as coisas não deviam andar tão mal; mas seu pessimismo, exacerbado pelo ofuscamento, anulou aquela percepção tão bem alcançada.

— Ontem à noite, tive uma conversa ampla e demorada com seu pai — começou dizendo, — e acho que tudo vai se resolver satisfatoriamente, desde que você, é claro, não pretenda levar as coisas com pressa ou cometer imprudências.

Uma variação tão repentina teve em Cláudio uma repercussão que o emudeceu, e em seu semblante, após uma repetida e imperceptível mudança de expressões, surgiu, como única resposta àquelas palavras tranquilizadoras, um sorriso inexpressivo.

— Há que ser menos impulsivo — continuou o senhor Almeida; — é preciso sossegar esse corcel fogoso que todos nós levamos dentro, e que na sua idade, quando desembesta, meu filho, difícil e penoso é o trabalho de freá-lo... O que eu não

gostaria é que você tomasse as coisas com ares de triunfo, ao ver seu pai ceder.

— De modo algum, Dom Luciano. Só desejo que as coisas se encaminhem de maneira justa.

— Muito bem! Assim é que se fala! Vamos agora, que seu pai nos espera.

Não foi pequeno o esforço que custou a Cláudio dissimular sua emoção. Inesperadamente, compreendeu que teria de ser mesmo assim o desfecho daquele conflito, pois era impossível que as atitudes de seu pai, sempre nobres e generosas, se manifestassem de outro modo naquela circunstância. Num instante — quanto pode o pensamento num breve tempo! — esqueceu tudo, para avaliar com sentida recriminação sua própria conduta, impetuosa, veemente, descontrolada. Dom Luciano tinha razão: devia aprender a sossegar o fogoso potro que trazia dentro de si. Entretanto, o que havia acontecido dentro dele, para que assim, de repente, como por milagre, assistisse a essa recomposição das coisas, que acabava de transformar em luz a escuridão que um momento antes turvava seu entendimento e seu coração?

A voz de Dom Luciano, pronto para sair, tirou-o daquela meditação eventual.

Momentos mais tarde, Cláudio lançava-se nos braços de seu pai, desculpando-se por seus arrebatos.

— Não falemos mais disso, filho; já me mortificou o bastante.

Passado aquele momento, Dom Luciano cumprimentou o amigo, dizendo-lhe em tom de brincadeira:

— Aqui está o filho desaparecido, e que tudo seja para felicidade de ambos!

— Obrigado, Luciano — Dom Roque expressou, muito comovido.

Em sua face morena, a palidez surgia como sequela de seus recentes padecimentos.

Do gabinete, onde teve lugar aquela cena, passaram à sala de estar, que lhes oferecia, com suas luminosas janelas e seu ambiente acolhedor, ambiente favorável à cordialidade que começava a insinuar-se.

Ali, fingindo-se imperturbável, rígido, Dom Roque perguntou a seu filho:

— E... o que você pensou sobre nossa viagem à Europa?

Ao ouvir isso, Cláudio olhou alternadamente para seu pai e para Dom Luciano, sem compreender por que ele insistia naquele pensamento tão inoportuno. De novo seu coração começou a bater com força, enchendo-lhe as faces de rubor, como se por elas se alastrasse uma labareda de fogo; mas logo uma suave corrente de paz o serenou, e, com uma eloquência que lhe saía do mais íntimo, respondeu:

— Você não sabe como sinto contrariá-lo, mas deve considerar minha situação e compreender que eu não poderia me ausentar daqui neste momento.

Cheio de satisfação, Dom Roque lhe respondeu, procurando ainda manter sua seriedade:

— É lamentável que tudo tenha acontecido tão de supetão, sem dar tempo para pensarmos detidamente as coisas. Mas, enfim, já que não existe outra saída — adicionou, dando uma piscadela furtiva para seu amigo, — vou deixar essa viagem para uma oportunidade menos agitada.

— Magnífico! — Dom Luciano exclamou, comemorando junto com Cláudio a resposta. — Eu também tenho pensado em realizar uma viagenzinha por aquelas terras, e quem diz que não podemos fazer algo ainda melhor, indo juntos no próximo ano?

Em seguida, sem perder de vista sua parte naquele incidente de família, abordou seu amigo com simpático ar bonachão:

— Agradar-me-ia, Roque, ver solucionado de forma definitiva o assunto do namoro.

Cláudio cruzou as pernas, prendendo a respiração. Dom Roque então compreendeu que havia chegado o momento de pronunciar-se. Ali, diante dele, perfurando os seus, estavam os olhos vivazes de seu amigo. Tinha de decidir. Ensaiou com os dedos de sua mão direita, a modo de preâmbulo, um tamborilo sobre o braço da poltrona que ocupava e, por fim decidido, manifestou ao filho que não tinha objeções a formular à sua determinação, motivo pelo qual se comprazia em dar seu consentimento.

— Obrigado... — Cláudio murmurou, aproximando-se dele e estreitando-lhe a mão. — Você acaba de me dar a maior alegria de minha vida!

Dom Roque pediu-lhe que também agradecesse a Dom Luciano, cuja eficaz intervenção havia contribuído para dissipar aquela primeira discórdia surgida entre ambos.

— Não esqueci nem vou esquecer jamais disso. O senhor teve um gesto nobre, Dom Luciano. Um gesto que me ensinou toda a grandeza que existe no culto a uma amizade praticada de forma virtuosa.

— Amigos devem ser amigos em todos os terrenos, rapaz. Não fiz mais do que o seu pai teria feito por qualquer um de meus filhos. Não é verdade, Roque?

— Isso mesmo, meu amigo.

Decidido a deixar tudo às claras nessa oportunidade, Cláudio considerou conveniente fazer o pai conhecer seu desejo de casar-se em breve. Dom Roque fez alguns reparos, mas logo, inspirado por seu sentimento paternal, cujas ternas modulações faziam transbordar seu coração de afeto, aceitou satisfeito e até com mostras de alegria que as bodas fossem celebradas com a rapidez que seu filho desejava.

Em tão harmoniosa coincidência de pareceres transcorreu mais tarde o almoço, durante o qual o júbilo coroou aquele triunfo do afeto sobre a formalidade e a rigidez dos preconceitos sociais, que endurecem o sentimento e sacrificam, em holocausto ao Moloch das convenções, as mais caras aspirações do coração. Entretanto, uma pequena e atrevida nuvem pretendeu ensombrecer por um instante o venturoso céu familiar: um telefonema de Nora, que pedia para falar com Cláudio.

Dom Roque correu a atendê-la, pois compreendeu que seu filho não podia nem devia fazê-lo.

Voltou pouco depois, visivelmente queixoso.

— Que figura cansativa! — exclamou; e, tentando desculpá-la, em seguida adicionou: — Tem o mesmo caráter de sua tia Evelina.

— Fui sempre pouco otimista com relação à forma como essa moça se conduz — Dom Luciano interveio. — Faz lembrar umas outras, muito parecidas, que nunca chegaram a ser felizes.

Quando este se despediu, Cláudio foi até o telefone para comunicar-se com Griselda, que já estava em Buenos Aires.

Em tom circunspecto, relatou-lhe em breves termos o ocorrido, mas guardou consigo a grande notícia, que prometeu comunicar a ela depois, em troca de um tratamento mais familiar entre ambos: a palavra *usted* devia ser substituída por outra mais deliciosamente íntima para seus ouvidos.

Griselda não pôde negar-se a tão agradável exigência.

O embate obstinado das vagas que tentaram fazer naufragar as esperanças dos dois enamorados somente conseguiu, no final de tantas horas de angústia, provar a solidez do vínculo que as sustentava, deixando, ao cessar, um céu limpo e duas almas a ponto de saborear o elixir da bem-aventurança.

No outro lado da linha telefônica, Griselda, assim que desligou, correu cheia de ternura para abraçar sua mãe.

— Quais são as notícias? — Dona Laura perguntou, suspeitando-as favoráveis.

— Excelentes, mamãe! Depois de uma firme resistência, Dom Roque aprovou finalmente nosso casamento. Os detalhes Cláudio vai me contar mais tarde, quando vier nos visitar. E então, mamãe, o que é que você me diz?

— O que você quer que eu diga, minha filha?... que seu advogado ganhou o pleito mais difícil de sua vida!

~

Pontualmente, tal como exige um coração amante e exaltado, além disso, por emoções que já não podia conter dentro de si, Cláudio à tarde se encaminhou para a casa de Griselda. Era a primeira visita a sua namorada em Buenos Aires, e a simples ideia de renovar com ela uma aproximação afetiva o enchia de prazer.

Os Laguna ocupavam, como bem dissera Dom Roque, um apartamento algo próximo de sua casa.

Uma empregada deu-lhe acesso ao *hall*. Nos poucos segundos que teve de permanecer ali, Cláudio passeou os olhos por paredes e detalhes, observando o acerto com que a simplicidade moderna, em matéria de conforto, havia distribuído ali as coisas. Por último, deteve seu olhar num formoso quadro, de apreciáveis dimensões, sobre o qual a inspiração do artista havia plasmado uma cena que Cláudio interpretou como a eterna luta da ciência contra o império da morte. Talvez em virtude de sua recente experiência, associou essa alegoria à insipiência espiritual do homem, que, num esforço desesperado,

trata de defender-se contra as hostes satânicas que o ferem e deprimem com tenacidade, graças às forças invisíveis e insuperáveis da adversidade.

O leve rumor de uns passos sobre o tapete fê-lo voltar a cabeça, e seu rosto se fez radiante ao ver Griselda. Com impulso espontâneo, tomou-lhe as mãos e levou-as aos lábios.

Ela esperava ansiosa pelo relato, que Cláudio iniciou pondo em primeiro lugar a notícia que havia postergado. Os outros detalhes vieram depois, embora com algumas omissões. Evitou mencionar, por exemplo — como havia feito até então por cortesia —, o estratagema de que Nora se valera para torcer seus projetos, preferindo atribuir a atitude de seu pai à influência de Dona Fermina e de sua filha, as quais, com ares de mandonas e muito intrometimento, lançaram mãos de ridículos preconceitos sociais para tornar o juízo de Dom Roque desfavorável a seus propósitos.

Pendente de cada uma de suas palavras, Griselda o escutava embevecida. Isto influiu, sem dúvida, para que ele acentuasse além da conta a parte preeminente de suas atuações, compensada pela sinceridade com que expressou a firmeza de seus sentimentos a ela.

A presença dos pais de Griselda foi um novo incentivo para as expansões de Cláudio, que os cumprimentou como o menino que imita os heróis, fazendo alarde de seu triunfo:

— Aqui me têm! *"Veni, vidi, vici".*

Dona Laura respondeu-lhe, com jovialidade:

— Mais que a César, você me lembra os personagens da Ilíada. Com certeza eles deviam se apresentar assim diante de sua gente, após as jornadas de luta em torno dos muros de Troia.

— Se bem que eles nunca fariam isso com o mesmo humor que agora me anima, depois desta modesta batalha travada no espaço reduzido da vida familiar — o jovem replicou, rindo.

— O certo é que essa "modesta batalha" trouxe uma grande tranquilidade para todos nós — concluiu o doutor, que participava alegremente daquele feliz reencontro. — Você merece os parabéns pela forma como superou a objeção de seu pai.

Recordando que já era hora de visitar seus pacientes, Laguna retirou-se com Dona Laura, que se despediu dele com um beijo, junto à porta de saída.

— Como sua mãe é carinhosa! — Cláudio observou, dirigindo-se a Griselda. — Você vai fazer o mesmo quando nós nos casarmos?

— Por que não, se me couber a sorte de ter um marido como o dela?

A partir dali, empunhando as agulhas mentais, os dois se puseram a tecer, em profusa variedade de pontos, as vestes mais seletas que anelavam trajar no futuro.

Cláudio tinha agora novas obrigações. Muito em breve teria de fazer uma viagem à fazenda de seu pai, a fim de resolver ali alguns assuntos e entregar certa soma de dinheiro, além de estudar as reformas e inovações de toda ordem que planejavam iniciar nela.

— É imprescindível você ir? — Griselda perguntou.

— Já que volto a ser o administrador... Mas vai ser questão de quatro ou cinco dias, no máximo, e você sabe que durante esse tempo meus pensamentos estarão sempre ao seu lado.

Nessa mesma noite, Griselda anotava em seu diário: "Hoje, ao ver meus pais se despedirem, Cláudio me fez uma

pergunta com a qual me mostrava, sem dúvida, uma conduta muito de seu agrado. Vou levar isso muito em conta, para dar-lhe esse gosto quando nos casarmos."

~

A tensão nervosa, a preocupação e a ansiedade que tanto excitaram a sensibilidade de Griselda ante as ameaças da adversidade, foram cedendo, dando lugar a sensações mais suaves à medida que os acontecimentos, tornando-se favoráveis, chegaram a uma feliz culminação, marcada pela visita de Dom Roque a sua casa, naquela noite. Com regozijo, livre já das atribulações do temor e da incerteza, ela sentiu-se enfim invadida por uma doce sensação de bem-estar.

Após despedir-se de Dom Roque e de Cláudio, a quem não voltaria a ver até seu regresso da fazenda, a jovem sentiu-se tomada por uma lassidão que a obrigou a buscar refúgio em seu quarto. Deixou-se cair sobre o leito, onde permaneceu imóvel, como que adormecida. As ideias começaram a mover-se em sua mente, confundidas entre os caprichosos e sugestivos giros da imaginação, até que, dominada por irresistível torpor, teve apenas a sensação de que seu espírito se elevava, de maneira tênue, no espaço.

Sua visão, confusa a princípio, foi clareando gradualmente, e ela pôde então distinguir, entre árvores frondosas, a silhueta de uma donzela que, por sua aparência, devia achar-se na mais extrema indigência. A fiel partícula de consciência que jamais abandona a vida enquanto esta permanece sob os efeitos do sonho, reconheceu sua própria identidade naquela figura, solitária e desamparada, que se aproximava dela. Tinha

impressas no rosto marcas de dor e exaustão; a beleza dela, contudo, superava a sua inexplicavelmente.

Com andar inseguro, vacilante, a jovem seguiu avançando, até que de súbito caiu, semidesfalecida.

Em direção a ela, Griselda viu avançar uma carruagem robusta, puxada por ágeis corcéis, que pareciam deslizar ao rés do chão, impelidos pelo vento. O carro deteve sua marcha e, ato contínuo, dois homens desceram, um vestido impecavelmente e o outro luzindo vistosa libré. Após breve exame, ambos pegaram o corpo da jovem e, colocando-o dentro do veículo, prosseguiram a marcha.

Uma nova visão substituiu a anterior.

Animava-a a mesma jovem, totalmente recuperada. Griselda seguiu vendo-se naquela adolescente, agora vestida com primor, e participando da cena como se se achasse identificada com a protagonista. A luxuosa mansão que lhe servia de morada não lhe produzia mais estranheza alguma. Pelo contrário, uma deliciosa placidez a envolvia. De repente, algo atraiu sua atenção com suavidade: a serena presença do dono da casa, o mesmo que a socorrera e que, nesse momento, lhe sorria com uma expressão que lhe parecia familiar, embora ela não conseguisse uni-lo a nada em sua recordação. Permaneceu imóvel, contida pelo respeito que lhe inspirava aquele ser, cujo olhar parecia penetrar no mais fundo de sua alma, como se fosse ele, em realidade, o dono de sua vida.

Um ruído de persianas sacudidas pelo vento desvaneceu a visão. Vivamente impressionada, Griselda seguiu prolongando, na recordação ainda nítida, as sensações recentes. Tão gravadas haviam ficado em sua retina mental as fisionomias daquelas duas pessoas, uma das quais parecia ser ela mesma, que buscou em sua memória, sem encontrar, alguma provável relação com sua vida.

Embora o personagem do sonho não mostrasse semelhança alguma com Cláudio, sua figura a atraia. Por instantes, isso a entristeceu. Tomada pela inquietude, abandonou o leito e sentou-se numa poltrona, debatendo-se por longo tempo em conjecturas infrutíferas. Rendida pelo sono, trocou de roupa e deitou-se, dormindo até bem tarde manhã adentro.

Ao despertar, contou para Dona Laura sua visão da noite, mas ela não lhe deu importância, e até fez um comentário engraçado a respeito.

Não obstante, Griselda não conseguia afastá-la de sua mente.

~

Depois daquele transporte psicológico, acontecido nas fronteiras de sua consciência, Griselda começou a experimentar os sintomas precursores da puberdade espiritual.

As imagens de sua visão, manifestando-se sensivelmente à sua alma, fizeram-na refletir muito, mas em vão tentou descobrir que vínculo poderia existir entre Cláudio e o personagem etéreo, cuja figura ela retinha em sua recordação. Havia diferenças substanciais entre ambos. A segurança e a confiança que havia sentido na presença dele não eram as mesmas que Cláudio lhe infundia. Apesar das boas condições que reconhecia neste, faltava-lhe o firme domínio da vida que a figura central do sonho traduzia no semblante e nas atitudes.

Para atenuar dentro do possível semelhante contraste, comparou Cláudio com outros jovens de sua idade, sendo-lhe fácil situá-lo entre os que se destacavam por suas qualidades nobres; mas acabou por sentir-se pesarosa ante a possibilidade

de ele experimentar futuras oscilações em seus pensamentos. Teria preferido um Cláudio de mais anos, para poder ver nele, robustecidos pela mão do tempo, os caracteres definidos de sua constituição moral e psicológica. Mas, para que pensar essas coisas? Cláudio inspirava-lhe um amor terno, e ela, como toda mulher enamorada, optou finalmente por dissimular nele os aspectos que não se ajustavam ao modelo arquetípico de sua ilusão. Suas aspirações ficaram circunscritas, pois, a essa realidade, confiando que o passar dos anos, e sua preocupação por estimular nele todo propósito elevado, contribuiriam para transformá-lo no homem ideal. Como conclusão de tais reflexões, deduziu que, quando as almas conseguem sobrepor-se à fascinação dos sentidos, atraídas pelas afinidades do espírito, a compreensão das respectivas aspirações se amplia e permite lavrar a mútua felicidade. Desse modo, logo se desvaneceu em Griselda o temor às dramáticas mudanças que costumam obscurecer o céu da vida conjugal.

Aparentemente, essa posição já não tinha por que variar. Não obstante, horas depois ela sentiu que sua serenidade e complacência novamente cediam, debilitando-se com a presença na mente daqueles primeiros pensamentos.

À mercê de tais flutuações, dispôs-se a escrever a Cláudio, tal como lhe havia prometido, expondo seu sentir nos seguintes termos:

"Querido Cláudio:

"Espero que você tenha feito uma boa viagem e esteja bem. Ainda conservo viva a emoção do recente acontecimento que vinculou nossas famílias e deu maior formalidade a nosso namoro. Faz-me sumamente feliz pensar que seu pai me acolheu com tanto afeto e simpatia.

"Sua partida me deixou, entretanto, um pouco triste, e talvez por isso ando pensando uma quantidade de coisas. Ilusões e temores se misturam em mim com frequência. Talvez seja porque em meus pensamentos aparecem anelos desmedidos. Sonho com você, Cláudio. Vejo-o varonil e acima de toda vulgaridade; mas me aflige o temor de que eu possa me exceder em minhas aspirações, e você não seja um dia para mim o mesmo de hoje. Não duvido que fará o possível para me fazer feliz, e eu me sentirei venturosa em saber que luta para me comprazer. No fundo, talvez não exista em mim outra coisa que o anelo de que aquele a quem amo consiga alcançar o melhor.

"Mas você, Cláudio, a quem talvez com excesso de sinceridade confio estas coisas, não pensará o mesmo a meu respeito?... Ainda não lhe ofereci as constâncias daquilo que você aprecia e admira em mim como um modelo. Sem nenhuma experiência da vida, saberei defender-me de minhas próprias incompreensões e moderar a força de meus defeitos, quando a necessidade o exigir? Serão suficientes os conselhos recebidos dos mais velhos?

"Refletindo sobre tudo isto, insisto em considerar que nós dois precisamos por igual confortar nosso ânimo, acostumando-nos desde agora a adaptar nossos pensamentos a essa realidade que poderíamos enfrentar no futuro.

"De minha parte, começo desde este instante a fortalecer meus empenhos em conseguir tudo aquilo que esteja a meu alcance para fazer você feliz.

"Aguardo ansiosa suas notícias.

"Carinhosamente,

Griselda."

~

Acompanhava Cláudio, em viagem a Balcarce, seu amigo Luciano. Chegaram ao destino logo após a metade da tarde, bastante cansados, pois a seca reinante havia tornado ainda mais pesado aquele dia de vento norte, ao carregar-se a atmosfera com a poeira dos campos. Foram recebidos pelo capataz, que, à espera dos viajantes, tinha avistado o carro de longe, seguindo-o com os olhos enquanto penetrava nos domínios da fazenda.

Uma ducha fresca, seguida de farto lanche, reconfortou-os plenamente. Pouco depois, em cômodas roupas campestres, os dois amigos sentaram-se para conversar com o capataz no aconchego da varanda, agradável intermédio entre o refúgio domiciliar e o espaço aberto, e lugar apropriado para repouso do corpo e da alma. Dali, recostados sobre os almofadões de crinas que revestiam as poltronas de vime, podiam contemplar à distância, por entre a moldura de trepadeiras e rosais abraçados aos pilares, a planície sofrida, onde as plantações languesciam, carentes de água.

Entre um mate e outro, o capataz, homem tranquilo, alegre, amoldado havia anos ao campo e aferrado a ele com carinho profundo, foi comunicando algumas novidades a Cláudio, em particular os detalhes relativos ao rodeio do dia seguinte, no qual esperavam concentrar, segundo cálculo aproximado, umas oitocentas cabeças de vacuns novos, destinados à venda. Interessava a Cláudio presenciar aquela faina típica do homem dos campos argentinos, e prometeu ao capataz acompanhá-lo, tendo Luciano aderido de muito bom grado.

Conforme o combinado, partiram ao despontar da aurora. Alegremente, ao ritmo compassado das cavalgaduras, avançaram até o local destinado ao agrupamento dos animais, distante pouco menos de uma légua. Com a chegada das últimas manadas, que, conduzidas de distintos pontos, chegavam ao lugar entre nuvens de poeira, o campo ia ganhando pouco a pouco a animação característica de tais trabalhos. Estimulados pelo frescor da manhã, descansados e excelentemente dispostos, e, se isso ainda fosse pouco, entretidos pelos saborosos ditos de Luciano e do capataz, que a toda a hora se engalfinhavam num ardiloso duelo verbal, muito antes do que pensavam eles se viram em frente ao curral da fazenda.

Cláudio e Luciano haviam presenciado muitas vezes cenas como aquela, tão frequentes no campo, mas ambos assistiam a seu desenrolar como se a de agora se revestisse de novo e particular interesse, nesse breve parêntese que os afastava da vida urbana. Após observar por um tempo a manobra, Cláudio, fosse por puro estímulo desportivo, fosse para reviver o prazer tantas vezes sentido em seu tempo de rapazote, lançou inesperadamente seu cavalo a galope atrás de umas reses ariscas e teimosas, que fugiam promovendo dispersão na manada. Hábil na operação, conseguiu laçar e encurralar várias, entre os gritos de aprovação da peonada. Também Lucianito entrou na história, imitando comicamente seu amigo e provocando uma verdadeira folia entre aquela gente simples.

Sentaram-se depois à sombra de um denso arvoredo que havia por perto e, sem perder de vista os detalhes e alternativas da rude tarefa, saborearam as delícias do assado campestre, bem como as gostosíssimas empanadas preparadas especialmente para eles por Rosa, cozinheira da fazenda.

Moídos e cobertos de poeira, regressaram ao cair da tarde.

Avistada desde longe, a casa, que parecia recostada ao pé

das árvores corpulentas que lhe serviam de fundo e anteparo ao mesmo tempo, incitava suas ânsias de chegar. Era uma construção espaçosa. Seu teto de palha, em duas águas, protegia, formando um beiral, sua fachada de tijolos branqueados a cal. Os dois corpos salientes do edifício, avançando para a frente, fechavam em seus extremos a ampla varanda. Vista por fora e observada depois em seus formosos detalhes interiores, podia apreciar-se quão bem fora alcançado o propósito de adaptar ao tradicional, ao ambiente, ao clima, os recursos que a fortuna proporciona em matéria de gosto, bem-estar e lazer. Dom Roque havia reconstruído, com sua esposa ainda viva, aquela morada que herdara dos antepassados, procurando reunir ali todo o necessário para tornar mais cômodas e prazerosas as temporadas com sua família. Por poucos anos pôde desfrutar aquilo, pois sua viuvez o fez evitar por uns tempos o lugar, para o qual seu filho começava agora a projetar inovações, com objetivos similares aos que ele acalentara em outra época.

Outros dias se seguiriam àquele, destinados a percorrer setores distintos da fazenda. A lida diária submeteria a constantes provas a saúde de Cláudio, que vinha fazendo esforços contínuos para superar sua apreensão. Os acontecimentos recentes, ao lhe provocarem fortes abalos emocionais e uma enorme excitação de nervos, haviam-no predisposto mais de uma vez a cair em suas velhas preocupações, mas a recordação de Griselda, contendo-o e animando-o, conseguia apagar a tempo qualquer suposto sinal de mal-estar.

Já estava há vários dias no campo, quando recebeu a carta de Griselda. Leu-a avidamente e guardou-a num bolso de sua jaqueta. Aquelas palavras requeriam muita intimidade; voltaria, pois, a lê-las e a relê-las quando estivesse sozinho. Mas esse momento sofreu protelações, por causa dos insistentes pedidos de Luciano para que comparecessem à festa que Dom

Marcial Villagra oferecia nessa noite, em sua fazenda, por motivo do noivado de sua filha Susana. Custou muito esforço a Cláudio abandonar a determinação de não participar dessa festa, atitude que ele talvez tivesse assumido como tributo de fidelidade a sua namorada. Já anoitecia quando o desalento quase infantil de seu amigo conseguiu vencer toda resistência, e, a partir daí, numa surpreendente variação de ânimo, já ambos davam mostras de igual satisfação, e foi assim que, vestidos e elegantes, saíram rumo à fazenda de Dom Marcial, quinze léguas ao norte.

Lucianito Almeida não tinha amizade direta com a família Villagra, mas na formosa residência de verão encontrou-se com muitas pessoas de suas relações, umas vindas expressamente de Buenos Aires e outras radicadas na região, as quais, ao verem ali um tão bom animador de festas, comemoraram com júbilo sua presença. Também Cláudio foi acolhido com agrado, todos aplaudindo o fato de tê-lo entre si nessa noite.

Suas primeiras palavras foram para a noiva:

— Você está invejável, Susana. A escolha do meu amigo não podia ter sido mais feliz.

— Obrigada, mas não me diga tanto assim, porque me verei obrigada a fazer jus ao seu julgamento.

Em seguida, acrescentou:

— Que pena Nora não ter podido vir! Ela me escreveu lamentando sua ausência, pois Dona Fermina anda muito doente.

Uma resposta breve, lacônica, de Cláudio e sua atitude indiferente incitaram a perspicácia de Susana, que expressou com sagacidade:

— Logo vocês também vão nos dar a oportunidade de festejar seu noivado, não é verdade? Faz tempo que não vejo

Nora. Como este ano viemos muito cedo para o campo, não estou em dia com as novidades.

Cláudio ia responder, mas foi impedido pela presença do noivo, que veio em busca de Susana aos primeiros compassos do *jazz*. Lamentando o fato, ele então foi ao encontro da encantadora Maria Emília, sobrinha de Dom Marcial, e convidou-a para dançar.

Cheia de suspeitas e curiosidade, Susana procurou encontrar-se de novo com Cláudio e, ao achá-lo, não tardou a encaminhar o diálogo para o ponto em que ficara truncado. A argúcia não escapou a ele, a quem por outra parte agradou poder desmentir as versões que circulavam. Suas palavras, categóricas que foram, dissiparam toda dúvida em Susana, e entre brincadeiras e frasezinhas sutis ela acabou por perguntar-lhe se seu coração ainda não havia feito a escolha. Como Cláudio lhe falasse de Griselda, coisa que fez com o entusiasmo que era natural, Susana mudou de tema com frieza, afastando-se em seguida, com o pretexto de ficar com o noivo.

Aquilo era perfeitamente explicável. O sobrenome Laguna não tinha ressonância dentro daquele meio social, não sendo difícil que, no comentário a meia voz, já se houvesse infiltrado algum rumor malévolo. Contrariado, Cláudio afastou-se do centro da festa, buscando um lugar onde pudesse acariciar a sós a recordação de sua namorada. Dali, passou a observar os pares e grupos de jovens, muitos dos quais riam com alvoroço, festejando talvez alguma piada extravagante e maliciosa ou um chiste apimentado. Ele também havia participado muitas vezes daquelas expansões, que invadiam já os ambientes de família, mas queria que dali em diante sua vida transcorresse de um modo diferente, à margem desse vazio que lhe parecia cada vez menos atraente. Reforçou em si, pois, a atitude que os homens jovens costumam com inge-

nuidade adotar quando estão enamorados, talvez tentando passar, ante seus próprios olhos, como pessoas de juízo.

Cláudio não pôde estender-se mais em suas reflexões, porque a filha mais nova de Dom Marcial foi até ele para convidá-lo a tomar parte nos jogos de prendas que haviam programado. Momentos mais tarde, o acaso lhe deparava o prazer de receber dos lábios de Maria Emília — imposto pelo alegre júri em pagamento de uma prenda — um suave beijo, que ela depositou graciosamente em sua face.

— Eu jamais poderia imaginar que fosse levar uma lembrança tão grata desta festa — disse ele à jovem, ao mesmo tempo que a convidava a irem ao terraço, a fim de afastá-la das brincadeiras que tendiam a tornar-se pesadas.

— A verdade é que deveríamos saber como nos prevenir contra essas surpresas — respondeu ela, fingindo resguardo.

— Oh! Por quê?... Eu não poderia dizer o mesmo, depois de receber de você um presente tão delicado.

— Cuidado, Arribillaga!... Não esqueça que foi por uma imposição.

Ia ele responder com outra frase galante, mas se conteve, ao perceber que sua postura de pessoa séria podia com isso sofrer alteração.

Entretanto, aquele fugaz episódio, do qual não haviam participado intenção nem desejo, produziu, como era natural, reações em ambos os jovens, que experimentaram em seguida, passada a primeira impressão, um regozijo que em vão tentaram ocultar. Cláudio não carecia de experiência nesse gênero de situações, e poderia ter ido mais longe, mas compreendeu a tempo, pressionado por seus propósitos de contenção, que um escorregão em direção ao flerte com Maria Emília era incompatível com o amor que sentia por Griselda.

A orquestra atacou novamente, e isso veio favorecer tão

repentinas precauções, pois a jovem, convidada por outro dançarino, deixou-o a sós. Cláudio não afastou dela os olhos, e ainda continuou admirando-a enquanto dançava, mas sentindo-se aliviado tão oportunamente daquela situação embaraçosa. Acendeu um cigarro, grande companheiro da reflexão, segundo ele mesmo dizia, e saiu para o jardim a desfrutar o frescor da noite, saboreando aquele êxito de seu juízo sobre sua natureza passional.

Achando-se a festa em seu apogeu, Cláudio decidiu retirar-se, mas teve de fazer um enorme esforço para arrancar Lucianito dali.

Enquanto o carro rodava nas trilhas iluminadas pelos faróis, este não cessava de recriminar a inusitada atitude de Cláudio.

— Pode-se saber por que tanta urgência? — perguntou, quase irritado, ao término de sua ladainha.

— É difícil explicar isso para você, Luciano..., eu já disse.

— Era melhor não ter tido o trabalho de vir. Você tem ideia do que significa para mim ter de abandonar a festa justo quando acabava de conseguir duas danças com Maria Emília?

Cláudio riu ao ficar conhecendo de onde provinha o desconsolo do amigo, mas logo procurou ser sincero:

— Sinto muito, Luciano, mas o que você quer que eu lhe diga? Aquele beijo de Maria Emília, a mirada de seus lindos olhos negros, enfim... você me entende? É o bastante para transtornar o mais indiferente; por isso, para evitar outros capítulos, preferi sair fora a tempo. É só isso.

— Sim, sim..., compreendo — Lucianito acedeu, sem contudo abandonar o aborrecimento.

Seus pensamentos, girando involuntariamente, levaram-no a comparar seu modo de ser com o do amigo. Dessa apre-

ciação, passou a considerar sua má sorte com o belo sexo. Não via por que Cláudio, sério, ajuizado, porém um tanto sem sal, segundo pensava, atraía as mulheres; e ele, que se desdobrava para agradá-las e diverti-las com sua verve, não encontrava uma que mostrasse por sua pessoa um verdadeiro interesse. Expôs essa situação a Cláudio, que lhe respondeu:

— Você leva a vida muito na brincadeira; é por isso que nenhuma mulher acredita quando você procura falar a sério.

Luciano aceitou isso, considerando que seu amigo poderia ter razão, pois coincidia com o expressado momentos antes por Maria Emília, que tinha aceitado dançar com ele com a condição de que mantivesse a compostura. Fazendo um repasse em sua memória, reconheceu que eram muitas as mulheres que lhe haviam dispensado simpatia, mas os gostos e os olhares das que valiam de verdade acabavam por dar outras direções a seus amores, buscando os homens de maior formalidade. Entretanto, o problema não conseguiu preocupá-lo por muito tempo, sendo-lhe mais fácil passar por cima dele do que decidir-se a moderar sua tendência trocista e gracejadora. Quando chegaram à fazenda, suas reflexões, às quais sua mente não estava acostumada, já se haviam perdido no ar.

Antes de deitar, enquanto saboreavam uns tragos de uísque, ainda deixaram correr livremente os pensamentos, ao transmitirem um ao outro suas preocupações sentimentais.

— Eu penso — Cláudio dizia — que há muitas formas de se querer uma mulher.

— Que novidade!... Você fala como se acabasse de descobrir a pólvora!

— Está bem..., já sei que não é nenhuma novidade. Quis simplesmente referir-me ao amor que nos impõe sacrifícios e renúncias.

— Não estou de acordo. Para mim, isso é cair num extremismo.

— Porque não entra na sua cabeça que, quando a gente encontra no caminho uma mulher boa, delicada, espiritual, uma mulher que preenche tudo na vida, esse fato tem de ser valorizado como merece.

— Não nego isso. Mas também devemos compreender que nos tempos em que vivemos não dá para ficar encastelado em tais pensamentos. Hoje em dia, a vida transcorre em meio dos atrativos mais variados, e não temos por que não desfrutar, por causa disso que você afirma, o prazer das festas, das boates, além daquilo tudo que nos é oferecido pelas inofensivas aventurinhas do amor. Eu lhe digo que não me sobra tempo para pensar nessas coisas esquisitíssimas que você defende.

— Mas você está errado... Isso é viver num constante aturdimento!

— Não, Cláudio! O que acontece é que você continua sendo o cabeçudo de sempre. Quando se apaixona por uma ideia, pretende que todo o mundo a reverencie. No final das contas, cada um deve render culto a suas preferências pessoais; e se elas agradam, a gente é livre de segui-las, igualzinho o cachorro segue o dono. Não acho que você ter namorada lhe dê o direito de falar em nome da moral, nem de censurar o que outros de opinião diferente fazem.

— Apesar do que você diz, Luciano, continuo pensando que a vida deve ser encarada de outro modo. A gente não tem que se deixar levar pelos costumes do momento. Você bem vê como o abandono de certas práticas, que noutra época foram eficazes, vai fazendo desaparecer progressivamente da sociedade humana os sentimentos mais valorizados. Acho que devemos dar à vida uma finalidade mais elevada.

— Pois a mim me parece, señorito — Luciano replicou, imitando a loquaz mania de Sancho de tudo explicar com frases feitas — que paixonite e moralismo andam de braços dados, e que quando o rio transborda, a pesca é gorda.

Cláudio, em quem a brincadeira bateu como um pedregulho embrulhado em algodões, respondeu com certo ar de aborrecimento:

— Acho que é mais fácil domesticar uma fera do que modificar essa sua obstinada mordacidade.

Mas Luciano, que nada levava a sério, saiu-se sem trégua com outras sátiras, e o fez com tal acerto que conseguiu afastar Cláudio de suas formalidades, entretendo-o por mais uns instantes com seu modo vivaz e espirituoso.

Raiava a aurora quando se deitaram.

Sozinho em seu quarto, absolutamente tranquilo, Cláudio leu de novo a carta de Griselda, permanecendo ainda por longo tempo entregue a seus doces pensamentos. "Não há dúvida", disse a si mesmo, "que Griselda é um modelo de mulher. Exatamente o que eu sempre quis: uma mulher encantadoramente fina, suave, compreensiva, inteligente. Mas será que estou à altura desse presente precioso que a Providência me oferece? A fortuna pode enriquecer o homem materialmente, mas, se ele não enriquece também sua inteligência, a vida continuará misérrima. De que lhe serviria então o dinheiro, se ele desaparece entre as mãos inescrupulosas dos que não sabem escalar outros cumes que não sejam aqueles onde sobrevoam os pensamentos ávidos do bocado que satisfaça os sentidos e o instinto? Decididamente, acho que Griselda quer me dizer que a vida não deve se reduzir à simples correspondência de afetos. Cedo ou tarde, por falta de incentivos superiores, eles terminam por se debilitar ou por sofrer a interferência de outros, que se impõem pelo simples fato de romper a monotonia

em que se cai fatalmente. Quão importante seria escapar desse risco! Griselda me ofereceu o seu amor e se comporta comigo com impecável naturalidade. Sem dúvida, ela gostaria de ver sempre em mim o homem que constitui seu ideal. Por acaso já não pensei eu o mesmo com relação a ela? E se a quero assim, diferente de todas, não devo corresponder também a esse mesmo sentir? Isso é o que cabe fazer, indiscutivelmente."

Era por volta do meio-dia quando ele se levantou. Seu primeiro cuidado foi escrever a Griselda, a quem expressou, nos parágrafos finais de sua carta:

"Saiba que valorizo as palavras de sua encantadora mensagem. Sei que ainda estou longe de ser o que você anela, mas farei o impossível para comprazer-lhe; eu mesmo experimentarei com isso imensa ventura.

"Sim, Griselda, devemos ajudar-nos mutuamente a subir a encosta da vida, a qual, se hoje nos parece íngreme, amanhã será, graças aos nossos empenhos, um passeio ao paraíso, em meio às mais gratas emoções espirituais. Desejo ardentemente vê-la. Faltam ainda quatro eternos dias para meu regresso.

"Seu, com minha recordação mais amorosa."

~

Griselda e sua mãe se dedicavam entretanto a embelezar a casa, frequentando para tanto lojas e tapeçarias. O curso acelerado que seguia aquele namoro havia começado a promover, como preparo para o que estava por vir, essa série de movimentos afins que vão definindo os preparativos de um casamento. En-

tretanto, sem que isso nada tivesse a ver com aquela agitação, Griselda em alguns momentos sentia-se deprimida, e Dona Laura, que acompanhava atenta essas variações, acertadamente as atribuía à ausência de Cláudio.

Na véspera de seu regresso, querendo sondá-la, disse-lhe:

— Esta semana passou voando, não é verdade?

— Ai, que esperança, mamãe!... Eu diria que já passou um século desde que Cláudio partiu. Entretanto, não me foi de todo mau, sabia? Durante esse tempo, pude pensar e sentir muitas coisas que talvez não me ocorressem, se esta circunstância não tivesse existido.

— É que as ausências costumam ser muito proveitosas, não só para os namorados, mas também para os casados. E vou dizer por quê. Quando vivemos juntos muito tempo, o fato de nos vermos todos os dias e a cada instante nos habitua tanto a essa convivência, nos familiariza de tal modo, que, sem que isso implique cair na indiferença, impede que cada um pense sobre o outro como pensaria estando distante. O carinho parece então que aumenta, e pensamos e projetamos pôr em prática muitas coisas ao voltarmos a nos encontrar, inspirados no sadio afã de trocar maiores atenções e alegrar a vida um do outro. Quantas situações difíceis podem ser encaminhadas com a ajuda de uma ausência!...

— Suas reflexões são muito oportunas, mamãe, mas... vamos e venhamos: é difícil aceitar que uma prática assim possa ser conveniente, nem para solteiros, nem para casados.

— Não é uma prática, minha filha. Eu simplesmente me referi às ausências impostas pelas circunstâncias, como a que neste momento acontece entre você e Cláudio. Mas não se preocupe; é muito natural que agora você custe a aceitá-lo, por mais que seja uma verdade.

— Não é isso, mamãe. Eu até aceito, mas acho que a gente poderia buscar outros recursos para chegar aos mesmos fins.

— É possível, filha. Por outra parte, bem sabe que sempre aconselhei você a seguir os ditados de seu coração, a fim de favorecer seus bons propósitos.

Mas as palavras de Dona Laura não deixaram de surtir efeito na jovem. "Minha mãe", anotou ela depois, em seu diário, "falou-me hoje de quão proveitosas costumam ser as ausências que a própria vida às vezes impõe aos cônjuges. Ela tem, sem dúvida, suas razões para pensar assim, e talvez eu mesma o compreenda mais tarde. Por isso, não afastarei de mim a ideia de que tais incidências possam trazer uma consequência útil à vida matrimonial. Recordo ter ouvido amigas de minha mãe dizerem que consideravam mais adequado e mais fácil expressar a seus maridos certos pensamentos por carta e à distância do que quando estavam perto, por não se atreverem ou por não darem com a oportunidade ou a forma natural de fazê-lo. Também isto deverei ter em mente, para o caso de ser necessário."

~

Fervilhavam na mente de Cláudio Arribillaga, enquanto seu carro engolia voraz o caminho de Buenos Aires, mil pensamentos e projetos que, mesclados ao afã de ver novamente sua namorada, pugnavam por encontrar ali uma acomodação.

Nem bem chegou, e tão logo deu a seu pai um informe amplo sobre a atividade rural, comunicou-se com Griselda, a quem ficou de visitar à noite.

Já a ponto de sair, foi detido pelo chamado telefônico de seu amigo Marcos Gorostiaga — um dos mais dedicados par-

ticipantes da *peña** —, comunicando-lhe que se reuniriam na tarde do dia seguinte e encarecendo-lhe que não deixasse de ir. Aquele convite coincidia com o estado de ânimo de Cláudio, exaltado pelo auge das aspirações idealistas que ganharam raízes na carta de Griselda, motivo que o levou a garantir de imediato sua pontual participação.

Depois de tanta saudade, encontrou Griselda mais bela do que nunca, e até lhe pareceu que a alma da jovem se ajustava à sua mais do que antes, fundindo-se ambas na afinidade e harmonia de seus mútuos sentimentos.

Quando Cláudio estava quase a terminar os expressivos relatos de alguns episódios de Balcarce, Dona Laura se aproximou deles. A conversa desviou-se rapidamente para a saúde de Dom Roque, bem como para a de Dona Fermina, já reposta de uma aguda afecção no fígado. Com respeito a ela, havia algumas novidades, que Cláudio relatou. Com efeito, inteirado seu pai do recente mal-estar que a prostrara, tinha ido visitá-la em casa e, como era de se esperar, isso deu lugar a certas explicações que puseram as coisas às claras, aplacaram o ressentimento de Fermina e livraram Dom Túlio de seu arzinho de desgosto. As relações entre ambas as famílias encaminhavam-se, pois, para a normalidade.

Como quem não dá importância ao fato, Cláudio fez alusão a uma festa íntima que seus tios pensavam dar antes de saírem em veraneio, por motivo do aniversário de Nora. Crendo sem dúvida interpretar a curiosidade que aparecia nos olhos de Griselda, apressou-se em manifestar que não iria. Depois acrescentou, com acentuada benevolência, que lamentava por Dom Túlio, a quem estimava muito, e mesmo por Fermina, que lhe havia feito chegar um convite muito carinhoso, por intermédio de seu pai.

— Será que você faz bem tomando essa resolução? — su-

(*) Reunião de amigos

geriu a senhora Laguna. — À sua atitude conciliadora talvez corresponda uma maior condescendência...

Griselda apoiou a sugestão com repetido movimento de cabeça, expressando por seu turno:

— Seria deselegante, Cláudio, e não vejo motivo.

— É que eu não consigo ver as coisas com a mesma isenção de vocês.

— Não pense assim — Dona Laura opinou. — O que cabe é você demonstrar que está por cima de tudo o que aconteceu.

O argumento, visto da forma como elas julgavam, era irrefutável; não assim para Cláudio, a quem assistiam razões que não o predispunham a ceder. Ateve-se, por isso, a manifestar que pensaria no caso.

— Estou certa de que você decidirá o melhor — Griselda vaticinou, carinhosamente, enquanto sua mãe os deixava.

Cláudio a atraiu delicadamente para si e, pondo-lhe o indicador direito sob o queixo, fez com que seus olhos se encontrassem com os dele. Tomados pelo encanto daquele sublime instante, seus lábios renovaram, sem se falarem, o juramento de amor que seus corações recolhiam com plena emoção.

~

Cumprindo sua promessa, Cláudio compareceu à reunião da *peña*. Esta se improvisava de preferência no clube, aonde ele habitualmente ia com fins sociais, e agrupava um número reduzido de jovens, em sua maioria companheiros de estudo e egressos quase ao mesmo tempo da universidade.

Ali ele encontrou Marcos Gorostiaga conversando com Justo Vega Monteros e Miguel Ángel Garmendia, advogados os três. Entraram juntos numa sala, onde pequenos grupos de jovens conversavam à espera de outros. A chegada de Cláudio, a quem não se via por ali ultimamente, foi recebida com simpáticas mostras de companheirismo. Entretanto, não era só isso o que dava lugar a tais manifestações, mas também a notícia de seu namoro, levada por Lucianito. E, entre as expressões de parabéns, não faltaram brincadeiras e perguntas em que se percebia o desejo de saber quem era a predestinada.

Cláudio fez um discreto elogio de Griselda, em especial de suas qualidades, e, satisfeita a curiosidade, ficou em todos a impressão de um compromisso formal.

Justo, figura destacada da reunião, foi quem com maior sinceridade e bom juízo lhe expressou suas felicitações. Sentia-se unido a Cláudio por uma íntima coincidência de anelos, pois a ele também estimulava, além de um sadio desejo de probidade no exercício da profissão, o nobre afã de cultivar de algum modo seu espírito. Propósitos tão louváveis, mantidos apesar da vultosa fortuna recebida de herança, pareciam indicar que a influência dela não o havia colhido em suas redes.

— Encontrar uma namorada assim — ele manifestou, estreitando cordialmente a mão de Cláudio, — reunindo tantas condições excepcionais, é com certeza muito difícil em nossos dias.

— Mesmo perdendo você como membro da "seita", comemoro seu feliz achado — Miguel Ángel expressou-lhe em seguida.

Era este um moço simpático, alto, robusto, de físico atlético. Tinha a tez bronzeada, os cabelos louros e os olhos azuis. De origem inglesa por parte de mãe, havia herdado do sangue

saxão esse laconismo tão particular que diz tudo em quatro palavras.

— E vocês?... — Cláudio perguntou, sorrindo. — Quando pensam seguir meu bom exemplo? Sou capaz de dizer que mais de um já está incubando a ideia de se casar.

Agustín del Campo, um dos mais divertidos, talvez querendo dar uma expressão mais acabada às vozes com que alguns se apressaram em contestar aquela suposição, e com a intenção que lhe inspiravam suas inclinações um tanto superficiais, disse:

— Como você vê, Arribillaga, a maioria dos presentes prefere continuar no mais tranquilo e agradável celibato.

— Não concordo com essa opinião — Marcos expressou. — No meu caso, eu não veria inconveniente algum se a Providência me desse a mesma sorte de Cláudio. Você sabe muito bem — acrescentou, dirigindo-se a este — como é forte o receio do homem quando se trata das virtudes do belo sexo.

Tais expressões eram muito próprias da conduta prudente e formal de Marcos, que gozava por isso de grande prestígio entre seus companheiros. Isto, unido às suas maneiras corteses, distintas, havia-lhe permitido conquistar respeito, simpatia e apreço.

— Quando o entendimento é amplo, o amor concilia muitas coisas — replicou Cláudio.

— Talvez... — Marcos insistiu — mas mesmo que a boa disposição pessoal tenha muito a ver com isso, penso que não podemos excluir, é claro, outros fatores também importantes.

— Se eu não estou equivocado, Arribillaga — Agustín interveio, debochado, — num caso como o seu, a gente deve sentir a sensação de uma irremediável entrega sentimental, não é assim?

Comentários e risos deram mais gás à pilhéria, mas ouviu-se em seguida a voz de Salvador Mariani, a advogar por uma atitude mais reverente.

— Quando o amor se manifesta a sério — disse — devemos respeitar sua realidade, que diabo!... Não dá para passar a vida bancando Don Juan.

— Apoiado — disse Norberto Aguirre, amigo íntimo de Cláudio, — mas eu acho que ainda vão cair muitas folhas do calendário antes de encontrarmos o ideal que nos satisfaça.

— Estou com você! — outro concordou. — E a culpa é das mulheres, que na maioria são fúteis.

— Não, isso não! — Salvador rebateu. — Seria faltar com a verdade.

— Eu penso o mesmo — Miguel Angel interveio, — mas concordo que existe neste mundo uma boa parte de mulheres desse tipo.

— E o que torna as mulheres volúveis — manifestou outro dos que estavam prestes a engrossar a oposição, — senão a falta de senso comum, que é tão comum no belo sexo?

— Por favor, rapazes — Agustín suplicou, com cara de gente séria, — não as critiquemos!... Vamos levar em conta também os momentos agradáveis e divertidos que passamos com elas.

— E também os maus — Justo expressou, com seriedade. — O homem com muita frequência comprova isso, e é justamente aí que está a base do seu receio diante delas. Uma boa parte das mulheres de hoje, entre as quais o homem tem de fazer sua escolha, gasta a vida desde muito jovens em diversões, prazeres e em coisas triviais do mundo, que não combinam com a delicadeza feminina; e quando se casam, não demora

muito e o lar se transforma para muitas delas numa prisão insuportável, à qual se sentem acorrentadas. E não falemos do martírio que o cuidado dos filhos costuma ser para elas! Segundo penso, a falta de acatamento a uma norma de conduta mais prudente desvia de tal maneira o rumo de suas vidas, que depois, em vez das grandes ou pequenas satisfações que provêm de tudo o que se faz corretamente, o que se produz é uma rebelião oculta, que muitas mulheres jovens e casadas costumam experimentar contra tudo aquilo que impede, de um modo ou de outro, desfrutar a vida tal como elas entendem.

— Será que não estamos moralizando demais? — um dos presentes sugeriu.

— Pois era justo isso que eu estava a pique de perguntar — Agustín arrematou. — Resumindo esse assunto, cada um deve viver sua vida como quiser. E também não podemos negar que a juventude tem mesmo é que procurar as expansões que atendam suas necessidades. Para que estão aí os cabarés e as boates, senão para divertimento e expansão dos jovens?

Arribillaga tomou então a palavra:

— Não me oponho às reflexões de Agustín. Mas talvez devamos admitir que esses ambientes cheios de sensualismo, onde o flerte tem tempero picante, não são os que mais favorecem a mulher que se considera honesta. Enfim..., — concluiu filosofando — até parece que tudo cumpre o objetivo de nos mostrar as mil maneiras diferentes de se viver a vida.

— Tudo bem — Marcos observou, — mas você vai concordar comigo que muitos desses modos de viver só podem ser desfrutados na juventude, justo quando a falta de experiência impede que a gente se previna contra eles. Claro que o homem sai em geral ileso das tantas aventuras desse tipo que apare-

cem para ele. Com a mulher já não é assim; ficam nela, depois, muitos sedimentos de rebeldia moral e muitas liberalidades, próprias do abandono a que se entrega.

— E essas mesmas mulheres — disse Salvador, sorrindo — são as que nos aparecem muito recatadas e virtuosas, de braço dado com seus noivos ou maridos, que deveriam ganhar, se existisse, o prêmio da indulgência.

Um vivo murmúrio de risos coroou aquela sátira.

— Sem dúvida que o assunto é engraçado — Justo comentou, com certa malícia, — mas não vamos esquecer que o mal já se generalizou de tal modo que, amanhã, podemos muito bem ser os protagonistas de semelhante comédia e os candidatos ao tal prêmio.

— E, portanto, acabaríamos como aquele caçador caçado do Diálogo dos Mortos, de Luciano de Samósata — Miguel Ángel concluiu.

Sem sair do assunto, Justo referiu-se em seguida às consequências de se olhar o mundo e as coisas como produto de uma fantasia deixada à mercê do capricho humano. Querendo ilustrar suas palavras com um exemplo, citou o caso de uma jovem que ele havia conhecido.

— Depois de levar durante anos uma existência honesta — disse, — dedicada às obrigações do emprego e aos deveres do lar, certo dia, pensando no futuro incerto de sua vida, da qual ela nada esperava, e com medo de que seus melhores anos passassem sem outras perspectivas além de contemplar sempre as mesmas caras e escutar as mesmas coisas, resolveu mudar seus costumes. Cedendo aos ardores do sangue, frequentou lojas e salões de beleza, e assim foi como a encontrei um dia, inexplicavelmente mudada. Mais tarde eu a vi de novo; pude então observar que seus vestidos eram mais luxuosos e o muito que

ela havia avançado na prática dessas seduções que tanto mexem conosco e nos tiram o tédio — ainda que seja só enquanto dura a novidade, é claro. Pois bem, muitas são as que se iniciam na vida como ela, na ilusão de fisgar um noivo, não um amante. Mas, como por esse caminho a coisa não é fácil, terminam fazendo concessões, conformadas com o mísero prazer de compartilhar de nossa mesa, andar em nosso carro, fumar nossos cigarros e se exibir para os outros, orgulhosas de nossa companhia. O que essas infelizes não pensam é que isso dura pouco... A gente se cansa logo desse celuloide humano de que elas parecem estar revestidas. Na verdade, essas mulheres são como as bonecas: por fora, muito vistosas; mas por dentro, se a gente pretende buscar ali sua alma, só encontra um vazio que repele. São as eternas Messalinas, pretendendo convencer-nos de que a única coisa que vale na vida é o prazer, a diversão e a embriaguez.

— Dir-se-ia que estamos empenhados em atribuir só à mulher esse desalinho psicológico — Salvador objetou. — Mas quantos homens existem que, para vestir suas escassas e anêmicas ideias, não têm outra roupa que não seja aquela tecida com o ponto monótono e indefinido da mediocridade; além de outras coisas de pouquíssimo valor, naturalmente.

— Seria melhor nós não tentarmos estabelecer aqui — opinou Miguel Ángel — qual das duas partes é mais numerosa do que a outra nesse quesito da má qualidade. O certo é que, na vida, gostando ou não, homens e mulheres devem suportar as leviandades de parte a parte.

— Donde se conclui — expressou Marcos — que tanto o homem como a mulher devem prevenir-se ao escolher sua cara-metade, para evitar que esta se transforme numa carga. Tomando esse cuidado, talvez nos escapemos de engrossar as fileiras desses infelizes que passam a vida satisfazendo os ca-

prichos de seus consortes e concedendo tudo a eles, ainda que disso se lamentem.

— Deus nos livre disso! — exclamou Agustín, com vivacidade, sempre disposto a levar tudo para o terreno do gracejo. — Sabem lá vocês a única coisa que podia sair daí?... O tema para a letra de um tango!

A tempo de escutar a última parte da conversa, entrou na sala Lucianito Almeida, acompanhado de Dardo e Tomás, seus amigos inseparáveis.

— Se não estou enganado — disse, ocultando sob uma seriedade fingida sua intenção cômica, — os assuntos que vocês andam ventilando por aqui são daqueles capazes de dar volta ao mundo...

A presença de Luciano introduziu na reunião uma mudança favorável ao temperamento juvenil, e isto deu força à iniciativa de jantarem no clube.

Alguns expressaram entretanto sua desconformidade, lamentando que se houvesse dedicado todo o tempo a um simples bate-papo, enquanto outros apoiaram Marcos, quando ele explicou que, cabendo-lhe nesse dia encabeçar o debate, não quis interromper uma conversa que considerou proveitosa. Por último, a pedido dos mais dedicados, decidiram reiniciar depois a reunião, uma vez que todos permaneceriam no clube.

Ao final do jantar, dois ou três deles se despediram, alegando compromissos inadiáveis. Lucianito também pensou em se retirar, mas acabou desistindo, apesar de sua indiferença e de suas queixas.

— Vou acompanhar vocês enquanto resistir — disse. — Já sabem, muchachos, que os problemas tratados aqui estão fora de minha órbita planetária.

Dardo e Tomás concordaram.

Prontos para a tarefa, ocuparam um espaçoso salão, onde as pessoas que conversavam não podiam incomodá-los. Em confortáveis poltronas, dispuseram-se então a entabular a conversação. Na verdade, nem todos se achavam igualmente dispostos. Alguns, como Cláudio, eram atraídos por inquietudes internas, que buscavam satisfazer em colaboração com os demais; outros, quiçá a minoria, talvez confiando na promessa de que a reunião seria breve, dispunham-se a escutar com mais paciência do que interesse. Marcos, por sua parte, fosse por atribuir particular importância ao tema que pensava tratar com seus amigos, fosse porque tivesse alguma preocupação especial, mostrava-se sério, o que influía nesse momento para que todos permanecessem em relativo silêncio.

— O que vou apresentar a vocês — começou dizendo — vem de meu encontro com o senhor Faustino Malherbe, amigo de meu pai e pessoa que alguns de vocês conhecem. Faz apenas um mês que ele voltou de uma viagem pela Europa, Estados Unidos e México. Mantive com ele duas conversas interessantíssimas, durante as quais me relatou suas impressões sobre a situação ambiente dos países europeus, sempre convulsionados e comprometidos em várias questões internacionais. Ele me disse que é tal a desorientação que reina neles, que as pessoas não encontram apoio para sustentar sua moral. Sem dúvida, meus amigos, essa situação de insegurança que afeta os povos termina por arrasar, metafórica ou efetivamente, o conteúdo da vida. Esse estado tão especial em que se encontra a juventude daqueles países, misto de melancolia e abandono, me foi definido pelo senhor Malherbe como "a doença do vazio", e provém, segundo ele, da falta de uma razão ou força superior que, tirando aquelas pessoas do ceticismo em que caíram, pudesse conduzi-las por caminhos

que lhes garantissem a reintegração dos valores do espírito. Em vão se tem buscado o grande elemento que os livre de tais angústias; no final, as poucas defesas morais que restam vão sendo abatidas pelo frenesi das paixões e pela neurose coletiva, que empurra irresistivelmente essa parte da humanidade para os caminhos incertos da perdição. No momento, isto é tudo o que recordo das impressões que me foram transmitidas. Em minha opinião, elas mostram um juízo amadurecido mediante um bom enfoque daqueles ambientes. Mas isto não é tudo o que me propus a destacar do que o senhor Malherbe me disse. Tenho interesse especial em participar a todos que o amigo de meu pai teve a oportunidade de conhecer, no México, um homem cujos vastos e singulares conhecimentos chegaram a impressioná-lo vivamente, a ponto de considerar sua amizade como um achado. Chama-se Ebel De Sándara e mora há anos no México, onde já publicou muitas obras. Foi uma grande surpresa para mim saber que se trata de um compatriota nosso.

Após ligeira pausa, Marcos prosseguiu:

— Como expressou hoje um de vocês, eu também considero que a vida deve ser vivida do jeito que cada um entende. No que me diz respeito, tenho interesse particular por tudo o que de algum modo possa ter serventia para mim, a fim de receber, sempre com vistas a alcançar o melhor, o que ela põe ao nosso alcance. Vou me referir em seguida à curiosa apreciação que o senhor De Sándara faz a respeito da vida. Dom Faustino me expôs isso, e creio que retive fielmente na memória. Ele disse que, para De Sándara, a vida de cada um de nós é como o texto de um livro que leva o nosso nome e do qual devemos ser o protagonista principal, sua figura preeminente, se não quisermos nos ver rebaixados a segundo plano e até menos

que isso, por termos desempenhado nele um papel de pouca significação. Para conseguirmos isso, não deveremos deixar que nossa vida corra ao acaso pelos caminhos escorregadios da inconsciência. Ao contrário, temos de vivê-la guiados sempre por nossa inteligência, em estados lúcidos de consciência, para que não nos passe em branco um só dia. Deste modo, a vida se enriquece, porque nos incita a superar nossa concepção sobre ela. O segredo consiste em preparar os dias futuros com antecipação, semeando hoje o que anelamos colher amanhã. Assim, saboreamos com antecedência o prazer que nos proporciona a gestação consciente do nosso futuro. Se conseguirmos fazer disto o objetivo principal e permanente de nossa vida, teremos nos convertido em artífices de nossa própria felicidade, o que é muito diferente, como vocês veem, da vida do *carpe diem*, programada por Horácio naquela ode famosa que aprendemos quando mais jovens nas aulas de latim. É uma vida que transcorre na ignorância do que o futuro nos depara. De modo que a vida de hoje, de acordo com De Sándara, é o produto da vida de ontem.

— De onde sai tanta prosopopeia? — Luciano interrompeu.

— De mentes que pensam — respondeu-lhe Marcos, prontamente.

— E de quem temos muito que aprender — Justo arrematou, sem dúvida bem impressionado pela informação.

— Pois eu duvido que alguém possa nos dizer qualquer coisa de excepcional sobre um tema tão remexido — insistiu Luciano. — Além do mais, por que vamos complicar nossa existência, embarcando talvez numa quimera, quando podemos permanecer em terra firme, saboreando o inesgotável tema das coisas que triunfam na vida? No final das contas, não acho que essas opiniões tenham tanto valor assim. Eu acho que

o verdadeiro autor desse livro que simboliza nossa vida é o destino, e nós, o produto de seu mandamento inexorável.

— Responderei a isso, lendo uns parágrafos escritos pelo próprio senhor De Sándara sobre o conceito fatalista, tirados dos apontamentos que Malherbe me ofereceu. Escute só: "A carruagem do destino, cujo alegórico rodar nos fala do caráter cíclico de nossa existência, jamais detém sua marcha, e infeliz daquele que cai sob suas pesadas rodas! O destino carece de sensibilidade; é, portanto, inclemente e inexorável. O homem deve superá-lo com sua inteligência, subindo à simbólica carruagem e conduzindo-a por rotas mais apropriadas à hierarquia de sua espécie. Os que não o fazem se veem forçados a puxá-la como escravos, até que, exaustos, caem esmagados sob suas rodas. A isto se costuma chamar depois de 'fatalidade'. É por tal razão que muitos, cedendo às exigências de sua sina, se deixam estar, sem que nada consiga afastá-los de tão absurda crença."

À leitura desse trecho seguiu-se uma rápida análise de seu conteúdo. Como as opiniões nem sempre coincidiam, a reunião se prolongou bastante e com grande mobilidade mental.

No final, foi recebida com agrado a notícia da iminente chegada à Argentina do autor de tais conceitos, o que fez surgir em mais de um o interesse por entrar em contato com sua pessoa.

Já se despediam quando Marcos e Miguel Ángel, convidados para o aniversário de Nora, perguntaram a Cláudio se o veriam por lá, mas ele, que não havia mudado de opinião, respondeu que ainda não tinha resolvido.

Patrício costumava permanecer de pé até muito tarde quando Dom Roque recebia, como naquela noite, seus amigos. Por isso, Cláudio não estranhou encontrá-lo ainda acordado, ao regressar.

O jovem chegou transbordando alegria. Ao entrar, deu umas palmadinhas no ombro do mordomo, pedindo que lhe servisse alguma bebida gelada e, como se seu próprio estado de ânimo lhe agilizasse involuntariamente os músculos, subiu com presteza as escadas, dirigindo-se a seu quarto.

Patrício entrou pouco depois com uma bandeja, surpreendendo-lhe a diligência com que Cláudio trocava de roupa, ao compasso de uma canção.

Evidentemente, motivos ele devia ter para sentir-se feliz. Passava talvez por um desses momentos de doce exaltação psicológica, em que a alma, intuindo a proximidade de algum acontecimento promissor, regozija-se ao desfrutá-lo por antecipado.

— Que feliz eu fico ao vê-lo tão contente, menino! — exclamou Patrício, enquanto o servia.

— Hoje tive uma reunião interessante com os rapazes. Abordamos temas altamente auspiciosos. Já lhe digo do que se trata.

Calçou os chinelos, terminou de abotoar o pijama e, ato seguido, narrou-lhe com especial ênfase o assunto dos conceitos dados a conhecer por Marcos como primícias.

— Você não sabe como essas notícias me alegram — manifestou Patrício. — Eu também, com minhas poucas luzes, tenho cultivado ideias como essas que acabam de comover seu ânimo de forma tão particular. E por falar nisso... sabe que eu tenho comigo alguns livros que talvez lhe interessem? Quero a eles como se fossem a minha própria vida, porque me deram o sossego que eu agora tenho.

— Você nunca me disse que sentia atração por esses temas.

— É que você nunca me deu chance para isso, menino!... Eu também não sabia se minhas ideias iam coincidir com as suas.

— E o que você faz com tudo isso?

— Pratico a meu modo os conceitos que leio.

— Pratica a seu modo? Como é isso?

— É simples: quando não posso me adaptar a eles, procuro que eles se adaptem a mim. Deu para entender?

— Oh, sim, muito boa ideia! — Cláudio aprovou, sorrindo ante tão curioso método, e adicionou: — Parece que vou ter em você um conselheiro formidável.

— Nada disso; mas se eu lhe puder ser útil em alguma coisa, conte comigo.

— Muito bem; então pode começar emprestando-me algum desses livros que, como disse, você estima tanto.

— Como não! Mas vou lhe prevenir que eles não são para ser lidos por simples curiosidade, hein? Porque poderia acontecer com você o que aconteceu comigo, no começo: depois de lê-los várias vezes, não sentia outro resultado que não fosse o de me deleitar com a simples leitura. Enquanto isso, eu continuava com a vida monótona de sempre, essa vida que, por mais que a gente queira lhe dar certos matizes, usando todos os recursos de nossa inventiva, continua refletindo em nosso rosto a mesma contrariedade que nele aparece toda vez que nos deixamos enganar com as futilidades do mundo.

— E que outra maneira existe de ler esses livros, na sua opinião?

— Francamente, não saberia dizer... É algo que a gente aprende quando o que lemos nos interessa de tal modo que repetimos sua leitura tantas vezes quantas sejam necessárias para assimilar seu conteúdo.

— Perdoe-me a franqueza, mas isso me parece uma coisa óbvia demais.

— Você tem razão, menino. Sem dúvida, não estou me explicando bem. Eu quis dizer que existem coisas que é necessário a gente ler mais com o coração do que com a mente.

— Por que você disse há pouco que gostava desses livros como se fossem sua própria vida?

O rosto de Patrício iluminou-se, como se de pronto houvessem surgido, do fundo de seu ser, imagens de um vivo colorido, recordações que, como chama ardente, de um sentir muito íntimo, o enchiam de inefável ventura. Quantas vezes havia desejado que Cláudio compartilhasse seu sentir! Por isso, a alegria transbordava nesse instante seu coração, ao abrir-se com ele.

— Existem coisas, menino, que só têm explicação para a gente mesmo. Eu me familiarizei, por assim dizer, com o pensamento do autor desses livros e pude descobrir, em suas páginas, muitas coisas que antes não via nem compreendia. É que, na minha ânsia de abarcar tudo numa simples leitura, me escapava o melhor de seu conteúdo, o mais valioso. Muito me custou entender que eu mesmo devia viver em suas páginas e combinar, para mim, as fórmulas pessoais que me haveriam de servir de guia para o futuro. É por isso que não me desprendo desses livros por nada, pois os considero parte de minha própria vida, pelas razões que você acaba de escutar. E agora, se me permite, vou em busca do livro que você me pediu ainda há pouco.

Cláudio já se havia metido na cama e, sentado ali, esperou pelo regresso de Patrício. Ainda sentia nos ouvidos as palavras do mordomo, impregnadas de uma cordura que até então ele não havia apreciado. Mas essa sensação durou apenas um instante. Enquanto aguardava, pegou com calma uma revista e pôs-se a folheá-la, desatento.

— Aqui você tem um de meus favoritos — disse Patrício, entrando no quarto com um volumoso livro sob o braço, bastante folheado.

Cláudio o tomou em suas mãos, leu o título e buscou em seguida o nome do autor. Mas — oh, que surpresa! — era uma obra de Ebel De Sándara, o mesmo autor de quem Marcos lhes falara!

Sentiu que ia ler aquele livro com muito interesse. Bebeu de um sorvo o restante do copo e despediu o criado, dizendo-lhe com afeto:

— Acho, Patrício, que eu e você vamos conversar muitas vezes sobre este assunto.

Apesar da hora já avançada, conseguiu ler várias páginas. Vencido por fim, colocou o livro sobre a mesa de cabeceira e dormiu até horas avançadas da manhã.

~

Após dois dias de ausência involuntária, Cláudio chamava novamente à porta de Griselda.

Ali permaneceu, o ouvido atento, à espera do leve ruído do trinco. Apalpou uma vez mais a gravata, do nó à extremidade, numa zelosa comprovação de sua impecabilidade. Pouco depois atravessava o saguão e, atrás dele, a porta fechou-se novamente.

— Cada vez me parece mais longo o tempo que passo sem ver você — disse a Griselda, num impulso de ternura.

Em resposta àquela frase — sempre nova, por maior que seja a frequência com que é escutada, — ela o premiou com um doce olhar, em cuja transparência Cláudio viu refletidos idênticos pensamentos.

À habitual reiteração das juras de amor, próprias de todos os que se amam, as palavras foram derivando para outros conteúdos da vida de ambos os jovens.

— Faz já alguns dias — Cláudio expressou, com certa estranheza — que não sei o que está me acontecendo... Às vezes sinto crescer dentro de mim ânsias irresistíveis de saber que desígnios ocultos se entrelaçam em volta de cada vida humana. São momentos em que experimento algo estranho..., como se no meu interior se abrissem os espaços nebulosos da inconsciência... Parece que percebo, então, suaves clarões através de suas frestas, como se uma luz estranha resplandecesse na minha alma com fulgores de esperança e promessas de iluminação.

— Que inspirado! — exclamou Griselda, satisfeita de ouvi-lo falar assim.

— Minha inspiração é você, querida, e se nas árduas jornadas que me esperam ao longo da vida eu vier a desfalecer alguma vez, o incentivo de seu amor me levantará, e eu andarei, como aquele que encontrou dentro de si essa energia misteriosa que impulsiona para o mais elevado do pensar e do sentir.

— Estou vendo como foi profunda em você a repercussão do que ontem me contou por telefone. Vou dizer algo mais, Cláudio: tenho a impressão de que se aproximou de sua vida algo que tem muita coincidência com os pontos que o preocupam faz tempo. Imagine a alegria de meu coração, ao saber que há alguém no mundo capaz de nos ilustrar sobre matéria tão importante e espinhosa. Agora você tem de me dizer — acrescentou ela, após breve pausa — que impressão o livro de Patrício deixou em você.

— Boa, Griselda, muito boa. Muito me alentou comprovar que os conhecimentos que ele contém nos antecipam a existência de horizontes novos e incomensuráveis. Eu senti mais de uma vez comichões psicológicas, uma espécie de inquietude que se insinuava em mim, sem que eu pudesse descobrir sua causa nem como acalmá-la ou resolvê-la. Agora vejo

se encadeando uma série de circunstâncias que têm afinidade com essa inquietude e que parecem explicá-la.

Sob a influência de tais pensamentos, que iam e vinham sem obstáculo da mente de um à do outro, Griselda expressou, num rapto de lúcido entusiasmo:

— Como se vê, Cláudio, no fundo de nós mesmos existe algo que, em determinados momentos, consegue se manifestar como uma exigência imperiosa; algo que parece atrair para o vértice de nossas miras, como um ímã, os seres, ideias ou coisas, com o fim de nos ajudar no futuro.

— Na verdade, é uma antecipação de felicidade — Cláudio respondeu, extasiado, — ver como nossos corações comungam em suas aspirações espirituais, e como nossos juízos coincidem até nas apreciações mais sutis. Isso afugenta de mim o temor às desinteligências, que não faltam quando tal correspondência não existe.

— Oh, nem você nem eu vamos contribuir jamais para fazer de nossa vida uma madeixa emaranhada pelas discórdias e pelas desavenças!

— Sem dúvida que não — Cláudio assegurou, entusiasmado. — Estamos cansados de saber que, depois de muito forçar, essa madeixa acaba se transformando num montão de fiapos...

Como de costume, a senhora Laguna trocou umas palavras com eles, ao aproximar-se para cumprimentar Cláudio, expondo nesse dia alguns pontos de vista bastante afins com as reflexões dos jovens. A propósito de algo relacionado ao grau de intensidade moral e espiritual que a vida humana deve alcançar, expressou com mostras de pesar:

— Se eu tivesse vinte anos menos, quantas coisas faria!

— Mas tempo é o que não lhe falta, senhora. Ainda tem tanto por viver!...

— É verdade, mas isso não impede que eu lamente não ter aproveitado melhor os anos. Com o tempo, a idade nos vai tornando mais lentos, e a mente já não responde com a presteza nem a lucidez necessárias quando tentamos nos explicar o porquê das coisas que nos acontecem.

— Entretanto, devemos admitir que com paciência e empenho se chega, se não a tudo, pelo menos ao que mais nos interessa.

— Como você sabe? — Griselda perguntou.

— Por simples dedução, porque, se quando jovens temos amplamente explicado o que nos intrigava no tempo de crianças, é lógico pensar que a experiência e o conhecimento vão nos explicar tudo o mais.

— Em parte você tem razão, mas não esqueça que é preferível saber as coisas antes, quando ainda temos tempo de remediar muitos erros, a sabê-las depois, quando o tempo já nos envelheceu.

— Evidentemente; e daí o mérito inegável de dedicarmos mais cedo nossos esforços à procura do saber. Contudo, senhora, eu intuo que na idade madura se pode conseguir muito, se levarmos em conta que todo tempo é bom quando nos ocupamos em superar o que sabemos.

A essa altura da conversa, Dona Laura percebeu que não havia perguntado a Cláudio por seu pai.

— Está muito bem, senhora — ele respondeu.

E, como se de repente ele se desse conta de que havia esquecido de dizer-lhes algo, acrescentou:

— Sabem que ontem tia Fermina esteve lá em casa?

— Com Nora? — Dona Laura perguntou.

— Não, com tio Túlio. Eles se mostraram muito conciliadores.

— Ficou tudo esclarecido, não ficou? — Griselda indagou, dando o fato como certo.

— Com eles sim..., muito bem.

— Você então vai à festa amanhã?

— Não tive como recusar. Mas vou ficar lá apenas por um momento, o estritamente necessário.

A presença do doutor Laguna, que regressava de suas atividades diárias, assinalou a proximidade da despedida, que Cláudio e Griselda viram chegar com o pesar de sempre.

~

Dom Roque se preparava para jantar quando Cláudio entrou na copa.

— Não vai à festa de Fermina? — perguntou, olhando para o filho, que se dispunha a ocupar o lugar de costume à mesa.

— Sim, papai, eu vou, porém mais tarde. Você já sabe que só pretendo fazer ato de presença.

— Faça como quiser, filho.

— E você?

— Já avisei a Fermina que não iria, com a desculpa de meus achaques. Mas mandei para Nora um bom presente.

Tal como dissera, Cláudio chegou à casa de seus parentes cerca de meia-noite, e, uma vez ali, a afetuosa cordialidade com que foi recebido, em particular por parte de Dom Túlio, abrandou consideravelmente as resistências que ainda sentia. Dirigiu-se depois ao salão para cumprimentar Nora, que, ao vê-lo, logo se afastou do grupo onde se achava e aproximou-se dele.

— Como agradeço por você ter vindo! — exclamou com ar triste, depois de cumprimentá-lo. — Não imagina como lamento o que aconteceu...

— Não tem importância, Nora. Esqueça isso.

A jovem baixou os olhos, fugindo ao olhar de Cláudio, que observava com natural surpresa essa turbação, tão rara nela.

— Você veio tão tarde! — ela agregou em seguida, como quem lança mão da primeira coisa que lhe ocorre para sair de uma situação embaraçosa.

— Sim, é verdade; eu me entretive além da conta na casa de Griselda.

Como se não tivesse ouvido nem compreendido a frase intencional, Nora virou a cabeça para outro lado, fixando aparentemente sua atenção em algum detalhe da festa.

— Quer dançar esta música? — ela perguntou a Cláudio, com suavidade, após breve pausa.

— Sendo hoje o seu dia, você me dá com isso uma grande honra — ele respondeu. — Dancemos, se é do seu agrado.

Apesar dos modos impecáveis de Cláudio, que se mostrava amável e cortês, Nora sentiu sua escondida frieza e reserva e, seja porque isso a inibisse realmente, seja porque nesse momento ela quisesse encenar uma atitude que lhe trouxesse alguma vantagem, manifestou com timidez que necessitava com urgência falar com ele a sós.

Para ele, aquilo era enigmático. Cheio de prevenção e estranheza, olhou-a fixamente, buscando em seus olhos algo que mostrasse o motivo ou a intenção porventura oculta no pedido, mas ela inclinou suavemente a cabeça e, esquivando-se com habilidade daquele exame face a face, deixou sua vista vagar, como se estivesse abstraída por exigências de alguma profunda preocupação.

Maria Emília e Lucianito, que se encontravam por ali, aproximaram-se deles nesse momento, e em pouco tempo o grupo tomou corpo com a chegada de outros pares, contri-

buindo tudo isso para atenuar as dificuldades daquela situação, para sorte de Nora. Em meio a esse ir e vir de gente jovem, vibrante de entusiasmo, aproximou-se deles Dona Fermina, para buscar sua filha que foi obrigada a ausentar-se momentaneamente.

Cláudio viu-a afastar-se e, enquanto a observava, reconheceu lá consigo a notável mudança operada na jovem. Achou-a em extremo favorecida pela singeleza, causando-lhe não pouca estranheza a falta da afetação e do artifício que sempre haviam tirado tanto valor a seus dotes naturais. Um vestido de grossa renda branca, justo no corpo, constituía todo o seu adorno. Nenhuma joia deslumbrante, nenhum detalhe que não fosse sóbrio; até a expressão de mulher vazia, pueril, inconsistente, parecia haver desaparecido dela.

Ao lado de Cláudio, subjugadora, Maria Emília lançava-lhe vez por outra olhares expressivos. Felizmente, aquilo durou pouco, pois os pares, que não perdiam uma música, logo o deixaram sozinho, dando-lhe tempo para conjecturar, com base no observado, os prováveis motivos que Nora teria para falar com ele reservadamente.

Ocupado todo o mundo em se divertir, ninguém pareceu vê-los quando, pouco depois, atravessando aposentos e corredores, se distanciavam do centro da festa. Caminhavam ambos em silêncio, um junto ao outro. Por fim, chegaram a uma saleta um tanto isolada, na qual Nora entrou, encaminhando-se para um sofá, seguida por ele. Ali, ela se deixou cair soluçante, numa suprema tentativa de comover os sentimentos dele.

De pé ante ela, Cláudio manteve-se esquivo.

— Por que você está chorando? Aconteceu algo sério? — perguntou depois, contendo a duras penas sua natural predisposição a condoer-se.

— Oh, Cláudio!... Estou sofrendo tanto!... — respondeu, com voz lastimosa.

— Não estou compreendendo, explique para mim!... — ele rogou, mais enternecido ainda, e vacilante.

— Você sabe bem por que eu sofro. É por sua causa!... Porque o amo!... — ela balbuciou, e, levantando o rosto embelezado pelas lágrimas, fitou Cláudio com olhos suplicantes.

O que se passou com ele ficou totalmente à margem de sua consciência. Aquela sedução irresistível o estava praticamente anulando. Sem que o quisesse, perdendo por momentos a noção de tudo o que lhe acontecia, acariciou com mão trêmula a cabeleira sedosa de Nora, sentando-se a seu lado. Ela, hábil na manobra, estreitou-se então mimosamente contra seu peito, enquanto lhe rodeava o pescoço com os braços, em atitude de completa entrega.

Cláudio tentou em vão, em desesperada luta interna, romper a fascinação que o paralisava. Nem ao menos uma das felizes reflexões que fizera em dias anteriores acudiu para defendê-lo daquele eclipse que se estava produzindo em sua razão. Sentiu que atuava nele uma força superior à sua, e que pensamentos avassaladores, das mais diversas origens, dominavam sua mente, impulsionando-o à ação:

"Ela é sua, beije-a!, desfrute este momento feliz", diziam-lhe, incitando-o. "Vamos, homem, decida logo!... O que o compromete? Ora, ora! Na sua idade, não se pode ser tão moralista... Ande!... Um beijo, só um beijo! Você acha que isso pode afetar de algum modo sua vida? Que bobagem! Se você não se decidir, ela o odiará sem perdão; melhor será que ela guarde de você uma boa recordação!"

Tudo isso passou pela mente de Cláudio Arribillaga com tal vertiginosidade, que em poucos segundos ele ficou aniqui-

lado. O colapso psicológico lhe havia produzido uma anulação virtual dos sentidos. Seus olhos só viam dois lábios vermelhos, suaves, aveludados, que buscavam ansiosamente os seus. Ainda fez um esforço supremo. Quis levantar-se, fugir, mas suas forças não lhe responderam, e então ele beijou Nora com impulso incontrolável.

De imediato vieram em turbilhão outros pensamentos, que começaram a agitar sua mente. Acalmada a fugaz embriaguez e o ardor do frenesi passional, a mesma força que havia manietado sua vontade e anulado sua mente levantou-o em sobressalto, fazendo-o experimentar outras sensações. O aroma delicioso, sensual, que envolvia Nora havia deixado de produzir o efeito perturbador do início e, subitamente, livre da voluptuosa emoção, ele se sentiu restabelecido, lúcido. Buscou, então, como alguém que examina seus bolsos depois de um assalto, o que havia ficado daquele instante passional a que fora levado sem o concurso de seus sentimentos nem de seus desejos, e não encontrou nada.

Sob os efeitos do aturdimento, num primeiro momento Cláudio não soube o que dizer. Mas em seguida compreendeu, ao recuperar-se, que sua situação era comprometedora. Abandonou o sofá onde estava sentado e, já em seus cinco sentidos, disse a Nora num tom de quase repreensão:

— O que você pretendia ao me trazer aqui?

— Dar mais uma prova de meu carinho.

— Por acaso eu precisava de alguma demonstração como essa? Você não sabe que eu amo Griselda e que jamais renunciarei a esse amor? Por que você se empenha em me comprometer? Por favor, Nora, não pretenda coisas impossíveis!

Ela, que até ali havia mantido a calma, não pôde mais ocultar seu desagrado:

— Se é assim, só posso pensar que você quis se aproveitar de minha debilidade. Não me vá dizer que não!

— Isso, nunca!... Eu lhe asseguro que nem eu mesmo sei o que aconteceu comigo.

— Boa desculpa, a sua!...

Olhando-o com desdém, Nora acrescentou:

— Quer dizer que é ela quem você prefere?

— Eu já disse: é coisa resolvida, e nem a própria morte vai me fazer mudar de ideia.

— Está bem — respondeu a jovem, que então se aproximou a um espelho e começou a retocar o rosto.

— Não vai ficar com raiva? — perguntou ele, inquieto no íntimo.

— Não; não tenho por que ficar com raiva de você. Talvez eu mesma seja a culpada de tudo o que me está acontecendo.

Cláudio esteve a ponto de dizer-lhe algo referente às causas que haviam tornado impossível qualquer aproximação entre eles, mas optou por calar.

Afastaram-se dali e voltaram ao salão, cada qual por um lado. Logo se misturaram aos presentes, deixando para trás aquele episódio que, graças às cautelosas medidas tomadas por Nora, havia passado despercebido.

Cláudio considerou que era impróprio deixar sua prima tão bruscamente e a convidou para dançar, o que ela aceitou. Com o pensamento preso em seus próprios estados emocionais, os dois seguiram quase que automaticamente o ritmo da música. Sem se olharem, observavam-se entretanto furtivamente, e Cláudio conseguiu ver que dos olhos de Nora pendiam duas lágrimas. Enternecido, disse-lhe ao ouvido, afetuosamente:

— Não sofra, Nora; você logo há de encontrar o homem que a fará feliz.

Ela guardou silêncio, mas, nem bem a dança terminou, dirigiu-se a seu quarto com mal contida precipitação.

Cláudio ficou só. Buscou então refúgio na varanda, onde se sentou. Dali, ele podia contemplar o céu limpo, cheio de estrelas, por entre os claros da folhagem que subia pelas colunas e que, abraçando o beiral do telhado, descaía como cortina. Permaneceu ali algum tempo, para serenar o ânimo.

Ao voltar ao salão, cruzou com Maria Emília.

— Como você está pouco animado nesta noite! — ela disse, detendo-o.

— Você acha?...

— Só eu, não; é o que se comenta.

— Francamente, Maria Emília, não me faz nada feliz que andem se ocupando de mim tanto assim! — disse Cláudio, sorrindo para ela. — Não resta dúvida de que esses comentadores estão com muito tempo...

— Obrigada pela parte que me toca!...

— Oh, não me referi precisamente a você!

— É muita gentileza excluir-me. E Nora? Faz tempo que a procuro, sem conseguir encontrá-la. Por falar nisso, você não achou que ela anda meio triste?

— Sim, um pouco triste. Mas eu suponho que não seja por falta de distrações.

— Ah!, de que servem as distrações quando se está triste? Principalmente quando a gente é perseguida pelas recordações de algum desejo...

— Você diz isso por experiência própria? — perguntou ele, esquivando-se do dardo.

— Qual o quê!... Por acaso é preciso ser ator para saber essas coisas?

— É verdade..., mas então é fácil também saber que, quando as recordações se transformam em fantasmas, o único jeito é afugentá-las.

— Isso é coisa muito fácil quando o amor nos sorri por todos os lados; mas não é assim para os demais...

— Essa carapuça não é para mim, com certeza...

— Vejam só quem quer tirar o corpo fora!... O menos indicado!

— Olhe, Maria Emília, é a primeira vez que eu encaro as coisas a sério.

— A sério para uma e na brincadeira para as outras?

— Não quis dizer isso, mas é evidente que, quando as coisas são tomadas com outra intenção, é quase impossível a gente chegar a se entender.

— Tem razão, Cláudio — ela respondeu, cedendo, com o evidente propósito de pôr fim à conversa.

Ele simulou não haver notado isso.

— Já que chegamos a um acordo — ele propôs, — quer dançar esta música?

Maria Emília escusou-se, pretextando um compromisso, e despediu-se de Cláudio com um sorriso amável.

Cheio de pesar pelos acontecimentos dessa noite, Cláudio resolveu retirar-se. Encontrou-se de passagem com Luciano, a quem pediu que o acompanhasse para despedir-se de seus tios.

Já saíam, quando Nora veio até ele.

— Você já vai? — perguntou com naturalidade.

— Sim — ele respondeu, estendendo-lhe a mão.

A jovem avançou com ele alguns passos e, dissimuladamente, entregou-lhe um pequeno envelope.

— Espero que seu namoro não impeça você de visitar-nos, como fazia antes — disse-lhe, ao mesmo tempo.

Voltou em seguida para o salão, disposta a desfrutar a última parte da festa. Tinha a sensação de deixar liquidado um assunto que a havia atormentado até aquela noite.

Já em seu carro, Cláudio extraiu do envelope um cartão de fragrância exótica. Com forçada letra miúda, mas nervosa, dizia:

"No instante em que mais felizes podíamos ter sido, notei-o ausente. Agora sei, finalmente, que não seremos um para o outro. Que você tenha sorte. Afetuosamente,

Nora."

Suspirou aliviado. Aquelas linhas, longe de expressar rancor, devolviam-lhe a tranquilidade.

~

No dia seguinte, reunidos no escritório, Cláudio conversava calmamente com seu pai, trocando pareceres a respeito de seus planos para o futuro, com o objetivo de determinar possíveis datas e considerar tudo o que dissesse respeito a seu noivado e casamento, que ele queria acelerar.

Num dado momento, Patrício interrompeu-os, comunicando que Marcos Gorostiaga chamava por Cláudio ao telefone. Ao atendê-lo, este recebeu com surpresa a notícia da chegada do senhor De Sándara, sendo informado por seu amigo de que, na noite anterior, ele e seu pai haviam tido a oportunidade de conhecê-lo.

Visivelmente satisfeito, Cláudio desligou o telefone. Ato seguido, participou a notícia a Dom Roque, adicionando que Marcos acabava de convidá-lo para o jantar que seu pai ofereceria no dia seguinte, em sua casa, em homenagem ao hóspede:

— Também vai o senhor Malherbe e vários amigos meus.

— Muito bom, muito bom... — Dom Roque assentiu. — Essas relações são convenientes para você, pois assim po-

derá familiarizar-se com um gênero de conhecimentos que, segundo penso, lhe serão proveitosos.

Fez uma pausa, após a qual acrescentou:

— Marcos sempre me agradou; é um moço reflexivo e de convicções.

— É isso mesmo, papai; ele é um dos meus melhores amigos.

Dom Roque deteve-se para observar um dos documentos que na ocasião enchiam sua escrivaninha e, em seguida, reiniciou a agradável conversação com o filho:

— Tudo o que se relaciona com o conhecimento de nosso espírito me atrai; isto sempre me proporcionou um verdadeiro prazer na vida. Sua mãe tinha a mesma predileção, e procurava orientar-se lendo obras escolhidas. Eu a vi mais de uma vez preocupada e até pesarosa por não alcançar no cultivo de seu espírito aquilo a que ela se havia proposto.

— Você nunca me falou disso.

— Deverei ter falado alguma vez, sem dúvida; mas há coisas às quais permanecemos indiferentes até que, em determinado momento, tomam para nós um valor fora do comum. E sabe você por quê? Justamente porque, por uma ou outra circunstância, se desperta em nós esse interesse que antes não sentíamos. É isso o que está acontecendo com você agora.

— Você não sabe quanto me comove o que acaba de me contar sobre você e minha mãe... Isso me explica, de certo modo, minhas próprias inclinações e inquietudes. E vou dizer mais: Griselda é agora para mim o que mamãe foi um dia para você. Ela sente prazer quando tratamos destes temas.

— Isso me agrada, filho; me agrada muito o modo de ser de Griselda, e penso que você será feliz com ela. De minha parte, eu me sentiria muito satisfeito se depois de casados vocês viessem morar aqui, me acompanhando pelo resto de minha vida.

— Oh, papai! Tenho certeza que sua proposta vai deixar Griselda muito contente, e que ela vai saber apreciar a parte afetuosa que contém!

Avançando a tarde, Cláudio se preparava para visitar sua namorada. Chocavam-se ainda em seu interior dois estados diferentes: ao mesmo tempo que ansiava por vê-la e transmitir-lhe o quanto antes as gratas novidades, experimentava sensações outras que mortificavam seus sentimentos. O episódio da véspera mantinha-o moralmente coibido. Havia consultado reiteradas vezes sua consciência, mas, como não observasse por esse lado recriminação alguma, pensou achar-se ante um desses transes psicológicos em que a consciência guarda silêncio, reservando seu pronunciamento para que o próprio discernimento faça uso dele em épocas de apurada maturidade. Devia ser assim, pois sua razão agora não atinava a concebê-lo em falta sem cair no ridículo. "O efêmero jamais poderá prejudicar o permanente", pensou ele, "e meu amor por Griselda está muito acima de qualquer escorregadela que as circunstâncias me obriguem a dar, sem o concurso, é claro, de meus sentimentos." Ao término dessas reflexões, que ele guardaria para sua intimidade, Cláudio recuperou em definitivo o aprumo, que tanto ele temeu viesse a lhe faltar ao atender depois às lógicas perguntas que Griselda lhe faria.

Ela, por sua vez, também guardaria para si a recordação do desassossego que a desvelara naquela noite. Um pensamento de receio, vindo à sua mente talvez por indução psíquica, havia-lhe ocasionado o apreensivo mal-estar. Não obstante, seu despertar foi alegre, e a simples ideia de voltar a ver seu amado preencheu todas as horas do dia.

Ao chegar, Cláudio procurou tocar o mais ligeiramente possível no tema da festa, detendo-se, em vez disso, em contar

o que conversara com seu pai acerca das bodas e de seu desejo de que vivessem todos juntos a ele. Griselda não anelava outra coisa, sendo-lhe por conseguinte fácil dar uma ideia do muito que a ela comprazia aquele desejo de Dom Roque, pois a preocupava que ele ficasse sozinho. Além do mais, agradava-lhe a perspectiva de animar, com sua presença e seu afeto, o vazio que a falta de uma mulher deixava sentir naquela casa.

— Eu não podia esperar outra coisa de você, querida. Não tenho dúvida de que juntos edificaremos um futuro pleno de felicidade.

— Essa é minha aspiração, Cláudio, apesar de saber que uma boa parte dessa tarefa caberá a mim.

— Com certeza nossa união vai trazer consigo, como acontece em toda situação nova, grandes mudanças para nossa vida. Mas isso será grato e também uma novidade para nós, porque o simples fato de introduzir uma variação tão interessante na rotina diária vai nos proporcionar um sem-fim de alegrias, você não acha?

— Oh, claro, Cláudio! Principalmente se conseguirmos fazer todas essas variações coincidirem sempre com nosso propósito de ser felizes.

— Eu creio que a chave da felicidade está precisamente nisso.

Do coração de Cláudio fluíam, nessa noite, as esperanças mais ternas e alentadoras. Havia encontrado a mulher sonhada. Que mais podia pedir? Griselda era excelente, disso ele estava seguro; tinha o espírito forte, capaz de sofrer e desculpar. "Quão belas condições", pensava, "que confirmam a capacidade sensível, jamais negada à mulher!." E, recordando não serem muitas as que manifestavam essas qualidades à altura de uma virtude, deixou a alma livre no deleite dos dons inefáveis com que o céu o estava favorecendo.

~

Horas depois, ao deitar-se, Cláudio pegou o livro de Patrício, do qual já havia lido algumas partes, disposto a deter-se desta vez no primeiro ponto que julgasse interessante. Com esse propósito, foi passando lentamente as páginas, folha após folha, até encontrar o que aparentemente buscava: "Fica assim demonstrado", leu, "que o homem tem o privilégio de nascer duas vezes. A primeira, pelo concurso das leis biológicas, que determinam o ato genético; a segunda, pela confluência de duas forças, sendo uma delas espiritual, metafísica, e a outra surgida do potencial anímico do ser, atuando ambas por atração simpática.''

Percorreu, em seguida, examinando-as bem por alto, várias páginas e, como se sua atenção tivesse ficado presa ao que acabara de ler, voltou de novo ao trecho e, dali, reiniciou a leitura: "O primeiro nascimento, ou seja, o físico, está condicionado à matéria; o segundo, que chamaremos de 'supracomum', é privilégio da raça humana. Produz-se pelo despertar da consciência, que responde ao chamado de conhecimentos que a ativam e enriquecem, surgindo daí o ser como entidade independente da vida biológica. Configura-se, assim, a vida mental, moral, psicológica e espiritual do ser humano."

Cláudio não conseguia ver com clareza o alcance de tais conteúdos e, esforçando-se por compreendê-los, deteve-se a refletir. "É muito certo", terminou dizendo para si, "que cada um pode vir a este mundo e viver nele de forma semelhante à

do animal, com a diferença do refinamento próprio de nossa condição de humanos, ao que se soma a posse de um intelecto que, posto em atividade, permite que nos ilustremos e nos faz cultos, sociáveis e industriosos. Entendo que tudo isto pertence à primeira das vidas a que o autor alude, mas... e a segunda? Esta deve corresponder, suponho, a um novo modo de pensar, sentir e experimentar a vida. Não estará ocorrendo em mim algo parecido? Não terá algo a ver com isso esse palpitar que sinto há algum tempo, essa inquietude por conhecer tudo quanto se relaciona com meu espírito? Espírito..., eis aí uma palavra que com frequência é vista com indiferença e até com desprezo. Uns creem compreendê-la; outros a usam para prestigiar suas crenças... Haverá alguém que de verdade conheça o que se oculta entre as dobras do conceito que interpenetra sua essência?"

Ao final de sua meditação, fechou o livro e dispôs-se a dormir, mas ainda conseguiu dizer a Patrício, que entrava nesse momento no quarto para cumprir uma tarefa de última hora:

— Estou achando seu livro muito interessante. Se você não se importa, ficarei com ele um pouco mais.

Em seguida, talvez em atenção à resposta amável do mordomo, falou-lhe do compromisso que tinha para o dia seguinte:

— Amanhã vou conhecer o autor deste livro, sabe?

— Não é possível!

— Pois é isso mesmo que você acaba de ouvir. Ele está de passagem por Buenos Aires, e vou vê-lo na casa de Marcos.

— Mas como invejo sua sorte!

— Acho que esse encontro vai ser muito vantajoso para mim. Estou ansioso por esclarecer certas incógnitas.

Cláudio não ignorava, contudo, que os temas de seu interesse requeriam, para serem dominados, uma experiência e um estudo de comprovada eficácia, sendo que tudo isso provinha, segundo dizia o autor do livro, do conhecimento de si mesmo.

~

No grande vestíbulo da residência do Senhor Gorostiaga, achavam-se reunidos nessa noite Justo Vega Monteros e Miguel Ángel Garmendia. Logo se juntaram a eles Salvador Mariani e Marcos, que conversavam à parte, e em seguida Cláudio e Norberto Aguirre, que acabavam de se fazer presentes na casa.

Marcos não tardou em dizer aos recém-chegados que De Sándara se encontrava no escritório em companhia de seu pai, de Malherbe e de Dom Javier Moudet, professor universitário, amigo deste último. Haviam tido tempo apenas de trocar algumas palavras, quando o criado anunciou que o senhor Gorostiaga os esperava, e momentos depois todos foram apresentados ao visitante.

A partir desse instante, o senhor De Sándara foi a figura central daquele cenáculo.

Tal como Marcos o havia descrito momentos antes, De Sándara era um homem de estatura elevada, ágil, desenvolto. Aparentava beirar os quarenta anos. Sua tez era algo trigueira, os cabelos escuros e lustrosos, e as feições bem proporcionadas. Tinha os olhos castanhos, brilhantes e expressivos, contornados por uma ligeira sombra.

A julgar pela atitude dos que nesse momento o rodeavam, poder-se-ia afirmar que sua pessoa havia despertado simpatia.

Com sua habitual seriedade, mas muito cortesmente, Marcos se apressou em manifestar:

— O senhor tem diante de si os amigos de quem lhe falei, senhor De Sándara. Estavam desejosos de conhecê-lo e escutar suas palavras. Como eu, eles também apreciam os prazeres do espírito.

— Agrada-me encontrar, em minhas viagens pelo mundo, jovens com aspirações elevadas, ansiosos por sondar além do horizonte — o visitante respondeu, com dicção clara e franca, passeando seu olhar sobre eles.

Deteve-se quiçá alguns segundos a mais em observar Arribillaga, porque este experimentou a sensação de haver sido submetido a um exame radioscópico. Não obstante, o jovem respondeu com desembaraço:

— Uma necessidade profundamente sentida nos anima, senhor De Sándara.

— Uma preocupação constante — Justo apoiou.

— É melhor que seja assim, já que a simples curiosidade não haveria de ajudar os senhores numa busca que requer interesse e esforço permanentes.

Passaram em seguida ao salão, em cujo recinto — amplo, espaçoso, mobiliado com suntuosidade e refinado bom gosto — dispuseram-se a começar a reunião. O senhor Malherbe ocupou assento em frente ao hóspede, junto do qual se puseram o dono da casa e o professor Moudet, cada um de um lado. Os jovens preencheram os espaços restantes em torno do visitante.

Malherbe parecia ser o de mais idade entre todos, sem dúvida pelo aspecto que lhe davam os cabelos encanecidos e algumas rugas que lhe sulcavam de lado a lado a fronte, e que se acentuavam ou desapareciam quando ele falava, de acordo

com a mobilidade de seus músculos faciais. Era magro e de estatura regular. Seu aspecto distinto, sua pulcritude e a grande urbanidade deixavam perceber nele um homem de experiência no mundo. Convivendo de perto com ele, tinha-se uma certeza ainda maior de se estar diante de uma pessoa reta e honrada.

Foi ele quem introduziu as primeiras palavras na conversação, a qual se entabulou com naturalidade e fluência, como se aquela amizade, em vez de ser recente, proviesse de muito tempo. Foi servido uísque e charutos, e Gorostiaga não deixou de expressar, uma vez mais, quanto lamentava que sua esposa, em viagem com as filhas, não se encontrasse ali para receber melhor os convidados.

E como aqueles que vão à pesca, de peixes falam, o anfitrião terminou por pedir a seu hóspede que os obsequiasse com um de seus temas favoritos.

— Na verdade, não tenho predileção por nenhum — ele respondeu. — Todos me são gratos, quando podem ser úteis aos que me escutam.

— Sua concepção da vida é ampla e interessante — Malherbe expressou, — uma vez que tudo nela se relaciona com os problemas que o homem deve enfrentar na luta contra a adversidade e na busca das verdades eternas. É desnecessário dizer que, seja qual for o ponto que o senhor escolha, estará se referindo à solução de tais problemas, solução que todos nós — uns mais, outros menos — necessitamos e esperamos. Sei também da densidade de seus conhecimentos e de sua arte para expô-los, e isso é uma razão que justifica a boa disposição com que me disponho a escutá-lo.

— Aqueles que vamos por um caminho devemos tratar de que os faróis não nos deslumbrem — respondeu sorrindo De Sándara, que adicionou com cortesia: — Eu não posso privar

o estimado amigo Malherbe da satisfação de fazer, por espontânea vontade, um elogio a minha pessoa, mas é meu dever considerar isso uma deferência, nunca um elogio.

— Foi uma valorização sincera e entusiasta a que fiz de seus méritos, senhor De Sándara, e lhe fico muito grato por minhas palavras não terem chegado ao senhor desvirtuadas. Uma lisonja de minha parte levaria implícito o desejo de que fosse aceita, o que não é compatível com meu juízo, por considerar que seu desfrute diminui a área da própria dignidade espiritual e afeta, de certo modo, o conceito que nossas aptidões tenham conseguido inspirar.

De Sándara sorriu, respondendo com um movimento aprobatório de cabeça, e acrescentou em seguida, dirigindo-se aos jovens:

— Gostaria de conhecer algumas das inquietudes ou preferências intelectuais que predominam em vocês.

Marcos expressou o desejo de saber algo sobre a verdadeira função do espírito na vida, e os outros manifestaram sua concordância com ele.

— E a que se deve esse interesse? — o visitante inquiriu, dirigindo-se a todos.

— Talvez provenha do mistério que existe em torno dessa questão — manifestou Arribillaga. — As sondagens dos mais afamados investigadores ainda não satisfizeram as lógicas demandas dessa interrogação, proposta com tanta insistência pela sensibilidade humana. Tudo o que se refere ao espírito ainda é um mistério inacessível para a inteligência; nem mesmo os homens de maior reflexão conseguiram se aproximar dele.

— Vou procurar então satisfazer vocês, abordando esse tema — disse De Sándara, — e espero que minha tese sobre

esse assunto, tão esquivo ao intelecto, contribua para afastar as sombras que pairam sobre ele de modo tão obstinado.

Transcorreu uma pausa, e logo após ele continuou:

— Para começar, direi que nas esferas ilustradas, ali onde a cultura alcança suas manifestações mais elevadas — isto é, na arte, na ciência, na literatura e na filosofia —, o espírito sempre foi e é, sem variar, o principal colaborador, ainda que permaneça como incógnita aos olhos do mundo. Excepcionalmente ele é reconhecido como legítimo autor de alguma obra extraordinária. Sempre se prestigiou a inteligência, a genialidade, quando o homem conseguiu alcançar a auréola da glória. Poderão dizer-me que a inteligência e a genialidade são parte do espírito; que são sua manifestação mais eloquente naquelas vidas que sobrepujaram as condições comuns. Estou de acordo, mas é também certo que, em caso algum, se observam indícios de que existe uma consciência cabal da atividade do espírito ou, melhor ainda, a consciência de sua intervenção direta no desenvolvimento das ideias até sua objetivação final. Não resta dúvida de que se tem estado em contato com o espírito, mas involuntariamente, sem se ter, como já disse, consciência cabal do fato. Nem os próprios filósofos, ainda que por vezes tenham procedido como se mantivessem esse contato com o espírito, podem dizer que estiveram em entendimento consciente com ele.

Após interromper-se por um instante para saborear seu charuto, De Sándara prosseguiu:

— Na realidade, o que o espírito quer é assumir plena e conscientemente a condução de nossa vida; de modo que, enquanto não alcancemos o convencimento de que devemos aceder a tão benevolente exigência, será muito difícil encararmos com possibilidades de êxito a empresa do próprio aperfeiçoamento. A fisiologia é, com respeito à vida do corpo físico, o

que a psicologia, exaltada à sua finalidade transcendente, é para a vida do espírito. Por conseguinte, constitui uma aberração o fato de o espírito permanecer alheio ao que forma parte de sua própria natureza. Os três sistemas que conformam a psicologia humana — o mental, o sensível e o instintivo — devem girar em torno de seu eixo-mãe ou centro-ímã, que é o espírito. A inteligência, com seu vastíssimo campo de atividade e suas imensas possibilidades extrafísicas no mundo mental, é, queira-se ou não, *el nervión psíquico del espíritu**. Mas é forçoso fazer aqui uma ressalva, para dizer que a inteligência, quando funciona inconscientemente, fica amiúde anulada pela inércia mental e afetada de forma direta pela ignorância. Outra coisa é quando ela vence, instada por anelos íntimos e elevados, a oposição pertinaz de certos pensamentos, como os que fomentam a dúvida, a indiferença, o pessimismo, e muitos outros que travam seu mecanismo magnífico. Tudo muda e tudo se transforma, então, no pensar e no sentir do homem; numa palavra, os pensamentos e os sentimentos se "hierarquizam", deixando de satisfazer os afagos da terra para buscar as alturas límpidas do mundo superior. É aí que o espírito começa a nos governar, podendo-se comprovar ser ele muito mais acessível do que supúnhamos. Nós mesmos o havíamos tornado inacessível, ao encantoá-lo no lugar menos pensado e menos sentido de nosso ser.

"Vulgarmente", De Sándara continuou, "alude-se ao espírito como se ele fosse algo abstrato, imaginando-o sem condicioná-lo a nenhuma função específica. Isso ocorre porque, na verdade, ele não a tem para o homem comum, como não a tem para todo aquele que não haja experimentado sua realidade e não conheça sua possível coexistência com o ser físico. Em ge-

(*) Manteve-se a expressão original.

ral, não se dá ao espírito nenhuma participação ativa na vida, da qual ele permanece alheio, como personagem estranho, como 'uma estátua'. Em situação de tamanho desprezo, compreender-se-á por que é nula sua intervenção nos fatos que nos acontecem. Quantas vezes ouvimos as pessoas dizer, por ocasião de ir a um concerto, a uma apresentação teatral, a um cinema, que vão para 'recrear o espírito'. É evidente que tal coisa é dita com muito boa intenção, mas na ignorância de que o espírito não pede uma mera recreação, senão muitíssimo mais. O espírito pede participação ativa e intensa, como já disse, na vida do ser que ele anima."

— O senhor nos está falando do espírito como uma realidade absolutamente tangível — Justo disse, — e isso quer dizer que existe a possibilidade de se esclarecer esse mistério que até hoje o manteve ignorado.

— Exatamente. Mas deve-se ter presente que esse mistério seguirá impenetrável, tanto como sempre foi, para quem não chegue a conhecer a essência de sua verdade. Não poderemos falar do espírito como parte inseparável de nosso ser, enquanto não consigamos nos consubstanciar com ele. Do mesmo modo que não poderemos avançar nunca pelo abrupto caminho da sabedoria, se não concedemos ao espírito esse papel principalíssimo que ele deve desempenhar em nossa existência. Vemos, pois, quão importante é chegar a esse objetivo, ou seja, à incorporação do espírito na instituição humana chamada vida racional.

Entendendo que De Sándara, ao fazer então silêncio, dava margem a que os ouvintes interviessem, Marcos adiantou-se, dando mostras de concordância com os conceitos vertidos a propósito de sua pergunta, e ia formular alguns juízos, quando seu pai, observando que o criado já anunciava o jantar, convidou-os a passar à sala de refeições. A interrupção não impe-

diu, contudo, que a conversação recomeçasse ali com igual interesse, encarando-se de forma amena os motivos que dela surgiam.

Num momento oportuno, e quase ao final, Arribillaga, que ocupava um lugar bem em frente a De Sándara, dirigiu-se a ele e manifestou:

— Senti-me muito atraído por suas ideias, talvez porque elas me sugerem conteúdos que estão muito além dos meramente expressados.

— É possível... As ideias formam grandes famílias espalhadas pelo mundo. Ao longo dos séculos, elas se buscam umas às outras com a ternura de um amor similar ao dos humanos. Muitas ficam imóveis, por falta de oportunidade para se manifestarem, até que o toque mágico de um acontecimento feliz as reativa. Essa circunstância que as traz de volta à vida assume, então, o caráter de reminiscência.

— Suponho que seja isso o que acontece comigo, pois concorda inteiramente com meu sentir. Por outra parte, senhor De Sándara, eu me dou conta de que, se não houvesse escutado seus conceitos, dificilmente poderia me vincular a uma possibilidade tão remota.

Miguel Ángel, que havia conseguido dissipar algumas dúvidas no curso daquela conversação, expressou satisfeito:

— Saboreei com gosto do manjar que o senhor nos serviu.

— Oh!..., se não fosse pelo temor de me exceder — Malherbe exclamou, alegremente, — eu pediria ao amigo De Sándara que nos oferecesse alguma sobremesa especial...

— E que melhor sobremesa — este respondeu, no mesmo tom — que a comprovação de que estivemos atendendo, a um só tempo, a nosso ser físico e a nosso ser espiritual?... Acabamos de dar a cada um deles o alimento de seu agrado.

Quando dispensamos ao espírito os cuidados que habitualmente são dispensados só ao corpo, já o temos satisfeito; enquanto isso ocorre, a vida amplia o mundo de suas experiências, de suas sensações, de suas perspectivas.

De volta ao salão, falou-se inicialmente de coisas correntes, de generalidades, matizadas com não poucas notas de humor. Transcorrido, porém, aquele momento cordial, retomaram-se gradualmente os temas interrompidos. Malherbe falou durante um bom tempo, referindo-se a sua longa busca da verdade, investigando sempre, sem achar a compensação ansiada.

— Felizmente — disse ao término de sua exposição, — tive a ventura de não me extraviar nunca nessa averiguação tenaz que levei a cabo durante anos. Talvez isso se tenha devido ao fato de eu ter pressentido os perigos que entranha o embarcar-se nesta ou naquela teoria, ou quando se seguem cegamente os caminhos enunciados nas tantas páginas soltas pelo mundo. Esse afã de saber, que nos vem da alma, nos move a querer conhecer tudo. Se por acaso deixamos alguma coisa de lado, logo nos vemos perseguidos por estas perguntas: "Que será? Não estará aí o que buscamos?" É algo muito parecido ao que nos ocorre quando ouvimos tocar a campainha do telefone e não nos dispomos a atender. "Quem será? Para que nos estão chamando?", perguntamos a nós mesmos; e quantas vezes não ocorre, tanto num caso como noutro, que, decididos finalmente a atender a quem chama, verificamos tratar-se de um engano...

— O caminho verdadeiro não se encontra senão depois de muito andar, de muito sofrer, de muito esperar — De Sándara expressou.

— Temos então de pensar que o sofrimento é inevitavelmente necessário na busca do saber e do bem? — Justo inquiriu.

— Será fácil compreender que, para se apreciar o bom, é preciso descobrir sua realidade em meio às mil ficções que nos rodeiam. Isso quer dizer que devemos antes provar aquilo que cremos ser bom. Pois bem, se o que provamos só tem de bom a aparência, e, após o engano, ainda conservamos nossa ingenuidade, com certeza voltaremos a topar com novas decepções, que abaterão nosso ânimo repetidamente, como se depois de cada experiência elas nos pusessem desacordados com golpes cada vez mais fortes. Recobrando os sentidos, nós nos veremos ainda assim na necessidade de continuar caminhando, pois a vida exige isso, e tal caminhada irá se fazendo progressivamente mais penosa. Entretanto, se desses enganos sucessivos conseguirmos extrair algo útil para nossas reflexões, é indubitável que nos livraremos deles em menor tempo, e isso mesmo nos empurrará para a frente, até darmos com o que realmente seja bom, quer dizer, com aquilo que, longe de nos emaranhar numa quimera, nos convide a desfrutá-lo eternamente.

"Acabo de demonstrar, numa forma gráfica", prosseguiu De Sándara, "que o sofrimento do qual lhes falava tem origem na ignorância, mas também devo assinalar que esse mesmo processo seletivo se cumpre por meio dos inumeráveis fatos que intervêm em cada vida humana. Todos os acontecimentos, desde os que trazem consigo grandes pesares e sofrimentos até os que encerram contrariedades insignificantes, perturbam o ânimo por ignorância de suas causas. Eles são atribuídos correntemente à fatalidade, ao destino, à má sorte, mas isso não deixa de constituir um erro que, sendo de muitos, consola os tolos..."

— Eu deduzo dessa afirmação que quem sabe estaria resguardado do sofrimento por seu próprio saber, não é verdade? — Miguel Ángel perguntou, esperando a aprovação de De Sándara.

— Realmente — o hóspede assentiu; — mas não isento dele totalmente. Aquele que sabe também sofre, mas suas tribulações já não obedecem a iguais causas. O próprio saber, ao lhe conceder a prerrogativa de afastar gradualmente essa consequência acarretada pela ignorância, lhe permite lutar contra o mal, contra o erro ou contra a ficção em condições muito diferentes e superiores. E nessa lide o homem emprega a fundo seus conhecimentos, aperfeiçoa sua técnica, aumenta sua vontade e sabedoria. Ao alcançar essa conquista, ele também se sobrepõe à inevitável alternativa da espera, implícita no sofrimento.

— O senhor dá ao vocábulo "espera" alguma acepção particular? — o professor Moudet inquiriu, vendo que De Sándara se calava.

— Os termos podem assumir às vezes um sentido mais profundo, e até uma nova acepção, ao se vincularem com a realidade interna do ser ou com as exigências íntimas de sua natureza, sem que isso implique, evidentemente, desvirtuar sua etimologia ou seu sentido. Para mim, esse vocábulo de certo modo constitui uma chave, que não vejo inconveniente em revelar. Sempre considerei a espera como uma força que nos move a ser conscientes de nosso proceder ou conduta, toda vez que nos vemos sujeitos a uma situação de expectativa. Quando confiamos essa força ao acaso, ela é cega e nos traz — é bom admitir — cruéis dissabores ou pesares. Diante de um período de espera, devemos ter plena consciência dos fatores que o determinam. Quero dizer com isto que temos de saber se se trata de uma espera fortuita, ou se ela é consequência de nossa vontade posta a serviço de ideias ou pensamentos aos quais demos uma missão definida. No primeiro caso, será preciso pensar, enquanto transcorre a espera, de que forma podere-

mos contribuir para que ela não nos prejudique, não nos lese, a fim de não perturbar ou transtornar os projetos nos quais já pusemos nossos olhos. No segundo, devemos ter presente que só a nós cabe dominar a situação, o que implica saber que a espera é a lógica alternativa de um processo cuja feliz culminação depende de nós mesmos. Essa força, que chamei de "espera", tem que obedecer ali aos firmes ditados da consciência e atuar em função do objetivo reitor desta. Isso quer dizer que o homem deve manejar dita força com pleno domínio de sua vontade, o que lhe permitirá conhecer também, com a devida antecipação, quais serão os resultados finais.

"Mediante a assimilação dos conhecimentos essenciais — os mesmos que estou pondo ao alcance dos senhores neste momento, — podemos habilitar-nos para realizar uma espécie de trigonometria mental, que nos permitirá estabelecer com exatidão os tempos que vão demarcando nossa existência. A vida humana, concebida do ângulo proeminente de sua estruturação moral, espiritual e psicológica, a meu juízo é uma sucessão ininterrupta de curtos lapsos de duração, cada um deles fragmentado em três períodos: o que se emprega em projetar, o que se destina à ação e o que exige a espera."

— Essa definição da vida compreende também a do homem comum? — perguntou Salvador.

— Estou me referindo, meus amigos, às vidas fecundas. Duvido que existam momentos de maior sublimidade, e de efeitos felizes mais duradouros, do que os vividos durante a concepção de uma ideia ou de um projeto. Vem, em seguida, o delineamento e estudo de sua execução, época também feliz, na qual pomos à prova nossa capacidade, com as consequentes satisfações inspiradas pelas futuras etapas a realizar. Temos, finalmente, a espera, que é a que escalona progressiva

e metodicamente o desenvolvimento do projeto até sua culminação. Apressar mais do que o devido o término de uma obra é frustrar seu resultado, do mesmo modo que tirar o ovo da incubadora antes do tempo é malograr o processo normal do pintainho, que haveria de nascer ao se cumprir a etapa fixada para sua gestação e desenvolvimento. A espera deve ser, pois, inteligente, e durante o tempo em que tenhamos de nos submeter a ela, devemos nos manter vigilantes, para que o processo iniciado se cumpra sem inconvenientes. Isso pressupõe, naturalmente, a necessidade de afastar com rapidez esses inconvenientes que poderiam se apresentar, o que evitará que a espera se torne estéril.

"O bom agricultor", ilustrou De Sándara, "confia o futuro da família à sua plantação, porque se previne de qualquer eventual contingência com os recursos de sua experiência e de seu saber; o que espera os frutos de seu talento e de seu trabalho ocupa seu tempo criando outras ideias, ou pondo-as em ação, a fim de escalonar inúmeros incentivos ao longo da vida e manter os gozos estéticos numa fluidez espiritual permanente e renovada. Infeliz do homem que não sabe esperar, ou o faz confiando sua sorte tão só ao acaso!... A espera — a bendita espera! — é um parêntese, grande ou pequeno, que se abre em nossa vida; quem não aprende a utilizar esses espaços de tempo inteligentemente corre o risco de perder a paciência..."

Em seguida, Moudet mostrou-se interessado em conhecer o método que De Sándara empregava para abarcar suas concepções, as quais ele considerava amplas e diferentes. Calmo e de juízo equilibrado, Moudet, por um costume inveterado, gostava de toda espécie de referências e detalhes sobre os pontos que atraíam seu interesse, o que dava a impressão,

decerto enganosa, de que ele quisesse se compenetrar das coisas sem muito esforço.

— Para abarcar minhas concepções — De Sándara respondeu, — não utilizo método algum; utilizo o método, isso sim, para ensinar.

— E em que consiste?

— Simplesmente em ir formando, em quem aprende, uma férrea disciplina interna no manejo e aplicação de conhecimentos que transcendem o saber comum.

— Fica evidente que a posse de tais conhecimentos faz supor uma forma particular de ensinar...

— A posse de muitos conhecimentos dessa ordem de fato pressupõe, amigo Moudet, a sistematização no uso e aplicação deles, bem como o discernimento claro que deve auxiliar nessa sistematização. Em suma, o método consiste na capacidade de se servir desses conhecimentos com consciência, seja para uso próprio, seja para ajudar os demais na sua adoção.

— De acordo — insistiu Moudet; — mas a essência desses conhecimentos, de onde se obtém?

— Da vida e do mundo. Daí se extrai o sumo com que são elaborados os conhecimentos, os quais servem ao mesmo tempo para dotar a inteligência de um poder de ação e de visão nada comuns.

— Compreendo; mas como se gerou no senhor, por exemplo, essa orientação, e em que princípios fundamentou o encaminhamento de suas ideias?

— O senhor me perdoará, professor Moudet, mas eu não poderia satisfazer a essa pergunta sem transgredir um dever de lealdade e respeito para com minha própria consciência. Trata-se de um segredo inviolável; inviolável pela

simples razão de que ninguém, com exceção do próprio ser, pode admitir e compreender sua realidade. Apesar disso, e sem me afastar de tais razões, tratarei de satisfazer a sua pergunta, ainda que em parte. Se partimos da base certa de que cada um é o resultado de seu esforço, estamos proclamando com isso que o homem herda a si mesmo. Sendo assim, é fácil concluir que quem custodia e perpetua essa herança ao longo do tempo é o próprio espírito. Por conseguinte, quando o espírito assume o governo da vida, a altura alcançada pela inteligência em seu desenvolvimento tem de obedecer a influências provenientes desse mesmo espírito.

"Vou expor agora, à guisa de ilustração, uma imagem que tem certa relação com o que estamos tratando. Gostaria que se avaliasse a atitude de uma pessoa a quem, com a maior boa vontade, estivéssemos dispostos a ajudar com algum dinheiro, se ela, mesmo necessitando dele imperiosamente, se negasse a recebê-lo enquanto seu benfeitor não lhe explicasse como iniciou a fortuna que agora lhe permite ajudá-lo, ou os meios pelos quais a alcançou. Embora não seja exatamente este o nosso caso, tampouco está desvinculado dele, e nos sugere, pelo contrário, uma reflexão muito a propósito, pois cada um dos que fazem fortuna sabe que nesse processo intervêm múltiplos fatores circunstanciais, mas prefere guardá-los para si — apesar de serem importantes —, por considerá-los privativos da intimidade. Deveria o médico atender ao pedido do paciente que lhe exigisse, como condição para submeter-se à medicação prescrita, dar-lhe a conhecer como fez o bioquímico para descobrir suas fórmulas, como elas foram preparadas e como seus componentes atuam?... Após essa digressão, direi a todos que as riquezas da inteligência, quando são inatas, obede-

cem a fatores da própria herança, a qual é fruto de um processo de evolução seguido pelo espírito. O que estuda uma profissão, de quem herda seu saber e seu título, senão de si mesmo? Não os herda de seus pais, de forma alguma; herda de si, de seu esforço, de sua constância e entusiasmo. Então, por que não haverão de obedecer à mesma lei os desenvolvimentos superiores da inteligência? Ainda que isso pareça inverossímil, poderia de certo modo justificar as reservas a que fiz referência há alguns instantes.''

— Considero claro e convincente o que nos disse — Malherbe intercedeu. — Tais riquezas são as que descobrimos ao longo da vida de um homem e de sua obra, e o perfil dessa vida e dessa obra viria a ser delineado na atividade de seus pensamentos, amadurecidos após a concepção dos propósitos que animam seus esforços.

— Agora compreendo — manifestou por sua vez o professor Moudet, muito satisfeito — qual é o ponto de partida de sua orientação, pois quem conta em seu haver hereditário com os conhecimentos que o senhor possui, leva implícita a orientação.

Em seguida, como visse que De Sándara se dispunha a pôr-se de pé, com intenção de encerrar a visita, acrescentou:

— O senhor foi muito amável ao responder às minhas perguntas, e, apesar de eu não estar muito adestrado na interpretação de seus conceitos, as explicações dadas me foram claras e acessíveis.

— Tratei simplesmente de favorecer um verdadeiro acercamento espiritual entre nós — respondeu-lhe ele, inclinando-se cortesmente.

Instantes mais tarde, despediam-se.

O dono da casa, após agradecer ao senhor De Sándara sua participação naquele encontro, perguntou-lhe:

— Teremos a honra de vê-lo outra vez?

— Espero que não falte essa oportunidade — ele respondeu, ao mesmo tempo que lhe estendia a mão cordialmente. E acrescentou: — O senhor Malherbe lhes dirá, caso me seja possível estar novamente com os senhores. Também eu desejo que este acontecimento se repita, o que me permitirá renovar essa vinculação, tão simpática como honrosa.

~

Eram aproximadamente duas horas da madrugada quando Arribillaga voltou para casa, após deixar seus amigos.

Patrício, que ainda não se recolhera, cochilava numa poltrona. Sobressaltou-se ao ouvir seus passos, manifestando que o aguardava para o caso de ele necessitar algo.

— Ah! Isso sim é que é ser diligente!... — o jovem exclamou, simulando não haver captado a argúcia.

Patrício permaneceu confuso diante dele, mas reanimando-se ante a atitude bondosa de Cláudio, fixou nele sua nobre mirada, cruzando-se entre ambos uma simpática expressão de inteligência.

Em seguida, Cláudio começou a trocar de roupa e, enquanto o fazia, foi relatando ao mordomo, para recompensá-lo pela espera, algo do que ele desejava saber.

— Posso assegurar a você, Patrício, que volto muito satisfeito. Ouvindo De Sándara, senti como se algo despertasse no fundo de minha consciência. Suas palavras reavivaram em mim as ânsias de conhecer o mundo de que ele nos fala em seus

livros, esse mundo que é tanto mais inacessível quanto mais pretendemos alcançá-lo por um capricho de nossa veemência. Sabe que me deu a impressão de ser ele mesmo um arauto desse orbe incorpóreo? E nem lhe digo de quão ajustados são seus conceitos e da profundidade de seus pensamentos, porque já havia comentado isso com você, após ter lido os escritos dele.

— Como me alegro que tenha sido assim!... — exclamou o mordomo, cuja satisfação era evidente.

E acrescentou em seguida, com toda a discrição:

— Quer que lhe sirva algo, menino?

Cláudio só desejava descansar. Agradeceu ao criado e se dispôs a dormir, prometendo contar-lhe algo mais no dia seguinte. Entretanto, demorou a conciliar o sono. Sem que o quisesse, seguiam-no as palavras que escutara pouco antes, reconhecendo o efeito delas na sensação nova que pulsava em seu interior, como se elas lhe houvessem infundido maior vida e levantado seu espírito. Conseguiu compará-las mentalmente com as águas de Juventa, que deixavam nas almas daqueles que nelas se submergiam a sensação vivificante que produzem os banhos de luz. Tão logo declinou o fulgor de seus sentidos físicos, sentiu-se transportado ao mundo mental, a esse espaço metafísico em cujas imediações se debatem desesperadamente legiões de almas que em vão pugnam por transpor seus pórticos imensos, e no qual só goza de franquias inimagináveis o espírito que consegue superar na terra as formas essenciais da vida.

Apesar de o espírito de Cláudio não se achar nas condições requeridas para realizar aquela inesperada excursão etérea, excepcionalmente pôde fazê-la, só que, ao despertar, conservava em sua retentiva apenas recordações muito vagas. É o que acontece nos seres faltos de preparação consciente.

A vigília, ao ativar novamente os sentidos, fecha o circuito da inteligência aberto pela ação do espírito, e a memória transcendente, a que atua no curso do sonho, fica eclipsada, obscurecendo-se de tal modo a película mental que as imagens mal se distinguem, e isso quando não se apagam totalmente. Diferentemente, quando a alma cultiva durante a vigília as excelências de sua natureza superior, é inquestionável que os dispositivos mentais se agilizam nessas expansões anímicas, permitindo a recordação de tais experiências.

Apesar disso, ao despertar, Cláudio intuiu que os enigmáticos sonhos que a modo de reminiscências apareciam delineando-se em curtíssimos fragmentos nas imediações de sua consciência, tinham muito a ver com o que na noite anterior escutara do senhor De Sándara.

O homem não se detém a pensar quais secretos desígnios imperam sobre sua mente enquanto dorme, e ignora o que, sem intervenção de sua vontade, realiza prodígios com seu ser anímico, fazendo-o voar às vezes como um pássaro, penetrar outras vezes através de muros inexpugnáveis, ou possuir de vez em quando o cetro dos reis ou a vara dos magos.

~

Poucos dias após aquela reunião, apresentou-se novamente a Cláudio a oportunidade de se encontrar com o senhor De Sándara. Desta vez o convite lhe havia chegado por meio de Malherbe, que os reuniria em sua casa.

Seu moderno apartamento abriu-se nessa noite para oferecer aos intercâmbios o amável e tranquilo recinto destinado à recepção. Ali, em torno de De Sándara, em atitude

atenta, achavam-se as mesmas pessoas que o haviam rodeado dias antes, às quais se somaram Agustín e alguns amigos do dono da casa.

— Se me permite, senhor De Sándara — ouviu-se Cláudio dizer, no calor da conversa, — desejo lhe formular a seguinte pergunta: — Na criação dos personagens de seus romances, o senhor tem algum propósito definido?

— O mesmo que você pode apreciar em minha concepção da vida, da pessoa humana e das coisas que considero importantes para o exercício de nossas aptidões mentais e morais. Em nenhum de meus livros deixei de ressaltar esse propósito, fazendo-o transparecer em toda oportunidade que se me ofereceu.

— E como o senhor concebe e articula a trama de seus romances? — Arribillaga voltou a inquirir.

— O mundo que se espelha em meus romances é só um fragmento de meu pequeno universo. Os movimentos e a própria vida dos personagens que atuam neles adquirem, através da ficção, uma realidade efetiva, pois obedecem à trama de um vasto e originalíssimo plano de reeducação superior do espírito humano. Constituído isto em objetivo principal de minha vida, faço com que tudo concorra para sua realização, inclusive os romances, os quais, como já disse, fazem parte do mencionado plano.

— Podemos então pensar que suas ideias têm origem numa inspiração metafísica? — o senhor Gorostiaga perguntou.

— Realmente. Existe, meus amigos, um mundo maravilhoso, o mundo mental, ou seja, aquele onde vive e atua o pensamento criador e onde proliferam as grandes ideias da mente universal. Tenho desvendado nele mais de um enigma, desses que tanto preocupam a mente humana. E foi justamente contemplando esse mundo que pude preparar os conhecimentos

destinados a habilitar as almas, não só para que contemplassem essa realidade metafísica, mas também para que a integrassem. Todos os meus pensamentos, como se poderá ver em qualquer parte onde eles se manifestem, se vinculam instantaneamente à vida universal que palpita sem cessar nos seres. Seja dentro de meus livros, seja no trato direto com as pessoas, eles perseguem sempre o mesmo fim. Assim, se algo me distingue de outros escritores, é precisamente isso.

"No pequeno mundo que, repito, se espelha em meus romances, impera minha vontade, e as partículas de minha criação se sustentam com meu pensamento, exatamente como ocorre em nosso mundo físico, onde impera visível e invisível a vontade de Deus, e onde nossas mentes se sustentam de seu pensamento universal. Inspiro aos personagens que povoam o mundo de minha ideação, plasmado em minhas obras, uma confiança ilimitada nos arcanos que alentam a vida dentro e fora da existência corpórea, infundindo-lhes a virtude de senti-la e vivê-la com plenitude de consciência e espírito. Desnecessário seria eu me referir ao profundo carinho que sinto por todos os rebentos que minha mente fecundou e fez nascer nele, nos quais infundi minhas ideias e meus pensamentos.

"Eles são a representação exata do que realizo naqueles que guio com meu saber, donde resulta a especial significação que têm. Assim é como se torna para mim um verdadeiro prazer atenuar as faltas em que incorre um ou outro de meus personagens e, com maior razão, estimular suas ações nobres. E se em algumas ocasiões devo repreender algum deles, cujo comportamento não tenha sido bom, sofro com ele, pensando nas causas que o induziram a isso. Revejo então seu processo em minha consciência e constato que a sanção era, não obstante, necessária, que uma razão superior justificava minha atitude. A

ele, então, dedico particularmente minha atenção, seguindo-o por meio de seus passos inseguros. E quando consigo conduzi-lo de novo pelo bom caminho, experimento uma alegria sem igual, uma ventura indescritível, que me enternece e me faz amá-lo cada dia mais. Quantas vezes penso se não é isto mesmo o que Deus faz conosco!..."

— Quer dizer — disse então o pai de Marcos —, que o senhor plasma na vida de seus personagens um processo de educação psicológica similar ao que descreve em suas proposições...

— É assim, efetivamente. Tais personagens, além de constituírem a representação psicofísica e espiritual do homem, mantêm vivo o pensamento de uma evolução superior.

— O curioso — Salvador manifestou — é que muitos dos seres que animaram o mundo do romance chegaram a parecer tão reais como os corpóreos. A quantos deles não temos visto se fazerem tão conhecidos, tão populares, como muitos luminares de nossa existência terrena... Há casos em que até parece não existir diferença entre esses famosos personagens e os outros, os que já se foram deste mundo...

— Francamente — De Sándara expressou, acompanhando suas palavras com expressão jocosa, — eu preferiria ser um deles a viver em obscuro anonimato.

Adicionou em seguida, dirigindo-se a Salvador:

— Sabe por que acontece isso que você acaba de mencionar? É porque no mundo mental os seres que foram de carne e osso se confundem com os de essência puramente espiritual. Uns e outros continuam vivendo nesse mundo, no qual nossa memória os busca e se encarrega de fazê-los presentes para nós.

O professor Moudet, cujos olhos vivazes não se apartavam do senhor De Sándara, disse em continuação, ansioso por novas explicações:

— Considerando que todos os seus pensamentos tendem a um só fim, é lógico que as criaturas que o senhor faz viver em seus livros tenham a propriedade de exercer uma saudável influência sobre os leitores. Pois bem, eu gostaria de saber se elas mostram as alternativas que os seres humanos devem seguir, em sua evolução gradual para o aquilatamento do saber, nos trechos superiores da vida do espírito.

— Naturalmente. Por meio de tais alternativas ou episódios, elas mostram as possíveis fases que haverão de se apresentar ao homem que se dispõe a evoluir conscientemente. Ao modelar seus traços, peculiaridades e qualidades, reafirmo em mim o poder conceitual das projeções mentais com que animo a vida de cada uma dessas criaturas, e é assim que, enquanto lhes insuflo um alento semelhante ao que sustenta a vida humana, configuro arquétipos acessíveis às possibilidades de todo homem ou mulher, mesmo em suas aspirações mais elevadas e exigentes. Refiro-me, por certo, aos casos em que dou maior hierarquia aos personagens, o que faço sem nunca levá-los a alturas impossíveis.

"Enquanto escrevo", continuou, "sigo uns e outros observando suas vidas: umas, cheias de abnegação e sacrifício; outras, sedentas de ambições; aquelas realizando proezas; estas, com intenções sempre avessas. A desconfiança, mesclada às vezes com a ironia e o desprezo em fortes e irrefreáveis reações psicológicas, ou a expressão cáustica dos malvados, que estilizam o riso enquanto mastigam a goma amarga da desdita, oferecem uma contraluz muito útil para destacar a inegável realidade dos valores do espírito, que o homem pode alcançar em sua trajetória pela terra. O contraste entre o bem e o mal, que abre perspectivas tão imensas para o artista que se propõe a traçar seus rasgos, me permite utilizar esse recurso para ro-

bustecer a vontade na luta que cada ser deve travar para vencer o pérfido sabotador da felicidade humana. Ao pessimismo, à rebelião e à incúria — tristes quadros que refletem os estados pelos quais o homem passa — eu oponho meu otimismo, meu entusiasmo e meu empenho, nutridos em minha própria consciência, para neutralizar, nos que giram em torno deles, os efeitos perniciosos de seus decepcionantes estados morais e psicológicos.

"Sempre animado pelo mesmo propósito, descrevo como se praticam as grandes virtudes, as quais — como a paciência, a prudência, a tolerância — tanto são mencionadas e tão poucas vezes praticadas com consciência. Levado pelo mesmo incentivo, ensino como é possível amar com esse amor sublimado e embelezado pela pureza do sentir, que se substancia na abnegação. Quão diferente é ele do amor passional, egoísta e raramente sincero, que a tudo oprime, perverte e aniquila, pois o sentimento não conta quando o instinto governa.

"Compreender-se-á que os personagens de meus livros não terminam no romance mesmo. Como autor, procuro fazer com que a vida deles, aperfeiçoada, se encarne naqueles que leem minhas páginas com intenção de saber e anelos de avançar pela rota que deixo traçada. Os pensamentos, palavras e ações de minhas criaturas transmitem ensinamentos e exemplos de fácil recordação. Não cumpririam seu verdadeiro objetivo se, ao longo de sua atuação, não se delineasse nelas, com clareza, a imagem de um processo que estimula e alenta a vida humana, mostrando como esse processo pode ser consumado na realidade para o enobrecimento dessa vida. Isto, e não outra coisa, me levou a forjar estruturas e traços psicológicos modelares, a serviço daqueles que anelam escapar do suplício de Tântalo, suplício a que são submetidas quase todas as criaturas

humanas desde sua mocidade, devido à falta de uma sadia e eficaz preparação mental e psicológica para enfrentar a vida. Como não terminar nessa tortura, se as paixões, os vícios, a vida leviana e a libertinagem, mais do que acalmar, levam ao extremo a sede de quem os desfruta? Perdendo-se a medida, o que resta do deleite que deslumbrou os sentidos? Tão só um mórbido esgotamento, um fastio — e, após breve pausa, outra vez a dança da libélula em torno da chama que haverá de queimar suas frágeis asas... Quando se escreve sobre essas coisas, meus amigos, se sente tentado a acometer a empresa de unir o céu com a terra, o espírito com a matéria, e a matar de uma estocada o dragão das trevas, essa alada personificação do mal que governa o instinto indômito do homem."

— Como me agradaria possuir o domínio que o senhor tem da pena, para poder fazer algo assim! — Cláudio disse, cedendo ao impulso entusiástico de seu coração.

— Não é coisa impossível — De Sándara respondeu-lhe, risonhamente. — Necessita-se, em primeiro lugar, conhecer a fundo o mundo mental e seus segredos. Conseguido isso, é necessário possuir... como poderia dizer-lhe?..., é necessário certo excesso de vida, para infundi-la nos demais.

Cláudio riu, ao sentir tão prontamente contida sua veemência, e respondeu com graça:

— Isso significa que ainda vai correr muita água debaixo da ponte antes de me lançar a semelhante realização.

— Vai lhe custar um pouco, naturalmente. No começo, tudo é difícil... — De Sándara lhe respondeu, assentindo; mas em seguida o surpreendeu com esta pergunta, na qual pôs um quê de ironia: — E por que você não pensa que, por enquanto, poderia ser mais simples e mais cômodo dedicar seu tempo à leitura?

Sem captar, provavelmente, o sentido de tais palavras, Marcos insinuou:

— Mas o prazer estético, a emoção, o sabor da força criadora, as sensações que surgem das felizes combinações da linguagem, não se experimentam da mesma forma tanto lendo quanto escrevendo.

— Tudo indica — disse De Sándara, encarando com simpatia os dois jovens — que em ambos existe uma predisposição ao cultivo das letras. É essa uma aspiração muito louvável, por certo. Entretanto, devo advertir-lhes que a eficiência em seu cultivo depende inteiramente do cultivo do espírito, por ser ele, justamente, quem dá a tônica feliz às produções do talento. Com isto, quero dizer que não basta obedecer a um desejo; é melhor, muitíssimo melhor, capacitar-se no exercício das potências criadoras do espírito, para poder alcançar assim a meta definida por nossos anelos.

Transcorridos uns instantes, Salvador interveio:

— Perdoe-me, senhor De Sándara, mas eu gostaria de ver esclarecido um ponto. Segundo o que vem expressando, é como se as obras de ficção, mesmo as criadas por autores célebres, carecessem de valor ou não estivessem substanciadas por um sentido verdadeiramente elevado.

— Eu lhe asseguro que não quis exprimir tal coisa — De Sándara apressou-se em emendar. — Como haveria de negar a valiosa contribuição daqueles autores cuja produção alcançou influência preponderante nas letras? É crescido o número dos que têm sabido traçar, com genial maestria, rasgos, modalidades, virtudes ou paixões de seus personagens; dos que descreveram com tal fidelidade o meio, os tipos, os costumes, os acontecimentos que circundam a vida de seus personagens, que seus relatos costumam constituir às vezes verdadeiros documentos

históricos. Aprovo, com toda a justiça, que isso lhes tenha valido a auréola da glória. A meu juízo, somente uma objeção caberia a suas talentosas concepções, encerradas nas mais belas e acabadas formas literárias, e é que, podendo seus autores comover a tantas almas, não conseguiram — eis aí o curioso! — ensinar um caminho que arrebatasse o espírito e oferecesse ao homem a ansiada perspectiva de um destino melhor. Admiro a fecundidade imaginativa de inteligências tão elevadas, seu vigor, seu nervo, seu poder descritivo, seu domínio do estilo; mas as grandes obras também devem ser avaliadas por sua contribuição à elevação espiritual da evolução humana.

Miguel Ángel, que não havia intervindo até então, perguntou por sua vez:

— Poderia nos dizer, senhor De Sándara, em que época o senhor escreveu seu primeiro romance?

— Não poderia dizer com precisão... Eu vivo tão intensamente a vida, que os anos têm para mim a dimensão dos séculos. Era eu, isso sim, muito jovem. Além do mais, meu primeiro romance teve um só e único leitor: eu mesmo... Ainda caberia acrescentar que o conteúdo de meus romances se perde nos confins das idades ou, melhor dizendo, se confunde com o tempo propriamente dito, de sorte que, ao lê-los, renasce tudo o que há neles com o frescor de uma manhã de primavera ao raiar da aurora... Quero dizer com isto que minhas ideias não são para uma época, senão que abarcam todas as idades, por palpitar nelas as energias de um sentir permanente e renovado, de um sentir que é um verdadeiro grito de fé e de amor à vida em sua maravilhosa função existencial.

O senhor De Sándara guardou silêncio. Em sua atitude tranquila, em seu olhar profundo e sereno, era difícil distinguir se havia plácida tristeza ou recôndita felicidade.

Enquanto o pensamento dos que escutavam estava ainda pendente de suas últimas palavras, Miguel Ángel, empenhado em reunir — quiçá sem um objetivo definido — alguns dados, perguntou a De Sándara se, quando ele escreveu seus primeiros romances, havia lido "in extenso" outros autores.

— Sem dúvida — respondeu ele, sorridente, parecendo submeter-se com agrado ao interrogatório. — Mas sempre tive bastante cuidado de não mesclar as ideias alheias com as minhas. Isso nunca me foi difícil, porque meus pensamentos se substanciam em meu próprio ser, isto é, nascem em mim e se nutrem em minha própria vida mental. Em cada um de meus livros, vivi toda uma vida, intensa, cheia de emoções, de amor, de felicidade, como também experimentei a dor que se esconde na desdita, no sacrifício ou na injustiça. Pude ver a mim mesmo em todas as idades e circunstâncias, ao enfocar as múltiplas situações felizes ou adversas que matizam o fundo das tramas morais dos seres humanos, em suas complexidades psicológicas mais sutis e agudas.

"Assim, pois", adicionou, após breve pausa, "impulsionado pelo anelo de sentir dentro de mim as palpitações sensíveis de cada vida, para extrair delas a nota instrutiva, certa vez me transformei em mendigo. Transportando a imagem para meu mundo mental, tomei por morada uma choça, que partilhei com outros indigentes. Saía diariamente a perambular pelas ruas, pedindo uma esmola de casa em casa. Meus companheiros, que eram muitos, passavam a vida maldizendo os ricos, sem fazer absolutamente nada para aliviar sua situação. Todo centavo que recolhiam, eles o gastavam com seus vícios, principalmente a bebida. Eram sadios, fortes, podiam trabalhar e ganhar honestamente o sustento, mas preferiam a mendicância e a ociosidade.

"Essa monotonia deprimente e miserável me cansava, me sublevava dia após dia, até que decidi mudar tal modo de viver. Comecei a trabalhar, sem pretensões, como ajudante numa fábrica. No começo, tudo me parecia pesado: a tarefa, o horário, as ordens, a disciplina. Não obstante, pus empenho, acostumei-me a isso e, progredindo, cheguei a mestre. Um dia me casei, e de meu matrimônio nasceram filhos, que eduquei com esmero.

"Com o correr do tempo, encontrei por acaso um de meus antigos camaradas. Seu aspecto era o mesmo de antes, apesar de mais envelhecido. Ele me olhou e não me reconheceu. Eu havia mudado muito. Pediu-me uma esmola; quando lhe estendi uma nota, se mostrou surpreso, e seus olhos lacrimejantes, avermelhados pelo álcool, me contemplaram com mostras de gratidão. Trêmulo, maltrapilho, arruinado pelo vício e pelas privações, escondeu o dinheiro entre seus andrajos e prosseguiu a caminhada. Se eu não tivesse modificado minha vida, continuaria sendo exatamente igual a ele. Só de pensar nisso me estremeci de espanto.

"A vida estéril e miserável do homem a quem eu acabava de socorrer me levou a meditar e, com isso, a confirmar que, debaixo daqueles imundos farrapos físicos e morais, se ocultava um egoísmo irritante."

— Egoísmo?... — Marcos inquiriu.

— Exatamente; egoísmo. E lhe direi por quê. Ao penetrar na alma do mendigo, fiz com que ele buscasse no trabalho sua regeneração. Já não dilapidava mesquinhamente seus ganhos satisfazendo seus vícios. Muito ao contrário, formou um lar, e foi sua família que desfrutou suas economias, o que muito me agradou, pois serviram para a educação de seus filhos, nos quais fiz que ele inculcasse sentimentos generosos. Ajudou

também a outros, amigos e achegados; resumindo, transformou-se num ser útil à sociedade. Tudo isso era, repito, de meu agrado e me fazia pensar no que pode um homem quando resolve deixar de ser mendigo...

De Sándara permaneceu pensativo por alguns instantes e, como se ao esquadrinhar o fundo de sua consciência encontrasse ali uma prenda querida, manifestou em seguida que relataria um novo episódio.

— Noutra ocasião, penetrei na vida de um jovem inválido, a quem um acidente havia deixado sem braços. Vivi com ele as angústias que continuamente o oprimiam; sofri ao seu lado a crueldade de seus momentos de profunda desolação. Olhando os seres privilegiados, os que tinham braços, sentia rebelar-se dentro dele sua juventude mutilada, com ânsias incontidas de ser como eles. Era para ele impossível compreender por que, sem culpa alguma, fora privado de tão inestimável bem. Pude apreciar, então, o mau uso que geralmente fazemos de prendas tão preciosas, assim como de todas as demais que nos foram concedidas por Deus. Ao ver-me naquele jovem sem mãos, pensei no amor com que as cuidaria se as tivesse, e em tudo o que poderia fazer com elas. Enternecido, recordava os que as usavam para servir à humanidade, enobrecendo-a ou defendendo-a do mal. Via o cirurgião operando para salvar uma vida; o engenheiro traçando projetos de edifícios, de fábricas, de estradas, de pontes e mil outras obras que contribuem para o progresso humano; o pintor estampando na tela imagens que perdurariam ao longo dos tempos; o escultor perpetuando no bronze ou no mármore obras imponderáveis; o músico arrancando do instrumento harmonias sublimes. Via o agricultor semeando os campos ou fazendo as colheitas, que encheriam os porões dos navios em sinal de abundância. Oh, mãos!, órgãos divinos! O que o homem

não pode fazer com elas? E olhando as minhas, ao escrever tudo isto, agradecia a Deus uma e mil vezes a bênção de tê-las.

"Quando meu inválido sentia que outras mãos deslizavam em suave carícia por seus cabelos, percebia, com recôndito sentido, já a santa ternura que fluía do coração de sua mãe, já a pena lacerante que cortava o de seu pai; ora a piedade de seus irmãos, ora a compaixão de parentes, ou a de amigos. Mas, desditado dele!, nunca lhe fora dado experimentar a sensação inconfundível de uma carícia de amor. Mão feminina alguma lhe havia feito sentir essa felicidade, e a certeza de que nunca, de que jamais poderia experimentar esse momento sublime, fazia recrudescer horrivelmente seu íntimo calvário. Encantadoras jovens se reuniam com frequência em sua casa, buscando a companhia de suas irmãs; mas isso redundava em tristeza para o infeliz aleijado, a quem os membros mutilados negavam o prazer de roçar, com as mãos, em cabelos e rostos como aqueles. Quem poderia pôr os olhos nele, de cujos ombros pendiam, como angustiosos pesadelos, suas duas mangas vazias? Se nem sequer era capaz de bastar-se a si mesmo! Não se podia negar que era horrível seu martírio. E pensar que há homens que utilizam suas mãos para o crime!

"Um dia, a dor de meu pobre inválido se tornou tão insuportável, seu desespero tão comovedor, que não pude mais resistir e, com um golpe de minha pluma, transformei sua vida em sonho. Ao despertar, chorava como uma criança. Contemplava suas mãos com encantamento e as apertava contra o coração. 'Minhas mãos!', exclamava ele. 'Mãos queridas!... Que Deus me conceda a ventura de usá-las sempre com honradez e inteligência!...'"

— Enquanto o senhor punha em relevo os sofrimentos morais que atormentam um aleijado — Cláudio manifestou,

— não deixei de observar a similaridade que existe entre este e o aleijado mental. Parece-me que uma semelhança perfeita une os dois. É claro que caberia uma ressalva com relação ao último, e é que ele deve sua invalidez ao fato de não saber — ou não querer — usar as mãos de sua inteligência ou, melhor ainda, de seu entendimento, com as quais tanto poderia fazer em seu benefício e no dos semelhantes.

— Parabéns, amigo Arribillaga; você acaba de usar as suas com habilidade e acerto.

Seguindo-se a Cláudio no uso da palavra, e atendo-se a outro tipo de preocupações, Norberto, expressou:

— Faz falta para nós uma grande memória, que possibilitasse guardar com fidelidade os conceitos que o senhor nos está dando a conhecer.

— Isso não é o que importa; as palavras que escutamos são como as pessoas com quem tratamos pela primeira vez: se elas nos são gratas, nós as recordamos e até cultivamos sua amizade; do contrário, logo as lançamos no esquecimento.

— Sua resposta é muito alentadora, já que posso me considerar entre os primeiros... — Norberto completou.

Chegada a reunião a esse ponto, De Sándara expressou que talvez estivesse se excedendo na extensão de sua fala, dada a hora avançada, mas o senhor Malherbe protestou amavelmente, rogando-lhe que se valesse de toda a liberdade que lhe fosse mister. Sua manifesta sinceridade, ao dizer que se fazia eco da expectativa de seus amigos ali presentes ao lhe pedir que continuasse, moveu De Sándara a narrar a história de outro de seus personagens:

— Querendo conhecer a fundo a vida de um famoso mistificador — começou dizendo, — eu o incorporei ao elenco dos que fazem sua representação em meu cenário mental, a fim de

observá-lo em suas correrias. Soube, assim, da vida audaciosa e agitada que todos esses senhores do engano e da ambição levam. Seu objetivo na vida é aproveitar-se, sem consideração alguma, da boa-fé dos demais; no fundo, só ambicionam poder, riquezas e renome. Não desprezam meios, por mais vis que sejam, para a conquista de seus fins, e fazem vítimas de suas patranhas a amigos, parentes e todos os que se puserem ao alcance de sua astúcia. Em seu sangue levam o gérmen do desvio e da perversão, pois nada fica neles sem se desnaturalizar, desde a palavra, que empregam com refinada falsidade, até o que tocam ou fazem. Em sua mente só têm lugar os pensamentos que alentam seus propósitos ignóbeis, ou que fomentam os desígnios de sua baixa moral, e, para encobrir suas intenções avessas, exercem a dissimulação ou atribuem aos demais, com astúcia diabólica, as maldades que dizem, pensam ou levam a cabo. A impostura é, queira-se ou não, o fim primordial que caracteriza seus atos. Tão logo me certifiquei de que não se podia pôr naquele homem a mais remota esperança de regeneração, fugi dele, repugnado e entristecido. Havia conhecido por dentro uma classe de tipo psicológico que constitui um verdadeiro escárnio para a humanidade.

De Sándara tomou a bebida que acabavam de servir-lhe e, em seguida, dispôs-se a continuar.

— Livre já daquele energúmeno, corri ao mar para mergulhar com vontade em suas águas límpidas e respirar a plenos pulmões o ar puro da naturalidade. Dali passei a encarnar num rei. Pude, assim, ver de perto sua vida faustosa. Era ele autoritário e sensual, apegado à magnificência e aos prazeres. Observei como os conselheiros manejavam meu presunçoso monarca, fazendo com que ele cresse em tudo o que convinha aos interesses pessoais deles, a fim de o manterem alheio ao

que acontecia no exterior do país, e mesmo dentro dele. Divorciado do povo, que sentia os rigores da escassez, aquele rei fazia estampar sua firma e os selos reais em todo decreto que lhe apresentavam para espoliar os súditos, principalmente os que de sol a sol cultivavam os campos e incrementavam com seus esforços as indústrias, para riqueza de seus amos.

"Vi os cortesãos se aproximarem dele com gestos estudados e palavras de adulação. Sem escrúpulos de consciência, eles se mantinham submissos em troca de prebendas. Com que clareza se evidenciava a miséria moral desses palacianos, os quais, se por um lado se entregavam ao mais artificioso e desprezível servilismo perante o rei, por outro, já sem a máscara das circunstâncias, demonstravam todo o seu despotismo e impiedade ao oprimirem o povo, atrelado à carruagem do tirano.

"Despreocupado e sentimentalista, o monarca apregoava por todos os âmbitos de suas terras os favores que, a modo de esmola, ele dispensava a uns poucos; e, enquanto dava a entender que sua prodigalidade abarcava todo o país, fechava com desdém seus olhos e ouvidos à miséria, ao descontentamento e à dor que nele reinavam.

"Tampouco ali encontrei nada de construtivo, nem me ocorreu pensar que se pudesse endireitar o rumo daquelas vidas soberbas, distorcidas por costumes milenares, que se foram degenerando com a evidente decadência de um sangue que distava muito de ser azul, como o de legítimo cunho que deu brilho e esplendor a reinados e dinastias memoráveis.

"Na estampa psicológica desse rei, identifico a todos aqueles governantes de velha e recente data que, uma vez no poder, se tornam tiranos impiedosos, com a diferença de que estes tiveram de passar primeiro pela etapa servil. Neles impera sua

vontade onímoda, mesmo quando fazem o povo crer que agem de acordo com o sentir da maioria. Mas quão fácil é descobrir ali — onde a ostentação de robustez satisfaz com excessos a fátua embriaguez da onipotência — o odor característico das coisas em plena decomposição. Lição dos séculos, que os povos e cada homem em particular não têm sabido aprender, para impedir com sua inteligência e sua decisão que surjam e se entronizem esses entes diabólicos, carentes de todo resto de sensibilidade humana."

Mal se deteve, De Sándara passou logo a relatar um novo episódio:

— Também me introduzi na vida de vários operários. Queria viver com eles suas necessidades e penúrias, observando ao mesmo tempo suas ideias, anelos e inquietudes. Encontrei ali um dos complexos mais intrincados da maranha psicológica humana. O operário de nossos dias já não é aquele que, tempos atrás, mostrava as angústias da necessidade, agravada pelo rigor patronal e por uma escassa remuneração. Hoje, embora as causas sejam em aparência as mesmas, o problema se reveste de outros matizes e contornos. O operariado se transformou numa massa de ressentidos sociais. Antes, o trabalhador esforçado abria caminho para si, e por este caminho marchavam seus filhos, muitos deles para posições respeitáveis. Agora, pais e filhos só buscam a vida fácil, o mínimo de trabalho e o máximo de retribuição. O operário apto, o operário capaz, se vê assim preterido, e seu lugar é ocupado por quem, longe de fazer prosperar a indústria ou o comércio para participar de seus benefícios, pretende aumentos com exigências cada vez mais inatendíveis. Suas demandas giram dentro de um círculo fatal, sem que nenhum deles — e somam milhões — perceba que tais demandas, por justas que sejam, jamais conseguirão

satisfazê-los, se antes não vencerem o mais terrível de seus inimigos, a inflação, que vai anulando tenaz e implacavelmente todos os benefícios alcançados com suas conquistas. O lamentável é que, nesse aperta e afrouxa em que se acham empenhados, todo o mundo se prejudica, sendo eles os que, no final das contas, ficam com a pior parte.

"Na realidade, o que mais complica e realimenta o problema trabalhista é que os homens de governo e os partidos políticos, em vez de buscarem a fórmula-solução que contemple o fato em sua raiz, fomentam a permanência desse grande conflito entre o capital e o trabalho, a fim de manter por essa via apoios eleitorais, ou obrigarem que se recorra sempre a eles para atenuar a agudeza do problema, toda vez que ele recrudesce.

"É evidente que há duas classes de operários, ambas perfeitamente definidas: a dos bons, que fazem de seu trabalho um culto e prosperam por seu próprio esforço, e a dos maus, que, assumindo a postura de ressentidos sociais, usurpam intencionalmente o lugar dos primeiros. Integram o número destes últimos os de ideias dissolventes, cujas mentes são verdadeiras forjas em que se moldam, em vermelho, os pensamentos mais audazes e perturbadores da tranquilidade pública. Talvez um dia se chegue a contemplar com a devida amplitude este problema social, que assume projeções universais, dando a uns melhores oportunidades de adiantamento e fomentando em outros a consciência do dever, que, ao conter o frenesi dos equívocos, nutrirá em seus peitos propósitos sadios e nobres de melhoramento e progresso.

"Com pesar, temos visto como se vêm sucedendo, desde antigamente, mais ou menos as mesmas situações. Os governos e os regimes passam, e os problemas ficam. Tem-se pensado em encontrar sua solução nas guerras. Grave erro! Após os

conflitos armados, sobrevém o estupor provocado pelo incompreensível espetáculo do martírio inútil e da desolação sem medida. Eis aí uma realidade à qual com frequência se voltam as costas. Ontem os que nos precederam, e hoje nós, lançamos sobre os ombros das gerações que nos sucederão o peso de todas as questões que não fomos capazes de resolver com inteligência e decisão. Acima de tudo, não nos enganemos, pensando que os problemas do homem serão resolvidos à custa de sua liberdade. Poderá calar-se a voz da inteligência, poderá calar-se a rebelião do espírito, porém jamais se poderá calar a reação da natureza humana, que em última instância reclama, com força incontível, o império de normas dignas para o homem em suas mais caras e legítimas aspirações de evolução.

"Recordo que um dos operários de meu mundo era um decalque perfeito dos que trabalham em oficinas e fábricas. Com frequência, ouvia-se ele injuriando os ricos, atribuindo-lhes a culpa de todos os infortúnios que os necessitados padecem. Perguntaram-lhe um dia sobre o que faria se fosse contemplado pela sorte, e ele não vacilou um instante em afirmar que socorreria os pobres. Pouco depois, ganhava um grande prêmio da loteria. 'Muito bem', eu disse para mim mesmo, 'eis que já o temos rico; vejamos o que vai fazer agora.'

"Os parentes, amigos e vizinhos deste homem se desfizeram em atenções a partir de então e, cada um por seu turno, foi infiltrando em sua mente ideias de grandeza. Enquanto isso, o pobre homem lutava com seus pensamentos de antes, aqueles que mais de uma vez o haviam feito proclamar ideias humanitárias; mas não se tratava mais de despojar a outros, senão de despojar a si mesmo daquilo que antes havia sido motivo de seus ataques inflamados. Então optou por justificar, ante sua própria consciência, a retenção de sua fortuna, e para tanto se

apoiou no propósito de aumentá-la, assegurando que assim poderia ajudar com maior eficácia. O propósito não era em verdade mau, se bem que não estava de acordo com suas ideias anteriores, que proclamavam a distribuição de seus bens.

"Decidido a pôr em prática a determinação de fazer seus recursos crescer, pensou e pensou, até que por fim, depois de dar mil voltas ao assunto, ocorreu-lhe associar-se a outros na exploração de alguma indústria. Naquela oportunidade, foi até ele um especialista em tecidos, e o assunto progrediu. Animado pelas perspectivas, que realmente eram brilhantes, adquiriu em seguida uma casa luxuosa e confortável, que ocupou com sua família. Esta, que até então não havia desfrutado tanta fartura, começou a fazer grandes gastos e a viver com certa pompa. Ele mesmo foi mudando gradualmente seu aspecto rude e seu caráter irascível por uma aparência mais de acordo com sua nova posição. Chegou a se vestir com refinamento e, como nada lhe faltava, até se tornou afável.

"O primeiro balanço da indústria fabril explorada pela sociedade mostrou um lucro considerável, e numa situação assim tão boa ele começou a fazer projetos de viagens a lugares distantes, de veraneios custosos, muito disso com o objetivo de que sua filha, então adolescente, aprendesse a conviver com outro tipo de gente e tentasse a sorte do matrimônio em melhores ambientes. Mas, de tempos em tempos, acudiam ainda à memória do ex-operário aqueles pensamentos, cujas exigências ele ia pospondo às suas ambições. 'Vamos, reparta seus ganhos', sugeriam-lhe eles. 'Ajude os menos favorecidos. Chame seus parentes, seus amigos pobres, seus operários, e ajude-os, agora que você tem muito... Não é oportuno? Eles devem trabalhar como você trabalhava?... Oh! Onde estão suas convicções? Onde está seu idealismo? Mas ele respondia sem

maiores preocupações a esse clamor interno, dizendo para si mesmo: 'Ora, mas que tolice!... Agora eu tenho é que gozar a vida, que isso é o que mais falta me faz. Além do mais, devo pensar no futuro de meus filhos. Eu ajudarei os outros quando a riqueza transbordar minhas arcas.'

"Mas também havia outro operário que acalentava as mesmas ideias, e sem perda de tempo me introduzi em sua vida. Certa vez, ele recebeu a herança de um parente rico e, fiel às suas convicções, como bom basco que era, repartiu-a entre seus parentes pobres, amigos e companheiros de trabalho, ficando ele com uma parte igual à de todos. Com exceção de alguns, que fizeram daquele dinheiro grande esbanjamento, vários de seus favorecidos aproveitaram aquele ganho providencial para melhorar sua situação, colocando-o em negócios lucrativos.

"O benfeitor se sentia, entrementes, lisonjeado pelas aprovações que todo o mundo lhe dirigia. Quanto aos resultados de sua generosidade, porém, logo constatou que não eram os calculados em seus devaneios. Os ajudados começaram a se encher de importância; uns se mudaram do povoado, para que não fossem vistas suas novas apetências; outros, considerando seu benfeitor falto de luzes, passaram a tratá-lo com certo arzinho de superioridade e algo de zombaria; e não faltaram tampouco aqueles que negaram haver recebido dele qualquer ajuda. O bom basco sofria em silêncio a ingratidão desses seres a quem socorrera, e lamentou mil vezes a hora em que lhe havia vindo à mente a ideia de favorecer aqueles trânsfugas, aos quais qualificou, entre insultos e maldições, de parasitos imundos."

O senhor Gorostiaga, interpretando que De Sándara dava por terminado ali seu relato, manifestou:

— Na verdade, diante desses e de outros episódios que acontecem com alguma frequência na vida dos humildes, é de

surpreender que ainda não se tenha encontrado alguma fórmula razoável e justa, capaz de solucionar o problema que aflige essa classe social.

— Não penso que sobre esse particular se possa ensaiar algo com êxito — respondeu-lhe ele, — se não se procura equiparar a conquista de um melhor tratamento e de um melhor salário com a produtividade, exigindo-se que o trabalhador empregue bem suas aptidões. A verdadeira justiça consistiria em compensar sem demoras os méritos de cada operário, auspiciando-lhe um melhoramento constante de suas condições de vida. Do contrário, a economia geral de uma nação ficará cada vez mais prejudicada, porque, em vez de se nivelarem os esforços para aumentar a produção, que afinal de contas é a arca de onde sai o grande salário, se produzirá o desequilíbrio na dinâmica da engrenagem financeira da economia, relaxando-se os mecanismos vitais de sua estrutura.

— Isso é muito compreensível, e, como o senhor mesmo disse, o operário é o que tem de sofrer depois com maior intensidade as consequências — expressou Gorostiaga, a quem o tema atraía particularmente, em razão de suas próprias atividades; — primeiro, pelo aumento sem freio do custo de vida, e segundo, pela escassez, pelo desemprego e pela miséria.

— Diante de uma situação como essa — opinou Justo, — que se mantém com persistência e que vai continuar se repetindo ninguém sabe até quando no curso da história, a gente se pergunta: que outras realidades mais fortes do que as conhecidas terão finalmente que intervir para convencer o homem de seu erro?

Compreendendo que as palavras anteriores não exigiam rigorosamente uma resposta, Gorostiaga perguntou por sua vez:

— E qual seria, a seu juízo, senhor De Sándara, o melhor caminho a seguir na questão trabalhista?

— Como não sou estadista — respondeu ele, sorrindo, — não posso adiantar um juízo sobre assunto tão escabroso. Eu me limitei simplesmente a fazer um esboço, ou uma proposição, dessa questão tão debatida e ensaiada em todos os países do mundo. Compete resolvê-la, portanto, aos homens que manipulam as engrenagens do governo; e oxalá exista entre eles quem, compreendendo a fundo um problema tão complexo, encontre o método eficaz que leve o operário à consciência cabal de seus deveres para com a sociedade e o conduza pelo vasto campo das possibilidades humanas, com um aproveitamento útil e duradouro de seus recursos, convertendo-o em dono, como outros o são, de seu próprio destino.

Sem se deter, De Sándara voltou a tomar a palavra:

— Agora, se me permitem, vou acrescentar algo mais, com o que completarei minhas narrações desta noite. Os senhores me compreenderão, não tenho dúvida disso, se eu disser que também interessou a meus propósitos internar-me na vida dos homens de fortuna, e como o Ayacúa, esse diminuto diabinho da mitologia indígena, fui até ali me esconder num rincão de suas mentes, para examinar melhor seus pensamentos. Encontrei, então, entre os nascidos em berço de ouro, cujas riquezas provinham da herança, aqueles que, fazendo do serviço ao semelhante um culto, se aproximavam dos de classe inferior, sem fazê-los sentir a condição que os diferençava. E também encontrei aqueles a quem preocupava a solução dos problemas econômicos que assolam os carentes de recursos. Entretanto, a proporção destes, dentro do grupo social de que formavam parte, era tão pequena, tão reduzida em relação aos de coração e entendimento fechados, que quase podiam ser considerados como uma exceção.

"Criados e educados nos costumes da vida aristocrática, eu os via apresentar-se ao mundo empunhando, com alarde

de senhores, o cetro patriarcal da opulência. Viajei com eles por todas as partes, escarafunchei suas carteiras sempre recheadas, mas não achei em suas mentes pensamento algum de solidariedade humana. Menosprezavam os pobres, embora se mostrassem compadecidos com suas desventuras, sobretudo as madames, que, por fundarem sociedades de beneficência, asilos e maternidades, acreditavam cumprir folgadamente com os deveres que a caridade impõe.

"Descendo na hierarquia, encontrei aqueles que haviam acumulado sua fortuna favorecidos pela sorte ou pela via dos negócios. Inspecionei a mente e auscultei o coração de muitos deles, achando tão só, como naquele mendigo, um egoísmo atroz. Quantas vezes constatei que seus gestos generosos eram precedidos por lutas interiores, nas quais aparecia, com eloquência assombrosa, a resistência do avaro ao impulso humanitário; e não faltou, naturalmente, aquele que destruía sigilosamente com suas mãos o cheque altruísta que, pouco antes, havia assinado com seu coração. Pobre humanidade!... Quão poucos são os que pensam em aliviar o peso angustiante de suas desditas e em conduzi-la pelos caminhos de um ideal sem quimeras, que irmane em definitivo o pensar e o sentir do homem numa consciência livre e sem limitações!"

Com estas palavras, De Sándara finalizou a reunião. Ao partir, cada um parecia levar em seus ouvidos o eco profundo de pensamentos que comoviam com força sua sensibilidade.

No dia seguinte, Arribillaga e os amigos que estiveram com ele na noite anterior achavam-se reunidos no clube, em franca e cordial camaradagem. O encontro com De Sándara teve a virtude de reanimar neles os anelos e esperanças que talvez jazessem sepultados no fundo de suas almas, como jazem tantas outras coisas que são trazidas à vida, sem que jamais se saiba quem as colocou na maleta de viagem que o ser carrega consigo ao vir a este mundo.

Fazia algum tempo que conversavam, participando reciprocamente as impressões da véspera, quando um deles se pronunciou sobre a conveniência de ver novamente a De Sándara, com o fim de obter dele diretrizes vinculadas ao estudo que estavam dispostos a empreender.

— Não creio que seja possível — Marcos ponderou, — porque ele viaja de novo para o México por estes dias.

— Mas já regressa?... — lamentou Cláudio.

— Que pouco ele fica em sua pátria! — Salvador exclamou.

Depois de Marcos comunicar-lhes o que sabia sobre o particular, e ouvir os demais a respeito de alguns pontos relacionados com a pessoa do visitante, entre uma frase e outra todos acabaram manifestando sua opinião sobre os conhecimentos que ele lhes havia oferecido, e nisto não houve divergências.

— Eu sou de opinião que seu saber tende a nos tirar do âmbito rotineiro de nossas especulações intelectuais — expressou Justo, — para nos mostrar as excelências de uma realidade que desconhecíamos. Em suas palavras parecia acentuar-se o propósito de nos ensinar um caminho, de fazer-nos refletir e, talvez, despertar uma inquietude nova.

— Penso que ele viu em nós algo particular, para que nos falasse como a velhos amigos — Norberto opinou.

— Poderia ter influído nisso a boa disposição com que o

escutávamos — interveio Cláudio. — De uma coisa não fica dúvida: ele nos estendeu a mão nesta indigência espiritual em que nos encontramos e que, com frequência, pretendemos ocultar debaixo de crenças consentidas e complexos de superioridade.

— Se pudéssemos nos livrar dessa carga que nos envaidece e prejudica tanto... — Salvador disse, com pesar.

— Por que não pensar que sim, agora que vemos estendidos em nossa direção os fios de um saber capaz de orientar nossos anseios? — Marcos manifestou, muito animado.

— Também considero assim — assentiu Cláudio. — E você, Miguel Ángel, o que diz?... Vejo você muito pensativo.

— O que quer que eu diga?... — respondeu, de muito bom humor. — Eu me sinto transformado num perfeito liliputiano, mas com muita vontade de aumentar minha estatura.

Unia-os nesse momento um estado particular de ânimo, uma simpática corrente de companheirismo, dando margem à expansão.

— Seria importante — Salvador manifestou — saber se estamos aptos de verdade para alcançar essa plenitude consciente que se relaciona com o aperfeiçoamento de nossas aptidões. Não há de ser tarefa fácil, creio eu.

— Seja lá como for — replicou Justo, com vivacidade, opondo-se aos reparos de seu amigo, — não vamos nos desqualificar antes de conhecer as possibilidades que temos para esse magistério tão excepcional.

Assaltado por uma evidente crise de ceticismo, Salvador ainda insistiu:

— O temor ao fracasso, porém, faz pensar que o ideal seria receber o maná do céu...

— Vamos, afaste esse pensamento comodista! — Cláudio disse, afavelmente. — De que nos serviria cruzar os braços,

esperando que nos fosse dado por revelação o que devemos encontrar por meio do esforço e pondo à prova nossa vontade e nossa inteligência?

Pouco depois se despediam.

Enquanto se afastavam, cada um continuou analisando a seu modo as sensações que experimentava, deduzindo todos eles, enquanto auscultavam o próprio sentir, que seus espíritos não eram indiferentes a essa realidade superior que De Sándara lhes deixara entrever.

~

Com tais pensamentos Cláudio chegou à casa de Griselda, com quem não havia falado por telefone desde a manhã, motivo que o transformou em invejável credor de algumas carinhosas reprimendas.

O dia do noivado estava muito próximo, e um acontecimento assim tão iminente quanto singular exigia de Griselda uma atividade fora do comum. Tal como as meninotas que dão muita importância ao trabalho que realizam pela primeira vez, ela prontamente enumerou para Cláudio a quantidade de coisas que a atarefavam, protestando, com desgosto exagerado e gracioso, pelo tempo que lojas e modistas a faziam perder. Mas logo pôs de lado tais preocupações, que tachou de pequenas e pueris, e se dispôs a escutar Cláudio, de quem aguardava novidades.

— Fica difícil — ele lhe disse, depois de expor alguns juízos sobre a reunião da noite anterior — descrever fielmente meu estado de ânimo. Sinto como se alguma parte de meu ser tivesse mudado de repente, me permitindo pensar e sentir de outra maneira.

— Foi muita sorte você conseguir ver de novo o senhor De Sándara — expressou ela, enternecida, como se seu amor por Cláudio aumentasse, ao perceber esse despertar de emoções afins com as suas. — Estou convencida de que tudo o que agora estamos vivendo terá um efeito favorável em nossa felicidade futura; digo isso porque observo que não só influi em nosso ânimo, como também em nossa mente, que se ativa, atraída pelas verdades inesperadas que chegam a nós. Meu coração me diz que uma maior aproximação espiritual aconteceu entre você e mim; estou experimentando algo assim como se uma força nova tivesse se incorporado a nossas vidas, uma esperança que nós dois deveremos alimentar sem esquecimentos, até o instante em que culmine como uma realidade.

— Fico muito feliz ouvindo você, Griselda. Eu tinha certeza de que você corresponderia a meus pensamentos.

— E eu me sinto feliz em saber que assim eu agrado a você — ela replicou, sorrindo; em seguida, muito prosa, acrescentou: — Mas penso ser muito mais do que isso ainda, quando o tempo passar e você tiver conseguido aumentar seu acervo de conhecimentos.

Como ele a olhasse fingindo espanto, ela insistiu, dizendo-lhe com graça:

— Na verdade, Cláudio, eu queria ver você convertido um dia em magnata do saber.

— Para quê?... Para ser a cliente número um e levar as melhores peças de minhas reservas?

— Isso é que não!... Em todo o caso, serei sua sócia; ou então, se você acha melhor, sua colaboradora.

Se houvesse sido possível examinar, com um espectroscópio adaptado à figura humana, as radiações mentais da alma de Cláudio, quando nessa noite ele saía da casa de sua namorada,

ter-se-ia observado, entre as projeções de uma veemência incontrolável, sua alegria interna, semelhante à que experimenta quem descobre o veio de algum metal precioso, ou tem em perspectiva, e prestes a plasmar-se em realidade, alguma situação invejável. Seria possível ver ali muitos projetos surgidos quase espontaneamente, mesclados com o temor de sofrer alguma decepção; é que ele não ignorava que tudo requer tempo e paciência, e que um aprendizado tão excelso, como o que se propunha a começar, demanda esforços e até sacrifícios. Entretanto, algo lhe dizia que haveria de triunfar; que se imporia a tudo. Daí seu júbilo. E tudo isso vinha aumentar o caudal de ventura que lhe era oferecido pelo amor de Griselda, com a qual estava prestes a contrair matrimônio.

~

Numa sala reservada do hotel onde o senhor De Sándara se hospedara, um distinto grupo de pessoas encontrava-se reunido, formado em sua maior parte pelos amigos que rodearam o hóspede nas oportunidades conhecidas. Era a véspera de seu regresso ao México, e o visitante os reunia num jantar de despedida.

Enquanto os convidados se entretinham dialogando amistosamente, distribuídos em diferentes pontos da esplêndida sala, De Sándara conversava a sós com Arribillaga. Tratavam sobre uma questão que logo passaria a ser do conhecimento de todos, quando De Sándara lhes expressou que naquela oportunidade apresentaria alguns conceitos sobre o matrimônio, dedicando-os especialmente àquele que em breve haveria de iniciar-se nessa difícil experiência.

— Este é um assunto muito delicado e complexo — disse, muito sorridente, ao convidá-los a se assentarem.

Já acomodados todos nas acolhedoras poltronas que constituíam o adorno principal da sala, prosseguiu com expressão penetrante:

— É um assunto que obriga a nos segurarmos fortemente ao famoso fio da filha de Minos, se não queremos nos extraviar nesse labirinto onde tantas coisas obscuras se contrapõem à tentativa de descobrir suas tramas misteriosas, esquivas ao exame de nosso juízo.

Dali surgiu um intercâmbio ágil e variado sobre o tema, que adquiriu um tom ameno e deu lugar a inúmeras e sutis alusões, dirigidas alegremente a seu alvo: Cláudio Arribillaga.

Passado esse instante, De Sándara voltou a tomar a palavra.

— A experiência matrimonial, disse, estende-se ao longo de um processo que começa desde que o homem e a mulher concebem a ideia do sexo, mesmo quando não tenha aparecido ainda, para um ou para outro, a dulcineia ou o pretendente que, por unanimidade do sentir, escolherão um dia com fins de aliança. O processo se inicia, pois, queira-se ou não, desde esse momento. A natureza sensível tende, a partir dali, a configurar as demandas incipientes do instinto à ideia conjugal, associando aos atos da emoção passional as confidências do sentimento afetivo. A ideia conjugal, meus amigos, prevalece no ser pela própria reação das forças criadoras e sustentadoras da espécie; por conseguinte, leva-se impresso no sangue o mandato supremo da perpetuidade.

"Os sintomas precoces que denunciam no ser a presença de tal predestinação se insinuam com as primeiras ilusões, com a idealização do futuro ou da futura dona do coração, mediante o registro feito "in mente" das melhores qualidades

e dos mais belos traços fisionômicos que se observam e se admiram em cada semelhante do sexo oposto. Não falta ali a influência das figuras arquetípicas de seres sobrenaturais, de beleza e virtudes extraordinárias, criados pela fantasia ou pela invenção artística, com o que ficam satisfeitas as exigências que, a respeito da perfeição ideal do futuro cônjuge, perfilam no ser como aspiração íntima. É inegável que são muitos os fatores que concorrem para modificar essa imagem durante a vida de solteiro, pois tanto o homem como a mulher, muitas vezes sem que disso se deem conta, vivem e experimentam, nessa fase, múltiplos episódios psíquicos e emocionais que, embora palidamente, refletem as relações normais da futura vida matrimonial. Isso não consegue, porém, alterar a imagem ideal concebida, e, com tais pensamentos, a juventude de ambos os sexos vai conformando o esquema de uma vida conjugal que, naturalmente, raras vezes concorda com a realidade.

"No instante em que se decide a sorte do futuro sentimental do casal humano, instante que se pode produzir espontaneamente ou após um tempo mais ou menos breve de observação, contemplação e entusiasmo, é indubitável que uma comoção delicadamente sensível enleva as partes, ao colocar definitivamente a imagem querida no lugar de honra dentro do coração. A partir dali, o amor seguirá o curso que cada um seja capaz de lhe imprimir.

"Quase que invariavelmente, tanto o homem como a mulher vestem suas pessoas com os melhores trajes; porém, com que vestem o ser moral, o espírito e, em suma, esse conjunto de valores que constituem o mais seleto e puro que existe no próprio ser? É precisamente esse ser conceitual, tido como de menor importância talvez por ser de natureza sensível, quem

em seguida se vinga, mostrando-nos desnudos e destruindo, com isso, o artifício de nossa falsa personalidade. Eis aí onde começa essa luta interior cujas causas muito poucos sabem definir e, menos ainda, compreender. A parte ideal, debilmente sustentada, desmorona, ficando somente a física, aspecto do ser pelo qual se julgou sobre suas qualidades espirituais. Mas ocorre que também essa parte vai perdendo paulatinamente seus encantos, murchando cedo ou tarde o amor mutuamente prodigado."

Uma ligeira pausa permitiu a Cláudio manifestar:

— Então, na maioria dos casos, o matrimônio parece destinado ao fracasso...

— Estou seguro de não ter dito tal coisa, mas a quantidade inumerável de fatos conhecidos nos fala, com sobeja eloquência, não do fracasso do matrimônio, mas sim do fracasso dos contraentes. Sem uma preparação adequada, se lançam na mais delicada e ao mesmo tempo transcendental das empresas privadas, já que a instituição do matrimônio cria deveres e obrigações que, sem estar compreendidos em nenhum documento contratual, hão de cumprir-se umas vezes em obediência a leis morais, outras vezes a leis ditadas pela própria consciência.

"É nefasta, para a vida em comum, a incompatibilidade de caracteres, e particularmente à mulher cumpre exercer, nesses casos, a função missionária, própria de sua natureza sensível e temperante, a fim de que o ritmo harmonioso da vida conjugal não sofra o ultraje da irreflexão e da violência. Colocando-se acima de toda inconveniência, ela há de saber constituir-se na companheira nobre, leal e afetiva, que, por sua capacidade de compreensão, supere o conceito limitado que vulgarmente é atribuído à sua missão.

"A maior parte dos dramas que se promovem no seio familiar são produto inequívoco das incompreensões mútuas ou, mais precisamente ainda, da falta absoluta de conhecimento sobre os elementos básicos que configuram o edifício das relações matrimoniais. Dramas que muitas vezes degeneram em tragédias ou separações definitivas, quando o amor-próprio, sempre acompanhado de intolerância, violência, obstinação, oprime o amor até asfixiá-lo, esse mesmo amor que um e outro se juraram eterno.

"É indubitável, e é bom dizer isto em honra da verdade, que a proporção de tais casos não é alarmante, e que existem muitíssimos casamentos que se mantêm de pé, apesar dos vendavais que suportam. Entretanto, aqueles que protagonizam esses casamentos raramente superaram os conflitos provenientes da disparidade de caracteres, mediante o respeito consciente aos princípios que regem a vida matrimonial; suas reconciliações se deveram, mais que nada, a fatores de ordem diversa, por exemplo: as situações criadas, os filhos, ou mãos amigas. Também existem aqueles que, não podendo evitar dificuldades íntimas, creem haver encontrado a chave, estabelecendo, tacitamente ou de comum acordo, um "modus vivendi" que lhes torna a vida suportável. Esta não deixa de ser uma solução para certas situações que afetam a estabilidade do lar, mas de nenhum modo resolve o fundo espiritual do grande enigma do matrimônio.

"A adoção de um método eficaz para sair airoso dessa grande prova não é, entretanto", prosseguiu De Sándara, "privilégio de ninguém, embora eu exclua, ao fazer esta afirmação, aqueles que consideram o casamento apenas como um fato corriqueiro da vida humana, que se cumpre seguindo as normas correntes, sem suspeitar que existe, por trás dos laços do himeneu, uma

vasta e riquíssima zona da vida humana totalmente inexplorada. Esses seres não correm o perigo de que o poema de Milton lhes tire o sono; em troca do 'paraíso perdido', eles conformam suas vidas às urgências das necessidades domésticas."

Um silêncio expectante preenchia suas breves pausas.

— É comum — continuou — que se confie ao acaso o que escapa ao domínio das previsões; daí que o homem não demore em ver o espectro da infelicidade rondando seu lar, como o abutre em torno de Prometeu, para devorar-lhe as entranhas. Encarar com êxito a grande experiência do matrimônio pressupõe um conhecimento cabal da magna arquitetura espiritual que estrutura suas bases morais com fórmulas estupendas e regras sublimes de conduta; fórmulas que enobrecem a alma dos seres, embelezam o panorama da vida conjugal, dignificam a espécie e abrem, para os corações humanos, as portas da confiança nos desígnios do sentimento, tantas vezes menosprezado e ultrajado pela incompreensão.

"Eu aconselharia a todos os jovens, de ambos os sexos, em via de contrair matrimônio, e principalmente ao varão, que formulassem para si a seguinte pergunta: 'Para que quero casar-me?' Eis aqui, amigos, a interrogação que o homem deveria propor a si mesmo antes de acometer semelhante empresa; interrogação que poucos formulam para si, e, se o fazem, não é com o necessário acerto. Ao nos dispormos a fazer essa íntima indagação, por certo devemos ter em conta que não se trata de submeter o amor (que coloco acima de toda manifestação sensível) nem a vida conjugal (que deve ser sua extensão lógica) ao crivo de raciocínios que minam sua essência. Examinada a pergunta à luz de nossos pensamentos e possibilidades discernitivas, ela haverá de nos levar a pensar que a determinação de nos casarmos responde ao

desejo de adotar o gênero de vida oferecido pelo matrimônio. A essa conclusão terá de nos conduzir, necessariamente, o fato de haver encontrado a mulher que corresponde a nossas aspirações e que reúne, por conseguinte, as condições para nos fazer felizes.

"O homem quer formar um lar e dedicar-se, com a espontaneidade que surge de seu coração, aos seres queridos que haverão de viver nele, isto é, sua esposa e filhos. Mas, para que isto seja uma realidade, o amor que a mulher tenha chegado a lhe inspirar, haverá de predominar sempre em alto grau sobre sua condição sexual, propensa a excitar seus sentidos e desviá-lo desse objetivo. Assim sendo, jamais se empanará a imagem refletida no espelho de seu sentimento. Como, porém, conservar ao longo dos anos o encanto desse amor puro, nobre, entranhável, que a alma respira nos dias de namoro?"

O senhor Gorostiaga então interveio:

— Neste momento me ocorre um fato que quero trazer, à guisa de ilustração. Ocorre com suma frequência que o homem, depois de experimentar a convivência com muitas mulheres, decide de repente fechar os olhos para todas e olhar somente para aquela que ele escolheu com o fim de enfrentarem juntos a grande batalha da vida. Que particularidades misteriosas viu ou descobriu nela, a ponto de distingui-la, colocando-a em lugar tão privilegiado? O mais surpreendente é que este mesmo fato se repete com todos os homens em circunstâncias similares. É forçoso pensar, então, que a totalidade das mulheres possui essas curiosas particularidades, que se revelam tão só ao que pareceria destinado a descobri-las. E por que acontece com tanta frequência que o homem acha que se equivocou em sua escolha?

— Se ele parasse para pensar em suas próprias deficiências ou culpabilidade — De Sándara respondeu-lhe, — é provável que na maioria dos casos tal coisa não sucederia. Muito é o que o homem tem de aprender, e não menos a mulher, subentende-se, para que esse pronunciamento do Criador, que determina a perpetuidade, seja levado a cabo dentro dos cânones destinados a reger e ordenar sua alta finalidade. Para que a imagem da esposa, a mesma que cada homem idealiza cedendo a imaginativos impulsos estéticos, não perca sua beleza ideal, impõe-se a moderação. Duas coisas são indispensáveis para que perdure esse amor fresco e puro que se sente pela amada, sem que se debilite jamais. A primeira é o afeto, que, menos impulsivo que a paixão, assegura seu arraigamento, já que embora a paixão infunde vida ao amor, o afeto é chamado a preservá-lo e conservá-lo. A outra, a segunda, tão indispensável quanto a primeira, é nossa dignificação aos olhos do ser querido. Esta só se consegue por meio dos esforços e das preocupações pelo bem-estar da família, e alcança sua máxima expressão quando nos elevamos, numa superação constante, acima da vulgaridade. Em tais condições, sem dúvida se desfrutam prerrogativas muito maiores que as comuns, traduzidas num aumento considerável da capacidade mental, que habilitará, ao mesmo tempo, para enriquecer progressivamente a vida e enchê-la de felicidade. Isto é algo que se pode e deve fazer, seja qual for nossa idade e estado, uma vez que a maior preparo e conhecimento corresponderá maior bem-estar, e teremos mais em mãos, também, os fios de nosso destino.

"Não me referirei aos comportamentos da natureza e do caráter daqueles que unem suas vidas para avançar em harmonia pelos caminhos do mundo, por entender, e isso é muito justo, que é esse um terreno reservado à própria discrição.

Em lugar disso, falarei do ideal conjugal, tal como o concebo por meio de minhas observações. Sendo o amor uma força e também um poder, nenhuma circunstância poderia ser mais oportuna, para ensaiar sua virtude, do que a de empregá-lo na consagração definitiva de um lar que possa ser exemplo de lares. O amor é o grande elemento com que se suprem muitos claros produzidos no âmbito sensível pelas deficiências caracterológicas, e é também o que infunde confiança em nossas próprias forças, para esperar uma correspondência mais elevada às demandas, por vezes silenciosas, de nosso ser moral; demandas que em alguns casos acreditamos justas, e que em outros o são de verdade. É ali onde a tolerância cumpre seu alto e grande objetivo instrutivo.

"A mulher que nos acompanhará no difícil caminho da vida", prosseguiu, "haverá de formar-se à nossa semelhança se anela ser feliz, mas haveremos de ser tudo para ela e lutar juntos, em igualdade de condições, para alcançar os maiores progressos na superação individual. Para conseguir isso, nada melhor, a meu juízo, que preparar cada um por si mesmo as circunstâncias e oportunidades que anele viver e desfrutar no futuro. As esperanças que confiarmos a nossas almas e a nossos corações passarão a ter, dessa forma, verdadeira beleza e se tornarão inefavelmente formosas e lógicas, e teremos também a segurança de que nosso doce esperar não será defraudado.

"Nunca contribuí para alimentar ilusões nos demais, muito menos a respeito deste assunto, tão frágil como o mais delicado dos cristais. Ao contrário, tenho prevenido contra elas, ou seja, contra as ilusões de origem quimérica, nascidas dos devaneios da imaginação — e portanto inalcançáveis —, pois também há ilusões sublimes, fruto da inspiração racional. Quando

preparo um trabalho, por exemplo, intuo as deliciosas satisfações que sua finalização me proporcionará, e prossigo nele ao mesmo tempo que alimento essa ilusão, que chamei de racional, e que influi sobre meu ânimo enquanto caminho rumo à meta da realidade que estou forjando. Se utilizamos isto como princípio e o aplicamos à vida conjugal, veremos então que a felicidade poderá ser uma conquista para o casal humano, desde que nem um nem outro se afastem do que eu chamaria lei da sensatez.

"Não resta dúvida que, ao dar forma legal ao consórcio humano, se buscou o amparo da herança, fazendo com que esta deslizasse pelos condutos genealógicos, e cada ser, consciente ou não de sua responsabilidade histórica, se reencontrasse em seu próprio sangue ao longo dos séculos. Induz a pensar assim o fato de ficar impressa na célula genética a filiação que o descendente apresenta na semelhança inconfundível com seus progenitores, seja em suas preferências, seja em suas inclinações, inquietudes, etc., as quais, por impulso da própria evolução imposta pelas leis universais, ele se vê obrigado a superar. O simples enunciado desta realidade fala claramente sobre o papel que a instituição familiar cumpre, bem como da importância que a solidez e o aperfeiçoamento de sua estrutura assumem no avanço e progresso da comunidade humana.

"Pois bem, só podemos conceituar a família como núcleo indissolúvel quando pais e filhos se identificam entre si em virtude dos mesmos anelos e ideais que sustentam; quando todos os seus membros, em mútua colaboração, dedicam seus esforços a forjar um destino superior, que não poderia ser forjado pelos que marcham por caminhos distintos e opostos a esse alto ideal. Mesmo quando isto possa parecer à primeira

vista incompreensível, deixará de sê-lo tão logo se pense que isso não implica tirar do homem a liberdade para dirigir-se aonde queira, cumprindo individualmente seus propósitos. Pelo contrário, poderá dar a esses mesmos propósitos a máxima amplitude, sem que isso signifique ir contra a ordem e a harmonia familiar. O formoso é, precisamente, que cada integrante possa fazer isso com o concurso dos outros membros da família."

Ao chegar aqui, o senhor De Sándara se deteve.

— Espero — disse, com um gesto de ampla cordialidade — não haver fatigado em demasia a atenção dos senhores. Este é um tema inesgotável, que bem merece o esforço de ser aprofundado. Mas prefiro reservar para uma ocasião futura o aditamento de novos conceitos.

Instantes depois, passavam à sala de jantar.

Quando, transcorridas as horas, chegou ao fim aquela reunião, Arribillaga cumprimentou De Sándara, despedindo-se dele com estas palavras:

— Estou confiante de poder algum dia dar ao senhor uma informação sobre até onde me foi possível pôr em prática seus conselhos.

— Não faltará oportunidade, meu amigo, enquanto andemos por este mundo...

E, sorrindo, acrescentou:

— Auguro a você um grande êxito nesse sentido.

Após um efusivo aperto de mãos, separaram-se.

Enquanto Cláudio percorria as ruas da cidade, e até o momento de dormir, envolvia-o um estado alegre, doce, plácido, presente pré-nupcial que a própria vida lhe dava naqueles dias, com a diferença de que nessa noite ele o sentia com maior intensidade.

Como duvidar de que as imagens captadas horas antes haviam enriquecido decididamente suas arcas? Advertido como estava sobre as situações que sobrevêm no decorrer do processo matrimonial, e havendo adquirido relevo ante seus olhos tão novas e melhores formas de encará-lo, seu coração transbordava de ventura e de confiança. Ele não correria riscos nessa séria aventura, pois saberia preservar seu lar das experiências penosas que se criam por ignorância de sua origem. E quão grata era a perspectiva de evitá-las, sem necessidade de extrair seu fruto por intermédio da dor! Porque, sem dúvida, muitos perigos espreitam a embarcação matrimonial desde o instante em que, levantadas as âncoras que a mantêm imóvel sobre as tranquilas águas do noivado, é lançada ao mar; mas ele saberia enfrentar com perícia e valentia — por que não? — as variações do tempo e as mudanças no marulho das ondas, que tão amiúde põem à prova sua resistência e condução.

~

Num venturoso dia de novembro, celebrou-se o noivado de Griselda e Cláudio.

Os fios com que o fado ia trespassando a alma dos dois enamorados haviam dado, com isso, o primeiro nó, e ambos já viviam o transporte inefável da etapa pré-nupcial.

O tempo individual sofria uma pequena perda nesse importante passo que davam para a união física e espiritual de suas vidas, mas deveriam mais adiante aprender a se mover com a ideia de mutuamente favorecer o espaço de liberdade

que ambos necessitariam para não experimentar, já casados, as angústias de uma escravidão que, embora atenuada pelo afeto e pela boa vontade, pode fomentar rebeldias internas capazes de romper a harmonia conjugal, se não são detidas a tempo.

A partir daquele dia, a convivência da família Laguna com Dom Roque fez-se mais íntima e estreita. Em razão dos convites de parte a parte, as visitas de uma casa à outra fizeram-se mais frequentes, o que permitiu a Griselda familiarizar-se com o meio em que doravante sua vida iria transcorrer.

Cláudio contribuía com sua alegria para toda aquela cordialidade florescente; em verdade, nada teria faltado à sua felicidade, não fosse o sentir-se algumas vezes turbado por certo reclamo íntimo, que o convidava a esclarecer suas ideias, ordenar seus pensamentos e pôr-se sob a assistência dessa linha de conhecimentos que lhe haviam permitido vislumbrar uma realidade nova para suas possibilidades mentais e espirituais.

Repetidamente, cedendo à influência de tais reclamos, propôs-se a iniciar com firmeza um estudo daqueles conhecimentos. Disposto a criar seu próprio mundo, realizou ensaios, interrompendo-os nos primeiros tropeços. Não obstante, sem mudar de objetivo, esforçou-se em novas tentativas, procurando dentro do possível orientar-se; mas, apoucado por fim pelo fantasma de sua incapacidade diante das dificuldades e da importância daquele trabalho que lhe parecia de Hércules, acabou por render-se. Que conhecimento, que imagem concreta tinha ele do mundo ao qual desejava dar forma? Nenhuma. Além disso, devia criar o personagem que animasse esse mundo, o que não era fácil, já que não se tratava apenas de pô-lo de pé, senão de mantê-lo vivo e ativo

dentro daquele meio. Em vão Cláudio lutava para dissipar tais dificuldades, nos breves momentos de solidão que a duras penas ele buscava no curso daqueles dias, que corriam aceleradamente rumo à sua felicidade: sempre a mesma insegurança sobre o que se propunha a fazer, sempre a mesma frustração em seus empenhos.

Inesperadamente, e com espantosa oportunidade, recebeu uma carta com selo postal do México. Era do senhor De Sándara. Abriu com avidez o envelope e leu:

"Meu estimado amigo:

"Ainda tenho presente a ansiedade com que seu espírito se inteirava de meus conceitos, ao expor-lhes aí, em Buenos Aires, algumas fases do processo criador que meu pensamento desenvolve dentro do mundo mental. Não duvido que você tentará ensaiar algo parecido, e é isso, precisamente, o que me move a escrever-lhe. Não se trata de nada impossível, mas a tarefa exige um esforço constante, pois o que se busca é promover o desenvolvimento das aptidões de uma forma integral.

"A norma que tenho seguido e lhe aconselho é a de não criar personagens aleatoriamente. Você começará levando adiante o processo de conhecimento sobre o qual já lhe falara em outra oportunidade; nele encontrará todos os elementos de que necessita para as ações que anele desenvolver no futuro. Isto exige uma severa vigilância sobre a condução da vida, em direção ao novo rumo que se procura dar a ela, labor que oferece como resultado ótimos frutos, visto que, além da capacitação consciente que nesta ordem de conhecimentos se consegue, permite desfrutar, antecipadamente, as delícias de uma promessa que se vai cumprindo conforme aumentam os méritos próprios.

"Simultaneamente à valorização das próprias condições e qualidades, impõe-se a criação de um personagem cujo arquétipo poderia ser você mesmo. Induza-o a realizar toda sorte de ações nobres, façanhas, gestos virtuosos, e observe as situações em que se coloca, para ajudá-lo a sair-se bem delas, caso incorra em desacertos. Idealizando-o, mescle na vida dele algo de lenda e até um pedaço de céu, desse céu que plasma o mundo mental onde se nutre a inteligência que consegue ter acesso a ele. Feito isto, compare-o com você mesmo e decida se será você quem deve imitar seu personagem, ou quem concederá a ele a graça de imitá-lo."

Meditando de modo consciencioso sobre o que havia lido, Cláudio Arribillaga concluiu por tomar, desta vez com maior formalidade, a determinação de seguir ao pé da letra aquelas recomendações, que o habilitariam a dar nascimento ao mundo íntimo, de projeções novas, onde não só ele, mas também Griselda e os seres que nele tivessem lugar, cumpririam importantes objetivos. Seu coração transbordou de júbilo ao entrever o muito que poderia fazer, auxiliado pelo gênio tutelar do senhor De Sándara, que, ao escrever-lhe, o considerava seu amigo. Era, pois, necessário pôr mãos à obra.

Desfrutando as delicias dessa promessa que acabava de fazer a si mesmo, pôs-se a recordar as passagens do Gênese, quando Deus criou a terra e animou a vida do primeiro homem, para o qual traçou, com maravilhosa simetria, os encantadores conjuntos do Éden. Nesse Éden ou Paraíso, havia uma figura central, o homem, ao qual deu por companheira uma mulher, para quem ele era seu dono e senhor.

Cláudio pressentiu que, em seu projetado mundo, haveria de reproduzir, seguindo a lei de analogia, um símile daquela imagem. Ele conduziria Griselda, quando ela fosse sua es-

posa, pelos caminhos do mundo, com tato e prudência, e ela deveria segui-lo de modo compreensivo em toda a sua trajetória. No paraíso de sua criação, somente reinariam ele e ela. Mas como alcançar semelhante prodígio? Não apareceria de pronto a fatídica serpente, para tentar sua amada, induzindo-a a abandonar a doce e aprazível possessão edênica, para terminarem ambos rolando, como Sísifo e sua pedra, pelos caminhos do inferno? Oh, não!... Nada disso viria a acontecer, se ele chegasse a possuir o conhecimento que os imunizasse contra semelhante perigo. A velha fábula de Filemão e Báucides é uma lição para a alma de uma mulher, e ele ajudaria Griselda a aproveitá-la. Não tinha por que duvidar disso; decididamente, ele guiaria sua esposa rumo às fontes do conhecimento.

Estas reflexões tornaram mais puro e claro em seu espírito tudo quanto ele havia sentido, experimentado e vivido nos últimos meses. Entretanto, qualquer observador medianamente atento poderia constatar que o ânimo de Cláudio evidenciava, como os gráficos que marcam as oscilações febris de um enfermo, os altibaixos de seus estados psíquicos. Tais variações, suscitadas pelas flutuações temperamentais que em maior ou menor grau todo homem padece, eram próprias, não obstante, do ser que procura evoluir, encaminhando-se para graus mais elevados de consciência.

Patrício, com a experiência que nesse sentido havia alcançado, e esmerando-se no uso de seu excelente tato, prevenia-o acerca do recrudescimento de tais anomalias psicológicas toda vez que as via aparecer, e lhe mostrava, a fim de que não fosse surpreendido por nenhuma delas, as deploráveis consequências que costumam trazer consigo quando dominam o campo mental. Aquele homem bom e simples, assistido pelo

saber extraído de suas leituras favoritas, bem como pelo afeto que tributava a seu amo, costumava ser com frequência seu eficaz auxiliar, intervindo atinadamente, ora para freá-lo em suas desmedidas expansões de entusiasmo, ora para estimulá-lo em suas decaídas, ora para facilitar-lhe o labor de discernir os problemas da consciência.

— Em tudo o que se relacione com o espírito e a inteligência — costumava dizer-lhe, entre outras coisas, — deve prevalecer a constância, e não a pressa, e em tudo há que se dar participação ativa à consciência.

Transcorrido um breve tempo, e com um dia de antecedência ao do casamento, Cláudio recebeu uma segunda carta do senhor De Sándara, que o alegrou sobremaneira.

"Meu amigo", dizia-lhe em eloquentes parágrafos, *"tudo o que façamos aqui, na terra, tem de ser grato ao nosso espírito e encerrar um valor positivo para nossa existência. Quero dizer-lhe com isto que todos os nossos atos devem estar intimamente relacionados entre si, em permanente função criadora. O inefável prazer de viver não se experimenta enquanto não começamos a olhar nossa vida como o principal dos trabalhos que devemos empreender. Disso haverá de surgir uma obra de arte que nos pertencerá eternamente. E que satisfação mais sublime poderia haver que a de sentirmos em nós mesmos a honra de nossos próprios méritos, forjando o juízo da posteridade? Ponhamos, ante essa proposição instrutiva, o contraste que nos oferece a conduta egoísta de quem, especulando com a abundância, sacia seus apetites embriagado pelas paixões que cegam o entendimento. Seres desse gênero são obras malogradas, como o são todos aqueles que empreendem continuamente projetos diferentes sem terminar nenhum.*

"Você, meu jovem amigo, vai casar-se; isto significa que sua responsabilidade duplica. Faça com que sua futura esposa compreenda esse passo e o concilie com as prerrogativas que a evolução abre.

"E não se esqueça de que a mulher, quando nela existem sentimentos sadios e um verdadeiro conceito do lar, é a que primeiro se adapta às exigências da vida matrimonial. O homem, comumente andador e livre, não experimenta essa realidade enquanto não tenha passado um tempo; mais claramente ainda, não se comporta em todos os casos, fora do lar, como homem casado, já que, ao não perceber mudanças externas em si, tende a atuar tão soltamente como quando era solteiro. Este é o motivo de muitos dramas, às vezes de profunda repercussão na alma de sua companheira.

"Eu tenho para mim que o recém-casado é como um pássaro que, aprisionado dentro de uma enorme gaiola, ainda conserva a ilusão de sua perdida liberdade. Somente quando tropeça nas limitações de sua prisão é que se dá conta da realidade que lhe assinala o dever de amoldar-se às condições de seu novo estado. Claro que só coloco nesta situação aqueles que, por ausência de bom senso, sofrem os rigores dessa situação.

"Quem constrói seu lar depositando nele suas mais caras aspirações prontamente se adapta ao casamento. Há também aqueles que elevam seu pensamento e seu sentir acima dessas aspirações, buscando horizontes mais sublimes. Para estes, a passagem pelo casamento tem outro significado e outra transcendência. Quero situar você entre os últimos, pois suas inquietudes espirituais, que percebi durante minha estada nessa cidade, induzem-me a pensar assim.

"Aproveite a magna ocasião que se lhe apresenta para edificar

a obra de sua vida, e a da mulher que logo será sua esposa, sobre cimentos eternos."

Arribillaga leu repetidamente a carta, ansioso por alcançar seu exato sentido, e não se esqueceu de agradecer a Deus as portas que lhe abria para que se encaminhasse com acerto pelo mundo, em busca da felicidade que dele se aproximava, oferecendo-lhe perspectivas por demais promissoras.

~

Além dos estímulos que recebia de Cláudio, Griselda tinha em sua mãe a conselheira que, instante após instante, velava por sua felicidade futura. As conversações que a miúdo mantinha com ela constituíam toda uma preparação para a vida, pois o propósito daquela era assessorá-la, protegendo-a assim de sua inexperiência diante da etapa que estava por abrir-se à sua passagem.

Inteligente e de fina percepção, e além disso dotada de uma natural disposição para dedicar-se ao bem-estar dos seus, Dona Laura havia sabido fazer de seu lar o lugar preferido de seu esposo, a quem cercou de afeto, de paz e alegria; a quem, com espírito forte, animou nos momentos difíceis, e de quem soube obter uma íntima correspondência em seus afãs de levar, a níveis espirituais mais elevados, a vida em comum de ambos.

Griselda, que conhecia as excelências que embelezavam a alma de sua mãe, cujas virtudes herdara em boa parte, sentia por ela tal admiração e respeito, que de seu coração transbordavam, com frequência, sensações de filial ternura.

— Eu nunca fui esquiva aos conselhos de meus pais — Dona Laura lhe dizia, num dos tantos momentos que pas-

savam juntas. — Isso me serviu muito, pois as palavras deles me guiaram em muitos momentos de incerteza e desorientação. Se as houvesse rechaçado ou esquecido, com certeza eu seria hoje uma mulher muito infeliz. Isso porque, ainda que lhe pareça estranho, minha querida, entre seu pai e mim houve, pouco tempo depois de casados, repetidos choques, criados pela disparidade de caracteres.

— Quem diria! Vocês se ajustam tão bem um ao outro!...

— Na verdade, no nosso caso, como em tantos que conheço, essa disparidade não existia. Faltava, simplesmente, propiciar a recuperação de um entendimento mútuo eventualmente alterado, e mantê-lo, evidentemente.

— E como você resolveu essa situação?

— Fui ajudada, como lhe disse, pelos conselhos de meus pais, em particular pelos de minha mãe, com cujo exemplo eu havia aprendido muito. Devo em grande parte à influência dela o haver podido emendar os erros que a inexperiência não me permitiu evitar a tempo, pois com frequência esses conselhos brotavam em meio às minhas vacilações, assinalando-me o percurso de um caminho justo e honrado.

Dona Laura, movida pela evocação desses pensamentos, que outrora estiveram em plena combustão, dispôs-se a mostrar para sua filha, desta vez mais de perto, o crisol onde havia depurado seus preconceitos e conseguido dar transparência à estima de si mesma, que antes se mostrava opaca e falsa.

— Imagine, filha, que em semelhante situação eu me sentia invadida por um grande pesar. Mas não tardei muito em descobrir que eram os meus próprios defeitos que me empurravam para a infelicidade. Desgostosa diante de qualquer brusquidão de seu pai, meu amor-próprio se rebelava, fazendo-me incorrer em intencionais descuidos para com ele. Você

há de compreender que, por esse caminho, as discordâncias se somam e se multiplicam, sobrevindo distanciamentos que em muitos casos conduzem a uma separação definitiva. Felizmente, percebi a tempo o perigo no qual aquela situação podia nos precipitar, e pude fazer dela uma experiência muito instrutiva, já que, reagindo saudavelmente, decidi sacrificar meu orgulho tolo em benefício da felicidade que eu ansiava ver reinar em nosso lar. Você era então muito pequena, e sua presença constituía um poderoso estimulo para fortalecer essa determinação. Empenhei-me, como primeira providência, em pôr às claras o verdadeiro motivo de nossas desavenças; mas não creia que me foi fácil... Oh, não!... Pude fazê-lo, não obstante, e nesse empenho cheguei a reconhecer um dia que minha postura diante de seu pai era ridícula e até odiosa. Mas eu necessitava de algo mais, algo que desse maior suporte à decisão que havia tomado. Em conversas com minhas amigas, vim a dar finalmente com o que buscava, o que foi para mim como a descoberta de um grande segredo. Surpreendi isso enquanto censurava, para mim mesma, a atitude de uma delas, que, pondo-se valentona, relatava as divergências com seu marido e fazia alarde das represálias que adotava contra ele. Digo-lhe de passagem, Griselda, que a indiscrição daquela boa senhora me pareceu o mais feio dos defeitos que uma mulher casada pode ter; hoje sei que é também o que lhe acarreta, com frequência, as maiores desventuras. Pois bem, refletindo sobre o que havia escutado, encontrei, como lhe dizia, o que tanto havia buscado, aquilo que constituía o principal motivo de todas as minhas dificuldades conjugais.

— Qual?...

— Os desencontros, minha filha..., os desencontros... São eles o resultado das escondidas reações que costumam promover-se em nós, por motivos muitas vezes pueris, e que em de-

terminado momento transbordam, provocando desagradáveis episódios dentro do lar. Acontece, geralmente, que retiramos de nossa participação nesses episódios toda a importância, enquanto consideramos injustos e até abusivos os desgostos que tais atitudes desencadeiam em nossos maridos. Essas coisas acontecem, querida, porque ignoramos que o ponto de partida delas está em outras causas, que é imprescindível conhecer.

A expressão de expectativa estampada no rosto de Griselda fez sua mãe sorrir, e esta, disposta a ser explícita, continuou:

— A mulher que se casa, minha filha, comumente ignora que o homem, por bom e amante que seja, depois de um tempo se retrai, o que de maneira nenhuma quer dizer que tenha deixado de ser bom e amante; são simples variações, próprias de seu sexo. Precisamente isso é o que costuma trazer como consequência os desencontros aos quais me referi e que, na vida matrimonial, se repetem em proporção ao grau de desarmonia que vão criando. Habitualmente, a mulher interpreta tais mudanças do marido como uma afronta e, assim, quando se reavivam nele as manifestações afetivas, ela se mostra fria e esquiva a suas carícias. Eis aí, Griselda, um dos grandes erros que a mulher comete, sem prever os efeitos desastrosos que isso lhe acarreta, uma vez que, no final das contas, os desencontros, que no início se repetem seguindo o próprio ritmo dos retraimentos, acabam se tornando permanentes. A dona da casa começa — eis algo que tenho visto com tanta frequência! — por contrariar o marido em seus gostos, e não falta aquela que, nesse afã tão mesquinho quanto insensato, chega a um tal ponto que, se ele prefere um prato, ela o suprime; se uma sobremesa, também; se ele a convida para ir ao teatro, ela se nega; se resolvem ir ao cinema e ele acha o filme aborrecido ou ruim, ela se desfaz em elogios. Desta maneira, você pode ver, Griselda, que insensivelmente se

penetra num círculo vicioso; num círculo que se vai estreitando cada vez mais, até debilitar o amor conjugal em graus extremos.

— Quão feliz você se sentiu ao sair dessa encruzilhada...

— Oh, calcule!... Quando compreendi que estava em mim a possibilidade de fazer algo para evitar esses momentos amargos, resultantes de minha própria conduta, senti-me com outro ânimo, como se revivesse...

— E como você conseguiu tanto? Porque eu nunca poderia sequer suspeitar que entre papai e você houvesse jamais existido o menor desacordo.

— Oh, me custou bastante!... Eu já lhe digo. Levada por meu propósito, comecei a me mostrar mais carinhosa com seu pai. Mas ele, recordando sem dúvida as vezes em que eu havia feito a mesma coisa, correspondeu apagadamente. Isso me fez sofrer; chorei, chorei muitíssimo... Logo reconheci, entretanto, que meu comportamento anterior não merecia outra coisa, o que me ajudou a suportar a repetição de tão dolorosa passagem. Sem desanimar, procurei comprazer-lhe, proporcionando-lhe tudo que fosse de seu agrado, e obtive nisso tal êxito, que a tarefa de cercá-lo de todos os pequenos cuidados, que tanto agradam e satisfazem o homem, transformou-se para mim num motivo de alegria.

— Mas não creio que papai estivesse totalmente livre de censuras...

— Não digo o contrário, mas se em algo ele teve de emendar sua conduta, estou segura de que lhe foi muito mais fácil conseguir isso com a assistência de uma companheira mais terna e compreensiva. No final, aconteceu o que não é difícil que aconteça quando os protagonistas de episódios como estes se amam e são afins em suas inclinações, ou seja, senti-me correspondida em tudo quanto fazia.

— E, ao que parece, não voltaram a ocorrer outros desencontros.

— Exatamente, porque aprendi a olhar seu pai de maneira diferente; e seus retraimentos, quando ele os tinha, longe de me mortificar, infundiam-me respeito, e até eu mesma procurava que lhe fossem mais gratos.

— Oh, mamãe, como você é inteligente! — Griselda exclamou, envolvendo sua mãe num olhar de reconhecimento e afeto. — Quantos desses erros eu mesma poderia chegar a cometer, se você não me prevenisse contra eles com tanta clareza!

— Você nem pode imaginar, Griselda, quantas vezes eu bendisse a hora em que reparei estar em mim, como em toda mulher, a chave para lavrar minha felicidade e a dos meus. Em verdade, eu me sentia feliz, muito feliz, e já não pude considerar esse segredo como algo individual, como algo que dizia respeito exclusivamente a mim. Havia visto, em outros lares, reproduzidos mais ou menos os mesmos episódios, e uma vez que reconquistei a paz do meu, esmerando minha prudência, me propus a ajudar as donas desses lares, que eram, naturalmente, minhas amigas. Não vá pensar que minhas sugestões sempre encontraram boa acolhida; houve aquelas que desdenharam meus conselhos, e recordo que até fui tachada de sem-caráter. Mas tais amigas seguiram sendo muito infelizes e, com o correr dos dias, semearam essa mesma infelicidade nos lares de suas próprias filhas.

Um chamado telefônico afastou Griselda do lado de sua mãe por uns instantes. Já de volta, o motivo da conversa variou, pois a atenção de ambas voltou-se inteiramente para os assuntos relacionados com os preparativos do casamento.

Quando Cláudio Arribillaga visitou Griselda horas mais tarde, ela se sentia a mais feliz das criaturas. Os instrutivos pensamentos de sua mãe haviam repercutido de forma grata

em sua alma. Além de constituir uma verdadeira preparação para sua próxima mudança de estado, tais pensamentos, agindo a modo de reativo moral e psicológico, tiveram a virtude de se transformar em saudáveis estímulos. Daí que ela se mostrasse a Cláudio mais expansiva do que o habitual, como se de repente tivesse adquirido maior soltura. Ela mesma se surpreendeu ao perceber isso, a ponto de enrubescer-se.

— Como você está contente, querida... — ele manifestou, ao se encontrarem.

— E você não sabe o por quê?

— Nem precisa dizer que sou eu...

Sem negar, mas dando a entender ao mesmo tempo que havia algo mais, Griselda terminou por confiar-lhe, com a exuberância própria da emoção juvenil, ainda que com as necessárias reservas, os motivos de sua alegria, fazendo-o dessa forma partícipe daquele presente que Dona Laura lhes antecipava, em seu afã de tornar mais propícia para eles a felicidade futura.

— Gosto de sua mãe como se fosse a minha — ele disse, correspondendo-lhe com um doce olhar.

Quando na manhã seguinte, segundo seu costume, Dona Laura entrou no quarto de Griselda, ela ainda dormia.

— Acorde, preguiçosa!... — disse, beijando-a.

E, sentando-se na beirada da cama, acrescentou, ao mesmo tempo que lhe entregava um delicado embrulho:

— Tome, querida; é um livro. Em suas páginas você encontrará um conjunto de observações e reflexões que reuni durante minha vida. Mais de uma vez pensei em você, ao escrevê-lo.

— Oh, obrigada!... — a jovem exclamou, contentíssima, sentando-se com presteza no leito. — É um presente precioso!... O melhor que você me podia dar.

— Estava certa de que você o apreciaria.

Dona Laura encaminhou-se em seguida para a janela a fim de afastar o cortinado que impedia a entrada da luz no aposento e, após examinar detidamente várias peças do enxoval de Griselda, dedicou-se a acomodar algumas caixas que, entreabertas e amontoadas com certa desordem, deixavam a descoberto primorosos detalhes do aviamento nupcial.

Entretanto, depois de folhear o livro que sua mãe acabava de entregar-lhe, a jovem deteve sua atenção nestes parágrafos: "Não concebo que o coração humano possa sentir verdadeira felicidade, se a vida não for dotada dos recursos morais e espirituais que a embelezem. Esses recursos são a soma do que conseguimos extrair como fruto de nossas experiências e de nossas meditações, enquanto procuramos dar forma concreta ao ideal que perseguimos. Posso afirmar que, em meu caso, esse ideal ganhou substância ao descobrir em meus próprios desacertos a causa de minha infelicidade, ou seja, ao deparar-me com uma realidade que me obrigou a mudar fundamentalmente meus pontos de vista. E eis que, quando acreditei que a vida perdia seus maiores encantos, meu coração começou a palpitar de outra maneira, com mais força, com mais alegria, com mais confiança, sem a inquietação ou o desassossego que antes fazia de mim uma presa. Quão tola eu havia sido!... Lancei um olhar às minhas ilusões mortas, mas sem pesar, sem nostalgia, sem pretensões de devolvê-las à vida. Compreendi que pertenciam a uma época em que fervilhavam em minha cabeça muitas fantasias, muitos sonhos e caprichos, como os que animam a todas as mulheres que desejam muitas coisas belas e agradáveis, sem pensar que é preciso fazer algo para merecê-las; e vislumbrei que, por cima daquelas ilusões ou, melhor dizendo, substituindo-as, existiam dentro de mim recursos que me ajudariam, certamente, a ser feliz. Lançando então mão deles, empenhei-me em fortale-

cê-los e aumentá-los, servindo-me de alento o amor dos meus. Consegui por esse meio levar adiante meus empenhos e, nesse trabalho diário, encontrei belíssimos incentivos. Desde então, fui mais compreensiva, mais tolerante e paciente, e pude desfrutar, em compensação, uma grande paz e um íntimo regozijo."

Griselda fechou o livro, deslizou sobre a capa sua mão leve e sedosa. Sempre havia reconhecido os grandes valores morais de sua mãe, mas nesse momento ela se lhe apresentava como uma alma exemplar, que a guiava com elementos vivos, extraídos da experiência de sua própria vida. Havia depositado ali suas memórias, que agora punha em suas mãos para que ela, sua filha, servindo-se de tão valioso conteúdo, pudesse evitar para si as angústias que a inexperiência e a candidez da juventude costumam criar. Quanto lhe era grata por esse inestimável legado! Noites e dias ela passaria enlevada, lendo-o.

— Como fez para saber tanto, mamãe? — Griselda perguntou, com interesse.

Dona Laura riu benevolamente, como fazem as mães ante as perguntas ingênuas de seus filhos. Sentando-se novamente ao seu lado, expressou:

— Você me pergunta algo, filha, que nem eu mesma sei... Talvez tudo seja fruto de um esforço tenaz, constante, ordenado. Recordo que, quando conseguia aprender alguma coisa que ignorava, eu a considerava como um fragmento de vida nova que se incorporava à minha, e isso produzia em mim um raro e íntimo prazer. Todo o meu afã foi me sentir cada dia mais digna de mim mesma.

— Gostaria de chegar a saber tanto como você, mamãe! — exclamou Griselda, entusiasmada.

— Oh, sou apenas aprendiz!... Mas você, sim, poderá ser o que anela. Pondo empenho e firmeza na vontade, e manten-

do vivo o pensamento de consegui-lo, você alcançará o fim a que se propõe. Trate, isso sim, de ser muito consciente em todos os seus atos, mesmo os mais simples, para poder sentir de perto a realidade de tudo quanto você viver.

— Eu lhe asseguro que não pouparei esforços para me aproximar de tão formosa conquista.

— E quando você notar que o amor de noiva, por exemplo, perde força, debilitado pelas contrariedades que nunca faltam na vida matrimonial, busque em si mesma a manifestação de outras formas de amor. Umas vezes, você usará a doçura maternal, que porá fim a alguma briguinha intranscendente; outras vezes, será a filha que busca refúgio no coração do pai; e, enfim, quando for necessário, será também a irmã e a amiga de todos os dias. Eu aprendi, minha filha, que a mulher deve conquistar duas vezes o homem a quem ela une sua vida: a primeira, com seu físico e suas qualidades visíveis; a segunda, com seu espírito, com sua inteligência, seu tato e sua abnegação. Infeliz daquela que se deixa levar por outra classe de pensamentos e vai em busca de outros caminhos!...

Griselda beijou a mãe, como tributo de seu coração ao amparo que as palavras dela lhe ofereciam.

~

Sobre o convés, num transatlântico que sulcava airosamente as águas em direção ao Velho Mundo, um par de recém-casados evocava com emotiva ternura as passagens repletas de afeto que fizeram culminar a noite de suas bodas.

Com o olhar fixo no ponto em que os olhos perdem a sensação do físico, pareciam empenhados em perscrutar o mais

além. Mas o mistério da vida oferece matizes tão diferentes dos que podem os sentidos corporais captar, que não é permitido ao homem descobrir, por simples tentativa, as recônditas tonalidades que aparecem no fundo de sua existência.

— Sinto-me extasiada — ela expressou, com doçura, recostando a cabeça no ombro amado. — Tanta felicidade não será, porventura, uma antecipação que Deus nos outorga, por conta do cumprimento de nossas promessas?

— Pode ser... — ele disse, saindo de sua abstração; e acrescentou: — Mas deixemos estes pensamentos até que nos seja dado saldar tão inestimável dívida. A vida nos sorri, Griselda. Correspondamos a seu gesto, mostrando-nos alegres.

E, oferecendo-lhe o braço, ambos se dirigiram felizes ao salão, onde momentos mais tarde se confundiam entre outros casais que dançavam.

Dias e dias se seguiram àquele, entre mar e céu.

De Pernambuco, Griselda enviou a sua mãe estas linhas:

"Queridíssima mamãe:

"Tivemos até aqui uma viagem esplêndida. Agora cruzaremos o oceano. A bordo nos sobram distrações e, com frequência, temos de nos esquivar de compromissos para estarmos a sós.

"Suas recomendações me auxiliaram bastante. Cláudio é boníssimo e correspondeu com toda a delicadeza à minha turbação. Você pode supor com quanta emoção agradeci, no íntimo de meu ser, as finezas de seu trato, tão compreensivo quanto terno. Na quinta noite de nosso casamento, mal pude ainda trasladar para minha consciência a noção exata da nova realidade que estou vivendo.

"Procuro agradar Cláudio em tudo. Dias atrás, disse-me que apreciava muito o caráter expansivo de Susana Lemery, uma senhorita francesa muito simpática, que, com outras pessoas, contribui para

fazer mais amena nossa travessia. Desde esse momento, propus-me a ser assim também para ele; naturalmente que só na medida permitida a minha modalidade. Acho que não lhe passou despercebida minha disposição em comprazê-lo, porque ele se mostra contentíssimo. Você não calcula, mamãe, quão feliz me sinto com este primeiro triunfo.

"Meus carinhos para o papai, e diga-lhe que sempre o recordo. Falando com Dom Roque, expresse a ele meus afetos. E você, mãe querida, receba um longo e terno abraço de sua filha."

Chegados a Dacar, Cláudio sentiu-se um pouco indisposto, e, ao contrário do restante dos passageiros, que se apressaram em descer a terra, viram-se os dois forçados a permanecer a bordo. O calor naquele dia era sufocante.

Caía a tarde em melancólico crepúsculo quando o navio levantou âncoras. O navegar trouxe um alívio.

Não longe do porto, a temperatura mudou bruscamente e, contrariando o esperado, um sombrio anúncio de tormenta invadiu o ar.

Pelo espaço subitamente enegrecido, nuvens compactas, em rigorosa linha de batalha, avançavam a partir do setentrião, impulsionadas pelo vento que, por momentos, aumentava sua fúria. Ao encrespamento do mar seguiu-se o ímpeto das ondas sucessivas, com as águas aumentando de volume, como se debaixo delas o fogo cósmico as submetesse a violenta ebulição. O fragor indescritível de um trovão fez vibrar de repente o prisma da atmosfera, que do infinito projetava tonalidades confusas, devido à refração da luz desfalecente do ocaso.

Minutos depois, crescia a tormenta com força de aluvião, pondo em grandes apuros a tripulação e os passageiros.

Em seu camarote, aferrada ao braço de Cláudio, que sofria os efeitos do enjoo, Griselda compartilhava da ansiedade geral.

Nessa aflição passaram a noite e a maior parte do dia seguinte. Ao cair da tarde, quando o temporal amainou e o mar perdeu sua violência, foi permitido sair ao convés.

Ainda não de todo refeito de seu mal-estar, Cláudio pôde entretanto acompanhar Griselda, que o instou a sair, certa de que se recuperaria ao contato com a calma que começava a reinar. Postados atrás de uma das janelinhas do convés, viram dali a tempestade que se afastava, cujos últimos embates pareciam as rabanadas de um monstro perdido entre nuvens de enxofre e iodo.

Ao cair da noite, no firmamento completamente limpo, miríades de estrelas voltaram a ocupar seus postos de vigias eternos. Os recém-casados subiram ao convés para desfrutar a céu aberto a placidez do espetáculo.

Cláudio contemplou aqueles olhos de mirada rutilante voltados para cima e pensou na tormenta que acabava de aplacar-se, associando essa feliz sensação de bonança que os envolvia com o que ocorre no céu da consciência, quando se amainam as borrascas mentais desencadeadas pela adversidade e pelo caráter em arrebatamentos de violência ou desespero. Unia-se à sua mente, talvez por um estado especial de sua alma, a doce sensação de infinitude que sobrevém ao confundir-se o espírito do homem com a natureza incorpórea da Criação, que intervém nos profundos processos da evolução humana. Submerso o olhar no pélago ondulante e incomensurável, parecia-lhe que ele ocultava desígnios impenetráveis em seu seio; então, rememorando passagens de leituras semiesquecidas, brotaram de seus lábios estas palavras, quase imperceptíveis, que uma brisa arrebatou, para oferecê-las às vagas cobiçosas, como primícias de uma invocação rara e inesperada:

— Ó Atlântida lendária e remota, que guardas no fundo destes abismos o segredo de tua enigmática existência! Não emergi-

rás, um dia, trazendo das entranhas cósmicas as magistrais chaves com que os homens haverão de descobrir o enigma do destino?

Seus olhos buscaram os de Griselda. Em seus rostos havia expressões indefiníveis, como se por um estranho acontecer íntimo se desprendesse, do fundo de suas almas, um mesmo pensamento de ansiedade em relação aos giros inesperados da sorte.

— Em que está pensando?... — Cláudio perguntou, após um instante.

— Há emoções que, traduzidas em palavras, perdem grande parte de seu encanto... — Griselda disse, com suavidade.

Nessa fronteira íntima que demarca os limites do mundo interior, cada alma reina soberana. Penetrar nele, sem o consentimento expresso de seu dono, é negado ao homem; e, mesmo contando com ele, terá de limitar-se ao que lhe seja possível compartilhar. Esse mundo torna-se um paraíso quando se sabe cuidar dele, quando se sabe protegê-lo de toda intromissão estranha; e um inferno quando se permite, faltando às normas que a discrição impõe, que ele fique exposto à avidez alheia.

~

Dias mais tarde, o navio atracava em Le Havre. Dali partiram sem demora para Paris, a grande Capital onde tantas vezes se jogou a sorte do mundo.

Por breve tempo, ela seria cenário de sua felicidade, de suas alegrias e de tudo quanto suas almas fossem capazes de desfrutar dentro de tão luminoso ambiente. Este lhes era em parte conhecido, pois os dois haviam estado ali anteriormente: Griselda, acompanhando seu pai em viagem de estudo; Cláu-

dio, pouco antes de seu ingresso na universidade. Não obstante, agora tudo lhes parecia novo, como se a felicidade de percorrer juntos aqueles locais tivesse a virtude de transformá-los totalmente, conferindo-lhes mais novidade e atração.

Discretamente, sem se deixarem invadir pela agitação que a miúdo excita a curiosidade do turista, dispuseram-se a admirar o que pudessem das inúmeras maravilhas da grande cidade, encontrando nisso muitos motivos para que as inquietudes de seus espíritos se manifestassem por meio das mais diversas conjecturas. Sentiram-se particularmente comovidos ao visitar museus e monumentos, e todas aquelas obras nas quais o cinzel da história aparece plasmando o pensamento das grandes figuras que enriqueceram o acervo artístico da humanidade. Olharam e admiraram com emoção estética e evocativa aquele conjunto de luminares que, imunes à passagem do tempo, conquistaram o assombro do mundo inteiro.

— Quanto contrasta todo este passado deslumbrante com a realidade de um presente envolto em trevas! — Cláudio dizia, certo dia, enquanto percorriam juntos as ruas que levavam ao seu hotel.

Griselda, que parecia seguir o movimento melancólico daquelas reflexões, expressou:

— Eu me sinto verdadeiramente extasiada ante o que estamos vendo. Tudo me parece maravilhoso, mas você não percebe, nesta infinita variedade de coisas que nos rodeiam, a falta de algo mais real, mais positivo? Eu diria: a falta de uma arte capaz de modelar o pensamento e o sentir dos homens, tornando-os mais dignos da alta qualidade de sua natureza?

— Eu estava pensando algo parecido... É pena que tantas manifestações do talento humano não tenham conseguido arrancar o homem do obscurantismo e da miséria moral em

que está imerso. Faltou sem dúvida uma grande inteligência que tornasse possível o entendimento dos seres, favorecendo a emancipação das almas, até levá-las à sua máxima plenitude consciente.

— Tudo isto pode até ilustrar o homem, pode comovê-lo, não duvido, mas serve de algo para sua evolução? Por acaso lhe é útil para modificar o rumo de sua vida? Eis aí o triste. Ao admirar tantas maravilhas, em vez de experimentar a exaltação do próprio juízo sobre as possibilidades que lhe assistem, parece que se sente, pelo contrário, diminuído.

— Tem razão, Griselda; essa é a sensação que nosso ânimo percebe.

Esses diálogos repetiam-se com frequência entre ambos. Surgiam da intimidade e constituíam a ponte mais apropriada para o mútuo entendimento, pois davam lugar a opiniões tão afins e concordantes, que não era demais esperar o melhor para o futuro de sua felicidade.

De comum acordo, haviam resolvido jantar diariamente em diferentes lugares, a fim de conhecer a vida noturna de Paris nos locais mais típicos. Cumprindo esse propósito, encontravam-se certa noite num dos restaurantes mais luxuosos da Cidade-Luz. Cláudio, excelente "gourmet", em quem Griselda confiava plenamente, lia detidamente o cardápio. Depois de propor alguns pratos, pediu os mais apetitosos. Lúculo não os teria escolhido melhor.

Nesse momento, um cumprimento reverente do "maître", dirigido a alguém que acabava de chegar, fê-los voltar a cabeça. Há movimentos tão expressivos nas pessoas, que involuntariamente incitam a curiosidade.

Uma jovem belíssima, vestida com apurado gosto e sobriedade, acompanhada por uma distinta dama já avançada

em anos, fizera-se presente no restaurante, ocupando ambas uma mesa a poucos metros deles.

— Quem são? — Cláudio perguntou ao "maître", em bom francês.

— Americanas, senhor. É estranho ver as senhoras sozinhas; elas habitualmente vêm em companhia de um cavalheiro.

O rosto da dama jovem, ao voltar-se sorridente para sua acompanhante, revelou uma expressão muito agradável.

Sua presença no salão havia feito Griselda experimentar um movimento de curiosidade e, ao mesmo tempo, de franca admiração. Sentia-se contente e conversava alegremente.

— Viu como é atraente e com quanta distinção se porta?

— De fato, muito atraente — ele respondeu, afetando indiferença.

Griselda estava belíssima nessa noite, com seu elegante vestido negro, de amplo decote, sobre o qual luzia uma rica gargantilha de brilhantes; mas aquela jovem, de maravilhosa aparência, tinha algo que a destacava dentre todas.

Durante o jantar, Cláudio não pôde resistir à tentação de voltar-se para ela várias vezes, o que deixou Griselda um tanto aborrecida, dissimulando seu desgosto com uma tossezinha muito significativa.

Quando as duas se retiraram, coisa que fizeram com inesperada pressa, passaram perto do lugar onde ambos se achavam. A mais jovem olhou para Griselda com mostras de simpatia, atitude que foi correspondida por esta com certa inibição, pelo estado de turbação em que se achava.

Cláudio seguiu-a com o olhar até que desapareceu, como se algo mais forte que ele o obrigasse a escoltá-la desse modo.

Quando, não de todo tranquilo, se voltou para falar com Griselda, ela insinuou que desejava retirar-se. Suspeitando que acabava de roçar a sensibilidade de sua terna esposa, não opôs objeções e, já de volta ao quarto do hotel, não demorou a confirmá-lo.

Pela primeira vez, Cláudio via alterado o rosto de Griselda, que, neste íntimo reclamo, parecia-lhe mais adorável que nunca.

— Sinto ter desagradado você — ele lhe disse, carinhosamente.

Confusa, ela ocultou o rosto no peito de Cláudio, que a abraçou com uma ternura que dizia muito de seu afã em afugentar aquela nuvenzinha.

Sinceramente preocupado com essa circunstância que acabara por inquietar o coração confiado de Griselda, propôs-se adotar, dali por diante, uma atitude capaz de apagar todo o vestígio daquele imprevisto episódio. Nisso pensava, quando algo providencial pareceu ocorrer-lhe, porque, aproximando-se alegremente dela, disse:

— Que casualidade, querida! Ontem à noite, lendo alguns ensaios do senhor De Sándara, encontrei algo que, creio, nos explicará esta circunstância; vou mostrar-lhe agora mesmo.

Dito isto, foi em busca do livro, lendo numa de suas páginas: "Em nosso foro íntimo, que é inviolável, verificam-se desde as mais ínfimas até as maiores variações de nossa natureza sensível, sem que elas afetem, em muitos casos, o sentimento que consagramos digno de reinar em nosso coração e em nossa mente. A intervenção alheia nem sempre costuma ser oportuna, nesse momento em que se produz tal espécie de metabolismo de nossas emoções e sensações mentais, que

serve, queira-se ou não, aos fins de nossa nutrição e aperfeiçoamento espiritual."

— Minha querida — Cláudio concluiu, — circunstâncias como a de agora, que poderíamos chamar de acidentes de nossa vida moral, se produzem às vezes involuntariamente, devido, é claro, a deficiências que ainda devemos vencer e eliminar.

Suas palavras pareceram confortar Griselda bastante, e ela respondeu com sua habitual serenidade:

— Sem dúvida isso tem relação com o que me ocorreu, ao não poder dominar a impressão que experimentei esta noite... Compreendo que me excedi talvez um pouquinho, e lamento isso, mas a verdade é que me senti inquieta.

— Oh, não havia por que sentir-se assim!... — ele exclamou, acariciando-a com alívio. — Devemos sempre ter presente que há movimentos tão fugazes na intenção, que nem mesmo nós os percebemos, e até seguiríamos alheios a eles se fatos posteriores não se encarregassem de pô-los em evidência. Por exemplo — acrescentou, com fisionomia expressiva e alegre — neste caso, em que me vi diante de consequências extremamente adversas.

O encontro de dois belos sorrisos apagou por completo a marca daquele pequeno sobressalto.

Ambos haviam compreendido, mais por intuição do que por via reflexiva, que há sinais na vida — perceptíveis para a sensibilidade, mas não para os sentidos — que nos podem proteger, preservando-nos de perigos maiores.

De Paris foram à Suíça e, dali, à Costa Azul, privilegiado lugar onde todas as belezas da natureza comparecem em profusão inigualável.

Cannes, cidade principesca, ofereceu-lhes, com a magnificência de seus palácios e a vida ostentosa de seus clubes e locais de entretenimento, todas as satisfações que o gosto mais refinado é capaz de exigir.

Os dias sucediam-se plácidos e felizes naquele rincão do mundo. Quando nada parecia poder abreviá-los, um telegrama recebido inesperadamente lhes informou que Dom Roque estava gravemente enfermo. Isso fê-los resolver pôr fim à viagem e regressar de avião a Buenos Aires.

Iniciaram apressadamente as gestões consulares e demais trâmites, com o objetivo de superar os inconvenientes próprios de tão repentina partida. A viagem seria dois dias mais tarde, o suficiente para concluírem tudo, mas por outro lado teriam pela frente muitas horas de penosa e interminável espera.

Quando voltaram ao hotel, já com noite fechada, estavam extenuados.

Cláudio deixou-se cair sobre o divã, num evidente estado de excitação. A notícia havia repercutido profundamente em seu ânimo.

Griselda tratou de amenizar sua preocupação com palavras animadoras, mas nada parecia ter o poder de reconciliá-lo consigo mesmo.

— Em meio à felicidade que esta viagem nos tem proporcionado, quanto eu lamento minha imprevisão! — disse, com amargura. — Devia ter pensado que meu pai poderia piorar e precisar de mim... Que inquietação tremenda, meu Deus! Não me negue a ventura de voltar a vê-lo!...

Tão viva era a dor que suas palavras traduziam, que Griselda, comovida e quiçá estimulada por algum reconfortante pressentimento, expressou:

— Não há de ser mais que uma simples recaída, como as que Dom Roque costuma ter. Você vai ver que nada vai acontecer.

— A bondade de suas palavras, minha querida, traz certa calma a meu coração, mas não consegue dissipar esta angústia que me atormenta.

— Compreendo muito bem, Cláudio. Existe por acaso algo comparável à vida de nossos pais?

Alguém bateu à porta, nesse mesmo instante.

Quase sem saber como, tal a intensidade da impressão que a oprimia, Griselda viu-se de repente com um segundo telegrama nas mãos.

— Meu Deus!... — murmurou, com crescente aflição, enquanto rasgava temerosa o envelope.

Mas, nem bem leu o conteúdo, soltou uma exclamação de indescritível alegria:

— Cláudio!... Escute!: "Dom Roque fora de perigo. Afetos. Laguna."

Ela correu até ele e ambos se confundiram num jubiloso abraço. Novamente, o céu das perspectivas gratas voltava a se mostrar limpo de nuvens.

Entretanto, resolveram não postergar o regresso. Desistiram, porém, de fazer a viagem de avião, à qual Griselda era pouco afeita, e embarcariam no primeiro transatlântico que zarpasse de Marselha. A travessia a vapor, como etapa final da viagem de núpcias, compensaria a interrupção da permanência em terra, proporcionando-lhes, para sua tranquilidade, a certeza de que a distância imensa que os separava de Dom Roque iria diminuindo dia após dia.

~

Numerosos passageiros, atraídos pela serena beleza do mar, circulavam naquela tarde pela coberta do navio que conduzia Cláudio e Griselda de regresso. Não era difícil descobrir, entre eles, o elegante casal que, repetindo o percurso que parecia haver sido traçado como limite de sua excursão, detinha-se de trecho em trecho para observar, através de um binóculo, os movimentos de uma embarcação que navegava a regular distância em direção oposta, talvez rumo à costa que ambos haviam deixado no dia anterior.

Da amurada do barco, Griselda olhava nesse momento para aquele local, quando, girando pausadamente a cabeça, focalizou ao acaso, com as lentes, um grupo de pessoas que conversavam alegremente, umas de pé e outras recostadas comodamente em suas cadeiras. A insistência com que manteve a focalização denunciava claramente que algo muito excepcional acabava de chamar sua atenção. Uma turbação ligeiramente perceptível estendeu-se por seu rosto, belamente iodado pelo ar marinho, e, já segura do que havia visto, exclamou, sem poder conter-se:

— Olhe quem está ali, Cláudio!... A mesma jovem que vimos em Paris!

— Não pode ser! — ele disse, pegando o binóculo que Griselda lhe estendia; ao confirmar, exclamou por sua vez: — Mas que coincidência!...

Se alguém tivesse tido nesse momento o poder de observar à distância, teria conseguido surpreender a inteligência com que se movem os fios do destino, para auxiliar aqueles

que, sem possuir o domínio da vida mental, ignoram como certos pensamentos, atuando à margem da vontade, induzem a satisfazer as caprichosas demandas do instinto. Quantos momentos desagradáveis e ingratos o homem poderia evitar para si, caso soubesse, com exata noção da influência invisível que tais pensamentos exercem, resguardar-se de suas ciladas, toda vez que eles tentassem desviar seus nobres sentimentos. A natureza humana é complexa, e, para dominar seus segredos, faz-se mister surpreendê-los um a um, quando de sua enigmática força se desprendem os elementos vivos que os manifestam. Examinando as debilidades que afrouxam as resistências do indivíduo, quão bem se compreende o muito que a criatura humana deve avançar em seus afãs de aperfeiçoamento.

Sem poder evitar, Cláudio experimentou o sutil estremecimento que provém de uma variação do ânimo. Não havia dúvida que a presença a bordo daquela jovem, que em sua recordação voltava a mostrar-se particularmente bela, havia de novo causado nele certa comoção. Entretanto, soube sobrepor-se a isso e, feliz pela vigorosa reação, tão logo chegaram ao camarote abraçou Griselda ternamente, dizendo-lhe:

— Minha querida, você é a única mulher que ocupará em meu coração o lugar mais elevado e venerável, porque saberá fazer com que o sentimento que me une a você constitua uma realidade ao longo de toda a minha vida.

Griselda, observadora e perspicaz, simulando não compreender a que obedecia aquela súbita manifestação, assentiu com a cabeça, prodigando-lhe ao mesmo tempo alentadoras palavras.

Nas expressões de um e outro havia tal pureza e sinceridade, que seus corações, olvidando a fugaz alteração sofrida em seu ritmo, experimentaram inenarrável alegria.

~

Ao internar-se nas águas do Atlântico, o barco que os levava de volta à pátria começou a mover-se com o típico subir e descer de ambos os conveses. O céu coberto de nuvens escuras e a presença fugaz de repetidos relâmpagos anunciavam a proximidade de violentas tempestades. Uma forte rajada de vento açoitou de repente a embarcação, sibilando furiosamente sobre a cobertura, e os poucos passageiros que ainda permaneciam no convés desapareceram rapidamente. À força do vento, que durou pouco, seguiram-se uns momentos de expectativa e, em seguida, começaram a cair grossas gotas, como prelúdio da forte tormenta que se desencadearia depois.

Sensível aos movimentos do mar, Cláudio sentiu-se de pronto indisposto e, em consequência, impedido de almoçar. Por insistência sua, Griselda aceitou ir sozinha ao restaurante, embora houvesse preferido permanecer no camarote. Protestou suavemente por aquele capricho de seu marido, mas, disposta a atendê-lo, despediu-se com o propósito de regressar o quanto antes.

Pediu um almoço leve, ao término do qual comprovou satisfeita que seu relógio havia andado pouco mais de meia hora.

Saía do restaurante, quando, a poucos passos dela, a presença de uma pessoa, que lhe pareceu conhecida, de repente a surpreendeu. "In mente", acabava de reapresentar-se para ela a imagem daquele que a havia assistido em seu inesquecível sonho.

— Como é parecido! — disse consigo.

Quando entrou em seu camarote, Cláudio dormia sob os efeitos de um calmante. Seu primeiro impulso foi o de despertá-lo, mas se conteve e procurou dominar sozinha sua emoção e o tumulto de ideias que lhe ocorriam. Estirou-se vestida no leito, onde pouco a pouco se recuperou. Pôde, então, fazer um repasse de seu sonho, tratando ao mesmo tempo de fazer deduções; mas não encontrou suporte algum em que apoiá-las.

"Que recônditos enigmas se ocultam no fundo de nossa vida", perguntou-se ela, "que nos mantêm perplexos quando somos surpreendidos por situações como esta, na qual pareceriam mesclar-se manifestações de dois mundos relacionados entre si, como se ambos obedecessem a leis inescrutáveis, que forjam ou mudam os destinos e as vidas, em sucessão interminável de fatos alheios a nossa consciência?"

Olhando Cláudio a dormir, pensou: "Aquilo foi uma visão, e o que vivo hoje é uma realidade." E resolveu não dizer-lhe, por enquanto, nada do que se passava com ela.

Lá fora, a chuva havia perdido sua violência e o navio navegava sereno, sob um céu que não tardaria a recobrar sua transparência natural.

No dia seguinte, subiram à coberta e, ali, Griselda optou por revelar a Cláudio seu pequeno segredo, que ela já não podia conservar por mais tempo dentro de si.

Assim fez, sem poder evitar certo ar misterioso e mostrando preocupação, como se em realidade atribuísse um significado extraordinário ao fato.

— Parece que você está dando exagerada importância a uma simples questão imaginativa — disse ele, um pouco displicente.

— Talvez... — ela respondeu, sorrindo.

Mas a atitude retraída que a partir de então ela observou nele, logo a fez compreender que sua espontaneidade não ha-

via tido a resposta que esperava, tratando com afinco, a partir desse momento, de apagar do rosto de Cláudio aquela intempestiva sombra, que de nenhum modo se justificava. Obteve tal êxito que, ao final de alguns instantes, os dois conversavam amigavelmente, sem que a mais leve alteração diminuísse sua ventura.

Nas idas e vindas por aquele belíssimo mundo flutuante, recreando-se com todo motivo que lhes pudesse servir de distração, tal como fazem aqueles que sabem que o tempo lhes sobra para tudo, as preocupações, quando as havia, desapareciam como por encanto, dissipadas pelas exteriorizações do ânimo, afetuosas e ternas. A lembrança de Dom Roque surgia-lhes com frequência, mas as últimas notícias recebidas, quase ao saírem de Marselha, mantinham-nos relativamente tranquilos.

Foi num daqueles felizes dias passados a bordo que Griselda, detendo-se ao passar pelo corredor contíguo ao salão de fumar, apertou nervosamente o braço de Cláudio, instando-o a olhar para uma das pessoas que se encontravam ali dentro.

— Não sei bem quem você está mostrando — expressou ele, procurando acertar.

— Aquele senhor de roupa clara, Cláudio... Agora ele está falando com o que está ao lado dele.

— Ah, sim; já estou vendo!... — ele disse. Nesse mesmo instante, porém, tomado por um pensamento pouco feliz, perguntou a Griselda, com prevenção: — Quer dizer que é o mesmo que cruzou com você outro dia?

— O mesmo... — respondeu-lhe ela, sem se alterar.

Cláudio voltou-se novamente para o personagem em questão, cravando nele seus olhos com firmeza, e ela, que se mantinha à espera, viu com surpresa que seu rosto se descontraía, mudando inesperadamente de expressão.

— Griselda!... — ela o ouviu exclamar, radiante. — Sabe

quem é?... Você não imagina... É o senhor De Sándara!

— Oh, não é possível!...

— Sim, Griselda, é ele... — e, contendo-se, acrescentou: — Mas será melhor que ele não nos veja, até aparecer um outro momento em que o encontremos sozinho.

Já no camarote, para onde resolveram voltar a fim de comentar o fato, os dois se entreolharam, sem saber num primeiro momento o que dizer.

— É inacreditável!... — Cláudio exclamou finalmente, entre surpreso e preocupado. — Como explicar tanta casualidade?... Quer que eu lhe diga uma coisa, meu amor?... Numa outra circunstância, o encontro com De Sándara teria sido para mim motivo de grande alegria, mas hoje não é... Sinto dentro de mim algo que eu não poderia definir para você, como se a presença dele aqui, a bordo, me produzisse temor, mal-estar, incômodo; enfim, não sei o quê...

— É curioso; você sempre me falou dele com entusiasmo, com afeto, com simpatia. Por que o sobressalta agora essa inquietude? Será talvez pelo que lhe contei, relacionado com meu sonho?

— Não precisamente... — ele respondeu, fugindo do olhar de sua esposa — mas você há de convir comigo, querida, que tudo isso tem algo de estranho e desconcertante. Primeiro, a doença de meu pai, obrigando-nos a acelerar nossa partida; agora, o senhor De Sándara, viajando conosco no mesmo navio; e, para culminar, o seu sonho. Você não acha que há algo de sugestivo nestes fatos?

— Não digo que não, mas penso que, em se tratando do senhor De Sándara, tal fato deverá nos servir mais como motivo de alegria do que de preocupação, pois tudo isto deve ter algum significado, embora eu não atine a imaginar qual seja.

— No momento, só consigo ver que sua presença a bordo

introduz em nossa viagem um motivo especial de interesse.

— Você vai ver, Cláudio, que algo de bom vai resultar desse encontro, ainda que nos pareça um tanto estranho.

Ouviu-se anunciar, lá fora, a hora do almoço.

Griselda, diante do espelho, retocou ligeiramente os cabelos e, depois de realçar com hábil traço a bonita linha dos lábios, deu por terminada a toalete, não sem antes solicitar, com faceirice, a aprovação de Cláudio, que a observava.

Pouco depois, ambos entravam no salão do restaurante, com uma expectativa que, seguramente, haveria de se acalmar ao produzir-se o encontro com o amigo. Mas isso não aconteceu, pois não o viram em parte alguma.

— Deve ter almoçado em seu camarote — Arribillaga presumiu.

— Talvez. Mas que decepção! — Griselda disse, sentida.

— Seguindo a ordem dos acontecimentos, deveremos deixar que o encontro se produza naturalmente, você não acha?

— Também penso que assim será melhor.

Entretanto, nem à tarde nem à noite aconteceu o que eles esperavam.

~

No dia seguinte, à tarde, Cláudio conversava com um companheiro de viagem nas proximidades do jardim de inverno, quando viu o senhor De Sándara dirigir-se para ali. Com indescritível surpresa, divisou junto dele a mesma jovem que havia visto em Paris e sua distinta acompanhante.

Deixou seu amigo e, da porta por onde eles acabavam de passar, pôde observar que se detinham no extremo oposto do recinto, com a aparente intenção de se assentarem. Logo comprovou, no entanto, que não estava certo, porque as damas saudaram De Sándara e se afastaram em direção à saída mais próxima. Evidentemente, elas tinham ido até ali com o propósito de acompanhá-lo, e, a julgar pela familiaridade com que se tratavam, Cláudio já não teve dúvida de que devia existir entre eles algum laço afetivo.

Ao final dessas conjecturas, deu-se conta de que a oportunidade de fazer-se presente ante seu amigo havia chegado, pois este, acomodado tranquilamente numa poltrona, parecia não ter nesse momento outra preocupação que a de deleitar-se saboreando um charuto.

Sem pensar mais, encaminhou-se até ele.

— Senhor De Sándara! — disse, com muito respeito. — É possível?...

— Oh!... Arribillaga! — expressou ele, por seu turno, pondo-se de pé e apertando-lhe efusivamente a mão. — Que prazer imenso tenho em vê-lo!

— Na verdade, senhor De Sándara, é inacreditável que este encontro tenha demorado tanto. Com a vontade que eu tinha de voltar a vê-lo!

Em seguida, contou-lhe que fazia somente dois dias que tinha conhecimento de sua presença a bordo.

— Eu, ao contrário, já sabia muito antes... — De Sándara lhe disse. — Pela lista de passageiros, inteirei-me em Marselha de seu embarque. Entretanto, como você viaja em lua de mel, não considerei prudente roubar-lhe um só minuto.

— Apesar disso, o senhor nos teria dado uma enorme alegria. Não pode calcular o desejo de minha esposa por conhe-

cê-lo. Minhas repetidas alusões a sua pessoa despertaram em muito seu interesse.

— Espero que sua esposa, quando me caiba o prazer de ser apresentado a ela, me conceda a honra de não se decepcionar. As versões sobre as pessoas, por precisas que pareçam, nem sempre coincidem exatamente com a realidade.

— Não neste caso, em que a realidade haverá de corresponder com toda a segurança ao que informei.

Desde que De Sándara conhecera Arribillaga em Buenos Aires, não deixou de recordá-lo. Havia observado nele certas condições requeridas para ser iniciado na ciência dos conhecimentos causais que ele dominava, e dessa observação elaborou projetos a respeito dele, para o caso de as circunstâncias — que não duvidava se promoveriam — voltarem a pô-los em contato.

Conversaram em seguida sobre a viagem, e Cláudio relatou o motivo que antecipara seu regresso, inteirando-se, por outro lado, de que seu amigo não se dirigia a Buenos Aires, mas sim ao Rio, onde passaria duas semanas antes de voltar ao México. Lamentou a notícia, que o privava de chegarem juntos, como havia pensado, ao lugar de destino, e tão logo se ofereceu a oportunidade, desejoso de conhecer a ponta do fio de um assunto que o intrigava, inquiriu:

— O senhor viaja só?

De Sándara, que parecia esperar a pergunta, respondeu:

— Viajo com dois familiares meus.

— Trata-se por acaso das damas que o acompanhavam ao entrar? — Cláudio perguntou, com vivacidade.

— Exatamente. A de mais idade é minha tia, e a jovem, que você viu com ela, sua filha adotiva. O nome de minha tia

é Cristina De Sándara, viúva do senhor Landívar. Trata-se de uma pessoa a quem estou unido por um grande afeto.

No rosto de Cláudio repontou uma expressão assaz sugestiva, dessas que se adiantam ao pensamento em franco arranco comunicativo, e em seguida ele relatou a seu amigo a série de surpresas que haviam tido durante a viagem, às quais se juntava, agora, a de saber que aquelas damas tinham um vínculo familiar com ele.

Pareceu-lhe de imediato que De Sándara não correspondia a suas palavras com a mesma efusividade que ele punha nas suas, e optou, então, por mudar de assunto.

— O senhor há pouco dizia, senhor De Sándara, que esta viagem que acaba de realizar à Europa foi feita por mero turismo...

— De fato, amigo Arribillaga. Ressentido o físico pelos cuidados às vezes extremos que temos com o espírito, impõe-se de quando em vez que voltemos a vista para ele, a fim de fazer-lhe alguns agrados e levá-lo a passear.

Um silêncio seguiu-se às suas palavras, ditas em tom amável.

Pensativo, De Sándara parecia consultar algo a si mesmo. Impenetrável e reservado por natureza, instava-o desta vez, com acentuada insistência, o pensamento de abrir por uns instantes as portas de sua intimidade ao jovem Arribillaga. Seu propósito era conduzi-lo por um dos trechos de sua vida, para que ele pudesse apreciar de perto o fundo moral de seu modo de ser.

O afeto que havia tomado por ele, desde que o conhecera, reativado pela circunstância que os reunia novamente, levou-o a confiar na possibilidade de que, à semelhança de um filho, ele pudesse converter-se um dia em fiel depositário de suas ideias.

Fixando os olhos em Cláudio, que aguardava atento sua palavra, disse:

— A filha adotiva de minha tia, que se chama Mariné, reúne todas as condições que distinguem a alma de uma mulher. Desde menina, ela teve uma acentuada inclinação a ir muito além do juízo incipiente da idade, e foi precisamente ao sabor dessa inclinação que ela se mostrou, sempre, com a mais ampla disposição para aprender tudo o que eu lhe ensinava. Seu avô era primo do finado marido de minha tia. Ele veio da Espanha, seu país natal, para a Argentina na qualidade de vice-cônsul. Ali nasceu o pai de Mariné, um moço inteligente, porém daqueles que empreendem mil coisas sem terminar nenhuma... Mais de uma vez, viu-se em apuros para pagar os gastos que a família lhe ocasionava. Andarilho e de vida um pouco dissipada, não havia posto a cabeça no lugar, como se diz comumente, quando seu pai faleceu. Tal acontecimento o deixou muito deprimido, e desde então começou a andar mais direito, empregando-se como viajante numa importante firma comercial de Buenos Aires. Certo dia, saiu a passeio com sua esposa e sua filha para um lugar distante da Capital. De regresso, pôs seu carro a toda a velocidade e, quando nada fazia prever uma desgraça, chocou-se bruscamente contra outro veículo, com tão fatais consequências, que apenas Mariné sobreviveu à catástrofe. Sua salvação se deveu ao fato feliz de ela ter sido lançada por uma janela, saindo apenas com algumas contusões. Foi difícil consolar a pobre órfã, que então tinha só nove anos. Minha tia Cristina era sua única parenta. Já viúva nessa época, e com muito boa situação econômica, tomou a menina a seu cargo e a adotou como filha. Mariné cresceu cercada de grande afeto.

"Eu as visitava com frequência", De Sándara continuou dizendo. "Neste mesmo ano, meu pai passou a residir no Méxi-

co, como agente de uma grande empresa naval, casando-se lá em segundas núpcias. Fiquei, pois, só, circunstância que minha tia aproveitou para pedir que fosse viver com elas, o que fiz pouco depois. Tanto me encantava o caráter bondoso e alegre da pequena, que tomei por ela um grande afeto. Sua inteligência, pouco comum, absorvia com facilidade todo conhecimento que se propunha a alcançar, deixando entrever, enquanto crescia, que suas aspirações não se detinham nos muros que cercam as possibilidades comuns.

"Mariné já era moça, quando tive que me ausentar, indo ao México para tomar posse dos bens que meu pai me deixara ao morrer. Pude ali combinar com a viúva que passasse para meu domínio a propriedade que tinham naquela cidade, pois havia um motivo para tal. O motivo era minha determinação de viver lá durante um tempo, já que isso me era indispensável para levar a cabo alguns estudos e investigações que devia realizar. Habituado à companhia de minha tia e da menina, insisti com aquela para que compartilhassem de minha casa. Fazê-la decidir-se por semelhante mudança me custou muitos esforços, mas finalmente ela cedeu e, desde então, estamos radicados nessa parte do mundo."

— O México lhe agrada mais do que a Argentina?

— Como é natural, predomina em mim a atração por minha pátria — De Sándara respondeu, — mas isso não me impede de reconhecer que o México possui encantos e peculiaridades que cativam com força irresistível. Por outra parte, cada país, por sua colocação geográfica e sua adequação telúrica, tem em sua composição física e anímica algo a cujo contato nosso ser responde por afinidade, e isso é, sem dúvida, o que habilita o homem a viver com gosto nos mais diversos pontos da terra.

A essas palavras seguiu-se um silêncio, que Arribillaga interrompeu para expressar:

— Muito interessante seu relato, senhor De Sándara... Eu o considero uma demonstração de confiança de sua parte, e estou muito agradecido por isso.

De Sándara continuou:

— Como lhe dizia, tudo se combinou admiravelmente, e isso me permitiu triplicar os esforços empregados no prosseguimento de meus projetos. Mariné foi para mim, desde que nos mudamos para o México, uma eficaz colaboradora, e aqui devo destacar sua natureza dócil e compreensiva, que tanto contribuiu para que a mais perfeita harmonia me cercasse. Com os anos, acentuou-se nela o gosto por conhecer tudo o que diz respeito à vida do espírito; um gosto que a ajudou a assimilar com proveito tudo o que eu punha a seu alcance. Isso a aproximou muito de mim, e a tal fato atribuímos, num primeiro momento, a razão de ela preferir minha companhia à de outros jovens de sua idade; digo num primeiro momento, porque depois as circunstâncias nos encaminharam para outras conclusões. Mariné, a quem você viu ocasionalmente, é hoje minha noiva. Talvez seja isso uma consequência lógica de duas vidas que correm paralelas, sustentadas pelos mesmos ideais... Eis aí, amigo Arribillaga, uma síntese do que eu queria que você soubesse.

De Sándara parecia ter chegado ao fim de sua exposição, mas ainda acrescentou:

— Sempre dei a Mariné a mais ampla liberdade para que dispusesse de seu coração. Nunca lhe faltaram festas nem diversões; pelo contrário, procurei proporcionar-lhe todas as oportunidades para que não se visse privada do incentivo que significa, para qualquer mulher, o fato de ser cortejada. Essa condescendência de minha parte eu a mantive inalterada ao longo dos anos, a fim de que fosse ela mesma quem decidisse sobre seu destino.

— Já está claro que ninguém pôde vencê-lo em semelhante "handicap" — disse Cláudio, procurando sorrir.

Passado um instante, ousou perguntar:

— Quando o senhor esteve em Buenos Aires, a senhorita Mariné o acompanhava?

— Sim, amigo Arribillaga. Fiz aquela viagem também em companhia dela e de minha tia. E a teria apresentado a você, se não soubesse que estava comprometido. Naquela época, Mariné era livre...

De Sándara acabava de surpreender em Cláudio a acirrada luta de dois pensamentos rivais. Isso trouxe à sua memória o sugestivo conto em que a mulher grávida sente, em suas entranhas, o rude combate de duas crianças inimigas. Querendo evitar a seu amigo transe análogo em seus sentimentos, expressou:

— Não vá se lamentar, por favor, porque seria incorrer numa ingratidão. Por suas próprias referências, presumo que sua esposa é uma mulher encantadora, e não duvido que ela saberá fazê-lo muito feliz. Você não pensa a mesma coisa?

— Oh, sim! E claro!... — Cláudio exclamou, sufocado, procurando voltar rapidamente ao estado normal.

— Pois bem, meu amigo, acabo de mostrar a você uma das criaturas mais bem dotadas pela natureza, e essa criatura é a que vou ter o prazer de apresentar-lhe dentro em pouco.

Ao dizer isso, De Sándara deixou seu assento, como se estivesse disposto a pôr fim àquele momento de conversa.

— Se lhe parece bem — propôs a Cláudio, — dentro de meia hora poderíamos nos encontrar de novo no salão.

— Sozinhos?...

Batendo-lhe suavemente nas costas, seu interlocutor sorriu e respondeu:

— Não, com as damas.

~

Quando Cláudio entrou em seu camarote, o ruído da fechadura despertou Griselda, que havia adormecido enquanto lia.

— Minha querida! — disse com alvoroço, indo até ela.

— O que está acontecendo?...

— O que tinha de acontecer. Encontrei-me com o senhor De Sándara!

Oh, como me alegro! Ele se surpreendeu muito ao ver você?...

Demonstrou tanto prazer quanto eu. Estivemos conversando um longo tempo; por isso demorei. Sabe quem o acompanha?

— Quem?...

— Você terá uma grande surpresa, já vou prevenindo.

— Que tipo de surpresa? Diga!...

— Lembra-se das duas desconhecidas que vimos em Paris, e que viajam neste mesmo navio?

— Não pode ser!...

— Mas é. Você se convencerá disso, e muito depressa. Sabe que De Sándara nos convidou para estarmos juntos nesta mesma tarde?

— Verdade?... Oh, que notícia mais grata, e que emocionante!

A passagem por sua mente de um pensamento de receio conteve, nesse mesmo momento, sua alegria, mas ela livrou-se dele instantaneamente e, fixando em Cláudio seus olhos, de luminosa transparência, perguntou:

— Eles são parentes?

— Oh, quase, quase que você acerta...

Cláudio fez para Griselda, em seguida, um breve relato do que havia escutado de De Sándara e, percebendo que estavam se atrasando, apressou-a para que se aprontasse.

Despreocupada agora e feliz, ela tirou seu penhoar e começou apressadamente a se vestir.

— Vou tentar estar pronta o mais rápido possível, querido, mas talvez não dê tempo... Se você acha que fica bem, poderia ir primeiro e me desculpar, pois não gostaria que chegássemos os dois atrasados.

— Estou vendo que não há outra saída... — ele replicou, fingindo reclamação.

Arrumou cuidadosamente os detalhes de sua gravata, beijou Griselda e despediu-se alegremente até dali a pouco, quando voltaria para buscá-la.

~

Arribillaga foi o primeiro a fazer-se presente no lugar combinado. Pouco depois chegou De Sándara.

Ao se verem sem suas acompanhantes, entreolharam-se suspeitando o motivo, o que provocou a espontânea gargalhada de ambos, enquanto apresentavam as escusas pela ausência das damas.

— A mulher demora mais tempo em aprovar seu penteado do que em vestir-se — De Sándara manifestou.

— É coisa muito compreensível, já que, segundo ela, dessa aprovação depende o tornar-se agradável aos olhos daqueles que a contemplam — opinou Cláudio.

A satisfação que ele sentia, devido ao fato de se achar novamente em companhia de seu amigo, levou-o a se expressar

uma vez mais, para manifestar cortesmente que atribuía esse fato a influências de sua boa estrela.

— As estrelas são boas, de fato, quando têm algum interesse particular em servir ao terráqueo de sua predileção — De Sándara respondeu.

— E que interesse particular as estrelas podem ter por nós? — inquiriu Cláudio.

— Algum, sem dúvida, pois você acaba de conceder-lhes a honra de intervir nesta circunstância...

A sutileza confundiu Cláudio, que não conseguiu deixar de enrubescer.

— Não dê nenhuma importância a isto — apressou-se em dizer De Sándara, sem deixar transparecer que o havia percebido.

— Tenho de dar a que merece! — Cláudio ponderou, trocando rapidamente sua confusão por um gesto franco e jovial. — Isto nos acontece por levarmos ideias metidas na mente durante anos, sem jamais analisá-las.

— Não terá sido por falta de tempo, não é verdade?...

Houve um ligeiro silêncio, após o qual Arribillaga expressou, sorridente, trocando um olhar de inteligência com seu interlocutor:

— Tratarei de assimilar a lição!...

E, em seguida, acrescentou:

— Se me permite, senhor De Sándara, vou me ausentar por um instante, para ir em busca de minha esposa.

Quando regressou, dessa vez acompanhado, De Sándara ainda permanecia só, mas quase ao mesmo tempo compareceram à sala Mariné e a senhora Cristina de Landívar, que logo se incorporaram ao grupo, e, coisa muito natural, a primeira coisa de que se falou foi da coincidência daquele encontro.

Vistos agora de perto, os traços fisionômicos de Mariné mostravam-se envoltos em certo ar de temperança e seriedade, que embelezava seus anos juvenis. Para isso contribuía, sem dúvida, a mirada de seus belos olhos, negros e de longos cílios, pelos quais luziam as bondades de sua finíssima natureza. Em graciosos anéis negros e brilhantes, seus cabelos ornavam-lhe o rosto, de tez nacarada e linhas harmônicas. Seu corpo era esguio, esbelto, proporcionado; e seu trato, muito agradável.

A senhora Landívar, em quem se uniam distinção e simplicidade, era dessas pessoas que, sem esforço algum, conseguem granjear rapidamente simpatias e afetos. A seu lado, certamente não se notavam os muitos anos que tinha vivido, tal a sua jovialidade, seu otimismo. Por outra parte, seu físico mantinha-se vigoroso e conservava ainda sinais da grande beleza que devia ter possuído quando jovem. Sua face pálida, ovalada, bastante expressiva, guardava muita harmonia com seus cabelos brancos e volumosos, penteados com esmero. Por uma condição muito sua, logo deixou sentir, nos ali presentes, os efeitos de seu caráter sociável, divertido, que movia à expansão.

De Sándara punha também seu toque de interesse, ao substanciar em todo momento a conversa com suas oportunas intervenções, por pueril que às vezes ela se tornasse. E sem que ninguém deixasse de contribuir com sua porção de habilidade e talento, logo reinou no seio daquela reunião, em que se agrupavam pessoas que nunca se haviam visto, a mais franca cordialidade.

Olhando sorridente para Griselda e Mariné, que conversavam entre si com mostras de agrado, De Sándara surpreendeu-as com estas palavras:

— Vendo-as assim, juntas, qualquer um diria que são filhas de uma mesma madrepérola...

— Disse muito bem! — Cristina opinou. — Duas pérolas que não estão enlaçadas num mesmo colar, mas que o acaso pareceria havê-las reunido sob o signo da amizade!

— A comparação é amável e nós agradecemos — respondeu com graciosidade Mariné, fazendo uma inclinação de cabeça.

— E, em particular, as ilações que a senhora fez surgir em nosso favor — disse Griselda, por sua vez.

Para ela, bem como para Cláudio Arribillaga, era duplamente grato o acolhimento que nesse momento lhes dispensavam. Não se tratava de uma simples vinculação a mais, dessas que a convivência oferece com tanta frequência. Não, para eles, esse fato assumia contornos de um acontecimento especial e, segundo a avaliação de Griselda, propiciaria talvez a oportunidade de satisfazer inquietudes há muito tempo contidas.

Quiçá fosse o próprio rosto dela, ao denunciar esse íntimo anelo, ou o sentido de alguma pergunta ali formulada, que em determinado momento levou De Sándara a expressar:

— Não há dúvida que os seres humanos andam às cegas pelo mundo, até que encontram, à semelhança dos astros, a órbita do grande espírito precursor de rumos e destinos... Até então, devem vagar pela terra como aqueles vagam pelo espaço, em busca dos elementos que, integrando-os, tornarão propício seu advento em outras formas mais elevadas de existir.

— O senhor se refere à teoria da sobrevivência da alma? — perguntou Griselda, que o seguia com atenção.

— Não precisamente. Para mim, a única sobrevivência que em princípio deve interessar ao homem é a que ele pode

realizar em vida, renascendo em si mesmo, após a superação em grau máximo de seu velho ser, desse autômato, eu diria, que vive em cada indivíduo humano quando o mecanismo da inteligência ainda não foi aperfeiçoado no desenvolvimento da consciência, que é a que permite a livre função do espírito.

— Talvez eu não tenha compreendido bem, senhor De Sándara, o sentido da palavra "autômato", com a qual o senhor se referiu ao comum das pessoas — Cláudio objetou. — Creio que em todos nós existe, naturalmente que em maior ou menor grau, um fundo de responsabilidade que nos obriga a medir nossos pensamentos e ações. Isto não é incumbência direta da consciência?

— A consciência, amigo Arribillaga, não tem a meu juízo o sentido que correntemente lhe é atribuído. Considero que ela, quando se acha de posse dos conhecimentos que a habilitam para seu alto encargo, constitui o governo central de nosso mundo interior. Nada do que nele acontece pode, então, permanecer alheio a sua intervenção e aquiescência. Serei mais explícito: se com minha consciência eu regesse meus pensamentos e atos, de tal sorte que em todo instante estivesse a par dos progressos de minhas ideias e dos movimentos operados em mim, destinados a propiciar tudo o que me propusesse a fazer no curso dos dias, não estaria levando a cabo algo que não está plasmado na generalidade? Apesar das referências da ciência e da filosofia, nada claras a respeito, há, pois, um fato evidente, uma realidade inobjetável, e é que se vive mais automática do que conscientemente.

— Em virtude de que estímulo o homem então se moveria?

— De estímulos psicológicos e sensíveis, umas vezes, e de estímulos provenientes do instinto, outras, pois é sabido que tanto a sensibilidade quanto o instinto costumam suprir

a consciência quando agem espontaneamente, impulsionados por exigências naturais de diversa índole. Mas o homem também se move, e de forma mais positiva, por influência dos estímulos que surgem dos conhecimentos que sua inteligência acumula, embora se deva notar que não é em todos os casos que eles lhe permitem ter total certeza sobre a intervenção da consciência, já que os conhecimentos, sendo mantidos no plano teórico, nem sempre se movem e se manifestam com o consentimento dela.

— Que meio seguro haveria, segundo o senhor, para livrar o homem de ser surpreendido por essa enganosa ilusão conceitual, que implica, de certo modo, uma presunção?

— O meio existe, mas você concordará comigo que seria muito difícil realizar tal prodígio mediante a esporádica ajuda de um conselho dito assim, de passagem... As mudanças reais não se produzem, meu amigo, por meros acidentes do acaso; produzem-se após um cultivo profundo, tenaz, coerente, do entendimento. Não devemos esquecer que o homem acostuma sua vida a uma rotina, a um "modus vivendi" íntimo e social que ele não gosta de alterar. Daí que o vejamos resistir tenazmente às mudanças que, de um modo ou de outro, alteram sua forma de viver. Você não se recorda de haver observado com quanta frequência ele experimenta a sensação de que tudo lhe falta, quando alguma contingência interrompe essa rotina, ou quando são alteradas suas preferências consuetudinárias?...

— Por muito que tais mudanças custem — Griselda expressou, com encantadora convicção, — entendo que é de todo necessário que o homem saia desses estados, conquistando formas mais venturosas de existir. Será isso difícil, senhor De Sándara? Quando vibra na alma o anelo de enriquecer espiritualmente a vida, não creio que seja...

— A senhora disse bem. Mas caberia ainda acrescentar que a consciência, em se falando dela com propriedade, é sempre fonte de atividade e não deve, nem por um instante, permanecer à margem daquilo a que o homem aspira, nem do que pensa ou faz.

— O senhor pode ter certeza de que a advertência não passou despercebida — respondeu Griselda, com agrado.

— O senhor há de supor — tornou Cláudio — que não me será muito agradável conduzir-me, daqui por diante, como um autômato.

— Nem a mim — Griselda apoiou, — embora seja difícil para nós evitá-lo, se o senhor De Sándara não vem em nossa ajuda.

— Para que vocês vejam quanta satisfação tenho nisso, começarei por expressar-lhes, como simples sugestão, que os anelos em processo de realização, tal como as plantas de estufa, não devem ser expostos ao exterior. Mais adiante, poderão eles crescer viçosos ao ar e ao sol, mas deve-se antes aclimatá-los pouco a pouco. Isto significa que os conhecimentos que lhes ofereço, cuja virtude é converter em realidade esses anelos, requerem ser zelosamente guardados no âmbito interno individual. Pô-los ao alcance da curiosidade alheia não é conveniente, enquanto não passarem a fazer parte inseparável da vida.

Ao chegar a este ponto, De Sándara fez a seus amigos um amável convite:

— Se vocês não se opõem, daremos agora atenção a uns pratos que encomendei de propósito para comemorar este encontro.

O convite produziu regozijo. Era evidente que naqueles corações existia um franco anelo de se fazerem mais íntimos, e essa circunstância se encarregaria, sem dúvida, de levar a um terreno mais familiar o que ainda estava sujeito à cerimônia das fórmulas sociais.

Precedidos por Griselda e Mariné, encaminharam-se para o restaurante, os últimos mais lentamente, dando oportunidade a que Cristina explanasse sobre a arte de conservar-se jovem, tema que constituía sua debilidade.

Poucas vezes De Sándara se havia mostrado a Cláudio tão comunicativo e jovial como naquela noite, durante o jantar. Conversou alegremente, propiciando, com sua expansividade, a de seus convidados. Era perceptível que, nos ágeis volteios que imprimia a suas frases, havia uma deliberada intenção de sondar a alma dos jovens esposos. Encontrava-se diante de duas psicologias diferentes, que se complementavam, não obstante, de forma admirável. Observava em Cláudio uma grande vivacidade mental e uma tendência, levemente acentuada, a exceder com sua imaginação os limites da realidade. Facilmente sugestionável, e ainda sem a maturidade do homem moldado verdadeiramente nas lutas da vida, oferecia alvos que podiam ser atingidos pelos imprevistos, se pensamentos de sólida contextura não o auxiliassem e não o conduzissem por caminho seguro, ao encontro das defesas internas que lhe faltavam. Griselda era de natureza sensível, porém forte. Ninguém a faria mudar o rumo de suas convicções, nem suas forças fraquejariam ante as grandes dificuldades da vida. Sua inteligência mostrava formosas perspectivas, favorecidas pelo influxo de qualidades internas que punham seu tom de harmonia e beleza em seu conjunto psicológico e espiritual.

Não escapou ao senhor De Sándara o menor detalhe. Acabava de formar uma clara ideia da realidade desses dois seres que, buscando o encaminhamento espiritual de suas vidas, se punham ao amparo de seus conhecimentos e experiência.

De volta ao salão, onde se serviram de café e licores, a senhora Landívar, seguindo seu costume de entregar-se bem

mais cedo ao descanso, não tardou em despedir-se, sendo acompanhada até seu camarote pelas duas jovens.

Cláudio viu-as sair, enquanto fumava silenciosamente um cigarro. Na galeria interior, onde a alma agrupa as vivências que mais a impressionaram, havia uma recordação, uma imagem que acabava de sofrer esplendorosa transformação: a de Mariné, diante de quem seus sentidos haviam chegado a perturbar-se, e a quem, após uma luta íntima com sua natureza varonil, ele agora admirava em toda a sua dignidade e virtude. Ante ela, ante a fortaleza espiritual que realçava extraordinariamente seus encantos físicos, Cláudio experimentou uma sensação desconhecida até então: a substituição enérgica de um pensamento de cobiça ou passional por outro, que toma sua força invencível do belo e verdadeiro. Ao operar-se essa transição, projetou-se sobre seu juízo o rubor da censura, e subitamente a figura do amigo surgiu em sua recordação, como ativo executor daquela transformação, ao ministrar-lhe uma lição que ele jamais esqueceria.

Próximo dele, De Sándara parecia meditar. Depois de alguns instantes, umas palavras pronunciadas por Cláudio, interrompendo a pausa, mostraram-lhe que este se dispunha a prosseguir a conversa, o que o moveu, então, a fazer novas sondagens, desta vez mais diretas, sobre seus projetos futuros.

Cláudio não conseguiu enunciá-los com a clareza própria de quem sabe ao certo o que quer, mas bastou para que De Sándara, considerando-os com maior precisão do que seu dono, lhe fizesse várias proposições, todas elas com o objetivo de guiá-lo até a saída do labirinto constituído pelos caminhos ilusórios que o ser humano tantas vezes percorre, tomando-os por reais, sem conseguir jamais satisfazer a suas aspirações.

— Se o que o senhor me assinala é imprescindível para alcançar esse mundo paradisíaco, reservado aos espíritos abnegados, fortes e livres, não titubearei em seguir seu conselho, senhor De Sándara.

— E não lhe será difícil. Mas recorde sempre que não é com o corpo que se penetra nele, mas sim com o espírito; com essa parte do ser que por cima do físico pode, se atendida e dirigida, desfrutar as inestimáveis prerrogativas oferecidas pelas frequentes internações nesse meio.

Cláudio parecia absorver com seu entendimento, uma a uma, todas aquelas palavras.

Mariné e Griselda, entretanto, depois de deixar Cristina, haviam saído para o convés. Surpreendidas, porém, por uma inesperada queda da temperatura, não tardaram em buscar abrigo no interior do navio.

Pouco tempo passou e já retiravam seus casacos, colocando-os sobre os ombros. Reconfortadas plenamente pela mudança, as faces em plena reação pelo frio que lhes havia fustigado o rosto, iniciaram com passo lento o regresso ao salão. Estava evidente que não tinham pressa.

Chegaram a confiar-se mutuamente as trajetórias de suas vidas, detendo-se especialmente nas passagens mais recentes, nas quais predominavam as experiências sentimentais e as emoções.

A expressão inconfundível que o conhecimento enseja, ao permitir o lúcido relato dos fatos que conformam a existência, exaltava aos olhos de Griselda a figura exemplar de Mariné. A verdadeira identidade desta manifestava-se abertamente nesses instantes de íntima expansão, mostrando-lhe as excelências de uma evolução que estava muito acima da sua. As referências sobre a beleza indescritível dos conhecimentos que De Sándara

lhe pusera ao alcance e sua identificação com os pensamentos e preocupações dele, assim como o entusiasmo com que ela compartilhava seus afãs altruístas, prontamente mostraram a Griselda que ambas viviam em dois mundos diferentes: Mariné, no mundo que ela entrevira entre suspiros e sonhos; e ela, no dos agrados e das alternativas comuns. Quanta distância existia entre as alturas espirituais alcançadas por sua bela amiga e o pouco que ela havia conseguido escalar! Quanto lhe faltava para superar sua realidade, uma realidade que não havia chegado nunca a satisfazê-la plenamente! Mas isso, longe de causar-lhe tristeza, a estimulava, pois pressentia que a amizade de Mariné ia trazer-lhe grandes benefícios nesse sentido. Por fim, via claramente o caminho que deveria tomar. Não perderia mais tempo nos tateamentos e vacilações da incerteza: uma brecha se abria agora por entre a bruma que envolvia sua vida, e dela surgia para sua alma um raio de luz, que por momentos se tornava mais promissor.

Tão submersa estava Griselda nesses pensamentos, que Mariné, percebendo-o, expressou:

— Você parece preocupada...

— Pensava em suas palavras. Escutando-a, senti nascer em mim a esperança de viver uma vida assim... como a que você acaba de me descrever...

— Uma esperança plenamente realizável, Griselda. Queira isso como eu o tenho querido, todos os dias com a mesma intensidade, e você verá quão prontamente seus desejos serão cumpridos.

Chegando já ao lugar onde De Sándara e Cláudio se encontravam, as duas puseram ponto final à conversa.

— Demoramos muito? — Mariné perguntou.

— Nada mais que o indispensável para nos permitir tomar três xícaras de café — respondeu De Sándara, sorrindo.

— Tanto?... — exclamou ela, incrédula, enquanto se inclinava para confirmar no relógio dele. — Uma hora!... É o que acontece quando os minutos são bem aproveitados: as horas não contam.

— O mesmo digo eu — Cláudio manifestou. — É como se discretamente se esfumassem diante de nossos olhos, para não interromper nossa ventura com sua perseguição monótona e implacável.

Quando, instantes mais tarde, após se despedirem dos recém-casados, De Sándara se afastou com Mariné em direção aos respectivos camarotes, pôde avaliar o grau de estima que Griselda havia inspirado nela.

— Me agrada que você tenha encontrado em Griselda uma amiga ideal, disse. Isto fará com que possa partilhar comigo a felicidade de ajudá-los a avançar pelo caminho das altas realizações humanas, que tão acima estão das apetências comuns.

De Sándara beijou a mão que Mariné lhe estendia e, desejando-se mutuamente um sono feliz, separaram-se.

Em seus aposentos, Cláudio e Griselda, inibidos de falar pela ventura que comovia seus corações, não demoraram em extravasar seus particulares estados de alma, comunicando um ao outro suas impressões e emoções, mescladas por vezes com as mais ternas e delicadas confidências. Com as mãos entrelaçadas e, nos olhos, a doce expressão do impronunciável, nunca como agora haviam sentido a felicidade de estar unidos; talvez nunca, tampouco, tivessem experimentado igual segurança ante o futuro, para o qual olhavam agora com renovada confiança.

~

Em seu camarote, De Sándara não se deitou. Trocou suas roupas por um confortável robe e, sentando-se à mesa em que tinha à disposição seu material de trabalho, pegou a caneta e a deslizou sem pausa sobre as brancas folhas de papel, que pareciam estar esperando por ele. Amanhecia quando, vencido pelo sono, interrompeu o trabalho.

Por volta do meio-dia, ainda não havia ido em busca de Mariné, razão pela qual ela acabou por inquietar-se; confiou isso a Cristina, enquanto passeavam juntas, contemplando o mar.

— Você sabe muito bem como é Ebel, minha querida! — disse-lhe a senhora. — Quando se submerge em seus papéis, esquece de tudo... até de você!

— Sei disso, mas não lhe parece que hoje ele está demorando mais do que o normal? Será que aconteceu algo?...

— Podemos averiguar.

Entraram ambas pela porta mais próxima, encaminhando seus passos para o local onde tinham seus camarotes, com o propósito de certificar-se.

— É quase certo que o senhor esteja trabalhando — o camareiro lhes informou. — Às nove horas, pediu o desjejum e, mais tarde, ainda seguia escrevendo.

— Viu, tolinha?

Mariné concordou, com um compreensivo sorriso. Quão bela se mostrava sua alma nesse instante!

Em seguida, como Cristina insistisse em voltar ao convés, ela, que não sentia muito desejo de acompanhá-la, escusou-se

e, após buscar entre seus conhecidos quem a substituísse, acomodou-se numa poltrona, próxima ao lugar em que De Sándara se encontrava, para continuar, enquanto o esperava, a leitura de um livro que levava consigo. Depois de passar os olhos em algumas de suas páginas, sem conseguir fixar nelas a atenção, abandonou-o sobre o colo e permaneceu pensativa. Sabia quanto ele se afastava das coisas que o rodeavam quando sua pena corria sobre o papel, preenchendo página após página. A recordação lhe trouxe, então, o eco de umas palavras que recordava com frequência, e que tinha ouvido dele quando era ainda uma adolescente: "Nunca me interrompa quando penso ou escrevo. Você pode permanecer ao meu lado o tempo que quiser, mas muito quietinha, para não distrair minha atenção." Em seguida, reviveu as horas felizes que costumava passar no gabinete da casa que ocupavam no México, acompanhando-o no curso de seu trabalho, enquanto esperava pacientemente, ocupando-se com alguma tarefa, o instante em que ele lhe dirigisse a palavra, ou lhe desse para ler algum trecho de suas produções.

Recordou que, certo dia, estava como de costume perto dele, quando lhe escapou das mãos, caindo com grande ruído sobre o tapete, um pesado pesa-papéis com que ela brincava distraidamente. Era uma bela peça retangular, de ébano e bronze, em cujo centro reluzia uma efígie antiga, habilmente talhada em jade. De Sándara a havia adquirido numa de suas viagens, e fazia anos lhe servia para aquele fim. Intimidada por aquele contratempo, a jovem optou por desaparecer dali, afastando-se na ponta dos pés e com grande pressa, mas ele, levantando-se, correu atrás dela, alcançando-a antes que pudesse transpor a sala contígua ao gabinete. Mariné parecia ainda sentir a pressão vigorosa da mão dele segurando-lhe o braço enquanto a detinha em sua fuga, e ainda parecia escutar sua voz, quando, com afetiva persuasão

e não propriamente com desgosto, disse a ela: "Tenho que conversar muito com você, Mariné... Vamos até meu escritório."

Reapresentou-se à recordação da jovem, com toda a nitidez, a passagem que então se seguiu, e foram voltando a sua memória, uma a uma, as palavras que ele lhe expressara quando ambos se sentaram no grande sofá: "O que aconteceu, Mariné, não teria importância, não fosse pelo que representa nos domínios de meu pensamento. Explicarei melhor; escute... Você sabe que eu criei meu próprio mundo. Sou, pois, dono e senhor dessa criação que minha vontade anima e sustenta; não obstante, faço frequentes concessões às exigências, às vezes inevitáveis, do mundo no qual todos vivem e do qual também sou parte. Concilio, assim, sem o menor esforço, o tratamento cordial e sincero que devo a meus semelhantes com aquele que dispenso aos súditos de meu mundo, ou seja, os seres, os pensamentos e as coisas que animo nas esferas de ação de minha inteligência e nas que vivem eles nas páginas de meus livros. Desfruto, assim, dentro e fora dele, as prerrogativas que a mais absoluta liberdade me confere. O segredo para não se perder tal liberdade reside em não expô-la nunca a néscias ostentações. A queda do pesa-papéis, minha querida, ao interromper minha concentração, me previne contra outra classe de interrupções, nas quais, por descuido ou incompreensão, você poderia incorrer nos momentos em que me encontrasse entregue aos cuidados que a atenção a esse mundo demanda de mim; e é indubitável que isso promoveria tormentas que nublariam, entristecendo-o, o céu de nossa felicidade."

"Eu não farei isso jamais!", havia-lhe respondido ela, desafogando sua emoção num soluço, enquanto ele, tocando levemente seus cabelos, prodigava-lhe doce carícia.

"Não chore, Mariné. Eu quis apenas mostrar que será para você, talvez, uma realização superior a suas forças o sacrifício

ao amor de um homem que, como eu, não pode oferecer-lhe os arrebatamentos da juventude, nem dedicar-lhe seu tempo com a amplidão que o faria qualquer outro nas condições correntes. O recente episódio foi um mero fato casual, e lhe asseguro que não mereceria de mim qualquer reparo; tomei-o em conta tão só para vinculá-lo a possíveis descuidos de outra natureza, nos quais você poderia incorrer, e eu desejo preveni-la."

Essas e muitas outras palavras desfilaram pela mente de Mariné, todas elas com relação à forma como ela devia conduzir-se, se queria segui-lo e, feliz, reinar um dia em seu coração. E não faltaram as últimas, que naquela ocasião ele lhe dissera, ao recobrar seu ar habitual e de forma alegre propor a ela: "Agora, deixe cair o pesa-papéis quantas vezes você queira!..."

Aquele episódio, ao qual De Sándara havia conferido um significado particular, e do qual o entendimento dela agora captava boa parte, foi durante muitos dias motivo frequente de inquietude para sua alma. O que mais teria ele querido dizer, e que ela talvez não compreendera?... Várias vezes esteve a ponto de perguntar-lhe, mas se conteve. Ele a havia aconselhado amiúde que anotasse em sua recordação tudo o que lhe fosse incompreensível e, depois, permanecesse atenta, até que as circunstâncias, oferecendo-lhe motivos vinculados ao que não foi compreendido, o explicassem. E havia sido justamente em momentos como os que atualmente vivia — nos quais, atenta às oscilações íntimas de sua alma, se esforçava por conter os impulsos de impaciência — que ela havia sentido sua inteligência iluminar-se e revelar-lhe o pensamento de seu amado. Com quanta claridade e beleza se lhe mostraram, então, suas palavras!

Isso havia ocorrido meses atrás. Recolhida agora em voluntária e pacífica espera, Mariné comprazia-se em recordar os

pensamentos que a assistiram em tal situação, ao compreender que Ebel se valera de um episódio intranscendente, como era a queda do pesa-papéis, para que ela, trasladando-o a possíveis derivações de sua própria conduta, pudesse compreender que os fatos e detalhes mais insignificantes de sua vida o comoviam, e eram motivo de especial preocupação para ele. "Mas depende de mim", havia ela dito para si mesma, naquela ocasião, "que ele se mostre sensível às menores oscilações de meu pensamento ou de meu sentimento, ou que seja indiferente. Neste último caso, em vão eu poderia arrojar o pesa-papéis mil vezes, ou qualquer outro objeto, e até arrojar-me a mim mesma ao solo, batendo desesperadamente com mãos e pés, que ele permaneceria imperturbável."

Mariné, ao associar essa lembrança ao que presentemente vivia, sentiu-se invadida por uma doce alegria e, como se internamente voltasse a reafirmar-se nas determinações que se impusera, prometeu com força a si mesma ser sempre o que ele tanto anelava.

Com a alma plena de confiança, olhou seu relógio e, vendo próxima a hora do almoço, pegou seu livro e, resoluta, saiu em busca de Ebel.

Quando as juntas de seus dedos se apoiaram sobre a porta do camarote dele, ela surpreendeu-se ao vê-lo aparecer, já pronto para sair.

Saíram de braços dados pelos corredores e, ainda pouco haviam andado, De Sándara propôs-lhe que tomassem assento.

Agradava-lhe auscultar a alma de Mariné, surpreendendo-a das mais variadas formas. Daí que, nesse dia, dissesse a ela com ar preocupado:

— Nesta manhã, enquanto trabalhava, experimentei uma tremenda decepção com você.

Como a olhasse com grande ternura e tristeza ao mesmo tempo, ela, que havia aprendido a defender-se de tais ardis, não pôde dessa vez dominar sua aflição.

— Não compreendo...

— Fique tranquila, minha querida Mariné. A culpa não foi sua, e sim minha... Vou lhe explicar como aconteceu. Eu me achava absorvido numa das partes mais profundas do livro que estou escrevendo, do qual você é a protagonista, quando constatei que a Mariné que atuava nele, superada ao máximo pela rigorosidade de meu pensamento, exigia de mim um tratamento de tão elevada idealidade, que me convenci da impossibilidade de realizá-lo com você.

— Por quê?! — ela interrogou, admirada. — Você pensa, por acaso, que eu não poderei elevar-me a essas alturas?

— Há ainda algo mais, Mariné. Nesse mundo mental, onde os gozos estéticos do espírito são plenamente satisfeitos, tudo se move, vive, alenta, graças à ação de nossa vontade, de tal sorte que a Mariné desse mundo quer a seu amado porque eu lhe impus isso, o que me causou, como antes lhe disse, profunda decepção... Eu teria preferido mil vezes que ela o amasse por espontânea determinação de seu sentir.

A jovem guardou silêncio, sem poder ocultar no primeiro momento sua turbação; ponderando a respeito, porém, expressou em seguida com encantadora naturalidade:

— Quer dizer que eu sou diferente daquela Mariné porque o quis e o quero por minha própria vontade?

— Fracassei, irremediavelmente! — ele exclamou, enternecido e feliz. — Eu pensava que a Mariné de meu romance seria melhor que você, mas me equivoquei...

Efetivamente, De Sándara acabava de contemplar nela algo que jamais poderia ele criar na pessoa de sua concep-

ção; algo que unicamente Deus teve potestade para conceber e plasmar na delicada natureza da mulher: o sublime encanto da candura, que somente é possível ver, sentir e respirar neste mundo que os homens desnaturalizaram tanto com seus desbordos passionais.

Ao olhar para Mariné nesse momento e sentir palpitar-lhe o terno coração junto ao seu, De Sándara viu tornar-se mais luminosa a visão de suas próprias concepções relacionadas com o renascer espiritual. Com certeza, ele não faria morrer a protagonista de seu romance para idealizá-la na recordação, mas sim a faria viver com toda a força ideal com que seu pensamento a concebia. Nisto pensava, enquanto seu olhar se aprofundava no maravilhoso processo que as almas podem seguir em sua evolução para o cimo do aperfeiçoamento, descoberta da qual ele havia extraído úteis chaves, cujo poder usava na grande experiência de sua vida.

— Às vezes — expressou a Mariné, seguindo o fio de seus pensamentos, — pode mais a força de um sentimento que a de mil pensamentos juntos. É o que me acontece neste instante em que vai começar para mim um novo tempo, como se devesse, por especial graça da Providência, viver num renascer glorioso a juventude que não tive nos anos de minha mocidade. E você, Mariné, que tão profundamente penetrou em minha vida, eu a levarei ao meu reino, e nele você viverá, porque possui a imponderável virtude da discrição, sem a qual não é possível a ninguém franquear as portas do mistério que oculta os arcanos da sabedoria. Você então vê, minha querida — acrescentou, sorrindo, — que à "decepção" e ao "fracasso" sucederam os momentos de prazer e de triunfo mais ditosos, com os quais estou celebrando minha decisão de acelerar nossa boda.

— Você fala a sério?

— Por que não?... Você marcará a data, e eu procurarei fazer com que seja a mulher mais feliz da terra, se isso é possível.

Em seguida ao enlevo daquele instante, foram eles passando suavemente ao plano das realidades imediatas, até constatarem, de súbito, que estavam atrasados para o almoço.

— Mamãe Cristina deve estar nos esperando!... — a jovem exclamou, quase saltando de seu assento.

De Sándara pediu-lhe que fosse antes dele fazer companhia a sua tia, prometendo reunir-se a elas logo em seguida.

~

Mariné supôs que encontraria Cristina perto do restaurante, e não se equivocou.

Num instante estava junto a ela, escusando-se pela demora e adiantando-lhe que havia razões que a justificavam plenamente.

— Foi por um motivo muito, muito interessante, mamãe Cristina, eu lhe asseguro... Daqui a pouco eu lhe digo...

— E por que não agora?... — expressou ela, e trocando seu ar de curiosidade por uma expressão de forçada resignação, acrescentou: — Vejo que hoje estou condenada a acumular paciência...

Recompensando-a, Mariné fitou-a com um doce sorriso.

Com diferença de alguns minutos, De Sándara estava também com elas, e os três se sentaram à mesa, excelentemente dispostos para o almoço.

De Sándara tinha em seu olhar a profunda claridade de um poente outonal, desses que anunciam dias estimulantes, que convidam a respirar o ar com toda a plenitude.

Sua tia fixou nele seus olhos esquadrinhadores e, ao notar em seu semblante uma imperceptível expressão que a ela jamais passara despercebida quando ele queria fazê-la partícipe de alguma confidência, murmurou com intenção de ser escutada:

— Não sei por que tenho às vezes a sensação de estar em Babia, justamente quando menos queria ser indiferente ao que me rodeia...

Suas palavras tentaram o pensamento do sobrinho, ao mesmo tempo que a recordação de um alegre episódio familiar se despertava nele. Tal como se mentalmente se transportasse para o cenário onde isso havia acontecido, expressou para sua tia, entre uma garfada e um trago:

— Neste momento, recordo aquele episódio que levou você a dar-me o qualificativo de "selvagem".

— De selvagem?... — Cristina repetiu, fingindo forçar a memória para atrair com fidelidade a imagem. — Ah, sim!... Agora me lembro!... Mas na época eu disse isso achando que era outro, e não você, quem pretendia me roubar Mariné.

O fato a que De Sándara acabava de se referir pertencia a um episódio inolvidável para cada um dos que nele intervieram. O qualificativo em questão havia brotado, aquela vez, dos lábios de Cristina, então indignada pela suposta presença de um pretendente que, segundo ela, era o causador de certos estados de Mariné, a miúdo silenciosa e preocupada.

— Só pode ser um selvagem alguém que, assim tão cedo, começa a afligir a vida desta menina! — sustentava a boa senhora, numa ocasião em que se achava com De Sándara em seu quarto. — Você não sabe de nada?...

Ele, que nesse instante saboreava a ventura de sentir-se intimamente ligado àquele segredo, só parecia deleitar-se com o vaivém de seu corpo, ao movimentar-se na cadeira de balanço de sua tia.

— Na verdade, Mariné tem dois pretendentes — ele disse. — Um é jovem e bom moço, e gosta muito dela, mas ele está disposto, sabe?, a levá-la para longe, porque de você... ele quer é distância!

Os enérgicos protestos da boa senhora, que afirmava e reafirmava que não permitiria tal coisa, levaram De Sándara a apaziguá-la, dizendo:

— Pelo que Mariné me disse, tampouco ela quer a ele, de modo que você pode ficar tranquila. Quanto ao outro pretendente... é o tal selvagem a quem você se referiu há pouco. Um homem já maduro, de quem ela se enamorou. Mas acontece que ele não se atreve a pretendê-la, por temor de que ela possa mudar de ideia depois de algum tempo...

— Veja você! Esse deve ser um estúpido!...

— Exatamente! Apesar disso, minha queridíssima tia, há algo muito interessante, e é que esse estúpido sente uma grande simpatia por você.

— Você o conhece?...

— Creio que o conheço, se bem que, depois do que você acaba de dizer, não sei em realidade o que pensar...

— O que foi que eu lhe disse?...

— Oh, quase nada!... Chamou-me de selvagem primeiro, e de estúpido depois.

É desnecessário dizer que, chegado a este ponto, o caso foi festejado com uma explosão de risos, com esse riso franco e comunicativo que tanto se ajusta às expressões íntimas da alma.

Com o feliz desenlace da inocente brincadeira, ambos haviam celebrado naquele episódio um acontecimento de virtual transcendência para a vida de Mariné e Ebel, e agora o mesmo episódio era recordado, previamente ao anúncio de um segundo acontecimento, mais importante ainda, do qual Cristina em seguida seria informada.

— Não duvido que você se sentirá muito feliz ao conhecer a novidade que lhe reservamos — disse De Sándara, dirigindo-se a sua tia. E, após deter-se com a expressa intenção de aumentar a expectativa dela, acrescentou: — O assunto em questão é que o personagem de quem falávamos, e que por sorte é seu parente, tem o propósito de se casar muito em breve com Mariné, para o que só espera que ela se digne de marcar a data.

— Bem que eu suspeitava, bem que eu suspeitava!... — ela exclamou, satisfeita e alegre.

Pouco depois, deixavam o restaurante.

Alguns conhecidos, que eles encontraram ao sair, formaram com eles um grupo, que logo foi ampliado com a presença do casal Arribillaga. Quando De Sándara acabou de fumar seu charuto, premido pela necessidade de descanso, aprestou-se a retirar-se, com outros aderindo à iniciativa, sendo Cristina a mais decidida, para quem a sesta era seu melhor tônico.

— Eu também os acompanharei, mas não para descansar — disse Mariné, que, tomando o braço que De Sándara lhe oferecia, expressou aos que ficavam: — Logo estarei de novo com vocês.

Enquanto se afastavam, ele a premiou com estas palavras:

— Agradam muito a meu coração estas atenções que você tem para comigo, e agradam tanto, que me entristeceria se você não fosse dona dessa pequena, porém simpática virtude.

— É mérito exclusivo de mamãe Cristina, que desde menina me ensinou a ser amável com todos, embora seja verdade — acrescentou, com graciosa insinuação — que me especializei em sê-lo com uma só e única pessoa...

Tão logo se despediram, Mariné desceu a escadaria que levava ao andar imediato, onde encontraria seus amigos, deslizando por ela com a rapidez prodigiosa de seus pés, que pa-

reciam não tocar o solo ao andar. Apenas Griselda e Cláudio a esperavam ali, e mesmo ele não tardou em deixá-las, o que favoreceu Mariné, que desejava fazer sua amiga partícipe da ventura que aquele dia lhe havia deparado. Separaram-se em seguida, para também se proporcionarem o habitual descanso.

~

Quando Mariné saiu de seu camarote, naquela tarde, após escutar os conhecidos golpezinhos com que Ebel costumava chamar à sua porta, ele a envolveu num terno olhar de aprovação.

Ela, compreendendo que era uma homenagem dirigida a sua pessoa, inclinou-se alegremente, com singela graça, fazendo para ele uma ligeira reverência.

— Sozinha?... — ele perguntou. — E tia Cristina?

— Andarilha como sempre! Qualquer um diria que ela está na flor da idade...

Embora fosse ainda um tanto cedo, decidiram passear um pouco ao ar livre. O sol brilhava com muita intensidade, reverberando sobre as águas como se quisesse estampar nelas a variedade cromática de suas vibrações. Sendo-lhes quase impossível suportar a cintilação daquela superfície inquieta e incomensurável, desistiram então do propósito e entraram novamente no navio, onde a poucos passos descobriram Cristina em conversa com outras senhoras.

Tinham um encontro marcado com o casal Arribillaga para a hora do chá, e esse motivo reuniu a todos mais tarde no salão, inclusive Cristina, que havia deixado suas amigas para unir-se a eles.

A vida a bordo sempre oferece campo propício para a mexida no novelo dos comentários que se tecem e destecem em torno de cada assunto, por mais privativo que seja. Estava evidente que a boa senhora devia ter experimentado nessa tarde alguma viva contrariedade, a julgar pelo tom com que se referiu a essa prática social tão pouco edificante.

— Parece mentira — expressou ela, algo aborrecida — que deva ser tema quase obrigatório entre as pessoas o remexer a vida, a história e as realizações de seus semelhantes!

— É assim mesmo — disse Mariné; e, quando não conseguem satisfazer sua curiosidade, o que fazem?... Começam a dar corda à fantasia, até que surjam as estórias mais extravagantes.

— Não tenho dúvida de que é para não desmerecerem sua profissão de correspondentes oficiosos — destacou Cláudio, rindo.

— Eu não compreendo — Cristina insistiu— como esses vestígios de incultura ainda persistem nas pessoas de bem. Muitas vezes sofri decepções por essa mesma causa, justamente onde acreditei encontrar afeto, sinceridade, correspondência.

— Mas por que tanto desgosto, mamãe Cristina? — Mariné expressou. — Você já disse muitas vezes que a experiência, quando não recusamos seu conselho, costuma nos fazer sábios e prudentes.

— Sim, filha, sim. Mas, apesar de estarmos prevenidos contra as surpresas que nossa boa-fé com frequência nos depara, nem sempre a gente pode evitar o efeito ruim que certas coisas produzem.

A senhora Landívar referiu-se em seguida à longa série de desenganos sofridos no círculo de suas amizades, antes

que despertasse a aurora de suas reflexões e que se iluminassem, para sua consciência, muitos fatos que tinham sido, até então, causa de pesar para ela.

Mariné conhecia alguns desses fatos e sabia, também, da inteireza com que ela os havia enfrentado.

De Sándara, que acompanhava com agrado o desenvolvimento da conversa, expressou pausadamente, fazendo uma dedução de tudo o que escutou:

— É comum observarmos, dentro do ambiente onde as pessoas se vinculam, episódios comparáveis ao colóquio filosófico dos cães de Cervantes, quando se desfaziam em conjecturas diante da efígie do homem...

— Afinal de contas, que importa que os outros pensem o que quiserem a nosso respeito? — expressou Cláudio.

— É coisa que não deve preocupar, naturalmente — De Sándara respondeu. — O que importa é saber descobrir, nas apreciações daqueles que nos julgam, o grau de probidade e de sensatez que lhes assiste.

— Acho que deve ser assim — assentiu Cláudio. — Se colocássemos as coisas sempre nos respectivos e exatos lugares, poderia o falatório das pessoas nos trazer algum prejuízo?

— Nenhum, absolutamente nenhum; e, em contraste com esses fatos ingratos sobre os quais estamos falando, e cujo conhecimento nos resguarda da excessiva boa-fé, nós nos sentiremos sobejamente reconfortados com as satisfações inigualáveis que nos proporcionam os verdadeiros amigos, os quais penetram fundo em nosso coração e oferecem, com sua amizade, o fruto de seu afeto e de sua sinceridade. Por isso, tenho dado sempre um valor imenso à amizade, a esse processo que se forja nas intimidades do ser e se verifica pela consolidação do afeto em graus progressivos de confiança.

— Seria errado dizer que é a consequência de um conhecimento mútuo, produzido num sem-número de provas? — Cláudio perguntou.

— Não, ao contrário; e, utilizando outras palavras para se referir a ela, poderíamos também dizer que é algo assim como uma comunhão mental de afetos, que se estabelece pelo enlace de pensamentos e sentimentos.

Os motivos finais do diálogo terminaram por afastar as sombras do ânimo de Cristina, que recuperou rapidamente seu alegre otimismo. Em excelente estado de cordialidade, saíram todos ao convés, onde encerraram a tarde entretidos na contemplação dos infinitos efeitos de luz que o sol projetava sobre o céu e o mar, ao ocultar-se no ocaso.

~

Aquela travessia, que tantas emoções novas e inesperadas havia oferecido ao feliz casal, aproximava-se rapidamente de suas últimas etapas.

Cláudio e Griselda, que ansiavam chegar a Buenos Aires quanto antes para estarem junto a Dom Roque, sentiam-se não obstante pesarosos pela chegada do transatlântico ao Rio e pelo iminente desembarque de seus amigos.

Enquanto percorriam com indolência a ponte, afetados pelo calor e pela baixa pressão atmosférica, viam a tarde avançar em direção ao crepúsculo e, com isso, chegar o instante que poria ponto final àquela sucessão de dias alegres, plácidos, de grata e profunda amizade, e particularmente proveitosos pelas projeções que, sem dúvida, haveriam de ter na vida que eles acabavam de iniciar. Sem poderem esquivar-

-se do efeito que isso lhes produzia, parecia-lhes sentir como se o navio, que já havia diminuído sua velocidade, deslizasse numa rapidez não costumeira rumo à baía, a qual se aproximava de sua vista em superposições de beleza panorâmica cada vez mais definidas, tal como se uma mão invisível descerrasse gradualmente, a partir do infinito, o painel celeste que cobria o cenário.

As explicações claras e precisas do senhor De Sándara, a quem tão frequentemente haviam tido oportunidade de escutar, infundiam-lhes, porém, uma saudável sensação de confiança e otimismo, nesses instantes em que estavam a ponto de se verem privados de sua valiosa assessoria.

Sabiam que o caminho de acesso ao mundo do espírito se percorre internando-se primeiramente em si mesmos. Esse seria, pois, a passagem obrigatória para poder ascender, depois, aos patamares do mundo superior, até onde não podem chegar os tolos, os crédulos, os burlões nem os pedantes, mas sim os limpos de mente, os psicologicamente sadios, os livres de preconceitos e de crenças dogmáticas e, enfim, as almas de boa vontade.

Enquanto aguardavam a chegada de seus amigos para se despedirem, deram com De Sándara.

— E Mariné?... — Griselda perguntou, ao vê-lo sozinho.

— Virá em seguida com Cristina. Estão dando os últimos retoques em seus preparativos.

— Vou buscá-las, então — disse ela, saindo.

Premido, sem dúvida, pela iminente separação de seu amigo, Cláudio quis demonstrar-lhe uma vez mais seu interesse por abarcar com maior exatidão os conceitos desse mundo interior organizado, cujos movimentos podiam ser manejados com discrição pelo próprio ser.

— Esses conceitos — expressou De Sándara, enquanto sugeria a Arribillaga um lugar para se sentarem — irão se definindo com gradual clareza em você, tão logo vá colocando em prática os conhecimentos essenciais que em parte lhe venho proporcionando. Mediante essa prática, tal organização nos é totalmente permitida, podendo esse mundo ser governado por nós com acerto e ao mesmo tempo ser convertido num lugar de descanso e de incentivo para a vida. Eu lhe recordo que ele está formado por nossa vida mental e psicológica, por nossa consciência, pelos pensamentos — que são entidades animadas, e de cuja autonomia já lhe falei — e pelos sentimentos que atuam na região sensível de nosso ser.

— Entretanto, não deixa de me preocupar, nem de me parecer difícil, a possibilidade de realizar tal proeza em domínios tão abstratos...

— Você se equivoca, amigo Arribillaga. Nada existe de mais real e mais positivo, dentro das possibilidades humanas, que essa prerrogativa estimulante de conhecer o próprio mundo interno. E esse não é um privilégio das pessoas disciplinadas intelectualmente. Não; a lei de evolução não exclui ninguém. Asseguro-lhe que, muito frequentemente, quem tem escassa ilustração intelectual costuma sentir e experimentar essa verdade muito antes que aquelas, pois nele costuma agir com maior força a sensibilidade, que é um precioso auxiliar do entendimento.

— A propósito, por que essa prevenção do intelecto cultivado, tão propenso a rechaçar verdades dessa índole, por mais que lhe tenham sido demonstradas de forma inobjetável?

— Por uma razão muito simples. O entendimento cultivado desconfia de tudo quanto ainda não entrou na órbita de seus domínios, sobretudo quando suspeita que, para encarar

investigações de natureza transcendente, deve modificar sua rígida postura e obrigar-se a esforços que considera superados.

— É certo que não se trata apenas de admitir verdades...

— Trata-se, você sugeriu bem, de penetrar nelas com o entendimento, e para isso temos de nos valer de todos os elementos que conformam harmoniosamente a unidade dessa verdade, mesmo quando tais elementos apareçam dispersos. Mas deixemos de lado essas considerações marginais e falemos ainda algo sobre esse mundo interior que a ninguém está vedado criar para si. Releia de vez em quando as cartas que lhe enviei a Buenos Aires. Você já sabe que esse mundo não abarca unicamente a própria vida, senão que a ele pertencem os seres que amamos, as coisas que nos são queridas e toda manifestação que mantenha contato permanente com nosso pensamento e nosso sentir. Nele são vividas as emoções que a alma experimenta, sejam elas doces ou amargas, com plena consciência de suas causas; vive-se com os pensamentos, e esse íntimo contato com eles serve de poderoso estímulo para as funções que devem ser desempenhadas em favor da própria vida e, também, dos seres vinculados a nós mesmos, que deleitam seus espíritos com o bem que lhes oferecemos. Quando esse mundo já se acha constituído, jamais se está sozinho, e sempre sobra tempo para auxiliar aqueles a quem seja necessário ajudar.

Cláudio escutou tais palavras procurando retê-las, certo como nunca de que o apoio que teria para aplicar o que aprendera durante a viagem, ele o encontraria na vastidão dos desenvolvimentos mentais que, num ou noutro sentido, De Sándara empregava para fomentar as disposições tendentes à elevação do homem, mediante o progressivo avanço na evolução de sua consciência.

A presença de Cristina e das duas jovens, bem como a

agitação que crescia em volta deles com a proximidade do desembarque, pôs fim à conversa.

— Já estão com tudo pronto? — De Sándara perguntou-lhes.

— Tudo..., menos o ânimo de separar-me de uma companheira tão gentil e boa como Griselda — apressou-se em responder Mariné.

— Espero que não seja por muito tempo — Cristina disse, baixando a voz e acrescentando com certo ar de mistério: — Tenho notícias de que em breve, muito em breve, visitaremos Buenos Aires.

Cláudio e Griselda buscaram uma palavra confirmatória em quem melhor poderia dá-la, e ele assentiu com um sorriso.

À emoção da despedida próxima acabava de mesclar-se inesperadamente uma grande alegria, que favoreceu o momento dos abraços finais.

A noite ia se estendendo paulatinamente sobre a cidade: uma noite cálida, sufocante, apesar da proximidade do mar. A buliçosa atividade do desembarque havia terminado, ouvindo-se, cada vez com maior clareza, o eco das buzinas dos veículos que circulavam pela metrópole e o ir e vir dos passageiros e tripulantes que desciam a terra, buscando as atrações da urbe.

Cláudio e Griselda também resolveram fazer um breve passeio, buscando com isso dissipar sua melancolia. A bela baía fluminense convidava-os a se deliciarem na contemplação de seu brilhante espetáculo noturno.

No dia seguinte, próximo do meio-dia, ouviu-se a bordo, misturado à trepidação dos motores, o profundo soar da sirene, anunciando o instante em que o navio soltaria novamente suas amarras. O casal Arribillaga, que se achava a pouca distância da amurada, correu até ela para observar dali a operação

e saudar com o pensamento os amigos que deixavam em terra. O navio começou a deslizar lentamente, desprendendo-se da costa e internando-se pouco a pouco na rota que os levaria de volta à pátria.

— Agora — Griselda dizia, enquanto o transatlântico navegava, após várias horas de marcha, afundando sua proa na solitária imensidão — nós nos dedicaremos inteiramente a edificar nossa felicidade futura. Estou por demais desejosa de chegar ao nosso lar. Ali, cercados do afeto de nossos pais, pressinto que encontraremos os mais estimulantes motivos para realizar nossos projetos. Nós dois sabemos que o futuro depende do que pensemos e façamos no presente, o que depende por sua vez de algo muito essencial, que nem você nem eu deveremos esquecer...

Nesse ponto Griselda se deteve e, olhando expressivamente para Cláudio, ficou à espera de que ele completasse o restante.

— Será que você se lembra?...

— Talvez não tão bem como você, mas creio não ter esquecido. Esse algo tão essencial que você menciona, consiste em saber o que é que queremos ser e fazer e, uma vez resolvida essa questão, em evitar toda mudança de pensamento, para não malograr o que traçamos como meta. Está bem? — ele perguntou, esperando ter-se saído a contento.

— Muito bem! — assentiu ela, fitando-o nos olhos com intensa ternura.

Em seguida, ela continuou:

— Penso que é isso mesmo o que Mariné deve fazer, a julgar pelo que pude avaliar. Ela alenta sua vida com as inspirações dele e é dócil ao cinzel que a modela. Vi como os altos problemas do conhecimento humano a impressionam; obser-

vei sua constante preocupação em viver no mundo que ele a fez conhecer e o empenho com que participa de suas tarefas. Que formoso seria se nós pudéssemos nos parecer com eles!

— Por que não, Griselda? Não é porventura esse o anelo que acalentamos?

— Sim, mas necessitaremos de muito empenho, muito esforço, para seguir suas pegadas. Esse querer terá que ser firme e inalterável em nossos corações... Sabe que agora me sinto mais contente? Façamos, Cláudio, nossos planos para esse futuro feliz que queremos viver e tratemos de ser, um para o outro, o que sonhamos. Não é verdade que o conseguiremos?...

— Com todo o amor, vida minha, e hoje com mais entusiasmo do que nunca!

~

A uma discreta distância do grupo que rodeava o feliz casal, no momento de seu desembarque em Buenos Aires, formado por parentes e amigos, encontrava-se Patrício. Em seu rosto magro, de linhas afiladas, reproduzia-se a alternância de lágrimas e sorrisos que a efusividade dos primeiros abraços promovia em uns e outros. Permaneceu ali enquanto durou a cena, imóvel, quase estático, e finalmente, reagindo com muito esforço, afastou-se com presteza para cuidar da bagagem.

Instantes depois, o carro do doutor Laguna afastava-se do lugar, conduzindo os recém-casados na grata companhia de seus pais.

Logo Dom Roque participava também do feliz acontecimento.

Impossibilitado pela recente enfermidade, ele esperava pelos viajantes ainda acamado. Ali recebeu, comovido, o abraço de seu filho e de Griselda, que, inclinada sobre ele, experimentou grande ternura quando, acariciando-a, ele lhe disse:

— Até que enfim posso vê-los aqui novamente.

— E Deus haverá de querer que seja por muito tempo, porque pensamos em fazê-lo muito, muito feliz — ela respondeu, animando-o com um sorriso cheio de afeto e sinceridade.

A casa dos Arribillaga encheu-se de uma inusitada animação naquele dia.

Cláudio e Griselda viram completada sua felicidade ao visitar os aposentos que Dona Laura havia terminado de decorar, tendo em conta as recomendações e os gostos de sua filha e a comodidade de ambos.

Dom Roque, cuidando para que nada faltasse aos dois, havia destinado para eles um considerável setor da casa, reformando-o e adaptando-o convenientemente. A enfermidade lhe havia infligido aquele rude golpe no momento em que, estreitando muito sua amizade com os pais de Griselda, todos colaboravam entusiasticamente no preparo daquele pequeno paraíso para os filhos.

O dormitório do casal, precedido por uma pequena antecâmara, era um recinto amplo, sóbrio e alegre, de paredes claras e carpetes de tons suaves, em bela combinação com o delicado colorido da mobília. De frente para a entrada, aparecia o leito conjugal, sobressaindo ao longo da cabeceira um grande painel pintado. Um tapete azul cobria o chão em sua totalidade, e outro, de cor cinza-clara e forma retangular, estendido aos pés da cama, recobria-o em parte, servindo de base para duas cômodas poltronas e uma pequena mesa. A luz do exterior inundava o aposento por um de seus lados, filtrando-

-se pela cortina que cobria uma grande porta envidraçada. Do lado oposto, entre duas portas, uma das quais dava passagem para uma saleta íntima e a outra para o banheiro, havia sido colocada uma cômoda e um espelho, com detalhes de requintada feminilidade.

— Tudo ficou melhor do que pensamos ao fazer o projeto — Griselda dizia, entusiasmada, percorrendo os cômodos e detendo-se aqui e ali para apreciar efeitos e observar pormenores.

Revigorada, alegre, vestida com um leve traje branco, de saia rodada e grande decote, escolhido com acerto como complemento de sua delicada beleza, Griselda parecia mover-se sob a influência de uma sensação nova. Era evidente que a fazia feliz esse primeiro contato com o ambiente no qual transcorreria sua vida de ora em diante, entregue às responsabilidades de um lar dentro do qual se propunha a introduzir, dia a dia, o fruto de um esforço pela conquista de uma existência feliz para os dois.

Satisfeito, Dom Roque escutava de seu leito de enfermo os relatos da viagem; seu rosto, abatido e prematuramente envelhecido, iluminava-se por instantes, reconfortado pela alegria que desfrutava. Alentava a todos o saber que ele não tardaria em deixar a cama. Dona Laura, por sua parte, não cabia em si de satisfação naquele dia. Assediada por sua filha, respondia prazerosa às mil perguntas que esta lhe ia fazendo. Isso era motivo para que o doutor Laguna fizesse valer seus direitos, de tempos em tempos, reclamando a companhia de sua filha, pois ele também necessitava ressarcir-se de sua prolongada ausência.

Entre as notícias que aguardavam o regresso dos jovens, havia um caso muito rumoroso, a ruína financeira dos Larrecochea, devida às manobras desonestas de seu administrador.

Ao mesmo tempo, inteiraram-se do noivado de Nora e de seu quase imediato rompimento, vinculado tão sugestivamente ao desaparecimento dos milhões de Dom Túlio. A desgraça de seus tios impressionou Cláudio profundamente, e não menos a Griselda, que teve uma ideia clara do imponente desmoronamento.

Que inesperados costumam ser os giros do destino, quando ele rege a seu arbítrio a vida dos homens! Infelizes daqueles que, sem os conhecimentos que dão potestade para forjá-lo por si mesmos, são incapazes de evitar, com consciência, os desafortunados transes a que são submetidos. Sem saber por quê, são arrastados por uma força que os empurra — umas vezes com suavidade, outras com violência e sem piedade alguma — em direção a uma meta comum, intranscendente, a qual, por ser conhecida, suscita indiferença.

Quando a noite pôs fim às atividades daquele dia memorável, Cláudio e Griselda, sentados um junto ao outro nas poltronas do pequeno terraço para o qual se abria a porta do quarto, descansavam de suas recentes emoções, acariciados pela brisa ainda quente daquele sufocante dia de verão.

— Em que você está pensando, Griselda?

— Em nossa felicidade... Hoje me seria impossível pensar em outra coisa. Penso na vida que nos espera dentro desta casa, na qual você viveu desde criança, e à qual Deus parece me ter trazido para preencher todos os lugares vazios com o calor de meu afeto... Só de pensar nessa doce missão, meu coração se sente venturoso.

— Você é bondosa, Griselda...

— Tenho a aspiração de ser, o que não é a mesma coisa. E sinto que me animam, nessa aspiração, pensamentos que já se aninham em mim, sugerindo novas formas de sentir e de agir.

É como se uma outra vida se anunciasse aos meus sentidos, deleitando minha sensibilidade. A linha que no horizonte separa o céu do mar me fez pensar, muitas vezes, em sua semelhança com a que separa os dois mundos, o transcendente e o outro, o comum, dentro do qual minha alma se reanima com o só saber que aquele mundo existe e se oferece às possibilidades de minha vontade e de meu esforço.

— Eu também pensei que ambos deviam confundir-se numa linha semelhante, formando uma zona de transição. A partir do momento em que nos internemos nessa zona, será exigido de nós decisão e destreza, pois é ali onde deverão ser bem conduzidos os passos difíceis que nos aventuremos a dar na empresa de transpor seus limites e abrir, finalmente, as portas do mais fascinante e anelado de todos os mundos.

— Pressinto, meu querido Cláudio, que nessa zona de transição você e eu haveremos de penetrar muito em breve...

~

A residência do senhor De Sándara no México, situada no Passeio da Reforma, havia retomado, com o regresso de seus moradores, o movimento habitual. Envolta no branco revestimento de suas paredes e janelas, que se erguiam sobre um escuro pedestal de pedra, a construção destacava-se sobre o fundo alegre de jardins traçados com modernidade. As flores pareciam ter reservado seus festivos tons para oferecê-los a seus donos como gentis boas-vindas.

No interior da casa, tudo se encaminhava para o início da vida normal. Era admirável a atividade que Mariné desenvolvia, ajudando a senhora Landívar naquelas tarefas que sempre

nos são exigidas pela retomada do contato, interrompido por um tempo, com as coisas que nos rodeiam e pela vinculação com aquelas outras que se vão criando em virtude de necessidades recentes, as quais, com frequência, dão origem a novos projetos, ou introduzem mudanças no planejamento dos já empreendidos. Entre todas as suas preocupações, a maior era, entretanto, ajudar Ebel na reorganização que ele se propunha a fazer de seu trabalho. A diligência da jovem aumentava de conformidade com seu afã em proporcionar-lhe tudo que fosse de seu agrado e que contribuísse, de alguma forma, para a melhor ou mais cômoda execução de seu labor.

Nos primeiros dias após sua chegada, De Sándara havia optado por descansar, se bem que, mais do que entregar-se ao descanso, sua mente parecia concentrar-se em profundas elaborações do pensamento. Falava pouco e, vez por outra, mostrava-se taciturno.

Mariné, que conhecia bem esses estados em que De Sándara às vezes mergulhava, observava-o com certa sensação de nostalgia, esperando pacientemente que aquilo passasse, confiada na inalterabilidade de seu carinho. Porém, como dessa vez se prolongasse em demasia, decidiu, com uma prudência que nela era virtude, recorrer a um ardil simples. Para levar a cabo seu propósito, aguardou um desses instantes em que ele costumava sentar-se no sofá de seu gabinete e, como se quisesse evitar ser importuna, entrou silenciosamente na sala, com o fim manifesto de arrumar seus livros.

Naquela manhã, vestia ela uma saia justa, axadrezada, de tonalidade escura, e um suéter vermelho. Havia penteado os cabelos para cima, sem dúvida para variar, com o que seu rosto resplandecia ainda mais viçoso e juvenil. Mariné, sendo tão bela, parecia contudo ignorar isso. Era doce e simples, e nis-

so talvez residisse o motivo maior de seus encantos. Tudo em sua pessoa tinha a propriedade de ser essencialmente sadio e elevado, e sua beleza, na qual estavam traçadas as linhas características dos espíritos fortes, que ultrapassam as margens das aptidões comuns, longe de perturbar os sentidos daqueles que a fitavam, inspirava a respeitosa homenagem e a admiração que se traduz em emoções suaves e delicadas.

O ruído de seus passos, ao atravessar a sala, atraiu a atenção de Ebel, que, embora experimentasse prazer em vê-la, não deixou transparecer isso nem mudou sua atitude meditativa, simulando não observar os movimentos da jovem em sua tarefa de acomodar os volumes.

De repente, ela, que nesse instante parecia entretida em limpar conscientemente o pesa-papéis com um pano, intencionalmente o deixou cair no chão e, fingindo-se impressionada pelo "contratempo", olhou para De Sándara com expressão de susto.

Ele irrompeu em risos, bastando essa inconfundível manifestação de benevolência para que Mariné corresse para seu lado, satisfeita e feliz pelo êxito de sua argúcia.

Atraindo-a alegremente para si, Ebel lhe disse:

— Estava esperando por isso!... Mas desta vez o episódio me agrada.

E, como se quisesse recompensá-la por seus recentes esforços, adicionou:

— Já lhe falei, noutras ocasiões, que me causa muita pena privá-la às vezes de meu tempo. Mas não ignore, Mariné, que a transcendência das proposições que circunstancialmente me são apresentadas no curso de meu labor me força a uma dedicação que me absorve por inteiro, o que faz com que muitos dos movimentos naturais de minha modalidade fiquem con-

tidos, ou se manifestem com certa restrição. Acontece que, quando o conhecimento amplia o poder de ação de nossos pensamentos, a vastidão de nossos domínios mentais se estende indefinidamente e nos obriga, para conservarmos a autoridade sobre eles, a dispensar-lhes uma parte ponderável de atenção. Nada seria mais grato para mim, querida Mariné, do que fazê-la participar um dia dos altos deveres que o sacerdócio da sabedoria impõe.

De Sándara, certamente, não fazia um relato exagerado de sua atividade. Estava organizando no mundo mental que interpenetra nosso mundo físico um sistema de vinculação espiritual que, respondendo às diretrizes centrais de sua concepção, iria estendendo-se progressivamente pelo orbe terrestre, em benefício dos demais seres humanos. Seu plano abarcava desde o conhecimento profundo que o homem deve possuir de si mesmo, até o que domina a área suprassensível do mundo metafísico. Para dar corpo a um plano de tal envergadura, devia transmitir, a cada mente humana que tomava contato com a sua, pensamentos que, ao mesmo tempo que estabeleciam nelas verdadeiras bases de colaboração e inteligência, constituíam-nas em órgãos defensores de seus conhecimentos humanísticos, desconhecidos ainda pelo restante dos homens. A tarefa de dar a conhecer individualmente essa verdade, até alcançar sua penetração no entendimento, permitir-lhe-ia contar depois com a segurança de haver conectado uma mente a mais a seu sistema e, ao mesmo tempo, com uma nova base de operações, que trabalharia com acerto dentro de sua órbita, usando o poderoso auxiliar de seus conhecimentos para estender a outros semelhantes o bem contido neles. Quem conseguisse irmanar-se com a força ativa projetada por seu pensamento estabeleceria, de fato, contato direto com ele. O movimento em

questão representava o começo de uma nova era para a humanidade. "Os homens irão despertando", afirmava, "para uma realidade que subjugará seus espíritos e encherá de felicidade seus corações." Quanto maior fosse o número de mentes que se incorporassem à magna organização planejada, maior a eficácia e contundência com que seriam rechaçadas as ideias dissolventes e os extremismos impregnados de violência. Era a sua uma empresa árdua e delicada, mas lhe assistia uma confiança absoluta nas nobres reservas da sensibilidade humana. Posto em marcha esse movimento, que ele chamava de "Civilização do Espírito", nada poderia induzi-lo a mudar de propósito.

Mariné havia escutado com regozijo as palavras de Ebel. Em cada um de seus gestos, em cada sorriso ou frase sua, ela havia visto sempre uma permanente assistência, um desvelo constante para conduzi-la às próprias fontes do saber; entretanto, esse amor com que era assistida não se oferecia a ela com exclusividade, mas se nutria em sentimentos altruístas que tinham uma extensa órbita de ação. A jovem, identificada com esse sentir, constatou comovida que seu amor por Ebel se agigantava, ao mesmo tempo que crescia nela a disposição para submeter seus gostos e as demandas de sua juventude aos imperativos de uma vida como a dele, dedicada a tão elevado ministério.

— Tratarei de ser, no possível, cada dia mais compreensiva, ainda que isso me custe — ela lhe disse.

— Oh!, sei do que você é capaz para fazer-me feliz, Mariné, e de minha parte sinto deveras não poder me dedicar a você como você merece.

— Não deve sentir por isso. Você por acaso tem culpa?

— Não tenho, de fato, mas o que fazer? Desagrada-me você não poder desfrutar os espaços de tempo mais doces que toda enamorada desfruta; por exemplo, aqueles em que ela

espera a visita de seu prometido e, depois, as horas plácidas, cheias de ilusão, que passa junto a ele...

— Não sei por que você me diz isso.

— Digo pela simples razão de que, ao vivermos ambos sob o mesmo teto, estou impedido de lhe fazer essas visitas, as quais, sem dúvida, agradariam a seu coração.

Como De Sándara sorrisse ao enunciar tais palavras, Mariné respondeu, dando às suas um tom alegre e brincalhão:

— Oh, esse problema se resolve muito facilmente!... Bastará que você dedique a isso um ou dois dias por semana, está bem? Você me visitará, tal como faria se eu vivesse em outro lugar, longe de você. Virá na hora do chá, ou mais tarde, se quiser, e eu o esperarei, procurando estar o mais bonita possível. Falaremos de nosso casamento, de nossos projetos futuros, e você não se ocupará de outra coisa além de mim. De acordo?

— Magnífico!... — ele exclamou, unindo sua alegria à dela. — Prometo ser pontual como um relógio, e você sabe que não costumo alterar meu pensamento.

— Assim terá de ser; do contrário, você me verá muito zangada...

— E que coisa haverá mais formosa que vê-la zangada?

— Por quê?

— Porque você tem uns olhos tão doces, que não sabem nem saberão jamais se mostrar com a dureza da zanga ou do ressentimento. Por isso, ainda que você quisesse muito aparentar tal coisa para mim, eles a denunciariam irremediavelmente.

E, pondo fim ao colóquio com um beijo, ele disse com carinho, apontando para o pesa-papéis:

— Vá agora recolhê-lo e retorná-lo ao seu lugar.

Mariné se apressou em pegá-lo, perguntando-se mentalmente, enquanto o colocava sobre a escrivaninha: "Que má-

gico poder terá esta peça, que promove tantas coisas ligadas à minha felicidade?"

~

De Sándara escrevia sem trégua, avançando no preparo de uma nova obra. Havia pensado nela durante anos, amadurecendo em sua mente esse propósito enquanto reunia observações e dava coerência a seus conhecimentos, enlaçando-os à ideia que agora fluía de sua pluma em incessante elaboração.

Criado em sua mente o protagonista central, personagem idealizado a quem dotou de vigoroso espírito e de uma inteligência não menos robusta, fez com que ele concebesse um plano de grande genialidade, do qual devia fazer antes um detalhado estudo, considerando todas as possibilidades favoráveis e contrárias a seu êxito.

Nos preparativos de sua empresa, leu primeiramente todos os livros já publicados sobre tão medular assunto e, mais convencido do que nunca do excesso de fantasia de seus autores, deduziu que a imaginação de Xerazade não era uma exceção. Seguro, pois, de que ninguém havia registrado dados precisos sobre o particular, resolveu um dia dar início a sua façanha. Conhecedor dos perigos que correria na aventura de arriscar seus pensamentos, que ele considerava verdadeiras potências que animavam e cumpriam as grandes finalidades da existência humana, uniu, à intrepidez de seu talento, uma vontade de ferro e uma paciência a toda a prova.

Equipado com tão invencível armadura, embarcou em sua nave metafísica, similar à dos argonautas, certo de que sua perícia haveria de conduzi-lo às inefáveis praias do mundo incor-

póreo, pátria dos espíritos que animam o gênero humano, cuja célula é o homem. Desdenhou, como ineficazes, os banhos da lagoa Estígia, e olhou com indiferença os de Juventa. Enquanto o homem não fosse mais que o homem, seguiria sendo vulnerável da cabeça ao calcanhar, e tão inexorável seu processo biológico em direção à senectude que incorreria em engano se pretendesse detê-lo por meios extranaturais.

A respeito de todas estas coisas, fez anotações em seu mapa de viagem. Propunha-se a tocar, como os primeiros navegantes que sulcaram os mares, pontos muito distantes e ignorados pelas pessoas, os quais ele depois revelaria a seus olhos assombrados. Seu propósito era demonstrar a existência de uma nova rota, sinalizando em seu mapa as zonas perigosas, onde os recifes, formando barreiras, assemelhavam-se a enormes armadilhas que, ocultas sob as águas, esperavam pela vítima propiciatória. Com quanta frequência, enquanto se internava ao longo dessa rota, precisou vencer obstáculos insuperáveis para tantos navegantes!

À medida que avançava, foi extraindo de suas explorações muitas e atinadas conclusões.

Era indubitável que, ao forjar a criatura humana, Deus a havia equipado com um organismo fisiológico perfeito, tão perfeito que seu funcionamento cumpria seus fins sem intervenção alguma da parte dela, a não ser aquelas que se promoviam em razão da constante atividade que a manutenção dessa maravilhosa máquina humana requeria. Mas ainda faltava ao Criador culminar sua obra, e isso o levou a satisfazer o que era uma necessidade impostergável de seu pensamento: estabelecer o enlace permanente de sua Divina Natureza com a natureza material do homem.

Meticuloso deve ter sido o trabalho que a criatura humana ocasionou com isso ao Senhor, quando este, cumprida a su-

blime jornada, ao despontar a aurora de sua criação, dispôs-se a descansar. O rebento lhe havia criado a primeira das tantas complicações que haveria de causar-lhe, e ela havia sido resolvida em seu exclusivo benefício.

O acoplamento do espírito ao corpo físico havia solucionado o problema do incerto destino do homem, subentendendo-se que este, munido como estava de um sistema mental à prova de eficiência, deveria forjar, segundo as deduções do intrépido navegante, a estirpe de semideuses que faria da Terra uma cópia fiel do Éden celeste.

Pôde descobrir que, no momento de sua descida a este mundo, os espíritos possuíam uma lucidez que foi gradualmente eclipsada pela luz material, devendo por isso conformar sua existência às leis que imperavam sobre a face do planeta. Penoso lhes havia sido ter de recorrer aos membros físicos para se moverem, depois de terem andado pelo espaço com prescindência deles, e angustiosos foram os primeiros tempos de sua adaptação ao corpo. Seu desconsolo foi tal que choraram amargamente durante muitos dias e muitas noites intermináveis e, quando finalmente cessou o pranto, viram que ele corria em torrentes sob seus pés, o que fez com que chamassem a Terra de "vale de lágrimas". Mas nada era possível fazer; não lhes restava outra saída senão a de viver nela e buscar, nos grandes recursos da Criação, o elemento revelador do grande enigma: o mental, em sua formação consciente, ponte entre Deus e o homem e alavanca poderosa da reversão.

Com tão singulares apreciações de seu protagonista sobre aqueles episódios ligados aos começos da vida terrena, De Sándara havia completado a primeira parte de seu livro. Na segunda, como se ele se propusesse a abrir às inteligências as portas da grande explicação, fez o herói transpor o umbral e o

acompanhou no relato de uma verdade longa e empenhadamente buscada.

À medida que avançava em seu itinerário, mais o herói penetrava no conhecimento de tão singular criação; e chegou a compreender que o espírito, na nova forma que havia assumido dentro da estrutura física e psicológica humana, deveria cumprir na Terra fundamentais etapas de evolução.

Recipiendário da ciência original, o espírito havia cumprido, antes de sua descida a este mundo, o adestramento necessário para poder manejar com inteligência os elementos cósmicos correspondentes a sua esfera de ação. Terminada com isso a metade de sua instrução, fechou-se o capítulo, para reabrir-se nos ciclos de existência terrena, onde, em obediência a supremos desígnios, haveria de completá-la.

O Criador havia equipado o homem de consciência para que ele pudesse realizar os grandes trabalhos de aperfeiçoamento que sua condição de humano lhe impunha, mas, apesar disso, não demoraram a surgir as debilidades da carne, as tentações e demais complicações que logo atormentaram o gênero humano.

A juízo do protagonista, impunha-se o cumprimento de um processo de reversão que levasse o homem a recobrar sua pureza original, fonte imanente dos recursos do espírito, em cuja realização haveria de usar, como ferramentas de trabalho, conhecimentos que, em virtude dessa aspiração, lhe servissem para executar a magna obra exigida de seu arbítrio. Não contava com outros deuses tutelares que não fossem os elementos de sua própria inteligência, nem havia outro milagre possível que o de sua ressurreição ou despertar consciente num mundo superior. O esforço, a perseverança e as ânsias profundas de superação o ajudariam a saltar por cima dos muros metafísicos que dividem os dois mundos opcionais à sua vontade.

Recordou as passagens iniciais do espírito na Terra. A ave, acostumada a voar com liberdade, sentia-se escrava, oprimida entre as grades da carne. Extenuada pela dor, mergulhou finalmente em profundo sono, circunstância que Deus aproveitou para dar o toque cósmico à sua criação, fazendo emergir de sua divina alquimia a mulher. Que causas haviam intervindo na divisão anatômica da célula humana?... Sem dúvida, a necessidade do núcleo para que se encadeasse a espécie. Tanto o homem como a mulher haviam sido dotados do poder de pensar, de sentir, de amar, de criar e de procriar, com o que essa finalidade se iria cumprindo cronologicamente. Mas ainda descobriu algo mais, e era o papel principalíssimo que a mulher haveria de desempenhar na vida do homem, já que na natureza feminina está contida grande parte dos mistérios que o homem deverá descobrir para conseguir sua ascensão aos domínios da sabedoria.

Com tais perspectivas, o espírito havia começado, dentro de seu encerro humano, sua evolução ao longo de sucessivas e intermináveis centenas de séculos. Era a sua uma evolução lenta, porque a consciência, inerme, havia mergulhado em profundo sono e, como a bela adormecida do bosque, esperava que seu dono, aprendendo seu nome, a chamasse e, despertando-a, lhe oferecesse o cetro da vida. Que significado tinha isso?... O de que o homem devia alcançar a mais cobiçada e incomparável de todas as posses, com o que a franquia e o conhecimento do mundo suprassensível haveriam de tornar-se propícios para ele.

Era preciso, pois, absolutamente preciso, que o ser humano advertisse e compreendesse que o abandono divino — ao qual tantas vezes fez alusão em suas lamentações, crendo-se condenado injustamente a um eterno cativeiro terreno — não

obedecia a nenhum castigo, e, caso fosse, somente a fatores de sua exclusiva responsabilidade.

Com isto, De Sándara fechou o segundo capítulo de seu livro. Sua mão continuou escrevendo, obediente ao ditado de pensamentos que se encadeavam uns aos outros, compondo as passagens finais da épica jornada.

O herói havia regressado de sua feliz exploração e se achava, agora, entregue a um doce sonho, que o transportou a um novo cenário.

Nele, viu-se a si mesmo caminhando pela Terra, assombrado ante a visão das coisas e dos homens que o rodeavam, os quais permaneciam quietos, imóveis, como se a própria existência houvesse desaparecido deles. Olhou para um e outro lado e nada mais viu que aquelas coisas e seres inertes, faltos de movimento, e — oh, sensação estranha! — sentiu-se inesperadamente identificado com eles.

Caminhou, caminhou muito, e em todos os lugares por onde passava, fosse cidade ou campo, palácio ou choça, montanha ou planície, continuou vendo coisas e homens imóveis, como que petrificados. Aproximou-se de uns, depois de outros e de outros, e lhes falou, mas eles não o viam nem lhe respondiam... Era porque, ao aproximar-se deles, fazia-o em espírito, e também em espírito lhes falava. Aquilo provocou nele um amargo sofrimento; um sofrimento que o impulsionou, quase com desespero, a chamá-los, instando-os a que despertassem. Ninguém, entretanto, o viu nem ouviu; mas, apesar disso, ele sabia que existia.

Depois de muito andar, chegou finalmente a um ponto onde se deteve. Ali, sentiu brotar de seu ser um canto, um canto doce que se expandia e alcançava um grande volume. Olhou ao seu redor e observou que o que até então havia permane-

cido inanimado começava a animar-se. A doçura de seu canto acabava de despertar os homens de seu sono!... Mas ele não podia manifestar-se a seus olhos, porque, estando em espírito como estava, eles não o viam.

— Oh!... — exclamou com alegria. — Meu canto lhes infundiu vida e alento!... Que ele chegue a todos, e que todos sintam a vida de meu canto! Que avancem por meio dele e se consubstanciem com a perpetuidade dos tempos! Que meu canto derrame sobre a Terra a felicidade e a paz de que os homens necessitam!

Animado pelo que seus olhos haviam visto, continuou sua marcha pelo mundo, e, enquanto andava, seu canto ia transformando-se em palavras de luz e de amor. Não tardou a constatar que os homens o escutavam atentos, e que também eles cantavam, formando à sua volta um coro sublime. Era o canto da liberação, o canto da alegria, da compreensão e da reciprocidade humanas.

Ao comprovar que tudo havia adquirido vida e atividade, que a Natureza abria generosamente seu formoso e fecundo seio para que reinasse perenemente na Terra o pensamento de Deus, sua voz foi amainando, até se apagar. E prosseguiu sua marcha recolhido em si mesmo, levando consigo a imagem dessa criação que, primeiramente, havia contemplado estática, sem vida, e depois animada pelo maior de todos os agentes que podem confluir nela: o imenso amor de Deus.

Ao despertar de seu sono, teve a sensação de que havia escutado seu próprio canto, mas sabia que, embora tivesse surgido de seu ser, aquele canto divinamente formoso não era seu, não podia ser seu, mas sim d'Aquele que o havia dotado desse poder feito Verbo.

~

O lar dos Arribillaga, passado o fervor da lua-de-mel, ia entrando no período de expectativa em que os caracteres — após o acomodamento dos gostos, das ideias e das formas de apreciar as coisas em comum — começam a definir-se. A tolerância e o tato com que um e outro atuassem na convivência diária seria o que haveria de pôr à prova, para o futuro, a sinceridade do amor, agora selado pelo vínculo matrimonial. Sem conhecimento cabal de como podem promover-se as dificuldades provenientes do contato frequente e familiar, Cláudio e Griselda haviam iniciado aquela etapa tão transcendental da vida com uma confiança ilimitada na felicidade que lhes depararia o estar assistidos pela conjunção harmônica de seus altos ideais.

Um acontecimento doloroso veio a comover a alegria do novo lar, apenas dois meses após a chegada de Cláudio e Griselda a Buenos Aires. A morte de Dom Roque, ocorrida inesperadamente, havia-os surpreendido quando mais próximo parecia estar o seu restabelecimento. Juntos choraram a perda daquele ser querido, de quem por muito tempo sentiriam saudade. Ali, nos locais mais familiares da casa que por tanto tempo habitara, ele estaria sempre presente, projetando sobre seus descendentes, como fiel guardião de sua herança, os traços de sua vida nobre e exemplar.

Transcorreram meses.

Com surpresa, certo dia Griselda viu nublar-se o céu de sua felicidade, ao comprovar que uma objeção formulada a Cláudio, na qual procurou pôr a maior delicadeza, foi rece-

bida por ele com vivas demonstrações de desagrado. A rigidez mal dissimulada de seu rosto, costumeiramente risonho, e uma leve restrição ao falar, mantida sem variação no curso daquele dia, levou Griselda a compreender que dali por diante deveria abster-se de tais objeções. Mas não lhe custou esforço ajudar a desanuviar aquele semblante ensombrecido, e o relacionamento de novo se fez suave, desvanecendo-se a dor da primeira desarmonia.

— Por que, quando somos contrariados — dizia-lhe ele, após alguns dias, — experimentamos um desagrado que nos deixa indispostos com a pessoa que se opõe a nosso juízo, ou que o corrige?

— Talvez seja porque não conseguimos dominar nossos impulsos, com o que poderíamos demonstrar com maior êxito a consistência de nosso juízo frente ao dos demais.

— Creio que nem mesmo assim seria possível evitar o aborrecimento que isso nos causa.

— Devemos pensar também, Cláudio, que nem sempre é possível determinar, num instante, se nossa posição é justa. Às vezes, as próprias circunstâncias da vida são as que, a curto ou a longo prazo, concorrem para nos dar a razão, se é que a temos.

— Mas nem sempre é o desejo de esclarecer um assunto o que leva nosso oponente a nos contradizer, pois é notório que, em muitos casos, ele faz isso por simples impulso...

— Melhor ainda se for assim. Feita a constatação, teremos a oportunidade de contrapor nossa paciência e tolerância à investida de um critério equivocado.

— Não penso assim. Podemos até pôr de nossa parte paciência e tolerância, principalmente se não nos resta outro recurso, mas considerar, como você faz, que é melhor que seja assim...

— Cláudio... até quando seguiremos pensando que são os demais que devem mudar seu modo de ser? Isso não é desejar um bem que a nós mesmos estamos negando?

Tão persuasiva e afável era a voz de Griselda, que Cláudio se convenceu.

— Se você me opõe essas reflexões, terei que me render e dar por encerrado o assunto... Contradizer você seria colocá-la na situação de elaborar virtudes à minha custa, e não acho que isso me convenha. Mas... o que você quer?... Às vezes me parece que exagera muito!... Compreendo que somos nós que devemos mudar, elevando nossos estados de consciência, com o que nos avantajamos em muito aos que se mantêm invariáveis em suas modalidades, pensamentos e hábitos. Mas tudo isso é quase impraticável ante as reações que se desencadeiam sobre nosso ânimo, às vezes por motivos bem justificados.

Griselda permaneceu pensativa, sentindo dentro de si um pesar por essa inusitada vacilação de Cláudio diante de conceitos que tão intimamente compartilharam. Há tempos, haviam descartado, como inoperante, a vulgar pretensão de que fossem os demais que mudassem; pelo contrário, pensavam e aceitavam de comum acordo que, modificando a própria conduta, as diferenças poderiam ser conciliadas.

Discretamente, Griselda evitou insistir e procurou, pelo contrário, que a conversa se desviasse para outras questões, ficando assim dissimulada a marca que aquele pequeno incidente da vida em comum havia deixado em ambos. Cláudio pegou em seguida um jornal, entregando-se por inteiro à sua leitura; Griselda viu ao alcance de sua mão um livro: abriu-o ao acaso e, fingindo que lia, foi passando lentamente as páginas.

As palavras que expressara a Cláudio, tempos atrás, nas quais, por mera intuição, se havia referido à próxima

incursão de ambos nessa zona difícil que deveriam atravessar para a conquista de suas aspirações, fizeram-se-lhe presentes nesse momento, talvez para preveni-la no instante inicial de seu percurso.

Com frequência, ocorriam intercâmbios de opinião entre ambos e, apesar da complacência que ele mostrava nessas conversas, não escapava à perspicácia de Griselda certo debilitamento dos propósitos que ele concebera em seu contato com De Sándara; daí que nem sempre coincidissem em suas apreciações, nem tampouco em seus estados de ânimo.

Era um fato evidente que Cláudio estava se descuidando além da conta de seus propósitos de outrora, e que estes já não lhe inspiravam o mesmo entusiasmo. Que causas haviam intervindo nisso? Sem dúvida, a instabilidade de seus pensamentos, ainda não encaminhados na direção desejada. Porém, o que em realidade contribuía para promover essa situação era sua entrega um tanto excessiva à felicidade conjugal, a qual, se o levava por uma parte a propiciar a Griselda as mais delicadas atenções e cuidados, por outra desviava insensivelmente sua atenção para as atrações da vida exterior. Cláudio parecia sentir, agora, um prazer que não havia experimentado antes no contato com o mundo que o rodeava, o que o impelia a desenvolver uma atividade social que se foi tornando cada vez maior e mais exigente. Somando-se a isso as obrigações de sua profissão e o cuidado de seus interesses comerciais, escasso tempo lhe restava para dedicar-se a outras preocupações que não fossem as comuns. Custava-lhe, portanto, retomar o processo de sua evolução interna, em plena fase inicial, e, à mercê de tais oscilações, produziam-se nele reações que perturbavam seu temperamento e faziam sua vontade fraquejar.

Quanto esforço demanda a alma que se dispõe a empreender a formosa tarefa da própria redenção, quando se trata de vencer a resistência furiosa dos pensamentos enraizados na mente, os quais, com tenaz intento de impedir seu afastamento, conspiram incansavelmente contra os desígnios de quem persegue tão nobre quanto louvável conquista! Esse era o drama de Cláudio, e o drama de todo aquele que quer emancipar-se da escravidão de seus pensamentos e da pressão indômita de seus instintos; drama que se desencadeia com maior intensidade no homem, uma vez que a alma da mulher é mais dócil às mudanças que a evolução impõe.

O amor-próprio era em Cláudio Arribillaga — como o é em todo indivíduo — algo similar à soberania que certas nações agitam como bandeira da independência ante as demais, enquanto internamente homens e povos sofrem a humilhação de serem submetidos aos pensamentos despóticos daqueles que os governam sob o império do absolutismo. As mudanças na estruturação mental, sensível e instintiva não podem ser alcançadas mediante repentinas transições. O processo de transubstanciação psicológica e espiritual compreende importantes e árduas etapas da evolução, e em sua realização haverão de experimentar-se as mais curiosas alternativas — ora doces, ora amargas —, segundo sejam as causas que concorram para defini-las. Daí os altos e baixos que marcavam presença na conduta de Cláudio; daí os obscurecimentos de seus estados psicológicos.

As primeiras visitas que Arribillaga fez ao clube, após seu casamento, tiveram o fim especial de estabelecer um novo contato com aqueles amigos que, empenhados em conseguir um maior desenvolvimento de suas aptidões morais e espirituais, ligavam suas esperanças a De Sándara, com quem mantinham frequente intercâmbio de correspondência. Em tais oportunidades, teve ele ocasião de avaliar o grau de afeto e de respeito que dispensavam àquele, bem como a boa disposição com que se entregavam à investigação de seus conhecimentos. Marcos, Justo e Norberto eram os que sobressaíam pela dedicação e os que, com maior naturalidade, ajustavam sua conduta às linhas severas do processo interno de aperfeiçoamento que haviam iniciado. O senhor Malherbe e, com a mesma assiduidade, o professor Moudet compareciam sem falta às reuniões, que umas vezes se realizavam no clube e outras, na residência particular de um ou de outro. Miguel Ángel e Salvador contavam-se também entre os que mais tinham participação naquele círculo, constituído com o fim expresso de intercambiar os resultados de estudos individuais sobre matéria transcendente.

Este novo motivo de interesse havia esfriado a tal ponto em alguns a adesão que os havia agrupado na *peña*, que deixaram completamente de frequentá-la. Apesar disso, esta contava com um bom número de aficionados, que ali acorriam em busca de pueril entretenimento. Por insistentes pedidos de Luciano, Cláudio compareceu várias vezes, embora indo só de vez em quando e com uma disposição de ânimo que, a princípio, era apenas mediana; mas não demorou a contar-se entre os entusiastas. E não somente isso: perdendo de vista o motivo principal que o havia levado a frequentar de novo o clube, dedicou-se à *peña* quase que com exclusividade.

A renovação do contato com tais amigos fez reviver em Cláudio o sentimento de camaradagem que o unia a muitos

deles desde a infância. Ao mesmo tempo, porém, ele dava mostras de haver perdido a prudência que o assistira quando seu pai era vivo, época em que, entre seus companheiros, dava preferência sempre aos melhores.

Obedecendo, sem dúvida, a alguma inclinação frívola que jazia lá no fundo de seu ser, e a despeito de sua sadia constituição psíquica e moral, Cláudio foi cedendo gradualmente à influência dos novos amigos. Avançando o inverno, suas ausências do lar se fizeram notar, e o grupo brincalhão e desordenado de Luciano contou com ele em muitas de suas horas de farra.

Eventuais reuniões no clube, ou diversos encontros por motivos profissionais, foram os pretextos invocados para justificar suas saídas noturnas, e Griselda, que não conseguia afugentar de si as preocupações, via-o mudar gradualmente de conduta e acentuarem-se os sinais de tão incompreensível desvio. Suas atitudes contraditórias, suas vacilações, eram a prova cabal do debilitamento de sua vontade, que cedia ao influxo avassalador de pensamentos em plena efervescência e se dobrava ante o império de seu instinto, ainda indômito e autoritário.

Certa noite, sentada numa poltrona de seu quarto, Griselda lia, à espera de Cláudio para jantar. Ao ouvir o eco de seus passos na saleta, prontamente foi a seu encontro. A instabilidade mental de seu esposo, porém, a havia deixado prevenida, motivo pelo qual se deteve indecisa, ao vê-lo, buscando avaliar o grau da contrariedade que pareceu a ela descobrir em seu rosto.

Instantaneamente, vencendo aquela vacilação, aproximou-se dele e, com carinhosa solicitude, perguntou se alguma preocupação séria o afligia. Mas ele, evitando o olhar límpido com que era observado, mostrou-se esquivo.

— Não jantarei em casa — respondeu secamente, percorrendo em largas passadas o aposento.

— Não...

— Acha estranho?

— Acho estranho, de fato; mas se algum motivo o impede...

— Pois é isso. E um motivo muito simples: esta noite pretendo jantar com meus amigos. Quero retribuir-lhes certas atenções e demonstrar que não desejo me distanciar deles.

— Por que você haveria de estar distanciado?

— Isso mesmo é o que me pergunto! Por quê?!... O que acontece é que, quando a gente se engolfa em preocupações que levam para cima demais, acaba esquecendo que está na terra, e que nela tem de viver forçosamente; e isso de maneira alguma é possível.

— De certo modo — observou Griselda, com prudência, — somos um pouco extremistas ao nos situarmos no ponto oposto, até mesmo nas coisas menos importantes.

— Pois é por isso! Para evitá-lo — disse ele, passando por cima da sutileza, — vou dedicar, de agora em diante, um tempo a meus amigos e outro à realização do que eu pensava.

— Não vejo mal nisso... embora eu não saiba, em realidade, como você fará para que em sua mente não se produzam interposições.

— Não se preocupe! Logo saberei como evitá-las.

Trocou de roupa, tarefa na qual pôs tempo, e despediu-se dela até o dia seguinte.

Insensato! Assim respeitava aquilo que um dia fora tão caro às suas aspirações! A raposa que desdenhou as uvas, argumentando que estavam verdes, sabia que para ela eram inacessíveis, mas ele desdenhava os conhecimentos que se achavam quase ao alcance de sua mão, porque lhe exigiam moderação.

Quanto custa ao homem compreender que pode ser o artífice de seu próprio destino! Era de se esperar de Cláudio um comportamento mais ajustado às suas aspirações, mas era evidente que a juventude governava ainda sua vontade, conduzindo-a pelos caminhos fáceis da vida mundana.

Griselda jantou, naquela noite, em sua suíte; era a primeira vez que Cláudio a deixava sozinha por motivos tão pouco justificáveis.

Patrício, que a servia, entrava em silêncio no aposento e de novo saía, levando e trazendo os pratos, sempre em silêncio. O bom mordomo tudo compreendia, sofrendo por Cláudio com os desvelos de um pai. Repetidas vezes tentou dirigir a palavra a Griselda com o fim de distraí-la, mas, dando-se conta de que de seus lábios não sairiam expressões suficientemente felizes, optou por esmerar-se em sua amabilidade, conformando-se com esse recurso humilde e singelo.

~

Excedendo-se nas concessões de sua amizade, Cláudio naquele dia chegou de madrugada a sua casa. Vinha pensando que poderia ser, talvez, o mais feliz dos homens, bastando deixar que sua vida transcorresse dentro da rotina em que outros vivem, sem ter de se submeter à presença constante desse censor interno que se compraz em apontar as más atuações.

Quando entrou em seu quarto, Griselda parecia adormecida. Aproximou-se dela para confirmar e, nesse instante, percebeu em seu rosto marcas de pranto.

Seu coração apertou-se com força.

Ensaiou em seguida uma explicação que pudesse confortá-la, mas, compreendendo de imediato que nenhuma razão poderia justificá-lo, deixou que se apagasse a explicação em seus lábios.

— Vou procurar evitar novos motivos de tristeza para você, minha Griselda querida... — disse-lhe, finalmente. — Eu lhe prometo isso! Deverei esforçar-me para encontrar a seu lado a felicidade profunda e ampla que minha alma intui, e que tanto custa a meu coração alcançar. Quantas vezes tentei lutar contra os pensamentos que acreditei afastados há tempos de minha mente! Em meio a essa luta, vejo às vezes se iluminarem os recursos que devo esgrimir ante eles, e até sinto como seu estranho poder me defende. Mas esses pensamentos continuam se abrigando em mim, ressentidos, sem recuar na tentativa de perturbar minha vida.

— Compreendo, Cláudio, mas também conheço a nobreza de seus sentimentos e tenho fé na força que você encontrará neles para dominar tais pensamentos.

— Só sei que seus argumentos persuasivos terminam por obscurecer minha razão, desencadeiam meu amor-próprio, atiçam minha intolerância e minha impulsividade e anulam, em mim, toda tentativa de consagrar-me ao bem e à elevação de minha vida. Você desconhece, Griselda, essa faceta oculta de minhas alternativas e, do mesmo modo, os movimentos internos de minha sensibilidade, à procura daquilo a que juntos nos propusemos.

— Entretanto, eu sei que você vencerá um dia, Cláudio! Não ponho isso em dúvida um só instante. Então, já nada se contraporá a seus propósitos, porque eles se haverão transformado dentro de você numa formosa realidade; numa realidade que é o fruto de um cultivo que somente a evolução gradual de nossa consciência permitirá realizar.

Cláudio estreitou-a fortemente em seus braços, comovido por aquelas palavras ternas e reconfortantes.

~

Griselda, longe de abandonar a continuação de seu diário, tornou-se ainda mais perseverante em suas anotações, às quais recorria com frequência quando necessitava desafogar sua alma ou pôr ordem em seus pensamentos. Naqueles manuscritos, que compendiavam a pequena história de sua vida, ela continuava depositando suas mais íntimas e delicadas confidências, nas quais seus estados de ânimo transpareciam, ora tristes, ora plácidos, ora com o alento de esperanças, ainda que poucas vezes alegres como antes.

No retiro agradável de sua saleta, transmitia ao papel, pouco a pouco, o que ia experimentando e compreendendo no curso dos acontecimentos que a comoviam, recorrendo às suas anotações toda vez que necessitava reforçar seus propósitos e atualizar o fruto de alguma de suas experiências.

Sem dúvida, era isso o que Griselda buscava depois daquela noite, na qual sofrera tão profundas comoções, ao deter sua atenção sobre estas páginas de seu diário:

"28 de setembro. Cláudio enfrenta penosas lutas internas, que repercutem profundamente em mim. Seus estados de ânimo me causam desconcerto, espanto e toda a tristeza que é dado experimentar ante a possível derrocada das mais doces esperanças que animaram minha vida. Eu o observo, estudo seus estados em todos os incidentes de nossa breve vida matrimonial e, atualmente, me parece ter compreendido algo do que se passa com ele; mas não posso, não sei ajudá-lo... Cláudio

é de temperamento razoável, mas impulsivo. Felizmente, essa alternativa ingrata de seu temperamento logo cede, se algo consegue comover seus sentimentos. Seu coração é de ouro, mas sua mente o atraiçoa com frequência, nublando a clara compreensão que costuma ter das coisas. Quantas vezes lhe pedi que moderasse os excessos de seu temperamento! Quando, depois da tempestade, serena o marulho dos pensamentos que o obstinam, ele se sente pesaroso. É indubitável que isso o faz sofrer. Entretanto, seu caráter afável de repente se torna áspero, sem que eu descubra sempre o motivo; sofro bastante por isso, mas me consola pensar que com o tempo ele mudará. Sempre acredita ter razão; e, se alguma vez me vê ressentida, maior é seu desgosto; por essa causa, às vezes tem jantado fora de casa, ou tem saído sem razão alguma. Nunca pensei que Cláudio fosse tão difícil de levar... Voltando os olhos agora para mim mesma, por que me tenho mostrado ressentida com ele? Tive de me perguntar isso repetidamente, para poder chegar a ver com clareza dentro de mim. A princípio, aprovei-me totalmente; depois, cada vez menos; agora, estou um pouco mais treinada na discriminação do que faço bem e do que faço mal, daí que procure me manter sempre que possível serena, sem me ressentir. Não consigo estar sempre assim internamente, mas tampouco incorro na torpeza de exteriorizá-lo. Pude comprovar a importância que tem a serenidade nesses casos, já que, quanto mais moderada me encontro, melhor disponho de minha prudência. Junto à satisfação que essa pequena eficiência me dá posteriormente, vejo que consigo neutralizar muitas consequências ingratas.

"Nos últimos tempos, tenho visto Cláudio fazer alarde de muito amor-próprio, e já sabemos quão suscetível se fica quando este se manifesta. Pude observar — apesar de ele dis-

simular bastante isso — que a firmeza de minhas convicções algumas vezes o exaspera. Será que o incomoda, talvez, ver em mim o que por ora ele não possui? Que dolorosa é para mim essa manifestação de seu amor-próprio, meu Deus! Não obstante, quando consegue recolher-se em si mesmo e pensa, é totalmente diferente; é outro; então, sim, é o Cláudio a quem eu quero.

"Faz muito tempo que não recebe carta do senhor De Sándara. Suas notícias o estimulavam tanto!... Pobre Cláudio! Quantas vezes se propôs a adotar firmemente outra conduta e, apesar de meus esforços em apoiá-lo, seu entusiasmo logo decai e seus estados de impaciência recrudescem. Às vezes, vejo-o abatido... É assustador pensar quão inconstantes somos com nossos propósitos; o menor incidente de nossa vida serve para postergá-los, fazendo com que a vontade, que deveria manter-se sempre ativa, se ressinta sensivelmente. Com que chave secreta haveremos de contar, para que possamos conduzir-nos pelo caminho da felicidade sem tropeços, e sem que fatores tão secundários retardem nossos passos? Mariné me ajudaria, sem dúvida, a superar estes obstáculos. Que feliz deve estar Mariné, nesses momentos tão próximos de seu casamento, ela que tem junto a si o homem que tanto sabe de nossas fraquezas e de tudo o que nos é incerto! Sem dúvida, será imensamente feliz ao se casar, uma vez que estará a salvo desses inconvenientes. Ao pensar nela, sinto-me invadida por uma terna alegria. Será que chega até a mim, pelo carinho com que a recordo, uma pequena parte de sua felicidade?

"Em circunstâncias como as que atravesso, não experimento a alegria que deveria experimentar, ao pensar que logo serei mãe; pelo contrário, sinto que com isso meu pesar se aprofunda. Poderia eu ter suspeitado, alguma vez, que Cláu-

dio, a quem tanto amei e amo, menosprezaria um dia estar a meu lado, unindo sua ventura à minha neste instante?

"Custa-me bastante suportar essas inesperadas reviravoltas da vida matrimonial. Entretanto, a ninguém mais que à minha intimidade posso confiá-las. Poderiam meus pais me ajudar, se eu recorresse a eles? Por mais que conheçam e compreendam este tipo de problema, não poderiam ir além do conselho contemporizador, que atua como sedativo, mas que não cura... Além do mais, há um limite que não devo ultrapassar em minhas confidências. Algo mais forte que minha necessidade de desabafo e de amparo me obriga a calar tudo aquilo que, em meu lar, cria uma situação anormal. Como poderia, pois, comunicar, mesmo à minha mãe, ocorrências reservadas unicamente à intimidade? Entretanto, mamãe não parece ignorar o que está acontecendo; observo que se esforça em auxiliar-me, pondo a meu alcance elementos para atenuar muitas situações, e com que discrição e carinho ela o faz! Quão feliz ela se sente, ao pensar que a faremos avó, e que doce entusiasmo ela põe nos preparativos que estamos fazendo para receber nosso primeiro filho! Foram necessárias algumas mudanças na casa, para poder destinar a ele um aposento próximo ao nosso. E não foi difícil; só tive que mudar meu quarto de vestir para a saleta contígua. Agora, estamos por escolher sua decoração, e na escolha desfrutamos, por antecipação, muitas satisfações. Será bem recebida a deusa Lucina! Cláudio desfruta também conosco e compartilha da alegria que se manifesta em mim, quando, juntos, falamos de tão venturoso acontecimento, mas não com a amplitude que eu queria.

"Necessito elevar muito meu espírito; transportá-lo às alturas que o vivificam, para que, dali, ele me ilumine, enquanto trato de descobrir, em todas e em cada uma destas circunstân-

cias que rodeiam minha vida, motivos que me guiem em meus empenhos por aumentar a eficiência de minhas habilidades e me ajudem a levar adiante a formosa missão de minha vida."

"5 de outubro. A que obedecerá este desassossego que me invade tão frequentemente? Algo dentro de mim pareceria estar me impulsionando a buscar a causa. Diria que minha sensibilidade quer conduzir-me ao exame de algum fato sobre o qual não me detive ainda. Faço uma busca dentro de mim e sinto que se define, na zona de meus pensamentos, uma pergunta: Não terei entorpecido ou dificultado alguma vez, involuntariamente, os bons propósitos de Cláudio? Talvez tenha sido um pouco exigente com ele. Um pouco? Tenho certeza?... Antes, de forma equivocada, pensava que, por nos encontrarmos à procura de um aperfeiçoamento espiritual efetivo, deveríamos prontamente deixar de cometer erros. Hoje, que me tornei mais compreensiva, sei, por haver aprendido em minha própria experiência, que estes são a princípio absolutamente desculpáveis. No caso de Cláudio, eu deveria ter sabido dissimulá-los sempre. Fui em todo momento tolerante com ele? Fui bondosa em meus juízos? Suficientemente discreta com seus desacertos? Sem dúvida, não. É que também eu estou aprendendo a frear os efeitos que as contrariedades promovem em mim, e haveria no meu caso uma prematura prudência se minhas atuações fossem sempre corretas. É isto uma desculpa? Talvez seja, mas somente em parte; também é para mim uma boa lição de tolerância.

"É escasso o conhecimento que tenho dessas coisas, mas neste instante me sinto movida a pensar que tal conduta tem de forçosamente promover no varão a reação mental consequente, despertando em sua alma ressonâncias de análoga intolerância. Não poderia de modo algum dizer que é este o

fator preponderante nas alternativas que agitam a vida do meu lar, já que não foram muitas as vezes em que me deixei levar por tão imperdoável erro. Eu me atreveria, porém, a afirmar que, não sendo contido a tempo, poderia chegar a constituir-se num motivo de séria perturbação para o homem, o qual, incomodado pela espreita e pela censura, tratará de safar-se, de um modo ou de outro, das rixas domésticas que sobrevêm por causa disso. Quanto conhecimento se requer para evitar tais incompreensões, ou para neutralizar seus efeitos, quando eles se promovem! Seria, entretanto, auxílio suficiente recordar oportunamente que nossa vida interna, como a de cada semelhante, é inviolável, e que a ninguém assiste o direito de imiscuir-se nela; a responsabilidade só cabe a seu dono.

"Como serena e reconforta meu espírito este acercamento que lhe estou propiciando, e quão saudável é o efeito que seu contato produz em meu ânimo!..."

"10 de outubro. Em nossa época de namoradas, muito nos agrada ser acarinhadas, ser motivo de mil delicadezas por parte do homem que amamos. Depois, ao nos internarmos na vida matrimonial, o panorama muda de modo imprevisto, e constatamos que tais prodigalidades diminuem e até se interrompem. Quão necessário é que nos interessemos por descobrir a tempo até onde somos alheias às causas que deram lugar a essa mudança! Muito tem a ver com isso, sem dúvida, a falta de realidade com que olhamos o futuro matrimonial. Nem ao menos por um instante supomos que, ao nos internarmos nele, tudo irá se encaminhando gradualmente para o natural. Que coisas estranhas nos acontecem! Penso naqueles primeiros tempos, anteriores e posteriores ao nosso casamento, e tudo me parece como que envolto nas cores do sonho... Serei uma desiludida? Em tal caso,

uma desiludida sem mágoa, pois tudo aquilo assumiu para mim o significado de uma festa com que a vida celebra — é certo que quase sempre com extremo excesso de inconsciência — sua próxima iniciação no caminho das realidades, um caminho difícil de percorrer, mas também formoso. Pelo que eu mesma pude avaliar, essa passagem inolvidável da vida pode ter ressonâncias muito diferentes nos corações. Feliz o meu, posso dizer, porque com sua ajuda pude formar em meu entendimento, após o constante palpitar de íntimos anelos, a imagem que hoje me mostra aqueles instantes como um simbólico prenúncio da felicidade que haverei de desfrutar mais tarde, quando, depois de saborear dela as pequenas partes que irei ganhando com o esforço diário, eu tenha conseguido finalmente alcançar sua conquista.

"Meu pensamento pareceria querer deter-se, ainda, na meditação sobre as causas que alteram a felicidade conjugal e agravam o instante em que a vida matrimonial, deixando as abundâncias afetivas, passa a correr pelo leito da normalidade. Alguns casos conhecidos vêm à minha mente, talvez como advertência sobre aquilo que nunca deverei imitar. O de Liana, por exemplo. Liana é uma das amigas de quem mais gosto, e, como me faz confidências, contou-me algumas das coisas que lhe acontecem. Apesar de minha pequena experiência nesses assuntos, percebo que é ela mesma a causadora da situação em que está. A mulher sente na varonilidade um amparo, no qual sua feminilidade se refugia; suponho que o homem, em virtude de sua própria natureza, corresponderá a essa atitude da alma feminina e se sentirá satisfeito, por seu turno, nessa posição de predomínio que sua virilidade lhe confere. O caso de Liana é daqueles em que a docilidade, a brandura com que a mulher aceita no começo a superioridade do homem se transforma ante a primeira contrariedade, vendo-se este, de repente, diante de uma mulher que

discute com ele em pé de igualdade gostos e opiniões, substituindo a suavidade e a brandura de antes pela aspereza que o amor-próprio fomenta. Que efeito pode promover no homem uma conduta assim, tão inesperada quanto inadequada? Sou, não há dúvida, muito nova na observação da psicologia do sexo forte, mas talvez não esteja errada ao pensar que ele há de se sentir diminuído, porque o domínio que, mesmo sem querer, ele exercia sobre a mulher, quando se sentia dono de seu amor e alvo de seu respeito, deve decrescer, ao comprovar que ela somente lhe pertence em parte. Talvez não aconteça a mesma coisa em todos os casos, mas o certo é que, no marido de minha amiga, se produziu uma reação um pouco forte, que hoje o leva a fazê-la sentir, por imposição, aquela mesma autoridade que ela, inadvertidamente, um dia lhe havia auspiciado. Quantas surpresas evitaríamos para nós mesmas, se recordássemos sempre aquilo que pensávamos quando éramos namoradas!... Eu aconselho Liana a que trate de recuperar em seu lar o lugar que lhe corresponde; o lugar que nunca deveríamos perder, que nunca perderíamos, se soubéssemos conservá-lo com o sentido e a compreensão cabal de nossa missão. Pobre Liana!... Ela é boa, e estou certa de que chegará a compreender seu marido, porque o ama."

~

O rude golpe sofrido por Dom Túlio, ao desmoronar-se estrepitosamente sua sólida fortuna, e a insólita fuga do decepcionante caçador de dotes feriram profundamente o orgulho de Nora que, longe de pensar em adaptar-se sensatamente a viver com prescindência do excessivo luxo que até então a havia cercado, ela se rebelou contra a adversidade, lamentando-se com reiterada irrita-

ção ante qualquer obstáculo que a própria força das circunstâncias opunha a seus gostos. Sujeita, como quando era menina, a seu caráter volúvel, caprichoso e irrefletido, e com os insatisfeitos desejos de outrora talvez reavivados, um dia concebeu a ideia de aproximar-se novamente de Cláudio. Tinha-o visto pela última vez por ocasião da morte de Dom Roque; desde então não voltara a visitar a casa, mas não viu inconveniente em frequentar seu escritório.

Enquanto assegurava falsamente que se sentia reconfortada em sua companhia, Nora ocultava sob essa mansidão, que parecia ter origem nas rudes contrariedades sofridas, uma intenção avessa: manter com ele uma vinculação mais íntima. Tão desdenháveis propósitos, escondidos a princípio por detrás das aparências de uma simples aproximação amistosa, estiveram a ponto de alcançar seu objetivo, pois faltou pouco para que a impostora transtornasse o juízo de Cláudio. Aquilo foi para ele uma verdadeira prova. O tipo de vida que nesse momento ele levava predispunha-o a ser presa fácil de tão atrevido assédio, e Nora, por certo, não era mulher de poucos recursos. Dominava melhor do que nunca os perigosos jogos da sedução, o que salientava nela esse tipo de mulheres que vivem para a ostentação e para o desfrute de todas as trivialidades da vida mundana.

Não obstante, algo daquela cordura que sempre o havia protegido das ciladas de sua prima, parecia, também agora, preveni-lo contra ela, sendo isso, sem dúvida, o que o fez um dia pôr fim a tais entrevistas. Uma vez mais, viu-se ela rechaçada, sem que seu entendimento conseguisse vislumbrar, ainda, as consequências desafortunadas que invariavelmente ela atraía sobre si.

O consentimento excessivo com que havia sido criada; a influência das liberalidades em moda, avultando nela com prejuízo das formas sadias e normais do viver; sua natural inclinação para seguir uma trajetória oblíqua; tudo, enfim, havia

contribuído para que Nora crescesse e se fizesse mulher em meio a uma confusão extremamente maléfica a respeito dos conceitos éticos e morais da vida.

Enquanto isso, a conduta desencaminhada de Cláudio vinha preocupando seriamente aqueles amigos que ele quase havia abandonado, alguns dos quais, não obstante, se aproximaram dele repetidamente, procurando influir em sua recuperação. É que ele, apesar das reiteradas promessas que fizera a Griselda, mantinha um ritmo de vida fora de qualquer prudência, frequentando lugares de divertimento que embriagavam seus sentidos e o tornavam frívolo, reservado e, com frequência, tempestuoso.

Foi Norberto, coparticipante de seus ideais mais caros, e penalizado tanto quanto os demais por sua deserção, quem um dia resolveu falar-lhe seriamente, chamando-o à reflexão e à prudência, as mesmas que ele defendera antes com tanto fervor quando se mostrava decididamente inclinado à realização nobre, metódica, compreensiva e consciente de objetivos que interessavam a ambos por igual.

As palavras de seu amigo, eloquentes e sinceras, provocaram nele a evocação de entusiasmos agora desvanecidos, causando-lhe visível perturbação no ânimo ante o súbito reconhecimento do abandono em que havia caído. Em seu rosto, transfigurado pelo desgaste proveniente de suas próprias fraquezas, voltou a aparecer, ao escutá-lo, a expressão de sua clara inteligência, e em seu olhar, antes vivo, espiritual, sonhador, projetou-se novamente o reflexo dos sentimentos de sua alma, sensível ao bem, enquanto repetia a seu leal amigo a promessa formal de seu retorno ao bom caminho.

Atormentado, angustiado, Arribillaga se propôs a seguir tenazmente, a partir de então, a linha de conduta consagrada no foro de sua razão e, apesar de haver reincidido mais de uma

vez no malogro de suas boas intenções, pôde, não obstante, conduzir-se dali para a frente com mais moderação.

Pouco tempo depois, recebeu a visita de Malherbe, que alegou como motivo o fato de haver recebido uma carta do senhor De Sándara, em que solicitava algumas notícias relacionadas com os intercâmbios que costumavam realizar e anunciava o próximo envio de novos elementos de estudo. Sabia que a simples referência a sua pessoa produziria em Arribillaga um efeito psicológico favorável.

Às perguntas que Malherbe lhe dirigira sobre certos objetivos que antes o interessavam vivamente, Cláudio respondeu com hábeis evasivas. No final das contas, porém, pondo de lado seus escrúpulos de consciência, não se embaraçou ao dizer que havia estado saldando contas com o velho Adão.

Disse bem, já que, ofuscado pela efervescência do sangue, sua juventude ainda estava lhe rendendo as honras do culto dionisíaco.

— Lamento — expressou Malherbe, fazendo com a cabeça um movimento de desaprovação. — Isso demonstra que você prefere ficar rondando as possessões da verdade a internar-se decididamente nelas.

— É que o tratamento ali é um pouco severo...

— Severo, não. Mas é diferente, sem dúvida, do que você costuma dar a si mesmo aqui, neste mundo, onde os instintos dominam e onde impera o prurido da contradição que confunde, que desorienta e finalmente malogra até as aspirações mais firmes e nobres do espírito.

Malherbe deixou suas palavras caírem com certo peso sobre Cláudio, fazendo como aquele que, ao disparar uma arma, está seguro de acertar no alvo.

Homem de brilhante atuação na vida pública e figura de muito respeito em sua esfera de ação, Arribillaga não podia

deixar de reconhecer nele autoridade para lhe dirigir tais palavras; por outra parte, Malherbe era uma pessoa pela qual ele sentia grande apreço.

Tenso e sem muito aprumo, mesmo assim contestou:

— Não acho que seja esse o meu caso, senhor Malherbe, pois eu mantenho vivo o propósito de me dedicar a esse gênero de investigações, no qual a própria vida desempenha um papel preponderante.

— O senhor evite, então, doutor Arribillaga, que lhe aconteça o que acontece a muitos que, por querer franquear sub-repticiamente as portas do ignorado mundo metafísico, acabam dando com o nariz nelas... Não alterne irrefletidamente o uso de uma coisa com o abandono de outra, como aquele que hoje escolhe uma roupa que amanhã trocará por outra, porque se cansou dela. Acaso você ignora que os processos da inteligência, que culminam na sabedoria, não devem jamais ser interrompidos, sob pena de se pôr tudo a perder? Não há dúvida de que podemos dar atenção a um novo assunto, caso apareça, mas isso não implica a necessidade de reagirmos negativamente contra os que ocupavam, até esse momento, nossa atenção.

Cláudio permaneceu mudo, como se as palavras de Malherbe lhe houvessem tirado toda possibilidade de objetar.

Intercambiadas que foram algumas outras frases, o visitante informou a Cláudio sobre a próxima vinda do senhor De Sándara a Buenos Aires, notícia que o deixou desconcertado, embora procurasse dissimular isso.

Tão logo Malherbe se retirou, Cláudio deixou-se cair pesadamente numa poltrona, como se o tivessem moído. Pôs uma perna sobre a outra, cruzou em seguida os braços sobre o peito e, por último, buscando uma posição mais cômoda, levantou a mão direita à altura do rosto, segurando o queixo.

Nessa postura ele se manteve por um longo tempo, completamente imóvel.

Que efeito lhe havia produzido aquela notícia, que parecia ter, mais do que qualquer outra força, um poder sobre sua vontade? A perspectiva de encontrar-se em breve com De Sándara havia promovido nele perplexidade. Estava evidente. Não demorou, apesar de tudo, a reagir ante tal impacto psicológico e, como se algo o intimasse a tomar uma determinação, decidiu judiciosamente a enfrentar-se consigo mesmo, antes que as circunstâncias o pusessem na presença daquele. Gradualmente, à medida que se recuperava e discernia em relação às alternativas de sua conduta, foi serenando-se, e em seu rosto — a princípio sombrio, com marcas de preocupação, de luta, de hesitação — deu-se finalmente uma mudança favorável, sinal inequívoco de que já se achava em plena posse de si mesmo.

O que acabava de ocorrer nele? Quão triste e desolado se sentiu a princípio, ao avaliar o cúmulo de seus desatinos! Era esse o resultado de seus meditados projetos, de suas aspirações, de seus entusiasmos? Era esse o resultado de suas conscienciosas resoluções? Necedades e mais necedades. De tudo quanto se propusera, nada havia alcançado, absolutamente nada. Para onde olhasse, aparecia o descuido total da vigilância sistemática que ele se propusera a levar a cabo sobre seus pensamentos.

Ao abarcar a dimensão total de seus erros, Cláudio sentiu afogo, desgosto, angústia, e não pôde classificar-se de nada menos que insensato. Como foi que não descobriu e deteve a tempo esse jogo mental por meio do qual os pensamentos afins com o instinto dão rédea solta a suas inclinações? Só agora, unicamente agora, ao vê-los fugir covardemente, compreendia tudo, reprovando-se por ter-se dobrado a eles. Fugiam para não serem vistos, nem obrigados a prestar contas de suas trapaças. Mas ele conseguiria descobrir

tudo à medida que avançasse no estudo dessa amarga e depressiva experiência. Felizmente, outros pensamentos voltavam a assisti-lo: aqueles que antes o estimularam e que, até ali, haviam permanecido reclusos nas celas de sua mente; eram aqueles pensamentos com os quais partilhara, um dia, os propósitos de aumentar seus valores internos, e dos quais tão pouco uso havia feito para encarar o problema de sua adesão à causa para a qual se sentia inclinado. Ao chegar a esse ponto, Cláudio Arribillaga pensou em seu espírito, e não teve dúvida de que era ele quem o impulsionava nesse momento a retomar as abandonadas posições que, no início de seu alistamento nas fileiras do senhor De Sándara, havia conquistado.

Ao mesmo tempo que sentia crescer e robustecer-se dentro de si uma nova determinação, seguiram manifestando-se em sua mente as lembranças de fatos que, embora o entristecessem, ilustravam proveitosamente seu entendimento. Um grande pesar o invadiu ao pensar em Griselda e em seu lar, edificado com tanto amor e esperança, e imerso agora pouco menos que na infelicidade. Mas ele estava ainda em tempo de evitar que a gota inexorável, transbordando a taça da tolerância, o destruísse. E Cláudio sentiu acentuar-se, no mais fundo de sua alma, livre de travas, o propósito de reabilitar-se.

Rememorou as vezes em que se impusera, sem conseguir, o encaminhamento de seus passos; buscou detidamente as causas que promoveram a violência de suas paixões, identificando-as, por fim, ao recordar os sofrimentos que o amor-próprio fizera que ele experimentasse, por causa de seus primeiros tropeços. A essa altura de seu exame, recordou que estes, longe de servir-lhe de advertência e também de sinal para que atuasse aplicando os conhecimentos que possuía, haviam abatido seu ânimo e causado verdadeiros estragos em sua vontade. Do estado florescente de sua mente — que ele devia ter ampliado

ainda mais, por meio de uma atividade interna sempre crescente — havia passado para uma inércia imperdoável. Com quanta certeza avaliava, nesse momento, as causas que o haviam empurrado para tão deplorável situação!

Como se tivesse chegado em seu exame ao ponto máximo, Cláudio suspirou profundamente e, mudando de postura, afundou a cabeça entre as mãos. Permaneceu assim por longo tempo. Depois, como se isso lhe proporcionasse alívio, deslizou-as repetida e alternadamente, uma após outra, da testa até a nuca. Por fim, pôs-se de pé, refrescou o rosto com água, penteou os cabelos e, depois de ajeitar a gravata, continuou ainda uns instantes diante do espelho, procurando dar uma expressão de otimismo a sua fisionomia. Isso pareceu ajudá-lo a recobrar-se. Pegou com presteza o telefone e discou um número, comunicando a sua esposa que logo estaria com ela para jantar.

~

Com a aparente rapidez que o tempo adquire quando aproxima em seu transcurso os acontecimentos precedidos de grande atividade, assim avançavam os dias no México, antes do casamento de Mariné. Por circunstâncias imprevisíveis, este teve de ser adiado para depois da data estabelecida, coincidindo a celebração com o começo do outono.

Aquele dia, como tantos outros que diminuíam a distância até o evento, havia sido de intensa atividade, sobretudo para Mariné, que era quem respondia pela maior parte do novo movimento que agitava a casa. Ela tinha começado a manhã percorrendo lojas e casas de moda; em seguida, como sempre

ocorre em tais casos, teve aqui e ali algo urgente que resolver, além de alguns detalhes que vistoriar nos toques finais do apartamento que se estava instalando para eles na casa. De quando em quando, era um telefonema apressando uma encomenda ou prevenindo um descumprimento, ou a atenção a um dever social, ou uma ordem aos criados. Por fim, tendo avançado a tarde, Mariné achava-se fisicamente exausta.

Desejosa de proporcionar-se um pequeno recreio no jardim, convidou Ebel a acompanhá-la. Dirigiram-se, como habitualmente faziam, para o lugar mais espaçoso e acolhedor, situado na parte posterior da casa, e ali escolheram para o descanso um banco situado junto ao muro divisório, sobre o qual as roseiras, esgotadas pelas agruras de uma longa estiagem, ostentavam suas últimas flores.

Fazia o melhor tempo que se pudesse desejar, com a temperatura suave, a atmosfera diáfana e como que ausente. Uma grande tranquilidade inundava o alegre parque. Somente os pássaros interrompiam a quietude da tarde. Ao término de sua afanosa movimentação diária, mostravam-se ativos na procura do último alimento. Das ramas de um imenso cedro — sua morada —, projetavam-se até a grama, uns primeiro, depois outros, em busca de algum grão ou semente, ou do verme que surgisse imprudente à superfície. Dali, retornavam precipitadamente até seu refúgio, onde, com grande esbanjamento de vitalidade, revoluteavam e mesclavam seus buliçosos gorjeios, como faziam sempre e com igual energia tanto no término como no começo da jornada, em cada amanhecer.

Uma grande felicidade transparecia nos rostos de Mariné e Ebel, enquanto confundiam num doce diálogo a efusividade de seus corações.

— E se depois de um tempo eu não fosse tão ideal como você pensa?... — dizia ela, brincando.

— Você acha que não haveria uma maneira de remediar isso?

— Oh, sim!... E por certo eu trataria que fosse a mais fácil.

— A mais fácil?...

— Por que será que você sempre gosta de me perguntar o que já sabe?

— Pois então não me diga. De qualquer maneira, sei que não haverá necessidade de recorrer a nada. Não acabo de dizer que você será uma esposa ideal?

— Tanta confiança me compromete, Ebel, e eu jamais gostaria de decepcioná-lo.

— E não decepcionará, Mariné, estou certo disso; certo de que você será para mim a mulher que sonhei nos anos de minha juventude, e a quem acariciei entre as coisas mais queridas que meu coração tenha acalentado. Há algum pensamento que eu tenha e que sua sensibilidade e seu amor por mim não descubram?

— Isso não é difícil, de forma alguma, quando se concebe a compreensão de um amor grande e puro. Em servir a esse grande amor empenhei minha vontade e, com ela, minha vida toda... Servi a ele como se serve a uma causa: com abnegação, com pureza de sentir e com a alma inteira. O amor que sinto por você é único: nada nem ninguém pode nem poderá jamais alterar meus sentimentos. Mas sei também, porque li isso em seu próprio coração, que ninguém me afastará do lugar em que você me colocou.

Destacavam-se, em Mariné, os sinais inconfundíveis do espírito que já reina sobre a vida que ele anima. Guiada por Ebel na aprendizagem do conhecimento transcendente, que

propicia a manifestação consciente e sem limitações do espírito, ela participava em plena juventude das riquezas do mais precioso legado. Daí que a lei de herança se mostrasse nela com tanta evidência, ao dar a seu ser, além dos perfis característicos da maturidade espiritual, o gozo dos bens convertidos em virtude, os quais, acumulados ao longo da evolução alcançada nos diversos períodos de existência, formam, ao se somarem, a essência mesma do espírito que protagoniza os tempos de vida neste mundo.

Ao expressar a Ebel seu amor, ele percebeu, em sua inflexão, o tom que a voz humana adquire quando, em sentidas palavras, expressa algo mais que uma confissão. E, como se de longínquos tempos lhe chegassem ao espírito pensamentos reveladores do mistério de Eva, surpreendeu em sua vida e na de Mariné detalhes evocativos de tão primorosas criaturas. Com que luminosidade seu entendimento concebeu a imagem cândida e celestial da primeira rainha do mundo!... Sob a influência dessa imagem, Mariné lhe parecia transfigurada, como se nela se refletisse toda a graça com que havia sido adornada a figura física e moral da mulher. Não pôde senão recordar-se, então, daquele episódio em que as próprias hierarquias celestiais se sentiram comovidas ante a beleza e esplendor da dona do Paraíso.

Enternecido pelas palavras que ouvira dela, e sob a exaltação de tão fugaz projeção de imagens, ele lhe disse:

— Nesse Paraíso onde juntos aprendemos a lição dos séculos, você reinará comigo, Mariné... Você, compreendendo com toda a lucidez as três fases da sublime experiência edênica; eu, cumprindo com consciência os preceitos encadeados ao longo da história, para reivindicação do gênero humano. Você, mostrando-me os encantos de sua sensibilidade; eu,

descobrindo os enigmas do sexo, refletidos na evolução de sua alma. Ambos, você e eu, oferecendo-nos mutuamente, a um só tempo, a excelsitude de um amor que busca seu conduto fora da órbita humana, para internar-se nas inefáveis regiões onde moram os sentimentos mais puros, de essência incorruptível, salvaguardados pelas piedosas mãos da eternidade. Oh! como não experimentar a adorável embriaguez que o obséquio de tão inapreciável ventura promove em nossas almas!

— Uma doce emoção me embarga, Ebel. Sinto como se uma luz interior, iluminando meu espírito, me deixasse ver, sem exceder minha razão, o segredo que se oculta entre as dobras de um momento feliz. Nessa mútua comunicação do sentir, podemos olhar a fundo em nosso ser e nos convencer de que a intimidade é inexpugnável quando nela se abrigam os sentimentos que dão conteúdo ideal às expressões da alma.

— Tudo faz parte, minha querida, desta formosa vida, tão nossa. Cada pequena variante matiza e mantém a doçura do viver, sem que um só instante se torne jamais sem sabor. Aprendemos isto nesse mundo das maravilhas imateriais e invisíveis, que tem uma imponderável influência sobre a vida física.

Após uma pausa, e tal como se regressassem do âmbito sublime da idealidade, voltaram a encontrar-se na mútua compreensão de suas próprias aspirações, sujeitas às realidades do mundo em que viviam.

Algumas estrelas surgiam no céu ainda claro, e as luzes começavam a acender-se no interior da casa, quando os dois abandonaram o jardim.

O tão esperado dia do casamento chegava já a seu fim.

Ao dar a meia-noite, entregues à sua ventura, Mariné e Ebel partiam de automóvel rumo ao local escolhido para desfrutarem a lua de mel. Inibida pelo efeito crescente das emoções que a embargavam, ela permanecia em silêncio, enquanto desfilavam por sua mente, sem que fizesse esforço algum para atraí-las, as imagens dos acontecimentos que, hora após hora, havia vivido desde a manhã. Umas vezes, era a cerimônia do casamento a que lhe ocorria, tornada solene pelo sentimento que dera ao ato seu verdadeiro significado; outras, a recordação da festa, que havia alcançado dentro do círculo familiar um brilho especial, como se tudo ali se houvesse reunido para realçar o acontecimento que se celebrava. Lutavam por colocar-se em primeiro plano aquelas imagens que reproduziam as cenas mais doces ou mais comoventes. Entre estas, insinuava-se com força evocativa o terno e emocionado abraço de Cristina, ao despedir-se deles; entre as primeiras, o olhar extremamente feliz de Ebel, no instante de aprovar seu traje nupcial, que ela escolhera com tanto cuidado.

Vencido o percurso entre a Capital mexicana e o lugar de destino, os recém-casados viram-se finalmente alojados num apartamento do hotel escolhido para sua permanência.

Na sala contígua ao quarto conjugal, onde havia deixado Mariné sozinha, Ebel esperava o momento de se apresentar ante sua dona. Consciente da transcendental natureza desse instante, buscava em seu coração a fonte de ternura que dava alimento àquele amor, para que seu espírito, assim preparado, pudesse penetrar a fundo no mistério que se oculta detrás do acontecimento nupcial.

Enquanto isso, sentada diante do espelho, Mariné arrumava os cabelos, cujas suaves ondulações ela repuxava com o

pente até a nuca, de onde caíam até quase roçar-lhe o pescoço. À sua frente, projetava-se seu delicado rosto, de feições harmônicas e graciosas, lábios bem traçados e uns olhos de mirada inteligente e profunda, que tanto a embelezavam. Uma imperceptível turbação coloria suas faces, normalmente pálidas. Observou-se durante um tempo, levantando-se em seguida; fez diante do espelho alguns movimentos, para melhor observar o efeito de sua bonita roupa íntima e, em seguida, tomando sua frasqueira, retirou dela um pequeníssimo embrulho.

Entrando no quarto, Ebel surpreendeu aquele movimento.

— Alguma novidade me aguarda?... — perguntou com vivacidade, pressentindo o presente.

— Talvez... — Mariné respondeu, apresentando-lhe com naturalidade o objeto na palma da mão.

— É meu presente de casamento. Eu o tinha reservado para quando estivéssemos a sós.

Desembrulhando-o, Ebel achou-se diante de um pequeno e delicado estojo, do qual extraiu uma medalha. Advertido por Mariné de que ele guardava um segredo, abriu-o em seguida. Sobre um fundo esmaltado, de cor azul, apareceu um pequeno coração realçado em ouro, sobre o qual se podia ler claramente: "Mariné a Ebel"; abaixo, havia uma data e, mais abaixo ainda, seguindo a curva posterior do relevo, esta inscrição: "Perpetuamente".

— Que significa esta data, Mariné? — ele perguntou, rodeando-lhe a cintura com um braço, enquanto sustentava com a outra mão o presente, símbolo de um sentimento que viveria eternamente.

— O dia em que senti despertar meu amor por você, Ebel... Desde então, eu o amei com veneração, porque você tem sido tudo para mim.

Ele a atraiu para si e seus lábios se uniram em pura expressão de amor.

— Querida Mariné — expressou em seguida, com ternura, — ao vê-la hoje com o traje nupcial, que é símbolo de recato e de candura, não pude deixar de compará-la, em minha mente, com as vestais que atiçavam o fogo purificador nos altares da deusa a quem rendiam culto... Você, à semelhança delas, me oferece o fogo sagrado que alenta sua vida, para que eu perpetue em você a sublime pureza que se desprende de todo o seu ser, como um perfume celestial que, sem embriagar meus sentidos, deleita meu espírito e me permite prolongar indefinidamente este instante, durante o qual infundo em mim a certeza de sua realidade.

Um prolongado silêncio seguiu-se às suas palavras. Na intimidade de seu pensamento, Mariné viu a si mesma acompanhando-o nos trechos e incidências da vida que durante anos ele lhe havia ensinado a viver, e nele se afirmou a certeza de que ela seria, dali em diante, sua exclusiva confidente em todas as suas criações mentais, bem como nas descobertas que, como fruto de sua ciência e experiência, a partir de então ele fosse dando a conhecer ao mundo. Ele a via dedicada com afã à obra dele, como se os dias e as noites, confundindo-se entre si, deixassem que entre ambos se mostrasse permanentemente a diáfana claridade do espaço, ali onde o tempo gravita inexoravelmente sobre os espíritos que não se nutrem de sua essência eterna. Ela, Mariné, agora o desposava, confirmando as núpcias com que um dia havia unido seu espírito ao dele, quando resolveu segui-lo por onde ele fosse.

Com a cabeça apoiada no ombro de Ebel, Mariné permanecia calada. Somente uma leve agitação de seu corpo denunciou o profundo efeito daquele sublime instante.

O encantamento inundou pouco a pouco suas almas. Apagaram-se as luzes da contemplação externa, e ambos se buscaram no mais íntimo de seus corações, para experimentarem a comoção divina que se produz no espírito, por força da correspondência de um amor que não conheceu nem conhecerá rival que o dispute.

Chegou a manhã.

Um indiscreto raio de luz, abrindo passagem no quarto, banhou o rosto de Mariné, com risco de interromper-lhe o sono. Velando por seu descanso, Ebel apressou-se em fechar a cortina, sentando-se em seguida junto a ela. Enquanto aguardava paciente seu despertar, pensou na trajetória de suas vidas.

Não se apagaria jamais de sua memória a aparência dos olhos dela, aquela expressão de surpresa de seu rosto, nem a inefável emoção que sua alma de menina experimentou quando o viu pela primeira vez. Tampouco poderia olvidar a impressão que aquele olhar e aquela expressão produziram nele. Seria esse o instante em que se reconhecem as almas que durante muito tempo se buscaram? Ele havia experimentado a sensação de ter visto aqueles olhos em longínquas idades, das quais seu espírito parecia conservar reminiscências cuja força evocativa coincidia com o que seu próprio coração lhe anunciava.

Quantas recordações queridas acorriam à memória de Ebel, como se desejassem estar presentes naqueles momentos em que a felicidade inundava seu coração de ventura!

Continuou evocando Mariné em sua infância, quando Cristina e ele, disputando seu carinho, se divertiam como crianças, ao perguntar-lhe de qual dos dois ela mais gostava. Imediatamente, repontaram fugazes os graciosos protestos dela para safar-se do aperto, e sua expressão de triunfo, quan-

do, após provocá-lo, escondia o rosto para não ver sua reação e empreendia a fuga, pondo-se a salvo de sua perseguição.

Coisas de meninota, e também do afeto!

Um dia, a roda do vestido de Mariné anunciou que a menina se havia transformado numa senhorita. A partir de então, seu amor por ela — amor de pai, de amigo, de irmão — foi mudando de natureza, e apareceu em seu lugar um sentimento mais vivo, pleno de ardor juvenil. Àquela mudança seguiu-se um discreto distanciamento; um distanciamento que coincidiu com reservas igualmente discretas por parte de Mariné, cujo caráter, antes alegre e livre de preocupações, se havia tornado triste e recolhido em si, a ponto de inquietar sua tia, que começou a proporcionar-lhe festas e passeios, a fim de abrir caminho às expansões naturais de sua juventude, caso estivessem contidas. Marcas de pranto, amiúde impressas em seus olhos, não demoraram a mostrar a ineficácia de tais recursos. A situação exigia, pois, uma outra saída, e ele a procuraria.

Indo além em sua evocação, Ebel alcançou o instante em que, junto a Mariné, se dispunha a interrogá-la. A luz que então iluminava o jardim, filtrada pelas cortinas que guarneciam as janelas de sua sala de trabalho, dava ao ambiente a suave claridade do satélite em plenilúnio. Ali, após a primeira pergunta, sobreveio o desfecho. Os belos olhos de Mariné, elevando-se para ele, deixaram surpreender em sua mirada um fulgor tão particular que o arrebatou. Sob o influxo daquele divino feitiço, Ebel sentiu que lhe renasciam todas as forças e esperanças da juventude. Tal como se tudo se houvesse explicado no fundo de seus corações, ambos se olharam em silêncio. Em Mariné, resplandecia a inocência com graça incomparável.

Com delicioso encanto, seguiram afluindo à sua mente recordações gratíssimas. Quão terno e sublime havia sido para ele o momento em que viu culminar, com matemática precisão, dois processos sentimentais paralelos: o dela e o seu! O amor de ambos, mutuamente correspondido, parecia-lhe qual dois rios que, ao se buscarem, encontraram um leito comum. A alegria alcançou em suas almas os níveis mais altos da bem-aventurança. Naqueles momentos, ele não poderia precisar a duração desse inefável fragmento de eternidade, mas sim o que significaria o amor de Mariné em sua vida.

Como estas lembranças alentavam a Ebel!... Sabia ele que o homem podia fazer muitas coisas grandes em sua vida, mas também sabia que, unido a uma mulher inteligente, capaz de compreendê-lo, podia chegar a ultrapassar os limites do humanamente possível. Pensando em tudo isso e nas belas condições que adornavam Mariné, pronunciou com voz inaudível estas palavras: "Oh, meu doce amor, que me segues confiante através do espaço, como se fosses uma parte inseparável de minha vida, enquanto viajamos a caminho da eternidade! Eu farei com que teu nome, imortalizado por meu pensamento, cruze mares e continentes e perdure nos ouvidos humanos como símbolo de uma vida embelezada ao máximo pelo exercício consciente de virtudes que em ti se tornarão prodigiosas."

Mariné fez um ligeiro movimento, com evidente propósito de continuar o sono, mas, nesse exato instante, uma sensação muito sutil pareceu adverti-la da presença de alguém a seu lado, e abriu os olhos. Vendo ali seu dono, abraçou-se a ele como se voltasse a si depois de haver transcendido, com felicidade, as fronteiras que separam da esfera terrestre o mundo incorpóreo da suprema ventura.

Havia nos olhos de ambos fulgor de encantamento. Suas almas, em mútuo transporte contemplativo, preferiram a doçura do silêncio a qualquer outra exteriorização.

~

No lar dos Arribillaga, a felicidade, que por vários meses se havia mostrado esquiva, começava outra vez a oferecer-se, anunciando sua presença no ritmo de normalidade com que a vida voltava a desenvolver-se nele.

A chegada de uma formosa menina, com seu poderoso incentivo, havia contribuído para isso, tal como uma remessa que tivesse chegado do céu no devido tempo, a fim de consolidar a sensação de confiança que começava a insinuar-se dentro do âmbito familiar.

No primoroso berço, adornado com a graciosidade que parecia querer traduzir todas as ternuras do amor maternal, a pequeníssima Adriana dormitava na inconsciência de seus primeiros dias. Ali, no quarto onde começava a viver, o gosto e a previsão haviam conseguido reunir, em feliz combinação, tudo o que a folgada situação econômica permite pôr ao alcance de uma criança, em benefício de sua boa criação e da melhor formação de seu caráter. Claridade, comodidade, cores apropriadas às sensações infantis, graciosas pinturas murais e muitos outros motivos para recreação da inocência cercariam a menina enquanto crescesse. Mas, acima de tudo isso, nada a terna Adriana haveria de valorizar tanto, se lhe fosse possível compreender, como a presença de sua mãe, atendendo-a a todo o instante e envolvendo-a, também assim, com a doçura de seus pensamentos, como uma proteção que obedecia a exigências de seu imenso cabedal afetivo.

Começava dezembro, assinalando para o casal Arribillaga a alvorada de seu segundo ano de existência conjugal.

Portadora de agradável mensagem, certa manhã chegou para Griselda uma carta de Mariné. Anunciava a chegada dela a Buenos Aires no próximo mês de janeiro. Seu ânimo de tal forma se alegrou com a confirmação de tal visita num futuro tão próximo, que não pôde postergar o momento de comunicar o fato a Cláudio. Correndo ao escritório, onde ele se achava, cumpriu com grande vivacidade esse propósito, como se com isso quisesse fazê-lo partícipe das luminosas esperanças que ela sentia penetrar com força em sua alma, por motivo da chegada de seus amigos.

— Ficou alegre com a notícia? — ela perguntou, apoiando as mãos sobre a escrivaninha e sorrindo, enquanto o olhava.

A aprovação que se projetou na fisionomia de Cláudio teria por si só bastado para enchê-la de satisfação, mas, dando maior calor ainda a sua resposta, num gesto súbito de íntimo desafogo, tomou ele entre suas mãos o belo rosto de Griselda e o beijou com ternura.

Era inegável que, cedendo às exigências da firme determinação que tomara, ao perceber as consequências danosas que a falta de um governo interno capaz de reger a vida lança sobre o próprio comportamento, Cláudio vinha fazendo, havia tempos, esforços muito meritórios. Apesar disso, porém, as coisas não haviam chegado ainda, entre ambos, a essa franca e íntima correspondência que sempre os havia unido. Um sinal evidente de que ele não se achava totalmente recuperado era a falta de continuidade com que participava dos estudos que seus amigos realizavam. Griselda tinha, pois, razão para nesse momento se sentir reconfortada, porquanto a expressiva demonstração de Cláudio dava asas às suas esperanças de ver desaparecer muito rápido os

últimos vestígios de dureza que ainda se mostravam impressos em seu caráter. Entretanto, não demorou muito a sentir-se defraudada, ao ouvi-lo dizer, com claros sinais de autossuficiência:

— Estou seguro de que essa visita me dará a oportunidade de dissipar algumas dúvidas que continuam violentando meu espírito.

Griselda percebeu rapidamente como o amor-próprio, ainda ressentido, acabava de incitá-lo a dissimular, com pretextos pueris, seus descuidos anteriores. Entretanto, sem dar resposta a essas palavras, e sem mudar tampouco sua atitude alegre e confiante, procurou interessá-lo no conteúdo da carta que ela tinha consigo, lendo-lhe com tal propósito alguns parágrafos, nos quais Mariné dizia estar contentíssima de realizar aquela viagem e falava da impaciência de Cristina por conhecer a pequena Adriana. Tratou de não dar muito realce aos trechos onde ela falava da felicidade que havia encontrado em seu recente casamento, e concluiu realçando, com mostras de júbilo, sua própria felicidade, que lhe permitia receber seus amigos num lar agora animado pela presença de um filho.

Como se suas próprias preocupações o atraíssem mais que outra coisa, obrigando-o a não se afastar delas, Cláudio se manteve calado, quase ausente, e Griselda, que o observava atenta, notou inesperadamente uma nova mudança, quando ele, com voz franca, ainda que doída, expressou:

— Parece-me sentir, minha querida, que dia a dia melhoram minhas condições para enfrentar, sem riscos, as mudanças que toda renovação de conceitos exige. Acho que, com empenho, e sem poupar esforços nem tempo, poderei favorecê-los.

A atitude bondosa com que Griselda correspondeu àquela frase demonstrou a Cláudio, com maravilhosa eloquência, quanto suas palavras a haviam reconfortado. Satisfeito pelo

apoio que isso significava para ela, não pôde deixar de pensar no efeito desastroso que uma manifestação de dúvida ou desdém lhe teria ocasionado. Fugazmente, mas com força incontível, uma vez mais passou por sua mente a recordação dos projetos que sua inconstância postergara e, com vergonha de si mesmo, confessou com profunda dor a Griselda, como nunca havia feito, seu arrependimento.

Naquele momento de intensa emoção, da alma dela se desprendeu um soluço.

— Por que você chora?! — ele perguntou-lhe.

Griselda enxugou as lágrimas que lhe embaciavam os olhos e, pousando nele o olhar, que iluminou com um doce sorriso, respondeu-lhe:

— Talvez seja porque meu coração me anuncia a chegada de dias muito venturosos.

— Oh, claro, querida!... Farei tudo que depender de mim para que seja assim.

Em sua voz, Griselda percebeu uma nova expressão de firmeza e, em seus olhos, viu surgir o fulgor da sinceridade que aparece nas pupilas, quando aquilo que se expressa corresponde aos ditados de uma profunda convicção.

Com palavras que mais pareciam um arrulho, e entre carícias que deixavam transluzir doçura e sinceridade, ambos renovaram suas promessas de amor eterno, sob os auspícios de uma nova compreensão, baseada numa mútua solidariedade espiritual. Quão felizes e revitalizados se sentiam agora, depois de remover com acerto os últimos obstáculos que estorvavam sua marcha pelo caminho da superação!

Silenciosamente, como as andorinhas que vão em busca de uma nova primavera, assim foram Cláudio e Griselda, no dia seguinte ao da chegada de seus amigos, para o hotel onde eles se hospedavam, em busca daquilo que ainda faltava a suas vidas e que as deixava inseguras.

Convidados a subir ao apartamento que eles ocupavam, logo se encontraram à sua porta. Algumas leves batidas uniram instantaneamente, qual toque mágico, dois períodos de tempo: aquele em que se viram pela última vez e o presente, como se o vivido entre ambos os tempos pertencesse a uma das tantas vidas que aparecem configuradas na existência humana.

Foi amplo e cordial o gesto com que De Sándara e Mariné receberam seus amigos, e emotivo o cumprimento de Cristina aos dois, especialmente a Griselda, a quem abraçou com grande alegria.

— Quanto temos que conversar!... — disse esta última a Mariné, tão logo cessaram as efusividades; e acrescentou depois, dirigindo-se a De Sándara: — Amanhã ou depois, se o senhor não se importar, nós a roubaremos o dia inteiro.

— De forma alguma vou me importar! — ele respondeu-lhe. — Além do mais, isso será um grande prazer para Mariné. Mas você não deverá estranhar, Griselda, se depois, confiando na bondade de seu marido, nós também a raptarmos...

— Estamos inteiramente às suas ordens — expressou Arribillaga, que acrescentou, correspondendo à brincadeira: — O que terei de lamentar é não ser raptado eu também.

— Você em verdade teria interesse nisso? — De Sándara replicou, de um modo muito significativo.

Cláudio experimentou de pronto uma rara sensação de aturdimento e, em seguida, como se aquelas palavras tivessem atingido o ponto para o qual iam dirigidas, acabou enrubescen-

do. Como poderia alegar interesse, se ele, quando o elevaram ao palácio incorpóreo da vida mental, havia se atirado pela janela sem dar tempo a que lhe explicassem as vantagens ali oferecidas?

Recuperou-se, entretanto, e respondeu:

— Talvez muito mais do que parece, senhor De Sándara. Se as pancadas são úteis para avivar o espírito, por que não há de ser o meu, neste momento, quem me induz a buscar em sua companhia aquilo que agora me poderia ser duplamente benéfico?

Em consideração a tal resposta, e ao mesmo tempo estimando oportuno deixar as senhoras com liberdade de expansão, De Sándara convidou Cláudio a descerem ao bar, e ali se instalaram.

Sentado próximo a seu amigo, Arribillaga não duvidava de que o pensamento deste já havia abarcado seu passado imediato, mas, disposto a ser franco, em obediência ao nobre ditado de sua consciência, relatou-lhe sem omissões as alternativas pelas quais acabava de passar.

— Como o senhor pode ver — disse ao terminar, com sentimento, — eu não soube frear o potro que corcoveava em mim, e montado em seu dorso fui até onde ele quis me levar.

De Sándara, que o havia escutado com muita atenção, respondeu com estas palavras, que seu tom afetivo tornava menos severas:

— Em tais condições, pensava você que poderia realizar a proeza de sua conversão? Quando não se está à vontade com a vida que se leva, quando já se entreviu que existe outra mais honrada, mais generosa, mais ampla, e a ela se aspira, só nos resta uma alternativa: mudá-la. E não se esqueça de que o tempo que deixamos passar, sem registrá-lo fielmente em nossa consciência, é tempo que não volta, e que subtraímos daquele que pensávamos desfrutar.

— Compreenderá, senhor De Sándara, que não posso deixar de me censurar pela descontinuidade e pelo abandono em que incorri, causas inquestionáveis de muitos estados incertos e confusos pelos quais eu passei depois.

— Isso lhe mostra quão frágil é o ser humano, cuja personalidade, em aparência forte, porém em realidade débil, inconsistente, quebra-se e se faz em pedaços, vencida por sua própria inoperância. Somente quando surge a individualidade, modelada no crisol das lutas internas que se travam para sobrepujar os estados incipientes de consciência, o homem se transforma num ser inquebrantável. É o primeiro triunfo efetivo sobre si mesmo. Antes, porém, de alcançar o cetro, ele deve deixar o báculo em que apoia suas debilidades e andar direito, como andam os fortes e os retos, pelo caminho da mais alta das ciências: a do conhecimento universal e humano em sua essência eterna.

— Mas não deixa de ser verdade que a empresa às vezes exige esforços tão grandes, que caímos abatidos pelo peso das imposições que fazemos a nós mesmos, com o propósito de levá-la até o fim.

— Isso ocorre, amigo Arribillaga, precisamente por se exigir da própria fortaleza, sem uma medida, sacrifícios que, por serem exagerados, fazem com que ela se ressinta, motivando a reação quase sempre violenta do instinto.

— Então, o que devemos fazer?

— Ser comedidos, só isso, tanto nas demandas da natureza inferior, cujos excessos frearemos, como nos arroubos de entusiasmo que se promovem depois das primeiras manifestações conscientes do espírito. Duas tendências lutam em constante rivalidade dentro de cada indivíduo: a baixa, marcadamente extremista e dogmática, e a elevada ou liberal, que busca

a conciliação e o equilíbrio. A isso obedecem as flutuações do pensamento humano, e, enquanto não se tenham dominado as fortes pressões da natureza inferior, se estará exposto a cair uma e mais vezes, como acaba de acontecer com você, nesses estados de crua desorientação.

— Se pudéssemos, como ponto de apoio, abarcar a essência conceitual desse preceito...

— Para isso, só é preciso saber apreciar o fundo da questão, traduzindo-o em máxima moral. Surgirá assim, ante os olhos, uma realidade tão formosa como instrutiva: por um lado, a vida superior, florescente e exuberante em perspectivas felizes; por outro, a vida intranscendente, comum, sem conteúdo específico, vivida ao acaso, como a vive o vulgo, sem que represente absolutamente nada para o ser que a encarna. Em tais condições, o que se é? Nada. Um ser embrionário, vegetando ao longo de toda uma vida insubstancial, de uma vida em que não poderá satisfazer nunca a necessidade íntima de constituir o ser íntegro, individualmente liberado e capaz.

— Mas custa muito abandoná-lo.

— Custa, é verdade, abandonar o pretenso ser de que o homem tanto se vangloria; e tarde se chega ao convencimento de que o material fica na terra, e o que é do espírito a ele volta no universal e eterno de sua existência. Eu já vi cair muitos dos que subiam penosamente a encosta da sabedoria; eles me recordam a tragédia do filho de Éolo. Não é possível empurrar para cima a massa inerte da vida terrena, nunca satisfeita, sem que sua estabilidade perigue. O enriquecimento da consciência favorece a evolução do espírito e promove, ao mesmo tempo, o desapego gradual da vida comum, sem que isto queira dizer que devamos abandonar o mundo em que vivemos, nem desatender, tampouco, a suas exigências; pelo contrário, nós nos sentiremos

nele mais à vontade, evidentemente com a condição de que vivamos honrando nossos espíritos com pensamentos e ações que deem maior hierarquia àquilo que, durante séculos e milênios, o homem inferiorizou por ignorância e inconsciência. Nada haverá de ser mais grato à criatura humana, nem lhe poderá causar maior prazer, do que cumprir com esse recôndito mandato da consciência. Somente assim, pelo conhecimento e pela virtude, se poderá restabelecer no indivíduo a ordem moral, que devia ser incorruptível. Então, sim, caberia esperar a suspensão dessa sanção que parece pesar sobre as almas como dívida não cancelada.

— Concordo com tudo o que o senhor acaba de expor, senhor De Sándara, mas insisto que a tarefa do aperfeiçoamento é árdua; quase que se poderia dizer: superior a nossas forças. O predomínio que a influência da matéria tem sobre nossa vida justifica, em parte, os conflitos internos que se produzem entre ela e o espírito.

De Sándara sorriu benevolamente, pensando na necessidade que o homem sempre tem de inventar uma razão para justificar o tempo que perde. Não obstante, quão real era o que seu amigo acabava de manifestar, como reflexo do que havia acontecido com ele.

— Não resta dúvida que a tarefa do próprio aperfeiçoamento exige esforço — ele concordou. — Não é questão de uma simples manipulação especulativa. Porém, não devemos fazer como aquele que, ao se iniciar na aprendizagem de uma arte ou ofício, pretende dominar imediatamente o que é tarefa de tempo e paciência. O ressurgimento dos valores e das qualidades somente se torna realidade no indivíduo quando ele começa a trabalhar pela ressurreição de sua alma em recônditas esferas de consciência, e é no desempenho de tal função que o homem se converte em seu próprio redentor.

Em seguida, como remate daquela conversa, De Sándara acrescentou, dando a suas palavras um tom mais afável e cordial:

— O acesso ao mundo dos conhecimentos causais tem, é inegável, um elevado preço, meu amigo. Mas não se assuste, porque a todos nós é concedido um amplo crédito, cuja vigência está relacionada com nosso cumprimento; em nós está, pois, nos beneficiarmos com ele ou perdê-lo.

Essas reflexões deixaram Cláudio fortemente estimulado. Ante o simples enunciado dessas possibilidades — que seu espírito, ávido de liberação, novamente anelava com sadio e nobre entusiasmo —, voltou a brotar dentro dele o enxerto virtual que os pensamentos frívolos, procriados pelo abandono, haviam truncado, tal como as formigas truncam os tenros brotos de uma roseira. Impulsionado por essa reativação de energias, expressou a De Sándara, com palavras impregnadas de sinceridade, sua resolução de se entregar com integridade ao cultivo de tais preceitos, mas este, chamando-o à prudência, o fez notar que essa promessa devia ser formulada a si mesmo, a fim de que a própria consciência, tomando o encargo de seu cumprimento, lhe evitasse todo risco de engano.

Cláudio e Griselda regressaram daquela visita extremamente felizes.

Em casa, Dona Laura os esperava, tendo passado a tarde ao lado da netinha. Em seguida reuniu-se a eles o doutor Laguna, e jantaram juntos. Passaram alegremente aqueles momentos, comunicando-se as novidades e fazendo planos para o dia seguinte, quando teriam desde a manhã Mariné e Cristina com eles, e muito provavelmente também De Sándara para o almoço.

Patrício partilhava igualmente a animação de seus patrões, demonstrando isso no interesse e presteza com que recebia as ordens e se encarregava de todos os preparativos para acolher dignamente os hóspedes.

~

No dia seguinte, a manhã ia pela metade quando Mariné entrou na casa dos Arribillaga, acompanhada pela senhora Cristina de Landívar. Tudo ali parecia respirar a comunicativa alegria de seus donos.

Vozes festivas invadiram muito prontamente o interior do grande vestíbulo. Dona Laura e sobretudo Cristina comemoraram muito aquele instante em que se conheciam e o começo de uma amizade que, havia tempos, desejavam estabelecer.

Precedidas por Griselda, subiram a escada que conduzia aos aposentos superiores, estando Mariné ansiosa por conhecer a filhinha de sua amiga. Penetraram no quarto da pequena no preciso instante em que a babá, movida por uma das habituais necessidades, se achava mudando-lhe as roupas, o que deu lugar a que pudessem admirá-la de corpo inteiro, em meio às alvoroçadas apreciações que sempre surgem à vista de uma criança vinda ao mundo em boas condições de saúde e com um físico bem-dotado.

Concluído o complicado arremate envolvendo fraldas e mantas, Mariné tomou amorosamente a menina em seus braços:

— Que preciosidade!... — exclamou; e, após contemplá-la à vontade, acrescentou: — Acho que se parece com você nos olhos, Griselda.

— Pouca sorte é que não é!... — opinou Cristina.

— Olhe só que encanto! — Mariné voltou a dizer, inclinando-se para a senhora Landívar, que, sentada, se preparava para tomá-la no colo.

— Não é verdade que se parece muito com Griselda? — interveio então Dona Laura, não satisfeita com a semelhança apenas dos olhos.

Cristina olhou a menina com toda a atenção, primeiro de frente, depois de perfil, respondendo finalmente com dissimulada picardia:

— Sim, de fato é bastante parecida. Mas tem também muito do pai, hein?... Principalmente agora, que ela está fazendo esse ar de diabinha.

Cláudio sorriu.

— Já sei que não tenho auréola de santo — ele manifestou, — mas também não acho que tenho lá muita coisa em comum com o chefe demoníaco.

— Nem uma coisa nem outra são necessárias ao homem de juízo — Cristina garantiu, agitando com graça seu dedo indicador.

As oportunas intervenções da senhora, que brotavam com naturalidade de seu caráter alegre e vivaz, fizeram sem dúvida mais agradável o momento que os reunia.

Colocaram finalmente Adriana em seu carrinho, encarregando-se a babá de levá-la a tomar ar no pequeno terraço. Era um dia de temperatura suave, apropriado para ela.

Percorreram depois disso alguns setores da espaçosa residência, expoente de uma época que se extingue rapidamente ante o avanço das grandes transformações que particularizam os tempos atuais, e, outra vez no pavimento principal, as duas jovens, seguidas por Cláudio, entraram no gabinete que antes fora de Dom Roque. Ali, numa das paredes, uma bela pintura a óleo, que reproduzia sua venerável figura, parecia animar-se e

ganhar vida com a recordação daqueles que o levavam em seu coração. Por uns instantes, Mariné se deteve respeitosamente diante do retrato, passando em seguida a admirar a vasta biblioteca, em cujas luxuosas estantes estava presente o que havia de mais seleto na literatura universal.

Arribillaga mostrou-lhe a prateleira onde estavam dispostos os livros de De Sándara.

— Vejo que não falta nem sua obra mais recente — ela disse, depois de examiná-los.

Em seguida, dirigiu o olhar para outra seção da biblioteca, onde, com severa austeridade, se alinhava o pensamento filosófico antigo e moderno.

— Aqui estão os mais valiosos expoentes da cultura... — observou, após uma pausa.

— Sim, de fato. Mas temos de concordar que essa cultura não conseguiu formar no homem a consciência de um destino superior para sua vida. A humanidade ainda segue aos tombos por caminhos incertos...

A observação de Cláudio promoveu um intercâmbio de reflexões. Ao final, ansiosa por abrir seu coração à amiga, Griselda expressou-lhe com satisfação:

— Nunca vou deixar de me alegrar, Mariné, pela mudança que se produziu em minha vida, ou melhor, em nossa vida, não é verdade, Cláudio? Porque é a vida de ambos a que mudou. É tão agradável sentir-se capaz de romper a monotonia da vida rotineira e criar uma nova forma de viver!...

— Ah! Isso indica que vocês interpretaram com proveito a lei de causas e efeitos — expressou Mariné, sorridente.

— As experiências instruem — Cláudio manifestou. — Por duras que sejam, seu estudo sempre nos deixa um saldo favorável. Graças a elas, hoje sei com segurança que essa lei só é inexorável com aqueles que não conseguem transcender a

influência de seu poder terreno. Compreendendo assim, nós seríamos bem néscios se nos estancássemos sob seu influxo, quando podemos nos dedicar ao cultivo de aptidões capazes de nos encaminhar para um destino melhor. Só que, para conseguir isso, devemos realizar paralelamente um conscienciosо estudo de nossa psicologia, o que não é nada fácil...

Mariné respondeu-lhe, sem se opor:

— É na verdade uma investigação em que se somam dificuldades de toda índole.

— E que são insuperáveis se não houver a assistência de um hábil preceptor — Cláudio apressou-se em dizer. — Disso não tenho dúvida, Mariné. Depois de me meter num lodaçal de onde eu não teria saído bem por meus próprios meios, devo reconhecer a eficácia dos conhecimentos que me foram oferecidos para orientar minha vida, além de algumas recomendações muito diretas e oportunas. Já a salvo dos perigos, desfruto a pequena transformação produzida em mim, o que alenta meu espírito e me faz pensar, com frequência, na ventura daqueles que já conseguiram transpor as fronteiras de suas possibilidades mentais e entraram nos domínios da sabedoria.

— O só pensar nisso já nos predispõe a acatar docilmente as provas que implicam mudanças substanciais para nosso ser — expressou Griselda.

— Também acho — assentiu sua amiga. — Sempre encontraremos aí um sólido reforço para enfrentar nossa natureza inferior, tão propensa a sublevar-se contra toda sujeição e a destruir os resultados que vamos conseguindo após pacientes esforços por levar a vida a posições mais elevadas.

— Você acaba de tocar num ponto que se associa a recordações não muito gratas para mim — expressou Cláudio, fitando Mariné de modo expressivo.

— Verdade?... Sinto muito, Arribillaga — ela respondeu, com vivacidade. — Nesse caso, não esqueça o estímulo que você mesmo mencionou faz pouco, pois com isso terá um excelente recurso para apagar a marca de tais recordações.

Batiam doze e meia no relógio do vestíbulo quando chegou De Sándara e, com diferença de poucos minutos, o doutor Laguna.

— Lamento ter demorado um pouco — disse o primeiro, desculpando-se; — encontrei-me com amigos que fazia tempos eu não via.

— Oh! Convidados como o senhor nunca chegam tarde! — respondeu-lhe o dono da casa.

Todos foram reunindo-se na sala de estar.

Cláudio ofereceu a De Sándara um assento ao lado de Mariné, a quem Dona Laura nesse momento expressava quanto havia desejado conhecê-la.

— Minha filha não tem feito outra coisa senão recordá-la.

— Também ela, a bordo, me falava muito da senhora, de modo que de muito longe eu já a conhecia e estimava... — Mariné disse.

De Sándara, que as escutava, manifestou por sua vez:

— Griselda jamais poupou elogios à sua pessoa, senhora, e eu nunca duvidei de sua exatidão.

— Oh! Não acho que meus méritos possam abonar tais elogios! — Dona Laura respondeu. — O afeto e a simpatia costumam preencher com benevolência muitos vazios. Seja como for, estou muito agradecida, e podem ter certeza que lhes correspondo com meu carinho.

Almoçaram, e horas mais tarde, após uma prolongada e alegre conversa à mesa, que contribuiu para favorecer a familiaridade, os homens se retiraram, cada qual requisitado por suas obrigações. A senhora de Landívar fez-se acompanhar até o ho-

tel para um breve descanso, devendo, ainda nessa mesma tarde, fazer uma visita. Dona Laura também se entregou ao repouso, ficando Mariné e Griselda com liberdade para se expandirem.

Tendo em conta que De Sándara voltaria no final daquele dia em busca de Mariné, Cláudio convidou o senhor Malherbe, Marcos e Norberto para uma breve tertúlia que, aproveitando esse motivo, seria realizada.

Desde que resolvera com bom tino endireitar seus passos, Cláudio havia retornado a uma progressiva vinculação com seus amigos e companheiros de ideais; daí que, naquela tarde, enquanto aguardavam o senhor De Sándara, Cláudio conversasse com eles com evidente satisfação.

Quando De Sándara chegou, o doutor Laguna, unindo-se à cordial acolhida que todos lhe ofereceram, manifestou ao visitante, com a simpática lhaneza que o distinguia:

— O senhor já deve saber, senhor De Sándara, que minha filha e meu genro, e também cada um dos amigos que nos acompanham neste momento, contribuíram para me familiarizar com essa simpatia com a qual eles o recebem, e que se inspira, não duvido disso, em motivos muito respeitáveis. Não me compenetrei ainda do alcance de seus méritos, mas, em se tratando principalmente de meus filhos, lhe será fácil compreender que eu não posso permanecer à margem do que é para eles um motivo de interesse, como também de estima e afeto.

A conversa desenvolveu-se rapidamente, com amenidade e desenvoltura crescentes.

— Faz um momento, nós repetíamos — Arribillaga manifestou oportunamente — nossas habituais sondagens sobre o mundo mental. A esse respeito, nosso amigo Malherbe destacava a simplicidade e precisão com que o senhor nos descobre essa realidade.

— É o que as realidades incontestáveis exigem — De Sándara respondeu. — Para se referir a elas, não é preciso revestimentos artificiosos. Aqueles que recorrem a tais artifícios é porque, sem dúvida, necessitam deles para dar notícia sobre esse mundo ao qual não tiveram acesso. Entretanto, do acúmulo de tantas irrealidades foi que surgiu essa grande variedade de conjecturas que excitam permanentemente a curiosidade humana.

— Acho que ninguém deixou de pensar, sequer uma vez — Norberto expressou, — na possível existência do mundo mental, nem creio tampouco que ninguém tenha deixado de sentir sua inquestionável influência, visto que se fala da alma, do espírito, da consciência, das faculdades mentais, que, embora não se tenham definido suas funções com absoluta certeza, movem e alentam a vida humana com espantosa energia.

— Falando de funções, não sei se os autores que se aventuram a expor suas ideias sobre o campo metafísico cumprem alguma função construtiva — De Sándara manifestou. — O que está fora de dúvida é que eles sempre deixam o leitor entregue aos próprios recursos para discernir sobre suas argumentações, repletas de incorreções. Obras de tal índole são escritas com grande exuberância imaginativa; não existe nelas veracidade, e tudo ali se desenvolve no plano do arbitrário. Como é natural, excluo deste julgamento as obras de caráter científico, que apresentam hipóteses, mostram os adiantamentos da investigação e se abstêm de pronunciamentos definitivos.

Ao se oferecer a oportunidade, Griselda fez menção aos romances escritos por De Sándara, dizendo que o leitor os absorvia com particular interesse, por seus conceitos sobre a condução da vida em suas diversas fases e idades e, além disso, por seus instrutivos conteúdos acerca da colocação correta do homem e da mulher no trato e na consideração recíprocos,

tão diferentes — acrescentou ela — da marcada tendência ao exótico, que leva alguns autores à licenciosidade, por si só desconcertante.

— Excetuando os grandes romancistas — Marcos ressaltou, — é indubitável que uns e outros se têm rivalizado na arte de fantasiar, abraçando com fervor quase religioso o elemento trágico, que deixa na alma as angústias da fatalidade, ou entregando-se a um romantismo febril, que quase sempre se choca contra o palpitar sincero do coração.

— Muito acertado — De Sándara destacou, — pois o coração não se dispõe a endeusar personagens alheios à realidade que conhecemos e respeitamos.

— Quero completar, se me permite — o senhor Malherbe interveio, — o pensamento da senhora de Arribillaga, quando fez referência aos autores de tendência realista. Eu li muitos deles e vi que incorrem em extremos verdadeiramente censuráveis, inspirados, é evidente, pelo frenesi das paixões, ao pintar com toda a crueza os vícios e as deformidades da baixa natureza humana, sem que passe por suas mentes a ideia de que estão inferindo um agravo à moral, e sem que pensem nas perturbações que ocasionam às mentes juvenis.

— Veem — De Sándara observou — que escassos são os meios e os recursos com que o homem conta para se elevar acima de tanta miséria voluptuosamente preferida à riqueza moral?

— Eu concordo — Norberto assentiu; — mas nós temos de convir que tanto o homem como a mulher precisam, quando jovens, conhecer certos episódios da vida passional e psicológica, a fim de criarem suas próprias defesas, em vez de exporem sua candidez em proveito dos mais tarimbados nessas aventuras.

— Não há dúvida de que até certo ponto é necessário o

que você acaba de expressar — De Sándara replicou, — mas o caso é que ninguém sabe deter a tempo essa curiosidade, e, naturalmente, quando querem acordar, ficam presos pelos sutis fios de uma corrente frívola que os habitua a aceitar tudo, porque os tempos de hoje assim o impõem, ainda que esse "tudo" afete sensivelmente os bons costumes e os sentimentos daqueles que seguem essa corrente.

Mudando de tema, e a propósito de uma sugestão colhida durante a reunião, o senhor De Sándara referiu-se a certas particularidades que se podiam observar em seus romances:

— Sempre procurei infundir nos personagens todo o meu otimismo, a fim de atenuar, quando houvesse, o sofrimento ou a tristeza que a alma costuma experimentar nos momentos aziagos de sua existência. Não os faço chorar as misérias deste mundo nem vingar ofensas. Sendo filhos de meu pensamento, eu lhes devia uma herança melhor. Dotei-os, então, de uma capacidade particular para compreender e neutralizar os efeitos nocivos do mal em suas próprias vidas. Mesmo quando reconheço que os dramas humanos, muitos dos quais terminam em tragédias, são parte do existir corrente, ao fazê-los surgir em minhas narrações procuro enxugar a dor que transmitem, dando-lhes um conteúdo elevado e vertendo, sobre a ferida aberta à tristeza, o bálsamo da compreensão, que chega por via do espírito.

"Há uma passagem de minha infância", continuou dizendo, "que minha memória conserva com toda a força emotiva daquela idade. Eu era muito pequeno quando perdi minha mãe. Durante anos me senti profundamente afetado por sua ausência, sendo o pranto o que mais de uma vez contribuiu para acalmar minha angústia. Minha incipiente razão não compreendia por que ela partira de meu lado quando meus

olhos ainda mal se haviam acostumado a vê-la e meu coração a amá-la, sem que dela me ficasse outra recordação que não fosse sua adorada imagem e seu venerado nome. Pois bem, quando em meus livros eu tive que fazer referência a casos análogos, em razão dos fatos que concorreram para elaborar a trama de seu desenvolvimento, sempre procurei transmitir ao leitor, por entender que devemos ser cautelosos na reprodução de episódios ou acontecimentos tristes, uma sensação edificante, fazendo com que ele se sentisse consubstanciado com as virtudes que infundem inteireza em tão amargo transe da existência humana."

Após um silêncio, que ninguém interrompeu, De Sándara tomou de novo a palavra:

— Quantas vezes, ao contemplar os cabelos daquela que hoje é minha esposa, pensei se os de minha mãe não seriam iguais, e quantas vezes também tive que enxugar neles uma lágrima de gratidão à Divina Providência, por me ter permitido acariciar, com minhas mãos de homem, os cabelos que não puderam deslizar nunca pelas ternas mãos do menino!...

À medida que De Sándara falava, seus olhos pareciam desaparecer de suas órbitas, para plasmar em seu amplo e difuso olhar a imagem de seu pensamento.

— Desde muito jovem — continuou, — eu pensava que nem tudo estava na forma física das pessoas. Havia algo que, da cúspide até onde remontavam minhas aspirações, me dizia que o espírito sobrevive à matéria, por ser eterna a força que o anima. Entretanto, que inviolável segredo fazia com que sua presença fosse esquiva a meus olhos? Isso foi o que me propus a descobrir.

Ao chegar aqui, De Sándara se deteve, enquanto apertava distraidamente contra o cinzeiro a ponta semiapagada de seu charuto.

Valendo-se dessa pausa, o doutor perguntou-lhe se havia conseguido desentranhar esse mistério. Já prevenido contra a desconfiança da ciência, que apoia seus cálculos sobre bases e comprovações materialmente concretas, De Sándara respondeu:

— Do ponto de vista de minhas exigências, sim. Sabemos perfeitamente que existem em nossas vidas duas realidades inegáveis, que se mantêm entrelaçadas de forma admirável, até que uma delas, a material, cessa em sua função física. Em vez disso, a imaterial, constituída pela essência de nosso espírito, perdura. Se no homem tudo se reduzisse ao que é terreno, como nos animais, haveria nele a mais absoluta indiferença ante o desaparecimento de seus semelhantes, mesmo dos mais próximos. O animal, ainda que doméstico, carece de consciência e de sensibilidade, e, portanto, não pode afligi-lo a perda de um ou de todos os indivíduos de sua espécie. Então, é óbvio pensar que, sendo o homem um ente inteligente, existe nele a aspiração de descobrir tudo quanto existe e gira em torno de seu espírito. Fomos dotados de dois maravilhosos sistemas: o mental e o sensível, e sabemos que, graças a eles, foi possível tentar as mais arriscadas empresas na investigação, desde a do átomo — que nos mostra sua energia ultrapoderosa, sustentando as forças cósmicas e telúricas do planeta — até a das imensas estepes siderais e da abóbada espacial, salpicada por miríades de estrelas. E se tudo isso é acessível ao saber humano, por que não há de assim também ser a órbita ativa desse mundo incorpóreo, cujas vibrações nosso ser sensível recebe por via de nossa mente e de nossa alma? Após lúcidos esforços da reflexão analítica, cheguei um dia à conclusão de que o espírito individual não é escravo de nosso capricho, nem se acha unido a nós como um insuportável irmão siamês, e que, embora nos pertença, nós o possuímos na medida da participação

que lhe damos nos assuntos de nossa vida. Recordo que foi nos anos de minha mocidade que tirei de meu caminho a dúvida passiva, que adormece os sentidos e mantém a inteligência prostrada. Isso ocorreu quando transformei essa dúvida em ativa e enfrentei, sem rodeios inúteis, o conflito que desde tempos imemoriais a ciência mantém com o espírito. Isso me permitiu entrar decididamente no mundo incorpóreo, inacessível por todos os flancos à mente e à sensibilidade comuns. O espírito se manifesta e atua ali sem as restrições que lhe são impostas pela presunção humana, tão propensa a negar às cegas o que crê inexistente. Nesse incomensurável mundo metafísico, nesse "reino dos céus", quão bem se aprecia a sabedoria, a misericórdia e a prudência do Supremo Criador em benefício do mais soberbo, fátuo e temerário de seus súditos: o homem. Meditando sobre o complexo mecanismo das leis universais, tão maravilhosamente harmônicas e precisas, penso que não nos resta alternativa senão reconhecer a sublime proteção e tato da Augusta Vontade diante dos excessos da ambição, da cobiça e da insensatez que o ser humano manifesta em grau superlativo, ao pretender disputar-lhe palmo a palmo o poder sobre o criado... Pois bem, buscando minha mãe na imensidão desse mundo, não em sua imagem física nem nas ternuras de seu afeto, mas sim em sua representação simbólica e na excelência de sua função espiritual, encontrei-a sobrevivendo à carne em sua postura imortal ante meu espírito. Ela, minha mãe, desaparecia assim como tal, para confundir-se, na concepção suprema de sua excelsa missão, com a alma de todas as mães; com a alma daquela que depois aparece encarnando na mãe de nossos filhos, para prolongar a vida do gênero humano até o fim dos séculos.

— O senhor move com perícia o cenário metafísico — Laguna expressou. — Eu diria que tudo no senhor obedece ao desejo de nos fazer compreender essa verdade que, segundo suas

afirmações, existe em cada episódio ou movimento psicológico de suas ideias.

— É um desejo que me põe à disposição de vocês, neste momento e sempre, para qualquer esclarecimento que desejarem de mim.

Mas ninguém manifestou essa necessidade, escutando-se tão somente as opiniões de uns e de outros, nas quais os estados de ânimo dos mais jovens se confundiam com o repousado e sentido acolhimento dos mais velhos. Entre todos, Cláudio foi dos mais calados, preferindo reservar para si o que De Sándara lhe deixara entrever em suas palavras.

O casal Arribillaga jantou a sós naquela noite, depois de uma jornada feliz e pródiga para seus espíritos.

~

Os dias seguintes ofereceram a Cláudio e Griselda o clima animador que particularizou os primeiros contatos com seus amigos em Buenos Aires.

Arribillaga manteve duas entrevistas com De Sándara, as quais serviram para ele revelar-se ao amigo com profunda sinceridade e apresentar-lhe, de forma ampla, seus problemas de ordem interna, obtendo com isso uma valiosa ajuda no sentido de consolidar seus propósitos, tendentes a vencer a obstinada resistência dos pensamentos negativos mais arraigados em sua mente, que eram também os que mais lhe gravitavam sobre o ânimo. Tudo isso haveria de contribuir para orientar-lhe de forma definitiva os passos em direção à meta ideal fixada como objetivo de sua vida.

— Tome muito cuidado — De Sándara havia-lhe dito, ao término da segunda entrevista — para não incorrer no gra-

víssimo erro de fabricar um deus destinado a lhe servir incondicionalmente.

— Como é possível que um ser, em pleno juízo, possa cair em tamanha aberração?

— Muito simples: condiciona-se a ideia de Deus às conveniências pessoais e se avalia Seu Amor, Sua Justiça e Sua Compaixão de acordo com o que a limitação individual consegue conceber. Naturalmente, semelhantes apreciações não condizem com a realidade, fazendo com que aqueles que assim formam seus juízos sofram depois cruéis desenganos.

Sob a influência das sensações nele promovidas pela frequente assistência do amigo, e incitado cada vez mais pela necessidade de aumentar seu saber, Cláudio foi fazendo da reflexão um hábito. "Há duas forças", dizia ele a si mesmo, com atinado juízo, "que disputam o domínio de nosso ser: a física ou material, que governa os sentidos e o instinto com indiscutível preponderância sobre nossa natureza inferior, e a espiritual, metafísica ou imaterial, que abarca dois sistemas: o mental e o sensível. O primeiro é constituído por nosso prodigioso mecanismo pensante e criador, e o outro, pela sensibilidade, pelos sentimentos e pelos divinos atributos do coração. Entre essas duas forças, a vontade é o pêndulo oscilante que, como uma alavanca, abre e fecha as portas de nossa felicidade..."

Tais conceitos, que se iam definindo claros e terminantes na mente de Cláudio Arribillaga, cativavam sua alma, que acariciava com frequência a prematura ideia de chegar a ser um prodígio de sabedoria. Porém, para que desejava ele a posse do saber? Havia pensado nisso seriamente? Após tal consulta, surgiu ante seus olhos a pugna das duas forças que, fazia tempo, ele sentia debaterem-se dentro de seu ser. Uma delas era sadia, generosa, plena de virtuoso sentir; a outra era disfarçada

de nobre aspiração, mas que erguia alto seu pendão característico, no qual a cobiça e a ambição apareciam juntas. Repetidas vezes, ao perceber as trapaças do instinto e a fascinação dos sentidos sobre sua vontade, ele havia comemorado com inefável regozijo a saída airosa de tais experiências. Entretanto, quanto deveria ainda esforçar-se para chegar a surpreender, em cada uma de suas disfarçadas arremetidas, seu implacável inimigo, a natureza inferior, em sua obstinada pretensão de reinar sobre sua vida!

"Por que é que, enquanto uns necessitam séculos para decifrar os enigmas que se aninham no fundo de suas almas", prosseguiu Cláudio interrogando-se, enquanto avançava em suas reflexões, "outros conseguem descobrir sem dificuldade suas chaves, como se fossem meros problemas matemáticos que a perícia no cálculo resolve num instante?... Quão imenso é o abismo da ignorância, que engana os homens quando, por refração da luz, aparece em suas obscuridades a miragem dos cumes! Mas que pesado letargo angustia as mentes, para que elas requeiram tão elevado número de explicações antes de resolverem sair do aturdimento mundano? É incrível quanto custa ao homem convencer-se de sua inabilitação espiritual; e lhe custa, sem dúvida, porque nunca entrou em seus projetos, como possibilidade digna de ocupar-lhe o tempo, chegar a sentir a necessidade de um despertar interior. É inquestionável que, enquanto ele permanecer na ignorância de tais verdades, tudo se reduzirá a sorver a taça da vida — a grandes goles quando o prazer o embriagar, e a muito pequenos e medidos quando ela se tornar amarga e desagradável para seu caprichoso paladar." Tendo chegado a este ponto, umas palavras de seu amigo de pronto se lhe fizeram presentes, apropriadas que eram para os pensamentos que nesse momento cruzavam sua

mente: "O homem revogará a sentença que fixa para sua vida um destino incerto e aleatório com o simples fato de reabrir o processo de sua evolução, que o levará a alcançar o juízo benevolente das alturas, que é também o da História. Unirá suas forças e sua firmeza à das almas que buscam a verdade, a verdade sem mácula, que agrupa em seu seio todos os arcanos da Sabedoria, e sentirá como se irmana com elas no mais sublime dos parentescos. "

Enquanto assim ponderava, surpreendia-se ao comprovar a relação que as palavras de seu preceptor tinham com o que lhe acontecia internamente, e houve um instante em que, ao evocar seu olhar, experimentou uma especial emoção, como se de novo sentisse que algo perscrutava os âmbitos mais recônditos de sua consciência. Acompanhado pelo doce palpitar de esperanças que o revivificavam e estimulavam, Cláudio comparou o calibre mental e moral de seu preceptor com o dos amigos em cuja companhia havia perdido deploravelmente o tempo, e lhe pareceu como se eles vivessem em idades primitivas, movendo-se em torno dos mitos que a cegueira espiritual erige como únicos incentivos da vida.

— É curioso o que costuma acontecer comigo quando estou junto a De Sándara — dizia ele a Griselda, dias depois, em tom confidencial. — Enquanto escuto suas explanações e procuro assimilar suas palavras, percebo em mim uma lucidez que me assombra. Acredite, querida, que às vezes tenho a impressão de que me ponho dentro de um outro Cláudio, equipado com um extraordinário órgão pensante, o qual me permite conceber ideias preciosas, bem como sentir e olhar a vida de um ângulo totalmente ignorado por mim. Nesse estado, que eu deveria me esforçar por tornar permanente, quão fácil se torna compreender que existem realidades às quais eu ainda

permaneceria alheio se não tivesse chegado para mim a hora do despertar, e se a consciência não me expressasse o chamado de um outro gênero de vida, no qual eu possa experimentar as delícias de um existir incomparável e pleno de ventura.

Griselda, a quem agradavam sobremaneira tais declarações, nascidas da alma de seu esposo com simpática espontaneidade, contribuía com o rico acervo de seu afeto e de sua bem dotada inteligência para tornar mais firmes, duradouros e conscientes os efeitos entusiásticos daquelas comprovações. Ela sabia avaliar o quanto Cláudio teria ainda que lutar, pois não lhe passavam despercebidos certos indícios de vaidade que por momentos o cegavam, fazendo-o situar sua arrogância acima das satisfações simples da humildade. Apesar disso, ela o havia visto sair repetidas vezes triunfante dos momentos difíceis a que suas debilidades o levavam, prova inegável de que iam cedendo terreno. Mais de uma vez, viu-o dobrar seu orgulho e mostrar-se sem a pompa com que a presunção reveste e empana os méritos que o ser possui. Em tais oportunidades, desaparecia a personalidade, com seu séquito de veleidades, dando lugar ao ente sensato, nobre e sincero, aprisionado no lugar mais reduzido do pequeno mundo interior humano.

Durante o tempo já decorrido de casados, tanto ele quanto ela haviam conseguido compreender onde residia o ponto-chave da harmonia que devia reinar entre ambos. O estudo sereno e consciente de suas próprias experiências havia-lhes permitido descobrir que a harmonia conjugal reside no mútuo respeito e na honra que cada um é capaz de dar a seu nome e à sagrada instituição da família, ajustando-se à ética elevada que, de forma natural e espontânea, é dever praticar. Convinha principalmente que fossem comunicativos, mas sempre respondendo aos impulsos próprios da intimidade, e não por

obrigação, já que tudo devia concorrer harmoniosamente para uma eficaz atuação dentro do mundo familiar, que é parte do campo experimental do mundo extramaterial que estavam conhecendo. Mas nem um nem outro haveria de interferir no processo interno que ambos seguiam em busca da ansiada felicidade. A vida interna é inviolável; sua virtude é a discrição, que a ampara contra toda eventualidade; seu encanto está em seu segredo, que somente o dono dessa intimidade conhece e desfruta.

Naqueles dias, a presença de Mariné, em cuja companhia Griselda se entretinha diariamente, sem dúvida seria de grande proveito para ela e para a estabilidade futura de seu lar, uma vez que sua assistência lhe facilitaria transcender muitos dos obstáculos psicológicos que poderiam se apresentar ante ela para conturbar sua alma de mulher que aspira a uma maior perfeição no cumprimento da missão de seu gênero. A vida matrimonial, encarada dentro de uma formação espiritual à prova de vacilações, onde a compreensão é base e sustento mútuo do amor professado, tinha para Griselda o valor de algo inefável. Ainda sem a segurança necessária para se mover com o acerto desejado — coisa que para ela constituía a realização do mais dourado sonho —, sua sensibilidade, suprindo o que não estava ao alcance de sua razão, permitia-lhe captar muitos detalhes passíveis de melhoramento, e a isto ela de bom grado se dispunha, a fim de facilitar o desenvolvimento harmônico e feliz da vida do lar.

Ela sentia-se feliz por tal motivo, e, enquanto Cláudio experimentava as mais saudáveis reações, ao provar o prodigioso esplendor concedido a toda consciência humana que ultrapassa os campos já trilhados do saber comum, em seu coração de mulher iam reafirmando-se o afinco e a dedicação com que ela se preparava para triunfar sobre os acontecimentos que o contínuo transcurso da vida apresenta após cada amanhecer.

~

Foi durante a permanência do senhor De Sándara em Buenos Aires que se ofereceu a Cláudio, novamente, a oportunidade de verificar sua firmeza na prática de uma conduta livre de intromissões estranhas a seus anelos.

Havia conseguido, até então, esquivar-se do incansável assédio dos amigos, os quais, pouco dispostos a ver seu número reduzido, renovavam a insistência de tempos em tempos, com telefonemas e visitas a seu escritório, convidando-o a participar das aventuras de suas mal orientadas vidas. As negativas dele, expressadas sem titubeios nem vacilações, pareciam finalmente havê-los afugentado; pelo menos foi o que Cláudio supôs, enquanto via com alívio passarem os dias sem que aqueles convites se repetissem.

Não obstante, quando menos esperava, foi surpreendido por uma visita de Luciano, que apareceu certa tarde no escritório.

— Estou ardendo de desejos de ter notícias de você! — exclamou ele, enfaticamente, ao entrar. — Não vejo você mais em parte alguma! Já tentei falar por telefone, já vim várias vezes aqui, sem resultado! Por onde tem andado?

— Em lugar nenhum do outro mundo, criatura!... Eu simplesmente ando ocupado com a visita de uns amigos que chegaram do estrangeiro.

— O tal De Sándara, talvez?... — Luciano perguntou, com um quê de ironia.

— Acertou em cheio — Cláudio respondeu, com seriedade.

O sorriso de Luciano tornou-se inexpressivo, contido pela atitude austera do amigo.

— Com toda a certeza, você vem me convidar para alguma farra... — Arribillaga expressou, retomando sua habitual cordialidade.

— Mas claro!... E que farra!...

— Entretanto, você vai ter que ir sem mim. Já deve ter desconfiado...

— Mas por quê?!

— Você sabe.

— Isso é uma loucura!

— Julgue você como quiser; é seu direito. Quanto a mim, trate de me compreender e procure não insistir de hoje em diante. Você já sabe, Luciano, que estou resolvido a evitar as aventuras e sugestões que não convenham às minhas responsabilidades atuais. Por que haveria de alienar minha vida, prendendo-me a compromissos que me tomam um tempo que eu quero usar melhor?

— Opa!... Quem diria!... Quando você se vangloriava de ser dono e senhor de suas ideias e de sua vontade, eu achei que havia firmeza nisso...

— Naquela época eu estava errado. Estou disposto agora a reparar esse erro, e não vou mudar.

Luciano, aferrado a suas razões, ou possuído por elas, e convencido de estar certo, replicou:

— Você vai me desculpar, mas me parece que essa é uma decisão pouco inteligente em alguém como você.

E, logo em seguida, com claras mostras de que a decisão de Cláudio de modo algum entrava em sua cabeça, voltou inflamado à carga, descrevendo-lhe a perspectiva de um "programa monumental". O convite ganhava em seus lábios grande sedução, enfei-

tado com todos os artifícios possíveis para despertar o apetite do amigo, que apesar disso se manteve impávido e surdo ante o murmúrio insidioso dos sentidos, que esporeavam seus instintos.

— Escute aqui, Luciano — ele disse, já nos limites de sua paciência. — É preciso que você compreenda, de uma vez por todas, que isso acabou. Você deve se convencer de que eu estou absolutamente decidido a conservar minha liberdade, tal como eu a entendo. Portanto, não vou! Esta é minha resposta. E eu lhe peço encarecidamente que respeite minhas ideias, como eu respeito as suas.

— Fala sério?... De verdade, Cláudio?

— É como você ouviu.

— Pois eu jamais poderia compartilhar desse seu modo de pensar!

— Lamento, Luciano; antes eu também não pensava como penso agora. Mas por fim compreendi meu engano; pode ser que você também o perceba algum dia. O jeito é esperar...

— A verdade — insistiu Luciano — é que eu custo a me convencer de uma coisa desse tipo. É essa sua última palavra? Está brincando!... Tenho certeza que você vai com a gente, nem que seja pela última vez.

Cláudio, vendo que seu amigo levava sua resposta para o lado da troça, tornando-se obstinado, firmou-se ainda mais em sua postura e, pondo-se de pé, estendeu-lhe a mão, despedindo-o com estas palavras:

— Se foi para isso que você veio, lamento dizer que perdeu seu tempo. Por favor, procure não insistir.

Ao retirar-se Luciano, Cláudio respirou de alívio. Tinha-lhe parecido ver, por detrás de seu amigo, a sugestiva figura de Mefistófeles, a quem acabava de afugentar com decisão e energia, cansado de representar o triste papel de Fausto.

Um jantar na casa dos Arribillaga coroou a estada de Ebel e Mariné em Buenos Aires, tendo dele também participado Cristina e o senhor Malherbe, além dos pais de Griselda.

Tudo transcorreu em meio a cenas muito efusivas, e, quando finalmente passaram ao salão, o espírito jovial dos presentes não diminuiu o ritmo de suas expansões. E assim teria continuado, se um colóquio entre De Sándara e o doutor Laguna não houvesse polarizado as atenções, o que fez com que a atitude mental variasse quase instantaneamente, dispondo-se todos a participar de um tema mais sério.

— Quais seriam, então, os motivos essenciais que regem seu pensamento em matéria de investigação transcendente? — perguntava o médico, naquele momento.

— É lógico que tais motivos não permitem que eu me afaste dos cânones que regem a conduta científica — respondeu De Sándara.

Interrompendo-se por um instante para servir-se um charuto da caixa que Patrício lhe estendia, ele continuou:

— Eu avanço por outros caminhos. Sigo outros métodos; métodos próprios, configurados no campo da experiência e elaborados enquanto adapto e readapto meus sentidos e meu juízo às exigências de um rigor que não perdoa descuidos nem distrações. Como o senhor pode supor, quando eu me decidi por este gênero de investigações, internando-me no mundo metafísico, onde tantas verdades e satisfações tenho encontrado, não deixei de prever as dificuldades que encontraria à minha passagem.

— Me desculpe, senhor De Sándara, se interrompo com uma nova pergunta. Quando o senhor diz mundo metafísico, a que se refere?

— Não ao que ocupou e ocupa a atenção dos filósofos

antigos e modernos, pronunciadamente inclinados a concebê-lo como emergindo do absoluto e, portanto, infranqueável à experimentação do homem, por causa das limitações próprias de sua natureza corpórea. Em minha opinião, esse mundo é consubstancial com nossa vida, o que permite que os pensamentos e ideias que vivem em nós mantenham perfeita correlação mental com o processo da vida universal. Os homens de ciência, céticos por excelência, desdenham tudo o que se relaciona com as manifestações do espírito e com nosso mundo interior, exclusivamente mental e sensível. Certa vez, ao visitar um laboratório onde trabalhava uma plêiade de distintos investigadores, tive de deter-me ante o afã do homem que, procurando dominar o universo, esquadrinha as forças do átomo, isola bactérias e combina elementos poderosamente destruidores, enquanto abandona a guarda de suas defesas internas e cede, para mofa de sua soberba e humilhação de seu espírito, ao domínio que instintos e paixões exercem sobre ele. "Pois bem", eu me disse, naquela oportunidade; "que cada um proceda segundo seu leal saber e entender, e sigamos nosso caminho. Deixemos que os homens de ciência continuem buscando o mistério da vida na célula material, enquanto nós conservamos a certeza de tê-la encontrado na célula mental; deixemo-los entregues ao devaneio de espremer em suas mãos o pensamento de Deus e submeter o cosmo à sua vontade, enquanto nós proclamamos sua augusta presença em cada partícula da Criação e o adoramos da única forma grata a seus divinos olhos: trabalhando pelo nosso bem e o de nossos semelhantes, reconstruindo a vida com o mais estimável que encontremos dentro de nós mesmos e completando-a com o mais valioso que sejamos capazes de conseguir, para dignificar o destino da espécie a que pertencemos."

— A abundante coleção de conhecimentos que o senhor possui, senhor De Sándara — Dona Laura interveio, — deve ser sem dúvida fruto de longos anos de trabalho.

— De fato, senhora; de longos e fatigantes anos... Ao longo deles, consegui reunir para meu uso particular isso que a senhora acaba de chamar de "coleção de conhecimentos", que na verdade é o que se pode encontrar de mais precioso dentro desse mundo do qual falávamos. Graças a isso, tenho podido fixar em mim as sensações sublimes que se experimentam ao reproduzir as imagens contempladas lá, na esfera metafísica, nessa infinita imensidão tanto mais inacessível quanto mais remotas são as possibilidades individuais de penetrar nela. Isso me tem permitido viver feliz e sentir-me tão à vontade ali como no mundo onde estamos vivendo.

— O senhor me permite?... Eu penso — objetou o doutor Laguna, desejoso de um esclarecimento — que toda descoberta deve ser posta à disposição da humanidade, para que dela se beneficie. Embora muitas de suas palavras denunciem essa generosa conduta, o que acaba de dizer não poderia levar a supor que o senhor utiliza os seus conhecimentos em benefício exclusivo de sua pessoa?

— O senhor verá como as aparências costumam enganar — respondeu De Sándara, que em seguida adicionou, com perspicácia: — É certo que não afasto a possibilidade de o senhor ter querido promover um amplo movimento explicativo de meu pensamento, a respeito de uma concepção que lhe poderia ter parecido audaciosa.

Sem negar a hipótese, o doutor sorriu.

— Os conhecimentos científicos — De Sándara continuou — beneficiam a quem se serve deles. Estou seguro de que nesse ponto nós coincidimos, sem reservas. Pois também

se beneficiam destes outros de que estou falando — já que não são exclusivos de ninguém — aqueles que, sem preconceitos e sem pretensões de modificá-los, recorrem a eles e se submetem à sua ação prodigiosa. É exclusivo apenas aquilo que cada um conquista para sua própria ventura, ao tomá-los por guia. Como o senhor há de compreender, nenhuma outra coisa poderia ser mais grata a meu espírito do que acercar uma alma a esse mundo e sustentá-la, até que por si mesma ela se convença de que não existe nada comparável a isso, para poder sentir-se feliz na máxima expressão da palavra. Interessa-me vivamente tudo o que se relaciona com a maravilhosa conformação do homem, mas em meus estudos faço abstração de sua constituição biológica, regida, como sabemos, por leis que governam a vida celular sem o concurso da vontade. Não me cansarei de repetir, doutor Laguna, que meus conhecimentos não se prestam ao exame frio e analítico dos homens de ciência; não pode ser submetido ao estudo e à investigação levados a termo com os olhos voltados para fora aquilo que, dentro de si mesmo, na própria vida, oferece o campo experimental mais variado e rico. Os conhecimentos cujas virtudes enalteço têm a propriedade de penetrar na vida psicológica e mental do indivíduo, ali onde o homem se torna dono de seu destino, enquanto aprende a usar sua inteligência, sua vontade e energias, dirigindo-as para o ponto no qual se dá o sublime enlace de sua vida com o pensamento que anima a Criação. Eu só posso auxiliar o entendimento de quem se propõe a empreender essa tarefa até os limites permitidos; mas indicar-lhe o ponto de enlace, isto não, porque sua localização é diferente em cada ser humano. Enquanto na minoria ele se acha, pode-se dizer, quase que ao alcance das mãos, os demais devem cobrir longas e penosas jornadas de luta para chegar a ele. Por outra parte, cada um

tem sua forma particular de se mover... Enfim, trata-se de uma variedade de situações absolutamente complexas; mesmo assim, não há obstáculo que se oponha às aspirações de alcançar essa meta, desde que o interessado esteja disposto a educar os movimentos internos que, com esse objetivo, devam ser realizados, acostumando-os a um ritmo de aceleração que tenda a quebrar a resistência desse hábito que acaba por acomodar tudo, de uma forma lenta e preguiçosa, nas vastas dimensões do tempo.

— Lamento ter de expressar que, no que diz respeito ao exercício técnico da profissão científica, discordo em parte do que foi dito, senhor De Sándara. Creio perceber certo preconceito no que se refere aos homens de ciência, e, como o senhor há de compreender, eu gostaria de esclarecer esse assunto, tão importante para nossas mútuas convicções.

— Não foi minha intenção, querido doutor, menoscabar o mérito indiscutível dos homens de ciência, nem existe em mim tal preconceito. Convenhamos, porém, que a explicação dos grandes enigmas encerrados na pessoa humana ainda se mantém inacessível para a ciência. Filósofos e psicólogos não tiveram, tampouco, maior êxito ao abordar os mistérios da psique. Ciência e filosofia nunca indicaram um caminho que conduzisse o homem à verdade sem vacilações, sem os intermináveis rodeios de suas teorias e hipóteses, postos como marcos para indicar caminhos incertos. Chegará o dia, entretanto, em que tanto uma quanto outra, ciência e filosofia, tomarão para si a tarefa de rever o assunto, a fim de retificar condutas e erros nas apreciações sobre o homem e seu destino.

— Atendo-me a seus conceitos, deduzo que isso acontecerá quando os cientistas, os filósofos, psicólogos e demais interessados no assunto decidirem, por convencimento, estudar suas próprias psicologias.

— Aí está a chave! No estudo de suas próprias psicologias: o espírito, a consciência, a vida dos pensamentos e as mil reações internas que nem sempre saem à superfície, mas que, entre tantas outras coisas, formam o mundo de cada pessoa.

— Acho que nós temos de admitir, senhor De Sándara, que, se a dúvida é inseparável da ciência, as convicções também o são, após a evidência.

— Exatamente, doutor Laguna; e isso o senhor poderá conseguir mediante comprovações, tão logo decida levar a ciência para dentro de sua própria pessoa.

— Isso me faz supor — expressou o pai de Griselda, com cuidadosa ponderação — que, para superar em alto grau as condições de nossa potência psíquica e mental, se impõe a execução de um processo de adestramento interno. Interno porque se trata de incrementar o que está dentro, e não fora de nós. O senhor já pode ver, senhor De Sándara — adicionou jovialmente, — que eu vou me familiarizando um pouco com suas fórmulas.

— Aproveitarei, então, para acrescentar que é também necessário criar as condições que a vocação superior exige, a fim de poder aumentar, num constante esforço, a capacidade de penetração e de discernimento da inteligência.

— É algo absolutamente compreensível.

Aí se deteve o doutor, aparentemente satisfeito, mas em seguida deu curso a esta outra pergunta que o instigava:

— O senhor não acha que outros já andaram pelo mesmo caminho?

— Prefiro não ser categórico na resposta; vou limitar-me tão somente a fazer notar uma possível diferença. Esses outros, a quem o senhor se referiu, percorreram apenas alguns trechos

dele, que decerto não contam, se comparados com sua verdadeira extensão. Tal circunstância faz com que, ao regressarem, exibam altaneiros o fragmento de verdade encontrado — encontrado só por casualidade — e o usem não para exclusivo bem do semelhante, mas sim para adquirir notoriedade. Que uso se tem feito desse fragmento de verdade?... Para que tem servido?... Para semear pelo mundo teorias a granel, muitas das quais se degeneram em apaixonantes esnobismos, tão inúteis como insubstanciais. Não se pode afirmar que se andou por esse caminho quando dele se ignora o essencial, ou seja, que zonas do saber ele atravessa, o que exige o trânsito por ele e o que ocorre quando o ser se aproxima de seus escarpados cumes. Convenhamos, pois, que sabe muito mais — e é além disso mais consciente de seu saber — quem cobriu extensos trechos dele, em comparação com quem se deteve a pouca distância de seu ponto de partida. Podemos dizer abertamente que essa senda ou caminho, que é o da vida universal, é também o da própria vida, quando o homem resolve consumar a alta finalidade da existência. Esse caminho está povoado por presenças de toda espécie, umas animadas, outras inanimadas, mas todas visíveis para o olhar perscrutador do observador inteligente e sagaz. Só a torpeza dos sentidos impede vê-las, uma vez que esse caminho é o mesmo que todos percorrem; a diferença consiste em que, enquanto uns andam por ele descobrindo muitas coisas à sua passagem, outros, por mais que andem, não veem absolutamente nada. As oportunidades que uns perdem por desídia, indiferença ou inadvertência, são entretanto as mesmas que outros, mais aplicados e capazes, usufruem. Para ilustrar esse fato, pode servir o caso dos rotineiros, que repetem até o último de seus dias os mesmos movimentos, as mesmas coisas,

e levam consigo os mesmos pensamentos, e também o dos que realizam estudos, acometem com êxito empresas difíceis e arriscadas, e desenvolvem uma atividade múltipla, mas sem nunca estender a vista para fora da órbita na qual se movem.

— Estariam na mesma situação do enfermo que ignora, para curar seu mal, a existência do remédio que ajudou outros a sarar.

Dito isto, o doutor Laguna permaneceu em silêncio. Talvez recordasse ali o que seu genro lhe dissera certa vez, ao afirmar que De Sándara era refratário aos voos da imaginação, tão propensa a deleitar-se no terreno da fantasia, avaliação da qual ele mesmo podia dar agora testemunho, confirmando não ter observado em suas palavras o mais leve indício de articulação quimérica.

Nesse ínterim, Dona Laura interveio:

— O senhor deve ter lutado muito, senhor De Sándara... Sem dúvida, deve ter tido muitos inimigos...

— Não pode haver luta sem inimigos, senhora, e eu de fato os tive...

Como se as palavras de Dona Laura tivessem acendido nele lembranças de épocas longínquas, ao removerem as cinzas que cobrem os tições desse fogo eterno que palpita nos corações que sofreram muito, De Sándara continuou:

— A vida é luta, luta constante; e a minha assim foi, e com singulares projeções. Mas nunca deprimiram meu espírito as artimanhas usadas por aqueles que me atacaram, emboscados como os salteadores de estrada, crendo que poderiam saquear-me e até mesmo eliminar-me. Não sabiam, certamente, que os bens do espírito são patrimônio inalienável e indestrutível.

— O senhor deve sentir uma grande satisfação por ter triunfado nessa luta... — conjeturou Dona Laura.

— Sempre considerei meus triunfos como estímulos inestimáveis para firmar minhas convicções e penetrar, mais profundamente, na brecha aberta dentro do vastíssimo campo das ideias e dos conhecimentos.

Realmente; De Sándara não estava entre os que se deixavam atrair facilmente pela fumaça inebriante com que Armida adormece Reinaldo no poema de Tasso, já que os êxitos nunca o haviam envaidecido. Sem dar lugar a que a celebração de um triunfo detivesse jamais o ritmo de suas atividades, sempre se dedicara exclusivamente a transformar em essência de ensinamento os dissabores de jornadas que pareciam intermináveis, depositando-as nas páginas de seus livros como fruto de suas contendas psicológicas, para que servissem de pauta e incentivo àqueles que necessitassem deles para a defesa de suas vidas.

Uma taça de champanhe em homenagem aos hóspedes, que partiriam no dia seguinte, deu motivo a novas exteriorizações do sentir.

Cláudio brindou à felicidade deles, encerrando seu breve discurso com estas palavras:

— Sei que existe uma hierarquia tanto nos afetos como na amizade, e eu o tenho colocado, senhor De Sándara, juntamente com sua família, no lugar mais alto de minha estima e admiração. Sua amizade, que me honra, ensinou-me a distinguir, sem equívocos, aquilo que deve ser para mim motivo de permanente adesão e respeito.

O doutor Laguna seguiu-o no uso da palavra, e depois Malherbe, os quais, em termos efusivos e cordiais, formularam aos amigos votos de uma viagem feliz e de um próximo regresso.

— Comoveram muito meu espírito — agradeceu De Sándara — estas sinceras expressões do sentimento que acabo de escutar. Não encontro melhor forma de retribuir tanta amabilidade do que dar a todos a segurança de que tais expressões são correspondidas amplamente em meu sentir, e que guardarei em minha recordação, como algo terno e valioso, estes momentos tão agradáveis que passamos juntos. Que os dias futuros — acrescentou, erguendo sua taça, — e até onde consigamos chegar nesta vida, sejam uma constante afirmação da amizade e simpatia com que todos os presentes acolhemos o afeto que nos tributamos.

— Quando o senhor volta por estas terras? — inquiriu depois o doutor Laguna, com expressão cordial.

— O retorno, se nada se opuser — De Sándara disse, — será para residir aqui definitivamente; faz tempo que acaricio a ideia de voltar para o meu país de origem.

— Teremos que esperar muito por esse dia?... — Dona Laura perguntou.

— Vamos desfrutar antes a visita de seus filhos, senhora. Eles prometeram que, sem muita demora, vão nos seguir numa viagem até o México.

Acentuou-se, a partir dali, uma confortável sensação de alegria, que contribuiu para que todos guardassem daquele encontro uma recordação feliz.

Quando, momentos mais tarde, Ebel, Mariné e Cristina entraram em seu apartamento no hotel, esperava-os sobre uma mesa, junto com alguns vistosos embrulhos, um artístico buquê de rosas de talos bem tratados, em cujo cartão se lia: "Cláudio e Griselda, afetuosamente. "

— Que carinhosos são!... — Mariné exclamou, comovida, enquanto contemplava com olhos admirados o sugestivo obséquio.

A pedido de Ebel, ela desfez o embrulho dedicado a seu esposo, deixando ver um formoso manto tecido com lã de vicunha, de finíssimo fio, que apreciaram e valorizaram repetidamente.

Enquanto Cristina e Mariné se ocupavam dos respectivos presentes, De Sándara, emocionado pela atitude de seus amigos, guardava silêncio, desfrutando a ventura de haver contribuído para a felicidade deles. Quão inefável paz inundava nesse momento sua consciência!

O homem, em seu andar pelo mundo, pouco ou nada se ocupa da consciência; mas um dia, quando, pressionado talvez pela adversidade, decide reger-se por seus ditados, deve sofrer a amarga decepção que lhe acarreta essa conduta. Imobilizada, adormecida por sua longa inatividade, a consciência já não exerce sobre ele nem força nem autoridade. Ele não a ilustrou nos claros preceitos do bem, não a enriqueceu com os elementos valiosos que a observação e o juízo acumulam por meio do estudo e da experiência, não lhe conferiu os conhecimentos de natureza pura e elevada que haveriam de exaltá-la em sua função reitora da vida. Chegando a esse ponto crítico, o homem não pode dizer em absoluto, como costuma fazer, que se acha em paz com sua consciência pelo fato de não haver causado mal a ninguém. Cândida manifestação do egoísmo humano, que ignora ou esquece que também fazemos mal ao semelhante quando o privamos do bem que lhe podemos fazer!... Quão diferente é, sem dúvida alguma, a paz daquele que, depois de se ver quite consigo mesmo, ao ilustrar-se no conhecimento do bem, estende generosamente esse bem ao próximo, iniciando-se na prática de tão humanitário dever! Oh, belo sentimento da alma humana, que jamais deveria afastar-se dos corações!

Um relógio das cercanias deixou ouvir duas badaladas.

Cristina, sobressaltada pela hora, tomou pressa em despedir-se.

Ebel e Mariné ficaram sós.

O silêncio não tardou em envolver o aposento, velando o repouso de seus moradores, que se transportaram em sonhos para as regiões onde o coração sente a influência da vida imaterial, e o espírito lança seu voo magnífico pelos espaços do reino onde ocorrem as mais sublimes iluminações.

~

Ainda que não totalmente desvanecida a imagem do avião que transportava seus amigos, Cláudio meditava com sereno juízo sobre o vivido no transcurso daqueles dias. Juntamente com a força fertilizante dos conhecimentos com os quais sua mente estreitava um contato cada vez maior, manifestava-se nele, como inquietude da alma, a angústia proveniente da pouca atividade espiritual que até então havia desenvolvido. Pensamentos que a consciência utilizava, talvez para se fazer escutar, levaram-no a pensar em como a vida se esfuma quando os anos transcorrem sem que fatos relevantes façam o homem desfrutar o delicioso sabor das proezas que a vontade, guiada e estimulada por profundos anelos de elevação espiritual, é capaz de realizar.

Pensou na monótona sucessão dos dias que não apresentam variações nem perspectivas atraentes, os quais nos denunciam o ritmo compassado com que o tempo move as pesadas rodas de sua lei inexorável, enquanto ficam trituradas, como os grãos na poderosa garganta do moinho, as vidas daqueles que não souberam fugir do cíclico movimento

de seus destinos incertos. "Devo fazer algo; devo intensificar meus empenhos", disse consigo, impondo-se firmeza. "Devo pensar seriamente sobre meu comportamento futuro, para me liberar da censura interior que me agita. E não desistirei até haver alcançado a altura de onde se dominam todos os horizontes e se conhece o porquê dos anelos e afãs ligados à essência do nosso existir."

No decorrer de suas silenciosas considerações, a preocupada fisionomia de Cláudio tornou-se mais aberta, ao desenhar-se nela a evidente expressão da segurança e da confiança surgidas como resultado favorável de seu exame. Sem dúvida, sua vida ganhava naquele instante, por haver alcançado o grau preciso de absorção mental dos conhecimentos recebidos ultimamente, o alento singular cujo poder acende as energias da alma e sacode, vigorosamente, até as fibras mais íntimas do ser.

Satisfeito por sentir-se agora mais bem orientado, Cláudio Arribillaga levantou-se da poltrona e, pondo em ordem alguns papéis amontoados sobre a escrivaninha, saiu à procura de Griselda.

Encontrou-a ao cruzar o vestíbulo. Desejoso de conversar um momento com ela, reteve-a a seu lado.

— Eu estava procurando por você, querida — ele disse, tomando-a pelo braço. — Você me é tão necessária para desafogar minhas alegrias como também o são, em certos momentos, a solidão e o silêncio para esclarecer minhas ideias.

— Oh! Suas palavras me são muito gratas — expressou Griselda, respondendo à afetuosidade de seu esposo.

Em seguida, acrescentou:

— Alegra-me imensamente vê-lo mudado.

— Você vê mudança em quê?

— Em seu rosto!... Quando você não está contente, como ocorria faz apenas uma hora, percebo nele uma marca inconfundível que, embora imperceptível, permanece impressa enquanto dura seu pesar.

— Como você me conhece bem!

— Tanto quanto você a mim, com certeza — respondeu Griselda, que a seguir procurou saber, com interesse: — Parece que você queria me dizer algo, não?

— E vou dizer, começando pelo que me está deixando contente. Neste momento, eu me acho sob o efeito de sensações extremamente felizes. Eu diria que se pôs em marcha, dentro de mim, a engrenagem de um poderoso sistema de articulações psíquicas e mentais que exalta meu entusiasmo. Compreende, Griselda?... É algo assim como se as células anímicas de meu organismo, movimentando-se numa intensa atividade, se achassem cumprindo a tarefa de me preparar para um trabalho mais sutil.

Em seguida, relatou como repicavam ainda, em seus ouvidos, as últimas advertências que De Sándara lhe fizera sobre a forma de usar com proveito os próprios recursos internos, a fim de criar as defesas da mente e aumentar a potencialidade da inteligência. Confidenciou-lhe também como aquele, diante de seus protestos — ao reconhecer-se sem méritos para ser depositário da confiança que ele lhe estava dispensando —, havia insistido para que ampliasse seus conhecimentos e se unisse ao conjunto de homens que, dos mais diversos e afastados pontos da terra, colaboram diariamente no esforço por salvar a humanidade do maior de seus infortúnios: a ignorância.

— Esses homens são os cientistas — Cláudio continuou dizendo, — consagrados uns a combater os males que minam a saúde, e outros, ao aperfeiçoamento técnico em todas as or-

dens do progresso dos povos. São também os filósofos, cujas teorias promovem a polêmica em torno dos problemas do espírito, despertando o interesse pela investigação nesse ramo do saber. São os artistas, que perpetuam em suas obras as excelências da alma, uns reproduzindo na tela, no bronze ou no mármore vidas exemplares, para eternizá-las, ou criando e idealizando, em suas concepções magistrais, os traços arquetípicos da criatura humana; e outros expressando, na portentosa linguagem das notas musicais, suas ideias e emoções. Entre esses homens estão os poetas e os escritores, que transmitem ao mundo as mensagens da inteligência, desde os mais complexos e variados temas filosóficos, científicos e artísticos, até o relato cordial e singelo que proporciona à alma instantes de prazer. A esse conjunto pertencem também o industrial, o artesão e o operário, o navegante e o lavrador, e todos aqueles que põem em seu trabalho algo mais que o afã de sustento e a ambição pelo bem-estar pessoal, e que contribuem honradamente para a consolidação da sociedade, para sua tranquilidade e seu progresso.

— Não se trata, pois, de nada inalcançável...

— Oh, não, certamente!... — Cláudio assegurou, puxando-a para si, enternecido. — E menos com uma companheira como você... É a mesma que os olhos de minha alma viram no instante em que meu coração a consagrou como sua rainha!

— Cláudio... — Griselda murmurou, olhando-o com doçura. — Como eu gostaria que você sempre estivesse satisfeito comigo!

— Eu deveria dizer a mesma coisa a você — replicou ele, com um suspiro. — Mas uma força estranha a nosso sentir às vezes nos move como se fôssemos uns títeres, e é claro que o sabor dessas experiências não nos produz nenhum bem-estar.

Minha querida, o homem deve encarar na vida lutas extremamente duras contra sua natureza; lutas que a mulher, diferentemente conformada, não está chamada a enfrentar. Por outro lado, a capacidade de sofrimento da alma feminina é, também, diferente da nossa, e isso coloca a mulher em situação vantajosa diante dos transes da vida que o homem, por essa mesma razão, suporta com dificuldade.

— É verdade — Griselda disse, com afeto, aprovando tão promissores movimentos do juízo na avaliação que ele agora fazia das coisas. — Além do mais, nosso sofrimento cessa tão logo encontramos consolo no amor, que, uma vez aceso em nosso coração, jamais se apaga, se o avivamos constantemente com o melhor e mais puro que nosso sentimento entesoura.

— Você é uma esposinha inteligente — expressou-lhe ele, compensando-a com a mesma ternura que dedicara a ela nos dias mais felizes de seu casamento. — Tudo em você é claro e puro; tudo em você respira sinceridade e doçura.

Diálogos como este repetiam-se amiúde no decorrer dos dias, enquanto ambos se dedicavam ao estudo e prática dos conhecimentos que, por convicção própria acerca de sua efetividade, cada um tratava de incorporar a seu patrimônio espiritual. Verificavam, com crescente entusiasmo, que aquilo que antes permanecia fora deles como uma promessa ia manifestando-se de uma maneira clara e progressiva em suas almas, proporcionando-lhes o deleite de participar de uma preciosa realidade. Parecia-lhes, então, que fragmentos de céu, numa luminosa sucessão, se iam suspendendo no firmamento de suas vidas, e que se faziam maiores ao unirem-se a outros novos fragmentos que, com firmeza e esforço, eles conseguiam reter, como troféus conquistados laboriosamente à ciência da luz eterna que ilumina a Criação.

Patrício, observador sagaz e prudente em sumo grau, celebrava internamente as mudanças operadas em seu patrão; mas, conhecedor de sua impulsividade e veemência, incontíveis quando os estados passionais o assaltavam, era comedido na confiança que costumava dispensar a tais exuberâncias de seu temperamento. Certo dia, em que sua intervenção se fez propícia e oportuna, expressou-lhe:

— Não é raro ver o senhor alegre, mas hoje eu diria que, de uns tempos para cá, o senhor está resplandecente.

— Como você não ia notar, se eu me sinto como se acabasse de nascer num mundo que me permite saborear, antecipadamente, as delícias de uma existência plena de felicidade!

— É muito explicável esse entusiasmo, senhor, mas...

— Mas o quê?... — Cláudio disse, voltando-se para o mordomo que, próximo a ele, parecia tão só interessado em abrir as persianas, para dar mais luz ao aposento.

— O senhor me desculpe... Eu só queria dizer que o entusiasmo é algo muito bom, muito saudável, mas sempre, é claro, que não nos leve a esquecer que ainda nos achamos um pouco sujeitos a este mundo no qual vivemos.

Acostumado a semelhantes tiradas de Patrício, Cláudio se pôs espontaneamente a rir.

— Não me passa despercebido que você está querendo me frear — disse, em seguida. — Mas por que você pensa nisso, se nunca como agora eu me senti tão cômodo e com mais alegria dentro deste mundo? Tudo o que ele me oferece haverá de ser utilíssimo, para que eu leve a bom termo quanto quero conseguir com o objetivo de me expandir no outro.

— Não serei eu quem vai duvidar disso! — o mordomo respondeu, movendo significativamente a cabeça, enquanto por dentro parecia atento a outros pensamentos. — O senhor

é muito jovem e pode realizar muito, em seu benefício e no de seus semelhantes, mostrando, com exemplos que convençam, tudo o que é possível conseguir quando se educa a alma nos claros princípios de bem.

— E você não pode?

— Sim, como tenho tentado!... Esse tem sido meu maior anelo. Entretanto, por mais que o desejasse, só me foi dado rondar muito por fora esse mundo superior, ainda distante para meu pobre e escasso entendimento. Contudo não posso queixar-me porque, espiando — sim, é isso mesmo, espiando — por trás da cortina metafísica que o preserva de nossos olhos, consegui divisar algumas das grandes verdades que nele existem, e que devem ser o sustento dos espíritos que se nutrem delas.

Patrício calou-se. Após um instante, adicionou:

— Já que vem ao caso, senhor, me permita um desafogo... Quem haveria de dizer que eu conheceria pessoalmente o autor desses livros que sempre conservei com tanto carinho! E que diferente ele é do que eu pensava, pois eu o havia imaginado com mais rugas na testa do que cabelos na cabeça! Foi uma grande alegria conhecê-lo...

Cláudio, que gostava verdadeiramente de Patrício, olhou-o com simpatia e, em tom festivo, lhe disse:

— Veja pois: sobre essa alegria vou lhe proporcionar outra — e, colocando ambas as mãos sobre os ombros do mordomo, exclamou: — Eu o nomeio, desde hoje, meu escudeiro! E espero que não tenhamos que lutar muito contra inimigos imaginários nem sair por aí vingando agravos, você me entende?

— Perdoe-me, senhor — Patrício respondeu, acompanhando-o na brincadeira. — Eu desconfio que o seu escudeiro não lhe servirá para muita coisa. Ele vai mais é atrapalhar, porque esse caminho por onde o senhor anda, se percorre dentro de si mesmo... Só ali é que nos é permitido conhecer os recur-

sos que haverão de nos assistir para que avancemos pelo outro, que abarca a humanidade inteira, segundo creio, e que se estende pelos grandes âmbitos da Criação. O senhor com certeza vai me compreender. São dois caminhos que, ao se unirem, se confundem e formam um só.

— Bravo!... Nunca pensei que você fosse tão bom nesse assunto!

— Nada disso! Eu estou apenas nos primeiros trechos da escalada; e isso depois de muito andar, e também de muitas e intrincadas peripécias, tanto morais como psicológicas. É claro que, de onde eu me encontro, isto é, a pouca altura — mas que afinal não deixa de ser altura —, a gente tem uma visão mais clara e mais ampla das coisas do que se olhasse do chão... Assim, como eu dizia, neste ponto onde o senhor me vê, tenho tido de enfrentar situações espinhosas, e muitas vezes arranquei forças até de minhas próprias fraquezas, para não ficar para trás e exposto a maldizer a minha sorte diante da reação complicadora do desânimo. Ah, o mesmo não vai acontecer com o senhor, tenho certeza! O senhor tem alguém que o assiste e aconselha; digo isto, sabendo que é essencial não descuidar os bons propósitos, tão expostos ao debilitamento. Aquele que se empenha em chegar deve fazer de conta que vai montado sobre esses propósitos como se estivesse no lombo de corcéis nobres, iguais àqueles aos quais confiamos as rédeas quando cobrimos longos percursos, sendo preciso alimentá-los com frequência e cuidar deles com todo o zelo, para que resistam, sem sofrer, ao esgotamento imposto pelo longo trajeto que têm pela frente.

— Do que se conclui que os propósitos que animam minha vontade deverão ser meus cavalos de batalha, não é assim? — Cláudio retrucou, adicionando com ênfase, num arranco de bom-humor: — Ah!, eu já os posso imaginar ostentando ao vento suas exuberantes crinas, como os fogosos corcéis que

Aquiles lançava com ímpeto nas areias ressecadas que circundavam os muros de Ílion!

Enquanto Patrício sorria com benevolência ante a jovialidade de seu patrão, este, reparando de repente que suas palavras não estavam de todo isentas de veleidade, reprovou-se a si mesmo por ter-se deixado levar por aquele voo da imaginação, em cujas asas o homem se remonta tomado por uma vertigem que é tão mais intensa quanto mais viva é sua ilusão de tocar os astros. É a imprudência de Ícaro, da qual mais tarde se arrepende, ao comprovar a própria tolice.

Esse fugaz episódio em seguida lhe trouxe à mente a recordação de suas fragilidades, o que lhe serviu para melhor dispor-se a não ceder ante nenhuma de suas incitações; ao contrário, consideraria cada uma dessas circunstâncias como oportunidades que se lhe ofereciam para medir sua prudência e os alcances de sua vontade.

~

Frequentemente, Cláudio fazia benévolos comentários a respeito de Patrício. Relatava à sua esposa passagens de sua vida, nas quais o mordomo aparecia assistindo-o nos momentos críticos da infância e adolescência. Tudo isso foi cimentando em Griselda uma grande estima por aquele nobre servidor. Por outra parte, ele se havia constituído para ela num excelente colaborador em sua vida de casada, porque a foi colocando a par de todos os costumes e modalidades da casa, que ela mudou em parte para introduzir, de comum acordo com seu esposo, modificações que respondiam aos gostos e modalidades de ambos.

— Patrício me agrada por sua bondade e discrição, e muito especialmente pelo afeto que tem por você — Griselda dizia a

Cláudio naquele mesmo dia, quando este se referiu à sensatez de seu mordomo e ao senso de oportunidade com que costumava preveni-lo contra as armadilhas de seus pensamentos. — Observo que ele se preocupa com você como um pai, e não ignoro que, em algumas ocasiões, soube também preencher o lugar de sua mãe. Contou-me uma vez que, ao vê-la em seus últimos dias aflita pelo futuro seu, ele a tranquilizou, assegurando que saberia cuidar de você e que, na medida que seus escassos recursos permitissem, procuraria ajudá-lo, para que florescessem em sua alma os mesmos anelos e inquietudes que ela sempre havia alimentado em seu coração. Desde então, acima dos que instruíam você, ele procurava pôr a seu alcance tudo o que, para resguardá-lo de qualquer surpresa da vida, pudesse lhe fazer falta. Empenhado em se tornar mais eficiente, buscava, nos livros que melhor pudessem auxiliá-lo, a formação em si mesmo de uma conduta que, até então, ele em vão se havia proposto a alcançar. A responsabilidade que por sua própria conta ele tomou sobre os ombros, lhe deu forças para aprender e ensaiar em si as regras mais severas de moral.

O conhecimento desse fato, referido por Griselda com emoção e doçura, teve uma profunda ressonância na alma de Cláudio, cujos olhos se umedeceram.

— Sem tirar méritos a meu pai, que sempre me dedicou grande carinho e muito se desvelou por mim, devo reconhecer em Patrício o grande amigo de minha infância e de minha juventude — disse comovido. — Com ele, eu brincava e ria; e com quanta paciência suportava minhas zangas, meus caprichos e minhas impertinências de menino.

A entrada do mordomo na saleta onde essa cena tinha lugar interrompeu-os.

Trazia uma bandeja com o champanhe que seu patrão tinha acabado de pedir-lhe.

— Você não me entendeu bem — disse-lhe Cláudio, com afabilidade, encarando-o. — Eu pedi três taças, e você trouxe apenas duas; vá, então, buscar a outra.

Sem entender que razões havia para isso, o mordomo apressou-se em cumprir a ordem e, pouco depois, vertia nelas o espumante vinho.

— Desejamos beber à sua saúde, Patrício! — manifestou então Cláudio, oferecendo a ele uma taça. — Se as pessoas se diferenciam por seu berço, no espiritual as almas se nivelam e convivem na paz santa de suas ideias, quando nelas existe limpeza de sentir, compreensão desprovida de egoísmo e, sobretudo, tolerância, respeito, bem como o apreço imposto pela correspondência de sentimentos e aspirações.

Sem poder conter o pranto que lhe aflorava aos olhos, Patrício se lançou nos braços de Cláudio, que, de pé junto a ele, o fitava com emoção.

Passado aquele instante, no qual as palavras desapareciam para dar lugar ao sentimento, Griselda estendeu sua mão a Patrício, que, ao estreitá-la com respeito, exclamou:

— Obrigado, senhora! Muito obrigado!

— E agora — Cláudio disse, elevando sua taça, — brindemos à felicidade dos seres queridos; um brinde a você, Patrício, para que nos acompanhe durante muitos anos; e, finalmente, para que consigamos, com nosso esforço, conquistar a cada dia um palmo mais da "terra da promissão", pátria incorpórea daqueles que, com seu exemplo, nos mostraram o caminho que a ela conduz.

O casal Arribillaga passou os meses restantes do verão em sua fazenda de Balcarce, alegre com a presença dos Laguna e de amigos íntimos. Mas as férias foram nesse ano muito curtas, uma vez que, iniciadas tardiamente, ainda foi necessário encurtá-las por causa do mau tempo, que sobreveio com dias chuvosos e prematuramente frios.

Ao regressar, Cláudio logo tratou de reunir em sua casa aqueles amigos que, como ele, estavam de volta das férias. Satisfeita a natural necessidade de descanso e lazer que os afastara da Capital, haviam voltado reativados, com ânimo de acertar o prosseguimento de suas investigações.

Reunidos em seu gabinete, já familiar para aqueles intercâmbios, todos seguiam nesse momento a palavra de Malherbe:

— Em sua recente visita — dizia-lhes —, o senhor De Sándara nos deixou chaves interessantíssimas, cujo estudo permitirá que nos guiemos satisfatoriamente na remoção de velhos e arraigados conceitos que ainda existem em nossa mente, de ideias fixas que igualmente nos movem como autômatos, e de tantos preconceitos que nos inabilitam para um contato mais íntimo e direto com os conhecimentos que atualmente despertam nosso interesse.

— Eu considero — Arribillaga manifestou — que, além de oportuno, é fundamental reforçarmos a resolução de deixar de lado tudo o que possa impedir ou dificultar nosso trabalho, se queremos equipar melhor nossa razão e marchar com passo firme para diante.

— Isso tem uma importância muito grande — expressou Marcos, ali presente, — porque nosso êxito futuro muito dependerá da firmeza que pusermos neste momento em nossa resolução de avançar.

— Dependerá disso e também de sua inalterabilidade durante todo o tempo que a eliminação dessa carga exigir — Malherbe apoiou.

Em seguida, Salvador, que também se achava entre eles, manifestou:

— Estamos procurando realizar a exploração de um mundo sobre o qual temos apenas referências. Nossa situação, portanto, é de certo modo semelhante à daqueles que empreendem a exploração dos polos, das grandes montanhas, da selva, etc. Sempre li com gosto os livros que descrevem aventuras assim tão arriscadas, e neste momento me vem à mente com quantas minúcias se encara, nesses casos, tudo o que se relaciona com seu preparo, do qual depende em boa parte o êxito.

— As circunstâncias são de fato similares — considerou Malherbe, — se bem que há uma diferença nelas que as distingue, e é que, em nosso caso, essa preparação tem que ser individual, ou seja, deverá ser cumprida dentro de si próprio, já que também individual é a empresa, e cada um deve se ver consigo mesmo em todas as emergências.

— Eu entendo que não nos é negado solicitar ajuda alheia — objetou Cláudio.

— Em absoluto — Malherbe aprovou; — mas a solução dos conflitos internos, a solução dos problemas íntimos promovidos pelas situações que se vão criando, concerne exclusivamente a cada um.

— Considero que a intervenção de um único participante nessa experiência — Salvador ponderou, valendo-se sempre de sua analogia — não impede, entretanto, que intercambiemos mutuamente, como costumamos fazer, nossas ideias, nossos pontos de vista, enfim, nossos recursos particulares quanto à melhor forma de nos introduzirmos no desconhecido.

— Claro que é assim — Malherbe concordou. — Essa preparação ou adestramento individual de forma alguma vai contra essa troca desinteressada de opiniões e critérios que estamos realizando; pelo contrário, nosso trabalho permite que cada um de nós forme o próprio equipamento, para avançar com maior segurança na exploração que nos propusemos a levar a cabo dentro de nós mesmos; isso quer dizer que estamos aqui nos ajudando uns aos outros, para podermos empreender a aventura com o mínimo de risco.

Malherbe, em seguida, fez a leitura de vários textos provenientes do senhor De Sándara, que continham novos esclarecimentos sobre aspectos da evolução humana e da vida do espírito. Fizeram-se anotações, discutiram-se normas a seguir e, finalmente, concordaram em fazer com frequência regular aquelas reuniões, umas vezes ali e outras em casa de Marcos ou de Malherbe, contando com a presença dos amigos que ainda não haviam regressado das férias, o que lhes permitiria, em breve, aumentar o grupo.

~

Transcorrido pouco mais de um mês, aqueles projetos concretizaram-se num labor tenaz e entusiástico. Dele participava Miguel Ángel, que, consciencioso e dinâmico, estimulava a todos no prosseguimento dos esforços; Norberto, muito formal, estudioso, e eficaz colaborador; Salvador e Agustín, ambos muito capazes, embora menos ativos e constantes que os outros. Marcos, Justo e Cláudio corriam lado a lado nessa "maratona" espiritual, se bem que este último, em certas ocasiões, perdesse terreno, mais afetado que seus companheiros pelos

contrastes que ocorriam nele em virtude de sua descontrolada pujança. Não obstante, era certo também que ele sabia encontrar depois o nível que balanceava suas forças, levando consigo, para enriquecimento de seu saber e experiência, uma nova faceta da verdade, dentre as tantas que haveria de ir conquistando. Era indubitável que, em seus esforços, muito o impulsionava o desejo veemente de obter a aprovação de seu preceptor, quando o visse; por outra parte, contava com o alento que Griselda lhe infundia, fosse por meio de sua judiciosa palavra, fosse de sua discreta aprovação, motivada por algum triunfo obtido sobre as falhas de seu temperamento ou sobre as dificuldades criadas pela inércia mental, que de vez em quando prostrava suas boas intenções.

Entre os de mais idade, contava-se o senhor Gorostiaga, pai de Marcos, participante de grande vocação e por isso mesmo muito assíduo, e Moudet, que, em seu afã de obter amplos esclarecimentos sobre tudo, forçava os demais a superar os resultados de suas buscas. Malherbe sobrepujava a todos por seu domínio nesse ramo do saber e por sua grande penetração psicológica, além de distinguir-se por seu profundo sentido humano da vida, sua simplicidade e sua pulcritude moral, que faziam de sua pessoa um ser grato e de eficaz influência. Comumente, tendia a moderar ou conter nos demais toda manifestação que implicasse um elogio ou homenagem a seus acertos, fossem estes de que ordem fossem, e seu maior cuidado era o de auxiliar os que o acompanhavam naquela nobre tarefa, fortalecendo-os em seus entusiasmos ou firmando-os em suas convicções.

Apesar desse labor tão bem programado, bem assim da ajuda de tão empenhados colaboradores, para Cláudio as coisas nem sempre corriam de acordo com o desenvolvimento inalterável do plano que ele havia traçado. Sem que isso influísse em

prejuízo de suas boas aptidões, que eram muitas, passados poucos meses já contava em seu haver individual com alguns colapsos psicológicos, que numa avaliação íntima ele considerava desmerecedores e em contradição com seus propósitos. Trataria de ser no futuro mais precavido. Por que isso haveria de repetir-se?

Numa certa manhã, sem que pensasse ou quisesse tal coisa, ocorreu ter ele despertado com má disposição de ânimo e, alegando ante Griselda, como razão daquele estado sombrio, dificuldades provenientes de sua profissão, internou-se em seu gabinete, vítima das queimações da desconformidade. Ali se deixou cair pesadamente sobre uma poltrona, com mostras de grande desalento.

Examinava Cláudio Arribillaga, nesse instante, de onde partia esse desgosto que subitamente se abatera sobre seu ânimo? Não; nem sequer recordava que o havia afastado de si, no dia anterior, simplesmente por recorrer a uma judiciosa reflexão. Cativo agora dessa indisposição, e enquanto permanecia ali sem ver nem ouvir nada de tudo quanto o rodeava, pareceu-lhe que algo semelhante a uma lagarta com olhos de dragão subia pelo interior de seu ser e devorava os tenros brotos que, com prazer, ele tinha visto surgir em sua alma, qual uma promessa que nutria com seiva nova a simbólica árvore da vida — aquela mesma árvore que, tantas vezes, ele havia imaginado frondosa e gigantesca, balançando sua robusta copa sobre grosso e firme tronco, à prova de séculos, em cuja sombra descansaria do longo peregrinar, refrescaria o fatigado espírito, saborearia seu magnífico fruto e, ao levantar-se, começaria a partir dali a andar com passo firme e seguro pelo Grande Caminho.

Abandonando de súbito a poltrona, como se num instante ela se lhe tornasse insuportável, Arribillaga começou a dar passos numa e noutra direção, sentando-se e pondo-se de pé, à semelhança daquele que, havendo cometido um delito, ou

achando-se angustiado por uma grande preocupação, não sabe livrar-se do peso moral que o atormenta. De repente, como se todos os pensamentos que alimentavam seus anelos de sabedoria o tivessem abandonado, parou e, lançando para longe de si alguns papéis que acabava de retirar de uma gaveta, disse a si mesmo, com fastio: "Para que tanto sacrifício?! Para que estudar e se empenhar em ser melhor?! Só para satisfazer uma vaidade que exige gastar todas as energias de nossa juventude?! Formidável tributo, que de modo algum estou disposto a pagar!..."

Cláudio Arribillaga havia sido oportunamente advertido acerca da consagração, do esforço e da paciência que a conquista do grande saber requer e, de igual modo, prevenido contra as incansáveis investidas do instinto, que não transigiria jamais com a nova forma de vida que ele estava disposto a adotar. Destronado de seu reino, no qual as paixões, os desejos impuros e a liberalidade são sua representação, logo este reagiria contra seu novo soberano, o espírito, que no futuro orientaria seus passos por caminhos melhores. Instruído sobre a forma de lutar contra tais crises internas, Cláudio poderia ter-se sobreposto a elas com o simples uso que fizesse de seu saber; mas ainda débil psicologicamente, foi vencido antes que esgrimisse em sua defesa a técnica que haveria feito seu oculto adversário retroceder, livrando-o ao mesmo tempo do efeito envolvente do movimento mental e volitivo que havia tomado conta de seu ser.

"Não aguento mais!", disse Cláudio para si, progressivamente excitado. E seguiu dando rédeas a seu desagrado: "Isto de estar como que fascinado ante duas forças que me sugam a alma ameaça me aniquilar, porque as duas exercem sobre mim igual atração... Com a melhor das intenções, eu quis abandonar a vida que me é conhecida, para viver no mundo das ideias, dos pensamentos e das sensações sublimes, e quão longe estava eu de pensar que, nos umbrais mesmos do grande objetivo conce-

bido como meta ideal, correria o risco de confundir, em meio a um angustioso e desesperado suplício, o material com o espiritual, e de admitir com naturalidade essa híbrida aliança. Decididamente, isto não entrava nos meus cálculos, mas eu já suspeitava! Ah, sim, eu já suspeitava que ia ser assim!... Cada dia que passa, mais me convenço de que avanço a passos de tartaruga... Eu, que me via dominando o espaço, provido de grandes e douradas asas!... Agora, ao contrário, sinto como se minha cabeça estivesse metida dentro de uma rígida envoltura psicológica, condenada a ficar olhando para o chão com olhos estúpidos. Afinal de contas, para quê? Para que quero tanto saber, se o que tenho dá e sobra para conseguir tudo o que desejo?... Quantos prazeres, quantas atrações deixei de lado!... Continuando desse jeito, logo serei olhado como um curioso exemplar de alguma estirpe desaparecida... Não; não pode ser; se não consegui até aqui viver no mundo prometido, então seguirei vivendo neste mesmo, que no fim das contas não é lá tão mau."

Assim argumentava o incauto doutor Arribillaga, sem dúvida para justificar ante sua consciência um possível mau passo. Tão somente um instante de serenidade e prudência lhe teria bastado para desbaratar o jogo maléfico de seus pensamentos, os quais, postados num rincão de sua mente, ávidos por represália, apoiavam com ardor e astúcia o descontentamento que sua impaciência lhe acarretava.

Patrício, intuindo talvez que algo estranho se passava com seu patrão, decidiu adentrar o gabinete.

— Que está acontecendo com o senhor? Sente-se mal?

Ante a pergunta do mordomo, aquele torvelinho de ideias e o bulício anunciador do triunfo mefistofélico cessaram como por arte de magia.

Extenuado pela terrível luta interna, Cláudio deixou-se cair sobre a poltrona, ao mesmo tempo que articulava palavras im-

precisas, com as quais tratou de refrear o impulso agressivo que o induzia a tornar manifesta a determinação de renunciar a seus anelos. Seus cabelos estavam em desordem; o colarinho de sua camisa, desabotoado; e a gravata, depois de suportar violentas compressões, transformada curiosamente numa sombra chinesa.

Patrício não precisou de mais nada para compreender que seu amo havia caído num daqueles estados de depressão que se promovem quando o instinto, dono ainda da natureza inferior do homem, se rebela ao pretender este libertar-se de sua influência tirânica. Por experiência própria, sabia que esse era um estado comparável ao que se experimenta em momentos de grande desilusão.

— Não há dúvida de que algo muito sério deve estar fazendo o senhor ficar tão preocupado... — ele insinuou, sem ceder em seu intento de iniciar uma conversa, na qual pudesse fazer uso de seu acervo para apaziguar aquela mente agitada e fazê-la voltar a seu juízo.

— Eu simplesmente resolvi abandonar qualquer projeto que não me seja de fácil execução.

— Na verdade, eu não estou entendendo...

— Eu vou dizer então em termos mais claros: não tenho tempo para me ocupar de outra coisa que não sejam meus interesses.

— Ah!... compreendo, agora compreendo... — Patrício murmurou, com os olhos fixos no chão, enquanto coçava a cabeça, buscando possivelmente algum recurso salvador.

Em seu íntimo, ele dizia: "Valha-me Deus! Que razões o homem apresenta para justificar seus desatinos!..."

Um pouco mais brando, Cláudio expressou:

— Não tenho têmpera para ficar submetido a disciplinas que me tiram a liberdade de fazer tudo o que eu quero fazer.

— Mas, quem está tirando a sua liberdade?

— Quem?... Ora, minha consciência, homem! Minha consciência!

E em seguida, como se os pensamentos causadores de tanta violência, encurralados por um instante, recobrassem forças num último intento de impor sua vontade, exclamou com impetuosidade:

— Sim, Patrício, minha consciência, cujo poder de persuasão e de ingerência em minha vida é cada dia mais insuportável!... Eu às vezes a comparo a uma dessas mulheres intrometidas que passam suas horas fiscalizando tudo o que fazemos. A princípio, eu mal me advertia de que ela existia, mas agora me pede conta de tudo. Arre!... Nem que eu fosse um empregado assalariado, com o dever de ajustar a conduta ao cumprimento de uma obrigação. Isto é insuportável, Patrício!... Eu não aguento mais!

Este bem que teria rido ali a valer, caso não fosse contido pelo respeito que devia a seu patrão, bem como pela prudência, que o impedia de atiçar com uma atitude imprópria aquela combustão mental que, após queimar com grande estrépito os últimos argumentos acumulados pela reação, já oferecia sinais de extenuação. Era uma extenuação em que havia muito de astúcia, pois as brasas, rebeldes, envermelhecidas ainda de furor, embora aparentassem morrer, ardiam sob as cinzas com a avessa intenção de produzir, ao menor descuido, um novo incêndio.

Muito cauteloso, Patrício respondeu:

— Se então o senhor mandar mesmo tudo para o diabo, alistando-se na corte de seus infelizes vassalos, não há dúvida de que vai dar a ele uma tremenda satisfação.

Desta vez, foi Cláudio quem sorriu; entretanto, com o ânimo ainda tomado pelo azedume, adicionou:

— É inegável, Patrício, que queremos ser grandes atores no cenário de nossa vida, e terminamos comprovando que so-

mos apenas simples polichinelos, incapazes de representar um papel mais importante.

— Ah, isso não! E prova está em que antes o senhor não se dava conta do que acontecia em seus próprios domínios, nem tampouco experimentava as nobres satisfações que agora desfruta, quando consegue escapar desses estados de abatimento que pesam sobre o ânimo sem razões válidas... Mas, encarando tudo isso de uma forma mais adequada, o senhor não acha que esses mesmos tropeços podem ser também sinal de um positivo progresso?

— Convirá comigo, Patrício, que é um tanto difícil chegar a compreender que o fato de estarmos a ponto de sucumbir numa borrasca mental possa ser uma circunstância que nos indique um grau de progresso.

— Pois me parece, senhor, que tais circunstâncias são algo assim como filtros, ou melhor ainda, como peneiras, nas quais somos sacudidos fortemente, a fim de que passe por elas o pouco ou o muito de bom que em nós existe, enquanto o mau permanece ali, à espera de ser fundido no crisol das experiências que vão acontecendo. A parte boa que resulta desse sacudimento, suponho eu, deve ser o ouro com o qual pagamos a entrada nesse mundo singular, cujo espetáculo sublime vai satisfazer amplamente nossas esperanças.

— Eu sei muito bem, Patrício, que, após cada um desses sacudimentos, o que convém ao homem é ajustar contas consigo mesmo, a fim de se orientar sobre a maneira mais prática de aumentar o próprio acervo de bens. Com quanta frequência esquecemos que só à custa do desprendimento de nossas fraquezas é que serão abertas as portas desse mundo no qual são revelados os mistérios da Criação, pois, segundo tenho entendido, nele aparecem fielmente reproduzidas todas as fases do

processo da vida universal, que avança obedecendo a uma força suprema que a mantém em perpétuo movimento. É perfeitamente explicável que esse mundo não esteja ao alcance fácil da mão, nem que o acesso a ele seja instantâneo, já que nossa limitada capacidade de ver não poderia abarcar nem uma pequeníssima parte de sua infinitude. Para não se ofuscar ante as miríades de luzes que, sem dúvida, devem iluminar os âmbitos desse mundo inefável, é forçoso sentir — e isto é o difícil! —, verdadeira vocação para a mais preeminente das ciências e das artes: a Sabedoria. Melquisedec a possuía em alto grau, segundo o dizer bíblico, razão pela qual figurava entre os mais elevados e ilustres oficiantes do Antigo Testamento.

— O senhor não acha atraente semelhante perspectiva?

— Atraente demais; mas parece que me falta essa vocação. O incentivo, o estímulo que algumas vezes eu encontro nesse singular noviciado, outras vezes me abandona, devido a forças que as minhas, ainda pouco desenvolvidas, temem enfrentar.

— Veja só o senhor... Até onde eu pude chegar a compreender este assunto, aquele que não tivesse vocação deveria fomentar dentro de si a ideia de chegar a tê-la, sem cessar nesse empenho. Do mesmo modo deveria proceder a respeito das virtudes, das qualidades e até das disposições. Se elas não existem nele, que sejam então criadas, a fim de que ele chegue a igualar e até a sobrepujar os mais bem-dotados.

— O ruim é não saber como se faz isso... — Cláudio lamentou.

— Mas tampouco é difícil chegar a saber. Principalmente para uma inteligência aguda como a sua. Então, o que eu poderia me dizer, que me vejo obrigado a esperar horas, e às vezes dias, para me dar conta — e isto quando consigo — de uma sugestão qualquer?

— Você tem razão, Patrício, mas é necessário ter uma

mente de adivinho e uma vontade de atleta para abordar o enigma de nosso complexo mecanismo psicológico. Além do mais, não vejo que aqueles que possuem maior número de virtudes, ou os que se distinguem por suas aptidões, me avantajem nos resultados que conseguem.

— Oh, mas acontece que o simples fato de possuí-las não quer dizer que elas sempre sejam usadas com inteligência e consciência num fim como o que o senhor está perseguindo para si!... Pode-se ter, por exemplo, a virtude da paciência, mas isso não quer dizer que essa paciência tenha alcançado o grau de cultivo necessário para se obter o que se pretende. As virtudes, como as vocações, eu suponho, têm origem em recônditas perspectivas da alma. É algo assim como se elas, desde tempos imemoriais, se achassem abertas às possibilidades do homem, como um convite a ascender ao mundo das maravilhas e como uma promessa de facilitar essa ascensão.

— Talvez seja isso o que nos sustenta e levanta, toda vez que caímos em algum desses infelizes transes psicológicos.

— E acontece ainda que, às vezes, se tem de somar a isso a intervenção de um joão-ninguém como eu, se fazendo de animador.

Um riso franco e alegre foi a melhor resposta que o mordomo podia esperar.

— Bem..., o pior já passou! — Cláudio exclamou, recuperando-se e saltando de seu assento, disposto a deixar o gabinete. — Volta a renascer em mim o otimismo e a confiança que acreditei perdidos! Olhe, Patrício, às vezes parece que estou empurrando um carrinho de mão numa encosta escarpada. Eu diria que o próprio diabo, com o único objetivo de me prejudicar e de tornar meu avanço mais lento e cansativo, se acha empenhado em enchê-lo de pedras a cada trecho, e, quando não

fico esperto, zás!... O que acontece?... Acontece que eu acabo despencando, por causa do enorme peso, e lá vou eu encosta abaixo, perseguido pelo pedregulho, que vai arredondando suas quinas no meu surrado lombo.

— Oh!... Às vezes eu também tenho essa sensação, naturalmente que imaginada de outro modo.

Alheia por completo a tudo quanto acabava de acontecer no diminuto mundo de seu esposo, Griselda desfrutava pouco depois um desses momentos em que, juntos, se entretinham agradavelmente na contemplação dos progressos de sua pequena herdeira, que já lhes oferecia suas primeiras graças.

~

Semanas mais tarde, foi Salvador quem, em plena reunião, manifestou sua desconformidade com uma norma que, aceita sem reserva até então, ele agora considerava injustificadamente excludente. Talvez experimentasse, nesse momento, um daqueles pequenos dramas internos que costumam produzir-se de improviso nas pessoas de certo preparo intelectual, quando, entregues a algo que excede os conhecimentos que são de seu domínio, veem-se obrigadas a reflexões que de certo modo diminuem sua mimada personalidade. Dizendo em termos mais claros, tudo aquilo não era outra coisa que a simples irrupção de uma reação psicológica, provocada pelo eriçamento da vaidade.

Era por demais evidente que um fim comum os havia agrupado ali: o de se ilustrarem a fundo sobre os problemas do espírito. Porém, as diferenças de caráter e, muito principalmente, as modalidades psicológicas ainda não maduras, assim como a abundância de preconceitos — umas vezes congênitos

e outras oriundos de uma incubação própria —, influíam consideravelmente, complicando a miúdo o curso das investigações. Tal fato por vezes tornava um tanto difícil a conciliação dos pontos de vista, já que se tratava de pôr as opiniões de acordo com as formas e ditados de uma cultura que eles mal começavam a examinar e comprovar.

Quase sempre era Malherbe, com a autoridade que sua vinculação direta com De Sándara lhe conferia, bem como o consequente domínio que tinha na área dos conhecimentos que este lhe oferecia, quem conseguia devolver ao conjunto a coordenação harmônica que todos desejavam conservar.

Reunidos desta vez na casa de Marcos, e a ponto de terminarem uma judiciosa análise sobre o valor que concediam à possibilidade de partir de uma base certa em investigações de caráter tão transcendental como as que estavam fazendo, um dos presentes destacou — talvez com algo de veemência — a importância que tinha poder compreendê-las sem o risco que se corre quando não se conta com outra guia a não ser a confusa linha traçada pelo pensamento do homem, em seu incansável afã de lançar um pouco de luz sobre seu incerto destino.

Salvador, até ali plenamente de acordo com o que fora estabelecido por todos com o objetivo de facilitar o andamento dos trabalhos, e em geral comedido, declarou, então, para surpresa daqueles que nesse momento o escutavam:

— Seria faltar a um dever de sinceridade ocultar de vocês que não estou ainda inteiramente convencido de que exista dessemelhança entre o sistema que estamos estudando e aqueles outros aos quais devemos nossa ilustração em matéria filosófica, psicológica e moral. Considero que a prescindência que fazemos destes últimos é absolutamente desnecessária, e que, se persistirmos em tal conduta, nos veremos impedidos de

obter resultados que surgiriam com menor dificuldade do conjunto. Os esforços que fizemos até aqui, para extrair desta ciência elementos de juízo, estiveram muito bem encaminhados, e eu mesmo aceitei de bom grado a não ingerência de outras correntes de pensamento no seio destas reuniões, mas não vejo com bons olhos que isto tenha de continuar indefinidamente. As confrontações são necessárias; e são necessários os cotejos com as proposições de outras destacadas inteligências. Em minha opinião, deveríamos deixar de nos engolfar unicamente nesta concepção, para abarcar zonas de conhecimento mais amplas e aumentar, assim, nossa erudição.

— Não se trata — Malherbe respondeu, cortesmente — de fazer comparações ou confrontações entre nós, embora eu entenda que o fato de fazê-las pertence ao foro individual e, por isso mesmo, não estão vedadas a ninguém. Nunca esteve tampouco em nosso propósito, ao nos reunirmos, conciliar a disparidade que teorias, métodos ou sistemas costumam guardar entre si. Nossa ideia, e acho que nisto estamos todos de acordo — continuou, acentuando suas palavras, — tem sido a de seguir o roteiro traçado por esta nova concepção da vida do homem, esforçando-nos para aprofundar e esclarecer o conflito entre suas duas naturezas: a superior, manifestada em sua mente, em sua consciência, em seu espírito, e a inferior, a qual, mesmo quando consegue sobressair por força das ideias que fazem o progresso material do mundo, não deixa de ser influenciada quase permanentemente pelo instinto, representado pelas paixões e pelo complexo de animalidade que caracteriza a arraigada tendência humana ao que é estritamente material ou físico, com prescindência quase que absoluta do espiritual.

Nesse ponto, Marcos pediu a palavra e disse:

— Se estes conhecimentos, que atraem de forma particu-

lar nossa atenção, e que talvez algum de nós ainda considere como uma teoria a mais, se limitassem ao enunciado de problemas, tal como fizera Aristóteles, e depois dele os pensadores que o sucederam até nossos dias, confesso que eu não teria dedicado meu tempo a eles, já que não poderia afirmar que nessas fontes eu satisfiz minhas aspirações de saber e, muito menos, que senti a influência benéfica desse saber em minha vida. Mas considero que estamos diante de um caso diferente, pois esta ciência, que tem por finalidade específica situar o homem na realidade de suas altas prerrogativas, oferece a nossos passos uma rota perfeitamente traçada e curta, e um assessoramento que nos garante o trânsito por ela, ao sinalizar para nós, como indicadores do caminho, as leis que regem e regulam o pensamento humano em seus avanços em direção à meta da perfeição.

Em seguida, o senhor Malherbe voltou a fazer uso da palavra e, dirigindo-se a Salvador, manifestou:

— O erro em que você acaba de incorrer, ao julgar paralelas ideias substancialmente diferentes, reside no fato de tê-las acolhido do ponto de vista da simples ilustração intelectual, conformando-se em sustentar uma erudição que, embora seja muito respeitável, não nos conduzirá muito longe no terreno do verdadeiro conhecimento, ou, dizendo mais claramente, não nos conduzirá à conquista de nosso objetivo. Devemos recordar, meus amigos, a recomendação emanada da ciência em estudo, que assinala a necessidade de aprofundarmos a investigação pela via da comprovação racional; não fazendo assim, como poderemos pensar que nosso próprio juízo foi suficientemente ilustrado? Para determinar, por exemplo, a qualidade e o valor de um brilhante, bastará tão somente tocá-lo? Não será necessário determinar também sua legitimidade, seus quilates, a perfeição com que foi lapidado, sendo neste caso imprescindível possuir a

capacidade de um perito?... Tomemos outro exemplo: ante um apetitoso manjar que ainda não provamos, poderemos avaliar dele outra coisa além de sua aparência? Se não o degustamos, se não o saboreamos, como vamos comprovar sua qualidade e apreciar o grau de prazer que pode proporcionar ao paladar?

— Estou de acordo, senhor Malherbe — Salvador objetou, — embora pense que, mesmo provando desse manjar, ainda nos poderia faltar a segurança absoluta de que o paladar não se enganou ao degustá-lo.

— Em tal caso, eu lhe digo que isso não acontecerá nunca a quem o tenha educado, adestrando-o no exercício da gustação até alcançar o seu refinamento. Vemos, pois, meu querido amigo, quão indispensável é que em tudo esteja presente o elemento mais apreciável e nobre de nossa vida, que é esse padrão de medida chamado sensatez, que devemos usar sempre para avaliar as coisas e situá-las no quadro dos respectivos valores.

Mercê de impulsos da vaidade, ofendida nesciamente pelas palavras que acabava de ouvir, Salvador replicou, sem se importar muito se parecia recalcitrante:

— Não queria incomodar ninguém com minhas palavras, mas o certo é que eu preferiria ser um sofista consumado a admitir plenamente uma concepção que, por mais elevados que sejam seus alcances, ainda se acha nos períodos embrionários da investigação.

Malherbe, que conhecia por experiência o choque de ideias que costuma promover-se na mente quando esta, obstinada, quer dar preferência a uma delas — fato muito relacionado com certas atitudes extremistas do homem, — perguntou a Salvador, com calculada ironia:

— Mas nós alguma vez negamos que é do livre exame que deve surgir, ao se elaborar o juízo próprio, a valorização justa a ser dada a cada linha de pensamento?

E, disposto a arrematar o assunto com uma proposição satisfatória, adicionou estes conceitos:

— Já foi repetidamente considerado entre nós, que nos achamos diante da confrontação de duas culturas: uma, trazida de longe por uma tradição a que nos submetemos docilmente, e cujos ditados e preceitos já não respondem ao imperativo da consciência em suas legítimas demandas pela preeminência da verdade sobre qualquer interpretação, conjectura ou argumento que a desvirtue; e outra, que deverá ser forjada pelo homem mediante o aperfeiçoamento levado a efeito por via rigorosamente consciente, e cujo advento deverá estar acompanhado pelo testemunho vivo das gerações presentes, convidadas a intervir nesta gesta emancipadora do espírito humano, liberadas mediante uma racional e exaustiva investigação de todo preconceito e de toda crença oposta à razão. Por esse meio, elas serão guiadas a comprovar o saldo exíguo que as ciências empenhadas em decifrar os grandes enigmas que envolvem a vida do homem e do universo têm conseguido reunir como contribuição efetiva ao progresso espiritual do mundo e à dignificação do indivíduo; e, também por esse meio, elas serão guiadas a discernir sobre a realidade que consubstanciou aqueles fatos históricos que, revestidos de caráter místico, profético ou milagroso, foram, além de fontes de inspiração, a origem das mais atrevidas crenças. Estou convencido de que a nova cultura, a que acabo de me referir, se concretiza claramente nos postulados que estruturam a ciência que temos em estudo. Muito me agrada expressar isto, do mesmo modo que me agrada testemunhar, ainda que seja só em palavras, as satisfações que a todo instante seu estudo e seu exercício me têm proporcionado.

— Lamento o tempo que esta ligeira divergência nos está tomando, senhor Malherbe — Salvador expressou, — e peço desculpas por isso. Mas não gostaria de guardar para mim que, ao insistir nesse esclarecimento de ideias e conceitos que eu propunha que introduzíssemos em nosso trabalho, estava implícita nisso uma necessidade pessoal de modificar ou, melhor dizendo, de fortalecer — considerando que este seria um meio — a adesão um tanto débil de minhas convicções a alguns pontos, particularmente o que trata do mundo suprassensível, sobre o qual a nova concepção está coalhada de referências.

— Creio que não me equivoco ao pensar que você esteja, talvez, numa dessas situações em que o próprio juízo é levado a abrir para si uma brecha, seja qual for ela, em busca de uma razão que supere as proposições que preocupam o entendimento.

— Em tal caso, eu seria obrigado a aceitar que estou atuando sem ter consciência disso — Salvador replicou, sem conseguir reprimir o incômodo com que havia recebido as palavras de Malherbe.

Vendo, porém, que seu interlocutor não denunciava a menor intenção de censurá-lo, acalmou-se imediatamente.

— A verdade é que eu não quis dizer tanto assim — tornou Malherbe, com afabilidade. — Foi uma simples alusão a um fato muito comum e, por outra parte, muito compreensível ou justificável. Mas voltemos ao assunto em questão. Sobre o que você nos dizia há pouco, ao assinalar como motivo de suas dificuldades o que esta concepção expressa sobre o mundo suprassensível, agrada-me dizer-lhe que temos ao nosso alcance tantas explicações, e é tão vasto e tão abundante o material de ilustração com que contamos, e sua realidade é tão suscetível de verificação, que neste momento não me ocorre melhor res-

posta do que repetir o que ouvira do próprio senhor De Sándara, numa ocasião semelhante a esta. Disse ele que duvidar de sua realidade seria nós mesmos nos incluirmos nessa dúvida, uma vez que grande parte de nossa natureza, como a de todos os seres humanos, pertence a esse mundo, mesmo que nós o ignoremos.

— A dúvida, entretanto, nos põe a salvo de cair na fé cega, que rechaça todo raciocínio.

— Exatamente... Mas admitamos, também, que podemos cair no fanatismo da dúvida, quando, postos a raciocinar, persistimos na valorização excessiva do que tantos disseram, sem nos darmos conta de que tais valores carecem de força para resistir ao que uma verdade expressada com amplidão vem, de repente, descobrir para nós. Não devemos estranhar que isso ocorra; eu mesmo caí nesse erro, antes de verificar o contraste que havia entre o adquirido em matéria filosófica — nos de longos anos de estudos universitários e de outros, mais longos ainda, transcorridos em contato direto com a vida — e a realidade evidente que estes conhecimentos nos apresentam. Todos os que aqui estamos podemos testemunhar dois fatos que nossa apreciação considera irreconciliáveis: a simples ilustração que o imenso acervo filosófico oferece ao homem e o conhecimento cabal que, para reconstruir a vida, se pode extrair desta ciência que começamos a interpretar e experimentar.

Todos haviam seguido com evidente atenção aquela pequena pugna filosófica. Alguns, provavelmente, experimentavam a sensação de que assistiam à representação de uma daquelas passagens nas quais eles próprios desempenharam papéis similares, uma vez que é grande a relação que existe entre as perturbações psicológicas que costumam surgir antes do amadurecimento que ordena e equilibra definitivamente a

vida. Talvez tenha sido isso o que levou Cláudio a sair em auxílio de seu amigo, a quem uma irreflexão havia deixado um tanto sem brilho.

— É curioso — disse — ver como esta circunstância se vincula ao que eu mesmo vivi algumas vezes, para não dizer muitas, ao me sentir torturado pela dúvida, pela vacilação, pela confusão, pela desconformidade e outros estados psicológicos análogos. Observei que, quando tais coisas ocorrem, é porque algo ainda não identificado em nós está nos impulsionando a sobrepujar estados que devemos ir abandonando. Prova disso é que, transcendido o obstáculo, se comprova sempre que intervém uma maior porção de luz nas elaborações da inteligência. Assim sendo, o que acabamos de escutar não está de mais no haver individual de cada um de nós, porquanto poderá nos ajudar a enfrentar os riscos de qualquer alternativa que nos perturbe o ânimo. Digo isto com a convicção de quem não se considera a salvo de tais riscos.

Vários se sentiram impelidos a relatar suas próprias mudanças, as quais os haviam afetado — a uns mais, a outros menos — enquanto procuravam escalar posições mais avançadas na conquista do conhecimento.

Salvador não deixou de expressar ao senhor Malherbe seu agradecimento por havê-lo suportado — assim ele disse — com tanta amabilidade e paciência; faltou à sua palavra, porém, o tom franco e cordial que teria posto em evidência o abrandamento das travas interiores que naquele momento o oprimiam.

Quando Cláudio lhe estreitou a mão nessa noite, ao despedir-se, compreendeu, pela rigidez que lhe endurecia o rosto e pela expressão esquiva dos olhos ao fitá-lo, que o amigo seguia obstinado em suas ideias. Não obstante, bateu-lhe nas costas com ar cordial e afetuoso, como se não tivesse percebido nada de estranho nele.

Enquanto percorria em seu automóvel o trecho que o separava de sua casa, fez uma série de reflexões, algumas um tanto estranhas. Entre outras coisas, imaginou que Salvador tinha subido a coluna do preconceito, como Simeão Estilita e seus congêneres. Será que também ele preferiria passar a vida convertido em estátua de carne e osso a viver como Deus manda, andando e lutando pelas ruas deste mundo?... Ao término de suas reflexões, sentiu-se notavelmente reconfortado, pois via a si mesmo — feliz dele! — desembaraçado de pensamentos como os que naqueles momentos perturbavam a mente de seu amigo, e que tantas vezes haviam perturbado a sua.

Dois dias mais tarde, justamente quando acabava de jantar, Salvador telefonou para sua casa.

Cláudio atendeu com presteza, desejoso de conhecer os motivos que podiam ter levado seu amigo a lhe falar. "No melhor dos casos", disse consigo, "é para se justificar, ou então para me comunicar algo que me incline a seu favor."

Estava, porém, equivocado, pois de imediato descobriu em sua voz uma promissora reação. E era isso, de fato, o que ocorria.

— Minhas felicitações, então!, e com a alegria de um amigo a quem você deixou um tanto preocupado! — Arribillaga exclamou, com vivacidade, depois de escutá-lo.

Em seguida, ouviu algumas reprovações que Salvador fazia a si mesmo. Falava com sua habitual simpatia e cordura, relatando as conclusões a que havia chegado depois que passou sua teimosia, que ele matizou com algumas frases, nas quais reconhecia como as melhores intenções dos semelhantes podem, às vezes, ser desvirtuadas pela mente alterada e atuar como cáustico, provocando na epiderme psicológica essa tremenda erupção que se chama suscetibilidade. Satisfeito, manifestou

que agora possuía uma noção mais acabada de sua verdadeira estatura psicológica e que também avaliava, de uma maneira mais precisa, a diferença entre erudição e saber.

— É isso mesmo, Salvador — Cláudio disse. — Veja você que, enquanto a erudição se fundamenta em estudos superficiais e na especulação intelectual, o saber se forma no estudo consciencioso, na investigação, na experiência, na assimilação direta do conhecimento. Poderíamos dizer que a erudição é o báculo que nos leva à prédica sem uma realização pessoal efetiva, e o saber, o cetro que representa a superioridade do poder nobremente conquistado. Em se tratando do conhecimento transcendente, se apenas nos valêssemos da primeira, jamais alcançaríamos a essência que o distingue dos demais. Por isso mesmo é que devemos chegar à compreensão de que unicamente por via de seu estudo, de sua prática, e pela assimilação perfeita de seus conteúdos, é que obteremos a consciência de seus altos valores. Alcançado isto, então poderemos decidir, sem nos enganarmos, se é mais conveniente seguirmos dedicados ao aumento desse saber ou entregues aos cotejos que você propunha.

A essa altura da conversa, Griselda se aproximou de Cláudio e, apoiando-se carinhosamente no braço que ele lhe estendia, escutou o restante, certa de que se tratava de uma boa notícia.

Elegantemente vestida, mostrava-se ela belíssima entre a rutilância das joias e o formoso vestido de seda, de tom suave, coberto parcialmente pelo casaco de peles que ela havia posto sobre os ombros.

Naquela noite, tinham programado comparecer a uma festa, mas ainda era cedo, e poderiam desfrutar então alguns momentos de intimidade junto à lareira que ardia ali perto, no grande *hall*.

Enquanto Cláudio a ajudava a retirar o casaco, que colocou sobre o sofá, Griselda conversava alegremente, com evidente desejo de expressar as ideias que lhe haviam ocorrido a propósito do que acabara de ouvir.

— Que movimentos tão sutis existem no complexo mecanismo da psicologia humana!... — ela observou. — Quantas reações se promovem à margem de nossa vontade, as quais inclusive decidiriam, se disso não nos déssemos conta a tempo, a sorte de nossa vida!

Cláudio sorriu, ao escutá-la, refletindo em seu rosto uma satisfação cuja causa em seguida ele manifestou, quando, ao se assentarem um junto ao outro, disse a ela:

— Sem querer, você acaba de me dar a ponta do fio que talvez nos leve a encontrar algo interessante.

— Seria maravilhoso...

— Diga-me uma coisa, Griselda: não consistiria tudo em descobrir essa força que ativa os movimentos que ocorrem em nossa psicologia? Em conhecer a origem dessa força, ou a fonte onde se nutre, e em conectá-la a nossa vontade, em vez de deixar que ela atue cegamente em nós?

— Por que você pensa que essa força atua cegamente? Não será o contrário? Porque parece haver nela uma grande inteligência. Os movimentos que gera, às vezes imperceptíveis, não nos mostram que ela leva em si um fim instrutivo, que nós deveríamos saber aproveitar?

— Sua reflexão me parece sumamente atinada.

Cláudio passou os olhos em seu relógio e dispôs-se a continuar.

— Certamente, o momento não é apropriado para que nossa mente se aventure em questão tão profunda — disse, sorrindo, — mas tampouco podemos negar que nos deixamos

atrair por ela sem resistência, não é mesmo? Voltando ao que falávamos, eu repito, minha querida, que estou de acordo que não se trata de uma força cega.

— Fico alegre com isso!... — respondeu Griselda, satisfeita pela coincidência, acrescentando: — Eu presumo que o único cego é o homem que não vê tão extraordinária realidade.

— Eu suspeito, Griselda, que esse movimento sutil, que você mencionou no começo, guarda uma estranha relação com o das marés... A articulação desse movimento, que chamamos de fluxo e refluxo, está sujeita, como sabemos, a uma força cósmica que mantém em calma ou embravece as reações do mar; alguma coisa parecida deve seguramente ocorrer em nós. É claro que, em nosso caso, é o ser mesmo quem corre o perigo de soçobrar, como perigam no mar os barcos envolvidos por sua voragem, mas não o mar como ser monstruosamente imenso, circunscrito a uma órbita jamais excedida por ele.

— Você viu só como o panorama de nossa vida interior ganha interesse, no instante em que conseguimos dissipar essa cegueira atrás da qual tantos bens se ocultam? É compreensível que isso ocorra; quando a observação que devemos dispensar a ela não funciona, ou é feita de uma maneira defeituosa, ou só parcialmente, uma infinidade de elementos de valor incalculável nos escapa. O que o homem não faria, caso se visse com possibilidades de enriquecer com eles sua paupérrima vida intelectual e espiritual!...

— Talvez utilizasse com mais frequência essa preciosa faculdade. Ele chegaria assim a comprovar, como de nossa parte iremos comprovando dia a dia, que a observação, dirigida pela consciência, se converte em dona e senhora de nosso mundo interior, ao mesmo tempo que em ponte de união com o mundo transcendente.

— Que delicada sensação nos invade, ao vermos as transformações que se realizam através desse prisma!... Embora, para dizer a verdade, reconheçamos que há também motivos que afligem o coração, se nos pomos a considerar as causas da desolação que a criatura humana experimenta, quando exposta aos mais variados e tempestuosos abalos psicológicos.

— Isso e muitas outras coisas sumamente importantes se definem, minha querida senhora..., mas... — e, concluindo a frase com um beijo, deu a entender que já estavam em cima da hora.

— Terei tempo de ver Adriana? — ela perguntou.

— Sim, mas pouco.

E, tomando-a pelo braço, adicionou alegremente:

— Eu acompanho você.

Quando mal havia transcorrido um quarto de hora, Patrício fechava o ferrolho da porta por onde seus patrões acabavam de sair. Em seu rosto transluzia toda a serenidade que lhe infundia na alma o saber que a felicidade havia encontrado, decididamente, um lugar no seio daquele lar.

~

De Sándara sabia manejar o tempo com plena noção de seu valor. No México, suas intimidades caseiras transcorriam em harmonia com seus movimentos mentais, efetuados em diversos sentidos, para captar as imagens autênticas e positivas que ele depois desenvolveria, ao engolfar-se em seus trabalhos de criação. Seu escritório era um verdadeiro laboratório de ideias, e sua escrivaninha, uma maternidade onde os pensamentos gestados em sua mente nasciam diariamente, ao ser confiados

ao papel tão logo alcançavam claros sinais de maturidade conceitual. Nesse labor, passava ele muitas horas do dia e até da noite, quando outras tarefas diminuíam seu tempo. Sendo muito relacionado, costumava receber em seu gabinete um considerável número de pessoas, que o visitavam por amizade ou por adesão ao mundo de suas ideias. Falando hoje com esta, amanhã observando aquela, ou seguindo mentalmente os passos, necessidades ou anseios de outras, De Sándara penetrava sem esforço nos mistérios que povoam as sombrias cavernas da psicologia humana, bem como nos arcanos de sua região sensível, em cujas adjacências as mais belas qualidades da alma pugnam por manifestar-se. Deste modo, ele aumentava seu saber, transferindo-o depois para seus escritos, ou pondo-o diretamente ao alcance daqueles que dele necessitavam.

De vez em quando, costumava interromper seu trabalho diário para recrear-se em companhia da família, proporcionando-se, assim, pequenas tréguas. Quando a hora e a temperatura se associavam, excitando seu desejo de espairecimento ao ar livre, um aprazível rincão situado nos fundos do jardim que circundava a casa constituía seu refúgio predileto. Elevava-se ali a figura titânica de um velho cedro, cujos grossos ramos inferiores, balançados pela brisa, pareciam abanar com seus compridos dedos vegetais as plantas e os arbustos postados artisticamente em sua volta. Daquele ponto a vista podia deleitar-se na contemplação do verde tapete que forrava todo o espaço do jardim e que se mostrava decorado, aqui e acolá, com o alegre tom multicor das pequenas flores da estação.

Ebel e Mariné costumavam tomar o desjejum naquele paraíso familiar, nas manhãs prematuramente aquecidas pelo sol. Por detrás de seus alegres muros naturais, encontrava-se tudo quanto era necessário para o bom descanso do corpo e o

recreio do espírito: cômodas poltronas para o repouso e uma mesa de pedra, com bancos pequenos e rústicos, para lanches ou outras eventuais refeições leves. Cristina por vezes os acompanhava, mas apenas quando conseguia sobrepor o estímulo de sentir-se acompanhada ao de folgar um momento mais no leito. Pelo menos, isso era o que ela dizia, mas bem se podia perceber que se tratava de um simples pretexto, com o qual ela costumava encobrir uma atitude meramente discreta.

Certa manhã, nos derradeiros momentos do verão, De Sándara encontrava-se à sombra do colossal cedro, absorto nas notícias de um jornal, enquanto aguardava a chegada de Mariné.

Alegre e radiante como aquele dia final de agosto, ele a viu caminhar até o refúgio, justamente quando terminava sua leitura.

— Se você me tivesse acordado, Ebel, há muito tempo eu já estaria aqui, desfrutando sua companhia — ela reprovou com carinho, ao chegar, beijando-lhe a face.

— A verdade é que senti pena de fazê-lo. Você dormia tão placidamente.

— Mas você sabe quanto significa para mim cada momento que passo a seu lado.

De Sándara sorriu e respondeu-lhe:

— Bem, bem..., tratarei de ser menos piedoso de agora em diante.

— Oh!...

— O "o" é uma letra que a miúdo protesta pelo que fazem as outras letras do alfabeto.

Seus risos ressoaram alegres.

Ariscos e brincalhões, os pássaros fluíam por entre a folhagem numa faiscante confusão de sons.

No semblante de Ebel desenhava-se, com serena eloquência, a felicidade que o embargava. Respirou profundamente, como

se quisesse dar maior expansão a seu regozijo. Sentia-se verdadeiramente ditoso. Durante os meses que se seguiram ao seu casamento, ele não havia feito mais que confirmar, na intimidade de seu espírito, a exatidão dos juízos que Mariné lhe inspirara. Ela havia assumido suas novas responsabilidades com tal segurança, e com tão exato senso das atribuições que lhe cabiam, que a mudança promovida desde então dentro do lar tornou muito mais feliz a vida de seus integrantes. Resolveu-se, com a concordância geral, que depois do casamento Mariné substituiria Cristina na administração da casa, tarefa que para esta já se ia tornando um pouco pesada. A jovem foi assumindo a direção dos trabalhos sem que em momento algum Cristina se sentisse suplantada. O sutil e humanitário tato com que ela havia posto de lado suas despreocupações de solteira, para cumprir seus encargos de mulher casada, motivou a aprovação de Ebel, que se valeu de uma brincadeira para dizer isso a ela, naquela manhã.

— Sabe, Mariné — ele manifestou, com seriedade — que estou querendo me divorciar de você?

— É mesmo?... — respondeu ela, com vivacidade. — E para quê? Para ter a ventura de se casar comigo de novo?

— Era esse justamente o meu pensamento, Mariné, porque a verdade é que estou muito satisfeito com você.

— Que bom!... — ela respondeu, exagerando com graça seu agrado. — Você não me podia ter dito nada mais grato.

O criado havia terminado os preparativos para o desjejum, e Mariné se dispôs a servi-lo. Enquanto fazia isso, como se desejasse prolongar o tema, confessou:

— Em todo este tempo, creio não ter feito outra coisa, Ebel, senão permanecer fiel ao meu sentir; isso me permitiu ser dona de mim mesma em todo o momento.

Mariné não poderia trair jamais a sinceridade com que seus nobres anelos palpitavam. Ter-se-ia humilhado ante os olhos de sua consciência se houvesse, sequer um instante, cedido sua autoridade à frágil e insegura direção de pensamentos pueris, frívolos, mesquinhos, capazes de empurrar a vida para os abismos do infortúnio. Há mulheres, e muitas, que depois de fazer alarde de bondade, afeto, doçura e outros apreciados dons do caráter feminino, mostram-se, ao se casar, como se tão notável mudança lhes transtornasse o juízo. Escravas da vaidade, do orgulho e de outras não menos perniciosas debilidades que influem sobre a instabilidade humana, entregam-se sem recato aos braços do capricho quando a vida lhes sorri. Conseguido o objetivo, logo se esquecem dos dias que precederam sua chegada à condição de casadas e, altaneiras, intransigentes, negando virtude a suas branduras e benevolências anteriores, sem mais nem menos se arvoram em donas da situação. Funesta mudança, que desvanece o feitiço e converte a fada bondosa em bruxa cruel e insuportável! Tudo isso como consequência forçosa de defeituosas formas de conduta adotadas pela sociedade, que denunciam a ausência de uma educação baseada nas altas concepções de bem. Prevenir a alma da mulher que ensaia, como as aves novas, seus primeiros voos contra os males da incúria moral e espiritual, com quanta eficácia se neutralizariam muitos dos sofrimentos que a violência do caráter e a própria vida haverão de impor-lhe depois!

Mariné aceitou, prazenteira e entusiasmada, o convite de Ebel para percorrerem as serranias vizinhas, e, nas asas de uma expansiva sensação de alegria, pouco depois partiam de automóvel rumo ao ponto escolhido para o agradável passeio matinal.

Depois de algumas horas, De Sándara deteve, em plena montanha, seu vigoroso corcel de aço. Num lugar não muito distante do caminho, subiram a um penhasco para desfrutar o

vasto panorama que dali se descortinava. Por muito que eles estivessem familiarizados com tais paragens, a sensação algo estranha que se promove no ânimo ante os vestígios da vida primitiva, impressos em vales e montanhas, muito depressa vinculou suas palavras a motivos ligados à tradição.

— Você já sabe, Mariné, que sob a aparência de colônias agrícolas, em diversos pontos destas montanhas viveram tribos isoladas, descendentes das civilizações indígenas que povoaram antigamente estas terras. Sua vida transcorria, por assim dizer, num mundo apartado do nosso, submetida a ritos e costumes herdados em parte de seus antepassados. Digo em parte, porque, embora pretendessem ser essencialmente tradicionalistas, suas práticas estavam sujeitas às variações e inovações adotadas pelo chefe de cada tribo para dominar a alma de seus vassalos, que o tinham por um deus. Eu lhe contarei, se você quiser, a história de uma donzela que pertenceu a uma dessas tribos.

— Oh, você sabe bem quanto me atrai tudo o que nos põe em contato com fatos e lendas que revelem costumes, formas de vida e crenças dos povos que habitaram estas regiões! Cada vez que contemplo estes formosos panoramas, minha alma sente o influxo desse mistério que flutua em tudo o que se perde nas profundezas do tempo. Pode começar, Ebel; ouvirei com prazer. Rodeados como estamos pelo cenário onde aconteceu o que você me anuncia, vai me parecer que tudo revive.

— Começarei, então, falando da protagonista, uma formosa moça chamada Ximara, filha do cacique de uma poderosa tribo. Ximara amava Huipec profundamente, um rapaz indígena que parecia não ser do agrado de seu pai. Em razão disso, este fez que ela comparecesse um dia à sua presença e, depois de lhe perguntar se em verdade amava Huipec, quis também que dis-

sesse como poderia demonstrá-lo. Terna e recatada, a jovem não se atreveu a levantar os olhos ante seu pai, mas teve a firmeza de expressar-lhe que faria isso permanecendo fiel a seu amor até a última batida de seu coração. No dia seguinte, acusado de haver infringido certa lei indígena, Huipec foi condenado à morte pelo grande conselho da tribo, e Ximara, por ordem expressa do cacique, obrigada a presenciar o suplício a que ele seria submetido. Na noite desse mesmo dia, seria cumprida a cruel e bárbara sentença. Desde muito antes, os tambores começaram a anunciar o acontecimento, chamando a tribo, cujos membros, congregados em grande número, iam rodeando a grande pira do suplício num amplo semicírculo. Ximara também compareceu, contendo com dificuldade seu desespero e suas lágrimas. Chegado o momento, o vivo resplendor da fogueira iluminou a atlética figura de Huipec, que avançava em direção ao lugar do tormento, guardado por vários guerreiros. Caminhava com arrogância, como que desafiando com sua valentia a crueldade do injusto castigo. Por breves instantes, o fulgor das chamas se projetou sobre sua figura varonil, e em seguida, empurrado com violência para a parte oposta ao semicírculo e à fogueira, foi jogado ao solo. As grandes línguas vermelhas, enquanto isso, se elevavam ávidas, com ânsia diabólica, ocultando da tribo com sua resplandecência o que ocorria por detrás delas. Ouviu-se de repente um golpe de machado, e eis que o verdugo ergue bem alto a cabeça sangrenta e a lança às chamas, seguida pelo corpo do condenado. Dos lábios de Ximara brotou um grito dilacerante, desses que somente a alma humana é capaz de lançar no paroxismo da dor e do espanto. Desde esse dia...

— Você me deixou arrepiada, Ebel!... — interrompeu Mariné.

— Veja o que vai acontecer... — ele prosseguiu, sorrindo significativamente, como se com isso quisesse amenizar aquela

impressão. — Desde esse dia, sem faltar um só, a bela jovem indígena foi até o lugar da execução, ante o qual se prostrava, derramando copiosas lágrimas. Muitos, nesse período, se aproximaram dela e lhe ofereceram seu amor, porém Ximara sempre respondia que preferia morrer a incorrer em tamanha infidelidade. Num anoitecer, enquanto invocava, como de costume, a seu amado no lugar onde o vira pela última vez, Ximara acreditou ter ouvido sua voz. Levantou seu belíssimo rosto e — oh! surpresa! — ali, a poucos passos dela, se achava Huipec, erguido entre a relva daninha. A jovem quis correr até ele, mas a aparição a conteve. "Não se aproxime, bela Ximara", ouviu-o dizer. "Você evitará assim que eu desapareça de sua vista para sempre. Faça o que estou pedindo e você me verá todos os dias neste mesmo lugar. Agora, vá contar a sua mãe que você me viu." Obediente, Ximara se afastou, e, ao voltar a cabeça para contemplá-lo novamente, Huipec havia desaparecido. Quando a jovem índia relatou aquele curioso episódio a sua mãe, esta se compadeceu dela, achando que seu juízo se havia transtornado. Os dias passaram, e sempre, ao cair da tarde, Ximara voltava a ver Huipec no lugar do tormento. Mas eis que ela mesma começou a temer que aquilo fosse só uma alucinação e, por tal motivo, rogou a sua mãe que a acompanhasse. Esta, que muito temia pela filha, concordou, e juntas foram até lá numa tarde, ao pôr do sol. Após longo tempo de espreita, ocorreu que ambas, mãe e filha, viram de súbito o mancebo diante delas, tão fielmente representado que aquilo era como vê-lo em vida. A mãe de Ximara, sem poder conter-se, correu a informar ao cacique, e a quantos encontrava pelo caminho, que acabava de ver Huipec em corpo e alma. A partir de então, não faltaram indígenas que, curiosos, se agruparam no lugar, junto a Ximara; mas nunca mais a aparição se fez presente. Um belo dia, a linda jovem foi

chamada à presença do cacique, o qual, depois de assegurar-lhe que não voltaria a ver Huipec, lhe ordenou por três vezes que tomasse como esposo o homem que ele lhe propunha; por três vezes também, Ximara implorou piedade, rogando a seu pai, com toda a mansidão que a dor punha em seus lábios, que a fizesse ter o mesmo fim que seu amado tivera. A voz do cacique tornou-se de pronto benévola, e ele disse: "Você venceu, bela Ximara, na grande prova; você glorificou sua raça. É digna, pois, de levar sobre seu peito este colar que eu lhe imponho, para que minha tribo a respeite como Filha do Sol." Imediatamente, ante o assombro crescente da donzela, que não podia dar crédito ao que seus olhos viam, apareceu Huipec, que, após receber a saudação do Grande Chefe, se apressou em juntar-se a ela. E aqui, minha querida Mariné, termina esta narração, da qual nunca duvidaram aqueles que ouviram seu relato.

— Mas da qual se pode afirmar que é lenda; do contrário, não entraria nela o sobrenatural.

— Entretanto, não foi isso que aconteceu. Tudo foi resultado de uma simples trama, de uma trama habilmente preparada. A cabeça de Huipec, que todos viram cair sobre a pira, não era dele, senão a de outro condenado à morte, levado a ocupar seu lugar no momento da execução, mediante um engenhoso truque levado a efeito ao amparo da noite, da luz da fogueira e de diversos objetos espalhados em redor.

— E as aparições?

— Podemos presumir que foram determinadas pelo chefe, que teria instruído o moço, proibindo-o de divulgar o segredo, sob pena de suplício verdadeiro, caso o traísse.

— Se for como você diz, temos de considerar curiosa, embora muito própria de seres selvagens, essa forma de provar a fidelidade. Por outra parte, a fidelidade, em naturezas tão rudi-

mentares, pareceria estar nos indicando que foi um sentimento inculcado no homem nos alvores de sua existência.

— A fidelidade, minha querida, surge no ser humano como sustento inapreciável do sentir; portanto, é inata. Mas quero esclarecer que, não obstante isso, ela alcança sua máxima expressão, sua expressão verdadeira, quando toma a forma de um conhecimento, que o homem deve descobrir em sua própria consciência, caso não queira ser enganado por pensamentos volúveis.

O interesse com que Mariné escutava moveu De Sándara a continuar:

— Quando a fidelidade é tão somente um sentimento de lealdade, você me entende?, facilmente pode ser afetada por acontecimentos inesperados. Tomemos, como exemplo, a falta de correspondência no afeto, os esfriamentos da paixão, os distanciamentos que se suscitam no seio do lar, frequentemente por causas pueris, e, enfim, os desencantos de variada índole. Mas, quando a fidelidade brota do mais recôndito de nosso ser como conhecimento, é difícil — e até impossível — que ela possa negar sua própria força construtiva. A fidelidade é uma força indissolúvel quando seu objeto — seja um ser, uma ideia, um pensamento — constitui algo que se acha consubstanciado conosco.

— A diferença entre ambas estaria, então, na passividade de uma frente à atividade da outra, que encontra em si mesma o elemento que a torna invariável.

De Sándara aprovou.

Com a atenção ainda voltada para a que acabava de escutar, Mariné expressou:

— É um verdadeiro alívio o que a gente experimenta, quando pensa que práticas como a que você acaba de narrar

foram superadas pela civilização. Já não temos caciques que se arroguem o poder de vida ou de morte sobre seus semelhantes.

— É certo que a conduta pessoal, após absorver os elementos que pais e educadores oferecem ao juízo ainda não maduro da juventude, está em nossos dias entregue ao próprio arbítrio. Mas não é menos certo que, nos países cheios de orgulho por seu alto grau de civilização, ainda existem formas de crueldade e de submissão que mergulham homens e povos na mais espantosa miséria física e moral.

— Tem razão, Ebel. Quantas vezes eu me pergunto se um dia os povos poderão se livrar da escravidão a que são submetidos pelo despotismo de seus governantes.

— Isso ocorrerá, minha querida Mariné, quando os homens que pensam, qualquer que seja o lugar onde se encontrem, ensinem os demais a pensar e se unam no mesmo pensamento de libertação. O homem deve aprender a defender sua liberdade, não só com o pensamento e a palavra, mas também com todos os meios lícitos de que ele possa lançar mão, a fim de favorecer sua evolução e a dos povos, rumo à conquista definitiva de tão supremo bem.

— Que formosa soa ao ouvido a palavra liberdade!...

— Nem poderia ser de outra maneira! Trata-se, nada menos, do mais sagrado e precioso de nossos bens. Quem atenta contra ela, em verdade atenta contra os mais caros sentimentos humanos: o amor e o respeito que devemos a nós mesmos e a nossos semelhantes. Pretender anulá-la é levantar-se contra Deus, que a instituiu como imprescindível para a vida do homem.

— Faz apenas alguns instantes, eu pensava que somente pertencendo ao sangue das tribos selvagens é que se poderiam suportar crueldades como as que Ximara sofreu, mas agora

percebo quão grande tem de ser o grau de fortaleza ainda necessário nos dias atuais, para enfrentar as perturbações e as guerras que a anulação da liberdade e o despotismo lançam sobre os povos. Quantas vezes, no transcurso do tempo, o coração humano se viu surpreendido por esses transes cruciais, quando o destino desata as forças cegas que arrastam, no turbilhão de sua fúria, as almas assinaladas por seu fatídico dedo indicador!

— Não há dúvida, minha querida, que sua sensibilidade se ressentiria se alguma vez tivesse de sofrer aflições semelhantes.

— E você pensa, por acaso, que eu não saberia encontrar consolo nesse inviolável arcano constituído pelo poder piedoso que surge com o acatamento da vontade de Deus? Você mesmo gravou isso em mim, Ebel, e para onde eu for eu o levarei comigo, como um talismã que me preservará de todo mal.

— Agrada-me sobremaneira essa espontaneidade com que se acendem as luzes de sua sensibilidade, toda vez que seu espírito se comove com algum pensamento ou fato que toca suas convicções, reunidas num feixe inquebrantável para amparo de sua vida e felicidade de sua alma.

Movida pelas palavras de Ebel, para ela doces e significativas, a jovem confessou:

— Sempre observei que tudo o que aprendia com você me aproximava com força irresistível a seu coração, como se a totalidade de minha alma penetrasse nele e se tornasse uma só com a sua, pela correspondência de sentimentos. Desde o instante em que eu o quis por meu dono, você decididamente o foi, e todo o meu zelo consistiu em cuidar de algo que pertence somente a você: minha vida, que você enriqueceu com tanto afã e carinho.

Ela então se deteve, e ambos se fitaram com a inteligência e o oferecimento íntimo que refletem estados de consciência paralelos, semelhantes aos que sobrevêm quando se compartilham momentos de arrebatadora felicidade ou de grandes pesares. Quiçá em seus olhares houvesse algo do fundo luminoso que inspirara a epopeia homérica e exaltara a imaginação de Horácio e de Virgílio, quando descreveram em seus poemas as particularidades do espírito humano, confundindo-o com tudo o que vive e existe na órbita incomensurável da Criação.

Quebrando aquele instante de encantamento, Mariné voltou a confiar-se sem reservas às delícias de sua voluntária confissão:

— Eu sabia que, para livrar minha vida do horror do vazio, devia dar-lhe um conteúdo... Perguntava-me a miúdo se esse conteúdo era igual em todos os casos, e cada vez mais ia me aproximando da confirmação do que era exato. Quão claramente cheguei a ver a escala esquemática dos conteúdos que podem satisfazer a vida de uns e de outros. Evidentemente, não são iguais; mas podem, entretanto, assemelhar-se e até chegar a ser idênticos, se os anelos coincidem, se coincidem também os modos de conceber e de sentir a vida, e se existe o mesmo grau de afinidade nas aspirações superiores do espírito. Mas é evidente a facilidade com que se desvirtuam e se anulam tais propósitos. Quando não se sabe conservar a força de um querer, este se mescla e se corrompe, contaminado por desejos opostos que acabam por se impor, retornando o ser a suas aventuras e vacilações de outrora. É assim como se põe fora esse querer que alentou a vida durante o período presidido pela vontade, quando estava a serviço de uma necessidade nobre e profundamente sentida.

— Exatamente. Poucos são os que se dispõem a confor-

mar a vida com as exigências de um alto ideal; o fim perseguido nem sempre resiste à prova do tempo.

Interrompendo seu diálogo, Ebel e Mariné desceram do penhasco em que se encontravam e, lentamente, se dirigiram até um arvoredo. Ali, sobre o tapete de pequenas ervas frescas e aromáticas que recobriam o solo, sentaram-se para descansar.

— Sem sua ajuda — Mariné confessou, — eu nunca poderia encontrar a recôndita, encantadora e estreita passagem que une os confins de nossa vida intranscendente com a terra da promissão, que é seu conteúdo estético e a região divina de nossa existência, antes alheia aos domínios de meu pensamento, não obstante sua inegável realidade.

— Pode-se saber o que contém esse divino lugar que você descobriu?

— Contém o necessário para fazer de mim uma mulher feliz!... Nunca esquecerei meu encontro com essa realidade. Foi como um despertar maravilhoso!... Tudo mudou a partir de então. Minha natureza se transformou, por sua adaptação ao ritmo e às palpitações de uma nova vida, de uma vida que eu havia entrevisto e ansiado viver, e que você me ensinou a encontrar, guiando-me em direção à fronteira que me separava dela e indicando o caminho que eu devia percorrer dentro de mim, para me encontrar com a essência mesma de meu ser. Ali, compreendi tudo o que me caberia fazer para a manutenção firme e inquebrantável dos propósitos concebidos como ideais supremos de minha vida.

— E quais são esses supremos ideais? — voltou a indagar De Sándara, que se comprazia em ouvi-la.

— Sei muito bem quanto agrada a você comprovar se sou fiel à minha recordação. De minha parte, sendo esse um dos exercícios mais necessários à nossa sensibilidade, eu o pratica-

rei de muito bom grado diante de você. Sua pergunta vem ao encontro, pois, da necessidade que sinto de renovar as imagens que me são queridas. Dentro de nós, talvez se produzam as mesmas situações que caracterizam as variações e as mudanças que têm lugar na natureza. As árvores às vezes parecem mortas, como se a vida tivesse cessado nelas; em seu interior, porém, se agita a seiva, num permanente aquilatamento das energias que sustentam sua vitalidade e permitem seu crescimento, se forem pequenas, e sua floração, se forem grandes, o que evidencia sua força potencial. A evocação de minha passada adolescência, quando as imagens criadas pela ilusão da tenra idade apenas se delineavam entre sonho e vigília, me traz à mente, em sucessão ininterrupta, os trechos que mais se destacam no curso de minha vida. Como sempre ocorre nessa etapa da existência, minha imaginação voava à procura dos mais caprichosos gostos, e, na permanente insatisfação diante das coisas, a audácia da falta de reflexão me tornava exigente. Para minha felicidade, isso durou pouco. Você apareceu como uma estrela na noite de minha vida e, desde a espessa escuridão em que minha alma vacilante buscava às tontas um ponto de apoio para suas inquietudes, me foi guiando para a claridade do dia. Minha compreensão ia gradualmente percebendo como você esculpia em mim, com arte consumada, os traços indeléveis de seu raro e sinestésico cinzel. Então, ao mesmo tempo que me afastava do que eu era, desfeito o feitiço dos encantos quiméricos e livre da embriaguez letal dos anos incertos, compreendi como me internava mais e mais nesta realidade que hoje transborda meu coração de ventura. Com o auxílio de seus conselhos, sempre oportunos, e sob seu olhar vigilante, aprendi a ser moderada em meus pensamentos e a aquilatar a dimensão de minhas aspirações, para não me exceder nunca. Nesse aprendizado, fui

tomando consciência do que significava ajustar minha conduta às exigências de um processo que me iria superando gradualmente. Devia fixar em mim a imagem do grande querer ou ideal supremo de minha vida, intuído primeiro e ansiado depois por meu coração e minha alma, e nesse esforço enfrentei grandes lutas comigo mesma e derramei muitas lágrimas por causa de minhas incompreensões. Uma circunstância particularmente dolorosa veio a coincidir com aqueles trechos que eu então percorria, ainda insegura. Foram na verdade dias de inconsolável inquietação, porque ali, onde minha alma ansiava encontrar um sentimento de maior ternura, eu via tão só o sereno afeto de seu coração. Em certos momentos, Ebel querido, sentia minha vida como se fosse de cristal. Oprimida pela dor, mais de uma vez eu aguardava o instante fatal em que ele se faria em pedaços... Finalmente, numa certa tarde, você descobriu meu segredo no lugar mais inexpugnável. Minha alma vacilou, comovida de pudor, talvez consciente de que na resposta eu comprometia seu destino. Você me disse depois que havia assistido, naquele dia, a um dos episódios mais inocentes, graciosos e ao mesmo tempo imponentes da vida íntima de uma mulher. Desde então, fui feliz. Agora, eu sabia que nunca lhe havia sido indiferente, e sua voz, ao me falar, tinha a suavidade e a doçura do amor. Depois de transcender aquela difícil etapa de minha vida, os anelos que continuamente aguilhoavam minha alma acentuaram seu perfil e, do oculto rincão que os abrigava, o íris primário da compreensão foi matizando de cores definidas as imagens mentais daqueles que eram mais caros para o meu sentir.

De Sándara escutava as palavras de Mariné com a atenção e o respeito que aquele momento infundia nele, ao manifestar-se a alma da jovem num fluir fácil de pensamentos afins com os que ele guardava no arcano de seu coração. Finalmente, ao

vê-la alcançar a meta em seu voo mental por meio da recordação, expressou-lhe:

— Eu vejo que você domina com muita segurança o espaço dimensional de sua vida, nas várias direções que percorreu em seu passado.

— Você não acha que exagera?... Você bem sabe, Ebel, que não é coisa difícil evocar as recordações que preenchem minha vida, porque sua força nos permite unir ao vivido aquilo que estamos vivendo.

— De fato, é assim. Se esquecêssemos a parte de vida que nos alentou nos começos de nosso caminhar consciente pelo mundo, do qual tanto participaram pensamento e querer, essa parte morreria irremediavelmente. Ela deve se unir ao que vamos vivendo, deve se consubstanciar com todos os dias de nossa vida. Não experimentaremos, assim, o vazio que angustia e desespera os que, sem conservar sequer memória disso, derramaram nas areias do passado tudo o que até ontem viveram.

— Se você me perguntasse agora a que penso dedicar minha vida, eu responderia, com toda a certeza, que é a cumprir a missão que, de forma acertada e discreta, você me ensinou. Antes de tudo, meu dono e senhor, serei sua companheira ideal, porque eu sou o que suas mãos forjaram. Tenho diante de mim esse maravilhoso mundo de conhecimentos que você abriu para o meu sentir, a fim de que meu espírito, cultivando-se, sorvesse o mais delicioso dos néctares. Eu não teria podido encontrar para minha vida incentivo maior, nem um destino mais precioso para encher de ventura os dias de minha existência!

— Você é fiel, e isso me agrada, aos pronunciamentos caros a seu espírito; é o contrário do que fazem aqueles que quiseram dar a suas vidas um conteúdo e, depois, lançaram seus projetos no esquecimento, transtornados talvez por ambições que não souberam frear.

Após uma pausa, e com o objetivo de que Mariné voltasse novamente a tocar a terra com os pés, De Sándara acrescentou:

— Se eu tivesse que qualificar seus adiantamentos nesta matéria, que na verdade é a mais difícil, eu a premiaria com um "aprovada com distinção".

Satisfeitos pelos felizes momentos de expansão daquela manhã, resolveram regressar.

Entraram no carro e, em marcha regular, empreenderam a volta. Sob os raios do sol, o caminho parecia uma ziguezagueante fita de esmalte, estirada desde a Sierra Madre até a épica meseta de Anáhuac.

Cristina os esperava para almoçar, e não deixou de repreendê-los, com fingido mau humor, pelo tempo que a haviam deixado sozinha. Mas o gosto de vê-los tão felizes fez logo repontar-lhe nos lábios a alegria que em vão tentava conter, e que se acentuou quando Mariné resumiu sua resposta num beijo cheio de carinho.

Tomando sua tia pelo braço, De Sándara adentrou a casa, enquanto Mariné, que ligeira se havia adiantado, voltava até eles exibindo alegremente uma carta.

— É para mim? — Ebel perguntou, suspeitando que algo muito especial havia na correspondência daquele dia.

— Não tenha dúvida! — respondeu sorridente Mariné, que, disposta a brincar, adicionou: — Mas não vou entregar, se antes você não me disser algo lindo.

— Algo lindo?... Pois saiba que não me ocorre nada que seja mais lindo que você!

— Você está falando a sério ou de brincadeira?

— Mas, minha senhora..., eu não falo sempre a sério?

Cristina interveio, para lhes pedir que não se comportassem como criancinhas.

Pouco depois, todos festejavam uma boa notícia. A carta

era de Cláudio, que anunciava sua viagem ao México para meados de setembro próximo, em companhia de Griselda.

~

Aprazíveis e felizes transcorriam no México os dias para o casal Arribillaga; embora breves em número, eram abundantes em plenitude e proveito.

Tal como haviam prometido a si mesmos quando planejaram a viagem, tudo vinha sendo cumprido a contento até aquele momento, chovendo-lhes satisfações das folhas que se desprendiam do calendário de seus anelos. Apenas a lembrança de Adriana, que haviam deixado em Buenos Aires, turvava de vez em quando a felicidade de Griselda, que apesar disso sabia acalmar esse legítimo reclamo de seu coração ao refugiar-se na certeza e na confiança de que a pequena se achava cuidadosamente atendida pela avó.

O México lhes oferecia o singular afeto de seus amigos, dos quais foram hóspedes durante sua permanência no país. A ampla mansão situada na Avenida da Reforma lhes ofereceu seu belo e luminoso abrigo, sua alegria e sua cordialidade. Por outra parte, o momento era muito propício; De Sándara havia terminado um livro, e tal circunstância veio ao encontro do ardente anseio que tinham de nutrir seus espíritos, uma vez que, assim, ele poderia dedicar-lhes um tempo maior.

Até ali, não haviam vivido dia algum sem que registrassem na recordação passagens dignas de uma estada feliz. Além dos prazeres que os passeios diários lhes proporcionavam, tinham para eles particular encanto os momentos vividos na intimidade do lar e, de modo especial, as conversas no escritório, onde a família habitualmente costumava se reunir, o que ensejava

um afetivo acercamento mútuo durante as horas em que De Sándara permanecia a sós.

O escritório era amplo, mobiliado com refinamento, e tão cômodo como acolhedor. Havia-se conseguido que fosse apto para o trabalho no inverno e no verão, contribuindo para tanto a ampla porta envidraçada que limitava a sala num de seus lados, fazendo as vezes de parede móvel. Nos meses quentes, podia-se unir dessa forma o escritório com uma extensa varanda, transformando o recinto num lugar agradável e espaçoso. A varanda se abria para uma das fachadas da propriedade, com vista para o jardim, onde os canteiros, quase permanentemente floridos, contribuíam com uma nota de frescor e alegria. Na frente, marcando o limite da residência, estendia-se uma cerca viva de gerânios e roseiras entrelaçados, que em cada primavera orquestrava sua invariável sinfonia de cores.

Reunidos na sala de refeições na hora do desjejum, planejavam em conjunto o programa do dia. De Sándara propôs a Cláudio que percorressem alguns lugares afastados da cidade, a fim de lhe mostrar de perto seus ambientes típicos.

— Assim, nós deixamos as senhoras livres, pois entendi que querem dar uma olhada nas vitrines no centro. Você vai com elas, Cristina?

— Eu?... Não tinha pensado nisso, mas acho que você tem razão... Eu poderia levantar voo e me sortir de algumas coisas.

— Nós então vamos levá-las ao centro.

— Aceito. Mas não vão nos deixar no mesmo lugar, está bem? — Cristina esclareceu. — Que as jovens possam se movimentar à vontade; eu vou aonde preciso, no ritmo de meus anos.

— A verdade é que essa história de ritmo é o que a gente menos vê — Griselda observou, fitando com afabilidade a senhora.

— Combinado, então! — De Sándara concordou, adicio-

nando em seguida, para provocá-la: — Mas advirto-a que se você demorar muito em se aprontar não vou poder esperar.

— Pois então, meu queridíssimo sobrinho, eu lhe prometo solenemente estar pronta num piscar de olhos. Para algo haverão de me servir os bons hábitos!

Um pouco mais tarde, De Sándara e Cláudio caminhavam pelos arrabaldes da cidade, com seus casebres, lojas e mercados. A população indígena é ali muito numerosa, e as precárias formas de vida ainda não experimentaram os efeitos do desenvolvimento social e econômico que favorece e impulsiona ativamente outros setores da cidade.

Um súbito remoinho de pessoas em correria, à saída de uma venda, atraiu-lhes a atenção, e próximo dali puderam divisar dois soldados que prendiam um homem mal-encarado.

— É um *macuteno* — explicou De Sándara. — É assim que eles chamam os ladrões por aqui. Esses sujeitos andam em vadiagem por todas as partes, à procura de vítimas.

Deslocando-se de carro de um a outro ponto, visitaram alguns dos lugares mais característicos, enquanto De Sándara ilustrava seu amigo sobre gostos, modalidades e costumes das pessoas.

Depois, decidiram passar pelo centro da cidade, prolongando assim o percurso. Após estacionar o veículo, dirigiram-se para um dos pontos de maior movimento, confundindo-se logo com a multidão que formigava pelas ruas de um lado para outro, com andar nervoso.

No caminho, querendo talvez render tributo ao charme das mexicanas, ou quiçá instigado pela sugestão de algum sorriso bonito, Cláudio exaltava com excessivo entusiasmo a beleza das mulheres daquele país, cuja graça e sotaque lhe haviam evocado o garbo das andaluzas. Longe de opor-se a um tão caloroso juízo, o senhor De Sándara o escutava com benevolente atenção.

Andando, chegaram a um luxuoso ponto comercial e então se detiveram, junto à calçada, para melhor observar o vaivém das pessoas. Dali, De Sándara subitamente avistou um amigo, que ao vê-lo se aproximou, apresentando-lhe suas acompanhantes, duas primorosas "muchachas" mexicanas, que se portavam com notória soltura e liberalidade. Como se tivesse o propósito de comemorar aquele encontro, De Sándara convidou-os a tomar um aperitivo, ideia que foi aceita no mesmo instante, e que de maneira alguma desagradou a Cláudio, que via nisso a oportunidade única de contemplar de perto aquelas duas beldades, alegres e tagarelas.

Quando o inesperado episódio chegou ao fim, após uma despedida em que não faltaram insinuações para um posterior encontro, ambos os amigos, considerando concluído seu passeio, resolveram encaminhar-se para o lugar onde haviam deixado o carro estacionado.

Durante o trajeto a pé, De Sándara, que seguia muito de perto os movimentos psicológicos que se operavam em Cláudio, apertou-lhe o braço numa pressão rápida, rindo ao mesmo tempo com aquele riso tão particular que, de outras vezes, já havia produzido desconcerto nele. Entre turbado e confuso, Cláudio também riu, como faz quem desconhece o idioma em que lhe falam e, por causa disso, festeja o que ouve, mesmo sem entender nada. Recompondo-se, tentou em seguida encontrar sentido no fato, mas, ao fracassar em seu intento, deixou-se então guiar por seus meios intuitivos, logo descobrindo o que buscava, ao experimentar, após o estremecimento que lhe produziu a súbita fuga de alguns pensamentos indiscretos que bailavam em sua mente, uma sensação sumamente favorável.

Passado aquele momento de confusão, Cláudio voltou a

pensar no recente encontro, mudando, porém, seu ângulo de enfoque. Tudo lhe parecia muito natural, mas não deixava de lhe chamar a atenção o fato de o senhor De Sándara ocupar seu tempo em conversas tão superficiais e, sobretudo, em companhia de mulheres que podiam comprometê-lo. Com a mente mergulhada em tais reflexões, tão logo entraram no carro ele expôs seus pensamentos ao amigo, o qual, disposto a se valer dessa conjuntura para dar-lhe o assessoramento de que ele necessitava naquela matéria, desviou a rota de seu veículo para um local bem próximo, estacionando-o numa ampla avenida, protegida do sol por fileiras de árvores frondosas. Ali, sem descer do carro, prontificou-se a preencher com um instante de conversação o tempo que lhes restava.

— Podemos dar como certo — começou dizendo — que, se nos dispuséssemos a observar mil esposas, escolhidas nos mais diversos ambientes, no momento em que uma casualidade ou uma circunstância qualquer as colocasse na incômoda situação de ver os respectivos maridos em companhia de outra mulher, veríamos produzir-se em cada uma delas a mesma reação de ciúme, ressentimento ou cólera, sem falar, é lógico, das variações que cada caso pode apresentar. Veríamos também que, por educadas que sejam, essas senhoras padecem em sua maioria de uma certa miopia mental, que as inibe de enfrentar como corresponde tais incidentes da vida conjugal. Dizendo em poucas palavras, comprovaríamos sua falta de capacidade para neutralizar, com reflexões atinadas, os trágicos efeitos desse tipo de episódios. Pensamentos que nem sempre têm razão de ser se apossam delas, e é aí que, frequentemente, acontece o pior, que é a busca do conselho alheio; e como o tal conselho costuma não ser bom, elas então se expõem a converter a vida matrimonial num inferno.

Retirando um cigarro do maço que Cláudio lhe oferecia, De Sándara continuou:

— Se queremos saber o que há no fundo de uma caverna, deveremos, logicamente, introduzir-nos nela e satisfazer nossa curiosidade. Entretanto, talvez se oponha a essa intenção um inimigo tenaz, a escuridão, fazendo malograr nosso propósito. No caso humano, a ignorância, que é treva mental, impede igualmente que se veja o fundo das coisas; daí que a imaginação, crendo-se iluminada, teça as mais caprichosas versões dos fatos, as quais, ao não intervir a menor análise reflexiva, costumam ser tomadas por certas. Assim, amigo Arribillaga, os dramas humanos são produzidos sem conta, na enganosa penumbra da incompreensão... Os conflitos conjugais têm justamente aí sua origem, e se agravam pela mútua intolerância.

— Eu entendo, senhor De Sándara, que essa atitude que o senhor mencionou, e que poderíamos considerar como intransigente na mulher, obedece ao fato de que ela, frente às investidas do sexo, não somente revela em muitíssimos casos ter mais consciência de sua responsabilidade matrimonial do que o homem, mas também demonstra como sua própria dignidade a defende, quando culmina em razão de seu sentir. Contempladas ambas as posições, a do homem e a da mulher, cabe contudo pensar que, mesmo sendo o varão com frequência impotente para evitar os erros em que incorre por força de suas fortes predisposições naturais, ele pode, entretanto, corrigir tais predisposições e até neutralizá-las por completo, se a isso se propuser.

— Sem dúvida; mas nisso deve intervir, necessariamente, e o digo referindo-me sempre ao casal, um processo interno de compreensão que conduza cada uma das partes, e de especial modo a mulher, a alcançar a razão desse vínculo carnal e

afetivo, a fim de que se possa dominar e fortalecer, em vez de debilitar, o sentido superior do laço conjugal.

— É perfeitamente compreensível. De outro modo, o amor, aquele a que chamamos amor do coração, que é sensível em extremo, pode ser afetado por qualquer incidente nas relações de mútua correspondência. Prova disso é que, em muitos casos, sua existência não é menos efêmera que a do amor passional, que somente aspira à posse circunstancial, mesmo quando existam promessas e juramentos envolvidos.

— E você sabe por quê? Parece que eu já lhe disse algo a respeito... É porque o amor somente perdura quando chega a converter-se em afeto. O afeto é o grande poder que persuade, que atenua os ressentimentos e perdoa; é o que suaviza os golpes da adversidade e elimina os efeitos perniciosos de todas as discórdias. Sendo assim, quando esse amor que foi condensado em afeto é também sublimado pelo conhecimento, torna-se imutável e incorruptível.

— Agrada-me de verdade compreender que a alma humana está integrada por elementos tão preciosos.

— Você disse muito bem, mas ainda faltaria adicionar que esses elementos preciosos, aliados entre si, formam a incomovível base de nosso ser sensível.

Calaram. Cláudio tratava de reter em sua mente as palavras do amigo, nas quais não aparecia ainda a resposta clara à sua consulta. De Sándara não aparentava outra preocupação que a de acender um segundo cigarro. Pouco depois, retomou a palavra, disposto agora a ser mais direto.

— Eu fiz com que a alma daquela que hoje é minha mulher se temperasse no crisol das experiências, assistindo-a em seus primeiros passos com acendrado amor. Eu a premiei em cada um dos seus triunfos, oferecendo-lhe uma oportunidade

a mais de me conhecer melhor. Isso lhe foi dando, a meu respeito, uma segurança tal que poucas mulheres, sem dúvida, têm de seus maridos neste mundo. Sabe que ninguém, com exceção dela mesma, poderá suplantá-la no lugar que ocupa em meu coração. E ela compreendeu isso tão bem, que jamais me incomodou com receios de nenhuma espécie. Poderá acontecer que ela me surpreenda circunstancialmente em companhia de uma mulher, ou de várias, tal como aconteceu há pouco, mas não experimentará curiosidade nem inquietação por isso. Tal atitude poderia ser tomada como indiferença, mas não é isso. Mariné é assim porque sabe, porque comprovou inúmeras vezes, que ela é, de fato, minha bem-amada e que, entre todas as mulheres, é para mim a primeira; a primeira até entre as que estão acima de todas. O conceito que lhe inspirei é como uma tatuagem gravada em sua alma, que nada nem ninguém poderá apagar jamais. Mas devo reconhecer que Mariné foi por sua vez capaz de me compreender e de me corresponder com sinceridade, com naturalidade, rendendo-me, além disso, obediência inteligente, antítese da obediência cega, que torna as mulheres tolas.

— Eu considero, senhor De Sándara, que é difícil alcançar tais comportamentos e adaptações, mas presumo que isso coloca a criatura humana tão perto da felicidade sonhada, que o simples fato de saber que pode ser conquistado me estimula fortemente a procurar, quanto antes, posições de tão alto equilíbrio e compreensão.

Arribillaga recebeu por resposta um sorriso de significado duvidoso. No primeiro instante, acreditou ver nele um total consentimento, mas não tardou a reparar que aquilo havia repercutido fortemente em seu íntimo, fazendo-o recordar que sempre, em seus ímpetos de entusiasmo, a consciência devia assisti-lo. De soslaio, tratou de observar seu interlocutor, cuja atitude plá-

cida, tranquila, contrastava claramente com os golpes certeiros provenientes de seu juízo. Não ignorava, pois a experiência lhe havia mostrado isso, que este apontava sempre para o coração das questões, e que jamais apertava em vão o gatilho ao exercitar seu sereno pulso. Tinha absoluta segurança de que De Sándara conhecia a fundo as alternativas do processo psicológico que se cumpria nele e, além disso, estava certo de que suas palavras e atitudes, ainda que nesse momento lhe produzissem ressentimento, não tinham outra finalidade que a de assessorá-lo em tais alternativas, prevenindo-o contra a repetição de crises morais como as que amiúde havia experimentado.

— O que acabo de relatar a você — De Sándara continuou — certamente não é algo impossível. A condição é que o homem saiba dominar sua natureza passional, seus impulsos, suas reações instintivas. Quando se pensa hoje uma coisa e amanhã outra; quando se empreende a realização de um projeto e em seguida o abandona, não se consegue outra coisa que diminuir a própria capacidade criadora. Retire você as conclusões, amigo Arribillaga. Por esse caminho, em que vai poder acabar o homem?

— Vai acabar na perfeita negação de si mesmo.

— E por que você pensa assim? — De Sándara inquiriu, realçando a sutil pergunta.

— Porque teria negado à sua pessoa o direito de ser e fazer o que se propôs em horas de lucidez.

A frase não passou dali, pois Cláudio de súbito sentiu como se um pensamento com queimor de urtiga lhe houvesse roçado a pele. Recuperou-se, porém, e, aferrando-se inesperadamente aos últimos bastiões de sua presunção, disparou um cartucho para o ar, esperando atrair com isso a atenção de seu interlocutor:

— A título de simples comentário, senhor De Sándara, vou me permitir relatar um fato sobre o qual eu tenho lá minhas certezas. Depois de desfrutar por uns instantes a companhia de uma mulher, experimento uma notável atração pela minha, cujas virtudes me parecem mais salientes e valiosas. Tenho grande confiança em que essa circunstância haverá de me imunizar contra os perigos de qualquer embriaguez passional, caso eles ocorram.

— Não lhe parece que isso seria confiar em demasia na miragem dos sentidos? Eu não creio, em absoluto, que você seja dos que sucumbem nos braços das debilidades, mas, de qualquer modo, sinto-me no dever de adverti-lo de que tal confiança poderia minar seus princípios e fazê-lo passar por mais de uma experiência amarga. É indispensável, meu amigo, precaver-se a tempo da ingenuidade com que esses assuntos costumam ser encarados. Além do mais, leve em conta que nem sempre nossas atuações são interpretadas em sua exata dimensão. Mas não desanime; tenho para mim que você chegará a possuir um claríssimo conceito da vida superior. E lhe direi mais: persevere, e você me dará a alegria de vê-lo incorporado definitivamente a esse mundo reservado às almas que se esforçam, o qual, queira-se ou não, é a meta ideal cobiçada pelo homem desde que passou a ter noção de sua existência.

— Seus bons votos haverão de me servir de alento, senhor De Sándara, não tenha dúvida sobre isso — manifestou Cláudio, que no íntimo se pôs a considerar longínqua aquela fascinante perspectiva.

Nesse meio tempo, Mariné e Griselda descansavam do intenso giro que tinham feito pelo centro da cidade, estiradas preguiçosamente sobre as poltronas da varanda.

Quando De Sándara e Cláudio entraram em casa, o murmúrio das vozes das duas guiou-os até elas.

— Ora, que surpresa!... — De Sándara exclamou. — Não pensei que já tivessem voltado.

— E olhe que estivemos ativíssimas — respondeu Mariné, aproximando-se dele. — Percorremos lojas até nos fartarmos, e ainda nos sobrou tempo para este momentinho de descanso. Vocês também devem ter andado muito, com certeza.

— Muitíssimo.

— Precisam então tomar algo estimulante. Vou chamar o criado.

— Não se preocupe conosco, Mariné. Voltamos revigorados — De Sándara manifestou, dirigindo a seu amigo um olhar expressivo.

Em seguida, perguntou por sua tia.

— Chegou quase ao mesmo tempo que nós — Griselda informou.

— Então, vou buscá-la.

E, dizendo isso, afastou-se, pensando sem dúvida no prazer que lhe proporcionaria com essa pequena amabilidade.

Griselda fez uma alusão favorável às atenções que De Sándara dispensava a Cristina, e Mariné, com a benevolência com que costumava falar dela, referiu-se ao valor que ela dava a tais mostras de carinho, as quais, por outra parte, pareciam ser um reclamo dos anos. Enquanto falava, observou que Cláudio permanecia em silêncio, ausente dali, como que travado quem sabe por que preocupação. Em vista disso, e a fim de não lhe forçar a atenção, optou por calar-se. Com toda a delicadeza, pretextando a necessidade de dar uma ordem à criadagem, afastou-se um instante, deixando-os a sós.

Também Griselda havia observado o fato, considerando mais oportuno permanecer na expectativa.

Nada que um simples olhar pudesse captar explicaria a estranha mortificação que obscurecia o semblante de Cláudio. Somente ele, acostumado a examinar o que acontecia nos recessos de sua consciência, sabia, com certeza, que aquilo que nesses momentos turbava sua serenidade e reprimia as boas disposições de sua alma — comumente alegre, vivaz, comunicativa — tinha sua causa em sutis vestígios de suscetibilidade e de amor-próprio.

De repente, experimentou um desejo incontido de retrair-se de qualquer presença que não fosse a sua própria, e, decidido a refugiar-se na solidão de seu quarto, deu uma desculpa trivial a Griselda e se retirou, prometendo não demorar.

Começou, então, a percorrer o aposento de um lado para outro, até que, deixando-se cair sobre a beirada da cama, ali permaneceu sentado, com a cabeça baixa e as mãos cruzadas.

Era forte e insistente o repicar de seu campanário moral chamando à oração, mas o clarim que em tom de guerra conclamava seus pensamentos era também de tal forma vibrante que, nesse momento, ele não pôde subtrair-se ao torvelinho que ameaçava envolvê-lo.

Sentia que se agitavam em todo o seu ser, disputando o triunfo, as duas forças antagônicas de sua natureza, que lhe anunciavam a proximidade de um desenlace cujo rumo ele mesmo deveria decidir. Sua visão interior, concentrada no cenário de seu pequeno mundo, via alinhar-se nele rancorosas e ameaçadoras, as reações do instinto, o qual, disposto a não ceder, lutaria até o fim para reassumir o tirânico império que havia exercido sobre ele. Encabeçando a rebelião, viu desfilarem fugazmente as tentações, o autoritarismo, a licenciosidade,

os prazeres mundanos, a cobiça sensual, que pretendiam ainda seduzi-lo com o brilho de seu oropel, e, por detrás deles, erguendo-se altivo, despojado de sua inofensiva aparência, identificou o temível felídeo, o culpado das agitadas contendas tantas vezes desencadeadas nele: seu amor-próprio, esse invisível inimigo que se eriça furioso e salta ante a menor contrariedade, levando aos mais diversos desatinos.

A essa altura de sua observação interna, Cláudio se deteve. Acabava de compreender o perigo a que o havia exposto, uma vez mais, sua néscia suscetibilidade, desencadeada imperdoavelmente. Uma indescritível sensação de triunfo invadiu-lhe o ânimo e projetou-se sobre seu rosto, até então contraído pela dolorosa excitação. Ali, frente às horríveis hostes engendradas pelas paixões, dominando tudo a partir de posições as mais altas, sua visão, livre de sombras, contemplava as falanges imponentes do espírito, impondo urgência na rendição incondicional do implacável inimigo.

Único protagonista e testemunho do que acabava de ocorrer nas intimidades de sua consciência, Cláudio deixou-se inebriar pela inefável sensação daquele triunfo que lhe restituía a paz e a felicidade por um instante perdidas.

Aquilo durou tão só o tempo que os demais levaram para regressar, e Cláudio chegou mesmo a pensar que ninguém havia reparado em sua ausência.

Meia hora mais tarde, durante o almoço, a alegria batia palmas nos corações. Talvez se pudesse dizer que aquilo era uma tácita homenagem à brilhante vitória alcançada numa batalha que se travara em silêncio, nas profundezas da alma.

Uma sesta reparadora e um prolongado passeio pelas montanhas, ao cair da tarde, terminaram por tonificar grandemente o ânimo de Cláudio.

Às delícias da excursão também se somaram as que lhe eram proporcionadas pela confiança em si mesmo, cuja manifestação ele agora sentia em si, com clara consciência das potencialidades que o exercício da vida superior fora acumulando em seu ser. Já não se veria na difícil situação de ser abandonado por essa confiança, quando os brios de sua vontade decaíssem.

A força dos conhecimentos essenciais proporcionados por Ebel De Sándara lhe havia permitido triunfar e obter resultados positivos das múltiplas contingências que se deveram exclusivamente à imperícia na condução de seus impulsos; e, nas asas dos elevados gozos estéticos que tudo isso lhe inspirava, pronunciava-se na intimidade de sua alma a certeza de que a vida começava a oferecer-lhe, em maior volume, os encantos reservados ao homem que consegue aprofundar-se em seus segredos.

~

De Sándara repetiu várias vezes aqueles passeios pela cidade, em companhia de seu amigo. Embora pudesse parecer que não respondiam a outro motivo que não fosse o de levá-lo a conhecer diferentes pontos dela, bem como a favorecer suas observações sobre modos de vida e costumes da população, tais passeios sempre deixavam em Cláudio algum elemento a mais para fortalecer as novas posições que espiritualmente ia escalando.

Certa noite, convidou-o a conhecer o clube que ele frequentava, em cujo seio se reunia a nata da intelectualidade mexicana.

Nessa oportunidade, disse a Cláudio:

— Não há dúvida que a presença de nossas respectivas esposas aumentaria a satisfação que esses passatempos nos

podem oferecer, mas a verdade é que elas gostam muito de estar a sós para suas conversas confidenciais, e até necessitam disso.

Cláudio percebeu nas palavras de seu amigo uma argumentação algo forçada para justificar o fato; contudo, aceitou de bom grado o convite.

— O senhor invoca uma razão que nos libera do pesar de deixá-las em casa — respondeu, cortesmente. — Estou às suas ordens, senhor De Sándara.

— Dedicaremos então esta "fuga" à observação dos homens no saudável exercício de seus músculos mentais.

Dito isto, com o espírito entusiástico com que se preparava até para as pequenas coisas de seu agrado, informou a Cláudio que aquela era uma das noites que o clube destinava a recrear seus associados com um debate de caráter filosófico, no qual faziam uso da palavra um ou mais membros, escolhidos por sorteio dentre aqueles que ofereciam voluntariamente seu concurso. Com efeito, desfilavam por aquela tribuna homens de ciência, polemistas, pensadores e até sofistas, que submetiam seu saber ao veredicto de um público igualmente erudito, que amiúde acossava o orador com perguntas ou o contrariava com objeções e réplicas, promovendo-se não poucas controvérsias.

A informação interessou a Cláudio, avivando nele a disposição de assistir.

Daí a pouco, ambos atravessavam as espaçosas salas do elegante lugar de reunião, já animado pela presença de numerosas pessoas, muitas das quais foram apresentadas a Cláudio, que em muito valorizou essa oportunidade que se lhe oferecia de conhecer pessoalmente a tantas figuras de prestígio.

Ao anunciarem o início do ato, De Sándara tomou Arribillaga pelo braço e, encaminhando-o com presteza para o auditório, disse em tom alegre:

— "Mon petit", o espetáculo vai começar.

O salão era um recinto mais largo do que comprido, que podia facilmente acolher umas duzentas pessoas. Da ampla porta de acesso, junto à qual ambos os amigos se detiveram por um instante, via-se um estrado ao fundo, coberto, como o restante da sala, com tapete de tom claro, e, de frente para ele, repetidas filas de cômodas poltronas, dispostas em semicírculo.

Cláudio já estava ciente de como se realizavam tais debates.

Assumia a direção dos trabalhos um membro daquela instituição, o qual, aberto o ato, convidava o orador escolhido a retirar, ao acaso, de uma urna especialmente preparada para tal, dois envelopes com perguntas ali depositadas pelos interessados. O orador podia escolher livremente entre as duas ou responder a ambas, se assim o desejasse. Às vezes, quando a dissertação era breve, ou quando se tratava da aceitação parcial das perguntas, outro lhe sucedia no uso da palavra. Aconteceu assim naquela noite, já que o orador, após responder com brilhantismo e amplidão uma delas, declarou-se incompetente para a outra.

A sala premiou-o, não obstante, com insistentes aplausos, inclusive Cláudio, que, excelentemente impressionado, ofereceu-lhe os seus, numa clara demonstração de assentimento.

O orador abandonava o estrado, quando se ouviu que o diretor anunciava a De Sándara como segundo participante.

Cláudio voltou-se para o amigo num súbito movimento de surpresa, mas ele já havia deixado seu assento e se dirigia rapidamente para a tribuna. Dominando o espanto e festejando dentro de si aquela novidade, que o colhera tão despre-

venido, pôde observar a simpatia com que o público recebeu a De Sándara, acompanhando seu acesso ao estrado com insistentes aplausos.

Pareceu a Cláudio ter visto, no sorriso que de longe seu amigo lhe enviou, a satisfação de haver-lhe deparado tão viva surpresa.

Conforme a norma habitual, o diretor começou a ler em voz alta as perguntas que De Sándara ia retirando da urna, com o nome daqueles que as subscreviam.

A primeira assim definia as inquietudes ideológicas de seu autor, conhecido escritor de forte tendência liberal: "Deus existe? O senhor pode nos provar sua existência?" A segunda foi feita por um médico, nos seguintes termos: "Qual é sua opinião sobre o elo perdido, origem de tantas teorias sobre a gênese do homem?"

De Sándara tomou das mãos do diretor as folhas que as continham e, colocando-as sobre a tribuna, examinou-as brevemente, passando em seguida a cumprir sua incumbência.

— Senhores — disse ele, — ao pronunciar-me a respeito da primeira indagação, dou por sabido que, se a Criação que nos rodeia e da qual fazemos parte não é por si só o suficientemente eloquente para persuadir o homem de que a existência de Deus é inegável, menos poderá ser a palavra de um semelhante, por mais que se empenhe em demonstrá-lo. Feito este esclarecimento, entremos de cheio no assunto. Quando se afirma que Deus existe, é absolutamente necessário acompanhar tal afirmação com uma proposição desvinculada de toda ideia que o limite ou impeça concebê-Lo em sua imensidão, onipotência e infinitude. Partindo da base de que a Causa Primeira é Deus e não tendo ao nosso alcance nenhum ser visível a quem possamos atribuir o ato

da Criação Universal, é lógico que reconheçamos a Deus como Supremo Criador; mas a capacidade para considerar sua existência não depende dessa existência em si, senão da medida na qual cada ser humano a reconheça, a sinta e a palpe individualmente.

"Há duas coisas que são, sem dúvida alguma, inseparáveis, porquanto constituem uma mesma e absoluta verdade: a Criação e seu Criador. Uma pressupõe com toda a certeza a presença da outra, de maneira que, se a Criação existe — o que nos consta, porque a vemos, a palpamos e dentro dela vivemos —, é impossível pôr em dúvida a existência de Quem, havendo-a concebido primeiro, plasmou-a depois em suprema realidade, ditando ao mesmo tempo as leis que mantêm seu equilíbrio e velam por sua conservação eterna. A existência de Deus, senhores, se prova pela própria existência de tudo o que nos rodeia, por nossa própria existência e, sobretudo, pela prerrogativa que nos foi concedida de nos formular essa pergunta e também de respondê-la, servindo-nos do conhecimento que se adquire com o estudo, a observação e a experiência, conscientemente realizados no viver diário.

"Acabo de expressar que Deus, em razão de sua inabarcável dimensão cósmica, não pode ser limitado; mas devo acrescentar também que, sendo isto tão fácil de compreender, nem sempre foi tido em conta pelo homem. É um fato certo, apesar de paradoxal, que ele pretendeu fazer Deus à sua imagem e semelhança, sem medir, provavelmente, as proporções nem as consequências de tamanho sacrilégio. Não devemos esquecer que as crenças lançaram suas raízes na ignorância das tribos primitivas. Em pleno estágio de rudimento mental, carente de entendimento, cada tribo adorava os deuses dos quais se apropriava. Avançando o tempo e o desenvol-

vimento humano, mas sempre num clima de ignorância e de ingênua credulidade, as religiões fizeram o mesmo, ao levar suas crenças ao convencimento de que Deus lhes pertencia, porque assim seus sustentadores haviam estabelecido. E não somente isso; cada seita O ia conformando segundo as conveniências e as exigências dos respectivos dogmas, apresentando-O velado, naturalmente, pelos chamados 'mistérios'.

"As crenças, senhores, paralisam a nobre função de pensar. Ditosos os olhos do entendimento não contaminado, os quais, diferentemente dos que foram cegados pela fé dogmática, podem nutrir sua vida com os ensinamentos esparzidos por Deus na Criação! O dogma pôde ser útil aos homens nas épocas de barbárie, de atraso moral, intelectual e espiritual, mas não nos tempos de hoje, que estão marcando as mudanças mais surpreendentes em quase todas as ordens do viver humano. Pura e simplesmente, o dogma é hoje um contrassenso; insistir em sua manutenção é pretender fechar os olhos daqueles que conseguem ultrapassar o obscurantismo espiritual em que a humanidade ainda está imersa. O homem ama a verdade, anseia por ela, mas, para não ser aprisionado pelo engano, deve buscá-la com sua razão, e essa razão deve ser unanimemente respeitada. Não se pode pretender, atribuindo à fé cega virtudes que ela não tem, excluir das possibilidades humanas as funções de discernir e de julgar, e submeter o homem, sem prévio discernimento de sua parte, ao acatamento de fórmulas que adulteram a verdade."

— Senhor De Sándara — expressou um dos presentes, elevando sua voz sobre o inquieto murmúrio da sala, — nós não podemos nos rebelar contra os dogmas!... Como cristão, eu me recuso a escutá-lo. Opor-se aos dogmas é declarar-se abertamente contra a verdade revelada, que é o sacro sus-

tento da religião. Além do mais, poderíamos negar que em grande parte os dogmas constituem fatos históricos?

— O senhor me permita dizer-lhe que os dogmas, pelo fato de serem imposições de caráter religioso, são incompatíveis com a História. Por outra parte, nos próprios textos bíblicos aparecem contradições tremendas, que em vão se tentou emendar. A razão humana as descobre tão logo se dispõe a analisar a fundo esses textos. É sabido que a História, para ser verídica, deve estar legitimada por testemunhos incontestáveis; por verdades que concordem com nossa realidade interna, que é a que deve animar o juízo dos homens. Dali deve surgir a aceitação ou a não aceitação de suas passagens. Os fatos históricos só podem ser considerados indiscutíveis quando estão sustentados por realidades que liberem a posteridade de toda suspeita acerca da fidelidade de sua origem. Não ocorreu tal coisa, por certo, com os fatos mencionados nas narrativas bíblicas, pois não estão avalizados por nenhum certificado responsável, como seria o testemunho dos historiadores da época. Para exaltar as figuras de seus protagonistas, insistiu-se em divinizá-los, quando deveriam ser, pelo contrário, humanizados, para que pudessem servir de exemplos instrutivos para o gênero humano. Não existe façanha nem virtude que nos possam ser acessíveis, e menos ainda compreensíveis, num ente "divino" que pretende pôr, ante nossos olhos atônitos, suas aptidões para o milagre; mas elas existem, sim, em qualquer ser humano que, sendo como todos os demais, nos mostra, com seu saber e com seu exemplo, ao menos uma parte das grandes prerrogativas que seus semelhantes podem alcançar no caminho da evolução.

"Quanto aos dogmas", continuou o senhor De Sándara, atento à crescente expectativa do público, "afirmo que Deus

não estabeleceu nenhum. Eis aí uma verdade, como também é verdade que Deus não excluiu jamais ninguém de sua grande família humana, que criou para que habitasse este mundo. Não chamou de hereges aos que divergiam do verdadeiro modo de pensar a respeito d'Ele, nem excomungou tampouco ninguém, e menos ainda poderia aprovar que algum de seus filhos o fizesse, porque essa atitude entranha um princípio de desamor, um malquerer. Se Deus tem permitido a povos que o negam, povos ateus, perjuros, colocarem-se na vanguarda da ciência, não temos com isso a evidência de que Ele continua considerando esses povos como filhos de sua Criação?

"Todo homem deveria aspirar a esclarecer o que a razão resiste a admitir como verdade. Por exemplo, as sustentadas afirmações sobre a existência de um inferno que condena os pecadores ao fogo eterno. Em que verdade essa afirmação se apoia? Pode arder o espírito, que é imaterial e, portanto, incombustível? Mas admitamos que sim; admitamos que o espírito possa queimar-se, que possa arder eternamente. Em tal caso, que consequência útil teria para a vida humana a condenação eterna do espírito ao fogo?... Até quando, senhores, até quando a humanidade terá de seguir aferrada a uma crença que carece de todo sentido instrutivo?! As faltas cometidas pelo homem não podem ser saldadas com um martírio interminável, com um suplício perpétuo. Não pode caber, pois, na imensa grandeza de Deus, tamanha crueldade; porém sim, pode caber naqueles que apregoam isso e atemorizam as pessoas com semelhante disparate. Deus não pode ter criado o prodigioso ser humano para aniquilá-lo depois inexplicavelmente. Isso implicaria a violação de leis expressas, destinadas a regular a evolução do homem; implicaria uma negação que a inteligência humana não pode absolutamente admitir. Deus criou o homem

para que, por meio de todos os sacudimentos e experiências que acompanham sua passagem pelo mundo, ele aprenda a conduzir sua vida pela existência que lhe foi determinada e que, presumo, não tem fim. As faltas que cometer, ele mesmo, por sua única e exclusiva conta, poderá e haverá de saldá-las. Eis aí o prodígio da lei de evolução, a qual, conscientemente interpretada e vivida, converte o homem em seu próprio redentor. Poderia haver algo mais formoso, mais consolador e sublime para ele do que se sentir capaz de realizar, por si mesmo, uma tarefa tão edificante, cuja glória haverá também de pertencer-lhe? Isto não é melhor do que acumular falta sobre falta, confiando com fé cega — e em alguns casos com não pouca especulação — que alguém com poderes divinos possa nos absolver de culpas? Analisemos serenamente em qual dos dois casos o homem é mais digno de si, de seus semelhantes e de Quem o criou.

"Muito já se falou da verdade revelada; aqui mesmo, nesta sala, acaba de ser mencionada... Qual é, senhores, essa verdade revelada que o homem não pode conhecer, que lhe é inacessível? A verdade revelada por Deus, a maior, a mais transcendental, é Sua própria Criação. Eis aí a grande verdade revelada!... Dessa Criação, dessa verdade revelada por Deus, acessível — permitam-me a afirmação — a todas as mentes humanas, se desprendem os fios que conduzem a todas as outras verdades que, no seu devido tempo, também serão reveladas. O homem que se propõe a conhecer o que há dentro de uma montanha, que representa, façamos de conta, uma pequeníssima parte da grande verdade, terá inevitavelmente de levar a cabo esse propósito penetrando em suas entranhas com o entendimento e com a ação, seguir seus veios, descobrir suas jazidas. Se alguém lhe proibisse isso, assegurando-lhe que deve se conformar em apenas admirar a mon-

tanha, continuará ela sendo uma verdade revelada, mas uma verdade revelada em cujo fundo sua inteligência não penetra. A mente humana, repito, tem livre acesso a todas as verdades, mas deve, isso sim, seguir um processo de rigoroso adestramento mental e psicológico, um processo de cultura interior que lhe torne possível elevar-se até elas.

"Para o homem em pleno exercício de sua liberdade de consciência, não há dogma algum atrás do qual a verdade possa se manter oculta. Isto é muito lógico. É perfeitamente compreensível que aquele que pensa, que exerce essa função na plenitude de seu juízo, haverá de saber descobrir a verdade ali onde ela se encontra, e que, se for o caso, saberá — por força dessa mesma sensatez — recusar-se a aceitar, por exemplo, que possa caber a um planeta a possibilidade de introduzir-se num fio de cabelo para ensinar ao homem como evitar a calvície. Todas as faculdades da inteligência são pródigas quando utilizadas continuamente, mas as crenças, senhores, não ativam de modo algum seu exercício. As crenças adormecem a inteligência; atuam como hipnóticos. A vida é pensamento e ação; e a vida se debilita, desfalece, morre, quando a mente para de pensar, quando por efeito dessa imobilidade a vontade se relaxa, quando as células se desalentam, porque lhes falta a atividade que as reanima e estimula. As crenças são, por tal causa, um meio de opressão, uma tirania imposta ao espírito humano; são a morte lenta do espírito, o qual, não podendo evoluir em cumprimento de seu alto destino, se consome dia após dia, século após século...

"O homem não é o que é pelo que come, mas sim pelo que pensa. Se o inibimos de exercer essa função, se o pomos dentro de uma fôrma de ferro para impedi-lo de pensar, que consciência poderá alcançar de seu existir neste mundo? Se

mais tarde perguntássemos a esse mesmo homem o que fez ele de seu ser, de seu espírito, provavelmente nos responderia: 'Acreditei; tive fé'. Fé em quê?... Por acaso está vedado a ele conhecer a verdade? Deus não pode tê-lo feito para semelhante absurdo; nem condená-lo a ser um ente vulgar, um ente que não pensa, um ente cujo espírito está submetido à escravidão de uma crença. Prova disso é o magnífico mecanismo psicológico de que o dotou, mediante o qual lhe permite conduzir-se independentemente. Cada ser humano está constituído por uma alma e um espírito. Além do mais, cada um possui uma psicologia diferente, peculiar, quer dizer, uma psicologia individual. Por que, então, se tem insistido durante séculos em torcer o rumo que a humanidade devia seguir, adormecendo a uns e a outros com crenças e equívocos? Por acaso se ignorava que induzir o homem a pensar por ditados e a sentir o que lhe é inculcado implica transgredir as leis universais, que consideram delito tudo o que tende a favorecer a absorção do indivíduo pela massa? Ignorava-se que isso tende a fundi-lo nesse conjunto nômade que segue um rumo falso, porque o rumo verdadeiro o homem só pode chegar a conhecer por si mesmo? Desdenhar pejorativamente ou, pior ainda, execrar, como tantas vezes ocorre, os que fazem uso legítimo de sua razão para discernir o justo do injusto, a verdade da não verdade, é ofender a vontade de Deus, que instituiu essa faculdade para que o homem alcançasse a elevação mental, moral e espiritual que corresponde à sua condição de humano."

— Permita-me uma interrupção, senhor De Sándara — expressou neste ponto o autor da pergunta. — Desejo esclarecer que, se eu tivesse a segurança absoluta acerca da inexistência de Deus, não haveria solicitado opinião alguma

sobre este particular; a minha me teria bastado. O que eu nunca pude aceitar são, simplesmente, as concepções com as quais se pretende nos ilustrar sobre um Ser de tão elevada hierarquia. A teologia não conseguiu, até aqui, me inspirar convicções firmes, que eu tampouco pude sustentar mediante o estudo dos dogmas que fundamentam cada religião, nos quais a ideia da existência de Deus está muito longe de ser, segundo meu critério, a que corresponde a tão imensa paternidade. Em muitíssimas ocasiões, buscando satisfazer as dúvidas manifestadas em mim por natural influência das leis que governam nossa razão, me senti desconcertado. A filosofia, com seu espírito reflexivo, nos expressa suas conclusões a esse respeito com outra amplidão, é verdade, mas não encontrei nela uma demonstração que me chegasse com a evidência inequívoca de uma realidade. É na verdade difícil formar um juízo claro e acabado das coisas quando cada afirmação que nos dispomos a analisar se transforma, de repente, na antítese daquilo que estivemos analisando antes. Assim, pois, diante do que jamais satisfez as demandas de minha razão, e diante do que, em tantas ocasiões, eu tive de considerar absurdo ou carente de toda verdade, não titubeei em me declarar liberado mental e espiritualmente; diante de Deus, porém, minha posição é outra, pois eu O sinto intimamente e O admiro em Sua excelsitude e grandeza. Interessava-me muito particularmente, amigo De Sándara, conhecer como o senhor concebia a Deus; daí minha pergunta; uma pergunta um pouco audaz, talvez, mas cuja resposta me satisfez sobremaneira. Honra a grandeza de Deus e, por outra parte, honra a esse súdito da Criação, feito "à Sua imagem e semelhança", a afirmação de que a verdade, a grande verdade, é acessível a seu conhecimento, e é também o caminho pelo qual haverá de aproxi-

mar-se a Ele. Talvez eu não tenha compreendido bem alguns pontos de seu pensamento, mas espero que o senhor me dê a oportunidade de esclarecê-los numa posterior conversa.

— O autor da pergunta acaba de se manifestar satisfeito, senhores — disse De Sándara, depois de dar a ele uma resposta cortês; — eu gostaria, porém, desde que isso não representasse um esforço para os que me ouvem, que me concedessem mais alguns minutos para completar minha exposição.

A um sinal de aprovação do diretor e do público, ele continuou:

— O relato simpático que fez o inquiridor me oferece a oportunidade de fazer referência a um ponto que, de outro modo, e por razões óbvias, eu deixaria passar despercebido. Nunca me cansarei de insistir sobre a conveniência de não se fechar o entendimento à investigação causal, por meio da qual até o mais ateu pode chegar a compreender que, não tendo sido o homem o autor da Criação, alguém necessariamente deverá ter sido, alguém que reservou sabiamente para si o governo de todo o universo. Quantas vezes temos visto o ateu pôr as lentes do cético, usadas por Pirro, e anunciar, com uma contumácia a toda a prova, que nada sabe da existência de Deus!... E isso apenas porque o Grande Desconhecido não se faz presente a seu juízo tal como lhe parece que deveria acontecer. Pois é assim, senhores; o ateu é com frequência o mais fanático dos crentes: crente na deidade que conforma seu "eu" pessoal. Nega a existência de Deus, mas no fundo o coleóptero da dúvida lhe carcome as entranhas... Eis que, porém, apesar do ceticismo de tantos, o Grande Desconhecido, a quem com empenho se quer privar de existência, é, paradoxalmente e em síntese, a própria existência de tudo quanto existe; e é dever da criatura humana senti-Lo e compreendê-Lo, mas por meio

do conhecimento, porque somente por meio dele será possível amá-Lo de verdade, ou seja, conhecendo as razões supremas desse amor que é fonte inesgotável de eternidade.

"Encontrei pelo mundo com muitos ateus e também com muitos crentes, e a estes eu tive de considerar tão ateus como os outros. Identifiquei-os até entre os que mais se vangloriavam de serem crentes sinceros da religião que professavam. Em realidade, costumam ser estes os mais temíveis, porque, enquanto proclamam a Deus com os lábios, execram e negam ignominiosamente Seu Nome com seus ocultos e indignos procedimentos. São eles os que, em todos os tempos, armaram o braço de seus confrades para ferir de morte a seres inocentes, pela simples razão de não concordarem com os pensamentos emanados de seus cultos. São também os que, por essa mesma causa, escarneceram dos gênios, dos heróis, dos inventores ilustres e dos pesquisadores que chegaram com sua ciência a descobertas maravilhosas. Quantas grandes figuras — a História o declara — não sofreram a mais escandalosa hostilidade e a perseguição mais impiedosa por parte dos doadores de graças e insufladores de crenças!... Em cada benfeitor da humanidade houve, não obstante, uma chispa divina em eclosão, uma superioridade e uma grandeza da qual careciam os encolerizados crentes que os acusavam de ímpios, de diabólicos e de hereges. Prova muito evidente do ateísmo do crente são os crimes da Idade Média e do Renascimento. Não foram engendros monstruosos desse ateísmo os que prepararam suplícios e fogueiras para destruir e calcinar as carnes gloriosas de tantos mártires, que pagaram inocente tributo à ingratidão humana sustentada pela barbárie? Não pertenceram à família de crentes ateus, sempre recalcitrantes, os que, falseando o conceito das doutrinas que diziam

professar, negavam a Deus com seus atos? Por isso, afirmo que quem simplesmente crê em Deus faz entrega de sua alma àqueles que hão de torná-lo intolerante e intransigente com o próximo; ao contrário, quem O sente e empenha sua vida em se aproximar a Ele pelo conhecimento, este sim, sabe amar a seu próximo como a si mesmo, ainda que seus pensamentos não coincidam."

— O senhor está atacando abertamente a religião, como se ela não tivesse cumprido ao longo dos séculos, de forma ampla e apreciável, seus piedosos objetivos, por meio de sua obra redentora e civilizadora!... — ouviu-se de um senhor de idade, que, com mal contida irritação e já de pé, mostrava às claras a determinação de retirar-se.

Um movimento de desordem estendeu-se pela sala, de onde surgiam vozes de protesto e de aprovação ao mesmo tempo.

— Senhores, não terminei ainda. Peço, portanto, que me escutem com calma até o final — De Sándara replicou, elevando o tom da voz, que ressoou vibrante e bem nítida na sala. — Afirmo que não é meu propósito atacar nenhuma religião, e sim convidar todas elas a que entrem pelos foros da realidade e se despojem de todo o seu artifício, de suas sugestões e de tudo o que elas mesmas sabem que não é verdadeiro, para se reencontrarem, se isso for possível, humana e espiritualmente, numa compreensão ampla dos altos fins que esperam pelo homem e pela humanidade. A verdade é una e indivisível; é o que foi, o que é e o que será. A não verdade carece dessa virtude; nunca foi o que pretendeu ser, não o é, nem o será jamais. Meu esforço tende a pôr a descoberto o falso, a mistificação e o embuste, trilogia esta que resume o pensamento da grande impostura. O que pode temer então esta ou aquela religião, possuidoras da

verdade, segundo elas mesmas proclamam? Que inquietude pode causar-lhes o que eu diga? Acaso minhas palavras são tão contundentes, que essa "verdade" não resiste ao seu influxo? De toda maneira, senhores, convenhamos que, se Deus nos dá o uso da razão, é para discernir e julgar, com plena noção de nossa responsabilidade ante o Criador, o que é justo e verdadeiro do que não é. A esta altura da idade histórica da humanidade, impõe-se um novo tratamento espiritual para todos os homens do mundo, e a essa mudança devemos dispor-nos de forma compreensiva, porque a verdade mesma revelada por Deus, a Criação, nos mostra em suas constantes mudanças que tudo nela está submetido a permanente transformação. Ao ritmo dessa transformação, também haverá de florescer nos seres humanos uma nova natureza; uma natureza forte, enaltecida pela renovação interna levada a termo com toda a consciência. Isto, senhores, é o que de maior a mente e o coração dos homens podem e devem esperar. Os homens não têm de viver aferrados ao passado, como se se resistissem ou temessem o futuro, o que há de vir; isso seria opor-se à evolução, ou seja, ao processo de emancipação do espírito. Eu entendo — e dizendo isto encerro meu discurso — que as religiões devem fomentar a união, e não dificultá-la com irredutíveis intransigências. E essa união, senhores, poderá ser conseguida pelo acercamento mútuo e por um claro conceito do respeito reclamado pela convivência sadia, unidas todas as religiões e todos os seres no esforço por alcançar as altas verdades que ao homem será dado conhecer, experimentar e dispor, para levar adiante o grande processo de sua evolução.

A estas palavras finais seguiu-se um intervalo.

Os assistentes, depois de se dirigirem ao *hall*, para o qual

o salão abria suas portas, começaram a se movimentar pelas galerias, encaminhando-se a maioria em direção ao bar.

Enquanto o diretor e um considerável grupo de pessoas conversavam amistosamente com De Sándara numa sala contígua ao salão, Cláudio, momentaneamente impedido de aproximar-se dele, conversava por sua vez com vários companheiros, sem que por isso deixasse de captar, pelo burburinho que agitava o ambiente, o efeito produzido pelas palavras de seu amigo. Havia, naquele distinto conjunto, os que aprovavam sem reservas e os que se declaravam abertamente contrários, ou insinuavam sutis objeções, e havia também aqueles que, com prudência, guardavam silêncio.

Finalmente, ambos os amigos puderam reunir-se, com a consequente satisfação por parte de Cláudio, que ansiava dar livre curso a suas emotivas impressões.

Transcorrido aquele intervalo e de novo lotada a sala pelo público, o diretor anunciou que o orador responderia, em seguida, à segunda pergunta.

De Sándara, do estrado, as mãos apoiadas na tribuna, encarava a plateia com simpatia. Em seguida, disse sorrindo:

— Senhores, pediram-me que expressasse minha opinião sobre o "elo perdido". De minha parte, porém, vejo-me na necessidade de pedir que me desculpem se, sobre este ponto, eu não conseguir ser bem explícito, pois na verdade jamais me preocupei muito com a cauda, e sim com a cabeça...

Ouviram-se risos e um murmúrio do público.

De Sándara deu início a sua exposição:

— Eis aqui, sem preâmbulos, minha opinião. Partindo da suposição de que já se tivesse chegado a admitir, num pleno acordo, que o famoso elo existe ali onde alguns cientistas acreditam tê-lo encontrado, e apesar do volume de provas

que nesse sentido pudessem ser reunidas futuramente, considero que esse fato não resolveria o problema da ciência acerca das origens do homem, pois tal solução estaria minada por um grande equívoco. Quero dizer com isto que a ciência haveria de ver-se, um dia, obrigada a reiniciar suas buscas, orientando-se por outros caminhos. A simples ideia de que o homem possa descender do macaco é um insólito desmentido à criação do ente humano pelo Supremo Criador. Quatro são os reinos naturais que os seres integram; afirmo isto, apesar das conclusões a que chegaram as autoridades na matéria, ao classificá-los em somente três. Foi um erro ter incluído o homem, atendendo a razões exclusivamente biológicas, na escala dos irracionais. Existe, sim, um elemento que é compartilhado por esse reino ou, dizendo melhor, que é comum a todos os reinos; esse elemento é o átomo, o qual nada tem a ver, porém, com as possibilidades de desenvolvimento de cada reino, e somente intervém como elemento portador da energia universal. Devemos considerar que o homem é o único ser da Criação capaz de experimentar mudanças por própria determinação. Isso explica por que, enquanto a natureza cumpre, por meio de ciclos existenciais de muito longa duração, seu trabalho de seleção das espécies inferiores, a raça humana é particularmente impulsionada em seus avanços pela lei que governa a evolução. Pois bem, essa lei de evolução, frequentemente restringida no cumprimento de seus altos objetivos pela ignorância que o homem costuma ter de seus preceitos, pode chegar a reger seu destino com força imponderável. Eis aqui uma prerrogativa que, por ser específica do gênero humano, estende uma linha divisória ainda mais profunda entre o homem e o reino animal. Isso ocorre em virtude desse substrato maravilhoso denominado consciência,

que só ele possui, graças ao qual é capaz de experimentar transformações psicológicas extraordinárias e avançar sem limitações no caminho de seu autoaperfeiçoamento, porquanto é ali, na consciência, onde se verifica a evolução do espírito e onde este se potencializa.

"O homem foi criado, pois, com uma individualidade própria e dotado de todos os atributos indispensáveis para evoluir por si mesmo em direção a um fim superior. Tais atributos se concretizam numa mente com capacidade retentiva e criadora, numa consciência onde se registram seus adiantamentos e se verificam as mudanças transcendentais de sua evolução, e numa facilidade ou aptidão para suportar e assimilar as experiências, filtro psicológico decantador do néctar puríssimo do conhecimento, que oculta suas lições sob a aparência material dos fatos, sejam estes excepcionais ou comuns. Os mencionados atributos configuram, com inteira clareza, um ser extraordinariamente constituído, que é animado, além do mais, por um espírito de essência eterna."

Ao chegar a esta parte, um dos presentes, com evidente propósito de sondar a opinião do orador sobre uma debatida questão metafísica, pediu a palavra.

— Se o espírito — disse, — tal como o senhor acaba de manifestar, é de essência eterna, torna-se perfeitamente aceitável que a perpetuação de sua existência se realize alternando etapas de vida física e extrafísica. Eu diria, pelo que pude concluir de suas palavras, que sua tese não está em desacordo com a palingenesia.

— Embora o termo empregado pelo senhor tenha uma acepção muito ampla no que se refere à renovação ou renascimento da vida, tomarei dela, para não me desviar do tema, o que mais se aproxime de minha exposição. Assim, pois, sem considerar a fundo essa alternância mediante a qual o espírito per-

petua sua existência por meio de consecutivas transmigrações humanas, vou me limitar a um ponto que, além de seu imediato interesse, se acha também mais próximo de nossas possibilidades; é aquele que concerne ao abandono que o homem pode fazer de uma vida durante o período de sua existência na terra, para renascer em outra eminentemente superior.

— Como pode acontecer tal coisa sem antes haver morrido? — objetou a mesma pessoa. — Teríamos que atribuir isto a um milagre...

— Certamente, não se trata de nenhum milagre. Os milagres são contrários à realidade, sendo por isso impossível para mim não deixar de rechaçá-los. Uma vida pode ser trocada por outra, bastando apenas querer. O homem que, por própria vontade, se desprende de seus velhos e desgastados hábitos, tecidos com preconceitos ou intenções oblíquas, mesquinhas, fechadas a todo discernimento; o homem que se despe de vestes tão embaraçosas para adotar os valiosos e indestrutíveis trajes de uma concepção superior que transforme fundamentalmente seu modo de ser e, portanto, seu ser mesmo, este homem acaso não abandona a vida que estava vivendo para renascer em outra? Temos também aquele que suporta, ao longo de sua existência, períodos críticos, de pesares e sofrimentos. Dificilmente ele descobrirá como avançar até a felicidade; entretanto, se conseguir isso, não se sentirá renascer em outra vida, tal a sensação de alívio proporcionada pela mudança?... Vemos, então, que as mutações propícias à evolução espiritual do homem, seus passos metódicos em busca de estados mais elevados de consciência, implicam breves mas positivas supervivências, que o ser experimenta dentro de sua presente existência. Isso é tão real que, depois de algum tempo, custa recordar as formas anteriores de ser e de pensar, e até se torna impossível voltar a elas. O homem,

valendo-se de seu espírito, pode mudar os estados de sua consciência, o que implica, tacitamente, trocar uma vida por outra de maior hierarquia moral e espiritual. Eis aí por que penso que é bom favorecer tais mudanças, já que, além do benefício que elas trazem a curto prazo, se saberá o que se pode esperar do regresso à terra após a viagem pelo além-túmulo... Bem, senhores, depois desta breve interrupção, vou adicionar que, se o espírito humano não tivesse a seu cargo a função de recolher tudo o que o homem realiza em sua vida, incitado pelas ânsias de superar-se e de aproximar-se das fontes da Criação, este não teria razão de existir, nem haveria, tampouco, uma razão válida para que se tivesse feito dele um possuidor de tão admirável equipamento psicológico. Teria bastado que fosse como os irracionais, que carecem de todos os privilégios a ele concedidos para sua perpetuação.

"Vou me referir, agora, a um elo verdadeiramente perdido ou, dizendo com mais propriedade, ignorado, cujo achado poderia ser altamente benéfico para o gênero humano. Esse elo é o que enlaça o homem com o Criador; o que o une ao Seu Pensamento, à Sua Vontade. Em suma, esse elo é o espírito, submetido ao mais injusto abandono por parte do homem, o qual, apesar do espetacular progresso técnico e científico que caracteriza nossa época, permanece no mais absoluto desconhecimento da missão que esse espírito está chamado a cumprir, não somente como depositário da herança individual que ele custodia ao longo do tempo e como ente superior capaz de iluminar a vida humana encaminhando-a para um destino mais de acordo com suas grandes prerrogativas, mas também como agente de enlace com o mundo metafísico, que é o seu mundo, onde vibra continuamente a palavra criadora de Deus.

"Não se trata, portanto, de buscar, revolvendo o passado, conformações ósseas que denunciem nosso possível nexo

com os símios. Insisto que, por esse lado, ainda que muito se ousasse proclamar o achado das origens do homem, a busca teria de ser reiniciada. É um empenho inútil, em verdade, buscar as pegadas que atestem nosso enlace com o suposto congênere aprisionado nos zoológicos. No mais aceitável dos casos, esse vínculo do qual tanto se fala estaria refletido no afã pouco edificante de enraizar o homem na terra, em vez de elevá-lo às alturas. Se bem que, encarando o assunto com um pouco de humor, também se poderia esperar que, um dia, se conseguisse acertar no alvo, ao simplesmente imputar tão deslustroso parentesco — mais do que a razões de ascendência atávica — ao inveterado costume que alguns homens têm de imitar e de copiar.

"Ao considerar que, em princípio, o que deve preocupar mais profundamente o homem é a descoberta desse elo que há de uni-lo a Deus, não existe em mim o propósito de diminuir o mérito dos esforçados paleontólogos, dedicados a encontrar um lugar adequado para seus achados, pois não admite desmerecimento algum o nobre afã que existe na aspiração de conectar os fios truncados da História e dissipar o mistério que envolve a vida humana em seus alvores."

— O senhor mencionou um elo cuja existência não determinaria a origem do homem, mas sim seu destino — expressou, com muito interesse, um dos presentes. — Eu lhe agradeceria um breve esclarecimento.

— Penso que não há de ser difícil induzir que temos de chegar à verdade elevando-nos para ela, buscando os pontos de conexão em linha ascendente, de onde se projetará a luz que haverá de nos revelar o segredo dessa origem. À crisálida humana deve interessar essencialmente a borboleta, e não a lagarta. Não obstante, direi que partiremos de um ponto certo

se concordarmos que o homem teve sua origem num pensamento nascido na mente do Criador, visto que ali tudo o que existe ganhou expressão. No princípio, sua imagem arquetípica foi plasmada em estado de espírito; depois, o que ocorreu com os minerais, com os vegetais e com os animais — ao assumirem forma física — teve de também ocorrer com o homem, a quem Deus concedeu, ademais, prerrogativas excepcionais, como a de ultrapassar por meio do conhecimento os limites de sua esfera física e humana. Mas repito que o fundamental, a meu juízo, deve ser a descoberta de nosso destino, e não a de nossa origem, pois nada ganharíamos ao encontrar esta última, se descuidássemos do primeiro. Que o porvir nos encontre, pois, empunhando tenazmente o cetro de nosso reinado interior, como corolário de uma luta tenaz e constante na procura do bem e da verdade que nossa existência entranha. Nada mais, senhores.

Aplausos e felicitações premiaram o orador, a quem amigos e simpatizantes rodearam durante longo tempo, alguns com evidente propósito de obter esclarecimentos. Sem se furtar a isso, De Sándara conseguiu, não obstante, evitar que sua permanência no clube se prolongasse além do necessário.

Era uma hora da madrugada quando ambos os amigos, após percorrer em velocidade regular as ruas quietas e silenciosas que conduziam até sua residência, chegaram ao destino, descendo alegremente do carro.

Já dentro de casa, entretiveram-se ainda um tempo conversando, enquanto tomavam um rápido refresco, que eles mesmos se serviram.

Satisfeito e jovial, Cláudio conversava com seu amigo expandindo-se ampla e prazerosamente, mas agora já sem o menor indício daquele entusiasmo desmedido com que seu estágio inci-

piente de antes o caracterizava, ao deixá-lo alucinado com a ideia de fáceis conquistas, que a realidade depois não confirmava.

— Tenho certeza — ele dizia — que nesta noite eu joguei fora algumas raízes dogmáticas que existiam dentro de mim, quem sabe desde quando! E tudo em troca de uma crescente ampliação de meus alforjes mentais. A verdade é que, desde a minha chegada ao México, eles dispõem de um volume muito aumentado de valores positivos, e eu me proponho a tirar bastante proveito disso.

— Não duvido, amigo Arribillaga, nem espero de você outra coisa — respondeu De Sándara, acompanhando suas palavras com um olhar que animou Cláudio profundamente, pela confiança que deixava transparecer.

Em seguida, acrescentou:

— Tudo é obra dos conhecimentos com os quais você está se familiarizando, e que constituem um poderoso estímulo para acertar o relógio da vida e encarar o futuro sem o estorvo do atraso espiritual.

Pôs-se ele de pé e, como se quisesse infundir maior alento ainda na alma do amigo, bateu-lhe no ombro com afeto e disse:

— É provável que dediquemos uma parte do dia de amanhã para fazer um cuidadoso repasse disso que você guarda com tanto carinho em seus alforjes...

Com andar muito cuidadoso para não perturbarem o descanso dos que dormiam, ambos subiram a escada que conduzia ao andar de cima, onde se separaram, dirigindo-se cada qual para seus aposentos.

Griselda deleitava-se com os momentos vividos em companhia de Mariné, intercambiando pensamentos e dando ao entendimento e ao juízo a oportunidade de se ampliarem e fortalecerem com tal permuta.

Mas raramente os acontecimentos felizes transcorrem sem que alguma causa, ainda que pequena, pretenda impedir sua continuação. Naqueles dias mesmos, Griselda escrevia em seu diário e deixava ali registrados — como uma mostra dos vaivéns que o ânimo costuma sofrer sob o império de sugestões enganosas — os penosos efeitos que o fato de ver-se preterida lhe ocasionava, ao observar a atenção que Cláudio recebia do senhor De Sándara. Agradava-lhe que seu marido fosse alvo de tão grandes privilégios, mas sentia assaltar-lhe o temor de ficar para trás. Sofria em silêncio ao ver seu preceptor dedicado, quase que continuamente, a ilustrá-lo e ajudá-lo no aperfeiçoamento de seu espírito.

Parecia-lhe estranha a presença em si mesma dessas duas posições contraditórias. Sempre havia estimulado Cláudio e, agora, acreditando estar ele luzindo em alturas para ela ainda distantes, não conseguia afastar de si o pesar e a incerteza quanto à sua situação, os quais a envolviam tal como o casulo envolve a crisálida.

Entretanto, não lhe foi difícil pôr um fim a esse conflito, ao recordar, após empenhada busca por uma explicação, que o pensamento promotor desse transtorno ela deveria descobri-lo em sua própria mente. De imediato, uma quantidade de imagens esclarecedoras invadiu o âmbito de suas ideias, como pombas mensageiras até então recolhidas em ocultos ninhos.

A reflexão, ao limpar o céu de seu entendimento das nuvens que o obscureciam, levou-a gradualmente a colocar-se em outro ângulo, de onde podia fazer considerações mais atinadas. Tudo lhe pareceu, então, ao mudar de enfoque, absolutamente natural e explicável. Ambos, ele e ela, não estavam

chamados a enfrentar na vida iguais lutas e experiências, nem estavam, tampouco, igualmente constituídos, nem destinados ao mesmo fim. O que a ela, como mulher, a natureza havia concedido com sobras, dotando-a de uma sensibilidade que, pelo conhecimento, se tornava altamente receptiva, a ele era outorgado em menor grau, em razão de sua vigorosa estrutura varonil, chamada a combater na rude luta pela vida, pondo em jogo as forças concedidas à sua condição humana particular. Por que, então, não pensar que por outra via, a de seus dotes naturais, seu entendimento podia alcançar compreensões que, ajustadas a suas funções femininas, seriam para ela tão proveitosas como as que seu marido estava recebendo diretamente do senhor De Sándara? Ela tinha já muitas provas de que tal coisa era absolutamente possível, e bastou-lhe apenas recordá-las para que sua alma transbordasse de paz novamente.

Em seguida, ela pensou em Cláudio, situando-o muito acima dela. Por acaso essa suposição a contrariava? Não, jamais poderia aninhar em seu coração tal mesquinhez. Por outro lado, além de regozijar-se com a ideia dos triunfos do marido, sabia que a superioridade dele facilitaria o acatamento e o respeito que, como esposa, ela lhe devia.

Inclinada sobre sua pequena escrivaninha, Griselda relia as páginas nas quais acabava de anotar aquele belo episódio de sua intimidade. Finalmente, com o rosto dulcificado por um leve sorriso, escreveu com mão firme: "Depois desta produtiva arrumação de minhas ideias, por que não pensar, também, que algo muito bem calculado pelo senhor De Sándara pode tê-lo levado a me deixar de lado em suas atenções?... Em tal caso, o estratagema teve êxito, e a ele devo agradecer, sem dúvida alguma, a ventura de adicionar mais uma compreensão às muitas que já pude reunir neste diário."

Dias depois, restando-lhes já pouco tempo de permanência no México, Griselda observou que nunca havia experimentado, com igual rigor, o efeito de certas verdades que pugnavam por abrir passagem em sua mente. Dúvidas, indecisões, inquietudes, pairavam sobre ela, criando-lhe um incômodo abatimento, do qual ansiava livrar-se quanto antes. Mais de um preconceito, que presumia desaparecido, voltou a aflorar em seus raciocínios, entorpecendo seus juízos. Com efeito, a assimilação dessas verdades, agora quiçá menos distantes que nunca de seu entendimento, por valorizadas que fossem por suas aspirações, submergiam-na em estados de perplexidade.

Quando decidiu confidenciar a Mariné tais inseguranças, esta respondeu-lhe:

— Isso que está acontecendo com você, minha querida, não deve preocupá-la. É uma simples decorrência das grandes transições que ocorrem no interior de nosso ser, enquanto avançamos em busca das mudanças que queremos introduzir em nossa psicologia.

— Apesar disso, tenho entendido que não devo permanecer à margem de tais mudanças...

— Está certa, Griselda, mas também devemos saber que, enquanto elas se promovem, podemos não ser em todo o momento conscientes desses movimentos; por conseguinte, é natural ou normal que, às vezes, nos vejamos surpreendidas pelo choque dos elementos que ali entram em jogo, entre os quais podemos observar, como está acontecendo com você agora, a presença de modalidades ou aderências de composição variada, as quais, ainda não totalmente anuladas ou desalojadas como pensávamos, reagem e se manifestam intempestivamente, em atitude de rechaço ou resistência.

— Talvez seja para nos dar a entender que ainda não se extinguiram, não é verdade?... — Griselda expressou, suavemente.

— Perfeitamente... Mas você sabe muito bem o que cabe fazer de nossa parte.

— Salta aos olhos, então, que minhas dificuldades provêm de pensamentos não identificados, que sem dúvida me acossam para me confundir e me fazer vacilar em minhas decisões.

— Apesar disso, não devemos temê-los, sobretudo se levarmos em conta que nossa consciência se adapta automaticamente ao que somos capazes de oferecer a ela.

— Explique melhor...

— Quero dizer, Griselda, que nossa consciência, conforme seja o número de conhecimentos que conseguimos confiar-lhe, procura sem demora todos os recursos necessários ao feliz cumprimento de nossos fins.

— E você pensa que terei êxito nesse sentido?

— Por que não hei de pensar assim, se na prática você tem se conduzido sempre tão bem?

— O que você acaba de me dizer sobre a consciência, eu já confirmei uma infinidade de vezes; por isso, Mariné, penso que, sem perder mais tempo, devo me empenhar numa cuidadosa análise crítica de minha situação interna. Assim, vou poder determinar, depois de uma bem meditada comparação, as vantagens que me traria uma oportuna mudança de posição; pois como minha consciência haverá de corresponder-me numa forma que convenha a meus merecimentos, se continuo me distraindo com devaneios que me entretêm sem objetivo?

Requisitada por Cristina, que naquele dia estava de cama em virtude de um ligeiro resfriado, Mariné precisou deixar Griselda por alguns instantes. Ambas estavam, nessa tarde, numa pequena sala de estar, contígua ao quarto da anciã, e nesse preciso momento se dispunham a lanchar.

Quando Mariné voltou, uma nova pergunta de Griselda reiniciou o diálogo:

— Em que medida você pensa que a mulher deve prestar sua contribuição aos propósitos ou objetivos perseguidos pelo marido?

— Em que medida?... Oh, isso se estabelece naturalmente, segundo sejam as circunstâncias, você me entende?

— Acho que sim... Você quer dizer que a preocupação da mulher, nesse aspecto, se encaminha e se resolve de acordo com o grau de eficiência com que ela colabora nos empenhos e afãs do esposo, não é assim?

— Exatamente. Quando andamos por um mesmo caminho, um caminho que, como o nosso, é senda de verdade e de aperfeiçoamento, você sabe que o entendimento entre um e outro tende a se ampliar e, também, a ser mais efetivo. O que nos cabe é aprender juntos a tarefa de atenuar os desacordos e as dificuldades resultantes de qualquer desnível de compreensão. A harmonia entre ambas as partes não se faz esperar; e essa harmonia é tanto mais firme e duradoura, eu lhe garanto, quanto maior é o ânimo que impulsiona cada um a dar-se nessa ajuda.

— Mas o ideal é que o marido supere a mulher em evolução, você não acha?

— Imagine!... Se quem nos dá seu nome nos oferece, junto com o amor, também sua experiência e saber, a comunhão de espíritos tenderá a se fazer mais rápida e perfeita, em razão do que representa para nós essa ajuda e da correspondência que nos sentimos movidas a lhe prestar. Quando, porém, isso não acontece, ou quando o caso é ao inverso, o bom entendimento pode da mesma forma ter lugar no matrimônio, e a harmonia pode alcançar estabilidade, desde que, como é natural, saibamos ajustar inteligentemente nossa conduta às circunstâncias.

— É fácil para mim compreender isso, Mariné, e sem dúvida é porque as experiências vividas em meu casamento me ajudam.

— Claro!...

— Gostaria também de conhecer outra opinião sua, se eu já não estiver abusando, Mariné.

— De modo algum, querida. Fale abertamente.

— Eu já me perguntei algumas vezes, enquanto observava tanto a mulher solteira como a casada no desempenho das respectivas funções, se o casamento não confere a esta última maiores vantagens em seus afãs de superação.

— No que se refere à evolução, não creio que esse estado lhe confira nenhuma vantagem. Casada ou solteira, a mulher pode desenvolver em níveis idênticos os seus esforços e seguir a linha do conhecimento transcendente, cuja luz não está vedada a ninguém.

— E que podemos pensar daquelas que não contam com tão valiosa orientação?

— Elas terão de se guiar por suas próprias inspirações, até encontrá-la.

— Não tenho dúvida quanto a isso, Mariné. Cláudio e eu fomos realmente felizes por termos encontrado na vida quem nos oferecesse tais conhecimentos e suas correspondentes explicações, para não nos equivocarmos na interpretação dos arcanos que se ocultam neles.

— É justamente do perigo de errar que surge a inevitável necessidade de sermos guiados.

— Eu sei bem, Mariné, como é difícil transcender as experiências que o aperfeiçoamento nos impõe, mesmo nos casos em que contamos com essa guia. Por isso mesmo, jamais me ocorreria pensar na possibilidade de conseguir sem ela algo de efetivo. Como poderíamos, por exemplo, chegar a estabelecer

a relação que existe entre nosso mundo interior e o mundo do espírito, se isto exige que criemos antes a capacidade de avaliar por nós mesmos essa relação? Isto nos deixa muito claro que é necessário desenvolver uma aptidão que em princípio é inexistente, e para tanto é indispensável a presença de alguém que nos ensine a exercitá-la. A propósito, Mariné, estarei enganada ao pensar que essa relação entre ambos os mundos começa a se manifestar com certa evidência quando experimentamos, dentro de nós, algo assim como um renascer feliz, em momentos em que a necessidade de superar tudo o que de nossa vida nos é conhecido assume em nós um novo alento?

— Você está certa, Griselda. É aí que começamos a ter uma ideia de como se conectam os dois mundos. Do que vemos e aprendemos, enquanto mantemos contato com nosso mundo interno, podemos compreender — seja por analogia, seja por dedução ou intuição — muitos mistérios pequenos que se encontram semiocultos nas adjacências do maravilhoso mundo que, progressivamente, nos é dado contemplar. Isto quer dizer que, conhecendo os segredos que o primeiro nos reserva, descobrimos o segundo. Somente nos internando dentro de nós mesmos é que se torna possível conhecer nosso próprio espírito; e a consciência que cheguemos a ter de sua realidade e de seu poder nos ajudará a abrir passagem e a andar serenamente pelo mais formoso dos caminhos.

— A avaliação destas coisas nos permite compreender por que o mundo incorpóreo da realidade ideal é desconhecido entre os homens e quase sistematicamente negado e até menosprezado.

— Falta um conceito claro sobre esse ponto, naturalmente, e isso afasta toda possibilidade de estarmos presentes nos dois mundos e satisfazermos os reclamos e as exigências das duas naturezas que os constituem. Para desfrutar essa prerrogativa,

é imprescindível despertar a consciência para essa realidade, e nós sabemos, Griselda, que isso requer o concurso — único em poder e em ciência — dos conhecimentos que presidem a esse despertar. Aqueles que negam tal possibilidade incorrem num erro muito lamentável.

— Você deve ter observado, Mariné, que muitas pessoas acreditam que nós nos afastamos completa e deliberadamente dos costumes correntes, para nos separar dos demais.

— Você sabe que isso é tão falso quanto absurdo. Os que pensam assim, querida, sem dúvida desconhecem que, além de vivermos como os demais, nós os avantajamos em muito, porque aproveitamos esse tempo que eles perdem por não ter uma noção cabal de seu valor, para nos comportarmos de acordo com o que exige a nossa promoção ao nível de um pensar e um sentir mais amplos.

Griselda, satisfeita pelo efeito que lhe produzia aquela conversa, exclamou:

— Quantos momentos felizes o nobre afã de nos superar proporciona, e quanta fecundidade o ânimo deixa transparecer, enquanto nos preparamos para enfrentar toda e qualquer tarefa com boa disposição e alegria!... É evidente que as virtudes mesmas se nutrem nesse esforço constante por enaltecer a vida, mediante a renovação de nossas energias e o aprimoramento de nossas qualidades.

— Perdoe-me se faço você descer de alturas tão elevadas, minha querida Griselda — Mariné interrompeu, sorrindo ante o entusiasmo de sua amiga. — Você quase não comeu!... Quer que lhe sirva outra xícara de chá?

— Oh!... Tem razão! Eu me distraí, conversando. Pode servir, por favor.

Griselda acompanhou em silêncio os movimentos da jo-

vem. Mariné acabava de fazer-lhe palpitar na alma verdades profundas, que seu entendimento havia assimilado, enquanto sondava, com particular habilidade mental, os densos e heterogêneos elementos que configuravam psicológica e essencialmente sua vida. Devido a isso, as mais cativantes e sugestivas ideias acorreram-lhe em profusão à mente, entremesclando-se com a lembrança de sua filhinha. Oh, que belo trabalho esperava por seu coração de mãe! Poder guiá-la com o acerto da verdade, dentro de um mundo em que imperava a confusão e o desvio!

As duas jovens reiniciaram o diálogo, que desta vez se encaminhou para assuntos domésticos e, dali, para o intercâmbio de alguns pareceres sobre a festa celebrada na noite anterior na casa de uma amiga íntima de Cristina, à qual todos haviam comparecido.

A voz da senhora Landívar impediu que continuassem, ao chamá-las de seu quarto.

— Está se vendo que você melhorou! — disse-lhe carinhosamente Mariné, aproximando-se com Griselda do leito da enferma.

— De fato; os remédios me fizeram bem, mas a companhia de vocês vai me fazer um bem maior.

— E vai aliviá-la da tirania desta prisão. Você não tem temperamento para ficar assim, tão quietinha e solitária!

— Não obstante, quando é necessário eu me adapto. E até que me aguento bem!

— E ninguém pode dizer que não! Você é muito ajuizada, mamãe Cristina. Pena que ontem à noite, estando um pouquinho resfriada, não desistisse de ir à festa.

— Foi uma pequena tentação... Mas, vocês sabem que me sinto mais restabelecida?

— Quanto me alegro!... — Griselda exclamou, com espontaneidade.

— Quer me ajeitar um pouco os travesseiros, Mariné? E

me arrume, por favor, estes cabelos tão despenteados.

— Vou deixá-la lindíssima agora mesmo.

Quando Mariné terminou a tarefa, que cumpriu com diligência e ternura, Cristina respirou com agrado e premiou sua protegida, enaltecendo-lhe a bondade.

— Quem pode dizer se sou tão boa como você diz! — a jovem protestou. — Você tem sido para mim mais do que uma mãe, e é justo que eu queira ser para você mais do que uma filha.

Depois, sentando-se na beirada da cama, acrescentou:

— Se você sarar logo, como eu espero, vai poder participar de um passeio que estamos planejando.

— Será o passeio de despedida — Griselda completou.

— Não me falem de coisas desagradáveis!

— Mas já não são desagradáveis, mamãe Cristina!

De fato. O projeto anunciado em Buenos Aires não demoraria em ser posto em prática. O casal De Sándara, e com eles Cristina, transfeririam muito em breve sua residência para a Argentina, em cuja Capital haviam nascido e vivido longos anos. Havia tempos que De Sándara alimentava esse propósito, incitado pelo anelo de intensificar naquele país a difusão de seus conhecimentos.

— É uma pena que tenhamos de deixar esta casa tão cheia de recordações!... — Mariné exclamou.

— Todos nós sentiremos muito ao nos separarmos dela — disse a senhora Landívar, após um suspiro; — mas, além dos motivos que nos fazem dar este passo, devemos pensar que a vida atualmente vai experimentando tais transformações, que o prudente é decidir por outro tipo de moradia.

— Entretanto — Griselda observou, — ouvi o senhor De Sándara dizer que em Buenos Aires vocês construiriam uma igual.

— Não, querida — Mariné apressou-se em esclarecer; — ele disse, e até faria isso, pensando que eu poderia não me

conformar; mas mamãe Cristina tem muitíssima razão: devemos nos colocar de acordo com as mudanças de toda ordem que caracterizam nossa época.

Houve ali uma pausa, que Cristina logo interrompeu, ao perguntar:

— Aonde vamos passear?

— Isto é ainda um segredo — Mariné respondeu, com ar brincalhão.

— Bem, bem... Alguém mais complacente que você logo vai me dizer — disse Cristina, dando uma piscadela para Griselda.

Em seguida, Mariné e sua amiga deixaram o quarto, não sem que esta última segredasse ao ouvido de Cristina a resposta que ela esperava.

~

Um afeto sincero e uma alegria sem par presidiam à estada do casal Arribillaga no lar aprazível e querido dos De Sándara.

Cláudio continuava instruindo-se na difícil ciência do saber transcendente, cujas projeções evolutivas se apresentavam a ele como metas inestimáveis. Já não havia dúvida de que o novel recipiendário, dominadas as oscilações de seu juízo, ia aproximando-se cautelosa, porém irresistivelmente, dos umbrais do mundo em cuja augusta atmosfera o espírito humano se sente em seu ambiente.

De sua prudente posição de observadora, Griselda assistia com terna emoção ao desenvolvimento acelerado das mudanças que se iam operando na alma de seu esposo. Percebia como os pensamentos dele, agilizados por um maior aprofundamento no estudo, se aproximavam promissoramente ao iluminar sua

inteligência em atos positivos de sua vontade. Dir-se-ia que atuava ali a influência do espírito, com um claro sentido da realidade. Era evidente que Cláudio, depois de transpor os degraus da mediocridade, triunfava em sua decisão de escalar a simbólica montanha da Sabedoria, a mais alta de todas as metas desejadas pelo homem, para cuja ascensão é preciso descer primeiro às mais profundas e ignoradas regiões do mundo interior humano.

O assombro crescia num e noutro, à medida que eles penetravam nas adjacências desse orbe incorpóreo, tantas vezes intuído ou imaginado pela inquieta mente humana. As imagens que a fantasia do homem desenhara sobre o prometido Paraíso dos bons, iam sendo suplantadas pela presença de uma realidade inefável, que as superava em grandiosidade e beleza. Havia amanhecido para eles uma nova existência; uma existência que era uma constante iluminação. Quão distantes estavam os velhos tempos, quando comprimiam dias e anos na vacuidade de uma vida infecunda para o espírito!

Griselda sentia-se agora muito estimulada. Num momento em que confidenciava ao senhor De Sándara sua admiração diante do panorama que a vida ia abrindo progressivamente à sua passagem, enquanto se dedicava a perscrutar seus segredos, ele deu-lhe a entender que tal fato respondia à germinação de um processo mental posto em marcha dentro de sua consciência. Seria possível?... A semente do saber, que nas mentes sem fecundidade permanece estática, em verdade havia germinado na sua? Oh, como era doce saber disso!

Inebriada por tanta felicidade, Griselda se propôs a mantê-la indefinidamente. Sabia que uma das chaves do êxito consiste em conservar as alegrias que a alma experimenta, pois esgotá-las nos excessos venturosos equivale a perder os incentivos que hão de acompanhar-nos de forma permanente.

Experimentando a sensação do triunfo, encaminhou seu pensamento para o exame das qualidades cujo cultivo ela tinha visto a necessidade de fazer em maior grau. "A paciência", disse ela, mentalmente, "é uma virtude admirável; uma virtude que sempre nos presenteia com a ventura de não tê-la exercitado em vão. Quanto à perseverança, não há dúvida de que é outro fator de suma importância para levar adiante nossos planos. A perseverança é como um grande filtro depurador de nossos esforços, que nos permite aproveitar os verdadeiros valores de nossa vontade, e, com isso, adquire solidez o pensamento encarregado de realizar os propósitos que concebemos nas horas de inspiração."

Nessa progressiva iluminação que o saber ia realizando em Cláudio e Griselda, novas formas de compreensão se insinuavam em suas mentes, projetando-se ora sobre as que deveriam ser substituídas, ora sobre as que jaziam esquecidas ou imóveis, a fim de ativá-las. Ambos encontravam, nessa renovada afluência de imagens, mais de um motivo com que podiam animar a intimidade de seus diálogos.

No transcurso daqueles memoráveis dias, a recordação dos pensamentos que haviam povoado suas mentes nos alvores da infância apresentou-se a eles, e sobre esse ponto intercambiaram conclusões.

Partiram do fato certo de que todas as criaturas humanas são atraídas durante a infância pelo mundo do espírito; atração que se define pelos frequentes e curiosos pactos que as crianças mantêm com os personagens que povoam e alegram seu pequeno mundo mental, e que se manifesta pela influência que o espírito de cada uma exerce sobre as faculdades do terno ser a quem ele anima, em particular sobre sua imaginação.

Eles mesmos haviam comprovado como o esplendor daquelas primeiras imagens ia empalidecendo ao chegar a ado-

lescência, para dar passagem às que avivam o fervor dos entusiasmos, nessa idade em que a ilusão acende suas luzes e, ante seus reflexos, estranhas e sedutoras ideias despertam, seguidas de penosos desalentos, pois a imaginação, órfã de governo, engana-se com frequência em seus arrebatamentos quiméricos, ao tomar como certas as figuras que, por instantes, a miragem reflete nas estepes mentais da inconsciência.

Encaminhados os pensamentos nessa direção, Cláudio e Griselda coincidiram em seus juízos, ao pensar que existia uma correlação entre as imagens que a fantasia projetava em suas mentes de criança e os segredos do mundo superior, que a inteligência do homem descobre, iluminada pelo conhecimento. Deduziram que era essa uma correlação mais aparente que real, já que, apesar de em ambos os casos a tônica mental exceder os limites habituais, os dois eram não obstante de índole antagônica. Sabiam que no primeiro atuava a faculdade de imaginar sem o freio da razão, imprimindo sobre a delicada tela mental da criança um sem-número de imagens, muitas delas vinculadas a episódios de sua existência passada, das quais, já convertido em adulto, ele conservava — mais do que a lembrança — as impressões pouco precisas que costumavam perdurar ao longo de toda a vida, talvez com manifesta intencionalidade; no segundo, a exploração era levada a cabo com conhecimento e firmeza, e desse mundo metafísico ou superior extraíam-se os mais valiosos elementos para a formação consciente da sabedoria humana.

Pelo citado enfoque, não tardaram em concluir que essa influência do espírito, manifestada na infância, se retraía ao chegar à puberdade, razão pela qual o homem deveria buscá-la com empenho, até tomar novamente contato com ela. Seu valioso concurso lhe permitiria vincular-se às realidades do

mundo metafísico, onde as ideias e pensamentos, como entidades autônomas, serviam ao grande propósito da evolução consciente.

Unidos na harmônica e estimulante convivência que agora lhes era dado desfrutar, os protagonistas do drama que um dia se insinuara, pretendendo cobrir de tristeza o céu da ventura familiar, achavam-se a salvo das dissensões comuns que, encadeando-se umas às outras, bloqueiam inadvertidamente a vontade de suas extraviadas vítimas e as lançam, irremediavelmente, pela vertente dos males irreparáveis.

~

Havia transcorrido um tempo não muito longo desde que Cláudio se deixara arrebatar, de uma forma tão belicosa quanto irracional, pelos incontidos impulsos de sua natureza; não obstante, já contava com a melhor credencial para aspirar à consideração de seu preceptor. E ainda que de vez em quando voltassem à sua mente aqueles mesmos pensamentos que antes lhe provocavam vacilações e lutas, assim como os episódios varonis que, a modo de reminiscência, pretendiam ressuscitar sua propensão à aventura, já nada disso tinha força nele, servindo-lhe, mais propriamente, para comprovar o domínio conseguido sobre a intemperança de suas velhas debilidades. Em realidade, seu processo havia-se definido tão inesperadamente, que nem teve tempo de fazer uma análise profunda dos acontecimentos que intervieram em sua aceleração.

Assim ele manifestou a De Sándara, num dos momentos em que estavam juntos:

— Tenho certeza de me haver situado num ponto que até há pouco era ainda impenetrável na trajetória de minha evolução... Não sei, na verdade, senhor De Sándara, como expressar-lhe o que sinto por tanto bem recebido do senhor.

— O bem que fazemos, meu amigo, nada mais é que o ouro espiritual que poupamos, colocando-o no Banco Universal da Justiça Eterna, ali onde se registram os créditos e as dívidas de cada ser humano.

— Penso que não deve haver esforço humano mais bem remunerado.

— É assim, de fato, mas desde que esse bem represente um valor como contribuição ao processo evolutivo da humanidade.

— Ouvindo-o, sinto que crescem meus empenhos por aumentar essas economias e ampliar meu exíguo haver espiritual... Espero que isso não me vá ser difícil, agora que já não corro o risco de defraudar a mim mesmo com a crença num futuro de bem-aventurança que me possa ser concedido sem que eu o mereça.

— As chaves do céu, meu amigo, e a imunização contra as faltas acumuladas ao longo da vida, nós certamente não as obteremos em troca de uma incondicional submissão a crenças que nutrem uma tão enganosa esperança. Ninguém pode intervir naquilo que é privativo de nossa consciência e, muito menos, tomar para si a responsabilidade de nossos atos, para sacudi-los ao vento e livrar-nos de suas graves consequências. As graças ou mercês gratuitamente concedidas àqueles que entregam a outros o domínio de sua vontade, sob a pressão de um tão grande absurdo, somente existem na imaginação dos que confiam nisso.

— Fico feliz com suas palavras, senhor De Sándara, e considero que é inevitável o dever de iluminar o entendimento dos que alimentam tais esperanças sem haver podido livrar-se do dano que com isso ocasionam a si mesmos. Não há prazer mais sentido, nem mais bem ganho, que o proveniente do bem que fazemos a nossos semelhantes; um bem que eu estenderia até o último dos seres que povoam a terra.

De Sándara, em cujo rosto transparecia a aprovação com que acolhia as palavras de Cláudio, espontâneas e sentidas, acentuou:

— Um bem que somente é tal quando se apoia nesse esplêndido labor que estende de alma a alma, de semelhante a semelhante, a influência de verdades altamente poderosas, que emancipam o espírito dos homens de toda opressão mental.

~

Quanto havia Griselda ganhado no coração de Cláudio, que a admirava ao vê-la avançar ao seu lado sem vacilações, com amor e prudência imponderáveis!

Com frequência, pensava no muito que a havia feito sofrer, quando ainda se debatia nas trevas da incompreensão, impelido para os prazeres do mundo pelo impulso frenético das paixões. Quantas promessas postas a rolar pela vertente do esquecimento! O pesar que tantas vezes o acossara, era-lhe devolvido hoje por sua consciência, piedosamente transformado na sublimidade de um afeto mais terno e mais puro, nunca sentido por ele. Julgava-se duplamente culpado, ao rememorar que, nem mesmo quando se precipitava no vazio da embriaguez sensual, tinha dei-

xado de ter Griselda presente no lugar mais puro de sua alma. Quantas vezes a lembrança de seu amor inocente lhe havia evitado uma queda! Em tais transes, havia sentido como se cordas invisíveis, descendo a ele das alturas, lhe cingissem o corpo e o elevassem, suspendendo-o e balançando-o suavemente no espaço, até que seus pés voltassem a pousar de novo em solo firme. Depois disso, corria ao encontro de Griselda, buscando na doce calidez do coração dela refúgio para o seu, maltratado e perseguido pelo peso das faltas que o ultrajavam. Não soubera ler nos olhos de sua esposa a explicação do drama que ele vivia, que também era o drama dela. Com muita dor, sofrida, ainda assim ela lhe curava as feridas morais com o bálsamo de sua ternura, reservada unicamente para ele. Agora, depois de ter deixado para trás a tempestuosa etapa de seus erros, ele a contemplava de uma posição à qual temeu não poder chegar nunca, confirmando com alegria que a alma de Griselda havia transposto, como a sua, os limites da pequenez, elevando seu voo em direção aos cumes até onde o espírito humano sempre anela ascender.

Uma tarde, estando em seu quarto, devia estar com o pensamento envolvido em tais recordações, a julgar pela meiguice com que abraçou Griselda, que se havia acercado a ele, buscando sua proximidade.

Uma terna conversa, na qual se mostrava esse fervente entusiasmo que parece brotar das próprias entranhas da vida, imediatamente os cativou.

— Tenho com frequência a sensação, Cláudio, de haver avançado vários anos em minha vida, comprimidos no pouco tempo de minha evolução, tal é a força e a intensidade do vivido nesse lapso de alternativas e experiências fecundas, que hoje vejo culminar numa verdadeira apoteose de íntima felicidade. Sabe no que penso?

— Em quê?

— Em algo que tem muito a ver com o que você e eu vimos experimentando já faz tempo. Neste momento, o vivido me surge com tal clareza, que eu poderia dizer que ele acaba de ser abarcado em sua totalidade por meu pensamento. É como se um diáfano raio de luz, penetrando livremente nas sombras que ocultam o mais além, se projetasse com plenitude sobre um dos segredos que somente se abrem, qual fechadura combinada, ao que descobre seu código.

— Tal coisa acontece, Griselda querida, quando as densas sombras que a ignorância estende sobre o entendimento são afugentadas pelo esforço tenaz daquele que aprendeu a esperar a claridade sem se alterar. Conte-me agora o que tanto alegra neste instante seu coração.

— Você sabe, Cláudio, quanto se exige comumente da vida, sem se conceder nada a ela, ou concedendo-lhe, no melhor dos casos, uma ou outra satisfação.

— É verdade. Busca-se extrair dela todo tipo de vantagens para satisfazer prazeres e caprichos pueris, sem se levar em conta que devemos realizar o que ela nos exige em obras e em conduta.

— Não se mede nem tempo nem gastos, e até se chega a comprometer a saúde em empenhos egoístas, passionais ou efêmeros. Nós sabemos perfeitamente que isso acontece porque é a atração pelo material que predomina. Mas também ocorre que, quando desperta em nós esse sentido superior que se abre como uma flor em nossa consciência, costumamos nos comportar com o mesmo autoritarismo, buscando com cobiça os prazeres do espírito e a conquista de venturas em curto prazo, com exigências de que tudo nos seja outorgado com sobras, pelo mero fato de lhe havermos concedido um interesse

particular. Para esses extremos somos conduzidos pela falta de adaptação aos ditames da realidade que começa a nos reger... Felizmente, a vida mesma, movida por esse sentido superior que foi despertado em nossa consciência, reage com toda a nobreza e nos reclama tempo, dedicação, constância, abnegação e altruísmo, em troca daquilo que ela haverá de nos oferecer, tão logo formos conquistando o que, em essência, ela contém. A partir daí, nós sabemos muito bem o que acontece: aparecem os primeiros conflitos internos, pouco ou muito agravados por nossa incompreensão, e dos quais saímos airosos umas vezes, derrotados ou maltratados outras. Só quando cedem as resistências que os pensamentos materialistas nos opõem, aqueles pensamentos que com frequência mimamos e até endeusamos; quando caem os velhos conceitos, degenerados às vezes em preconceitos recalcitrantes, é que começamos então a nos mover com maior independência e a nos sentir também mais seguros dentro do meio que a vida, elevada por nosso próprio esforço, generosa e espontaneamente nos oferece. Após essa importante mudança, o mundo de antes, no qual vivíamos sujeitos aos objetivos mesquinhos de nossas cegas ambições, desaparece, e de repente nós nos sentimos como se tivéssemos nascido em outro, encantador, maravilhoso... Não é esta a sensação que se experimenta?

— É assim mesmo, querida; e também assim, como você acaba de descrever, se produz a extraordinária transubstanciação mental e anímica que se realiza em nós, enquanto perdura o processo depurador de nossas deficiências psicológicas.

— Nós dois estivemos sujeitos a essas variações, que assinalam as primeiras etapas de nossa emancipação mental consciente. Se não fosse assim, eu não poderia descrever tudo isso, nem você me compreender tal como está fazendo.

Em seguida, instada por uma emoção que ao longo daqueles dias a embargava, enquanto saboreava o delicioso fruto de seus empenhos conscientes, Griselda expressou, entusiasmada:

— Quanta beleza este caminho nos reserva, Cláudio! Um caminho a princípio tão incerto, e depois tão seguro quanto luminoso!... Penso que o trecho que percorremos em tão breve tempo é enorme..., você não acha?

— Enorme na trajetória de nossa atual existência, você disse muito bem; mas sabemos que essa enorme distância é apenas um ponto na incomensurável extensão deste caminho.

— É verdade!...

— Você deve ter observado, Griselda, que, depois de muito andar e muito pensar, aprendemos finalmente a avaliar a magnitude do problema do ser humano do ponto de vista de sua ascensão consciente aos planos da excelsa Sabedoria.

— Oh, claro!... Aprendemos isso enquanto avançávamos, buscando com empenho, dentro de nós mesmos, a explicação de tantos fatos e acontecimentos da vida. Essa é uma explicação que muitos buscam fora, procurando penetrar na vida dos semelhantes, sem ter em conta que esses semelhantes não estão todos em igual nível de evolução, nem têm tampouco idênticas inquietudes, nem semelhança em suas possibilidades mentais e sensíveis, como não têm as mesmas deficiências nem os mesmos estados internos de caráter psicológico.

Griselda calou-se. Em seguida, porém, pousando em Cláudio a mirada de seus grandes olhos, nos quais sua alma transparecia clara e límpida, expressou:

— Você sabe, Cláudio, que sempre anelei para você o que para mim mesma eu me prometi, sem saber, esta é a verdade, que existiam dentro de nós possibilidades a tal ponto surpreendentes e tão próximas do contato de nossas mãos. Hoje, você

é como intimamente anelei que fosse. Calcule, meu amor, com quanta gratidão meu pensamento se volta para tudo o que contribuiu para que meus anelos se realizassem!

Um soluço, expressão inigualável da alegria que o coração experimenta em sua intimidade, enquanto se inclina reverente ante a majestade da Divina Providência, acompanhou as palavras de Griselda.

— Agora se revela para mim — disse, enxugando suas lágrimas — o significado daquele sonho que tive faz tempo, lembra-se?

Cláudio, tão comovido quanto ela, estreitou-a em seus braços.

Ali, entre as delicadas ternuras do afeto, agradeceram a Deus a ventura de se sentirem indissoluvelmente unidos, e uma vez mais, como homenagem à Sua Excelsa Bondade, consagraram o pensamento de que Ele presidisse sempre as alegrias e as satisfações que a vida lhes deparasse.

Passado aquele momento de emoção, Cláudio não pôde conter estas palavras, que Griselda acolheu sorridente:

— Se eu tivesse que expressar com exatidão o que sinto, diria que os favores com que fomos cumulados alcançam até o fim de nossos dias. Mas você, minha querida, quanto contribuiu para isso, me animando e me ajudando a conseguir esta culminação que eu chamarei de triunfo da claridade sobre as sombras, da luz sobre a cegueira do entendimento, e do espírito sobre o instinto!

No rosto de Cláudio se estampava a satisfação de haver oferecido a Griselda tão doce ressarcimento.

Entardecia. Uma deliciosa temperatura desprendia-se do seio fluente da natureza, suavizando os rigores impostos pelo avanço do outono. Ebel e Mariné, reunidos com seus amigos no jardim da casa, desfrutavam ao ar livre aquela tão grande benignidade. Sobre eles, um céu ainda afogueado pelos reflexos do sol que mergulhava no ocaso, era como um translúcido e fino véu que parecia assinalar a fronteira divisória entre a terra e as altas regiões do espírito.

Sob sua agradável influência, Cláudio e Griselda o contemplaram por momentos, quiçá com a recôndita emoção que se experimenta diante do eterno mistério.

De Sándara, reclinado sobre uma cômoda poltrona, fumava placidamente um grosso havana.

Talvez como efeito de um comunicativo desejo, todos permaneciam pouco menos que em silêncio. Uma ou outra frase, dita seguramente com o propósito de interromper tanta quietude, tinha-se apagado sem encontrar eco.

Nesse agradável parêntese, quão variadas e interessantes eram as imagens que desfilavam pela retina mental de uns e de outros. Cláudio, talvez o mais imerso em si mesmo, comprazia-se em rememorar o acerto com que havia sido guiado em direção ao mundo do qual, a princípio, uma escuridão impenetrável o separava. Essa escuridão, haviam-na criado os olhos de seu entendimento, fechados pelo preconceito, pela vaidade, pela intemperança e por quantas falhas psicológicas lhes são afins. O temor de abri-los, de ver a luz desse mundo projetar-se sobre as profundas obscuridades de sua alma e sobre a bagagem de suas faltas, havia mais de uma vez eclipsado sua razão; mas a oportuna intervenção do senhor De Sándara, ou de algum auxílio a ele vinculado, sempre conseguira evitar a tempo que suas quedas lhe causassem dano, até que um dia,

apressando o passo, acostumou-se a olhar sem receios a diáfana claridade do amanhecer espiritual. Cláudio tinha isso presente naqueles momentos em que experimentava o indescritível prazer de haver encontrado as chaves de seu próprio enigma, o mesmo que cada criatura humana deve descobrir nas matas espessas e emaranhadas de sua vida, cuidando de não extraviar-se, por ser uma zona inteiramente desconhecida para o entendimento comum.

Quebrando a quietude, De Sándara expressou nesse momento algumas palavras que tiraram Cláudio de sua abstração:

— Em que pensa, meu amigo?... Reminiscências, talvez?

— Isso mesmo, reminiscências — ele respondeu, acrescentando: — Não sei se poderei esquecer, senhor De Sándara, os movimentos de resistência com que minha natureza inferior se opôs aos meus primeiros esforços para me livrar dela. Naquela época, eu desconhecia minha própria realidade, e meus esforços, consequentemente, eram débeis para contê-la.

— É tão lógica essa rebeldia do instinto!...

— Oh, certamente! Depois de sentir-se mimado durante tanto tempo, ele não se submete assim, sem mais nem menos, a uma severa abstinência.

— Como você sabe — De Sándara continuou, — os neurônios se ressentem, ainda que momentaneamente, pelo inesperado tratamento sedativo imposto às fibras nervosas, depois de tê-las mantido em tensão, a serviço das funções instintivas.

— É o que acontece quando a natureza superior começa a atuar, mediante a articulação psicológica de uma nova linha de conduta.

— Exatamente. É então quando o homem se dá conta, finalmente, de que não é a mesma coisa ser servo ou amo, ain-

da que os dois vivam no mesmo palácio; e é também quando ele se convence de que sairá sempre beneficiado se, em toda a oportunidade, servir a seus propósitos de melhoramento, em vez de servir ao jogo das circunstâncias que o acaso maneja caprichosamente à custa dele.

— A princípio — Griselda expressou, — nossas condições são tão extremamente precárias, que não é fácil evitar as intempestivas reviravoltas no rumo de nossos empenhos; o próprio conhecimento ainda não se enriqueceu com o aporte das experiências nesta nova forma de viver, e só se tem um vislumbre intuitivo daquilo que se busca como meta, vislumbre que amiúde perdemos de vista, por causa das próprias oscilações em que nos debatemos.

— Sim; mas convenhamos — De Sándara assinalou, ampliando o conceito — que tudo isso desaparece quando o homem se compromete seriamente com a ideia de trocar sua vida por outra que ele intui magnífica. A partir desse instante, já deixará de cortejar as sedutoras vidas que deleitam essa natureza inferior, à qual estivemos aludindo.

Cláudio interveio, repetindo o que entendia das palavras anteriores:

— Quando o senhor menciona essas vidas, interpreto que está se referindo à variedade de condutas inspiradas por nossas paixões ou debilidades, as quais absorvem grande parte do tempo que devemos dedicar ao enriquecimento intelectual e espiritual daquela vida que nos há de ser mais cara.

— É isso mesmo, Arribillaga; daquela vida que exige o privilégio de ser soberana em nossos sonhos e vigílias, já que para isso ela nos oferece seu inigualável manancial de satisfações. Para os que se deixam cativar pela falácia dos sentidos e cedem aos feitiços da vida leviana e voluptuosa, não há exorcismo que

valha contra seus encantamentos. As paixões acorrentam o homem à rocha da adversidade, e, como este não é da estirpe de Prometeu, dificilmente encontra o Hércules que o liberte dos abutres que espreitam seu lento suplício.

Talvez ninguém compreendesse, como Cláudio, as palavras anteriores, as quais, chegando-lhe ao íntimo, permitiam que ele contemplasse os quadros que De Sándara descrevia como acontecidos numa época distante; mais ainda, sentia que já não voltaria a ser o protagonista de tais cenas. Sabia, ademais, que todos os episódios vividos por ele não haviam sido meros efeitos da casualidade, e que às vezes, mesmo contrariado ou oferecendo resistências, tinha avançado nas etapas desse processo psicológico que agora culminava, despertando nele as mesmas sensações que experimentam aqueles que, depois de uma fatigante busca, encontram um tesouro ou veem seus esforços premiados com alguma descoberta.

Tendo chegado agora a esse ponto, ele sentia, com o consequente deslumbramento diante da realidade sonhada, ou seja, diante de seu sonho convertido em realidade, a responsabilidade da posse e sua obrigação de adaptar-se à nova existência. As portas que se abriam para mostrar-lhe o segredo de cobiçados arcanos não se moviam por acaso. Não; ele mesmo, com seu próprio esforço as havia feito ceder depois de suportar durante muito tempo as vicissitudes de um processo interno que, madurado em sua consciência, lhe conferia as aptidões exigidas pelo lúcido momento que ele estava atravessando.

— Eu poderia afirmar — Cláudio expressou a De Sándara, já ao término daquela reunião — que nada de tudo quanto li ou escutei a respeito da vida superior se compara ao que tenho comprovado, experimentado e compreendido no transcurso destes últimos meses. Sem a inestimável orientação que o se-

nhor me ofereceu, senhor De Sándara, nada ou muito pouco é o que eu teria podido obter. A inexperiência e a inconstância atentam continuamente contra nossos melhores propósitos, e se a isso somamos os inconvenientes da dúvida e as fraquezas do caráter, não é difícil supor o perigo que nossa vontade corre de naufragar em meio a fortes tormentas morais. Com que imenso prazer contemplo a distância percorrida, firmado na inexpugnável fortaleza de minhas convicções! Já se disse que dinheiro chama dinheiro, como a glória chama a glória; mas não podemos esquecer que primeiramente são necessárias as lutas, os esforços, os desvelos e afãs, para que esses bens venham até nós, e não como tantas vezes a candidez ou a inconsciência humana pretende, ao querer alcançá-los mediante um simples fervor não isento de egoísmo. Minha vida, senhor De Sándara, já pertence à geração dos espíritos que seguem a rota da emancipação psicológica e mental do gênero humano. O senhor me fez vislumbrar coisas maravilhosas do mundo prometido aos limpos de coração e de entendimento, aos que possuem o dom da ubiquidade, aos que, sem deixar esta terra, podem sempre viver nos excelsos domínios desse mundo; e digo isto como uma oferenda de gratidão à Providência, que guiou meus passos até este invulnerável penedo, de cujo topo, qual senhor diante de seus domínios, evoco humildemente o desenvolvimento histórico dos acontecimentos que forjaram meu destino.

De Sándara, que havia seguido atentamente o pensamento de Cláudio, estendeu-lhe a mão, sem dizer palavra.

Nada mais adequado à circunstância que o silêncio. Sua finíssima malha dourada envolveu esse tributo da espontaneidade às verdades que o inspiravam.

De Sándara expressou, por fim:

— Para ser justo, amigo Arribillaga, devo acrescentar al-

gumas palavras às suas. Sua esposa, sem que seu destino lhe tenha deparado transes similares, superou notavelmente minhas previsões e, para dizer a verdade, conta hoje em seu haver com numerosos elementos de valor, que a enaltecem aos olhos dessa mesma Providência a que você se referiu. Sua privilegiada capacidade sensitiva lhe permitiu captar a verdadeira onda que transmite ao coração humano os ditados invioláveis do conhecimento, e em obediência a eles orientou sua conduta, invariavelmente digna, rumo ao ideal perseguido, sem claudicar nunca diante das situações difíceis, confiando somente na pureza de seus sentimentos e, como disse antes, em sua privilegiada sensibilidade.

— Obrigada, senhor De Sándara... Isso é mais do que mereço — Griselda manifestou, com a voz embargada pela emoção.

— Depois deste feliz instante, vamos entrar. Ali brindaremos aos dias futuros, para que eles sejam como pérolas cheias de ventura, que iremos adicionando ao colar de nossa vida.

E assim, com o melhor dos auspícios, foi aproximando-se do fim aquele dia inolvidável.

~

Cláudio Arribillaga havia absorvido com verdadeira fruição os elementos de juízo com que De Sándara, quase até os últimos instantes de sua permanência no México, procurava equipá-lo para sua melhor atuação futura. Receptivo, e além do mais apto para assimilar amplamente tais elementos, comprazia-se em apreciar a profundidade das novas explicações com que aquele o ilustrava sobre o mecanismo construtivo de determinados

conhecimentos, os quais, uma vez incorporados ao domínio de sua inteligência e mediante seu concurso, lhe permitiriam estabelecer com exatidão as dimensões de cada objetivo que ele traçasse para si e a relação desse objetivo com suas possibilidades efetivas.

Sabia distinguir claramente, nesse fecundo acervo de recursos tendentes a ativar suas aptidões cognoscitivas, aqueles que utilizaria para ampliar a capacidade criadora de sua mente e os que lhe serviriam para aumentar o poder de sua vontade e o de sua resistência viril, a fim de suportar, sem desânimos nem vacilações, as severas provas que, em maior ou menor grau, e sem exceção, o homem se vê forçado a enfrentar na vida.

Fortalecido seu espírito em alto grau, sentia-se com forças adicionais para empreender o regresso à sua pátria e, ali, continuar os estudos e as investigações da nobre ciência do conhecimento metafísico. Agora mais do que nunca, estava decidido a ocupar um posto avançado na grande gesta emancipadora do espírito humano, empreendida por De Sándara, e contaria para tanto com a importante colaboração de seus amigos e a não menos valiosa de Griselda, uma vez que ela seria um auxiliar principalíssimo, por ser parte essencial de sua felicidade e da felicidade de quantos o rodeavam. Havia aprendido, finalmente, a andar pelos caminhos deste mundo sem extraviar-se, e iniciado o percurso do Grande Caminho que tem por meta as máximas realizações humanas, isto é, a explicação da própria vida, a escolha do próprio destino, o reencontro com o espírito — afastado do homem desde os ternos anos de sua infância — e, finalmente, dominando a ciência do saber transcendente, o servir à humanidade com sabedo-

ria, paciência, tolerância e prudência. Exercitando-se na suprema arte de ensinar a verdade, conhecendo os tempos em que maduram os frutos da simbólica árvore do saber, esperando com inteligência esse tempo, Cláudio experimentava a felicidade ultra-humana de sentir-se iniciado nos mistérios da mais alta das ciências, a do conhecimento transcendente, que abre, qual chave mestra, as portas que dão acesso ao mundo invisível das concepções universais: o Mundo Mental da Criação.

Nas vésperas da partida, encontrando-se todos novamente em amável reunião, De Sándara, a propósito de algumas atitudes melancólicas motivadas pela própria circunstância, expressou:

— Embora as despedidas sempre comovam nossa sensibilidade, considero que os afastamentos que se dão sob o signo do apreço e da amizade são altamente benéficos. Fazem-nos pensar e recolher, em nossa recordação, fatos e detalhes que, por serem valiosos, compensam em muito os hábitos da convivência assídua. As ausências, quando são promessas de novos encontros, servem para fortalecer os laços do mútuo afeto, como o que nos reúne hoje para rubricar com um "até breve" o momento de nossa despedida.

E, com ânimo de deixar impresso nas mentes de seus amigos algo que os faria pensar muito, acrescentou:

— Como recomendação final, vou me referir a uma verdade que eu gostaria que ficasse gravada em vocês muito profundamente.

Após uma pausa, continuou:

— A vida humana obedece irresistivelmente às oscilações de seu pêndulo evolutivo. Esse pêndulo sofre a influência magnética de duas partículas linguísticas, expressão de

duas forças antagônicas que se arrogam e disputam o domínio sobre os acontecimentos que marcam, como balizas, o destino da criatura humana: o monossílabo "sim", signo adverbial de afirmação e, ao mesmo tempo, emblema de bem e de felicidade; e o monossílabo "não", signo da negação, que reúne — confundindo seus desígnios — a adversidade, o infortúnio e a desesperança. Quando, como duas sílabas, o "sim" e o "não" se juntam em híbrido conúbio, e quando governam alternativamente a vida num processo monótono e intranscendente, formam a palavra "senão", sinônimo de fatalidade. Eis aí o fim de todos aqueles que não sabem forjar para si um destino melhor, impondo-se à influência do "não" e triunfando sobre ele, para que a vida se converta numa permanente afirmação de tudo o que de nobre, excelso e grande existe na mente e no coração do homem. Todo ser humano, mesmo sem saber, orienta seus afãs para a posse dessa cobiçada sílaba como corolário de cada desejo, de cada aspiração ou objetivo. É ela a nota musical que o homem espera ouvir da mulher amada, e é também ela que preside a alegria e provoca o reconhecimento e o júbilo com que celebramos os pequenos e grandes acontecimentos de nossa vida. O contrário acontece com o "não", cuja tétrica presença se reflete na tristeza e no pranto que embaça nossas pupilas, como expressão da felicidade ou do bem negado aos nossos corações. Para aumentar o volume do "sim", que é, afinal, a força vital da qual nossas esperanças se nutrem, e diminuir o do "não", que nos oprime e anula, devemos trabalhar sem descanso para aperfeiçoar a obra de nossa vida, para aperfeiçoá-la de tal maneira que isso mesmo nos permita repartir, a mancheias, a felicidade e o bem conquistados por nós.

Quando, no dia seguinte, o avião em que viajavam se deslocava pelas alturas rumo ao sul, Cláudio e Griselda recordavam os momentos que, misturados a sensações inesquecíveis, eles haviam passado junto àqueles seres em cujas almas se espelhavam suas vidas, dignas do respeito e do afeto de quantos desfrutaram sua amizade.

A voz convincente, clara e afetuosa que tão generosamente derramara sobre eles o caudal de sua sabedoria, seguiria vibrando na intimidade de suas almas, com a lembrança inapagável dos dias passados naquele insuspeitado oásis de sonho que conheceram no México: o lar do senhor De Sándara.

ÚLTIMAS PUBLICAÇÕES DO AUTOR

Intermedio Logosófico, 216 págs., 1950. (1) (2)
Introducción al Conocimiento Logosófico, 494 págs., 1951. (1) (2) (4)
Diálogos, 212 págs., 1952. (1) (4)
Exégesis Logosófica, 110 págs., 1956. (1) (2) (4) (6) (8)
El Mecanismo de la Vida Consciente, 125 págs., 1956. (1) (2) (4) (6)
La Herencia de Sí Mismo, 32 págs., 1957. (1) (2) (4)
Logosofía. Ciencia y Método, 150 págs., 1957. (1) (2) (4) (6) (8)
El Señor de Sándara, 509 págs., 1959. (1) (2)
Deficiencias y Propensiones del Ser Humano, 213 págs., 1962. (1) (2) (4)
Curso de Iniciación Logosófica, 102 págs., 1963. (1) (2) (4) (6) (7) (8)
Bases para Tu Conducta, 55 págs., 1965. (1) (2) (3) (4) (5) (6)
El Espíritu, 196 págs., 1968. (1) (2) (4) (7)
Colección de la Revista Logosofía (tomos I(1) (4), II (1) (4), III (1)), 715 págs., 1980.
Colección de la Revista Logosofía (tomos IV(1), V (1)), 649 págs., 1982.

(1) Em português.
(2) Em inglês.
(3) Em esperanto.
(4) Em francês.
(5) Em catalão.
(6) Em italiano.
(7) Em hebraico.
(8) Em alemão.

REPRESENTANTES REGIONAIS

BELO HORIZONTE
Rua Piauí, 742 – Funcionários
30150-320 – Belo Horizonte – MG
Fone (31) 3218 1717

BRASÍLIA
SHCG/NORTE – Quadra 704 – Área de Escolas
70730-730 – Brasília – DF
Fone (61) 3326 4205

CHAPECÓ
Rua Clevelândia, 1389 D – Saic
89802-411 – Chapecó – SC
Fone (49) 3322 5514

CURITIBA
Rua Ângelo Domingos Durigan, 460 – Santa Felicidade
82025-100 – Curitiba – PR
Fone (41) 3332 2814

FLORIANÓPOLIS
Rua Deputado Antonio Edu Vieira, 150 – Pantanal
88040-000 – Florianópolis – SC
Fone (48) 3333 6897

GOIÂNIA
Av. São João, 311 – Q 13 Lote 23 E – Alto da Glória
74815-280 – Goiânia – GO
Fone (62) 3281 9413

RIO DE JANEIRO
Rua General Polidoro, 36 – Botafogo
22280-001 – Rio de Janeiro – RJ
Fone (21) 2543 1138

SÃO PAULO
Rua Gal. Chagas Santos, 590 – Saúde
04146-051 – São Paulo – SP
Fone (11) 5584 6648

UBERLÂNDIA
Rua Alexandre de Oliveira Marquez, 113 – Vigilato Pereira
38408-458 – Uberlândia – MG
Fone (34) 3237 1130